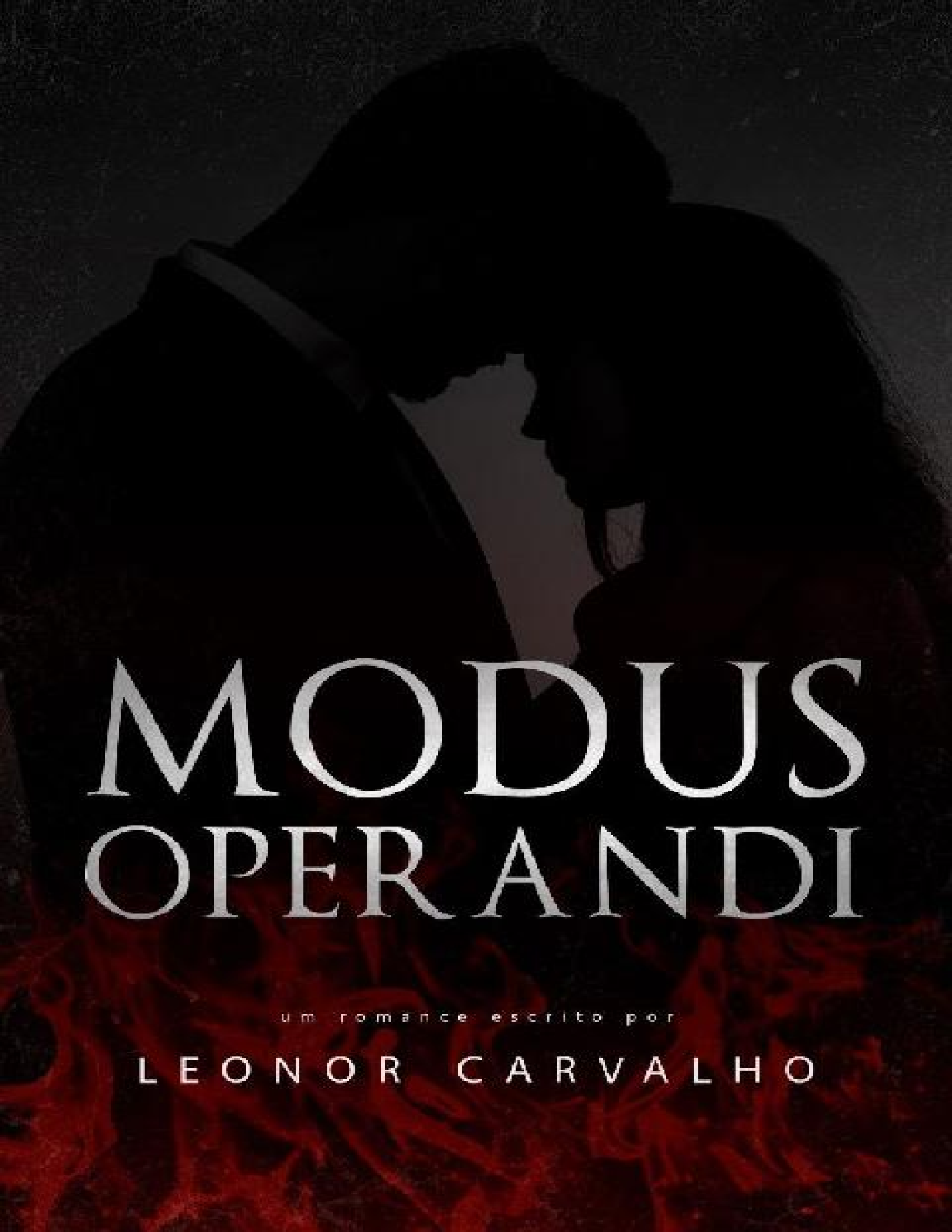


A dark, moody silhouette of a man and a woman in a close embrace, nearly kissing. The man is on the left, leaning towards the woman on the right. The background is a dark, textured grey. At the bottom of the image, there is a horizontal band of vibrant, swirling red patterns that resemble flames or abstract organic forms.

MODUS OPERANDI

um romance escrito por

LEONOR CARVALHO



MODUS OPERANDI

um romance escrito por

LEONOR CARVALHO

Copyright © 2022 por Leonor Carvalho

Capa: Gialuidesign

Revisão: Hanna Câmara e Evelyn Fernandes

Diagramação: Bruna Eloísa

Leitura Sensível: Ana Ferreira e Ariel F. Hitz

Ilustração: Gabriela Gois Santos

Essa é uma obra literária de ficção. Os personagens, estabelecimentos e acontecimentos descritos na obra são produtos da imaginação da autora.

Qualquer semelhança com nomes e/ou acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos são reservados à autora.

Para o meu pai e a minha mãe que me ensinaram amor em forma de
violência,
Esse livro não é para vocês.

Acho engraçado que amor e ódio têm 4 letras assim como a palavra você.

MODUS OPERANDI

1. modo de fazer alguma coisa; 2. maneira como se pratica uma atividade ou como se desenvolve um processo; 3. o jeito de roubar o coração do seu colega de apartamento

SUMÁRIO

NOTA DE AUTORA

01

02

03

04

05

06

07

08

09

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19.1

19.2

20

21

22

23

24

25

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36.1](#)

[36.2](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[43](#)

[44](#)

[45](#)

[46](#)

[47](#)

[48](#)

[EPÍLOGO](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

NOTA DA AUTORA

Essa nota vai ser rápida, mas tem coisas importantes sobre o conteúdo do livro.

Antes de mais nada, é bom dizer que esse livro é um Romance Adulto para maiores de dezoito anos. Tem como gatilhos assédio sexual, abuso infantil e psicológico. Passou por leitura sensível para que esteja da forma mais adequada e correta possível para uma boa experiência de leitura. Também foi passado por leitura sensível referente a um personagem transgênero.

O livro tem como ambientação um espaço militar. Ele não é baseado no ambiente brasileiro nem dos Estados Unidos da América, então não tem referências a nenhum desses países no quesito do sistema militar. Ele é referente ao sistema militar europeu. Apesar de tudo, as cidades são fictícias e não residem no continente europeu.

A obra é única, ou seja, não tem continuação e nem terá. Contudo, se passa no mesmo universo que os meus livros. Na linha temporal, ele acontece **ao mesmo tempo que Loved 2**. Não precisa ler nenhum dos meus livros para ler esse!

Não se esqueça de escutar a **Playlist** cujo título é **Modus Operandi**, seguir a autora (**@queencvc** no Instagram, **@writerqueencvc** no Twitter) e, por favor, não leia pirateado. O livro custa menos de dez reais e está disponível para compra na Amazon e para empréstimo no Kindle Unlimited.

Tenha uma ótima leitura!



1

“Consigo ver pelo jeito que você me olha que você não me acha digna do seu tempo. Não se importa com quem eu possa me tornar, se ofende por eu viver no limite.”

Like That, Bea Miller

Harper Reese

Eu quase achei que fosse morrer.

Um carro veio a uma velocidade surreal, e pude ver os meus vinte e quatro anos passarem diante dos meus olhos. Acabei caindo pelo susto, e, felizmente, o veículo não me atropelou.

O motorista saiu do carro e correu para me ajudar, assim como uma porção de pessoas que também se encaminhavam para o outro lado da rua.

Escutei muitas perguntas. Muitos pedidos de desculpa. Muitos avisos. Por causa desse incidente, perdi vinte minutos do meu tempo. Vinte minutos que, nos meus planos, não deveriam ter sido desperdiçados daquele jeito.

Assim que agradei a todas as pessoas que me ajudaram e tirei o peso da consciência do motorista, tornei a fazer o meu trajeto, mas já não tinha a mesma tranquilidade. Estava atrasada. Pra caralho.

Eu suava; o meu cabelo estava um ninho, e a pouca maquiagem que tinha no rosto, já havia sumido. Porém, eram quase quinze horas e eu só pensava se iria conseguir pegar o ônibus o mais rápido possível.

Ao entrar na rodoviária, uma multidão de pessoas ainda mais atrapalhadas nublaram a minha visão. Raramente eu andava em transportes públicos. O hospital onde trabalhava era perto da minha casa e, quando precisava, pegava carona de uma das minhas colegas. No entanto, eu tinha feito uma promessa que ficaria em Fokley para proteção, e ele estaria comigo para me ajudar.

Suspirando, apertei a alça da minha mochila e arrastei a mala de rodinhas cinza. Perguntei a alguns funcionários onde poderia comprar a minha passagem. Tinha sido burra em não fazer a compra online, mas a possibilidade de ser quase atropelada não estava diante das minhas hipóteses no momento em que arrumava as malas na noite anterior. A verificação do horário dos ônibus foi a única coisa que pensei para esse dia.

Faltavam quinze minutos para o ônibus partir e era um caso de *morte ou morte* se eu não estivesse com a bunda sentada no banco.

Por sorte, ao chegar na bilheteira, não me deparei com uma fila grande. Tinha somente um cara na minha frente. Vitoriosa, aproximei-me calmamente, endireitando a roupa.

Esperei que ele saísse do guichê para que eu pudesse ser atendida, no entanto, não houve uma fagulha de esperança de que ele iria embora tão cedo.

Após alguns minutos de espera, decidi encurtar a distância para entender melhor o que estava acontecendo. A voz do homem ganhou forma e o seu tom grave formou palavras audíveis.

— Você não viu nada?

A mulher de cabelos loiros sacudiu a cabeça.

— Não. Pode ficar relaxado.

— Obrigado.

Ele tirou a carteira do bolso da calça e puxou uma nota de cem. Franzi o cenho, levemente perplexa pela sua atitude em entregar a nota pelo buraco do separador de vidro do guichê e o diálogo que veio em seguida:

— O que aconteceu foi de graça — ela declarou.

— Mas a sua boca calada não deve ser, não é?

O seu tom era ácido, gélido e corrosivo. O suficiente para me deixar atenta e na defensiva, mesmo que não tenha sido para mim.

— Não... — a atendente balbuciou. — Eu n...

— Foi um bom boquete, mas preciso que faça o inverso e agora mantenha o bico fechado. É para o seu bem.

Franzi o nariz, pestanejando tantas vezes a ponto de ver um borrão. Se eu continuasse a escutá-lo, tomaria decisões que me arrependeria mais tarde e aquilo não era da minha conta.

Olhei o meu relógio de pulso. Eu tinha que me apressar, então acenei para a mulher em busca da sua atenção. Ela quebrou o contato visual, decaindo os seus orbes azulados, me ignorando.

Contudo, reduzi o espaço que faltava para pousar as mãos na superfície de madeira e coloquei meu rosto entre a linha visual dos dois.

— Não queria interromper a conversa incrível que tive o prazer de escutar, mas preciso comprar uma passagem do próximo ônibus para Fokley — disse, oferecendo um sorriso falso.

— Senhora, não pode furar a fila. Por favor, espere atrás da faixa — ordenou ela.

A postura decaída da mulher foi trocada por uma pose arrogante.

— Desculpe?

— Está passando na frente desse senhor. Precisa respeitar a ordem, independente do que esteja sendo tratado aqui.

— Acho que você não está me entendendo. Tenho que pegar o próximo ônibus. Preciso que me venda a passagem ou terei que chamar o gerente, ou seja lá quem manda aqui.

— Senhora, se não aguardar atrás da faixa, eu que chamarei o segurança.

Inspirei profundamente. Eu não era propriamente conhecida por ser a pessoa mais educada, porém eu mantinha a formalidade em público.

— Não se preocupe. — A voz ainda fria do cara me instigou a virar para ele. O meu olhar bateu de frente com o seu torso e fui obrigada a erguer a cabeça para o enxergar. Eu era muito alta, o que chamava bastante atenção, mais do que gostaria, inclusive, mas a altura daquele homem era

um absurdo. — Eu já estou indo. Você pode comprar a sua passagem sem stress. O ônibus só vai partir daqui a seis horas.

— Ele está saindo agora. Daqui a dez minutos! — Girei novamente para o balcão de atendimento e pressionei os meus dedos. — Quanto custa? Preciso ir embora.

— Já não há mais assento vago.

— Até pouco tempo havia um sinal verde na tela de partida.

Apontei para o telão, contudo o meu brilho desapareceu assim que vi o ponto vermelho assinalando que todos os lugares do ônibus haviam sido ocupados.

Agitada, fitei o homem. Ele elevou as sobrancelhas como se dissesse o que eu já sabia. Ele pegou o meu lugar.

— Como eu tinha falado — O sujeito escondeu as mãos nos bolsos da calça de moletom. Numa sondagem rápida, examinei as suas roupas que, de longe, eram simples, mas muitas delas tinham um valor três vezes mais alto do que as minhas ou da maioria das pessoas na rodoviária —, você não precisa ter pressa. Ainda tem muito tempo para pegar o próximo ônibus.

— Não posso acreditar... — murmurei, recebendo um suspiro nasalado com pouca dose de humor da sua parte. O meu olhar para ele questionava o que tinha de engraçado, mas ele já estava partindo para longe.

Demorei para tomar uma decisão.

Eu não desistia das coisas, mas naquele dia, eu tinha um motivo a mais para não me dar por vencida. Não queria me atrasar por ser uma cerimônia importante e por já ter compromisso marcado. E eu já possuía um histórico profissional de atrasos, o que não era benéfico para a minha reputação.

Portanto, optei por ir atrás do desconhecido.

Assim que reduzi a distância, cocei a garganta para instigar a sua atenção e comecei a dizer:

— Antes que você diga, eu sei que é um pedido estranho. Tenho completa noção de que isso não é normal, e não acontece todos os dias. Mas você poderia ceder o seu lugar? Eu realmente preciso.

O cara parou e eu sondei seu rosto. Era estranhamente marcante. Havia um magnetismo inexplicável que moldava a sua mandíbula, sua boca, nariz e olhos. Suas íris eram pinceladas por um castanho-escuro que gerava um misto de emoções. A barba ampliava esse poder, o que me incomodava um pouco. Eu não gostava de me sentir impotente.

— Por que eu te daria a minha passagem? É por ordem de chegada.

— Eu sei, mas tenho algo muito importante para fazer na cidade e preciso estar lá o mais cedo possível.

— Devia ter chegado mais cedo — constatou.

— Sim, eu sei — repeti. — Mas fui quase atropelada e isso me atrapalhou.

— Fui eu que quase a atropelou?

Estreitei o olhar, confusa.

— Não.

— Aí está a sua resposta.

Ele ia voltar a iniciar a caminhada, porém o interrompi.

— Espere mais um segundo. Me escute.

Ele se espreguiçou, como se estivesse aborrecido ou se preparando para entrar numa luta verbal comigo.

Não me contive em dar uma olhada na pouca pele que se exibiu por baixo da sua camiseta. Ela tinha uma mancha vermelha bem sutil que antes estava tapada pelo casaco. Nitidamente, era sangue, mas não me importei o bastante para colocar os meus atos de enfermeira em ação.

— Se quer me convencer de algo, é melhor olhar aqui pra cima. Tenho certeza que o meu abdômen não vai responder.

De imediato, captei o sotaque britânico. Singelo, quase espremido entre as sílabas, mas estava lá.

— Você realmente precisa desse ônibus?

— Quê?

— Você tem cara de quem tem um carro caro e de alto porte. — O ponto de interrogação que se formou no seu nariz me fez dar mais um passo à frente. — Eu pago de volta agora. Juro. Se quiser cobrar algum tipo de

imposto, aceito também. Você vai ganhar mais do que esses otários da estação. Eu realmente preciso ir. Agora. Nesse momento.

— O que te faz achar que irei ceder o meu lugar?

— O que faz você achar que não irei roubar o seu lugar?

Quase como uma ilusão, vi um sorriso surgir na sua feição sisuda. Em um piscar de olhos, desapareceu e considerei apenas como uma risada nasal. Ele me lembrava um pouco o cara com quem eu estava ficando.

— Você não faria isso.

— *Eu* faria isso.

A moldura do seu rosto se tornou irônica. O cretino estava me achando divertida, como se eu não estivesse falando sério. Mas eu estava.

No mesmo momento, uma voz grave ressoou na estação, confirmando que o ônibus estava se preparando para sair e que os passageiros deveriam dirigir-se para lá o quanto antes.

Ele andou, sem dizer nada, com sua bolsa esportiva no ombro, visivelmente cheia e pesada. Tentei o acompanhar, desviando de quem também estava com pressa.

O meu nariz inalou um ar refrescante, uma colônia cara e doce que invadiu certas regiões cerebrais, que não tinha conhecimento que poderiam sentir prazer. O filho da mãe cheirava bem pra cacete. Combinava com a certa aura que ele exalava.

— Você está me cheirando?

Pisquei inúmeras vezes, o sangue subindo em grande escala para o meu rosto.

— Claro que não!

— Por que está tentando encostar o nariz no meu ombro? Você estava quase bebendo o meu perfume, Aurora.

Encrespei a testa pela sonorização do apelido inimaginável. Eu estava vestindo uma camiseta larga e velha do planetário que o meu pai costumava ser diretor e a estampa era de auroras boreais de uma sessão especial que tinha acontecido. Não demorei muito a somar um mais um de onde a sua criatividade teria começado.

— O meu nome é Harper — o corriji.

— *Harper* — ele repetiu, saboreando cada letra em um tom baixo, quase inaudível. Seus olhos decaíram em mim com curiosidade, após parecer estudar profundamente o meu nome e parecer guardá-lo na memória. — Está esperando para saber o meu? É Andrew.

— Eu não estava perguntando o seu nome — repeli, enquanto caminhávamos. — Nem quero saber. Estou apenas pedindo para que você...

— Ceda o lugar. Eu já entendi. Mas você deveria ter chegado mais cedo se queria tanto.

— Eu quase fui atropelada! Já expliquei — exclamei, moderando o tom para não parecer exaltada. — Você não tem empatia?

Não captei o que Andrew tinha achado engraçado, mas foi o suficiente para que os seus lábios se curvassem. Foi bem sutil, no entanto, por pouco, não fui capaz de dominar cada batida patética do meu coração.

Ele parou no instante que chegamos no terminal. Andrew liberou uma lufada de ar. Interpretei como um pedido a si mesmo para permanecer calmo. Desesperada pela repetitiva negação, eu rebati:

— Eu vou ter esse lugar nem que eu tenha que sentar em você.

Era tarde demais para repensar o que falei porque a expressão de seriedade dando lugar a um vislumbre de interesse e curiosidade traduziu perfeitamente as segundas intenções.

— Não era o que eu queria dizer — me defendi. Andrew deu alguns passos até a camada de ar entre nós ser curta.

— Você tem cara de quem late e não morde.

Entrei na sua linha de visão, erguendo o queixo para evitar olhar na região do seu rosto, que eu chamava de ponto quebrador: boca. Bocas me deixavam tentada, e mesmo que não estivesse flertando — bem longe disso — o meu subconsciente me obrigava a manter os meus olhos nos seus. Apenas. Por precaução.

— Você está me chamando de cadela?

— Será que sim?

A sua voz saiu áspera e lenta. Entrou pelo meu ouvido como se quisesse estudar partes de mim. Gostei da novidade no meu organismo, mas não desperdicei tempo em compreendê-la.

— Não me teste.

— Isso foi uma ameaça?

A sua sobrancelha arqueou e a expressão desdenhosa me estimulou a fechar os punhos.

— Você está sendo insupor...

— Eu que estou sendo insuportável? Acho que não está prestando atenção no seu papel aqui.

Andrew resvalou os seus dedos grossos pela nuca. Ele tinha razão e estava na posição de se sentir incomodado pela minha insistência. Portanto, deixei de lado a minha pose de atacante e cedi.

— Tenho certeza que nos divertiríamos se não fosse por essa condição nada favorável. Tenho um ônibus para pegar, por isso, se não se importar, eu vou andando. Boa viagem, Aurora.

A inflexão em seu tom era presente, no entanto, foi impossível não notar o esforço em deixá-la amável.

Observei o motorista gesticular para que ele mostrasse a sua passagem e o direcionar para o seu respectivo lugar. Os nossos olhos se encontraram em segundos perdidos na janela do ônibus, mas rapidamente, Andrew quebrou o contato.

Não demorei a pegar o meu celular na bolsa e fazer uma chamada urgente.

2

“Vindo pegar o rei, mas ainda estou longe.”
Starboy, The Weeknd & Daft Punk

Andrew Benson

— Ela era gostosa. — Fechei a porta do carro. — Mas estava mais preocupado em lidar com os meus assuntos do que olhar para a bunda dela.

— Não acredito.

Mickey saiu do carro juntamente com Barton. Caminhamos pelo passeio de pedras até à entrada da mansão ao som de música clássica, de alguns acordes de violoncelos e notas de piano. Também se escutava os diálogos que abarrotavam o salão.

— Você poderia ter oferecido o seu lugar e eu teria te buscado — pontuou ele, escorregando seus pulsos nos bolsos da calça.

Eu poderia ter arranjado outras saídas para que ela pudesse pegar o seu ônibus. Aurora não escondeu o fato de estar desesperada, porém deixou evidente que era muito adepta de afrontar pelo que queria, por mais inútil e desconcertante que pudesse ser.

Poderia ser um traço de personalidade que me cativasse, mas foi um ponto-chave para que eu não me simpatizasse.

Em dois minutos de convivência, soube que ela era impulsiva, desorganizada e travessa. Aquela bagunça tinha corpo e uma boca afiada.

Poderia ser um bom passatempo, no entanto, eu não poderia deixar tantos rastros da minha presença e era impossível silenciar cada alma viva que se encontrava comigo.

— Eu sei — respondi, por fim. — Mas assim como ela, também tenho coisas a resolver.

— Você acredita, Barton?

Mickey enfiou as mãos nos bolsos, encostando o seu ombro no do nosso amigo que revirou os olhos.

James Barton era sempre silencioso, mas eu sabia que a sua cabeça era uma enchente de julgamentos e argumentos. Por isso, quando ele afastou o seu ombro e desequilibrou Mickey, notoriamente chateado, torci os lábios achando engraçado como eles pareciam duas crianças.

— Você pode parar de me chatear, seu filho da puta? Desde que a gente chegou que você não se cala.

— Oh, oh! — Em um gesto dramático de levar a mão ao peito, Mickey parou no meio do corredor e obrigou-nos a suspirar e esperar o seu momento de atuação. — Por que você está ofendendo a minha mãe?

Novamente, sem aguentar por muito mais tempo do que seria possível, eu e Barton reviramos os olhos, continuando assim com o nosso percurso.

Fomos recebidos por dois soldados na porta da mansão. Eles estavam com seus respectivos uniformes. Não nos conhecíamos, portanto não nos demos o trabalho de falar com eles e seguimos em frente. Eles abriram a porta e se posicionaram na postura de saudação.

A noite abraçava as ruas e, com um toque fantasmagórico, a mansão parecia ser maior do que alguma vez já tinha sido. As únicas fontes de luz da localidade se residiam nas janelas de vidro da casa e em alguns poucos postes do parque. De resto, os metros quadrados absurdos eram resguardados na claridade vinda somente do céu.

Embora não pisasse na mansão há anos, os meus pés tinham decorado cada pormenor do caminho. Sabiam onde pisar, o que esquivar e para onde ir. Não eram memórias que se perdiam quando se morava metade de uma vida dentro do que parecia ser uma prisão. Dentro do que teria sido o fim da minha sanidade. Da perda da minha metade humana, mais sensível

e bondosa. Da perda de Kathelyn, a única pessoa que tinha me amado a ponto de desistir da sua história para eu poder escrever a minha.

Cada célula do meu ser odiava aquela casa.

— Por que você foi para Merley? — Mickey perguntou, estreitando os seus olhos angulosos.

— Tratar de negócios.

A minha resposta foi tão rápida quanto séria.

— Por duas semanas? — Oscilei a cabeça. — E por que não nos falou nada? Cara, já não nos vemos há anos.

Kian Wada ou Mickey, como costumávamos chamar, tinha razão. Eu já não os via há anos. Mesmo que eu tenha viajado e morado do outro lado do oceano, fazia visitas regulares à cidade. Eles, sempre que podiam, também me visitavam, por mais que tivessem suas ocupações em Fokley.

No entanto, uma pequena virada fez com que minha mente se desligasse do que tinha em volta, e focasse somente no trabalho e as movimentações necessárias para atingir os meus objetivos. Foi quase como ter uma arma apontada na nuca e precisasse agir a favor de não ter o gatilho puxado.

Mas quem possuía a arma era eu.

E quem puxaria o gatilho também seria eu.

Acabei por me afastar dos meus parceiros, mas eles compreendiam.

Já tínhamos passado por uma imensidão de problemas juntos. Eram consequências de usar o mesmo uniforme, acordar às cinco da manhã para um banho de água fria e ouvir os roncoss de Barton todas as noites. Adquirimos uma língua própria. Um modo de comunicação que não precisava de palavras. Portanto, alguns anos longe não quebrou o que já tínhamos construído.

Retirei os primeiros botões da camisa, olhando de rabo de olho para Barton. Fisguei um objeto incomum e espremi os olhos de surpresa.

— Você casou? — questionei, o anel de brilhante no seu dedo reluzindo.

— Não. — Barton riu. — Ela quis colocar o anel.

— Possessiva — comentou Mickey.

Barton não deixou passar despercebido e entregou uma das suas melhores olhadas ameaçadoras, instigando Mickey a calar a boca.

— Legal que está tudo indo bem entre vocês — disse.

— É... Ainda tem os problemas com a família dela, mas acho que com o tempo eles vão deixar as coisas mais fáceis.

— Eles têm que deixar — Mickey constatou, o tom severo e prudente.

Barton não gostava de tocar no assunto da família da sua namorada, portanto não prolongávamos o diálogo.

— Cara, ainda estou surpreso que Donavan ficou desaparecido durante seis meses em uma casa em Merley e agora apareceu morto porque estava doente — constatou Mickey, após a passagem de três soldados no corredor e uma troca de cumprimentos rápidos por nós. — Eu perdi a parte de qual doença ele tinha.

— Ninguém sabe ao certo. Ao que parece, ainda estão tentando entender o que aconteceu. Mas o filho da mãe foi esperto — Barton confessou. — Se soubessem que ele estava morrendo, teriam mudado o órgão da empresa e certamente cortado a ligação com os Donavan.

— Agora é tarde demais. A mídia ficará em cima e eles estão dispostos a lutar pela sua parte — Mickey continuou, com os olhos angulados, uma característica forte assim como seus cabelos escuros e a pele branca pálida devido à sua ascendência japonesa, repousaram em mim. — Esqueci de perguntar, mas por que você não veio uniformizado?

Dei de ombros.

— Estou mais como um convidado.

— Ainda assim é uma homenagem a um ex-combatente — alegou Barton. — É a tradição.

— Donavan não merece que eu siga a tradição — respondi, anestesiando a minha raiva em um aperto da traqueia e fingindo estar atento aos mil quadros do hall.

— Eu sei que você nos obrigou a não comentar sobre o assunto — Barton elevou o seu queixo —, mas como você está?

Torci os dedos escondidos no bolso da calça, um movimento de estímulo para que a minha voz não saísse bruta.

— Estou bem.

— Falei o mesmo quando levei um tiro no peito — Mickey argumentou. — Você estava lá. Viu que eu definitivamente não estava bem.

— Vocês são péssimos.

— É um prazer — zombou Barton.

O corredor parecia não terminar e eu precisava de uma linha de chegada para não me comprometer. Eu tinha muitos sentimentos em relação à morte de Donavan, mas nenhum deles chegava perto do luto. Não era tristeza. Não era dor.

Era alívio.

E eu não poderia dizer em voz alta como o meu coração tinha perdido gramas de uma angústia que me governou durante milhares de noites. Como eu fiz para que ele deixasse de ter as suas batidas contadas.

Eu amava esses caras, mas não iria entregá-los à mesma sujeira que eu.

— Já falei. Estou bem — disse finalmente. — Não levei um tiro no peito.

Nem Barton nem Mickey acreditaram, mas não fizeram mais nenhuma pergunta a respeito.

— E vai ficar por aqui durante quanto tempo?

Barton passou os dedos pelos cabelos loiros, a tatuagem no seu pulso ficando exposta pela dobra da camisa. O filho da mãe era bonito para um caralho. Os cabelos loiros em cachos e os olhos acinzentados sempre eram alvo de elogios pela sua beleza naturalmente misteriosa.

— Não sei.

— Vai ficar na antiga casa?

Dei de ombros.

— Penso nisso depois. Por quê? Quer me adotar?

Barton riu.

— Prefiro me jogar da ponte do que te ter morando na minha casa.

— Você se lembra quando ele nos acordava de noite para lavar a cozinha? — Mickey se colocou no meio para ficar mais próximo de Barton. — Ou quando ficava puto porque não tínhamos tampado o vaso.

— Esse dia foi uma tortura.

Rolei os olhos, avistando a porta de entrada para o salão.

— Vocês faziam muita merda. Eu sempre limpava a bagunça.

— Não tem como discordar — Barton disse. — Não éramos os melhores naquela academia.

Um sorriso de lado surgiu em Mickey.

— Cara, bons tempos.

— É... Bons tempos.

Em um impulso, Mickey enganchou o seu braço ao redor do meu pescoço.

— É bom ter você de volta, Denson.



A música clássica era acompanhada por diálogos aborrecidos e pessoas que se engasgavam com a bebida. O cheiro de tabaco, vinho, ternos caros e peso de diamantes infestava as minhas narinas. Eu tentava bancar o personagem que todos queriam ver. Alguém que se acomodava com o que vivia e conversava, mas, a cada segundo, queria meter o foda-se e dar o fora.

Havia vários grupos formados. Todos eles com intenções de contratos, falar de negócios ou para comentar sobre Donovan e a sua falta. Reconheci rostos e sobrenomes, e tive o infeliz prazer de falar com todos eles por educação. Passei por vários cantos do salão que se mantinham idênticos há décadas.

As paredes se convergiam no teto, formando uma campa com luzes dentro de buracos cilindricamente bem feitos. As dezenas de janelas interrompiam a cor esverdeada das paredes. No fundo, tinha uma porta de duas abas e uma cortina castanha em cada ponta. O salão era simples, cortado pela metade por uma balaustrada de pilares de um tom amarelado que seguiam o contorno da copa.

O espaço continuava sendo familiar, mesmo com a fileira de pessoas que eu gostaria de poder nunca mais me encontrar.

Levei o copo de vinho à boca, me afastando do último grupo que, de forma diplomática, cumprimentei. Tinham sido inúmeros acenos, abraços, saudações e agradecimentos pelo meu trabalho no exterior. Anthony Denson fez questão de abrir a boca para o maior número de pessoas possíveis que o seu filho estava lidando com a expansão da sua empresa no exterior.

Não era para mostrar orgulho. Era um disfarce para exibir a fortuna e poder que a empresa *Denson Empire* estava adquirindo na última década a uma velocidade absurda. O seu valor era um dos mais altos na indústria bélica. Os meus tataravós tinham começado com um acordo singelo entre o governo e a academia militar, mas, em pouco tempo, estávamos trilhando outros caminhos.

Caminhei para o grupo de Mickey e Barton que conversavam com uns ex-tenentes e eu somente fingia ouvir.

— Andrew!

A voz se soltou, pegando o meu foco para si e duas pessoas surgiram no meu campo de visão.

Austin e Axel Denson chegaram sorridentes para o meu lado. Em um ímpeto imprevisível, Axel lançou os seus braços ao redor do meu pescoço e beijou o meu rosto. Ela sabia que eu odiava, porém levantei os braços para que o meu copo não sujasse o seu vestido branco, e deixei que ela se aninhasse em mim.

— Estávamos procurando por você — ela murmurou, ainda abraçada a mim. — Por que você está nos trocando por esses hipócritas?

— Estou sendo diplomata.

— Aham. Acredito... Traidor.

Com cautela, Austin se aproximou, meneando a cabeça no que interpretei como um cumprimento. Fiz o mesmo. A minha relação com o meu irmão era complicada. Não havia diálogos extensos e trocas sinceras. Eu sabia os motivos e ele também, mas evitávamos a conversa.

— Já estava com saudades, quarentão? — Axel prosseguiu e eu enruguei a testa.

— Não era eu que fazia chamadas chorando de noite.

A garota soltou uma risada sarcástica.

— Nunca aconteceu — respondeu, mobilizando-se para segurar o meu braço.

Entre os três, ela era a única que conseguia extrair humor e alegria. Talvez por ser a mais nova, ainda com os seus vinte e quatro anos, enquanto Austin era cinco anos mais novo que eu.

Direcionei meu olhar para ele, os traços sérios destacados pelo seu semblante quase como uma máscara de metal em volta.

— Como você está? — perguntei sério.

— Bem. E você?

— Bem.

Não dissemos muito mais.

Um grito infantil estrondou, interrompendo o clima tenso gerado por mim e Austin.

Demorei a assimilar que era seu filho correndo até nós. Uma sensação estranha retardou os meus batimentos cardíacos. Tive a clara contemplação de que o tempo passou como uma carruagem e não me levou com ele.

Porra.

Mark tinha acabado de nascer quando fiz a minha última visita. Foi anunciado depois da festa de quatro anos de casamento entre Austin e uma das sobrinhas de Donovan, Michelle.

Naquele segundo, estava vendo esses anos andarem, falarem, usando um terno e com o cabelo lambido em gel.

A postura de Austin mudou. Ainda sério, os seus olhos brilhavam e focavam somente na criança que corria para os seus braços.

— Onde está a Michelle? — Axel perguntou para Austin. Ele deu de ombros.

— Onde está a mamãe? — meu irmão perguntou ao seu filho que encolheu os ombros do mesmo jeito. — Vamos procurá-la para o papai tratar de algumas coisas importantes. — Ele me encarou e ergueu as sobrancelhas. — A gente se fala.

Assenti, vendo-o colocar Mark no chão e pegar na sua mão.

Tanto ele quanto Axel estavam comprometidos. Eu era o único que tinha escapado desse caminho. Não me arrependia. Nunca foi uma meta. Mesmo que faltassem cinco anos para os quarenta me fazerem uma visita, estava bem com o meu estado de solteiro. Por mais que houvesse marcas que ditassem essa minha escolha, era eu quem estava optando por me afastar do que com certeza seria a minha ruína.

Não acreditava na sentença clichê de que amor era para os fracos. Amor era feito para machucar. Sangrar. Destruir.

Não era qualquer um que aguentaria, e eu não pretendia ser arruinado por um sentimento como aquele. Estava blindado pela corrosão que o amor trazia.

Eu tinha objetivos para cumprir. Amor não era um deles, e não seria nos próximos anos.

— Vocês já não estão mais chateados um com o outro? — interrogou Axel, ainda ao meu lado.

— Não. Aquilo foi uma briga de criança. Já faz anos.

— Todas as brigas que vocês têm são infantis.

O seu tom de humor e deboche trouxeram memórias antigas.

— Vocês não eram diferentes.

Os seus lábios repuxaram em desagrado.

— Ele ameaçava as minhas namoradas. Eu deveria agradecer? A vontade de bater nesse vagabundo era maior que eu.

Sua raiva me trouxe algo familiar e acariciei sua nuca em afirmação.

— Preciso falar com Anthony.

Os olhos da Axel desanimaram.

— Tenta não discutir, porque entre você e o papai já não são mais brigas infantis.

A minha mandíbula tensionou.

— Eu sei.

Em uma despedida breve, Axel apertou o meu braço e saiu.

Avisei a Mickey e Barton, que ainda estavam no seu ciclo, que iria ficar um tempo fora. Num só gole, bebi o que restou do meu copo na

intenção de ser o gás para ver o rosto do meu pai e me segurar para não explodir.

Era improvável Anthony não estar no salão, contudo, mesmo revirando o salão, não o encontrei. Perguntei a algumas pessoas, precisando acenar, bater um papo e descobrir que muitos deles tinham o meu nome na ponta da língua e algumas com vontade de enfiar na minha boca.

Não era uma surpresa. Querendo ou não, eu acabei me transformando no pacote completo. Eu era o primogênito Denson. O sobrenome carregava um peso caro e absurdo. Éramos uma família de alta patente, com uma empresa de contrato de ouro e com ligação à segurança militar do país.

Era a porra de um peso que eu também carregava sem poder me livrar de uma grama sequer.

Para um ultimato de busca, saí do salão rumando para o seu escritório.

Ao avançar no corredor, aproximando-me das escadas que davam acesso ao piso superior, a brecha de luz que impedia a escuridão total me fisgou.

Espremi os olhos, o meu lado atento piscando sentinelas para que eu espiasse quem estava fora do salão. E em um modo letárgico, avancei.

Comecei a escutar guinchos, espremidos por uma boca que se forçava a não abrir. Mas não durou muitos segundos para que se tornassem gemidos.

Eram pausados. De um tom não muito agudo. Intensos.

O meu sangue se agitou e minhas bolas não demoraram muito a pesar. O cós da minha calça apertou e o meu pau ficou duro pela merda de um gemido de uma pessoa aleatória.

Foda-se.

Quem quer que estivesse naquela sala estava se divertindo muito.

Decidi dar meia-volta e seguir o meu caminho, no entanto, fui travado pelo reconhecimento das vozes por detrás daquelas paredes.

Era Austin. E, definitivamente, mais uma voz que não era de Michelle.

Por um ligeiro desvio, as sombras de ambos ousaram desenhar no fio de luz do chão.

Inalei o ar de forma bruta e, por pouco, não estrangulei os meus próprios pulmões.

Se eu ainda tinha dúvidas, vi como o destino era um fodido maldoso que testava a minha capacidade de relutância e paciência até o limite.

Porque eu tinha acabado de ver a porra do meu irmão beijando Aurora.

3

“Agora eu sei o que é amor. E eu sei que, com certeza, não é você.”

I was never there, The Weeknd

Harper Reese

Eu odiava os significados do amor. Odiava ainda mais por ter que o dizer no plural. Era apenas uma palavra pequena que tinha mais definições do que metade das palavras que existiam no dicionário. Consequia ter mais significado do que inúmeros palavrões no âmbito de Enfermagem.

E era aterrador.

Como eu saberia que o mesmo significado de amor para mim era o mesmo de outra pessoa que estava predisposta a ter um relacionamento? Seria fácil descobrir através do diálogo. Resolveria metade dos problemas a níveis globais se houvesse uma troca razoável de perguntas e respostas. Mas o amor assustava. Falar sobre amor era assustador, então era preferível crer que todos tinham a mesma definição.

Certa vez perguntei à minha irmã o que ela achava que era amor. Ela me disse que era o sentimento de proteção eterna. Isso foi antes dos nossos pais morrerem. Agora, eu me perguntava se ela se arrependeu do que tinha dito.

Também questionei Axel, que estranhou a minha pergunta e ponderou bastante antes de responder.

— Não sei, amiga. É complexo de dizer. Mas acho que é a sensação de poder escutar a paz no coração de alguém. Sentir-se em casa com um abraço. Sentir o mundo inteiro apenas com um olhar. É assim que eu vejo. É puro, sabe?

Eu queria refutar. Não achava que era puro. Ele conseguia ser sujo. Conseguia derrubar uma casa apenas com um abraço. Conseguia colocar o peso do mundo inteiro somente com o olhar. O amor era capaz de silenciar a sua voz racional para te dizer que a emocional era mais inteligente.

Ela não é.

Existiam tantas formas de amor, que esquecemos o quanto ele podia ser diabólico e a encarnação de sujeira e problemas.

Como o amor era uma ferida que deixava uma cicatriz eterna.

Como ele te deixava vulnerável demais.

A pessoa diante de mim sempre esquecia. Ela fingia que amar era um ato de eternizar.

Austin tinha uma crença que não se harmonizava com a minha. Estávamos em lados opostos, porém ele tentava encontrar um caminho no meio do horizonte. Eu conseguia entender quando ele me beijava. Conseguia sentir quando ele me tocava por debaixo do vestido, os dedos subindo no bico dos meus seios ou descendo entre as minhas pernas. Dependia do que eu queria no momento.

Conseguia ver quando ele me encarava de longe e sorria frouxamente. Conseguia ver quando ele mentia que éramos apenas amigos.

Eu não o amava.

Eu não sentia nada além de uma paixão pelas pessoas.

Amar era assustador. E eu fazia de tudo para não ficar assustada.

Mas Austin não se importava.

— Eu quero me divorciar da Michelle. Quero enfrentar o meu pai.

Respirei fundo, descendo o meu vestido. Austin criou uma trilha de beijos pelo meu pescoço, desesperado para me manter no clima, porém sem sucesso.

— Por quê? — perguntei, embora tivesse conhecimento da resposta.

— Você sabe.

Revirei os olhos e pulei da mesa.

— Sim, eu sei. Mas nós já conversamos sobre isso.

— Eu não estou fazendo por você.

— Bom saber que você também falou para a professora do Mark que vai se divorciar.

A sua postura defensiva foi imediata, e o queixo retesou compondo uma feição inabalável.

— Como você...?

— Estava na cara quando ela te cumprimentou hoje. — Austin liberou um arquejo e entranhou os dedos na sua nuca loira. — Mas você sabe que está tudo bem para mim. Eu gosto do que temos. Gosto da tranquilidade, dos amassos, do sexo... Mas um relacionamento sério é difícil para mim, especialmente quando sei que a sua família tem um outro olhar para ele. Ela pensa em negócios. E negócios que certamente não quero me envolver.

— Mas eu não.

— Austin, é você que está atado a um casamento com alguém que não ama por causa dele.

Os seus olhos esverdeados ganharam uma bateria de surpresa. Ele não gostou da minha constatação, porém precisei nocauteá-lo e impedir que as suas ideias aflorassem ainda mais. Não estava nos meus planos me tornar uma mulher Denson. Nunca iria estar.

— Hoje você veio aqui para me colocar para baixo?

— Nada disso.

— Eu não te entendo, Harper. Você concordou que ficaria aqui em Fokley para que eu te ajudasse e depois nega envolvimento comigo? Como isso pode dar certo quando você me faz de otário?

Senti que uma discussão iria começar, e não sabia se estava pronta para ter que lutar. Austin era mais sentimental, sensível, e eu entendia perfeitamente depois de tudo que ele passou com os seus pais. Por causa do que ele estava passando. Mas eu não tinha habilidade para ser o seu suporte.

— Não é bem assim...

— Como não?! — A sua voz subiu alguns decibéis. — Eu sempre faço tudo por nós e você não consegue. Até em pegar um simples ônibus na

hora combinada você é capaz de falhar!

Analisei o seu rosto ruborizado, as dobras de pele formando na testa e as mãos gesticulando agressivamente para os lados.

Apesar de acumular o máximo de calma, eu também estava furiosa. Felizmente, eu era paciente. Já tinha anos de prática por causa da profissão que exercia. Embora, por alguns segundos, teria sido extremamente delicioso bater no seu perfeito e rico rosto, mas não o fiz.

— Eu sei que posso não ser perfeita como amante. — Imittei as aspas no ar, os orbes de Austin se arregalaram numa negação silenciosa —, mas eu tento. Tento o máximo que posso. Só não irei ultrapassar o meu limite, e você sabe. Desde o início, fui bem clara quando disse que só queria diversão e nada mais. Mas se você não me respeitar, isso termina agora.

Austin sentiu o golpe, o que liberou extrema satisfação para os meus ombros pela discussão vencida. Ele arquejou, caminhando novamente na minha direção. Os seus rastros camuflaram em movimentos mais calmos e tranquilos, e o arrependimento se exibiu até no seu estalar de dedos.

A sua palma prendeu na minha cintura. Era o jeito dele de pedir alguma coisa, se desculpar ou me dar uma má notícia. A sua linguagem corporal era tão óbvia, que os segundos à espera de abrir a boca eram severamente entediantes.

— Desculpa... Não era o que eu queria dizer. Estou alterado. O meu irmão acabou de chegar, e ele me deixa nervoso.

— O que o seu irmão tem a ver com a nossa discussão?

Um ponto de interrogação vinculou-se na união das minhas sobrancelhas.

— É só que... Não sei. São as inseguranças.

— Está tudo bem, Austin. Se precisar desabafar, você sabe que estou aqui. — Ele assentiu e selou os lábios num beijo rápido. — Podemos esquecer? Estou com fome e acho que preciso de um copo bem cheio de vinho.

Austin riu nasalmente, a curva dos seus lábios formou um arco tanto triste quanto feliz.

— Podemos — disse, por fim, pegando na minha cintura e dessa vez aprofundando o beijo.

Existiam nuances difíceis de serem explicadas quando se tratava do que tinha com Austin. Nuances que nem eu, nem ele entendíamos bem.

Eu sabia que era só um caso. Tinha sido algo que aconteceu numa noite e se tornaram dias e dias de ligações, mensagens, carinhos e beijos. No entanto, o meu coração não amoleceu. Ele se manteve intacto. Ele não se apaixonava. Mas Austin Denson sim. Mesmo que ele também dormisse com outras pessoas, transasse com a professora do seu filho e levasse outras mulheres para jantar, eu sabia que ele se apaixonava.

E eu não gostaria de ter sido o alvo.

Não gostaria de me tornar a sua proteção eterna porque o amor nunca protege.

Ele enfraquece. É um quebra-cabeças complexo que programa uma autodestruição da sua mente e te deixa exposta. Fraca. Insuficiente. Incapaz de se socorrer.

Por isso, eu não amava. Nem me deixava levar por algo semelhante.



Em um só gole, bebi o vinho.

Observei Austin à distância, com Mark na lateral do seu colo e conversando com pessoas que não conhecia — e nem gostaria de conhecer. Já estava cansada e queria estar em casa, estendida no sofá, assistindo algum documentário que me fizesse pensar porque a humanidade ainda não tinha sido exterminada.

Mas ali estava eu, esperando que Axel me desse as chaves do apartamento. Não queria estar presente no discurso de homenagem a Donavan. O funeral tinha sido na semana passada, mas aquela cerimônia era mais sobre o legado de William e como as coisas mudariam nas empresas.

Ainda era tudo muito recente para mim. Era uma das poucas pessoas que tive uma ligação, após a morte dos meus pais, estive presente até o seu último segundo.

E, por um pedido de William Donavam, eu tive que pausar.

Então quis aproveitar para tirar umas férias. Durante três anos, sempre estive de plantão. Tinha visto tanta coisa, que era de se louvar como conseguia dormir bem. Mas agora estava exausta. Exausta demais para continuar por algum tempo.

E até eu cumprir o que ele tinha pedido, aproveitaria essa pausa.

— Harper!

Girei o corpo na direção da voz. A minha amiga e antiga colega de faculdade vinha correndo nos seus saltos altos e em um vestido branco longo que se arrastava no chão. Era o inverso do meu em que a cor preta era brilhante e chamativa. Foi feito sob medida, portanto o decote se ajustava perfeitamente ao meu busto e a costura da cintura acentuava o meu corpo.

— Você demorou.

— Desculpa, desculpa! — Axel abriu a minha mão e pousou as minhas chaves. — Vai ficar por aqui durante quanto tempo?

— Você já quer me expulsar?

— Não, boba! É só para saber durante quanto tempo a minha noiva vai ficar com ciúmes da gente. Eu já não moro mais ali.

— Sério? Vou ficar sozinha? — Sorri feliz, enquanto Axel assentiu. — Ainda é o mesmo zelador?

— Sim! Aquele chato e nojento. Boa sorte.

Grunhi em frustração.

— Queria estar com você. Foi uma boa época quando morávamos juntas e como nos ajudávamos bastante.

As suas íris cintilaram, as lembranças viajando pela sua mente e refletindo na curva da sua boca. Também me sentia nostálgica. Conhecia Fokley tão bem, mesmo que não tivesse nascido nas redondezas.

Axel, embora fosse podre de rica, trabalhava para pagar as suas próprias despesas de casa, juntamente comigo. Ao contrário de mim que teve seus estudos pagos por outra pessoa para que eu pudesse me concentrar somente nos estudos.

— Agora também estou com saudades. — Pelos seus olhos esverdeados, os vislumbres de saudades agitaram as suas pupilas. — Mas você não me respondeu. Por quanto tempo fica?

Escrutinei o salão que já começava a encher. Vi um dos homens fardados passando por nós com um microfone e o barulho das caixas de som estrondaram pelas paredes. Já ia começar.

— Não sei — murmurei, pensando em Donavan. — Eu realmente não sei.

— Espero que você fique um ano — disse animada. — Estava morrendo de saudades.

Ela pegou na minha mão com delicadeza, esperando que eu assentisse.

Axel sabia perfeitamente como eu era com o toque.

— Eu também. — O som de uma voz grave experimentando o microfone incomodou os meus tímpanos e fui obrigada a me separar de Axel. — Preciso ir. Estou cansada. Tive um dia confuso.

— Vai lá. Não esqueça de me mandar uma mensagem.

Acenei para ela, assim que peguei a minha carteira da mesa mais próxima ao lado do meu copo vazio e segui para fora do salão. Esquivei do amontoado de corpos que cheirava a tabaco e diálogos baratos, mas ainda perscrutei por Austin para me despedir. No entanto, acabei chegando na saída antes mesmo de o ver e segui na direção do exterior.

Os aplausos e a voz do pai de Austin e Axel, Anthony Denson, me perseguiram durante todo o caminho no corredor. Os ecos do bico dos meus sapatos batucando o chão combinaram com a orquestra de alvoroço do salão.

Apesar das tentativas em não dar atenção ao que estava sendo dito, uma palavra ou outra alojaram-se num compartimento secreto da minha mente. Até que, por fim, fiquei distante o suficiente para que a voz projetada pelo microfone não me alcançasse.

O vento congelava a minha pele. E me arrependi de não ter trazido o casaco pela minha vaidade e teimosia. Ainda precisava ir ao hotel buscar as minhas coisas e partir para o apartamento, o que por si só me aterrorizava por causa do frio.

Tremendo pela boca, vasculhei a minha bolsa e retirei o celular para ligar para um táxi.

— Você precisa de um outro lugar no ônibus, Aurora?

A minha respiração se prendeu em meus pulmões. Precisei soluçar pela traqueia, que parecia ter uma bola impedindo o mínimo suspiro.

Era impossível.

Virei para o encarar e tive a proeza de ver o seu rosto com a barba cerrada e a mesma expressão indecifrável da manhã.

— Já não preciso mais — retruquei, engolindo a desordem das sílabas.

Tinha estado na sua presença por poucos minutos, mas não tinha esquecido como ele era alto e exalava autoridade.

O que o diferenciava de como estava de manhã, era a sua camisa com os primeiros botões abertos de um tom branco contrastando com a aura da noite.

O tecido ajustava-se bem no seu torso e braços. A postura condizia com a harmonia perfeita de quem se envolvia com esse ambiente requintado diariamente. Mas não me escapou que as suas íris piscavam como sentinelas, como se arrancassem pedaços da minha alma.

Ele estava furioso.

E, de imediato, mudei a minha postura.

— Bom saber. — As suas mãos se escondiam nos bolsos da calça. — Me fale o que você quer.

Confusa, pisquei os olhos.

— Um Uber? Eu deveria querer alguma coisa que você possa me dar?

— Não propriamente. — Ele reduziu a distância, aumentando por consequência a nossa diferença de altura. — Mas Austin deve ter. Não é por isso que está com ele?

Demorei a assimilar a brutalidade das suas palavras. Não sabia como ele podia saber da ligação que tinha com Austin, já que ele era um mero desconhecido com quem havia esbarrado. Eu e Austin éramos muito cuidadosos também.

Limpei a garganta, tossindo propositalmente. Cruzei os braços e aniquilei mais alguns centímetros.

— Não me lembro em que momento eu deixei você tomar conta da minha vida.

— E eu não sei em que momento eu deixei você entrar na porra da minha vida.

Comprimi meus lábios.

— Não sei do que você está falando.

Os músculos da sua face endureceram em frustração. Consegui enxergar o contorno da sua mandíbula endurecendo. Mordi o interior da minha bochecha provando de um gosto de ferro que funcionou como entorpecente à minha língua.

— Tem certeza? Você está fodendo com o meu irmão. Com um Denson.

A incredulidade manipulou os meus batimentos cardíacos. Quando dei por mim, uma gargalhada alta disparou da minha boca. Tapei-a para não chamar atenção de quem poderia estar próximo. Queria poder emoldurar a expressão de Andrew que não entendeu o meu ataque de riso.

— Não entendi se é um tipo de ciúmes ou inveja, mas é sério que você está me fazendo perder o meu tempo por causa disso? — Limpei algumas lágrimas que escorregaram no momento da risada. — Eu estou fodendo o seu irmão, se é a resposta que precisa para conseguir dormir à noite. Mas não é algo que te interesse. Não sei se é o tipo de informação que preciso escrever e desenhar para que você possa entender e nunca mais vir falar comigo para conversar sobre os meus assuntos privados.

Não demorou para que eu me arrependesse de ter dado a verdade de bandeja para Andrew. Austin ficaria puto porque não queria que ninguém soubesse. Acontece que o meu lado racional tinha sido tomado pelo lado vingativo.

Tornei a desbloquear o celular para poder finalmente chamar pela minha carona. No entanto, antes que eu conseguisse digitar a senha, o dispositivo foi arrancando das minhas mãos e colocado no alto.

— Austin é casado há sete anos e tem um filho — disparou, fitando-me com a cabeça baixa como se eu fosse inferior.

Dei um pulo, mesmo que o vestido e os saltos não me ajudassem a ser ágil. Fui capaz de pegar novamente o meu celular.

— Eu sei — respondi.

Andrew ficou calado, porém não me perdeu de vista por nenhum segundo. Absorveu cada pormenor do que eu dizia, gesticulava, respirava.

— Então, você é esse tipo de pessoa...

— O que está tentando insinuar, *Denson*?

Dei mais um passo.

— Não me faça dizer. — O tom ríspido e afiado saiu em um rangido.

— Eu sei as suas intenções.

— Sabe? — Sustentei o olhar drenado em cólera, mostrando que o embate se mantinha igualitário entre nós. — Isso não tem nada a ver com você. Se quer conversar, faça com o inferno do seu irmão. Por que veio falar comigo e não com ele, hã? Porque sabe que ele não vai responder, já que te odeia, não é? — O choque de Andrew se espelhou nas sombras, mas ele manteve-se imóvel. — Se comporte como uma pessoa adulta em vez de pensar com metade de um neurônio.

Eu poderia dizer muita coisa, mas já tinha entregado demais. Era um assunto pessoal de Michelle e Austin, e eu respeitava. Estava puta que Andrew veio falar comigo, sem ter consultado o seu irmão primeiro. Precisei inalar tanto ar, a ponto de fazer os meus pulmões deslocarem-se da sua anatomia normal, para que eu não explodisse de ódio.

— Estou apenas sendo prático.

Queria rir novamente. Não podia acreditar.

— Acho que confundiu com otário.

O seu nariz expandiu e um suspiro nasalado preencheu o vazio. Ele continuava irritado, mas encontrava graça nas minhas respostas e atitudes. Não gostava, pois me sentia ridicularizada.

— Você gosta de ser debochada, mas só mostra a sua atitude de pirralha intolerante.

— Se você não calar a porra da sua boca e parar com esses julgamentos sem fundamentos, a única intolerância aqui será a minha mão na sua cara — rosnei, sentindo a minha paciência esgotar.

— Eu não estou julgando, Aurora. Se você soubesse onde está se metendo, não estaria tão segura de si.

— Você não me assusta — rebati. — Tente assustar outra.

— Eu não sou de pregar sustos. — Por baixo da luz branca da Lua, o seu corpo era uma montanha, a dimensão dos seus ombros e a largura do seu peito preenchendo minha visão. — Espero que fique longe da minha família.

Uma maldita ameaça. Existia tanta coisa que eu não tolerava, mas ameaças e julgamentos roubavam a pouca dignidade que me sobrava.

— Se não o quê? — soprei tremulamente, apagando os centímetros entre nós e colocando o meu rosto como a única visão que ele pudesse ter.

Ficamos parados, a raiva sendo uma camada fina que separava as nossas faces de se chocarem e darem início a uma guerra.

Andrew não respondeu.

Mantivemos o nosso contato visual durante tempo o suficiente para sabermos que, ao contrário do que eu achava do amor, ódio tinha o mesmo significado entre nós.

4

“Você está me fazendo querer fugir daqui. Eu sei que você quer que eu fique com você, mas não. Então, continuarei a dar desculpas sobre o Sol, a terra, os raios. Nossos dias estão contados, por um fio, e eu estou cansada disso. Eu sei que você está tentando, mas você nunca vai me desvendar.”

Unravel Me, Sabrina Claudio

Andrew Benson

Eram cinco da manhã e não tinha dormido.

Não sabia se era pela ansiedade desembocando no meu sistema depois do que fiz. Não sabia se era o meu cérebro reavaliando rotas para caso algo corresse mal e eu precisasse tomar atitudes mais drásticas. Não sabia se era por causa daquela mulher que poderia ser um obstáculo nos meus planos. Eu esperava que não fosse, mas teria que descobrir o que estava acontecendo com Austin antes.

Era muito para pensar, mas não podia colocar nada em prática.

Decidi ir até o meu antigo apartamento. Passei alguns anos morando sozinho e foram os únicos momentos em que parecia estar em paz.

Fiz o percurso a pé, pois a minha moto precisava ser levada para um mecânico. Tinha saudades de ter o traseiro na garupa, a adrenalina crepitando meus ossos contra o embate do vento vindo do lado oposto. Era uma das poucas coisas na vida que me dava satisfação.

Quando cheguei na rua, estranhei a falta de movimentação e o desgaste de cor dos prédios. Tinham sido abandonados e pela placa enorme que se encontrava no gramado entre eles, certamente foram comprados.

Não tinha recebido informação de que teria que me desfazer da minha casa. Aquele era um dos maiores problemas de Fokley. Existiam milhares de regras para que nenhuma fosse cumprida ou eticamente pensada em ser.

Entrei no prédio e alcancei o piso, abrindo a porta da cobertura. O pó subiu e intoxicou o meu curso respiratório. A casa continuava intacta, mas os móveis, objetos decorativos, toda a merda que comprei, tinha desaparecido.

— Filhos da mãe.

Tirei os meus óculos do bolso da calça para ter uma visão melhor do panorama.

Fui até o meu quarto vazio. Já não tinha as minhas roupas, nem a minha cama, ou a caneca que Axel tinha me dado como pior irmão do mundo por engano.

Estava praticamente vazio se não fosse a máquina fotográfica no chão.

Uma nostalgia forte reviveu no meu peito, como se ele estivesse armado durante todo aquele tempo.

Não consegui determinar o período que fiquei sem tocar numa máquina fotográfica, muito menos lembrar do seu peso, o formato e como os meus dedos automaticamente se resvalaram nela por necessidade e sabiam onde clicar.

Respirei fundo e a recolhi, saindo do cômodo.

— Preciso de uma casa.



— Tem um ginásio?

Axel revirou os olhos.

— Drew, é um apartamento pequeno. Agradeça aos deuses por já ter dois quartos e uma sala gigante. — O seu indicador subiu até o seu queixo de um jeito pensativo. — Mas acho que tem um no centro.

— Me diga que a casa está arrumada e que você não a deixou igual a uma lixeira.

Axel levou a mão ao peito teatralmente.

— Quem você pensa que eu sou?

— Eu te conheço. Sei como você é.

Axel balançou a cabeça e continuou lavando os pratos. Enrosquei o ombro esquerdo no batente da porta, cruzando os braços.

— Tudo depende da Reese. Ela era organizada. Acredito que não te dará problemas.

Enruguei a testa, fixando o nome pronunciado.

— Quem é Reese?

— Na verdade, ela usa Mahesh, mas gosto de chamá-la de Reese para irritá-la. É uma antiga colega de faculdade e minha amiga. — A sua entonação soou óbvia, como se eu tivesse que saber quais foram as suas antigas colegas. — Moramos juntas durante o curso, mas ela foi trabalhar numa outra cidade entretanto, e agora voltou.

— Não vou morar com ela — retruquei.

O rosto de Axel contraiu linhas de desespero e cansaço por saber que eu iria discutir sobre isso até o fim.

— Você me pede por uma casa e ainda decide por mim?

Rangi os dentes pela sua argumentação certa.

Eu não poderia firmar contratos de casa. Nem nada que exigisse documentos pessoais. Pelo menos, não no momento. Austin tinha casas que eu poderia pedir para ficar durante um tempo, mas não eram perto do centro. Quando liguei para Axel, ela afirmou que tinha um apê perto do coração de Fokley. Só não imaginei que o apartamento teria alguém.

— Eu detesto morar com pessoas.

— Você costumava dormir de vez em quando em um dormitório com mais de cem rapazes.

— E eu detestava.

Axel limpou as mãos no pano e deu pequenos pulinhos até mim. Os seus olhos brilharam em suborno. Ela sempre fazia isso. E eu e Austin cedíamos como peixes pegos pela isca.

— Faça isso por mim, por favor. Reese está de férias e ela terá que lidar com as despesas de casa sozinha. Acredito que ela não vai durar muito lá porque é viciada no trabalho. Portanto, depois terá a casinha toda para você, e os dois saem ganhando.

Ponderando com mais cautela, eu poderia pedir ajuda a Barton ou Mickey. Possivelmente, eles me deixariam ficar na casa deles durante o tempo que precisasse. O que também não faltava em Fokley eram hotéis. Tinha dinheiro para aguentar o meu traseiro numa cama de cinco estrelas. Na pior situação, tinha a mansão e aquele quarto fedido.

Não negaria que ficar no apartamento era mais conveniente. Especialmente por estar no nome de Axel e quem quer que estivesse lá também.

— Por favor? — repetiu novamente Axel, entrelaçando os seus dedos e colocando no alto.

Entranhei os dedos na nuca, bagunçando o cabelo.

— Tá. — Ela iniciou uma manifestação de palmas que chamou a atenção da sua namorada, Noah, sentada no sofá. — Mas se ela for uma pessoa terrível de conviver, eu a expulso de casa.

— Andrew!

A exclamação tinha uma dose de humor, no entanto, eu não mentia. Iria expulsá-la caso fosse uma dor de cabeça. Eu lidava com Axel por ser minha irmã. Não aguentaria uma pessoa com a mesma essência que ela.

— Estou falando sério.

Estendi a mão para que Axel me entregasse a cópia da chave.

— Tudo bem. Ela é incrível. Sei que vocês não terão problemas. Reese é simpática e compreensível.

— Hum...

— O pior que pode acontecer é vocês transarem. — Alavanquei as sobranças, o semblante caricato da minha irmã sublinhando o que ela acabou de dizer. — É exatamente isso que você escutou.

Uma transa casual não seria algo ruim. Ter uma pessoa com quem foder em um momento de tédio poupava a energia de procurar por alguém ou esperar que chegue. Não pretendia praticar o celibato quando estivesse por ali, portanto uma companhia ou outra era boa para o meu tipo de cardio.

No entanto, não estava considerando essa hipótese pela lista infinita de coisas que poderiam acontecer de ruim se me envolvesse com a mulher errada. E esse trajeto mental me levou a Aurora, elevando minha frustração e irritação.

Ainda não tinha tido a oportunidade de falar com Austin, embora eu o tivesse ligado várias vezes, o bastante para que ele acionasse um mandado de proteção contra mim. O seu casamento era importante, mas ele não sabia o quanto estava em jogo. E aquela garota poderia arruinar muita coisa.

O ódio ascendeu até o cúmulo da minha garganta por lembrar a troca de palavras intensas entre eu e ela. Aurora tinha me tirado do sério. Me fez provar um gosto agri-doce com a sua personalidade fundada em teimosia, deboche e acidez.

A respiração errática e a fuzilada furiosa eram uma sombra dela na minha memória. Principalmente pela visão noturna. Ela era um encanto obscuro.

Ela cortou o meu raciocínio apenas pela sua força bruta verbal, amaldiçoando meus pensamentos. Eles já não eram bons. Mas, naquele momento, já não tinham salvação.

No momento em que Aurora se afastou, entendi que tinha um problema para lidar e precisava resolver. Caso contrário, muita coisa iria por água abaixo. E eu era egoísta o suficiente para foder com a vida de outras pessoas em prol de mim e da minha família.

— Mas eu não fico com as suas amigas — disse.

— Exato. Por isso, o pior seria se acontecesse. Ficaria muito chateada. Acho que te mataria. E ela também, mas por muito menos.

Interessante.

— Se era para me amedrontar, não deu resultado. Você sempre me deu muitas dores de cabeça a ponto da morte não ser assustadora. — Axel retorceu os lábios em um sorriso torto. — Vou buscar as minhas coisas na mansão.

— Você não quer almoçar com a gente? Fica mais um tempinho.

— Preciso dormir.

A sua boca formou um arco triste.

— Não ficamos juntos há tanto tempo.

— Mas agora estou aqui e não vou a lugar nenhum. Vamos combinar depois um almoço entre nós três. Mas uma cama, nesse momento, seria muito melhor.

— Certo. — Ela bateu no meu peito que retumbou um barulho de tambor. — Tenta descansar porque é possível que nos próximos dias a morte seja mais agradável.

Semicerrei as pálpebras enquanto analisava o sorriso travesso da minha irmã, antes de se dirigir novamente para o lava-louça.



Encaixei a chave na fechadura e o estalo da tranca me convidou a entrar. A porta da casa rangeu juntamente com as rodas da mala.

Estava tudo meramente calmo. As janelas estavam fechadas, as cortinas impedindo que os vestígios da manhã ensolarada entrassem. Estava escuro. Nem mesmo um fio de luz abria o caminho na casa, além da que vinha do corredor do prédio.

Tateei a parede na tentativa de encontrar um interruptor após fechar a porta com cautela. Pressionei o botão em incontáveis esforços, mas a lâmpada se manteve adormecida. Rosnei insatisfeito por Axel não me avisar da falta de manutenção da casa. Mas assim que dei um murro, a lâmpada entregou o pouco de iluminação que estava precisando.

Antes que pudesse observar a casa, por uma questão de segundos, os meus braços foram colocados no peito e fui nocauteado, e arremessado ao chão.

O pouco tempo que tinha para reagir foi o bastante para ter a minha mão ao redor de um pescoço e a outra tentando tirar a que me asfixiava na mesma região.

A pancada da minha cabeça contra o piso havia sido forte e estremeci os dentes para não gemer de dor. Não havia espaço para que os meus

neurônios fizessem o seu trabalho implacável de ponderar o que fazer a seguir, pois o peso repentino jogado no meu peito era um impedimento para analisar a minha ação seguinte.

Com dificuldade, abri os olhos, sentindo uma fricção meticulosa na minha virilha e o meu nome saiu de uma voz que desencadeou sinapses dolorosas em meu cérebro.

— Andrew?!

Aurora encontrava-se sentada no meu colo, as suas pernas espremendo minhas coxas e as unhas cravadas penosamente no meu pescoço, enquanto a sua mão esquerda preservava o aperto no meu braço.

De imediato, retirei a palma da sua garganta e, em um pulo ágil, ela saiu de cima de mim.

Impedi-me de estudar a silhueta fina de Aurora por debaixo de um pijama leve de verão, ao cerrar meus olhos e alojá-los do seu nariz para cima. Era um vestido bege que combinava com a sua pele marrom de tom escuro e os seus cabelos presos numa trança que decaía no seu ombro.

Seus olhos castanhos arregalados, a mandíbula retesada apesar da boca entreaberta, era digna de um momento stand-up. Eu também deveria estar com uma expressão ridícula.

— Você que é a amiga da Axel?

As linhas crispadas da sua testa traduziram a desconfiança que pairou entre nós.

Ninguém estava em modo de ataque, mas também não pretendíamos relaxar. Não imaginei que ela pudesse se mover com tamanha agilidade, a ponto de me jogar no chão, embora eu, provavelmente, tivesse o dobro do seu peso. Aquilo mexeu comigo. Eu nunca havia sido nocauteado por ninguém.

— Eu tenho cara de sonsa? Para quem me ameaçou ontem, achei que fosse o básico saber quem são as amigas da sua irmã.

Levantei, ainda com uma certa dificuldade pela presença fantasma do nocaute de Aurora.

Ela já estava plena, mas ainda se via a marca da minha mão na sua pele. Eu deveria estar sangrando devido às suas unhas compridas que atravessaram o meu pescoço e queixo.

— Não acredito que a Axel me colocou para morar com você... — murmurei, rastejando a palma pelos meus cabelos úmidos.

— Morar comigo? Você está bêbado? — Ela liberou uma risadinha sarcástica. — Isso está ficando demais... Você sabe que é crime me perseguir. E estou pouco me importando se é uma autoridade.

A minha testa franziu, experienciando a sensação de ter todos os meus músculos se contorcendo em incertezas.

— Você acha que estou te perseguindo?

— O que mais você estaria fazendo, hã? Você quer me ter ao seu alcance só porque estou comendo o seu irmão! — ela exclamou. Rangi os dentes, enfurecido pela sua lembrança antipática. — Não dá. Vou chamar a polícia.

— Pare de agir como uma criança — acabo dizendo. — Os meus neurônios ainda fritando por um encontro tão coincidente.

— Eu?

— Quem mais? — Aurora rolou os seus olhos com tanta vontade, que poderia jurar que tocaram o seu cérebro. — Eu não vou sair. A última coisa que pretendia era respirar o mesmo ar que você ou escutar a sua voz de garota mimada, mas não é por isso que irei agir como se fosse o pior dos pesadelos.

Estava falando a verdade. Não queria estar perto dela. Não quando o seu jeito parecia ser o pior dos castigos. Porém, era a minha oportunidade. Eu sabia exatamente o que estava acontecendo com eles e como deveria atuar.

Era por puro egoísmo e se Austin soubesse, seria certo que me mataria a sangue frio, mas ele não sabia o que estava em jogo. Como o casamento dele com Michelle tinha um propósito. Como eu tinha um propósito há anos.

— Não me chame de mimada. — O seu indicador apontou na direção do meu nariz. Notei que ele era tatuado por algum tipo de erva daninha que o rodeava. Aurora tinha várias tatuagens, mas a que me chamou mais atenção foi a do ciclo lunar no meio dos seus seios. Tinha notado na noite anterior e, agora, estava mais salientada pela luz. — Tenho certeza que é um joguinho seu e não estou disposta a entrar nele.

— Que jogo? Acha que eu tenho tempo para brincar? Procure alguém que compartilhe o mesmo neurônio que você. Eu não sou o tipo de pessoa que sequer quer te tocar.

Os seus punhos fecharam e, da mesma maneira que tinha acabado de sentir as suas unhas perfurando o meu pescoço, imaginava-as perfurando a sua palma.

— Você é nojento.

Havia falhas na articulação das sílabas. Era como se ela reprimisse um choro, que tentava segurar furiosamente. Eu não me sentia atingido, nem tinha dó. Não imaginava o que ela queria estando com o meu irmão. Nem o que estava acontecendo na cabeça de Austin para se envolver com uma outra mulher tendo um anel de casamento no dedo e um filho.

Aurora estava se fazendo de sonsa e ele sendo mil vezes pior. A minha respiração pesou e a vontade de ir atrás dele e drenar o seu rosto no soco foi maior. Eram tantas perguntas, mas Reese me deixava com mais dúvidas.

— Aconselho que se afaste para que não se sinta tão suja quanto eu.

— Eu nunca quis chegar perto, seu filho da mãe.

Os seus olhos acastanhados exalavam um fogo intenso e caótico. Gostei de como ela não parecia sucumbir perto de mim. Era, de certa forma, engraçado e intrigante como o seu corpo inteiro ficava tenso. Tenso demais.

Dei um passo, e ela manteve-se no lugar.

Inclinei um pouco e os meus lábios seguiram até a sua orelha. O calor emanado por nós cobria nossos corpos.

— Por que não se afastou agora, *Reese*?

Apreciei como o seu corpo reagiu em fúria, os olhos subindo na minha direção como se ela se preparasse para me bombardear. Ainda esperei por alguma vogal que pudesse romper da sua boca, mas o que quer que estivesse pensando, não encontrou uma saída.

— Vou ligar para Axel. — Ela se distanciou, por fim. — Não é possível que você tenha que ficar aqui com milhões de casas disponíveis.

— Não posso sair daqui.

— Oh, pelo amor de Deus... E depois me chama de mimada?

— Não irei exigir que seja inteligente, mas se pensar um pouco, talvez saiba que alugar uma casa no centro da cidade nessa época do ano é impossível — justifiquei, com a primeira meia-verdade que encontrei.

— Tente enganar outra pessoa. Você tem uma mansão. É filho de um bilionário!

— Então sabe que posso te tirar dessa casa se eu bem entender?

Ela balançou a cabeça prendendo uma risada sarcástica.

— Espero muito bem que amanhã você esteja de saída. Caso contrário, a única sujeira aqui será o seu sangue medonho — disse.

— O seu lado artístico é interessante, Aurora. É uma pena que eu estou pouco me fodendo para ele.

Por um desvio mínimo de atenção, estudei o seu corpo e como estava bem acentuado no vestido. Reparei na tatuagem de grande dimensão na lateral da sua coxa direita. Era um dragão chinês. Ela também tinha uma tatuagem no braço esquerdo, um ramo de uma flor de cerejeira, sem cor, enrolada por toda a extensão do membro.

Aurora possuía muitos símbolos por todo o seu corpo.

— Oh, vai se foder!

Ela foi para o quarto, a sua caminhada, deixando os rastros do seu ódio.

Não disse mais nada e a observei entrar no quarto e fechar a porta. Não permaneço muito tempo paralisado tentando entender o que tinha acabado de acontecer, mas ela estava enganada se achava que eu iria embora. Eram duas oportunidades em uma.

Peguei as chaves que estavam no chão e saí do apartamento, curioso em como iria funcionar dali para a frente.

5

“Passei por tanta coisa ruim, eu deveria ser uma vadia triste. Quem diria que, ao invés disso, me tornaria feroz? Prefiro estar presa por algemas do que por compromissos.”

7 Rings, Ariana Grande

Harper Reese

Naquele momento, não tinha dúvidas que o meu corpo era feito de fumaça. E, por incrível que parecesse, nunca tinha sentido tamanha fúria em cada átomo do meu ser.

Já tinha experienciado uma variedade de sensações, mas nada se comparava ao meu coração desesperado para acalentar a minha raiva. Era como um jato de água se chocando em um copo de vidro já cheio. Ele iria quebrar. A última gota daria início ao primeiro dos maremotos.

Liguei para Axel, mas não tive retorno. Depois de tentativas falhas, decidi ligar para Austin para que me desse a localização da sua irmã e eu conseguisse resolver o maldito problema.

Ainda estava em choque pela facilidade de Axel de entregar a chave a uma pessoa que eu não conhecia — apesar de todos os nossos encontros afrontosos, que ela não tinha a mínima ideia.

Se Andrew fosse uma pessoa de boa índole, se nunca tivesse me importunado e ofendido, eu aceitaria de bom grado. Mas não era o caso. Ele se comportou como um canalha por uma situação que não lhe dizia respeito.

Não tinha como eu ter a mesma tolerância e raciocínio depois do confronto na mansão Denson.

Após minutos olhando para as pantufas com o celular colado ao ouvido, desisti de esperar um retorno de Austin também. Deixei uma mensagem avisando para que ele me ligasse assim que estivesse disponível, e saí do quarto.

Com cautela, espiei os arredores em busca de algum sinal de Andrew, mas estava tudo em silêncio.

O sotaque britânico daquele canalha ainda manipulava parte dos meus pensamentos. Tive que empurrar para longe porque pensar nele estava fora de questão. O desgraçado não merecia fazer parte do meu tempo.

Decidi tomar o café da manhã e terminar de arrumar as minhas malas. Não tive tempo de organizar, após sair da festa. Capotei assim que a minha coluna se encontrou com o colchão.

Era visível como eu estava me fragmentando. Os meus pedaços caíam no chão a cada passo que eu estava dando naquele hospital. Ser enfermeira era um trabalho que exigia tanto esforço físico e psicológico, que não tinha me dado conta quando ele havia se tornado uma obrigação mental.

Se não fosse pela pausa, eu entraria em *burnout*. Por um triz, consegui pressionar o botão de basta, mesmo que o propósito das férias fosse outro.

Me dirigi até a geladeira e dei de cara com as prateleiras vazias. Foi um lembrete de que não tinha feito compras e eu precisava urgentemente fazê-las.

Em pouco tempo, desci as escadas do prédio e segui a rua.

Apesar de alguns anos fora, sabia a localização dos estabelecimentos que mais frequentava na minha época de estudante.

As minhas noites com Axel tinham sido passadas rindo e correndo de bares em bares, comprando umas cervejas em lojas de conveniências e ficando bêbadas no sótão do prédio. Éramos fissuradas em perder horas de estudo para nos divertimos juntas e só nós duas. Não tínhamos nada a perder, já que mantínhamos o posto de melhores alunas de uma turma de quase setenta pessoas durante os quatro anos do curso.

Axel fez com que a morte dos meus pais não continuasse a doer tanto. Não quebrasse o meu coração por inteiro como estava prometendo fazer durante anos. Era uma dor que teve a sua necessidade de ramificar em armas mortais. Teve necessidade de estrangular o meu coração, e me fazer gritar sangue e chorar por uma infinidade de memórias que fui obrigada a enterrar em duas sepulturas.

Os meus primeiros meses de luto foram terríveis e perturbadores. Era impossível esquecer as decisões que tomei que me trouxeram mais problemas. Eu estava irritada. Completamente entorpecida pela repetitiva negação que tinha em acreditar que os meus pais, as únicas pessoas que eu poderia ser vulnerável e teria a certeza de que me protegeriam quando me enfraquecia, haviam falecido.

Quando a conheci, tudo mudou. O meu sangue deixou de ser um rio agitado, glacial e venenoso, e a minha tensão baixou. Deixei de ter dores de cabeça. Deixei de precisar fingir que não me afetava. Criei uma persona indestrutível e confiante em que nenhuma lágrima minha seria vista.

Decidi sair de casa logo depois de completar dezoito anos, foi a decisão que fiz para me proteger das próprias rachaduras da minha alma. Donavan me ajudou muito mais do que ele pensava, mas, infelizmente, nunca tive a chance de dizer e agora eu estava em Fokley e em dívida com ele.

Inalei o ar e joguei para longe as divagações.

Bati de frente em uma loja a qual tinha esquecido a existência. Um sorriso largo abraçou meus lábios e a satisfação pulou em acrobacias hábeis na minha barriga.

Sweet Muffins era uma cadeia de lojas de doces, especialmente de muffins. Era um dos lugares favoritos da minha mãe e, conseqüentemente, se tornou o meu também. Para honrar o seu bom paladar, comprava muffins na minha época de universitária. Não foram muitas vezes, já que os preços eram claramente um placar de afastamento aos pobres.

Observei o espaço, regozijada pelo cheiro de massa e chocolate que se hospedou nas minhas narinas. Fui impedida de prosseguir, assim que um dos atendentes se aproximou.

— Bom dia. O que vai querer?

— Não sei ao certo. O que vocês têm?

Ele aniquilou mais alguns centímetros. A aproximação me incomodou, portanto, disfarçadamente, recuei.

— Depende do que está procurando. É algo em específico? — Notei que os seus olhos não se fixaram em mim, e sim desceram para os meus seios. — Gostei da sua tatuagem.

Subi a blusa, mesmo que não fosse tapar.

— Têm um de chocolate com cobertura de baunilha? — perguntei, ignorando-o.

Ele assentiu, reduzindo novamente o espaço que eu tinha colocado entre nós. Tentei fitar os bolinhos empacotados, contudo, sabia que ele, descaradamente, examinava o meu corpo, nublando o meu foco.

Já não sentia o cheiro dos muffins, e sim da colônia do cara ou do seu hálito batendo no meu rosto.

Eu estava começando a ficar fria. As minhas mãos gelavam. Era uma sensação tão similar. Uma sensação que puxava pelas minhas lembranças mais profundas e trazia à tona de maneira visual, auditiva e sensitiva o que me deixava enfraquecida.

Não era a primeira, nem a segunda ou terceira vez que o meu peito batucava em uma canção semelhante. Mas eu já não tinha nove anos. Nem dez. Nem onze. Nem doze. Eu já deveria ter uma reação. Fui moldada pra isso. Fui ensinada a me proteger do que causava isso.

— É a primeira vez que te vejo por aqui — ele comentou. — Eu não esqueceria alguém como você.

Eu queria ignorar. Deus, eu odiava. Mas às vezes me perguntava: e se fosse aquele cara que eu transei há duas semanas? Se fosse Austin falando comigo? Se fosse um amigo do hospital? Eu não gostaria? Iria pedir para que o tempo voasse e me tirasse dali?

Era patético como eu gostava de me divertir sexualmente, paquerar, provocar, porém, em momentos como aquele, tudo em mim estava prestes a vomitar. Os meus próprios órgãos formavam uma boca e externavam a repulsa que eu sentia.

— Você está solteira? Não é possível que você não tenha um dono.

Embora a minha pele tenha gelado, as náuseas engolirem o meu estômago e o meu cérebro piscasse em alerta, eu queria manter a fachada de

que estava tudo bem.

— Não vai responder?

Ele pareceu farejar pelo meu medo e decidiu tocar na minha cintura, alguns dedos seguindo em direção a lugares que me congelavam.

O toque era frio. Deus, eu odiava o toque gelado. Era um castigo imprudente que me empurrava para a cozinha escura onde eu sentia nada além de como aquelas mãos eram glaciais.

Foi então que entrei em pânico interior por notar que eu havia esquecido do meu bem mais precioso para momentos como aquele. E o meu corpo se eletrocutou para agir em ataque, sabendo que não teria o objeto em mãos, mas ainda poderia ser fatal.

Eu me movi para batê-lo, mas meu cérebro foi cauteloso e me obrigou a dar um passo para trás.

O desconhecido ficou com medo, ou um sentimento parecido, pois seu rosto contorceu a ponto de já não ser engraçado para ele.

— Se você não quiser conversar agora, tudo bem. Pode vir para cá depois e nos falamos. — Ele ignorou o fuzilo do meu olhar. — Então, diga, gata, qual você vai querer? Tenho que fazer o meu trabalho.

Poderia ter dito tanta coisa. Poderia ter mostrado que eu tinha melhorado em afastar pessoas como ele do meu corpo, da minha alma, da minha mente. Ter dado um sermão, chamar a gerente, explicar que eu estava furiosa demais para se meterem comigo, ou que não gostava quando homens davam em cima de mim, sem eu dar espaço para isso primeiro.

Porém, tudo aquilo que consegui pensar foi em:

— Quero o que tem pepitas de chocolate. Uma caixa de seis, por favor.

Fiquei com vergonha de mim. Senti repulsa de mim mesma.

Saí da loja, enxotando o meu eu de nove anos que chorava apavorada. A Sweet Muffins era sobre muffins e não para pescar memórias que já não eram minhas. Que já não deveriam me definir.

Eu tremia. Até a ínfima articulação estalava em tremores.

Todo o meu corpo era uma rocha que deteriorava a cada vez que lembrava da sensação de invasão. De um encosto que não esperava. De uma pergunta ou frase que não era conveniente.

Tudo veio à tona como um balde sem capacidade para mais uma gota de água.

Só fui interrompida quando uma voz chamou intensamente por mim e eu demorei a associar. Rapidamente, mudei a minha postura.

— Ei, você! — Uma garota de baixa estatura, com os cabelos crespos soltos e os óculos no rosto, andou na minha direção. Apontei o dedo para o meu peito, a desconfiança moldando uma faceta interrogatória. — Sim, você. Como se chama?

— Harper.

— Certo. Harper. Você está bem?

— Sim. Estou.

— Certeza?

Anui receosa.

As duas mãos da garota encontraram-se com a sua cintura.

— O que você quer? — questionei.

— Gata, você parecia que ia ter um colapso na loja. Fiquei preocupada.

— Está tudo bem. — Engoli a turbulência da minha voz. — Estava com frio.

— Se está tudo bem, eu confio.

Fisquei alguns fios do meu cabelo e preendi-os na orelha.

— Como você se chama?

— Paige.

— Paige — repeti —, obrigada pela preocupação, mas não precisava.

— Não precisa agradecer. Nos vemos por aí.

Ela tornou a entrar na loja. Eu era tão evidente? Céus, precisava trabalhar mais nas minhas expressões.

Pressionei a sacola no meu peito, o fervor da vontade de comer os muffins se perdendo juntamente com a vontade de voltar a comprar um.

E antes de ir para casa, novamente as imagens encapsuladas fizeram a visita atordoante.



Eu tinha uma paixão grandiosa por documentários de qualquer tipo. Fiz toda a minha família se apaixonar por esse tipo de entretenimento, então, sempre que fosse possível, nós os quatro ficávamos no sofá e procurávamos pelo que ver.

Mesmo que depois que a minha família tenha se quebrado, eu continuei com o ritual. Estendida no sofá, comia os muffins, enquanto assistia um dos documentários sobre o desaparecimento de Madeleine McCann.

No preparo para esticar o braço no intuito de pegar o meu quinto muffim, escutei o trinco da porta sendo aberto. Em um giro automático, esquadrinhei o homem de roupas esportivas. Em suas mãos, ele trazia sacolas brancas e um capacete vermelho e preto de moto.

As suas esferas mapearam o espaço até pousarem em mim e o descontentamento adulterou a sua expressão.

— Por que você está me olhando assim? Parece uma assassina.

Ele foi até à ilha da cozinha e pousou as compras na banca de mármore. Tanto a sala e a cozinha não tinham portas, sendo separadas pelo hall, o que concedia a um panorama dos dois cômodos sem precisar sair do lugar.

— Talvez porque eu tenha passado as últimas horas pensando em como matar você.

— Estou morando mais na sua cabecinha do que nessa casa.

— Ha-Ha. — Liberei uma risada sarcástica e lambuzei os dedos antes de me dirigir até à cozinha. — Você apareceu hoje e vai embora amanhã, então para quê esse banquete?

— Se você deixar de pensar em mim e se esforçar um pouco, talvez consiga chegar a uma conclusão.

— Você não vai ficar — ataquei, cruzando os braços.

— A casa não é sua. — A rispidez escorreu pelo seu sotaque britânico e pairou no ar como uma praga. — Quer que eu repita? —

provocou. Ao abrir os armários, a testa enrugou. — Isso está sujo pra cacete.

— Você acha mesmo que eu vou deixar? Já liguei para Axel. Vamos resolver ainda hoje.

— Faça como queira. Só não me arraste para os seus escândalos.

— Foi você que começou o escândalo quando me abordou na mansão. Quer que eu recorde?

Andrew fechou as portas do armário, me encarando em advertência. Contudo, nada foi proferido e ele saiu da cozinha, seguindo até ao fundo da casa.

No meio do trajeto, Denson paralisou. Ele centrou-se no meu quarto que, infelizmente, eu havia deixado com a porta aberta. Um arquejo ventoso espreguiçou pelos seus lábios.

— Você vai dar mais trabalho do que eu estava pensando — declarou.

— O que foi?

Em um segundo, Andrew pegou novamente as chaves e saiu de casa. Permaneci estática, cogitando as possibilidades pela sua atitude irracional. Abandonei a tentativa de descoberta por chegar à conclusão que Andrew não era o tipo de pessoa que eu queria ocupar o meu tempo pensando. Então, decidi dar uma espreitadela nas compras.

Havia uma enorme quantidade de pacotes de arroz, massa, coisas para tomar o café da manhã e alguns produtos probióticos que nunca tinha visto na vida. Pela presença de alguns produtos, soube que Andrew tinha uma dieta recheada de carboidratos e proteínas. Imaginei que fosse uma consequência da sua educação militar, e o seu porte fazia jus à teoria.

Nunca tinha conversado com Austin sobre até que ponto eles eram dominados por regras. Axel foi a única que me contou que realmente era um processo de rigidez e de submissão a autoridades, porém ela também não concluiu já que optou pela Enfermagem e a troca de trabalhar no instituto com essa profissão, ainda muito nova.

Bufei o pouco de ar que entupia a traqueia e esfreguei o rosto.

Pensar em viver com alguém, muito menos com o irmão mais velho de Austin, não estava nos meus planos. E só Deus sabia como eu detestava

mudanças de planos e que fugissem às minhas regras. O destino trapaceou de tal forma que o cara que eu quase tinha implorado de joelhos para ceder o lugar do ônibus iria dormir no quarto em frente ao meu. Além de ser um Denson. A última espécie que eu deveria estar vivendo sob o mesmo teto.

Donavan me mataria.

Andrew tinha razão quando disse que era difícil alugar uma casa no centro da cidade ou arredores. Tentei procurar por alguns e nem sequer fui capaz de olhar pelo preço já que não havia casas nem quartos disponíveis. Mas isso não baixou a minha guarda. Eu ainda precisava vê-lo longe do meu radar.

Antes de retornar ao meu documentário e muffins, Andrew adentrou com uma caixa enorme na mão e mais uma sacola. Surpresa, segui os seus movimentos.

— O que é essa merda? — interpelei.

Andrew encostou a caixa na parede.

— Um quadro.

A minha testa pregueou e as sobrancelhas encontraram-se na ossuda do meu nariz.

— Você enlouqueceu?

A olhada sombria que subiu das minhas pernas até às íris, aqueceu o ar numa temperatura impossível de sobreviver. Recriminei a avalanche de emoções quentes que agiram em meu organismo.

— O seu quarto está uma zona. Você é o tipo de pessoa que não lida com organização. Na verdade, você não tem quaisquer modos. Não nos vamos dar bem se não houver disciplina.

Ele levantou-se, abrindo o suporte de madeira.

— Por que está agindo como se tivéssemos no exército?

— Se estivéssemos, eu não estaria sendo tão relutante — rumorejou entredentes.

— Oh, sério? Você iria me punir? Do tipo que machucaria levemente ou com força? Tapas? Cintadas? — provoquei, recebendo uma mirada maldosa e com fácil interpretação de ódio. — Só vai haver disciplina se você estiver do lado de fora de casa. Aí sim não iremos nos preocupar um com o outro. E não sei por que você está falando sobre o meu

quarto. Ele é meu! Além de que estou aqui há menos de vinte e quatro horas.

— Como você consegue desarrumar o seu quarto em tão pouco tempo?

— Porque não tive tempo! — exclamei. — É sério que estamos tendo uma discussão sobre um lugar que só eu durmo? Você é extremamente controlador.

— Metódico — corrigiu, me fazendo revirar os olhos e pedir ajuda a forças místicas para não arrancar o seu ego com o primeiro objeto que me aparecesse.

— Otário, controlador... O que tem mais nessa caixinha de surpresa?

Andrew ignorou-me, levantando o quadro preto e colocando-o no suporte.

— Isso vai nos ajudar a controlar as tarefas de casa. Qualquer recado que você tenha a dizer, qualquer ofensa, o que quer que seja, pode escrever aqui. Assim ninguém precisa se comunicar ou aturar a presença um do outro.

— Você realmente quer...

— Sim, Aurora. Eu vou — cortou com a sua voz gutural. — Somos dois adultos. Não precisamos conversar ou ficar no mesmo cômodo. Eu não passo muito tempo em casa, então você não me vai ver tantas vezes. Acredito que você também não ficará trancada a sete chaves aqui. Assim como eu preciso de um teto, você também, então engula o seu orgulho e racionalize.

Avaliei a situação, criando uma lista imaginária de prós e contras. Não sabia se aceitava. Eu precisava de um teto, mas não o combo de problemas e um cara de dois metros. Não iria pagar pela casa para receber um presente dos infernos. Os Denson eram podres de rico. Deviam ter tanto dinheiro a ponto de limpar a bunda com notas de cem. Como era possível ele estar tentando acordar comigo e procurar meios de convivência para ficarmos na mesma casa?

Não fazia sentido.

— Ainda quero esperar pela Axel para conversar.

O grunhido frustrado rasgado da garganta de Andrew saiu juntamente com o meu suspiro fundo.

— Você é uma maldita pirralha teimosa.

— E uma vadia se quiser que eu seja.

Andrew me fitou com não só uma, ou duas, e sim dezenas de intenções que pareciam piadas cruéis. Senti-as em meus ossos, pairando no ambiente que se tornou escaldante e caótico. Gostaria de dizer que não me agradou como ele concentrou os centímetros de distância em milímetros, a sua respiração suave ventando na minha nuca.

— Mais do que você já está sendo? — O seu humor era sádico. — Agora fiquei curioso.

— Então, espero que morra de curiosidade

— Não te darei esse presente tão cedo. Sei lidar com garotas como você.

— Tem a certeza? — Elevei um sorriso de canto, a minha língua passeando preguiçosamente pelos meus lábios. Deslizei a minha mão pela sua barba. Era uma sensação gostosa, por mais que não queira admitir. — Estou te dando a chance de sair daqui se não pretende me conhecer de verdade.

Fixei em como o seu rosto sério conseguia ser tão magnífico quando também aceitou uma provocação. Andrew deveria ter um talento nato em entrar em jogos sabendo que os perderia

— Me mostre esse lado, Reese. Porque estou ansioso para o ver quebrar.

Havia intimidação e uma dose de adrenalina dissipando no seu prenúncio.

— Essa é a sua proposta para que eu te deixe morar comigo?

— Você realmente pensa que pode decidir.

— Garotão, e eu posso.

— Por que não está aceitando — perguntou com esgar.

— Não quero.

— Está nervosa?

A sua voz em decibéis tão baixos era o oxigênio que enchia os meus pulmões.

— Não.

A minha boca quis roçar no seu ouvido, desejando que ele se sentisse vulnerável e a necessidade de encontrar uma fuga. Se eu tivesse sorte, uma fuga para fora de casa. Mas a sua mão encostou em meu braço e fez com que a minha palma deixasse de sentir o formigamento da sua barba. Andrew encarava-me com veemência como se a minha presença fosse a única fonte de oxigênio naquele momento.

— Você é sempre tão atrevida?

— Apenas com quem desprezo.

— Não quero essa sorte na minha vida. Não sou inocente e você também não — avisou. — Se começar a me tocar, pode ter a certeza que não acaba por aqui.

Seu aviso parecia trazer um tipo de ar tóxico, portanto dei uns passos para trás discretamente. Ele notou, claro, mas não esboçou reação.

— É simples. Eu te deixo ficar aqui, mas não quer dizer que eu não tente te tirar daqui. Eu vou. Todos os dias. Não irei ignorar os meus princípios — comecei por dizer — Não gosto de você. Não tenho vontade de sequer gostar. Por que eu seria gentil e me comportaria como se ontem não tivesse acontecido?

— Não vou entrar nesse jogo — disse, estalando a boca.

— Você está sendo covarde. Sabe que vai perder.

— Estou evitando não te fazer chorar.

— Não preciso da sua empatia.

— Não estou te dando. — A sua voz regrediu o volume. — Não quero brincar com você, Aurora. Não peça pelo que não consegue suportar.

Permaneci com o meu olhar gravado no seu. Poderia jurar que via o meu reflexo nas suas íris.

— Não estou pedindo para brincar. Foda com a minha vida assim como irei fazer com a sua. Eu lido com você, Andrew Denson.

Então, os seus lábios contorceram.

Um lampejo de um sorriso. Ainda contido, mas estava lá.

As suas íris piscaram como se ele estivesse sendo injetado de adrenalina. Como se eu fosse o perigo que ele estava disposto a correr.

A crueldade que dominou sua boca deu um sinal de partida. Ele inclinou-se e levou os seus lábios até ao meu ouvido. Fechei os olhos e deixei que aquele segundo fosse emoldurado em cada parte do meu ser.

— Essa boca... Um dia, ela vai se arrepender.

Logo a seguir, ele afastou-se, dando lugar ao frio da cozinha cobrir o meu corpo. Eu tinha vestido apenas uma *t-shirt* estampada larga e um *short* de ciclista.

— Como eu te detesto.

— É uma pena que não é recíproco. Não estou sentindo nada por você. Sua existência é irrelevante.

Ele tirou uma caneca e encheu-a de água da torneira. Soltei uma lufada de ar e enquanto ele me analisava pela borda do copo, rumei novamente para a sala e aumentei o volume da TV.

Mal consegui me concentrar no que estava assistindo porque a presença de Andrew me incomodava. Mesmo que depois ele tivesse seguido até ao seu quarto, saber da sua existência na mesma casa que eu estava me fez perder a estabilidade.

Aquilo tinha tudo para dar errado.

6

“Você está muito atrasado. Fiquei com a sua namorada na minha casa por dois dias. Deve ser óbvio o motivo pela qual ela ficou comigo.”

Too Late, Chase Atlantic

Andrew Benson

Aquilo não tinha como dar certo.

A sua existência era mais do que relevante, no momento.

Tudo em Aurora era insuportável.

O modo como as suas íris vistoriaram o meu rosto, a sua boca sutilmente separada e a feição contorcida, a sua voz baixa, a lascívia e a quase nula inocência das suas palavras era uma aglomeração de coisas que eu não suportava. Contudo, me intrigava. Era um sentimento controverso que manipulava meu sistema.

O seu jogo era fácil de ler, prever e saber como contrapor. A sua linguagem gestual era um espelho das sensações que fugiam do seu controle.

Mas havia algo.

Eu a olhava e via camadas mais profundas. Tapadas. Engavetadas para que não fossem vistas. Ela parecia fazer do perigo um brinquedo no qual ela se entretinha nos seus intervalos. Ela movia-se em detrimento de quem ousasse esfaqueá-la. Ou pensar sequer em fazê-lo.

E isso me fazia querer acabar com a sua confiança e forma destemida. Reese tinha o que eu não queria que uma mulher perto de Austin ou de mim tivessem.

Enquanto limpava os armários, escutei os passos silenciosos de Aurora de volta para a cozinha.

Reese tinha um andar mortal. Por mais que não estivesse a favor de analisá-la, era impossível não afirmar como ela foi forjada para ser vista como fatal. Não só pelo modo suave e articulado com que ela falava, mas também pelos seus movimentos calculados e sentidos apurados.

— Não sei por qual razão está se dando ao trabalho de limpar. — Ela abriu o caixote de lixo e jogou uma caixa de muffins. — Ainda não decidi se você vai ficar ou não.

— Você realmente não me escutou quando disse que a sua opinião sobre a minha estadia aqui não é válida.

— Quando você fala, eu não escuto.

— Então, preciso adotar outros métodos.

Abri o registro de água e deixei que ela limpasse a poeira das mãos.

— Não tente arranjar solução para o que não tem. Você não vai me fazer mudar de ideia.

Aurora tinha o seu olhar firme e certo em mim. Sacaneei o reflexo das suas emoções. Ela não exibia muitas, além da cólera e do sarcasmo.

— Precisamos estabelecer regras — disse ao fechar a torneira e interromper o jato d'água. Peguei em um dos panos estendidos no puxador da porta do fogão e limpei as mãos.

— Eu vivo sem regras. Não irei fazer nada que pretenda que eu faça — replicou.

— Mas você vai. — Coloquei o pano no meu ombro direito e firmei as mãos na superfície de mármore. — Isso não entra em discussão.

Os seus olhos nebulosos e o desenho do seu sorriso diabólico desestabilizaram uma parte de mim que não imaginei poder sentir. Que se dane. Era inegável que se essa mulher não estivesse ocupada transando com o meu irmão e tivesse o cheiro de um atentado em carne e osso para os planos negociais da *Denson Empire*, seria manipulado de maneiras impensáveis e aceitaria de bom grado.

Aurora era cruelmente hipnotizante. Era uma tentação moldada pelo próprio diabo. Até a droga do seu aroma era uma constante lembrança de que tudo nela é tão angelical quanto infernal.

Mas o contexto era outro. Eu preferia me submeter à pior das torturas do que beijá-la. Nem em sonhos olharia para ela como se a quisesse, e nem pretendia tocá-la sabendo que Austin já o fazia.

Habitar sob o mesmo teto que Reese já era uma ideia delirante, mas eu precisava. Por isso, para não gerar estragos, não podia abrir lacunas para entrar no purgatório que ela mesma carregava em seus olhos. Eu precisava entender quais as suas intenções com o meu irmão, se ela sabia de algo que não devia e tomar as precauções necessárias.

Simples assim.

— A sua boquinha é viciada em dar ordens — ela disse.

Os seus dentes alinhados e perfeitos morderam o lábio inferior.

Aprimei a coluna, circulando a ilha.

Dei passos o suficiente para que ela batesse as costas na parede e eu aproveitei a oportunidade para a encurralar. Aurora arregalou o olhar e os seus lábios combinaram com a expressão de surpresa.

— Já está tentando adotar outros métodos? Me botar na parede não é o melhor.

— Estou pensando seriamente em ser eu a te colocar para fora de casa — ameacei.

— Já estamos desistindo? Esperava mais da sua resistência. Ou não aguenta nem seis segundos comigo?

A perversidade que carregou a sua pergunta me pegou desprevenido.

— Não queira saber o que posso fazer com você em seis segundos.

As paredes da cozinha pareciam nos comprimir. Um milímetro de movimento e o meu peito estaria batendo no dela, a minha mão viajaria para sua bunda e a minha boca iria saborear a curva do seu pescoço, que se situava em um ângulo perfeito e ardiloso.

Era ardente.

O corpo de Aurora era flamejante. Quente pra caralho.

E não me agradou como ela pareceu sentir calor advindo do meu corpo também. Cada célula minha teorizou as consequências de uma possível perda de razão e um movimento falho em provar um pouco daquela fonte de calor. E pelas suas íris atormentadas, eu soube que ela estava tendo exatamente a mesma leitura de campo.

— Oh, eu quero. Faça deles puro inferno, assim como estou esperando fazer com você. Quem sairá daqui não serei eu, pode ter certeza.

Antes que eu pudesse rebater, a campainha tocou.

Aurora quebrou a linha de contato, encarando o lado de fora da cozinha. Respirei fundo, me libertando da atmosfera maciça.

Aproveitei a oportunidade para me afastar e seguir até a porta. Assim que a abri, a figura que apareceu enrugou o seu semblante, e a desconfiança e irritação desalinhou os seus músculos faciais.

— Que merda você está fazendo aqui? — perguntou Austin, o seu timbre parecia um carro em fuga com a bateria prestes a morrer.

Soltei um arquejo. O lembrete do motivo pelo qual não achava Reese uma pessoa confiável retornou à velocidade da luz e o meu ódio pelas imagens gravadas da noite passada entrou em erupção.

— Nós precisamos conversar. Agora — eu disse.

— Austin. O que você está fazendo aqui?

A voz de Aurora sobrepôs-se à minha e a atenção de Austin saltou para trás dos meus ombros.

— Eu vi as suas chamadas e mandei mensagem para você querendo saber o que estava acontecendo. Como não atendeu, pedi o endereço a Axel e vim até aqui.

— Bom, é esse o motivo das minhas ligações. — Ela apontou para mim. — Preciso chutar esse traseiro para fora.

Não dei qualquer atenção para Aurora no momento. O meu problema era com Austin e eu necessitava saber urgentemente que parasita havia comido o seu cérebro para se relacionar com alguém que não fosse a porra da sua esposa.

— Preciso falar com a Harper primeiro — declarou meu irmão.

— Não. — O meu tom drenado em ira estalou os poros das paredes do hall. — Porra, Austin, no que você está pensando?

— Ei, ei! — Pela fragrância da Aurora que se tornou mais presente, soube que ela se aproximou. — Deixa a gente conversar primeiro.

Encarei-a. Ela não moveu um músculo sequer no momento que detonei os meus olhos nos dela. Não havia medo escapando da sua linguagem gestual.

— Vocês podem resolver os assuntos de irmandade depois, mas eu quero ser a primeira a conversar com ele. Ok?

Inalei o ar ao mesmo tempo que Reese. Vi os seus pulmões expandirem a amplitude do seu peito e soube que, por mais que ela não demonstrasse receio, ela tinha.

Mas pouco me importei. Portanto, voltei a olhar para Austin.

— Por que merda você está traindo Michelle?! — Ele não respondeu, permanecendo com a boca cerrada. — Fala alguma coisa, inferno!

O meu punho esmurrou a porta, no entanto, sem força o bastante para criar um buraco nela. O meu irmão era mais baixo que eu, já que a minha estatura era um fenômeno sobrenatural na nossa família. Os Denson não eram pessoas altas. Reese conseguia ser centímetros mais alta que Austin, por mais que ainda disfarçasse.

— Você sabe como o casamento é importante, por isso posso falar com ela primeiro? Para que não haja dúvidas de nada.

O pedido foi dito com clareza e tranquilidade, por mais que eu imaginasse a sua traqueia sendo asfixiada pela sua própria comoção.

O meu dedo rastejou pelo meu cordão e senti a frieza dele pinicar na minha mão.

— Têm cinco minutos.

Foi tudo o que eu disse, antes de me virar, contornar Aurora e seguir até o meu quarto.

Precisava saber o que estava acontecendo. Reese era teimosa e não iria me dar uma pista, mas Austin sim. Ele sabia que poderia dedurá-lo. Contudo, não o faria. Tinha plena noção de que iria arruinar com o que venho descobrindo nos últimos dez anos e quebraria com um plano impecável.

Se fosse em uma outra ocasião em que as minhas mãos estariam limpas de sangue, eu não me importaria. Austin poderia ser um fodido que

traía a mãe do seu filho, que eu não iria querer me intrometer.

Sorri interiormente ao lembrar que era uma atitude frequente de Anthony Denson. Ele traía a minha mãe mais vezes do que seria possível contabilizar. E não escondia. Ele nunca escondeu.

Se Austin queria seguir os passos dele, foda-se. Era a sua reputação. No entanto, não era assim. No meio em que vivíamos, o acordo entre ele e Michelle não cabiam falhas. As pessoas iriam saber. Nada disso se escondia, principalmente uma amante fora do nosso ciclo.

Sentei na cama, captando murmúrios proferidos de Aurora e Austin. Não consegui entender o que ambos falavam, mas tentaria saber depois.

Decidi arrumar as minhas malas. Peguei na bagagem e a mala esportiva. A máquina fotográfica estava ao lado. Ainda não tinha voltado a usá-la. Não sabia se o faria, já que seria uma ação mais nostálgica e sentimental do que própria. Eu tinha tido vários *hobbies* para me libertar um pouco da rotina no instituto militar, mas apenas fotografar me dava o escape necessário.

Novamente toquei no cordão e deixei que a corrente queimasse o meu dedo.

— Eu e Michelle não estamos mais juntos.

A voz de Austin se acomodou no meu quarto. A sua expressão ainda trancada, a voz suave e cansada se esvaiu dos seus pulmões.

Em um nanossegundo, as minhas emoções mudaram.

— Há quanto tempo?

— Desde a última vez que você veio. — Ele tinha os seus olhos pregados ao chão, sem ao menos se dar o trabalho de me encarar. — Isso foi há... cinco anos? — Austin não esperou pela minha resposta. — Mas decidimos não ficar mais juntos porque essa merda de casamento arranjado não estava funcionando.

Não fiquei surpreso. Eu sabia que poderia acontecer, mas Michelle era alguém muito próxima de nós.

Pensei que eles pudessem gerar algum tipo de sentimento. Que eles realmente se gostassem e facilitassem toda essa merda. Era um pensamento egoísta? Sim, era. Austin não fazia ideia, mas ele não concordaria comigo mesmo que soubesse da verdade.

— Você sabe que se descobrirem, vai dar problemas para nós. Para alguém que sempre quis colocar a empresa em primeiro lugar, não está pensando direito.

Austin se apoiou na parede, enquanto eu me mantive em pé com as mãos fechadas dentro dos bolsos da calça.

— Não fiz de propósito, mas nem eu, nem ela estamos felizes. O acordo diz que se um de nós cometer adultério ou trair a confiança um do outro é levado pelo prejuízo do trato e a família traída recebe os direitos da empresa adversa, certo? Mas, nesse caso, foi uma decisão de ambos. Ninguém está traindo. Nós conversamos antes.

— Acha mesmo que Anthony irá ver dessa forma? Ou o pai de Michelle? A mídia também não está para brincadeira. Não agora que um deles morreu, merda! Vão cavar fundo até descobrir o que se passa nessa empresa.

— Caramba! Eu sei. — Letargicamente, Austin varreu os seus dedos em seus cabelos. — Mas não sabia que William iria morrer. Ninguém sabia que ele estava doente, onde ele estava. Estamos há cinco anos vivendo assim e ninguém descobriu. Não irei ficar com outras mulheres, por enquanto, por precaução. Michelle também tem um namorado que não vai abrir a boca. Está tudo controlado.

— E Aurora?

A expressão facial de Austin demonstrou questionamentos.

— Quem é Aurora?

Crispei os lábios.

— A Har... — Pausa. — Reese.

— Mahesh. Ela usa o sobrenome do meio — ele corrigiu. Eu ignorei.

— Ela não vai. Ela me vê como qualquer um. Não importa o sobrenome.

— Você investigou sobre ela? — perguntei.

— Sim. Harper é inofensiva. Não é ninguém que você deva se preocupar.

Agora entendia o motivo pelo qual ela ficou puta quando a confrontei na mansão. Reese não estava com meu irmão por nenhuma das razões egocêntricas que eu imaginei. Ela não estava pelo sobrenome. Não estava pelo dinheiro. Não estava pela influência. Não estava pelo caos.

Ela era inofensiva.

Ótimo.

— Com quantas mulheres você tem dormido?

— Agora você quer controlar o número de pessoas com quem durmo?

— Com. Quantas. Mulheres? — repeti, a impaciência sendo mastigada por cada sílaba gerada.

— Foram algumas.

O significado de *algumas* pareceu um eufemismo barato.

— Me dê o nome de todas elas.

— Você está brincando?

— Austin, eu quero o nome de todas até daqui a uma semana. Inclusive, se você ainda manterá essa relação secreta com a Reese, eu irei ficar aqui. Não posso deixar esse perigo andar solto.

Austin caminhou na minha direção, as mãos fechadas em punho com toda a sede de estragar parte do meu rosto, mas ele não o faria. Austin já perdeu muitas vezes para não voltar a fazer uma figura patética.

— Cara, se você tocar nela...

— Você pensa que eu estou pensando em dormir com ela? — O meu peito estrangulou pela fúria que foi ampliada aos meus batimentos. — É a última coisa que irei fazer. Só quero te proteger dessa merda de acordo.

— Já falei. Harper não é um perigo. Eu sei disso. Estou com ela há quase um ano. — Um sentimento mais devorador acidificou meu estômago. *Quase um ano* era muito tempo. — Eu a conheço.

— Mas eu não. Estarei com ela até achar necessário.

— Você é um bastardo, porra — esbravejou e furtou o máximo de ar para se acalmar. — Eu te darei os nomes. Nem pense em tocar nela, merda! Estou te avisando.

Ele não precisava avisar duas vezes. Não tinha medo do seu punho, no entanto, Aurora estava fora dos meus planos. E, claramente, eu estava dos dela. Nem que eu tivesse uma arma apontada no meio da testa iria me envolver com aquela mulher.

— Ela é toda sua. — Sustentei o olhar para que ele acreditasse sem estimativa de erro. — Mas ela não acha isso.

— Isso não é assunto seu. — Agora Austin parecia estar mais chateado consigo do que comigo. — Antes que eu me esqueça, Anthony quer te ver.

A garganta seca corroeu e desarticulei os nós dos dedos para os fechar. Ouvir o nome daquele que era meu pai cultivava o pior em mim.

— Eu irei falar com ele.



Mandeí uma mensagem para Anthony sem a esperança que ele fosse responder. Em menos de dez minutos, meu pai enviou o endereço de um restaurante onde ele estava e ordenou que eu aparecesse. E, como acontecia há trinta e cinco anos, eu fui.

Era como se não tivesse um domínio próprio das minhas ações. Ele me controlava como uma maldita marionete e todas as cordas estavam presas nos seus dedos. Não era somente comigo, contudo, era o único que tinha a mente e as costas deformadas pela sua ira.

Muitas vezes, fiz de tudo para safar os meus irmãos da sua forma enlouquecida de lidar conosco. E consegui. Porém, eu tinha um peso muito maior a carregar nos ombros que eles não precisavam saber. E eu faria de tudo para que nenhum deles precisasse.

Era o motivo pelo qual eu estava me submetendo a encontrar com ele, saber que teria de mentir na cara dura e permanecer com uma fachada que não me condizia.

Estacionei a moto no parque de estacionamento. Ao sair da garupa, retirei o capacete. Consegui carregar a bateria da minha moto, antes de ir ao restaurante.

Ao adentrar, o calor exuberante agrupado dentro do ambiente obrigou-me a tirar o casaco antes de alcançar a mesa onde meu pai se situava. Notei como o lugar estava quase vazio. Havia somente a sua silhueta de costas sentada e mais dois militares em pé.

Anthony sempre gostou do poder que tinha. Portanto, a qualquer oportunidade que tivesse para o mostrar, não deixava passar.

Éramos temíveis, não apenas pelo fato de sermos uma família formada na academia militar, como também por sermos, na atualidade, a maior empresa de segurança do país e uma das maiores do mundo. Era centrado, nomeadamente, nas vendas de armas, o que por si só era um dos maiores lucros mundiais e o que levava a consequências mais severas. Mas os Denson tinham sangue propício a governar e amedrontar.

Inclusive, amedrontou-me durante anos. Agora agia a favor desse medo.

Sentei à frente de Anthony. Olhar em seus olhos lembrou-me como tudo o que fazia, dizia e gesticulava era com prudência e receio.

Ele sempre foi a causa dos meus medos. Das minhas inseguranças. Do meu sangue.

Eu queria que ele fosse arruinado pelo que fez, por mais que soubesse que a probabilidade era baixa.

— Eu sabia que você iria voltar depois da morte do Donavan. — Anthony pegou em um guardanapo. — Isso não vai afetar a sua posição na empresa, se está pensando.

— Eu sei. Não vim por causa dele.

Apareceu um garçom com um prato que o dispôs na minha parte da mesa. Eu não tinha pedido. Nem pretendia comer naquele local. Tinha sido uma ordem de Anthony, antes de eu chegar.

— Não disse que veio por causa dele — constatou com a voz cansada. — Quer você admita ou não, ambos sabemos que a morte de Donavan é crucial para o avanço da empresa e você se preocupa com ela. — Quis negar, mas eu devia manter a minha atuação de décadas. — Não quero acreditar que foi ao acaso que ele faleceu.

— Está insinuando que alguém o matou?

Um suspiro humorístico inflou as narinas do velho.

— A única pessoa que teria motivos e coragem para matá-lo seria eu. — Pausa. — Ou você. Mas eu não fiz e você não agiria dessa forma. Aquele filho da mãe estava realmente doente e não disse a ninguém. Ele sabia que seria um problema. Ele já estava se preparando. Donavan era

importante por ser o único, além de nós, que sabia da existência dos *Arquivos D*. Agora o cargo vai ao fedelho do seu irmão que não sabe fazer uma conta simples de matemática.

Agora estávamos caminhando pela conversa que eu pretendia.

Os Arquivos D eram uma lenda na indústria bélica. Não se sabia ao certo o que continha, mas acreditava-se que eram os dados do esquema de tráfico de armas. E estavam na posse de quem tinha acabado de morrer, William Donovan. Eram arquivos que diziam poder acabar com governos de inúmeros países devido ao tráfico de armas que ocorria por trás dos panos e uma onda de dinheiro negociado sujo e sangrento que era trocado entre eles.

O acordo entre os Denson e Donovan com o casamento de Austin e Michelle, trazia compradores mútuos, porcentagens de venda e compra limitada por ambas as famílias e, claro, o silêncio de cada uma em relação ao que acontecia na empresa. Por isso, que era tão importante. Se uma das famílias afundasse, a outra iria juntamente. Era uma corrupção que ninguém sabia por ser tão bem trabalhada, com desculpas tão bem formuladas, além da reputação impecável dos Donovan e Denson por terem salvo o país mais vezes do que a porra do próprio governo.

— Está com medo? — interoguei.

O semblante de Anthony enrugou, a tranquilidade que reinava os seus ossos desmontou para dar lugar à surpresa.

Ele afastou o seu tabuleiro, descansando os cotovelos na mesa e fechando ambas as mãos em um só punho. Os seus ombros aprumados e as costas erguidas elevavam a aura de soberania. Sentado, Anthony conseguia carregar mais dela.

Quando eu e Austin começamos a crescer incontrolavelmente, Anthony nos ordenava a ficar sentados sempre que falava conosco. Éramos mais altos que ele e isso incomodava-o por ter que erguer o rosto.

— Me diga, por que eu teria medo?

— Porque sabe que se ele tiver dado isso a alguém, essa pessoa poderia destruir a sua vida.

— Acha que ele deu esse arquivo a alguém?

— As pessoas quando estão prestes a morrer, fazem pior do que esperam delas.

Pude observar as engrenagens de Anthony trabalharem. Logo em seguida, ele abanou a cabeça.

— Ele não faria isso. Estaria destruindo um século de negócios. Destruiria a sua família. Ele a amava demais. — Engoli a gargalhada sarcástica. O jeito doentio com que eles amavam era uma história de terror. — Mas eu não te chamei aqui para criar teorias. Os meus advogados já estão tratando disso. Eu preciso do controle da mídia e de uns novos políticos que estão querendo aprofundar no acordo das empresas.

— Por que eu faria isso?

— Porque você já está metido nisso até o pescoço. Não iria querer romper com tudo isso agora, não é? — O meu maxilar tensionou e os meus punhos coçaram para não socar o rosto do meu próprio pai. — E é a nossa chance de aproveitar a fragilidade para expandir os negócios.

Nossa. Que piada.

— Você só vai se foder se quiser mais.

— Eu não conseguiria, se não fosse pela minha ambição. E pela sua mente genial. Um dia você irá entender, mas agora vou precisar mais de você, filho.

Eu tinha que aceitar para que nada fugisse do meu controle e pudesse terminar com tudo isso de uma vez. Mas eu me senti dominado. Eu poderia ter controle dos meus próprios pensamentos, ser completamente independente na minha vida diária, mas ainda me sentia pequeno quando estava ao lado dele.

Eu era prisioneiro do seu comando. Sempre fui.

Nunca deixei de ter medo por todas as vezes que temia a sua reação. Todos os sermões, todos os castigos, todas as punições por mais dolorosas que fossem... Ele sempre justificava com a mesma sentença: *ele precisava de mim e sabia do que era capaz*.

Era uma manipulação óbvia, no entanto, não tinha para onde fugir. Eram correntes. O meu nome era acorrentado ao dele. Eu me enojava dele. Tinha ódio do que eu havia me tornado por culpa do que eu chamava de pai. Contudo, necessitei engolir para poder seguir o meu caminho.

— Vou precisar de mais informações do que somente essas.

Um sorriso nojento se curvou em seu rosto cansado. Os cabelos grisalhos, as rugas, os tremores nas suas mãos já ressaltavam como ele havia envelhecido rápido.

Ele não era a porra de um deus, mesmo que pensasse como tal. O tempo estava o esgotando. Mas não queria vê-lo morrer por ele. Precisava vê-lo morrer perdido. Ainda era cedo demais para sua partida.

Gestualmente, Anthony pediu para que os dois militares saíssem do restaurante.

— Melhor comer, pois será uma longa conversa.

Resvanei os dedos pela barba e me endireitei na cadeira, pegando nos talheres e me servindo.

7

“Garoto, amar não é fácil, é dor para o coração. Garoto, veja todo mundo ir embora e seu coração quebrar. Eu estou tão cansado de amar porque como lágrimas na chuva não significam nada. Não se apaixone porque amor não significa nada.”

Love is (NOT) easy, Chase Atlantic

Harper Reese

— E quando você vai voltar?

Encolhi os ombros, esfregando os olhos devido à projeção do Sol.

— Não sei... Mas não será tão em breve.

Os olhos de uma das minhas colegas de trabalho murcharam. As três competiam para ver quem ficava com mais espaço na tela.

Eram nove da manhã e estava passeando pela rua para poder respirar um pouco de ar puro. Entretanto, recebi uma chamada das minhas amigas de trabalho e elas estavam me atualizando do que havia acontecido na última semana.

— Sério? Estamos morrendo de saudades suas. Vamos ter que aturar a Morgan nesse turno.

— Jesus... Ela é uma chata!

— Exato! — as três declararam em uníssono e uma risada conjunta explodiu entre elas. — Temos mais internados por aqui nesses últimos dias. Merley está o próprio caos.

Suspirei pela carga invisível que sobrepôs os meus ombros só de imaginar.

Trabalhar no hospital de Merley tinha trazido muita coisa para a minha evolução pessoal. Presenciei desastres terríveis, mortes marcantes, mas também sobrevivências, pessoas com histórias maravilhosas e de superação.

— Quantas enfermeiras estão por turno?

— Somos apenas quatro! E olha que muitas de nós fazem o turno da tarde também.

— Isso é cansativo — respondi, preocupada por ter saído em um período tão complicado para elas. Eu costumava fazer ainda mais horas, porém eu não tinha o que fazer além de trabalhar.

A mais baixa das garotas gritou e pulou para a tela, assustando-me.

— Harper, volta! — choramingou Gilia, e eu ri pela sua atuação dramática.

Ela era uma das colegas que eu mais passava tempo durante o plantão. Talvez por ser uma mulher negra, sendo filha de uma mãe japonesa e o pai negro, nos dávamos muito bem. Por mais que não falássemos do assunto, sabíamos que o hospital não era um lugar totalmente bom para nós. Já tínhamos passado por situações terríveis e o suporte uma da outra era essencial.

— Estou morrendo de saudades, mas você sabe...

Não prolonguei o assunto por ainda ser bastante presente e interferir com as minhas ações.

— Não aturo mais a velha!

— A senhora Hems?

Gilia meneou a cabeça, me fazendo sorrir. Tínhamos um complexo com a senhora Hems, por ser a enfermeira-chefe do departamento era bastante rígida e, por vezes, muito mal-educada.

— Ela só gosta da Morgan. E me detesta.

— Assim como me detestava também.

— Pelo menos, você cumpria os turnos. — O desânimo na sua voz provocou uma gargalhada sincera. — Não sei como alguém gosta da Morgan. Ela nem sabe mudar um sistema direito. No outro dia, cheguei na cama 113 e o sistema não estava purgado. Você sabe o quão grave isso é!

Cocei a nuca, olhando ao redor para que não fosse atropelada por um carro ou por pessoas alheias.

— Falem com ela. Talvez tenha sido falta de atenção.

— Não foi! Não vejo a hora de ter essa garota longe daqui.

— Vocês são surreais.

Gilia abriu um sorriso.

— Nós sabemos! Bem, tenho que ir. Digam adeus à Harper!

As outras três meninas do turno entraram novamente no campo do visor e acenaram.

— Fica bem, amiga!

Sacudi a mão em despedida para as garotas.

A chamada terminou após eu pressionar o botão e colocar o celular no bolso da minha calça.

Notei que estava perto da loja de muffins e o meu estômago revirou, liquidificando. Afundei as minhas unhas na palma e juntei o máximo de ar nos pulmões. Queria muito comprar mais alguns muffins, porém havia uma força maior que me proibia de entrar. Como se eu tivesse medo de reviver aquelas lembranças.

Depois de fazer mais um quarto de hora a pé até chegar à rua do apartamento, deparei-me com Paige correndo na pista, a mesma garota que tinha vindo falar comigo. Ela também me notou e acenou, enquanto atravessava a rua. Os seus cabelos crespos saltando conforme os pés pisam no asfalto e ela vem pulando até o meu encontro.

— Fazendo uma caminhada matinal? — perguntou ao encurtar os metros de distância.

— Mais ou menos. E você? Se exercitando?

Paige aquiesceu, recuperando o fôlego a cada inspirada.

— Infelizmente, se eu pudesse estaria na cama — declarou, colocando as mãos na cintura. — Mas preciso manter meus músculos

ativos.

— Você está maravilhosa.

— Está me paquerando, gata?

A sua pergunta me fez rir, mas a minha atenção acabou por cair em um corpo que estava trazendo tipos de desastres e limites nesses últimos dias na minha vida.

Andrew retirou o capacete, ainda montado na moto que, com certeza, deve ter custado o suficiente para pagar anos de aluguel.

Denson tinha a sua típica roupa de todas as vezes que saía de manhã: calça de moletom e uma camiseta de manga curta.

Após sair da moto, ele abriu a traseira e retirou dois vasos castanhos.

Ele comprou plantas?

Não imaginava que o canalha pudesse gostar de jardinagem ou qualquer outro passatempo parecido. Não fazia o seu tipo.

Só nessa última semana, notei que Denson tinha uma rotina muito bem definida. Todos os dias, escutava a porta ser fechada e o barulho da moto passando pelo lado da minha janela. Pelas suas roupas esportivas, era mais que certo que ele ia à academia. As suas refeições eram sempre em horários específicos e em pratos cheios de comida, que eu precisaria ter o triplo do tamanho do estômago para conseguir ingerir.

Não falávamos muito, no entanto ele ainda era extremamente irritante. Andrew não aguentava ver nada fora do lugar ou se atrasar para qualquer coisa.

Assim que os nossos olhares se colidiram, fiz uma careta de desdém. Como esperado, Denson ignorou e seguiu para dentro do prédio. Gostaria que ele sumisse ou perdesse a porra da chave e não pudesse pisar no *meu* apartamento.

— Seu vizinho? — questionou Paige, retirando-me do transe.

— Gostaria que fosse. Não teria que o aturar todos os dias. — Pelas feições de Paige, ela encontrava-se desnorteada. — Moramos juntos. Por obrigação. Basicamente, a irmã dele nos colocou na mesma casa e, até um de nós arranjar outro lugar, temos que nos suportar.

— O que não está acontecendo.

— É..

Paige irrompeu em uma risada.

— Vocês lembram os meus sobrinhos. Duas crianças de sete anos.

Revirei os olhos.

— Obrigada pela parte que me toca.

— Se você precisar se libertar, pode vir na minha casa. — Ela gesticulou para o prédio ao lado. — Moro aqui mesmo. Sou do segundo andar esquerdo.

Assenti.

— Obrigada. Você está fazendo mais por mim nesses últimos minutos do que esse brutamontes em cinco dias.

Paige tornou a rir.

— Tenho certeza que vão se dar bem.

— Pode ter certeza que não. Não vai acontecer.

Paige sorriu minimamente, olhando para o seu relógio analógico e erguendo as sobrancelhas.

— Eu vou andando, gatinha. Qualquer coisa, você já sabe onde moro. Fica bem.

Acenei para ela, observando-a correr até o prédio próximo.

Antes de entrar pela porta principal, o meu celular vibrou e uma mensagem interrompeu a minha jornada. A minha recém-animação caiu para indecisão, contudo fui rápida em decidir a minha opção de escolha e dar meia-volta.

Austin: *Disponível?*



— Você não disse nada desde que chegou.

A mão de Austin descansava na região inferior da minha coxa e se movimentava ciclicamente. Eu tinha o rosto enfiado no travesseiro, que tinha o mesmo cheiro do meu xampu de baunilha.

Não olhei para Austin desde que ele saiu de dentro de mim. Não tinha certeza se era porque estava com sono ou porque não queria

conversar.

— Eu gemi durante os últimos minutos. Não foi o bastante?

— Não estou falando disso — pontuou desanimado. — Você não tem conversado comigo desde que eu fui na sua casa.

— Não tenho nada para conversar. Falamos o suficiente naquele dia.

— Certeza?

Me sentindo obrigada, virei o rosto.

— O que você quer que eu diga?

Ele deu de ombros, e eu o fuzilei esperando impacientemente por algo.

— Nada. É só que... Como isso foi acontecer?

Suspirei por não apreciar o tema da conversa, contudo, entendia os motivos pelo qual ele insistia.

— Já te disse. A culpa é da sua irmã que fez com que o seu irmão fosse morar comigo, e agora ele não quer sair.

— Claro que ele não quer... — murmurou ríspido. — A casa não é sua também?

— Era.

— É estranho você estar morando com o meu irmão.

Em um ímpeto, apoiei-me na cama e sentei, com as pernas servindo de suporte para a minha bunda. Senti a minha pele fria se encontrando e percebi que deixamos a janela aberta, sem ao menos pensarmos que o calor dos nossos corpos não iria durar muito tempo. A sorte é que estava usando uma blusa e uma calcinha.

Eu não conseguia ficar nua com um cara que estava apenas fodendo. Era íntimo para mim, portanto em menos de um minuto após uma transa, se eu fosse ficar na casa dele, já tinha me vestido.

Austin estranhou nas primeiras vezes, contudo se adaptou.

— É estranho para mim também já que eu o detesto. E ele sabe sobre nós. Parece que o ódio é mútuo.

— Fiquei chateado por ele ter descoberto, porque poderia ter sido outra pessoa. Pelo menos, foi ele. Andrew te disse alguma coisa?

— Se alguma coisa é insinuar que estou com você por interesse e não tenho moral? Sim. Ele disse.

Visualizei pelo reflexo das suas íris como pensamentos se atropelavam e a boca coçava para que dissesse mais alguma coisa, porém a coragem faltou.

— Você pode vir morar comigo — declarou.

Os meus lábios se esticaram num sorriso pronto para gargalhar, porém bloqueei assim que sondei a seriedade em seu rosto.

Arregalei os olhos e soltei uma risada nasalada.

— Você enlouqueceu? — bradei. Austin estalou a língua, virando a cara para o teto. — É claro que não vou morar com você. No que está pensando?

— E se eu pagar uma casa para você?

— Quê?! — Um riso desesperado consumiu a minha garganta. — Austin, óbvio que não.

— Por que não?

Levantei as mãos, como quem não entendeu de onde chegavam as ideias dele e o sentido que estava encontrando em cada uma.

— Eu sei lidar com a minha vida, está bom?

— Sei que sim, mas se você não quer morar com alguém que não gosta, então para quê continuar lá?

— Porque é o meu espaço. — Abanei a cabeça, fechando os olhos. — Além de que não vou morar com você na mansão, e muito menos receber dinheiro seu.

— Não vai receber dinheiro. Vou te dar um dos meus apartamentos até você se sentir confortável em voltar para Merley.

— Em que mundo isso não é uma maneira de oferecer dinheiro? As pessoas vão saber, Austin.

— Já te disse que você tem a minha proteção.

— Não sou eu que entro em questão, Austin! Eu vou saber lidar. Você deveria se preocupar consigo — ditei. — Não preciso te lembrar o que o seu pai faria, ou os Donavan, caso soubessem que mais da metade da população feminina dorme na sua cama e nenhuma delas é a Michelle,

preciso? E eu também seria exposta por causa dessa treta. Iriam cair sobre nós.

Ele grunhiu frustrado, deslizando os dedos pelo seu couro cabeludo loiro.

— Você tem razão. Mas eu me preocupo com você. — Os seus olhos esverdeados marejavam cautela e respeito. — Não sei o que deu em Andrew para achar que ficar com você em casa seria bom. Quer dizer, eu sei, mas não vai ser vantajoso por causa...

— Ele não sabe — disse de imediato e a tensão pesou nos ombros de Austin.

— Ele não sabe que você cuidou de Donavan? — balbuciou e eu neguei.

— Ele não precisa saber — rebati. — Quanto menos souberem, melhor para mim. Não foi isso que você disse?

Austin assentiu.

Eu sabia que cuidar de uma das personalidades mais importantes atualmente do país poderia gerar problemas para mim. Ele não tinha sido cuidado em um hospital privado, com médicos e enfermeiros condecorados. Ele tinha se escondido dos holofotes, pedindo para que alguém o tratasse dele em silêncio, em específico, eu. A sua equipe, a única que sabia onde ele estava, me contatou e eu aceitei por saber que estava em dívida com ele.

Um dia, ele faleceu. Ainda tentaram ajudá-lo levando para o hospital, mas já tinha entrado em óbito. Foi dali que avisaram os familiares e o caos começou. De alguma maneira, Donavan e a sua equipe conseguiram fazer com que eu ficasse de fora e o meu nome não fosse mencionado como a enfermeira responsável por ele. Por enquanto, pelo que disseram. E, enquanto a poeira não baixasse, deveria me manter longe.

Mas, mais precisamente, em Fokley.

Austin foi a única pessoa que havia conversado, mas ele não sabia de tudo. Nem saberia. Eu tinha cuidado.

— Sim. Só que... — Austin grunhiu frustrado. — Como eu odeio esse filho da mãe.

Não perguntei o motivo do xingamento, levantando-me da cama e pegando as minhas calças.

— Onde você vai?

Puxei-a e fechei o zíper.

— Vou embora.

— Espera, Harper, não vai. Fica aqui...

— Por quê? A gente já transou. O que você quer mais? Cafuné? — Soltei uma lufada longa pela quase afirmação estampada nele. — Austin, não vamos fazer isso.

— Você é fria pra cacete — ele murmurou.

— Não sou fria. Estou sendo racional. Nós já falamos sobre isso tantas vezes — disse, prendendo de novo os meus cabelos em um rabo de cavalo alto. — Não vamos ultrapassar esse limite. É apenas sexo casual.

— Não vai deixar de ser se você ficar aqui mais um tempo.

— Para você me dizer como pretende se divorciar da Michelle para ficar comigo ou para me convidar a morar na sua casa? — O mínimo músculo do seu rosto se moveu em advertência. — Nós não vamos por esse caminho. Eu vou continuar com a minha vida e você com a sua. Caso contrário, não vale a pena continuar.

Austin esfregou o seu rosto nulo de barba. Ele não a deixava crescer, ao contrário do seu irmão, que tinha um cuidado com ela.

— Desculpa... Eu só estou com receio porque o meu irmão é um galinha.

Adquiri uma força sobrenatural para não revirar os olhos.

— Você também é.

— Mas não estou morando com você.

— E o que quer dizer? — Virei-me. — Você acha que vou pegar o Andrew. É isso?

— Não você. — Austin se levantou, por fim, pegando numa camisa e vestindo numa velocidade muito mais absurda que eu. — Não é nada contra você, Harper, e sim com Andrew.

— Austin, eu detesto ter que te lembrar isso, mas caramba! Da mesma forma que não fico perguntando pela Dorothy ou Stella que mandam mensagem para você enquanto está me fodendo, não quero que faça o mesmo. Se eu pegar o Andrew, não é da sua conta.

— Claro que é! Cacete, ele é meu irmão. Meu sangue. É um Denson.

— Já entendi que gostam de reafirmar o sobrenome. Grande coisa — debochei com uma careta.

Peguei a minha bolsa, logo após calçar os meus sapatos.

— Sinto que você não está me entendendo — proferiu.

Ele vestia a calça enquanto me perseguia pelo quarto. Era grande, espaçoso, com armários, estante, TV e um banheiro por dentro. Contudo, não era o dele. Era apenas um quarto que tinha na mansão para que pudesse trazer quem quisesse por estar perto da porta dos fundos e ninguém desconfiaria de nada.

— Sim, eu estou. Já entendi que existe algum tipo de ódio camuflado entre vocês. — Os músculos faciais de Austin atrofiaram e a minha constatação ganhou pontos a favor. — Não sei exatamente como é, já que tenho uma irmã mais velha que nunca odiaria. Mas eu não estou, nem quero me meter nisso. Andrew é um filho da mãe que não quero perto de mim e mal posso esperar para chutar a sua bunda longe. Por enquanto, irei aturá-lo. Sou teimosa. Você sabe.

Austin bagunçou os seus cabelos loiros, me encarando durante um tempo até parecer ceder.

— Mas pode só me garantir uma coisa?

Balancei a cabeça e o espanto abraçou o seu semblante. Respirei fundo e abri a porta, girando o corpo quando um dos meus pés já estava no corredor.

— Não preciso garantir. Você sabe exatamente como as coisas funcionam comigo. — Austin se preparou para gravar o significado de cada palavra que iria usar. — Eu me conheço bem o suficiente para saber que nunca irei ficar com Andrew Denson.

8

“Te levo para outro nível. Te deixo dançando com o diabo. Tome um gole disso, mas estou te avisando. Eu estou nessa merda que você não pode farejar, querida.”

Wicked Games, The Weeknd

Andrew Benson

— Eu não estou interessado na Reese. Ela está comendo Austin e é amiga da Axel. Não fodo as amigas da minha irmã.

Abri a garrafa e entreguei a Mickey.

— Sempre tem a primeira. — Mickey levantou a sua cerveja, se sentando ao meu lado no sofá. — A vida é uma cadela. Ela vai fazer você engolir cada sentença e ainda te enfiar na bunda pra fazer doer a sério.

— Ela que faça isso com outra pessoa, porque não quero essa carga de problemas na minha vida.

— É melhor comprar um lubrificante, meu amigo.

Soltei um esgar raivoso antes de encostar a boca no gargalo da cerveja.

Barton ri ao entrar na sala, com mais três garrafas na mão. Ele as coloca na mesa de centro e se joga na sua poltrona.

— Fico fora por trinta segundos e vocês começam a ter conversas de adolescentes com cheiro de desodorante e testosterona o suficiente pra

bancar uma academia.

Mickey encurvou a boca como provocação para retornar ao assunto que eu queria matar de uma vez.

— Culpa do Denson que está rejeitando o seu destino.

— O quê? — Barton perguntou.

— Não dá brecha para esse diálogo — avisei entredentes.

— Ele está dormindo com a amiga da Axel — disse Mickey.

— Não estou dormindo com ela — rosnei.

— Ei, estressadinho. Vocês moram na mesma casa, então dormem juntos. Só não na mesma cama, mas isso é uma questão de tempo.

Rolei os olhos, esticando as pernas e recostando no sofá. Mickey sempre foi o mais teimoso entre nós, e parece que esse traço de personalidade envelheceu que nem vinho. O filho da mãe era um tenente-coronel, além de ser uma das pessoas jovens mais importantes entre os militares, mas entre nós era uma das razões para querer cometer um assassinato.

— Amiga da Axel, é? — Barton repetiu, pegando no controle e aumentando o volume da TV. — Você precisa mesmo morar com ela?

— Não.

— Cara, então por que você está ficando com alguém que não quer?

Barton gargalhou contra o gargalo da cerveja, elevando a sobrancelha na direção de Mickey. Escutei a boca do sacana curvando em um sorriso fodido.

— Porque é o ideal por agora.

Barton e Mickey analisaram-me por instantes longos.

O meu tom foi cortante, porém eles me conheciam o suficiente para saber que continha segredos debaixo de camadas verbais.

Claro que eu estava porque gostava do lugar. Tinha tudo o que precisava perto da capital. Não iria mentir que esperava que o meu lance com Aurora se tornasse um entretenimento barato. Colocá-la fora de casa e esmagar aquele seu ego inchado seria de bom grado. Não tinha o que me divertir durante essas semanas que ficarei, portanto a sua raiva felina poderia me servir de diversão.

Mas também necessitava tê-la debaixo da minha asa para controlar qualquer passo seu em falso. Não a conhecia, não sabia o que ela iria querer com a minha família, e com todo o caos que se tornou a disputa entre empresas por causa da morte de Donavan pela busca dos arquivos, qualquer pessoa de fora tinha que ser vigiada.

— Nesse momento, não é perigoso viver com alguém de fora? — questionou Barton, curioso.

— Poderia ser, mas o único perigo vivo é a própria Reese.

— Preciso conhecê-la.

Ele moldou um sorriso antes de dar uma golada generosa e prolongada.

— Ela me derrubou.

Os dois viraram o rosto novamente para mim.

— Como assim derrubou?

— Quando entrei em casa, não sabia que ela estava lá. Não tive tempo para notar a sua presença. Ela simplesmente me colocou no chão e não consegui contra atacá-la.

— Que golpe? Conseguiu identificar? — Barton perguntou.

— Não muito bem — pensei. — Mas não foi defesa.

Eles suspiraram, mas Mickey tomou novamente o rumo da conversa.

— Existe uma grande porcentagem de mulheres aprendendo a lutar nos últimos anos. As cidades estão mais perigosas, o índice de violência está subindo cada vez mais, principalmente a sexual. — Ele refletiu mais um pouco. — É normal que ela saiba. Deve ter adotado algum mecanismo de defesa para si que acabe sendo mais fatal. Falta de prática resulta nesse tipo de coisa.

Era um fato. Axel também sabia se defender. Não somente porque ela pertencia a uma família de militares, mas para sua segurança também. Ela quis por vontade própria e, com certeza, saberia dar uns bons socos. Mas não conseguiria me colocar no chão. Não com aquela facilidade.

— Isso está te preocupando de alguma forma? — Barton bebeu mais um pouco, falando contra a garrafa.

— O ego dele está ferido.

Os filhos da mãe sorriram em provocação.

— Vão se ferrar — murmurei cortante.

— Quando começa o jogo?

Mickey coletou o seu celular e deu uma verificada nas horas. Na TV passava publicidades insignificantes que se estendiam no horário do começo da partida.

— Daqui a dez minutos — respondi.

— Vocês se lembram quando faltamos a aula de química para ir jogar na quadra? — Barton indagou, coagindo o meu cérebro a buscar memórias de vinte anos atrás.

— E tivemos que fazer duzentas flexões porque alguém nos dedurou? Claro que me lembro dessa porra. Foi um inferno. — A raiva do meu parceiro transpareceu e eu não pude evitar rir por dentro.

— Sempre desconfiei do Austin.

Enruguei a testa.

— O meu irmão? Por que merda?

— Ele nunca gostou muito de você. O Denson sempre fez isso com você em casa, então acho que ele seria capaz de fazer no instituto também.

Dei de ombros.

— Não sei porque isso é importante na hora.

Era verdade que eu e Austin tínhamos conflitos que ele mesmo começava e nunca sabia como terminar, mas nunca vi como nada além de um garoto que tinha perdido a mãe e mal tinha um pai presente. Não o censurava pelas suas atitudes quando não tinha ninguém para o educar.

— Bom, você está morando com a amante dele.

— Amante é uma palavra muito forte — censurei-o, tendo o meu estômago revirado pela acidez da cerveja por culpa do retorno da conversa.

— Como queira. Mas vocês já tiveram confusões por causa de garotas.

Resvalei os dedos pelo queixo, a barba pinicando na pele e a vontade de ir apará-la aumentando drasticamente. Qualquer coisa que me fizesse distanciar desses diálogos seria uma vantagem.

Eram águas passadas que eu já não precisava nadar. A minha relação com Austin ainda era plantada por atritos e algumas confusões internas. Ele possuía ressentimentos, o que era compreensível já que nunca tínhamos chegado a conversar sobre o assunto. E nem iríamos. Agora ele era casado e pai de uma criança de quatro anos.

— No passado. Faz anos. Não sei porque você está tocando nesse assunto. Vocês realmente acham que eu vou pegar Aurora? — O silêncio ensurdecedor que gerou na sala pulsou a veia do meu pescoço. — Vão se foder. Tenho caráter, porra.

— O caráter com uma lista infinita de mulheres que você já dormiu? — Mickey disparou, fazendo Barton se esconder na intenção de abrir mais uma garrafa.

— Como falei, fazem anos — rosnei transbordando mais raiva do que seria suposto. — Agora vamos deixar essa porra de lado. Vocês não têm nada melhor pra contar do que me infernizar?

— Vou ser pai.

Tanto eu e Mickey giramos a cabeça na direção de Barton que esboçava uma expressão estoica, as sobrancelhas unidas no vinco do nariz e os olhos vendados por um azul-escuro.

— Do que você está falando? — Mickey foi o primeiro a falar, as cordas vocais entrelaçadas sonorizando uma voz confusa.

— Isso mesmo que vocês ouviram.

A bomba pousou nas nossas mãos e eu me senti queimar de alegria pelo canalha sortudo. Um sorriso desgraçado abraçou o rosto de Barton no momento que a informação foi digerida por mim e Mickey.

— Puta. Merda.

Mickey levantou-se e puxou-o em um abraço com direito a quase murros nas costas. Depositei a mesma força quando foi a primeira vez. O meu coração estava aos pulos e nunca tinha sentido tão em êxtase por outra pessoa. Era como se todo o álcool ingerido tivesse sido turbinado para martelar o meu peito e torturá-lo até doer de júbilo.

— Quando é que vocês decidiram? Por que você não nos disse antes? — interroguei.

— Não sabíamos ao certo ainda. Estávamos decidindo depois da confusão com a família dela. Mas há meses que pensamos em levar avante e contatamos médicos e laboratórios para fazer acontecer — explicou. — Não queria dizer sem ter nada confirmado. Já temos uma data marcada para a próxima semana.

— E a família dela sabe? — Mickey se atreveu a perguntar.

Barton desaprumou os ombros, sacudindo os seus cabelos loiros antes de começar a falar.

— Ainda não falamos. Willa não quer e eu respeito.

— É muito errado eu dizer que quero bater naquela velha?

— Até eu gostaria — Barton respondeu, enrijecendo o maxilar. — Não por mim, porque já estou habituado com essas situações. Mas pela Willa. Ela está triste. Mesmo que me diga que não, eu sei que está.

Não avançamos com a conversa, por termos noção do quanto afetava Barton.

Desde o jantar fatídico logo depois do noivado, que havia uma tensão entre a família de Willa e Barton. James Barton era um homem transgênero. Mas, assim como ele não devia a ninguém explicação, ele não precisava dizê-lo à família de Willa. A insistência de uma possível gravidez fez com que Willa acabasse por dizer os motivos, após desviar de tantas questões. E, até ao momento, esse dilema estava afetando a convivência entre eles.

Não conseguia imaginar como era a rebelião de sentimentos que Barton estava sentindo. E não havia nada que pudessemos fazer além de o apoiar nas suas escolhas. Todavia, não entrava em dúvidas se ele pedisse para pegar numa arma e assustar aquela família, nós o faríamos de bom grado.

— Ah, foda-se eles. — Mickey exclamou, quebrando o sigilo. — Eu ainda não estou acreditando que vou ser tio. Posso escolher o nome? Se for garoto, tem que ser Kian. Nome de um gostoso, inteligente, bom samaritano. Não tem como negar.

Semicerrei o olhar, pegando mais uma garrafa do balde de gelo. Sentei-me e os outros acompanharam o meu movimento.

— A criança nem nasceu e você já quer que ela sofra? — Barton bloqueou o seu riso, encostando o dorso da mão à boca. — Calma aí,

ratinho.

— Me respeita, palerma. Mal posso esperar para ensinar como conduzir e levar a ver todos os filmes de Star Wars.

— Ele não vai nascer com dezesseis anos, Mickey — Barton diz, gargalhando.

— Sério? Não fazia ideia. Já estava começando a elaborar palestras em como pegar as suas colegas de casa.

— Não começa de novo com essa merda — rebati em um grunhido furioso.

— Não é você que vai ser pai. Controla a emoção. — Barton direcionou a garrafa para o meu peito. — E certamente vou ensiná-lo a não dormir com a sua colega de apartamento.

— Já vai começar o jogo. Calem-se — resmunguei, tragando a cerveja em um gole raivoso pela traqueia.



Vesti a bermuda e a *t-shirt* antes de sair da banheira. Evitava andar de tronco nu pela casa, por mais que eu tivesse essa necessidade.

Continuei enxugando os cabelos, enquanto caminhava até a cozinha, verificando se o arroz estava cozido. A minha tranquilidade terminou assim que escutei vozes vindas da televisão.

Paralisei na sala, observando Reese com o seu típico pijama de verão, mesmo que estivéssemos no início da primavera e, a qualquer instante, iria chover com a mesma potência de granadas.

Ela vestia um short azul e um top branco com um desenho. As suas coxas estavam expostas e a tatuagem do dragão chinês destacando na sua pele marrom. Não pude evitar encarar o desenho das suas costas. Era um coração esfaqueado por várias adagas. Era lindo, mas extremamente trágico se fosse considerar o significado.

Aurora estava de braços, a sua bunda redonda e empinada perfeitamente acentuada na roupa. A visão seria deslumbrante se aquela mulher não fosse um inferno de conviver. Era só enxergar o panorama da

desarrumação que se encontrava a casa. As suas duas bolsas na poltrona, alguns pratos de restos de comida na mesa para serem lavados e o lixo cheio há dias eram maneiras dela me deixar irritado.

Reese fazia de propósito, mas mal ela sabia que o número de vezes que já pensei em puni-la faria com que não estivesse tão relaxada em uma posição tão cruel.

— Diminui o volume, Aurora — pedi, respirando fundo e dando dois passos para o espaço da cozinha.

— Por que razão?

— Porque estou te pedindo — exclamei, colocando a toalha no ombro e abrindo a panela.

— Eu estava em paz aqui na sala. Se você não quer escutar, fique no seu quarto. É simples.

Desliguei o fogão e caminhei novamente até à sala. Os seus ombros sobressaltaram pelo susto que levou no momento que roubei o controle da sua mão e pressionei o botão de desligar.

— Eu estava assistindo! — reclamou, cruzando os seus braços e substituindo a surpresa pela sua expressão óbvia de ego machucado. — Me dá o controle.

— Você não consegue respeitar quando alguém te pede para *não* fazer?

— Respeitar você? Que piada... Te respeitar não está na minha lista de boas vontades.

— Então faça uma lista nova para que eu não tenha que ir por outros caminhos para te colocar na linha, Reese — pontuei, enfiando o controle no bolso e seguindo novamente para a cozinha.

Escutei os passos de Aurora atrás de mim.

Percebi como uma certa mão rastejou na minha bermuda, quase tocando em um lugar sensível. Fui capaz de a impedir, fixando a sua palma na banca da ilha com os dedos enrolados em seu pulso.

Decifrei os seus olhos violentos, que se tivessem boca, estariam disparando palavrões.

— Você praticou algum tipo de arte marcial? — indaguei.

— Isso não é da sua conta.

— A partir do momento que estamos vivendo sob o mesmo teto, cada grama de você é da minha conta. A não ser que eu veja a sua bunda fora daqui, até ela será da minha importância.

— Nos seus sonhos — disparou, rangendo entredentes.

Ela franziu o nariz com raiva e apreciei como o seu rosto era um espelho limpo de como ela realmente estava acarretando uma grande raiva de mim.

Era uma expressão crua e fria. E era mais excitante do que amedrontador.

— Então, você não é uma assassina contratada?

— Acredite, se eu fosse, os pedaços do seu corpo seriam o meu próximo enfeite de Natal.

A sua voz saiu sussurrada pela aproximação entre nós.

— É bom saber que sou tão amado a ponto de você já querer passar o Natal comigo.

— Você é um canalha — ela suspirou em um rosnar.

— Já te disseram o quanto você fica fascinante irritada?

— Já te disseram o quanto você é um filho da mãe, cretino presunçoso, com o ego mais inchado que a porra de um balão?

— Felizmente, você não é a primeira mulher. Já tive atrito com outras.

— Bom saber que a minha opinião é universal. — Os cantos da sua boca subiram. — E lamento pela morte dolorosa que essas mulheres tiveram que passar ao estar com você.

— Não lamente. Elas estavam muito felizes enquanto enfiavam o meu pau na boca, se é o que quer saber.

Aurora inalou tão fundo que quase pude ver o ar adentrar as suas narinas. Os nossos pulmões pareciam reduzir o diâmetro entre eles devido à pouca separação entre nós. Era difícil me concentrar nas suas esferas quando eu tinha os seus lábios entreabertos em poucos centímetros — talvez milímetros — para poder provar.

Provar o perigo na sua forma mais humana e viciante.

— Deve ter gosto de dinheiro para elas não terem sentido o cheiro de podre. — A língua serpentou pela sua boca e eu me vi seguindo o seu trajeto. — Conheço o seu tipo.

— Conhece? — Levantei a sobrancelha. — O meu tipo teria comprado esse prédio e arremessado você da janela.

— Não tente me amedrontar com a sua influência. Se quer comprar o prédio, faça-o. Mas não sairei daqui. Nem que eu tenha que arremessar você pela janela.

— Se submeteria a tanto trabalho só por causa do seu orgulho ferido?

— Me submeteria até por mais para confirmar que eu não obedeço a ninguém, *o que inclui você*.

— Oh, você vai — sussurrei, caindo em seu ouvido. — Pode começar a ficar quietinha, senão acabarei com a sua diversão em um instante.

— Já disse, não tenho medo de você. Nem das suas ameaças. Nem que me colocasse atada, nua, pronta para queimar.

O seu tom saiu gotejado de persuasão e a lascívia que caiu terrivelmente bem na sua persona viciante.

— Está expondo os seus fetiches ou é um convite para que eu te coloque atada e nua? — indaguei, apreciando a sua falta de compostura repentina, mas rapidamente voltando.

— Nem ouse ir por esse caminho — avisou. — Eu sei que é uma tentativa sua de me quebrar, mas eu não vou levar a sério.

— Eu sei que não, Aurora. É isso que me intriga em você. Mas também me mostra o quanto é ingênua.

Contorci os lábios, viajando para o seu pescoço e seu corpo estremeceu.

Não toquei. Nem cheguei tão perto. Apenas um suspiro quente ventou pela sua pele. Mas Aurora já estava sentindo.

E foi como se eu estivesse conquistando um território perigoso, mas eu era insano o bastante para esmagar tudo aquilo que ele possuía.

— Por não aceitar as suas atitudes dignas de um cafajeste?

— Por agir feito uma leoa faminta por guerra. — Movi a perna para o meio das suas coxas ao rastrear movimentação por parte de Reese. — Se

— você deixasse de andar à caça e me colocasse como sua presa, talvez entendesse que eu não quero nada além de ter uma boa convivência com você. — Minha perna friccionou um pouco mais. — Mas você está me fazendo agir como um predador também.

— Se eu estou faminta por guerra, você está faminto pelo quê?

O tom baixo e sensual, os olhos escorregando para uma outra região do meu rosto e a respiração cortada e turbulenta sussurravam os sete pecados que poderia cometer por ela se continuássemos assim.

Tive que manter a calma.

— Se você soubesse, estaria no mínimo a cem metros de distância.

— Eu não fujo, Denson.

— Não me desafie, Reese. Não quando você não conseguirá aguentar as consequências.

— Você realmente não tem ideia de como eu aguentaria...

Todas as más intenções estamparam meu rosto. As fagulhas de raiva estavam cessando e dando lugar a uma perversidade arrogante e recheada de orgulho entre nós.

Aurora mantinha o seu semblante delineando os mais variados tipos de cólera, mas as mordidas no seu lábio inferior, o queixo empinado e a amplitude absurda do seu peito a cada vez que inalava demonstrava que caminhávamos na mesma sintonia.

— Mesmo se eu jogasse baixo com você?

— Sei que não iria ultrapassar os seus limites.

— Talvez por você fizesse esse esforço.

— Se submeteria a tanto trabalho só por causa do seu orgulho ferido?

— Me submeteria até por mais, por mulheres que me fazem perder a cabeça, *o que inclui você*.

Aurora soltou um som no qual não soube declarar se havia sido um gemido ou não, mas entregou a reação necessária para que eu tivesse noção do que estava rondando na sua mente.

Os seus olhos pesavam e a qualquer momento ela iria fechá-los. A cada movida singela que eu fizesse com a perna, Aurora tremia e arranhava a bancada que, por consequência, reagia na pele da minha mão.

Eu explorei o seu peito e a desarmonia da sua respiração, sondando os lugares mais estratégicos e exclusivos para pousar a minha boca. No entanto, os meus pensamentos foram empacotados e jogados fora, assim que os alertas piscaram em uma região em particular.

— Reese.

— Denson.

— Você não está pegando no controle, e sim em algo bem maior que ele. — O seu corpo murchou e a vergonha acomodou-se em seus músculos e ossos. — Se quiser ferir o meu ego, não será *aí*. Você está o aumentando e não diminuindo.

Tornei a erguer o meu corpo de modo a encarar a sua pele lúcida e a sua expressão espelhando uma mistura de indignação, raiva e vergonha.

A desestabilização gotejando em suas orbes ofereceu-me um sabor de vitória.

— Já falei, Reese. Não me desafie. Já vi o seu jogo se repetir e o número de vitórias nunca ultrapassou o zero.

Aurora semicerrou o olhar.

— Quantas mulheres já quiseram roubar um controle?

— Nenhuma quis tanto tocar em um até agora.

— Babaca — disparou, cruzando os braços.

— Me diga algo que já não tenha saído dessa boca. Você é a única que está usando técnicas de sedução para ter o que quer. Talvez esteja na hora de deixar essa posição de atacante.

— Não vou. Falei que iria fazer você correr com o rabinho entre as pernas para fora daqui, se não quiser ir de livre e espontânea vontade.

— Que bom que eu sou educado, Aurora. Irei te dar a vantagem dessa corrida.

Reese não deixou escapar a oportunidade de dar a sua típica revirada de olhos e franzir o nariz.

— Você é ridículo. Me dá a porra do controle e me deixa em paz.

— Seja mais mansa.

— O quê? Não me faça repetir, Denson.

As linhas da sua testa crispadas, a voz rangendo entre os dentes e os seus orbes fumegando quase geraram um sorriso brincalhão em minha boca.

— *Por favor* — soprei. — Gosto dessas duas palavras. Quero te ouvir dizer.

Em um segundo, Reese estava se inclinando para extorquir novamente o objeto do meu bolso, mas o meu reflexo foi mais rápido e pude tirá-lo antes que ela o detivesse. Aurora ponderou em dar um pulo pela flexão dos seus joelhos, contudo seria muita infantilidade por mais que a nossa guerra não estivesse muito longe da categoria.

— Você só pode estar brincando.

— Diga e eu te devolvo.

Reese mordeu o lábio, os dentes cravaram e deslizaram tortuosamente.

Uma tentação nem um pouco angelical.

— Me dá a porra do controle, filho da puta. *Por favor*.

Por dentro, ri pela agressividade e deboche escorrendo pelos seus lábios e encostei o controle em seu peito.

— Boa garota — provoquei.

Ela o retirou abruptamente e, lançando antes um olhar mortal, seguiu para a sala.

Balancei a cabeça intrigado, pensando em como seria possível ter uma mulher de tantas facetas interessantes. Por mais que eu ainda estivesse com um pé atrás sobre Reese, não conseguia negar a sua aura cativante.

Nunca tinha tido a chance de confrontar uma mulher como ela. Era impossível não ver as consequências do que seria conviver com Aurora durante tanto tempo, porém eu tinha aceitado esse desafio.

No segundo em que girei os tornozelos rumando até a geladeira, captei de soslaio Aurora se aproximando de novo e suas mãos espalmadas na superfície da ilha. Por consequência, ela curvou e tive que saltar a vista do decote da sua blusa, que exibia os seus seios e a pele da barriga.

— E, Denson, eu não estou tentando te provocar. Se eu estivesse, você nem conseguiria segurar o seu amigo. — Enruguei a testa. — Controle-o. Ele estava bem animado quando o toquei.

Assim que ela terminou, aprumei os ombros preparando para dar uma resposta sádica, mas Aurora não esperou. Como se fosse uma brisa, ela já estava longe.

A TV foi novamente ligada e o volume manteve-se na mesma potência que antes.

Deslizei a mão pelo queixo, apoiando-me no plano de mármore e encaixando pensamentos e motivos para continuar nessas paredes fechadas com Reese.

Diabólica.

9

“Não é amor, não é ódio, é apenas indiferença.”
I Forgot That You Existed, Taylor Swift

Harper Reese

Não fui capaz de dormir.

Eu sequer fechei os olhos para fingir que dormia. O meu cérebro era traiçoeiro, mas não era burro.

Poderia culpar Andrew pela minha noite de sono perturbada.

Porém, não havia sido esse o problema para a minha má noite. Tinham sido lembranças de infância. A minha mente era um lugar profundo, um mar calmo e relaxado que, às vezes, por gatilhos que eu não identificava, poderia gerar a mais temida das ondas. E com isso, trazia as memórias mais perdidas em baús afundados há anos.

Eram momentos comuns, apesar de tudo.

Dessa vez, a lembrança era relativa ao meu sonho de viajar para a Escandinávia, mais precisamente, para a Noruega, e visitar um dos meus céus favoritos. Esse sonho tinha crescido pela minha educação. Os meus pais eram astrofísicos, porém a minha mãe era professora de Universidade e o meu pai diretor de um planetário.

Eu me apaixonei por todo o conhecimento que eles traziam até mim. Graças a eles, apaixonei-me pelo universo e toda a sua quântica, mesmo

que eu não conhecesse um milésimo da grandiosidade aterradora que ele era.

Não segui o ramo das exatas e astros. Quis fazer a minha carreira em Enfermagem pelo desejo de cuidar de pessoas.

Não foi a fase mais bonita da minha vida. Eu tinha me tornado um caso perdido quando as minhas maiores inspirações faleceram.

Felizmente, consegui me reerguer. No entanto, a incessante sensação de perda por não ter a oportunidade de contar aos meus pais que estava bem, me formei e trabalhava era como um transplante de um coração para uma pedra.

Eram momentos sucintos. De certa maneira, esquisitos. *Muito* aflitivos. Mas passava. Durante os últimos oito anos, aprendi a reviver esses momentos e conseguir deixá-los ir sem medo.

Eu me lembrava como eles tinham um novo apelido para mim, dependendo do meu humor. Às vezes me chamavam de *Estrela*. Tinham momentos que eu era uma *Supernova*. Eu tinha preferência por quando me chamavam de *Andrômeda*.

Eu me sentia amada quando me apelidavam. Era um ato de carinho, proteção, afeto. Mas só gostava quando era por eles. Porque, para mim, estar envolvida da mesma maneira com outra pessoa está na mesma linha do dicionário de vulnerabilidade.

Frio. Sufocante. Assustador.

Às sete da manhã, escutei os passos de Andrew. Não precisava confirmar para saber que ele estava se preparando para a academia. Para meu azar, a minha bexiga pediu por esvaziamento e tive que levantar revoltada e rumar até ao banheiro.

Fui a passos mortos para que Andrew não se desse conta da minha presença, no entanto, ele não saiu da cozinha. Quando terminei o que tinha que fazer no banheiro, como uma criança brincando de agentes, espiei-o.

Denson encontrava-se com um regador na mão, em um ângulo perfeitamente calculado para despejar a quantidade certa de água nas plantas. Ele vestia calças típicas pretas de moletom e um robe aberto, com as mangas arregaçadas e as tatuagens nos seus pulsos ainda mais salientes.

O Sol nascendo pela janela irradiou as áreas estratégicas do seu rosto, deixando à sombra os seus olhos e a mandíbula cerrada. Era artístico e

divino, o que proporcionou a uma inalação fatal de ar por não suportar como aquela criatura havia sido esculpida por mãos diabólicas.

Toda a sua essência malévola e despretensiosamente grandiosa não combinava com a delicadeza que ele tinha regando as plantinhas.

Havia algo bastante humano naquilo. Bastante sensível.

Por pouco tempo não fui pega já que ele se virou repentinamente. Retornei ao meu quarto, me jogando na cama feito um saco de batatas, esperando o capote do sono. Mas como era de se esperar, ele não veio.

Até o meio-dia quando o meu celular tocou.

— Axel! — clamei, com a voz entupida. Não tinha dormido, mas eu soava como se tivesse passado doze horas em um sono mais profundo.

— Está livre hoje?

— Sim, sim. Eu estou.

A porta de casa foi aberta e escutei a voz de Denson, não direcionada a mim, e sim provavelmente a uma pessoa do outro lado do seu celular.

— A Noah está quase fazendo aniversário — disse. — Preciso comprar alguma coisa para a minha namorada. Pode me ajudar?

— Claro. Não tenho nada para fazer. — Dei de ombros, embora ela não conseguisse enxergar. — A que horas?

— Daqui a uma hora. Já estou pronta. Vou só abastecer o carro.

— Em uma hora? Você sabe que é impossível.

— Faça acontecer nem que tenha de chamar a fada madrinha. Até já!

Não fui capaz de a insultar, pois Axel desligou na minha cara.

Em um solavanco, coloquei-me de pé e peguei nas minhas coisas para tomar a ducha.

Esbarrei-me com Andrew que se encontrava perturbado. Por pouco, perguntei se estava tudo bem, mas o acontecimento do dia anterior levou-me à razão e ignorei-o, dirigindo-me ao banheiro.

Demorei mais tempo do que previa, pois não tinha encontrado os meus produtos. Denson tinha a mania chata de arrumar tudo em armários, mas eu me organizava na minha própria bagunça e me perdia se não tivesse do jeito que eu lembrava.

Logo após a ducha rápida a que me comprometi, voltei para o quarto desesperada para encontrar uma boa roupa.

Recolhi um cropped preto e umas calças jeans claras. Dava a simplicidade e sofisticação que eu tanto amava exalar.

Contudo, se eu supunha que perderia tempo procurando pelas roupas, estava enganada. Vestir o cropped era uma tarefa armada pelo próprio diabo. Eu tentava prender a fita das costas que o deixava ajustado ao meu corpo, mas sempre que o fazia, os meus peitos pulavam do decote.

Comecei a ficar frustrada por algo tão inútil, portanto estava decidida a deixar o cropped e vestir uma camiseta grande para contraste.

Sem pré-aviso, baques na porta sobressaltaram os meus ombros e roubaram a minha atenção. Andrew estava do outro lado com a porta aberta, a raiva tomando posse de todo o seu semblante.

— Posso entrar? — perguntou potente, mas suavizando o tremor que a sua voz gerava nas paredes e em mim.

— Ahm, por-

— Posso te ajudar com isso. Você parece estar prestes a explodir.

Você também, a minha pequena mente disse, mas sufoquei o rebate.

— Não sei se você vai conseguir.

Ele não disse mais nada, andando vangloriosamente na minha direção.

Foi um momento tenso. Não de um modo negativo, mas o suficiente para uma sensação nocivamente boa formar uma crosta por todos os meus ossos e petrificá-los.

E, instantes depois, tinha os seus dedos puxando o meu cropped e atando as fitas em uma agilidade fenomenal. A sua respiração golpeava as costas do meu pescoço, um ar denso e pesado externado pelas suas narinas devido à raiva que ele parecia domar dentro de si.

Mas, estranhamente delicado, Andrew mexeu as mãos sem me machucar ou me desconfortar.

Denson finalizou o ajuste, subindo-o no meu peito. Eu guinchei surpresa com os meus seios pulando, mas ficando firmes na roupa.

— Satisfeita?

A pergunta sai num ronronar tragicamente delicioso.

— Sim.

E eu respondi tragicamente acabada.

Ainda incrédula, torci o pescoço e capturei os seus lábios com o olhar. Me perdi no tempo até escadear o seu rosto para cruzar os orbes. Enxerguei o meu reflexo atordoado e, impactado neles, travei na dúvida do que ele estava pensando sobre mim.

— Ótimo.

Foi tudo o que saiu da sua boca antes de sair e fechar a porta do quarto, que sempre esteve aberta, mesmo quando eu me vestia.



Minha cabeça estava fervendo.

Era estranho como eu me esquecia, por vezes, que estava morando com um homem, especialmente um que eu não conhecia, e não poderia baixar minha guarda.

Embora eu acreditasse que Denson não fosse fazer nada comigo, por ser protegida de Austin e amiga da Axel, eu ainda sentia que precisava do meu bem mais valioso perto da cama durante a noite.

Estaria sempre pronta a atacar. Mesmo que nem sempre eu conseguisse, sabia que era capaz.

Mas, de manhã, eu tinha lapsos de esquecimento, como havia acontecido. E era um perigo.

— O que você acha, amiga?

Libertei-me do meu torpor, admirando a bolsa castanha nas mãos de Axel. Estávamos no shopping *Hera* indo de loja em loja à procura de um presente para a sua namorada. O meu peito estava ainda revoltado pela confusa mistura de sentimentos melancólicos dos meus pais.

Agora, os meus pensamentos eram dominados pelas dúvidas perante a atitude de Andrew. De como o seu toque causou um calafrio pela minha coluna, estremecendo as minhas entranhas. De como os seus dedos

deslizaram pela fita do meu cropped e puxando com a força perigosamente gentil. De como o seu timbre adotou uma potência calamitosa ao perguntar se eu estava *satisfeita*.

— Depende da personalidade dela — respondi, soltando o ar acumulado.

— Bom, ela adora moda. Ama comprar roupas que nem sequer vai usar. Só o faz porque sabe que pode ter.

— Por isso que eu amo a Noah. Somos parecidas.

— Até demais. Me pergunto como não me apaixonei por você sabendo que a minha namorada é uma cópia sua quando falamos de personalidade.

— Eu lembro que você falou que foi por causa da pegada dela.

— Ah, pois é... Ela beija bem demais. E outras coisas também.

A língua de Axel fez um passeio típico de quem estava se divertindo com a mente.

— Seriam detalhes interessantes caso eu tivesse interesse em saber. O que não é verdade.

Axel gargalhou.

A minha amiga ajeitou os seus cabelos escuros e escaneou a bolsa que ocupava a sua mão direita.

— Talvez comprar mais acessórios não seja a melhor ideia, não é?

— Que tal nós irmos até outras lojas que não envolvam roupa? Podemos ir para uma livraria.

De supetão, a boca de Axel abriu num sorriso radiante.

— Sim, Harper! Sim! Ela ama material de papelaria.

A minha amiga bateu palmas animada logo após eu levantar o polegar em afirmação. Ela devolveu a bolsa ao seu lugar e puxou-me da saída da loja em direção às escadas rolantes.

— Então, como você está se sentindo de volta a Fokley?

— Normal. A cidade não mudou muito.

— Creio que não. Eu não estou saindo tanto quanto antes, então não sei o que tem de novo pelas redondezas — lamentou Axel.

— Como tem sido trabalhar no instituto?

— Legal. Eles não costumam se ferir muito, então fico mais na parte da terapêutica e toda a administração de entrega de medicamentos e nos cursos de saúde para outros integrantes.

Finalmente alcançamos o chão e mantivemos os passos ritmados.

— Parece interessante.

— É interessante, mas não tão intenso quanto se fosse em um hospital.

— Imagino.

Axel endireitou a alça da sua bolsa e eu pesquei as duas mechas soltas do meu cabelo que não tinham sido atadas para grudarem atrás da minha orelha.

— Tive que fazer um ano de curso antes de começar a trabalhar lá e valeu a pena. Apreendi novas coisas que não nos ensinaram na faculdade.

— Talvez um dia eu queira aprender também — confessei.

— E quem sabe você queira trabalhar na Academia.

— O seu irmão iria enlouquecer.

Não disse exatamente qual, já que Axel não fazia ideia de que eu dormia com Austin. Ela acabou interpretando como uma indireta para Andrew.

— Como está sendo conviver com Andrew? — Revirei os olhos para evidenciar o meu esgotamento mental apenas pela formação do seu rosto no meu consciente e o pronunciamento do seu nome. — Amiga, peço novamente desculpas. Não sabia que vocês se conheciam e tiveram um encontro tão... estranho.

Eu havia falado com Axel assim que ela viu o número imenso de chamadas perdidas. Tivemos uma conversa curta, porém arrancou gargalhadas da minha amiga como se ela tivesse em um circo e fosse uma criança de seis anos sem medo de palhaços e amasse vê-los tombar.

— Conviver seria apreciar a presença dele, e isso definitivamente não está acontecendo.

Axel não controlou o ataque de riso eufórico.

— Você é ridícula. Nunca irei te perdoar — garanti.

— Não sei porque vocês estão tão incomodados com a presença um do outro. — Entramos na livraria sendo recepcionadas pelo calor do condicionador de ar, o que me fez tirar o casaco e sacudir a mão como um leque. — O Andrew sempre foi uma pessoa reservada e quieta. Eu nunca sabia se ele estava em casa ou não quando morávamos na mansão. Era muito estranho. Quando saía de casa, deixava o quarto sempre arrumado. Se ele cozinhava e sujava a cozinha, limpava-a e deixava exatamente como tinha encontrado, mesmo que tivéssemos empregadas para esfregar cada mosaico da parede. Acredito que o tempo que ele passou no colégio militar o fez uma pessoa muito organizada e silenciosa. Ao contrário de Austin que sempre foi mais festeiro, mulherengo e barulhento pra caralho.

— Ouvi falar que o Andrew é um galinha também.

Axel moveu-se para uma das mesas de exposição de papelaria no meio de estantes abarrotadas de livros. Como era esperado, não tinha muita gente e aliviou-me por ver que o pouco de pessoas que tinha, estavam ocupando os funcionários das lojas. O meu peito murchou em uma satisfação desmedida por não ter sido abordada por ninguém.

— Não acho — ela declarou. — Sempre ouvia as minhas amigas dizendo que ele ficou com uma tal garota, mas não costumava o ver transando por aí. Só que, meu Deus, eles são os meus irmãos. Não imagino as minhas amigas enfiando a língua na boca deles.

— Se acontecesse algo, certamente não seria a língua a única coisa sendo enfiada, eu suponho.

— Meu Deus, Harper. Vou bater em você.

A carranca de nojo de Axel despencou-me em uma risada que grudou no ar.

Eu teria contado à minha amiga que estava ficando com o irmão dela. Era difícil guardar o segredo, mas Austin tinha me pedido quase de joelhos para que eu não contasse que ele e Michelle estavam nesse casamento contratado. Ao que parecia, Axel nem sabia que era um matrimônio por conveniência.

Por isso, guardava o segredo a sete chaves, mas estava disposta a lidar com as consequências se ela nunca mais quisesse olhar pra mim quando descobrisse, embora eu imaginasse que Axel fosse ser uma pessoa compreensiva.

— Felizmente, Austin e Andrew são mais velhos. A diferença de idade poupava-me que eles ficassem com as minhas amigas.

— Nem mesmo as burguesas?

Recolhi uma caneta do pote de várias e a analisei para encenar uma pergunta nada intencional em saber um pouco mais sobre quem Andrew pegava.

— Nem elas. Mas costumavam pegar as irmãs mais velhas. O bom que Michelle fez o meu irmão se apaixonar, mas Andrew tem um coração de ferro e isso não aconteceu com ele.

— Ou talvez não tenha coração — aleguei e ela sorriu em concordância.

— Você também é assim quando se trata do amor.

Encrespei a testa.

— Como você pode saber?

— Porque eu te conheço. Você já arranjou um namorado, senhorita Reese?

— Não, mas você sabe. Não estou procurando por algo no momento. Nem nos próximos anos — respondi, listando a minha rotina mentalmente e como não havia espaço para namoro nem nada parecido.

— Você não mudou nada.

— E não é uma surpresa.

Axel repuxou os lábios rosados.

— Não mesmo. Felizmente, você está aqui ao meu lado e eu já não suportava mais estar longe de você, amiga. — Axel beliscou a minha bochecha e plantou um beijo molhado nela. — E não há nada que eu mais queira agora do que passar tempo com você para matar as saudades.

Fiquei paralisada pelo gesto repentino.

— Ah, meu Deus, desculpa — Axel disse em seguida, se separando.

— Tudo bem. É você.

Axel sabia que eu não era adepta ao toque sem permissão ou que não estivesse mentalmente preparada para receber. Porém, por ser uma amiga, alguém que eu conhecia há anos, o meu corpo não se assustava tanto como esperava.

— Que bom. Não quero te assustar e levar um soco. — Ri baixinho.
— Depois disso, acho que devíamos fazer uma coisa que lembre os velhos tempos — sugeri.

— Sim! Meu Deus, quero!

— Mas antes — enfiei a caneta de volta ao pote — precisamos passar na casa de uma das minhas novas amigas.



A boate *Ares* estava abarrotada naquela noite. Uma versão remix de *Work* da Rihanna agitava os pés das pessoas na pista. Já tinha tido a minha dose de rebolar a bunda, portanto aconcheguei-me na mesa bebendo o meu *punch*. Axel ainda estava no meio da pista, dançando e curtindo o máximo que podia, ao contrário de Paige que estava sentada do meu lado vociferando incentivos à minha amiga.

Depois de comprarmos o presente da Noah, — um conjunto de papelaria colorido — fizemos uma visita na minha casa para trocar de roupa e passamos na casa de Paige para a convidar a ir conosco. Ela aceitou e, em meia hora, estávamos no carro de Axel a caminho do *Ares*.

Na pista, o vermelho intenso pela iluminação arquitetada para o espaço salpicava juntamente com um tom prateado. O calor tinha tomado uma forma física e era impossível não ter as mãos banhadas em suor e o cabelo grudado à testa. Felizmente, eu o tinha atado e não me atrapalhava, mas um mergulho na banheira de água fria seria um louvor.

— Então, você é enfermeira? — Paige perguntou, tentando se sobrepor à trilha sonora da boate.

— Sim! Vão fazer quatro anos de trabalho.

— Que legal!

— E você?

Paige semicerrou o olhar e balançou a cabeça como quem diz que não conseguiu entender. Tornei a perguntar em um oitavo maior.

— Ah! Sou arquiteta. Trabalho numa construtora.

Alcancei o meu copo na mesa e levei os meus lábios ao adorno, bebericando do álcool doce.

Vistoriei Paige e os seus cabelos crespos avolumados que ela sacudiu pelo calor que deveria dilacerar seus ossos. Ela usava um top branco que combinava com as calças da mesma cor. Era certo para o seu tom de pele negra retinta. Eu também tinha a pele escura, mas o que me distinguia era o subtom que evidenciava que eu era uma pessoa de pele marrom e não retinta. Contudo, não deixei de me sentir confortável com Paige Ambrose no primeiro instante por sermos duas mulheres de minoria racial.

— O que trouxe você aqui? — indagou Ambrose também se apossando do seu copo.

— Um dos meus pacientes faleceu. — Os ombros de Paige murcharam e ela entendeu o assunto delicado que trouxe à tona. — Era idoso, mas era uma pessoa muito amável. Cuidei dele durante meses. Ele acabou morrendo devido a um ataque vascular cerebral. Sendo bem sincera, não era algo que eu não tivesse passado antes, mas dessa vez machucou. Então, decidi tirar umas férias.

Não podia dar mais pormenores. Minha proteção dependia disso.

— Lamento tanto, Harper.

— Não lamente. Eu deveria estar acostumada com esse tipo de coisas. É a profissão que eu escolhi.

— Claro que não, amiga — declarou determinada. — Você continua sendo humana. Ver gente morrer não é algo que se deva acostumar. Só mostra como você é uma ótima profissional e tem carinho pelas pessoas que cuida.

Os meus lábios desenharam um arco sincero. Eu amava o que fazia. Amava cuidar de quem também cuidou. Era uma sensação que nunca iria conseguir exprimir em consoantes e vogais. Um tipo de comoção que só quem tinha a mesma experiência poderia me compreender.

— Obrigada, Paige — enunciei e ela compartilhou do mesmo sorriso.

Escutinei o perímetro à procura de Axel. Pousei na sua silhueta ajustada a um vestido amarelado acompanhada de dois caras. Ela indicou para a nossa mesa e não limitei a desconfiança das linhas franzidas da minha testa.

Eles caminharam na nossa direção, o charme e a cortesia ilustrada em ambos os rostos.

— Meninas, esses são Kian Wada e James Barton. São amigos do Andrew.

Liberei um arquejo surpreso, fazendo cálculos mentais em como aquele desgraçado prepotente esnobe poderia ter amigos.

— Oi! Não faça a mínima ideia de quem seja Andrew, mas vocês devem conhecer, não é? — Paige disse em uma careta cômica.

— É aquele chato com quem estou morando — murmurei.

— Ah... — Os seus olhos acastanhados sondaram Kian e James. — Eu sou a Paige Ambrose.

Simpaticamente, a garota estendeu o braço para um aperto de mãos casual. Kian demorou para soltar a sua mão, o seu olhar dissecando a minha amiga como se ela fosse um tipo de ave rara que, por uma ocasião do destino, ele estava procurando.

— Se quiser, pode me chamar de Mickey.

As linhas da testa de Paige fizeram questão de contorcer.

— Por que você tem um nome de um rato?

— Não é um rato qualquer. É o mais famoso de todos.

— Continua sendo um.

James pousou a mão no ombro do amigo e entrou na conversa.

— Ele nunca vai te contar o motivo.

— Não vou porque não há um. Foi só uma piada de mau gosto do miserável do Denson — rosnou Kian, afetado pela lembrança nada agradável ao que parecia.

Axel tapou a boca em uma intenção clara de não escancarar uma gargalhada alta. Eu e Ambrose esboçamos curiosidade em nossos semblantes.

— É uma pena porque eu estava realmente ficando interessada — confessou a minha amiga.

Os olhos estreitos de Kian foram potencializados por aquelas palavras.

— Em mim, *linda*?

— No Mickey, *gato*.

Paige levantou uma das suas sobrancelhas pela aparição de um sorriso travesso que desmantelou o rosto sisudo de Kian. Ela decidiu sentar-se e beber mais um pouco da sua bebida, ao contrário de Wada que não tirou os seus olhos da minha amiga, sondando ela como um monumento novo na praça.

— E você?

James sentou-se ao meu lado, em um dos bancos redondos sem encosto.

Ele era extremamente lindo. Era o tipo de beleza delicada, mas, ao mesmo tempo, rústica e com uma batalha sangrenta de sombras e luzes por todo o seu rosto. Talvez uma das pessoas mais lindas que tive o prazer de contemplar.

As tatuagens realçavam na sua pele branca e os olhos de gelo tinham um brilho exótico, como pontos de luz a qual valia a pena se guiar.

— Sou a Harper.

Os olhos de James estreitaram em curiosidade.

— Harper Mahesh? — Assenti. Só Andrew estava me chamando de Reese, o que me incomodava. — Você é a colega de casa de Andrew.

— Ele deve ter falado muito de mim, não é? — James apenas sorriu, um anúncio explícito de que não iria expor o seu amigo. — Colega de casa é muito amigável. Diria mais como o seu pesadelo vivo.

— Parece ser uma guerra divertida.

— Seria se eu não estivesse levando a sério — pronunciei com a intenção de que ele entregasse a informação a Andrew.

Ele podia estar achando divertido, uma brincadeira infantil de uma garota afrontosa, mas a única razão para tal baboseira era pela possibilidade de ele correr assustado para longe da minha vida.

Eu não era uma pessoa agressiva, impulsiva, muito menos indelicada com quem não conhecia. Eu agia em defesa estratégica contra pessoas como ele.

— Está aqui de passagem, certo?

Encostei na parede, ajeitando-me na cadeira para que não escorregasse e desse de bunda no chão. De relance, vi Axel, Paige e Kian

seguindo até o bar para, possivelmente, pedir por mais bebidas.

— Sim. Moro em Merley, mas vim refrescar um pouco a minha mente.

— É sempre necessário poder ouvir um pouco da nossa voz, não é?

Aquiesci em surpresa. Parte do meu coração amoleceu por ver que alguém me entendia sem que eu precisasse me explicar muito.

— Às vezes também fico assim com o trabalho — ele continuou. — Tanta coisa acontece que nem sempre notamos que está nos fazendo mal porque não demos uma oportunidade para pensar sobre o assunto. Mas quando temos um mínimo descanso, percebemos a imensidão de coisas que estava nos fazendo mal ou que poderia ser ainda mais nocivo.

Arregalei os olhos em um regozijo pleno, os meus músculos distendendo em harmonia.

— Sim! — exclamei quase como se a sílaba saltasse de felicidade. — É exatamente isso. Não tinha percebido como muita coisa me esgotava. Essa pausa está me fazendo refletir bastante. E sair da cidade está me colocando em um ambiente muito mais saudável. Tenho saudades da minha casa, das minhas colegas de trabalho, porém não tenho arrependimento em ter pedido por essas férias.

— Fico feliz por você.

Entreguei mais um sorriso feliz a Barton. Ele era uma pessoa boa sem tentar. Era tão detestável quanto incrível.

— Mas, claro que — continuei —, se não fosse pelo seu amigo, eu teria umas férias muito melhores.

A sua risada aglomerou-se no mesmo ar que a música *Woman* da Doja Cat. Os meus ombros bailavam em silêncio e eu cantarolava na minha consciência.

— O Andrew não gosta muito de boates? — perguntei, rodeando o dedo pela curva do copo.

— Ele é — respondeu, debruçando os braços. — Mas ele está ocupado com assuntos importantes e não pode vir. Mesmo assim, Kian me arrastou para virmos comemorar.

— Comemorar o quê? — A curiosidade patenteou minhas cordas vocais antes que eu as impedisse.

— A minha paternidade.

Não escondi a felicidade genuína que estampou minha boca. A alegria imensa drenou meus batimentos cardíacos por ver o rosto ruborizado de James e como ele estava ansiando dizer. Podia ver em seus olhos que, se pudesse, estaria gritando aos sete ventos que iria ser pai.

Era fofo.

Não negava que eu tinha gostado dele e o achava muito lindo, por isso, na minha mente, estava ensaiando como deixar claro que queria dormir com ele. Mas a vontade se perdeu para dar lugar a um respeito tremendo por alguém que tinha os olhos brilhando pela sua paternidade.

Era difícil imaginar que Andrew tinha esse tipo de amigos.

— Meus parabéns! Ah, meu Deus! Fico muito feliz. — Bati palmas e sacudi os ombros.

— Obrigado — ele proferiu serenamente. — Também estou feliz.

Conversamos um pouco mais, principalmente em como ele estava se sentindo e como eu tinha trabalhado com vários pais nos hospitais que também passaram pela mesma experiência que ele.

Mais tarde, Axel e os outros dois retornaram com mais umas bebidas.

Kian estava flertando com Paige. Não em palavras, mas pelos seus gestos e as verificadas lascivas pelo corpo da minha amiga.

Ambrose estava correspondendo, embora fingisse ignorar. A sua técnica era se fazer de difícil, mas as pupilas dilatadas e a contenção para não se romper em uma gargalhada a cada troca de palavras com Wada era nítido como se estivéssemos em uma sala de espelho.

— Por que o meu irmão não está com vocês? — Axel mexia no seu coquetel com o canudo. — Raramente vejo vocês separados quando estão os três na cidade.

— Assuntos de negócios — Kian respondeu, escorando o braço no mini sofá que ele se sentou.

— Ah...

— Bom, acho que está na hora de irmos dançar. — Paige bateu as mãos na coxa. — O que acha, Harper?

Ela não me deu hipótese de responder por já enrolar a sua mão no meu braço e puxar-me como se eu fosse uma carruagem de brincar. Mas eu

me mantive quieta no banco e expliquei que não gostava de estar no meio de tanta gente.

Ambrose não insistiu e foi com Axel de volta para a pista. Observei-as dançar até que os meus olhos fisgaram um cara bonito. Enquanto ainda batia papo com James, direcionei umas olhadas para ele, convidando-o para o cenário da noite da minha mente. Foi fácil. Sempre era, na verdade.

Em pouco tempo, eu pedi licença a James e direcionei-me ao cara na banca do bar. Ele estava acompanhado por mais algumas pessoas, mas não desperdicei tempo em vistoriar seus rostos.

No preciso momento que ele ia começar a abrir a boca, espalmei a mão o encurralando o que o deixou visivelmente excitado.

— Vou ser bem clara — comecei a dizer. — Será na minha casa, nos meus termos e sem troca de nomes.

Ele quis rir, porém o riso se afogou quando ele entendeu a minha falta de humor.

— Está falando sério?

— Se eu estivesse brincando, não estaria aqui.

Ele bebeu do que restava da sua cerveja.

— Gostei de você.

Dei um meio sorriso.

— Espero que esse sentimento dure apenas umas horas. — Bati na superfície de leve antes de me programar para sair. — Não demore muito. Assim que eu sair daqui, pode vir.

Não troquei mais nenhuma letra do alfabeto com ele porque não precisava mais para ter certeza que viria. Assim que a minha noite na boate terminou, soube que teria companhia para o resto da noite e poderia usar um pouco dessa dormência para afastar os pensamentos negativos da manhã.

10

“Estou tentando não esquecer minhas palavras porque quando estou ao seu redor, eu costumo continuar mudando de ideia.”

Love is a bitch, Two Feet

Andrew Benson

— Podem ir.

As minhas palavras deram comando e um bando de homens engravatados levantaram-se das suas cadeiras e, em desordem, saíram da sala de reuniões da mansão.

As minhas cordas vocais estavam no seu limite. Falei o suficiente para encher uma botija de ar ou elevar um balão de ar quente. Mas o que piorava a situação era o ódio crescente que tinha por cada um deles ali. Se pudesse, toda a minha raiva em voz estaria sendo dopada em cada soco que daria nos incompetentes que serviam Anthony.

Austin foi o único que não se levantou. A sua cara de poucos amigos era um convite escrito em letras néon de que queria conversar.

Abri os botões da camisa que pareciam sufocar ainda mais os problemas empilhados para resolver. A minha mão estava dormente pelo número de vezes que a havia esmagado contra a mesa, alguns dos pequenos ossos dos dedos querendo se deslocar da sua anatomia.

— Não é ficando furioso que isso vai te levar a algum lugar — Austin começou a dizer, elevando o seu queixo. — O pai vai saber o que

fazer.

— Porra, Austin — rosnei em fúria, esgotado pela capacidade do meu irmão em vangloriar Anthony mesmo em decisões que uma criança de quatro anos conseguia entender que não eram certas. — Ele fez um acordo de uma demanda enorme de tecnologia militar que nem a porra dos engenheiros sabiam. São aviões que nem foram testados.

— Ele está agindo conforme o trato com o governo. O pai precisava dar a garantia.

— Que desse a garantia daqui a meses, merda. Eu sei o que ele está fazendo. É apenas uma compra para o bico calado dos amigos dele do governo e desviar a mídia até ele ter tempo de ajeitar o mercado pela confusão que a morte de Donavan deixou. Ele sabe que se der errado, ele perde o poder que tem na venda e isso irá baixar a guarda para que ele seja descoberto. De onde vem o dinheiro? Como há tanta exportação sem retorno? Por que os Donavan estão sendo deixados de lado? Perguntas que ele sabe que serão feitas.

Austin fumegou pelas narinas, o dorso da mão passeando por baixo do seu nariz.

— Por que você está com tanta raiva se não é algo que te compromete?

O meu irmão não sabia como eu estava há décadas agindo por baixo dos panos para ter o máximo de provas para derrubar Anthony. O que me daria essa valia seriam os Arquivos D, mas ter em mãos só aconteceria pela boa vontade dele ou William me entregarem. Um está morto e o outro deixou de ter a posse dos arquivos pouco tempo depois da morte da minha mãe.

Eram arquivos criptografados, um tipo de software que tinha no seu armazenamento dados de todo o desvio de venda e compra rolando nos mercados fora do território e com selo dos Donavan e Denson. Estávamos falando de uma empresa que era a maior empresa de segurança nacional, portanto entrar sem deixar rastros e roubar as informações era quase como fazer matemática avançada sem saber a tabuada.

Sei que não destruiria somente o meu pai. Um governo inteiro iria por água abaixo. Muitas pessoas envolvidas na empresa que eram trabalhadores honestos perderiam os seus cargos e o que recebiam para

viver. O nosso sobrenome seria chacota e sinal de piada durante as próximas décadas, porém a vingança falava mais alto. A voz de um garoto amedrontado e enfurecido sempre gritou mais do que a voz do meu subconsciente.

Quem teria esses arquivos, usaria para vender, subornar ou para destruir. Por isso era importante que eles nunca caíssem nas mãos erradas.

— Porque eu ainda faço parte disso — eu disse.

— Você está falando como se não fosse um dos diretores da empresa.

— Mas não arrasto trabalhadores dessa empresa, muito menos a comercialização por acordos governamentais — respondi, rangendo os dentes. — Isso não é sobre ser ganancioso e querer nadar em dinheiro, desviando dinheiro para bolsos esfomeados. É a porra de vidas em jogo.

Austin tinha um ponto no que dizia. Eu estava envolvido, mas nunca foi por vontade própria. Eu era um capacho que ficou anos no exterior para poder prestar atenção em como parte da empresa se movimentava. Mas não na área do armamento. A *Denson Empire* também funcionava como uma empresa importante para a tecnologia e era isso que me comprometia na *Donavan Company*.

— Não há muito o que você possa fazer — declarou Austin. No entanto, o diálogo ficou a meio caminho porque alguns latidos reconhecíveis bombardearam no ar.

Era Dory e a Mel. Duas cadelas *tosa*, uma raça rara de cães de origem japonesa, apesar do cruzamento com outros. Eles eram perigosos a ponto de serem banidos ou precisar de papelada assinada para tê-los em alguns países, mas não era algo que impedia Anthony.

Quando era mais novo, brincava que as cadelas também eram soldadas. Elas eram extremamente observadoras, relutantes no que fazer, porém assim que viam algo como ameaça ou um incentivo do seu dono, elas se tornavam agressivas e fatais.

Embora eu as tivesse desde novo, não eram minhas e eu não possuía qualquer empatia. Já tinha sido caçado por elas por causa de Anthony. Não foi apenas uma vez. Tinham sido cinco vezes e em todas elas eu acabei perdendo.

E, durante a minha infância, o cheiro delas estava impregnado em mim como se me tivessem jorrado um balde de merda.

— Ele chegou. — Austin colocou-se de pé, endireitando a gravata e o paletó.

— Vou embora.

— Você não vai falar com o pai? — perguntou, mas recebeu como resposta a minha ignorância.

Saí da sala de reuniões, encaminhando-me para as escadas que iriam me levar até o piso inferior. Contudo, os latidos ferozes das cadelas prenunciavam que Anthony já estava a uma distância razoável.

— Andrew.

O meu nome retumbou pelas paredes do corredor como passos brutos. Virei o tronco para ter o acesso da visão do meu pai andando com a ajuda da bengala.

Os meus dedos voaram até o cordão do meu pescoço para poder sentir a frieza metálica na pele, antes que eu pudesse explodir por apenas sentir o cheiro tabágico e de vinho caro que acompanhava Anthony como uma tatuagem.

— Você já está indo?

— Tenho coisas a fazer — respondi, escorregando as mãos nos bolsos da calça.

— Como foi a reunião?

— O mesmo de sempre.

Ele mantinha os seus passos lentos, a bengala colidindo com o piso de porcelanato acetinado.

— Tenho uma reunião daqui a pouco, mas precisamos falar.

— Sobre o quê? — perguntei com descaso.

— Os arquivos.

Com duas palavras, a minha atenção teve a sua ótica aumentada.

Espontaneamente, o semblante do homem traçou a cólera viva e sangrenta que eu tinha na memória do garoto de oito anos. O mesmo garoto cujo pelo arrepiava pela presença do seu querido pai.

Não havia nada nele que não me assustava antigamente.

Agora já não.

— O que tem?

— Eles foram duplicados. Alguém os tem.

Neguei-me a responder. Eu já sabia. Donavan não iria morrer sem fazer o que estava proibido.

— Austin deve te ajudar a resolver isso.

— Eu preciso da sua ajuda — disse em ordem. — A *Denson Empire* é muito mais que uma empresa. Ela tem um nome a zelar. Uma ordem, tradição e uma lista de regras e deveres que eu ergui. Se não soubermos por onde passam esses arquivos, vamos perder tudo isso.

Poderia romper em uma gargalhada feia. Me perguntei como o meu sangue tinha vestígios de Anthony, sabendo que repulsava tudo o que se referia a ele.

A *Denson Empire* era regida por predadores salivados pela posse do controle. Nada mais. Não era uma tradição. Não era um nome. Era uma chacota doentia e corrupta.

— Não agora. Preciso ir para casa.

Austin surgiu da porta, o rosto enfatizando que ele estava escutando e ponderando se aparecia ou não.

Anthony o encarou por nanossegundos prudentes e aquiesceu, a bengala resvalando o pelo castanho da Dory que estava do seu lado esquerdo. As cadelas estavam mais calmas, pareciam entediadas por não terem com o que se divertir.

— Vou indo.

Comandei os meus pés a direcionarem-se para a escadaria de madeira e descer

Eu tinha me dedicado a ajudar o meu pai a fazer a *Denson Empire* crescer. Ligar um instituto militar para uma multinacional de segurança privada era fácil, mas fazer inúmeros governos aceitarem, valorizarem e não desconfiarem do que poderia surgir dela era um bicho de sete cabeças que eu não esperava conseguir matar. Mas fui. E eu tinha ódio de mim por ter deixado Anthony supor que faria isso por ele sempre.

Eu fiz. Mas nunca em prol do que ele queria, e sim como iria trabalhar para que, no futuro, eu pudesse usar contra ele.

Foram anos de estratégia. A maioria dos departamentos da empresa tinham sempre a minha aprovação. Isso me ajudava a controlar e a ter as

informações necessárias, no entanto, dessa vez Anthony fizera algo que eu não previa com pessoas que eu não tinha tido o contato. Isso me deixaria para trás e eu estava ali para ter o trunfo nas mãos.

A notícia de que os arquivos tinham sido duplicados também não era das melhores. Eu sabia o que aconteceria caso descobrissem quem tinha.

Sorrateiramente, o ódio cresceu como uma erva daninha. Golpeou em socos profundos no meu peito e abriu um buraco. Lembrar da minha mãe era o que movia a minha raiva. O que me movia para continuar ali.

Não era por mim. Não era pela minha infância.

Era por ela.

Eu teria que ter esses arquivos. Precisava descobrir quem os tinha e usá-los a meu favor.

— Drew, o que você está fazendo aqui?

Michelle Donavan paralisou na minha frente, a recordação de anos atrás voltando em uma maresia fiel à praia.

Reparei como os seus cabelos estavam mais longos e as maçãs do seu rosto mais salientes. Como o sorriso triste e a postura diplomata não havia desaparecido.

Já fazia anos desde a última vez que a tinha visto.

— Pintando as paredes — respondi.

— Parece que você continua com a mesma frieza — brincou, encurtando a distância.

— Se está procurando por Austin, ele está na sala de reuniões.

— É, eu sei. Ele me disse.

O silêncio pesou com o barulho da máquina de cortar a grama do outro lado da parede.

— Fica bem, Donavan — pronunciei, por fim.

Iria voltar a iniciar as passadas, porém a voz de Michelle me impediu.

— Mich... Era assim que você me chamava. — Virei, mirando os seus olhos marejados em saudade. — Voltamos à formalidade em que me chama pelo sobrenome?

— Força de hábito.

— Eu não sou um militar.

— Mas é casada com um — respondi.

Michelle sacudiu a cabeça.

— Casada... Nunca pensei que acharia graça dessa palavra. Lembra quando eu te dizia que era um sonho ser mãe e ter um grande noivado? Como é possível agora ter perdido tanto significado? — Ela suspirou. — Mas eu aceitei. Fiz isso por você. Eu quis.

A carga das suas palavras contrabalançou meus ombros.

— Você não contou...

— Ao Austin? — atalhou. — Não. Eu não faria isso. Apesar de você agir como um ingrato, depois de tudo o que tentamos juntos.

A sinceridade apalpou as sílabas pronunciadas, mas não aliviou a angústia. Ela tinha razão.

— Lamento pela sua perda — proferi.

Michelle sorriu levemente, me olhando como um cínico e falso.

— Eu sei que não. Você odiava Donavan assim como odeia seu pai. E eu também não tenho muito a lamentar pela morte do meu tio.

— Mas talvez pela minha.

Ela gargalhou como se fosse a melhor piada que ouviu em tempos.

— Nunca quis você morto. Talvez que sofresse? Sim. Mas não morto. Você não precisava carregar um peso que não é apenas seu.

Era fácil falar, mas impossível destruir a mente teimosa quando se apegava a uma afirmação.

Michelle conhecia algumas facetas minhas. Ela não me deduraria, por mais que tivesse uma ideia, ou em tempos, soubesse o que eu estava fazendo na cidade. O que eu queria com a *Denson Empire* e a *Donavan Company*.

— Não estou. Ele não é só meu. — Ela bufou. — Preciso ir. Quando eu puder, venho visitar Mark.

— Você é sempre tão distante — ela pronunciou, com uma entoação pesada.

— Agora por motivos diferentes.

— Que continuam sem fundamentação.

Torci a boca.

Eu tinha uma ligação muito maior com ela, mas se perdeu por uma escala de acontecimentos que eu não desejaria a ninguém. Agora cada um seguia a sua vida e sabia como suportar os segredos do outro.

— Fica bem, Donavan.

— Você também, Drew.



Seis da manhã.

Eu deveria pegar minhas roupas e ir para o ginásio para me livrar do stress, desanuviar um pouco a mente. No entanto, ao entrar em casa, senti algo diferente.

O meu instinto dizia que talvez eu precisasse me preocupar. Porém, não conseguia pensar em nada mais além do que Aurora na sua tentativa de me deixar louco.

Deixei o capacete no chão, perto da porta de casa, ainda na dúvida se iria sair novamente ou não. Desconfiado, girando a cabeça por todo o perímetro em busca da presença que me incomodava, dirigi-me à cozinha para pegar um copo de água.

Sentei-me na cozinha, olhando para o celular e algumas mensagens pendentes para serem respondidas. Porém, no momento que virei o copo de uma vez, a porta do quarto de Aurora rangeu e risadas uníssonas se instalaram pelo ar.

Franzi as sobancelhas quando identifiquei um cara alto, esguio e com os cabelos desgrehados ao lado do meu problema particular.

Reese não expressou qualquer emoção pela minha encarada fuzilante. Já o fedelho me olhou com uma carreta de terror e estreitou o olhar para Aurora. Ela balançou a cabeça como quem dizia que não era da sua conta e o empurrou para o outro lado.

Notei como ele queria tocá-la, dar um último beijo, porém ela se esquivou com descaso. Não era propriamente o tipo de reação vinda de

alguém com quem você dormiu, contudo ela empurrou-o para fora ainda educadamente, despediu-se e fechou a porta aliviada.

— Má noite? — perguntei, os meus olhos se escondendo por detrás da tela do celular para não dar a devida atenção.

— Você se importa?

— Claro que não, mas aquele garoto sim.

— Não o chame de garoto. Ele tem trinta anos.

— Você gosta de homens mais velhos?

Sua testa preechou. Me arrependi de ter feito a pergunta. Não queria que ela pensasse que era uma curiosidade para meu proveito.

— Para sua informação, gosto de homens que me deem uma noite agradável.

Dei uma analisada rápida no seu aspecto. Ela estava endireitando a alça do seu pijama para se ajustar no ombro, o seu cabelo impecável ainda amarrado, como se não tivesse sido tocado.

Me vi fazendo questões mentalmente um tanto invasivas. Como era possível ela ter acabado de transar e parecer como se tivesse saído de um ritual religioso?

Aurora me viu seguindo os seus movimentos e precisei disfarçar, tornando a olhar para a tela desligada do celular.

— Precisamos falar sobre os caras que você não pode trazer — disse, arranhando a garganta pelo desconforto presente.

— Desculpa? — As suas sobrancelhas unificaram-se, modelando o seu rosto confuso. — Não. Nós definitivamente não precisamos falar sobre os caras que eu posso muito bem trazer.

Aurora parecia vir na minha direção, porém esquivou-se para a bancada da cozinha, pegando em um tabuleiro e cortando algumas frutas da cesta.

— Caso você não se lembre, eu vivo aqui.

— Infelizmente.

— Ou seja, eu tenho direito de não querer quem quer que seja aqui — continuei.

— Não, você não tem.

— Me convença, Aurora.

Ela bateu com a faca no tabuleiro, espalmando as mãos na superfície e inalando fundo. Assim que virou, os seus olhos me dissecaram em chamas. A fúria orlou as suas íris castanhas, porém ao invés de me proporcionarem uma comoção negativa, o cós da calça apertou.

— Estamos conversados — declarei.

— Não, não estamos. — Ela tornou a girar e fez mais uma leva de cortes nas frutas. — Qual é a sua de sempre querer se intrometer na minha vida?

— Não estou me intrometendo. Você que não consegue conversar normalmente. Se parasse de contrariar cada coisa que eu diga e me escutasse, talvez fosse diferente.

— Você queria que eu aceitasse sem rebater?

Ela desistiu de manter-se concentrada e, finalmente, virou seu tronco na minha direção.

— Finalmente estamos chegando ao meu ponto.

— Deus, você é um otário. — A impaciência esganiçou cada sílaba do nome ofensivo. — Não entendo o motivo para essa regra sem sentido. Está com medo de me ouvir gemer alto, é?

Deixei parte do ar escapulir dos pulmões como um aviso claro.

— Aurora...

A sua linguagem corporal traduziu sensações que estavam subindo a sua temperatura em níveis escaldantes. *Pra caralho.*

— Então por que, de repente, ficou incomodado com quem eu trago? Na verdade, com os caras que eu posso querer transar?

Não ia dar bola para aquela conversa. Já tinha a minha paciência esgotada por problemas pessoais e não precisava de mais um com um sorriso travesso e os orbes fumegando.

— Não estou incomodado — disse seco.

— Você está. E muito. Mas entendi que foi porque você viu.

— O quê?

— Se você não tivesse visto alguém saindo daqui, não teria ficado raivoso. Eu posso até já ter dormido com caras dentro dessas paredes e você

não notou.

— Eu sou um militar, Reese. É impossível eu não saber quem entra e saí dessa casa.

— E eu sou silenciosa. Não faço escândalos na hora de uma foda. — A sua voz saiu arrastada. Destrutiva. Quente. — Sou bastante experiente no que se trata de foder sem que ninguém me note. — Mais um passo em frente. — De me tocar, sem que você saiba.

— Já falei que não me incomoda, Reese.

As minhas narinas abriram e o oxigênio fluiu descontroladamente pelas minhas veias. O meu peito foi apunhalado pela sua respiração oscilante.

— Mas você age como se sim — continuou. — Quem entra no meu quarto sabe cuidar bem de mim. Não preciso de ninguém para me dizer quem deve ou não.

— Não estou dando opção de escolha. — A paciência entrou no seu nível limite e a minha voz demonstrou um tenro timbre de ódio. — Acabamos por aqui. Espero que você cumpra.

— Senão o quê? — O desafio gotejou em cada sílaba. — Isso é algum tipo de celibato da sua parte? Está tudo bem se quiser trazer garotas. Ao contrário de você, eu não me importo.

— Deveria porque eu não sou do tipo silencioso.

Logo de imediato, recriminei-me pela minha resposta.

Que porra.

Aurora ainda demorou a reagir até que os seus lábios curvaram. Era como se ela tivesse confirmação de algo e a minha reação tivesse sido o clique que necessitava.

Antes que eu pudesse me defender, Reese encurralou-me na cadeira, pousando o seu joelho na borda e a faca balançando perigosamente em suas mãos. Não me escapou como ela também segurava o objeto de maneira treinada.

O menor dos meus ossos congelou, abraçando a vibração que drenou minhas artérias. Em todas as regiões inimagináveis do meu corpo.

Em pouco tempo, a lâmina iniciou a sua passagem perigosa pela minha pele, o meu estômago reagindo como se estivesse sendo um

exemplar de saco de pancada. Não deveria deixá-la me colocar naquela posição vulnerável, no entanto, a sua presença, a poucos centímetros do meu corpo, era um gatilho para um descontrole desproporcional na minha consciência.

A razão estava em batalha com a emoção e as duas estavam perdendo para o comando da mulher diante de mim.

— Bem que alguém me disse que quem late não morde — ela disparou.

— Você deve ter muita experiência, não é?

Reese levantou a cabeça, empinando o queixo e o músculo da sua pálpebra pulsou em raiva. Seus olhos profetizavam vários jeitos de me matar, porém não era capaz de levar a sério com a sua mão firme na mesa e a outra manejando a faca que percorria satisfatoriamente por regiões fatais.

— Você não me intimida, Denson. Muito pelo contrário.

— Tem certeza? Porque você é a única pessoa se sentindo ameaçada a ponto de ter uma faca nas mãos.

Somando um mais um, o rosto de Aurora trancou, dando-se conta do que estava fazendo.

Estávamos falando em um volume absurdamente baixo, mas firme para que não houvesse rastros de incertezas em nossas palavras.

Tentei não admirar a sua boca e cada linha do seu rosto. Queria manter o meu cérebro ocupado pensando em assuntos aleatórios, mas o metal frio lembrava que tinha Reese quase a ponto de sentar no meu colo.

Era absurdamente quente o que externava do seu corpo. Era um calor desumano. A sede esganou a minha garganta e as vozes do meu consciente diziam que não era vontade de beber água.

— Você é a única pessoa nervosa — rebateu.

— Você é a única pessoa prestes a sentar no colo de quem odeia, mas a discussão não é sobre isso, é?

Aquilo foi a gota d'água para Aurora rumar a faca para o centro do meu peito.

Todos os meus órgãos estavam em êxtase.

Cada célula minha estava doseada por uma adrenalina intolerável.

— Sabe o que eu acho? — O seu olhar capturou o meu, e um dos meus botões foi arrancado. — Você ainda não entendeu quem manda aqui. — Mais outro botão arrancado. — Então, vou deixar um aviso claro.

Outro botão.

E mais outro.

A faca arrancou o bastante para deixar o meu peito descoberto. Ela não se importou se essa camisa custaria mais do que o aluguel da casa, ou se a faca teria me ferido e atravessado minha pele. Aurora parecia ter plena noção de que conseguia ser uma destruição com corpo e alma.

E eu estava gostando.

— Eu não sou da sua conta. Não faço parte da sua vida e nem quero. É por muito acaso que estamos juntos, mas não devo nada a você.

A faca deslizou do meu abdômen para o topo, suportando o meu queixo e o erguendo. Assim, me limitou a encarar os seus furacões que exalavam terrores quentes. O seu semblante contraído e os seus gestos tomados pela raiva eram um adesivo na minha mente.

Ela era linda.

— Portanto, nada nem ninguém que esteja relacionando a mim terá que passar pela sua aprovação, independente dos seus princípios ou regras. Não vou admitir que uma pessoa qualquer como você diga ou não o que posso ou não fazer. Se te incomoda, sai. Estamos conversados?

Umidifiquei os meus lábios no instante em que Aurora repousou a faca na mesa da ilha e se afastou.

Estava nítido que nunca iríamos chegar em um consenso. Iriam ser debates atrás de debates pela teimosia de ambos. Muito mais vindo dela.

O barulho da caneta escrevendo no quadro puxou-me para fora do transe. Esperei que Reese terminasse de escrever. O quadro estava preenchido com tarefas e alguns contatos importantes como do eletricista e a senhora do mercado. Apesar de sentir falta dos óculos, a minha visão embaçada e quase ridícula por mal enxergar de longe, fui capaz de ler.

Podemos chamar pessoas para casa, desde que o outro seja avisado.

Eu quis sorrir. Porra, como eu quis. Mas mantive o meu rosto trancado.

Vi-a pousar a caneta no lugar, me dar uma última revirada de olhos e tornar a trabalhar no que quer que estivesse fazendo com as frutas cortadas.

— Eu vou fingir que não fui avisado — disse, tornando a ligar o celular.

— E eu vou fingir que não sei o que uma faca é capaz de fazer.

11

“Eu tenho partido corações há um bom tempo e brincando com caras mais velhos, apenas brinquedos para eu usar.”

Don't Blame Me, Taylor Swift

Harper Reese

— Você está estranha. Está tudo bem?

A voz de Austin vinda do celular comprimiu o meu quarto. Eu encarava o meu reflexo enquanto secava meu cabelo, ao passo que o celular estava na cama, no lado oposto.

— Tá. Por quê? — respondi, escovando o cabelo.

Depois de fazer a minha bebida, tomei uma ducha para relaxar cada célula tensa, após quase esfaquear Andrew. Claro que não iria cortar a sua garganta. Para sua sorte, eu não era uma maníaca e Denson não pareceu assustado. Para ele, deveria ser mais um passatempo diário.

Aquele desgraçado era irritante até na forma como ele agia calmamente.

Raramente falávamos e, quando o fazíamos, eram discussões sem propósito. Andrew era uma pessoa bastante quieta. Eram poucos os momentos em que eu notava a sua presença. Ele cozinhava apenas para si, limpava a louça e a arrumava no mesmo lugar, sem deixar quaisquer

rastros. Também não costumava ficar na sala e tomava banho cedo e tarde da noite, nas partes do dia que eu estava no sétimo sono.

Na maioria das vezes, ele me ignorava. E, em casos como aquele, gostava de colocar regras sem fundamentos. Não conseguia entender qual era a dele, porém eu esperava que não teríamos mais aquela conversa.

— Como está sendo aí em casa? — perguntou Austin, ignorando a minha pergunta.

Caótico.

— Normal. — Continuei penteando as minhas mechas, cuidadosamente. — Por que você me ligou?

Austin prolongou um suspiro, o ar expirado batendo no microfone como um vento raivoso. Revirei os olhos, liberando um arquejo ainda mais pesado que o dele.

— Ok. Já entendi. — Desliguei o secador, sentando na cama e retirando a chamada do viva-voz. — Conversa comigo. O que está te chateando?

O seu padrão respiratório transmutou de imediato. Ele encontrava-se frenético, pronto para expelir o que o afligia. Eu esperava que não fossem assuntos de negócios ou familiares. Não tinha bons conselhos, muito menos me importava com o que acontecia na sua família.

— O meu pai e Andrew.

Ah. Casos familiares. Bom para mim.

Xinguei silenciosamente, logo depois de cruzar as pernas e deitar na cama.

Não queria falar sobre aquele desgraçado do Andrew. A imagem do seu rosto no meu campo de visão estava bastante presente. Havia desafio nos seus olhos. Nos seus lábios. No jeito como ele pronunciou o meu sobrenome. O apelido que adotou para mim.

Andrew não era saudável para o meu sistema.

— O que aconteceu? — indaguei.

— Não posso te dar os pormenores de tudo. É confidencial, mas o pai fez algo arriscado, o que irritou Andrew. Estamos em uma crise de acordos por causa da morte de Donavan. Você tem visto TV?

As engrenagens começaram a funcionar e as peças se montaram na minha cabeça. Por isso Andrew estava puto.

— Não. Por quê?

— Bom, a imprensa está muito em cima da *Denson Empire* e nos Donavan e isso faz o meu pai tomar decisões que não são compatíveis com a empresa e que podem o ferrar.

— Como o quê?

— Aí está o que não posso te dizer. Tem a ver com o governo e a segurança. Papelada confidencial, você sabe.

— Não... Eu não entendo nada disso.

Uma risada nasalada retumbou em meus ouvidos.

— A nossa parte paterna sempre esteve muito ligada às forças armadas. E, por isso, acabou criando o seu próprio instituto militar. Claro. Com todo o consentimento político necessário. Na época do meu bisavô, com a Guerra Fria, ele acabou se alinhando de maneira mais subjetiva juntamente com a família Donavan e Young. Criaram mecanismos de segurança, de conhecimento do que estava ocorrendo em outras nações, como suporte para defesa e ataque. O que era um instituto, virou um conglomerado de empresas. Mas assim que o meu avô tomou posse, acabou por abrir mais portas e criou uma empresa ligada à defesa nacional, onde existem inúmeros setores como aeroespacial, combate, tecnologia e por aí vai. Hoje em dia, apenas os Donavan e os Denson mandam. Temos um jeito diferente de lidar, talvez seja por isso que temos a maior faturação global na indústria.

Eu retive tudo o que ele dizia como se fosse algo útil para o meu futuro. Balançava as pernas, o senso auditivo mais apurado para absorver cada detalhe.

— O maior lucro vem da venda de armas, não é?

— Sim, mas não é a nossa maior função. Quando falamos de defesa nacional, pensamos imediatamente nisso, mas temos tantos sistemas interligados que é impossível dizer que o armamento é o maior foco. Pelo menos, não para a empresa em um todo.

— Hum... Então é difícil haver corrupção na *Denson Empire*? Principalmente quando se trata de armas, não?

Austin calou-se, de repente. Era como se até deixasse de respirar.

— Por que você está falando sobre isso?

— A minha mãe dizia que muito dinheiro nunca é bem lavado.

— Não, Harper — Meu nome saiu como ácido. — Mas caso tenha dúvidas, fale com Andrew. Ele trabalha arduamente no departamento da tecnologia, mas é interessado no de combate.

Ele cuspiu com raiva, mas sabia que não era diretamente para mim, e sim alguma frustração interna.

— Isso te chateia?

— Sim, e muito. — Houve uma pausa longa, preenchida por pensamentos confusos. — Andrew não gosta de estar na empresa, mas é o escolhido pelo pai. Não diria para sucedê-lo, já que não é uma hierarquia. É necessária aprovação de todos os setores para eleger um novo CEO, mas ele é a pessoa indicada por ter sido educado para isso. Mesmo quando ele não está feliz com as decisões que o meu pai toma; quando vai contra alguma regra ou decide por ele mesmo... O meu pai sempre o manteve perto dos negócios.

— Mas você não gosta muito, não é? — perguntei, incentivando a que ele continuasse.

— Não que eu não goste. Não interprete como se eu fosse o tipo de irmão malvado, rancoroso e invejoso. É que eu trabalho para isso também. Sei que posso não ter todas as competências, porém sempre fiz o esforço para que sim. Você sabe a sensação de ter trinta e um anos e parecer que a sua vida foi dedicada a algo que nunca irá acontecer, mas a ponta de esperança se mantém? Casei-me para que ele ficasse feliz. Moldei a minha vida em passar os dias no instituto, estou em todo o lado quando se trata da *Denson Empire*. Mas estou ficando cada dia mais velho e não sinto que valeu a pena.

Pude entender o que Austin queria dizer. Não era sobre Andrew, e sim sobre tudo o que ele fez até então para não ter metade do que o seu irmão tinha. Era um tipo de comparação nociva que deitava abaixo mesmo quando você já se sentia no fundo do poço.

— Valeu a pena sim, Austin. Tente falar com o seu pai.

Eu estava o aconselhando, o que surpreendeu mais a mim do que a ele.

— Não dá.

— Por que não?

— Nenhuma empresa funciona na base do diálogo. Não é uma escola.

— Oh, claro que sim. Tudo funciona na base do diálogo. Ninguém vai querer saber das suas frustrações se você não explicar. Ou os Denson tem algum médium que fica lendo mentes?

— Você não está entendendo. É ingenuidade da sua parte achar que é tão simples assim.

Com os ombros colados no colchão, abanei-os como se gesticulasse que ele estava errado.

— Eu sei que não é simples, mas ficar de braços cruzados não ajuda em nada. Fale com ele.

— Harper, se é fácil para você falar com a merda dos seus pais, boa. Com o meu não é. Não funciona assim. Está bem?

Quieta, engoli secamente, recuperando uma parte do oxigênio que escorregou para regiões que não eram os meus pulmões.

— Os meus pais estão mortos, Austin. Eu te contei.

Escutei um xingamento baixo.

O ambiente do meu quarto, que era revestido pelo cheiro queimado da pós-secagem, ficou glacial. As minhas entranhas encolheram.

— Merda... Sinto muito. É que, enfim, você me irritou um pouco, mas não queria tocar em um ponto sensível. Você sabe... A minha mãe morreu também, então sei como é.

Não, ele não sabia. Não se comparava dores. Não se diz que conhece a dor do outro porque passou por uma situação parecida. Não era a mesma. Não eram as mesmas relações. Ele não era eu.

A serenidade que resvalou em sua garganta era sincera, mas os batimentos descompassados do meu peito eram agressivos. Melancólicos. Raivosos. Sabia que ele não tinha culpa. Ultrapassei um pouco dos limites ao questionar algo que, claramente, não era positivo para ele.

No entanto, tocar no assunto dos meus pais cutucou meu coração. Era como se o meu órgão fosse uma galáxia e arrancassem cada estrela dela.

— Eu preciso cuidar do meu cabelo.

— Harper, me perdoe — repetiu. — Não foi por mal.

— Eu sei, Austin. Eu sei. Eu que peço desculpas.

— A gente combina de se ver depois? Estou com saudades.

— Não sei. Fiquei com um cara ontem e eu não sei quando terei disposição novamente — respondi, sem medir o impacto. Pude sentir como a energia sugou Austin e ele teve que recuar.

— *Tá.*

Desliguei a chamada antes que se prolongasse.

Eu me arrependia de ter criado um elo com Austin. Ele era um ficante, nada mais. Já tinha tido outros e nenhum havia me telefonado para pedir conselhos, ou desabafar sobre problemas familiares.

Austin e eu tínhamos essa relação havia um ano, o que era muito mais longo que vários namoros. Mas não jantávamos juntos, ele não conhecia a minha família nem eu a dele, muito menos fazíamos planos para estarmos ao lado um do outro, além de encontros na cama do quarto de hóspedes da sua mansão ou em um motel barato.

Eu gostava da nossa dinâmica. Era fácil, prática, e era alguém que conhecia, porém Austin estava dando indícios que queria mais. E isso levava a um patamar da minha vida que não queria, em hipótese alguma, chegar perto.

Quanto mais distante, melhor.

Em meio aos pensamentos, a campainha flutuou pelo ar, desligando-me do torpor. Com os músculos petrificados, coloquei força nas pernas para me levantar.

O cabelo ainda estava molhado, portanto a água fazia uma passagem leve pelos meus peitos e ombros. No momento que abri a porta do quarto, Andrew também apareceu.

Nos encaramos por milésimos de segundos em que espadas e escudos se encontravam numa luta mental.

— Se for a sua foda da noite, juro que expulso ele e você — articulou ao avançar na direção da porta.

— Ei, ei! Ele tem nome. É John.

— Você sabe a idade, nome... Decorou também onde mora?

Soltei uma risada alta, os meus passos atrapalhados pelo balanço da minha gargalhada.

— Andrew, você está muito incomodado.

A encarada raivosa de Andrew cutucou minha garganta de não fechar e permanecer com o riso.

— Para sua infelicidade, não estou.

— A sua expressão está dizendo outra coisa, mas quem sou eu para contrariar o senhor Todo Poderoso? Agora me deixa abrir a porta, antes que eu pegue novamente na faca.

O seu corpo bloqueou a passagem, no preciso segundo que o meu pé entraria no perímetro da entrada. O músculo da sua mandíbula tensionou, estrangulando vontades que se tornaram atrativas.

Me peguei contando o número de segundos que passaram para que nenhuma molécula do meu ser se entregasse.

— Me deixa passar — articulei, assustada em como a minha voz diminuiu de intensidade e tornou-se arrastada. Doce. Maliciosa.

— Não estou incomodado.

Pestanejei surpresa, decifrando o seu olhar pincelado em algum tipo de sentimento confuso.

— Você já disse uma vez.

— Quero que acredite, Aurora.

Franzi a testa.

— Você sabe que eu...

— Não. Estou. Incomodado.

O seu timbre era gutural, potente, viciante de maneira que eu estremeci por cada pausa entre as palavras.

Ele não estava centrado nos meus olhos. A sua passagem era na minha boca, o que dificultou que eu respirasse por ela.

E em um sussurro ainda mais denso, ele tornou a dizer:

— *Não estou incomodado.*

E eu acreditei no contrário.

Foi cruel sentir que ele estava me dando essa liberdade, por mais que negasse.

Novamente, a campainha retornou a ressoar, uma voz infantil atravessou a porta o que fez ambos os rostos se contorcerem. Foi difícil nos movermos.

Denson foi o primeiro a se mover, abrindo a porta e dando de cara com uma criança suja de lama. Ele não deveria ter mais de doze anos, e parecia ter sido injetado por bastante adrenalina, já que parecia que iria saltar e bater com a cabeça no teto.

— Ei. — Andrew o encarou com curiosidade. — O que você precisa?

— A minha bola... Eu tava jogando com o meu amigo e a bola foi até o sótão.

— Tem um sótão aqui? — Andrew indagou, recebendo um menear de cabeça do garoto.

— Sim, tem. Espera aí. Eu tenho as chaves.

Corri para o meu quarto e peguei o molho de ferros. Andrew escrutinou o corredor, em passos lentos, até alcançar a porta branca. Fui lá e abri, desembocando numa escadaria velha.

— Você chutou a bola e foi parar no sótão? — Denson questionou o garoto, uma curva de lábios tão minuciosa, que mal era perceptível.

Ele não sorria muito. Na verdade, nunca o tinha feito na minha frente.

Era como se ele evitasse esconder algo que era bonito, mas, ainda assim, dava uma degustação válida e totalmente satisfatória para qualquer visão.

Desviei o olhar quando os seus olhos desceram até mim, já que ele estava a degraus acima.

— Sim. Desculpa. Não fiz de propósito — respondeu o garoto, enquanto subíamos.

— Não peça desculpa. Estou realmente surpreso.

Denson afagou o cabelo do garoto que fechou os olhos em atenção ao afeto. Suportei a força dos músculos que se distenderam e deixaram um sorriso se revelar. Contudo, baixar a guarda por alguém ser simpático com uma criança era ingênuo.

Ao alcançarmos o sótão, fomos capturados por uma vista linda. Estática, dou por mim apreciando a vista no momento que os meus pés descalços sentiram o piso fresco ainda com vestígios de uma chuva madrugadora.

Eu era capaz de provar o sabor da cidade, o seu barulho, os seus sentimentos, a sua confusão autêntica contemplando do alto os prédios, carros, estradas, as pessoas pipocando, desaparecendo, andando como se fossem meros insignificantes para esse mundo.

Eu me lembrava de como eu observava as estrelas e tudo o que o universo tinha para oferecer com os meus pais. Pegávamos uma toalha de mesa e algumas pipocas empacotadas da mercearia, criando o nosso próprio cinema, inventando histórias para cada ponto cósmico presente à noite. Era de dia, portanto as nuvens escondiam o fenômeno estelar. Mas o meu consciente abria a caixa de memórias queridas que tinha em admirar o céu e tudo que oferecia.

— É isso mesmo, garoto!

O grito de Andrew levou a que o meu olhar fosse devolvido a ele. A bola saltou dos seus pés e, em um chute, o garoto recebeu tranquilamente.

Ponderei avisar para que não jogassem no sótão, já que a probabilidade de um deles cair ou a bola tornar a se perder e acertar em algum carro não era desprezível. No entanto, Denson estava genuinamente feliz. Precisei me controlar para que o meu corpo não entrasse em combustão pela alegria presente em cada átomo do seu ser vendo-o brincar.

Seria uma destruição nada aceitável permanecer capturando instantes em que ele parecia uma outra pessoa. Mais aliviado. Menos sério. Mais humano. Pedi ao meu cérebro para desentupir a acumulação de fotografias internas dessa persona de Andrew, mas foi um ato falho pela contorção da minha boca em um sorriso singelo.

Em um embate ao acaso, Denson sustentou o nosso contato visual, retornando à seriedade. Aprumei os meus ombros, engolindo a fraqueza que estava querendo surgir.

Como se o destino quisesse me expulsar de um tormento e colocar-me em outro, o meu celular no bolso tremeu na minha perna. Retirei, cerrando a visão devido ao vento forte.

O meu coração foi esmagado e, como em todas as vezes, mal suportei a carga de arrependimento que se sobrepôs aos meus ombros.

O nome brilhava na tela assim como a fuga de lágrimas que queria derramar.

Neguei a chamada, antes do terceiro toque.

— Vou descer. Fechem a porta quando saírem para os vizinhos não se chatearem.

As minhas costas queimavam por Andrew me seguir até eu desaparecer da sua visão, mas não procurei verificar se era impressão minha ou não.

Eu estava mais preocupada em desfazer o nó do meu estômago.

Já deveria ser rotina, mas não me acostumava já que ela nunca parava.

Era a quingentésima sexagésima sétima vez que a minha irmã ligava. E, como em todas elas, eu não atendi.

12

“Tudo no que ele investe, vai direto para o inferno.”

Wires, The Neighbourhood

Andrew Denson

Eu amava a minha mãe tanto quanto a odiava.

Às vezes, detestava-a mais que o Anthony.

Tinha cinco anos quando tive a minha primeira marca na coluna, após chorar por escutar o primeiro disparo de uma arma, tendo como alvo um dos nossos cachorros.

Eu ainda recordava como ela me levou, dias depois quando o meu pai viajou, a um canil para que eu pudesse brincar com outros.

Aos sete, fiquei trancado em um armário durante três dias e meio. Ele explicou que era uma maneira de eu aprender a lidar com os meus medos. Eu estava limitado a receber água e comida. A minha única companhia foi a minha mãe que, durante cinco minutos de cada dia, chegava com fotografias impressas da paisagem que eu não podia ver.

Aos onze, tive mais uma dose de marcas nas costas por não estar tendo as notas esperadas por mim no Instituto. Queria explicar como era impossível estudar quando a minha mãe entrava no meu quarto, chorando baixinho e me abraçando durante o resto do dia.

Mas eu não queria a expor. Porque ela também sentia o mesmo medo que eu. Ela também tinha as mesmas cicatrizes que eu.

Quando fiz catorze, enxerguei o meu limite.

Foi no jardim da mansão. Duas armas. Uma falsa e outra verdadeira. Anthony exigiu que eu soubesse qual era a real. E para experimentar precisava pressionar a falsa contra a minha nuca.

Ela estava lá. Kathelyn, minha mãe, estava vendo a minha transpiração, o sangue dos olhos drenando em lágrimas, o meu coração disparando da garganta e a respiração quebrada.

Eu mal conseguia falar, mas toda a minha linguagem gestual se resumia a pedir socorro.

Eu estava pedindo socorro pra ela.

Quando escolhi a arma, Kathelyn saiu. Ela escolheu não ver. Optou por se afastar da situação.

Achei que fosse morrer.

E eu disparei.

Disparei supondo que seria o meu último segundo. O meu último suspiro. O meu último batimento.

Nunca tinha chorado tanto quanto naquele dia. Parecia que a minha vida tinha ganhado mais valor.

E foi aí que percebi como a minha mãe era fraca. Tão fraca quanto eu. Fraca contra o meu pai.

Durante a noite, ela entrou no quarto. Eu a queria fora. Queria que não me tocasse. Não falasse comigo. Estava com raiva da minha covardia, e dela também. Tanto eu quanto ela não enfrentávamos o meu pai. Os seus gestos de ternura poderiam ser de defesa também. Poderiam me defender também. Mas não acontecia. Ela se escondia. A camuflagem sentimental que vestia tapava a sua visão para o número de vezes que só faltava despejar sangue da minha boca por causa dele.

Ela me pediu desculpas em sussurro. O seu choro era mais silencioso que o meu, mas parecia humanizar a tristeza com todas as suas cores cinzas.

Então, eu acabei cedendo. Disse que ela podia dormir comigo. Falei que não era culpa dela, e sim de Anthony. Eu me vingaria por nós. No entanto, Kathelyn explicou que a vingança seria apenas mais uma escolha de armas.

E nenhuma delas seria falsa.

Eu era um fedelho. Não acreditei. E quando ela morreu, a vontade de me vingar desencadeou mais níveis.

Depois de mais vinte anos, percebi que ela tinha razão. Eu consegui entender como vingança não trazia satisfação. Ela não tinha nada além de uma porção de pesadelos sombrios e insônias fodidas para trazer. Era uma filha da puta dissimulada que enganava tão bem até empurrar você para a pior das celas.

Porque a vingança congelava cada maldito futuro feliz que você supunha ter depois dela. Mas nunca vinha.

Apesar dessa crença, era nisso que eu me apegava.

Libertei-me dos pesos e resvalei os dedos pela nuca, cansado. Estava transpirando que nem um boi e só pensava na água fria para varrer os restos do suor do ginásio.

Me tornei um obcecado por exercício, não pela vaidade ou por precisar me manter em forma. Era uma das poucas terapias eficazes que me ajudava a extravasar a raiva. Ordenar pensamentos. Manter uma certa disciplina no meu dia-a-dia. Ter uma rotina. Até sentir um pouco de dor e testar os meus limites.

Manter o meu corpo em atividade prevenia que certas imagens alugassem um espaço maior no meu cérebro. Impedia que me desse um louco e cometesse crimes maiores do que já tinha feito.

Saí do ginásio depois de me organizar e segui até à minha moto.

Ela era um dos meus bens mais valiosos. Quase como a porra de uma princesa. E não trocaria por nada. Por ninguém.

Era uma MTT Turbine. Uma marca especial que só foi vendida para meia dúzia a cada um ano, especialmente usada por motociclistas. A minha paixão por motos era absurda, mas por àquela ultrapassava os limites.

Detestava que a tocassem, ou quisessem usá-la. Era uma resposta negativa na certa. Barton e Mickey já tinham testado a minha paciência em uma insistência danada sobre querer pilotá-la. Preferia cortar meus dedos do que ter alguém na garupa se não fosse eu.

Com os músculos dormentes pelo esforço, subi e dei largada para a via. Em menos de dez minutos, já estava perto de casa.

No instante em que me preparei para cruzar o outro caminho até o prédio, capturei a silhueta de Aurora no passeio. Tinha demorado a identificá-la, mas foi quase impossível não saber que aquele corpo era *dela*.

O seu hiperfoco era a *Sweet Muffins* que estava prestes a fechar. Já eram quase oito da noite e ela, como sempre, devia estar deitada no sofá assistindo a mais um dos seus documentários ou com uma calculadora na mão.

Não entendia porque ela estava petrificada na loja, remexendo os ombros e agitando as mãos sem saber o que fazer.

Não era a mesma garota que me provocava, deslizava a faca pela minha garganta e me fazia agir feito um adolescente percebendo que tem hormônios pela primeira vez.

Existia incerteza no seu rosto, uma certa confusão que poderia ser captada de longe.

E aquilo estava mexendo comigo e com a porra do ínfimo coração que possuía de um jeito possesso.

Fiquei torcendo mentalmente para que ela agrupasse uma dose de coragem e pusesse aquele traseiro para dentro. Mas me intrigou quando ela remexeu em algo no bolso e os ombros aprumaram. Não tive tempo de pensar direito, pois um estrondo de buzinas atrás de mim ligou-me para o fato de estar na estrada e ter que continuar.

Ao chegar na rua do meu prédio, repensei três vezes se entrava e ignorava ou se ia até àquela maldita loja entender a insegurança presente em Reese e se o que eu tinha visualizado, estava certo.

Mas não era um assunto que me competia. Poderia ser apenas uma impressão minha. Não a conhecia bem, na verdade. Ela ainda era um mistério. Embora Aurora achasse que eu a julgava, preferia não tirar as minhas conclusões.

Porém a vibração do celular no meu bolso me limitou a uma opção com uma simples mensagem.



A empresa-mãe era um centro gigantesco envidraçado. Era uma torre colossal de modo tão exagerado como qualquer vestígio de riqueza que esse espaço continha.

Anthony amava se vangloriar do seu poder, mas não tinha como não dizer que todo o revestimento de cada milímetro da *Denson Empire* em Fokley era entretenimento barato, no mais irônico significado possível da palavra.

— Ele não está aqui?

Austin abanou a cabeça em negação.

Ele abriu a porta do seu escritório com uma certa agressividade. A sua secretária encontrava-se infestada de papelada, agonizando o meu lado organizativo que queria colocar o espaço em ordem. A minha educação tinha sido diferente da deles e era evidente, como em uma simples arrumação.

— Então, o que você quer de mim?

Estava apenas com uma calça de moletom, uma *t-shirt* cinza e o casaco de beisebol que comprei no aeroporto antes de voltar para o país. Já Austin investia na sua camisa social, terno e a gravata de cor vermelha e preta que eu achava brega. Mas ele gostava de tudo o que lhe desse um tipo de status e diferencial.

— Estava pensando sobre o que quero mudar na minha posição na *Denson Empire*. A Harper me deu um empurrão para te chamar e conversar.

Encostei as costas na parede analisando o meu irmão se sentando na sua cadeira predileta.

Era estranho como escutar Austin chamando pelo primeiro nome de Reese me proporcionava uma revolta estranha.

Teimosamente, o meu músculo mandibular endureceu. Arrumei um jeito de manter a sanidade e o mantra de que não deveria pensar naquilo ecoou repetitivamente até cansar o meu subconsciente.

— O que a *Aurora* tem a ver com isso?

Austin ergueu as sobrancelhas, mas não esboçou muita emoção.

— Nada. É só para informar que eu não queria, mas pensei melhor e achei que seria uma boa ideia.

— Já ficou claro, irmão — respondi, cruzando agora os braços. — Sei que você está do lado do Anthony e eu estou pouco me fodendo.

— Não estou do lado do pai. Estou do lado da empresa.

— Então não está tomando o lado correto — respondi.

— Você sabe tudo, não é? — O seu deboche instigou a que uma veia do meu pescoço salientasse. — Desde pequeno que você se acha o mais sábio e o caralho a quatro.

— Espero que você não tenha me chamado para arrumar uma briga — avisei. — Não temos doze anos, Austin. Existem coisas mais importantes a serem tratadas do que os seus ressentimentos.

Ele fungou fortemente, os estalos dos seus dedos reverberando pelas paredes do escritório. A sua mira era estreita e focada em mim, até escorregar para a secretária e, depois, fazer uma curta viagem ao redor do perímetro.

— Quero trabalhar com você.

Franzi o cenho.

— Ahm?

— Isso que você escutou.

— Não. — Empunhei frases de negação e ironia que cautelei para não saírem de forma agressiva. — Eu não trabalho aqui, além de não ser a sua área.

— Eu aprendo.

— Aprenda algo que não seja para mim — cortei. — Não sei que merda você meteu na cabeça para querer agora entrar nessa.

— Porque eu sei que você está escondendo algo. — O seu rosto contorceu. — Você passou anos fora para trabalhar na firma dos Donavan. A cada um ano, vinha em segredo sem nos avisar. Agora voltou, no mesmo momento que William morreu, para se intrometer no sistema de combate. Por quê?

— Você está desconfiando do quê? — perguntei.

Austin era uma pessoa com olhos por todo o lado, e sempre seriam os dele. Ele conseguia enxergar o que muitos não viam e isso acabava por ser um tiro no pé para si mesmo. Se ele visse algo errado, poderia acabar dando errado.

— Nada. Não tenho o que desconfiar, certo? Você não tem nada a esconder, portanto não entendo porque não me quer ao seu lado.

— Faça o que eu fiz durante anos e depois falamos.

O silêncio instalou-se como uma terceira pessoa. Não precisávamos acrescentar muito mais a esse curto diálogo quando as entrelinhas preencheram o espaço de incertezas que ele poderia ter.

— Você sempre me viu como uma piada, não é?

— Não te vejo como uma piada. Você só não é capaz de lidar com certas coisas. — Os ossos do seu rosto receberam um tipo de morfina, estão dormentes e duros como pedras. — Não ache tudo isso uma piada, Austin. Você sabe que não. Fomos educados pelo mesmo pai.

— Ele sempre te deu mais atenção.

Rangi os dentes pelo seu corte seco, sem argumentos plausíveis.

— Veja como quiser, mas não se intrometa no meu trabalho e naquilo que eu faço.

— Então tem uma razão para você estar aqui — constatou em um tom satisfeito.

— Há uma razão para eu ainda continuar vivo, Austin.

Um sorriso sarcástico puxou seus lábios para cima.

— A única que se safou dessa porra toda foi a Axel. E, claro, a Kathelyn.

Fechei o punho escondido nos meus bolsos, controlando a ebulição repentina do sangue em minhas artérias.

— O que a nossa mãe tem a ver com isso?

— Sua e da Axel. Não minha. — Ele levantou-se, aspirando as narinas. — Na verdade, de nenhum de nós. Mas vocês sempre gostaram de fingir que tínhamos uma família equilibrada.

Pretendia rebater com a falta de visão que Austin teve ao longo dos anos, e nunca reparava no que acontecia bem debaixo dos seus olhos. Mas não o fiz.

Eu dormia com as consequências de ouvir, ver e sentir o que era a nossa família equilibrada. Se Axel e Austin não sofressem com traumas

permanentes, eu estava bem em lidar. Mesmo que a porta de desistir estivesse aberta na maior parte do tempo.

— Se era só isso que você queria de mim, poderia ter falado comigo pelo telefone.

— Como ela está? — indagou repentinamente, a preocupação ondulando nas sílabas.

O meu pomo-de-adão latejou, mas mantenho o tom firme.

— Ela está bem. — Ele assentiu. — Vocês não se falam?

— Falamos, mas a Harper é um pouco teimosa.

Um sorriso fodido atreveu-se a surgir.

Porra, como ela era. Teimosa. Rabugenta. Impulsiva. Uma enumeração de adjetivos que, em certos momentos, gostaria de ouvi-la contar um por um a cada palmada que daria na sua bunda.

Droga.

Precisei de meio segundo para recompor os meus neurônios e lembrar que Reese não era uma pessoa que deveria me meter. Era engraçado estar em guerra com ela. Apenas. Ela continuava sendo a garota pela qual meu irmão estava envolvido e, de bônus, amiga da minha irmã. Eu não pegava nenhuma das pessoas com essa biografia nada apelativa.

— Você deveria considerar se afastar dela.

Dei de ombros.

— Só vivemos na mesma casa. Não somos próximos.

— É exatamente esse o problema. — Ele iniciou uma caminhada lenta pelo escritório na vertente da porta. — Agora que as coisas vão começar a bagunçar, os arquivos foram duplicados e a mídia está procurando para derrubar qualquer um de nós, ela pode acabar sendo arrastada para esse problema.

— Do que você está falando?

— Harper foi enfermeira do William. Eles contrataram-na e ela tomou conta dele durante os seus turnos da noite. Aconteceu durante meses. Ela era a única pessoa que estava o acompanhando, excluindo a equipe de Donavan.

Harper foi enfermeira do William.

A falta de ar colapsou o meu sistema, um novo mantra mental pontapeou a minha consciência.

— Por que porra você não me disse antes?

Austin não respondeu. Ele não tinha racionalizado. Não tinha pensado. E isso era um erro fatídico quando jogávamos com potenciais catástrofes.

Me perguntei a que nível o destino conseguia ser tão filho da puta a ponto de me colocar no mesmo teto que Aurora.

De todas as pessoas, logo ela.

Tentei manter a calma para não enlouquecer. Reese não tinha sido arrastada para aquele problema.

Ela era o maior deles.

13

“Algo em você me faz querer fazer coisas que eu não deveria fazer.”

Dangerous Woman, Ariana Grande

Harper Reese

Desenrosquei a garrafa de água e bebi. Ganhei blocos de força pela presença do líquido turbinando o meu sistema.

Eu estava fazendo cálculos e tinha uma tonelada de folhas na mesa. Era algo que me abstraía. Tudo o que era exato parecia fácil para mim.

Havia controle no resultado. Havia etapas para chegar lá. Qualquer caminho daria o mesmo. Poderia haver inúmeros procedimentos para alcançar um valor, mas sempre seria o certo. O único.

Queria que a minha vida tivesse esse mesmo processo. Que eu não fosse surpreendida no meio do caminho, porque teria o controle de calcular a rota e saber exatamente o que tirar, colocar, multiplicar ou dividir para chegar ao meu objetivo.

Satisfatório. Prático. *Inalcançável.*

Eu não era como Andrew que se limitava a seguir uma rotina. Adaptação era algo que eu precisava ter para a minha profissão. Casos de emergência, lidar com estresse momentâneo, mudanças de turnos de um segundo para o outro... Se eu fosse totalmente metódica, teria o meu cérebro picado.

Mas eu me relaxava com o domínio. E, por certa culpa dos meus pais, cálculos aliviavam a tensão.

Era algo que eu não compartilhava com ninguém, mas um idoso de quase setenta anos teve a proeza de conhecer esse lado meu.

William Donavan mal sabia mexer na calculadora, mas gostava quando eu o falava das inúmeras equações que poderia fazer com ela. Ele dizia que era relaxante e eu fiquei feliz por ter alguém que poderia concordar comigo.

Após concluir o meu cálculo da órbita de Júpiter com uns dados que tinha visto em um site francês, decidi descansar os meus olhos.

Encontrava-me na cozinha, de frente para o quadro preto, cujas letras de giz ocupavam a maior parte da área.

Levantei-me quando a bexiga decidiu me torturar, porém parei no meio do caminho do corredor para o banheiro.

Curiosamente, a porta do quarto de Andrew estava aberta, o que era estranho já que ele sempre a trancava.

Averiguei as laterais, antes de dar mais dois passos intencionais até estar a milímetros de distância do seu quarto. Empurrei a porta com cautela. Embora soubesse que ele não se encontrava em casa, sabia que o que eu estava fazendo era errado.

Eu nunca tinha entrado no seu espaço, porém era incontestável como eu possuía uma certa curiosidade para saber como era.

De primeira análise, o quarto estava arrumado e cheiroso pra cacete. Andrew ostentava uma fragrância excepcional.

A cama estava feita com lençóis brancos e uma manta cinza na diagonal, em uma linha bastante direita como se tivesse usado um esquadro e compassos para arrumar.

Havia uma estante pequena que era lotada por prateleiras de livros. Questionei o momento da aparição de tantos objetos, já que ainda faltavam dois dias para um mês da nossa convivência. Não sabia se a maioria eram livros dele ou da Axel, porém a constatação veio ao dar uma espreitadela nos títulos das obras que certificou que eram de Andrew.

Eram livros sobre fotografia, na sua maioria. Alguns não tinham texto, e sim apenas uma galeria de imagens. Poderia dizer que era

inexistente a obra que não estivesse rabiscada. Andrew tinha lido, interpretado e estudado cada página, pois tinham a sua letra em lápis carvão no limite das páginas e algumas anotações em post-its amarelos.

Dito isso, focalizei na câmera preta na mesa de cabeceira colada à cama.

Tinha também blocos de notas na mesa de escritório, o seu computador aberto, mas desligado, e um envelope castanho com muita papelada dentro. Até as suas canetas estavam organizadas por cores gradativas por cima de um caderno preto. Os dossiês em uma prateleira montada estavam por ordem alfabética e os restantes que não tinham título, ao menos tinham numeração românica.

Ainda abri as suas gavetas, encontrando roupas e cuecas. Segui para a mesa de cabeceira e paralisei logo na primeira abertura.

Uma arma.

Andrew Denson tinha uma arma.

O meu peito afundou, quase como se um abismo tivesse se formado.

Era normal vindo de alguém do seu estatuto, não era?

Porém, no momento que iria pegá-la, a fechadura da porta de casa despertou meus sentidos e o pânico dilacerou os meus ossos.

Andrew faria da minha vida um inferno se soubesse que pisei em seu território. Por mais que eu fosse bater de frente, não tinha como fingir que tinha feito algo certo. O desespero instantâneo que se apoderou do meu corpo me fez tomar uma atitude patética, colocando-me debaixo da cama.

Eu poderia ter corrido para o meu quarto, ter dado uma desculpa com algum xingamento para acobertar os meus nervos se ele me visse, porém não era boa em atuar sob pressão e aquilo parecia ser a melhor das opções.

Escutei os passos opressivos de Denson, encaminhando-se até ali.

— Aurora?

O meu peito comprimiu, juntamente com o restante dos meus órgãos. O meu corpo agia como se tivesse sido dividido em quatro e não pudesse dominar minha mente, coração, corpo e alma. Eram seres conscientes de si mesmo, mas não se interligavam.

Deitada, pude ver os seus tênis aparecerem no meu campo de visão. Levei minha mão à boca incapacitando algum guincho escapar

involuntariamente.

Praguejei mentalmente com ataques pessoais e rebaixantes para mim mesma por me submeter a uma situação tão decadente.

Era tolerável agir inconsequentemente e o fazer perder a cabeça para que ele saísse de casa, mas estar escondida no seu quarto, no esconderijo mais inadequado possível, não era algo que deveria constar no meu currículo de vida.

O colchão afundou e os pés de Andrew se desfizeram do tênis. Um suspiro violento foi externado assim que ele tornou a levantar-se. No entanto, tive o meu coração indo diretamente para o meu estômago quando Denson deveria estar tirando a roupa e o seu cinto caiu no chão.

A fivela bateu no piso, repelindo um som que convenceu a minha boca a se abrir. Comprimi as coxas, um feixe de excitação, atingindo cruelmente o meu ponto sensível.

Eu estava transpirando, o calor subindo como em um deserto no meio-dia. O meu organismo trabalhava como se tivesse somente uma gota de água e fosse apenas por ela que teria que sobreviver.

Poderia dizer que a receita de estar escondida e a brutalidade que Andrew chegava no quarto causava uma tempestade de tentações em mim. Não era a hora certa para ter pensamentos eróticos com um cinto e um arquejo gutural de Andrew, mas a minha imaginação dava asas a criações lascivas e tentadoras.

Depois de um minuto que pareceu uma vida esperando que ele saísse, os seus pés desapareceram e a cama afundou-se ainda mais.

Ele não tinha tirado toda a roupa. Sabia que ele estava com as calças e a meia, e o cinto permanecia aí no chão, quase como um aviso.

Mas, ao que parecia, Andrew iria dormir. E agarrei-me nessa hipótese até que um suspiro mais prolongado ventou.

— Me diga como irei punir você, Aurora.

O meu coração estrangulou e o sangue derramou até os meus pés. Era a única parte do meu corpo que ainda sentia, com todo o impulso necessário para fugir e não lidar com as consequências.

Mordi a palma da minha mão, espremendo os olhos na ânsia de cavar um buraco e poder escapar de tamanha vergonha.

— Não vai responder, Reese? — Uma risada sacana preencheu o meu silêncio. — Eu te disse que sei quando algo está errado. Sei quando mentem, enganam, tramam contra mim, ou algo bem simples como invadir o meu quarto. Não sabia que tinha fetiche pelas minhas cuecas. Se precisar de uma, é só me dizer.

Filho da puta.

Queria rir de maneira sarcástica, mas a posição humilhante estava sendo governada por mim, portanto o meu ego impôs-me a manter a risada para mais tarde.

— Descobriu que entrei no seu quarto pela gaveta de cuecas?

— Pela sua fragrância. É impossível não saber por onde você passa quando o seu aroma é tão marcante.

Umedeci os lábios como forma de combate contra as milhares de borboletas que lutaram na minha barriga.

— Não brinca.

Decidi admitir essa situação humilhante saindo debaixo da cama. Os meus olhos bateram de frente com o seu corpo estendido na cama, a calça desabotoada e a cueca preta em exibição.

Denson era uma catástrofe na essência de um deus.

Era impiedoso ele ter uma aura tirana, capaz de dissecar cada molécula em um simples olhar. Como a sua voz às vezes soava sangrenta. Mas não era a mim que me machucava. Parecia ser um embate dele contra si mesmo.

— Se eu estivesse brincando, teria arrancado a sua roupa e feito você experimentar cada canto desse quarto em uma visita guiada oferecida por mim mesmo.

Qualquer vocabulário abarrotado de xingamentos que eu estava me preparando para disparar não encontrou a sua saída.

Andrew se sentou na cama, os pés assentindo no chão e os cotovelos apoiando nos joelhos.

— Se eu *realmente* estivesse brincando, você nunca teria entrado nesse quarto sem olhar nos meus olhos e pedir para que eu te quisesse. Para que eu te punisse por cada atitude sua que me tira do sério.

Ele se levantou, a sua boca era um limbo entre expelir ressentimento e possíveis arrependimentos. Não movi um centímetro. Nem a minha caixa torácica teve coragem em aumentar o diâmetro e farejar por um ar menos venenoso que cada sílaba escorrendo dos lábios de Andrew.

— Mas eu não estou brincando — continuou. — Ou seja, nada de eu tirar as suas roupas e marcar cada centímetro do seu corpo. Nada de encostar você no armário e te foder até não ser possível esquecer a pressão do meu corpo contra o seu. Nada de manter essa sua boca ocupada e ver até onde ela é afiada e hábil; se ela é tão agressiva como é quando me xinga. — Ele diminuiu o intervalo entre nós. — Portanto, nada de entrar no meu quarto. Não estou brincando com você e eu não quero que faça isso comigo. Você entendeu?

Nenhum som se atreveu a desatar.

A neblina que moldava os olhos de Andrew me puxou para uma escuridão agradável.

Revoltei-me pela minha própria ação. Eu permanecia petrificada, pedindo, em silêncio, por algo mais. Não estava com receio. Eu estava *tentada*. O feixe de excitação que havia tomado conta de mim era agora um relâmpago furioso que sacudia meu ventre.

— Preciso que me responda, Aurora.

Se antes a sua voz estava macia, ela havia se tornado repleta de intenções tão amargas quanto doces. Ele implorava. Mesmo sem as palavras mágicas, ele implorava para que eu o respondesse.

Desgraçado.

Os seus dedos deslizaram pelo meu queixo. Esperei ter algum tipo de reação contraditória, expulsando-o da minha pele. Odiava o toque. Odiava ainda mais quando pessoas que pareciam tão austeras, superiores e se aproveitavam das minhas fraquezas o faziam.

Mas havia algo delicado na passagem do seu dedo na região. O polegar esfregava suavemente como se tocasse em uma peça rara, uma experiência que ele não compartilharia com ninguém.

Aquilo me pegou de surpresa, descongelando as minhas fibras tensas.

Não gostei como ele derrubou a máscara que trabalhei durante anos. Ele quebrou os meus pilares. Fez do paraíso uma imagem nada agradável ao que poderia presenciar nos seus olhos.

Era beleza crua. Selvagem.

Fácil de ceder e difícil de sair.

Mas eu tinha princípios. E Andrew também.

Como poderia confiar em alguém que tinha uma arma guardada?

Ganhei força para recuar e trouxe a realidade de volta.

— Entendi — eu disse. — Foi mal. Não devia ultrapassar o limite. Se quiser vasculhar o meu quarto, fique à vontade.

— Não quero — respondeu seco. — Espero que não se repita.

Aquiesci, esquivando-me e saindo dali.

Pude sentir o peso da sua visão ainda me seguindo até já não estar ao seu alcance.

Dessa vez o ponto tinha sido dele.



Depois do que aconteceu, decidi dar um toque na Paige e avisá-la que estaria aparecendo na sua casa. Ao passar pela cozinha, Andrew estava regando as suas plantas tranquilamente. Ele me poupou de ainda mais humilhação, fingindo que não tinha me visto nem escutado a porta se abrir.

Estava um clima estranho, porém nenhum de nós faria um alarde sobre o que aconteceu. Sair de casa traria um pouco da harmonia que eu estava necessitando.

Fiquei aliviada quando contatei Paige e ela informou que estaria em casa nos próximos dias, e como não tinha o que fazer, a minha presença, nem que fosse por horas, seria a melhor coisa do mundo.

Tinha que admitir a mim mesma que estava entediada também. Eram semanas em que basicamente passava os dias assistindo documentários, dormindo e, de vez em quando, saía.

Ao chegar no apartamento, subi as escadas e direcionei-me ao piso da casa de Paige. Pressionei o dedo na campainha segundos o bastante para escutar um “já vai” da minha amiga.

Ela abriu a porta, assustando-me com a sua máscara facial branca e uma touca azul em sua cabeça. Paige gesticulou como um mordomo para que entrasse.

Dilacerei o local em uma olhada rápida. A sua casa tinha uma decoração bem mais colorida do que poderia imaginar, mobílias da cor azul e bege marcando presença no corredor e as paredes pintadas com um amarelo-torrado.

— Você chegou mais cedo do que eu pensava. Estava me arrumando — disse, conduzindo-me para o outro lado da casa.

— Para mim? Vou te tirar do tédio, não te levar para um encontro — ironizei, recebendo uma risada.

Entramos na cozinha de paredes pretas. A mobília era da mesma cor, mas combinava com o bege que já estava pincelado pela casa. Tinha uma mesa acastanhada no centro e Paige convidou-me a sentar. Ela pegou em uma garrafa de vinho e, com o auxílio do saca-rolhas, abriu e serviu a bebida em duas taças de vidro.

Ela optou por se sentar ao meu lado, virando a cadeira para que o seu tronco estivesse na minha direção e ambas pudéssemos nos encarar.

— Precisamos sair mais vezes — disse Paige.

Encostei os lábios no copo e saboreei o líquido doce cutucando as papilas gustativas.

— Precisamos.

— Estou cansada com o tanto de trabalho que estou tendo na construtora.

— Muita demanda? — interroguei, sabendo que era uma conversa que não tinha frequentemente com a Ambrose.

— Felizmente, sim. A equipe de arquitetos é muito escassa. Sou só eu e mais duas pessoas, portanto temos uma carga muito maior. Pelo menos, as folgas são frequentes e não trabalhamos no fim de semana.

Levantei as sobrancelhas em concordância.

— Eu ignorava as minhas folgas — respondi.

— Sério? Como você conseguia?

Dei de ombros.

— Nem eu sei.

Beberiquei mais um pouco do vinho.

— Nunca me submeteria a abdicar das minhas folgas. São o meu ponto alto da vida.

— Tenho anos de profissionalismo em desafiar o que as pessoas nunca esperam — respondi caricata.

— Sei que sim. Deu para ver só pelo fato de estar dormindo no mesmo teto que o cara que você diz detestar. — Suspirei pesadamente, instigando mais o discurso da garota. — Como estão indo as coisas?

— Nada bem. Por um triz, não estou indo viver debaixo da ponte. Mas não o deixarei vencer. E acho que nem ele quer. Somos dois teimosos morando na mesma casa.

Havia muita coisa entalada. Não mencionei sobre o que vi no seu quarto. Não me atrevera.

— Ou seja, é um tipo de competição?

Paige levantou-se rapidamente para pegar o controle da sua televisão e ligar.

— Falando assim, até parece que somos dois adolescentes competindo por um troféu escolar.

— Parece.

— Me poupe — rebati, e ela gargalhou. — A verdade é que ele está chateado por eu estar pegando o irmão dele, mas não é da conta dele o que eu faço ou deixe de fazer. Você acredita que...

Sou interrompida quando Paige se engasga, as mãos ajudando a que a sua traqueia abrisse e pudesse deslizar o vinho sem causar um estrago. Preparei-me para a auxiliar, mas, felizmente, ela levantou a mão indicando que está tudo bem.

— Oh, meu Deus. Eu não estava esperando por isso. Você está pegando Austin Denson? — A sua pergunta saiu quase como se a garganta tivesse engolido um microfone. — Tipo, ele não é casado?

— É...?

Era patético fingir que não sabia. Austin ainda era formalmente casado e ainda mais sendo uma figura pública, ficava evidente que muita gente da cidade sabia desse tipo de coisa.

— Jesus, amiga. Você está ficando com um cara casado?

Mordi o interior da bochecha, externando o ar denso. Não iria entregar Austin e Michelle, mesmo que confiasse em Paige, portanto teria que entrar na personagem que era uma amante.

— Parece que estou.

— Puta que pariu, Harper.

— Mas não fale para ninguém! — pedi. — Não quero arruinar a vida dele.

— Bom, ele é pai e está casado com uma Donavan. A única pessoa que está arruinando a sua própria vida é ele. Mas não irei dizer nada. Confia em mim.

— A Axel também não sabe — disse, forçando a minha boca a dar o mínimo de informações possíveis. — Enfim, é um pequeno caso que eu me divirto. Apenas.

— Hum... É por isso que o irmão dele te odeia?

— É...

— Agora faz sentido porque ele não sai de casa. Ele quer te controlar. Quer saber exatamente se você não vai abrir a boca sobre o que está acontecendo, já que daria um grande escândalo.

Sorri de lado.

— É óbvio, não é? Ele é muito babaca se pensa que não tenho dois neurônios para chegar a essa conclusão.

Paige não se mediu em mais uma gargalhada.

— Você está vendo até onde isso vai dar? — Assenti. — Vocês realmente parecem dois adolescentes competindo por um troféu escolar.

Revirei os olhos, pulando interiormente para um bote salva-vidas para conseguir escapar daquela onda de conversa.

— Então, você vive aqui sozinha? — interoguei, trazendo uma nova conversa.

— Sim. É a primeira casa que comprei e não pretendo sair daqui tão cedo. Fica perto do centro da cidade e isso que importa, não é? Além de conseguir visitar os meus irmãos e os meus pais.

— Eles vivem aqui em Fokley?

Ambrose aquiesceu.

— Sim. Mas mais na região rural. Eles preferem a calma que a imensidão de carros e pessoas da cidade.

— Os meus pais também. — O meu dedo desceu do copo e circulou pela superfície de madeira. — Principalmente a minha mãe. Ela era do Sri Lanka e vivia numa cidade bem mais rural, sem nada industrial. Ela amava contar como era apaixonada pelo espaço e como queria que nós fôssemos lá. Como estava tendo muitos problemas para termos o passaporte, ou conseguir dupla nacionalidade, eles cansaram da ideia. Estavam esperando que eu tivesse dezoito anos para irmos.

Engoli secamente, o sabor doce da minha boca amargando até o cúmulo do meu estômago.

Detestava tocar em assuntos delicados como aquele e fingir que não iria me arrancar algumas lágrimas. Não era capaz de disfarçar o tom melancólico que espremeu as sílabas articuladas. Eram murmúrios de uma saudade que ainda morava no meu peito.

— Sinto muito, Harper. — A sua mão acolheu o meu ombro e acariciou-o, mas a minha linguagem gestual deve ter a assustado, pois ela acabou por tirar e se levantou, levando os copos para a pia. — Você andou na faculdade de Fokley, não é? Eu acho que já te vi algumas vezes por lá. Também estudei naquela faculdade horrível. Você tinha... uma certa fama. Eu lembro que diziam que você era protegida por militares.

Não era uma mentira, pensei.

— O luto me fez querer chamar muito a atenção — acrescentei pensativa. — Tem coisas que me arrependo, mas outras nem tanto.

— Você fez com que quase toda a universidade tivesse medo de você, sem ao menos te conhecer.

— Que nada... Eram um bando de covardes. Você tinha medo de mim? — Paige demorou a responder, a boca movendo-se em caretas hilárias. — Não acredito...

— Não tinha medo, mas as pessoas falavam como se você tivesse batido em duas idosas e sequestrado cinco crianças.

— Mas o que eu fiz de tão maldoso? — perguntei sincera.

Por mais que eu tivesse consciência de que poderia ter feito uma coisa ou outra que desse razão à minha antiga fama, não entendia a reputação geral que eu havia adquirido.

— Você não tinha sido presa porque bateu em um sênior de Economia? — Suspirei, mas Ambrose continuou. — Ou quando você foi numa festa e fez dois caras chorarem?

— Isso é exagero.

— Ou quando você quebrou a perna do capitão do time de hóquei?

— Ele mereceu! — exclamei, o sorriso de Paige esticando seus lábios até doer. — A maioria dos boatos são falsos. Eram de pessoas que já tinham lidado com o meu mau temperamento, mas na maioria dos casos, eu era uma pessoa simpática. Mal-educada? Sim. Completamente descontrolada em algumas situações? Pode ser que sim... Talvez um *pouquinho* vingativa? Com certeza. Mas, sei lá, a Axel gostava de mim.

— Por que você não desmentia?

— Era benéfico em certa parte, para mim. Afastava as pessoas mal-intencionadas de estarem ao meu redor. E, segundo, porque ninguém acreditaria. Paige, eu tenho as características impecáveis para isso. Você sabe... É impossível desmentir quando já te rotulam pelo que convém para elas.

Os lábios da minha amiga foram repuxados, as engrenagens cerebrais deitando vapor pelos seus olhos. Paige sabia tão bem quanto eu.

Não poderia evitar pensar que parte da culpa era minha. Eu realmente tinha feito muita burrada e ferrado com uma possível boa imagem na minha época de universitária, mas era proposital. Só aproveitei o terror e vesti a fachada.

Embora o caos, tinha conseguido me centrar nos estudos e acabado o curso com a melhor nota que alguma vez a faculdade já havia tido no curso de Enfermagem. Tive o meu primeiro emprego assim que saí e, quando dei por mim, anos depois, já tinha uma casa em Fokley e uma conta bancária que me deixava tranquila.

— Então, é mentira que você foi presa?

Ela parecia triste, o que me fez rir.

— Mais ou menos. Não foi nada de especial. Os policiais entenderam a minha fúria por ter batido no cara — disse, sabendo que estava mentindo. Eu era protegida.

— Ah, que bom. Pelo menos isso.

Ambrose voltou a colar a bunda no assento e ela focou na televisão, pegando no controle para aumentar o volume. Acabei por dar atenção ao noticiário.

Ao que parecia, havia alguma movimentação estranha nas empresas de defesa, o que levantava suspeitas. Depois da morte de William Donovan, muita bagunça tinha vindo à tona e a família estava passando por algumas dificuldades na regência da firma.

— Aquele é o Andrew? — ela perguntou, mas o meu cérebro já estava focalizado nas imagens.

Andrew estava saindo do carro para entrar na *Denson Empire*, a sua cara fechada para os jornalistas era cômica. Ele estava odiando a atenção.

O seu olhar mirou na câmera e foi como se ele soubesse que estava por detrás daquela lente, vasculhando pela minha alma desordenada.

Tive que esquivar, em busca do que os pulmões pediam para não me sufocar mentalmente.

— Não sei quem é essa gente, amiga, mas é todo dia a mesma notícia. Por que estão tão fissurados na morte desse homem?

Não sabia o que responder já que, quando Austin havia dito que as coisas estavam muito feias, eu não imaginava que estivessem tanto. A mídia estava presa nas duas famílias e, por pouco, não começariam a cavar mais fundo sobre elas. Era um momento propício.

— Não sei — respondi, por fim. — Mas não é nada demais para nós.

— Bom, você está ligada a eles, de certa maneira, não é? Talvez você devesse se preocupar um pouco.

E eu estava.

Mas se eu vivesse em função daquela preocupação, as minhas férias já não teriam propósito.

Portanto, engoli o que sobrou do vinho para disfarçar o caroço que formou na minha garganta e o medo que enraizou nas minhas veias.

Eu teria que me preparar para o que viesse.

Donavan queria que eu ficasse quieta, então eu continuaria.

14

“Porque eu sou um problema com problemas, eu sei quem sou. E eu não sou boa.”

Wrong, Zayn&Kehlani

Harper Reese

O planetário era o lugar preferido do meu pai. Ele trabalhava em um de Merley, mas não me limitou a conhecer somente aquele. Tínhamos visitado vários do país, mas o nosso favorito era exatamente o de Fokley. Ele também me levou a encontros internacionais com outros astrofísicos. Eu amava. Ficava deslumbrada com tantas pessoas geniais no mesmo ambiente.

Mas nem sempre foi assim.

Ele e a minha mãe tinham várias conferências fora do país e precisavam viajar, portanto eu e a minha irmã tínhamos que dormir na casa de uns familiares.

O meu pai confiava em apenas uma pessoa para isso:

Cloan Reese.

Ele era seu irmão. O mais velho. Era um homem robusto, de braços grandes e a barba mal aparada. As suas linhas do rosto estavam sempre contraídas, a sua voz assustadora lapidada em raiva.

Eu não me lembrava muito bem como era estar naquela casa, mas eu não gostava muito de andar sozinha de noite, principalmente ir para a cozinha.

Cloan Reese gritava muito com a mulher. Eles estavam sempre em discussão e eu odiava escutar o seu choro, vê-la tremer ou se sentir *fria*.

Sim. Disso eu me lembrava bem.

Aquela casa era *gelada*.

As mãos de Cloan eram glaciais, incomodativas e invasoras.

Foram anos que os meus pais confiavam em Cloan até que a minha irmã contou para eles a verdade do que acontecia naquela casa, depois de três anos, centenas de noites passadas naquele inferno.

Foi uma situação caótica. Eu tive que ser interrogada, foram questões atrás de questões, e o *meu tio* acabou sendo preso.

A mulher dele se livrou.

Eu só pensava em como ela já podia se sentir quente.

Mas eu ainda odiava qualquer toque que fosse tão gelado quanto o dele.

Por isso, havia algo dentro de mim que martelava na tecla que não estava tudo bem. Que ainda havia resquícios do que escutava durante todas aquelas noites. Do que eu sentia durante a manhã.

Então, foi apenas nos meus doze anos que comecei a frequentar o planetário com os meus pais. Depois da confusão, os meus pais desistiram de participar em conferências e viajar, e eu e a minha irmã nunca mais dormimos fora de casa.

Eu gostava assim. Gostava de estar apenas com eles e com a minha irmã. Eram as únicas pessoas que me aqueciam. As únicas que eu permitia me tocarem, abraçarem, e eu sabia que não estariam me invadindo.

Respirei fundo, a amplitude do meu peito ampliando para sorver o meu máximo de ar.

Eu não deveria estar pensando em algo do passado, mas encarar as estrelas me deixava nostálgica.

O planetário estava quase vazio. Era eu e uma porção de crianças com as suas respectivas mães. Devia ser alguma atividade de jardim de

infância já que todas as crianças estavam uniformizadas e com chapéus a condizer.

Era uma sessão sobre o que era o universo da maneira mais simples a ser explicada. Eu gostava. Deixava tudo mais fácil de ser entendido, mesmo que fosse um grande bicho de sete cabeças.

Depois da sessão terminar, caminhei até o banheiro.

Assim que terminei de me aliviar, corri para lavar as mãos e dar o fora dali. Estava ficando tarde e eu não queria andar pelas ruas de Fokley com a escuridão como companhia.

— Harper?

Girei a cabeça dando de cara com Michelle. Não fui capaz de esconder a expressão de surpresa que tomou todos os meus ossos.

— Michelle! Oi!

A exclamação saiu alta demais, porém ela não mostrou vestígios de se importar já que fez o favor de me abraçar, apesar das minhas mãos recém-molhadas.

Eu me encolhi, assustada e repugnada pelo seu abraço.

Frio. Frio. Frio.

Deus, eu odiava.

Ela teve sorte de se afastar, antes de eu a empurrar.

— Como você está? — questionou, sem entender a minha carranca.

— Bem. — Forcei um sorriso. — Veio com Mark?

— Sim! Não queria o trazer por ser muito tarde, mas as outras mães insistiram e cedi — explicou, sacudindo os seus cachos castanhos perfeitos.

Michelle possuía uma beleza natural e excêntrica. Eu não invejava. Muito pelo contrário. Não me intimidava com ninguém e por ninguém. Só não poderia deixar de admitir quando encontrava outras mulheres lindas, e Mich era uma delas.

Ela era alta, mas devido ao fato de ser uma mulher gorda, fazia-a parecer mais baixa. Mas era só ela se colocar lado a lado a mim que eu via como, mesmo sendo centímetros menor que eu, a sua estatura estava acima da média. Os seus braços eram grandes e as coxas também. As bochechas

do seu rosto avolumadas e coradas pela maquiagem própria para uma mulher negra de pele clara.

— Gostou da sessão? — ela perguntou, enquanto eu secava as minhas mãos com um par de papéis.

— Sim. Quer dizer, já a conheço de cor e salteado.

— Vem aqui muitas vezes?

Assenti.

O planetário costumava sempre criar novas atividades e apresentações inovadoras para chamar a atenção de mais gente, mas não limitava que algumas fossem repetidas e tivessem de usar o mesmo discurso de há mais de uma década.

Interrompendo o nosso diálogo, o celular de Michelle tocou. O seu visor brilhava nas suas mãos no momento em que ela tirou da sua bolsa e um nome com o coração ao lado chamou a minha atenção.

Na tentativa de ser discreta, ela sorriu e negou o telefonema, mandando uma mensagem de imediato e guardando novamente o dispositivo.

— Namorado?

Não consegui me conter e fazer uma provocaçãozinha.

Nós não tínhamos muito a esconder uma da outra.

No momento que Austin me contou que era casado, o meu primeiro ímpeto foi falar com Michelle para saber a verdade. Sabia que poderia originar uma confusão e eu ser arrastada para um caos que nem era da minha conta. Por mais que eu acreditasse em Austin, saber a verdade da mulher com quem ele supostamente estava casado por negócios era mais importante.

Ela disse a verdade. A mesma que Austin me contou.

Também me disse que a ideia partiu dela. Michelle não iria conseguir estar apegada a alguém para o resto da sua vida que não sentisse uma ligação, portanto propôs a Austin um trato com que viviam até o momento.

— Sim — respondeu, fisingando os seus cachos da lateral e os pressionando atrás da orelha.

— Deve ser... o sétimo, não é?

— Não... — respondeu tímida. — É o oitavo.

Ela corou ainda mais e eu gargalhei.

— Meu Deus, Mich.

— Qual é? Eu tenho muito cuidado, ao contrário do Austin que a cada dia tem uma nova. Ele pode ferrar com a gente.

— Ele é incontrolável.

Revirei os olhos, por mais que me sentisse hipócrita por ter contado metade da história à Paige.

— Mas, bem, eu acho que dessa vez é pra valer. Eu e esse meu namorado... Eu gosto dele e é recíproco.

— Ele sabe sobre você e o Austin? — perguntei e ela meneou a cabeça.

— É impossível ele não saber, e é muito respeitoso.

— Que bom, amiga. Fico feliz por você — articulei sincera.

Eu gostava dela. Era uma ótima pessoa, uma mulher incrível e era sobrinha de uma das pessoas mais queridas que já havia conhecido, William Donavan. Eles não eram muito próximos, mas ainda sim eram família, então imaginava como tinham o mesmo coração de ouro.

— Ele vem me buscar — informou Michelle. — Quer uma carona também?

Balancei a cabeça.

— Não é necessário, mas obrigada.

— Se você precisar de algo para infernizar a vida de Austin, eu posso providenciar — disse num tom brincalhão que me arrancou uma risada neutra.

— Com certeza. Mas eu mesma arranjo um jeito de causar.

Michelle não diz mais nada. Abanou as mãos numa despedida e abriu a porta. O seu filho esperava do outro lado. Ela indicou para que ele se despedisse de mim. Mark levantou as suas mãozinhas e balançou.

Dei uma conferida nas minhas roupas pelo espelho antes de sair do banheiro público. Às vezes me perguntava como os meus pais reagiriam caso vissem a garota que costumava usar peças coloridas se tornar quem andava com um bralette preto de renda com casacos longos e botas altas.

Como eles reagiriam que eu acrescentei mais tatuagens, principalmente em lugares muito visíveis. Provavelmente a reação deles seria caricata.

Antes de caminhar para fora do local, conversei com o instrutor do planetário, um velho amigo do meu pai. Sempre gostava de parabenizar e falar um pouco mais sobre o que foi apresentado.

Logo depois, peguei um Uber e fui para casa.

Ao chegar, o primeiro embate foi com as luzes apagadas e apenas o candelabro da sala ligado. Andrew estava lá sentado na poltrona, com o seu celular no colo e o semblante iluminado pela luz da tela.

O que mais chamava a atenção eram os seus óculos. Raramente o via com eles, em algumas análises nada voluntárias pude reparar que ele usava lentes. Em momentos muito específicos, como ler ou usar o celular que costumava usar os seus óculos.

Denson girou a cabeça quando escutou o salto da minha bota no piso, mas não me cumprimentou.

E eu fiz questão de não falar.

Em passos rápidos, fui ao banheiro e fiz a minha higiene. Estranhei pelo fato de ser quase meia noite e Andrew ainda estar de pé, mas não tomei muito do meu tempo ponderando sobre o que ele estava fazendo ou não.

Segui para a cozinha, onde um prato de macarrão estava sozinho no centro da mesa.

Enruguei a testa.

Andrew nunca deixava nada na mesa. Nada na cozinha. Em nenhum canto. Ele cozinhava apenas para si e quando terminava, arrumava tudo tal e qual como se nunca tivesse pisado em casa.

Ignorei o prato, dando atenção à câmara na mesa. No primeiro instante de dúvida se pegaria nela ou não, a voz solene de Andrew entrou no ambiente:

— Não toca.

— Nem toquei — respondi ignorante.

— Mas você ia.

— Como pode ter certeza?

Eu me virei, admirando de longe a luz ofuscante nas áreas certas do seu rosto.

— Porque você pensou.

— E agora é pecado pensar?

Pude ver o seu rosto contorcer.

— Se os seus pensamentos estiverem relacionados a mim, sim.

— Para se importar tanto com o que eu estou ou não pensando em querer fazer, talvez a única pessoa aqui que esteja pecando é você.

— Eu nunca disse que era santo, Reese.

Saiu suave.

Suave demais.

— Mahesh é o sobrenome que eu uso — corriji.

— Não me importo.

Rosnei baixinho. Decidi assistir um documentário, mas implicaria que eu sentasse a, pelo menos, dois metros de distância.

Mesmo não querendo, sentei-me no canto direito do sofá, longe dele, porém ainda parecendo muito perto.

O seu olhar manteve-se preso ao computador, ignorando a minha movimentação.

Liguei a TV e abri a aba do site pirata.

— Você não se importa que eu assista aqui, né? — questionei, deixando no ar.

Ele não respondeu, portanto decifrei como um sim.

Encontrei um documentário sobre a pesca e como o exagero era nocivo para o nosso planeta. Deitei-me no sofá, esticando as minhas pernas e apoiando a minha cabeça no braço, e carreguei no play para duas horas de palestra e bom conhecimento sobre catástrofes naturais.

Notei que o idioma do filme chamou a sua atenção. Eu estava escutando em francês. Gostava de variar em algumas línguas que eu era fluente para não esquecer.

Ele não perguntou nada, nem fez um comentário ridículo. A tranquilidade com que Andrew teclava no computador, os resmungos e

viradas para o celular para responder as mensagens que faziam o objeto vibrar eram os únicos sons vindos dele.

No entanto, havia algo a mais no seu semblante. Algo que começou a ganhar significado depois de ver o que vi no seu quarto. Talvez pelo seu trabalho fosse normal estar com uma arma, mas dentro de casa?

Por quê?

Nós estávamos em perigo?

Meu coração afundou, um certo receio arranhando minha traqueia em desespero.

Não seria imprudente. Não perguntaria. Iria agir como se não soubesse e veria o que poderia descobrir até ter certeza.

Andrew teclou por mais alguns minutos até que fechou o computador, a luz da tela apagando e deixando de iluminar seu semblante.

Esperei que ele se levantasse e fosse embora, no entanto, ele apenas focalizou também na TV e atentou-se a ver o documentário.

— O prato que está na mesa é para você.

Não respondi e Andrew pareceu também não esperar por uma resposta.

Não estava entendendo qual era a dele e isso fez com que a minha concentração evaporasse.

Eu estava escutando a sua respiração pesada.

Escutava e contabilizava o número de vezes que ele se mexia na poltrona por não estar confortável.

Um. Dois. Três. Quatro... Tinham sido cinco vezes em um intervalo de aproximadamente quinze minutos.

Ele também murmurava. Parecia falar consigo mesmo, especialmente quando algo chocante aparecia na tela.

Não me controlei e precisei mover os meus olhos, capturando a imagem de Andrew. Sondei seus olhos castanhos e como tinham ganhado uma cor nova pela dança de luzes da TV. O rosto milimetricamente desenhado, com imperfeições naturais que o deixavam ainda mais cruel de o ver por torná-lo mais bonito.

As suas coxas musculosas. Os seus braços flexionados nas mangas da poltrona. As veias das suas mãos entrelaçadas pelos dedos.

Era uma imagem que embrulhou meu estômago e destruiu o resquício de dignidade que eu ainda poderia ter.

Ele parecia ser grande demais para o lugar onde estava.

E, por míseros segundos, pensei em como eu seria pequena por cima dele.

Por baixo.

De lado.

De quatro.

Algemada. Sendo punida.

Jesus.

Quando voltei a encará-lo, os seus olhos estavam fechados, a cabeça inclinada para trás. Andrew tinha adormecido?

Os meus neurônios não processaram uma resposta, pois o ronronar do meu estômago explodiu na sala. Eu estava morrendo de fome e precisava de algum alimento para me saciar.

Era nítido que o meu receio para comer algo que Andrew tinha preparado era grande. Ele nunca tinha cozinhado para mim. E não poderia ser no mesmo dia que eu havia invadido o seu quarto que ele o faria. Era estranho.

Levantei-me e analisei o prato. Era carbonara, e tinha sido milimetricamente enfeitado com queijo ralado e folhas de salsa. Cheirava bem. E ainda estava quente.

O meu estômago derrocou pela insana fome, e não pude evitar pegar o prato e retornar à sala. Assim que dei a primeira garfada, quase desmaiei pelo sabor gostoso que se fundiu com a minha boca. Deus, estava bom demais. Tentei fingir que não me afetou, mas o meu coração galopou pela surpresa de como Andrew era excelente numa tarefa tão dedicada.

Dei várias garfadas seguidas, degustando até o limite.

De relance, vi Andrew se remexendo e ergui as sobrancelhas, mastigando brutalmente.

— Eu sei que você está acordado.

— Não estou.

Revirei os olhos.

— Bom proveito — ele disse.

— O meu único proveito será quando eu enfiar esse garfo na sua garganta.

Houve uma pausa demorada.

— Já foi com uma faca, agora será com o garfo? Que mal os talheres fizeram a você, Aurora?

Rolei os olhos, engolindo o bolo da minha boca.

— Eu não sei se te contaram, mas eu não me chamo Aurora. Qual a sua intenção com esse apelido patético?

Não era patético. Eu amava auroras boreais, mas não era um compartilhamento que gostaria de fazer com ele.

— Não chamo pelo primeiro nome pessoas que não tenho intimidade — explicou.

— Deduzo que por causa da academia militar. Vocês costumam apelidar.

Ele não respondeu. A sua boca ficou tensa e as pálpebras tremeram.

Dei mais uma garfada, a tensão machucando meus músculos.

— Mas o seu irmão ama me chamar pelo primeiro nome.

Eu sei que provoquei, mas eu queria. Por alguma razão, queria cutucá-lo que estava pegando o irmão dele, quer ele queira ou não. Embora Austin fosse mais um na minha lista de quem eu já havia tido alguns orgasmos, queria que parecesse importante para mim na sua perspectiva.

— Porque ele te reivindica por palavras já que por uma foda não garante.

Petrifiquei. Andrew se levantou, a sua sombra tapando parte da tela da televisão e os seus olhos me devoraram sem que eu fosse capaz de combater primeiro.

— Mas como você falou, não é da minha conta o que acontece na sua vida. Porque, se fosse, só Deus sabe como eu faria questão de te mostrar de todas as maneiras que você é somente minha. — Então, os seus olhos beberam o meu corpo num gole instantâneo. — Boa noite, Aurora.

Quis rir muito alto pelo simples fato de estar abalada pelo que saiu daquela boca em tão pouco tempo.

Eu estava me sentindo patética.

E me senti ainda mais quando ele fechou a porta do seu quarto e eu, sem remorsos, cruzei as pernas, suspirando baixo.

15

“Quinze centímetros de salto. Ela entrou na boate como se não fosse problema de ninguém. Minha nossa, ela assassinou todo mundo e eu fui sua testemunha.”

6 inch, The Weeknd & Beyoncé

Andrew Denson

Não tinha saudades.

Era o meu bordão logo após entrar no instituto.

Escutei as saudações, os treinos de alguns cadetes que corriam no relvado do campo e passos duros de quem praticava a marcha.

Não parecia que não frequentava aquelas paredes há mais de dez anos. Tudo aquilo continuava enraizado em mim. O som das botas batendo no chão de pedra, o retumbe das vozes de comando azucrinando os meus ouvidos e o clique das armas quando carregava as munições era uma trilha sonora de calibre alto para a minha mente já perturbada.

Mickey e Barton não esboçavam a mesma sensação de desdém ao entrar. Eles estavam confortáveis, até porque trabalhavam. Talvez eu até exibisse tranquilidade, mas por dentro, a história era outra.

Tínhamos sido convidados a prestar alguns depoimentos para uns novos recrutas. E, apesar de eu não ter muito a falar pela minha experiência aparentemente privilegiada por ser um Denson, não neguei.

Ao contrário de Mickey e Barton, que tinham uma sortuda lista de acontecimentos marcantes, eu só tinha o que contar quando uma criança é colocada em um ambiente mais fatal que um campo de batalha. E poderia crer que não era esse o tipo de depoimento que esperavam de mim.

— Você vai ao *Sófocles*? — James perguntou quando descíamos as escadas.

Três tenentes, que eu nunca tinha visto, conduziam-nos para o terreno. Por mais que eu quisesse, não tinha esquecido como o Instituto era gigante a ponto de ser uma maratona ir de um lado para o outro.

— Vou — respondi, escondendo uma das minhas mãos nos bolsos.

— Não sei se vou. — Foi a vez de Mickey falar. — Tinha prometido ao meu irmão que iria ao jantar de família.

— Vai ser a mesma merda de sempre. Pode ficar descansado que não perde nada.

Sófocles era um teatro famoso, especialmente por receber pessoas de bolsos cheios e de mentes vazias em espetáculos que escondiam encontros de poder.

Por mais que eu achasse um saco, fazia parte da minha meta concluir algumas coisas com os meus próprios olhos. Estar no evento era importante, porém não disfarçava como queria não me submeter a todo o ambiente envolvido de mentiras, suborno e pura corrupção.

Eu não era diferente, de certo modo. Por mais que eu me esforçasse para seguir em frente e fingir que não aconteceu, eu tinha vindo com o propósito de terminar com o que havia começado.

E não havia nada puro em mim que me fizesse julgar outras pessoas.

Seria mentira da minha parte dizer que eu era melhor que o meu pai.

— Sempre aparecem contratos e novas movimentações. É difícil concluir que não vai acontecer nada quando da última vez o Instituto quase foi arruinado e eu poderia perder a porra do meu emprego — rebateu Mickey na sua maior calma.

Quando ele queria, conseguia ser certo como o maldito profissional que era. Por mais baboseira que pudesse sair da sua garganta, Wada tinha uma boa olhada e um faro apurado para desvendar mistérios bem camuflados.

Contei o que estava acontecendo com a imprensa e os acordos. Ele já tinha analisado como a *Denson Empire* e a *Donavan Company* estavam entrando numa crise pública. Na sua perspectiva, era impossível não aproveitar a lacuna da morte do CEO e uma das pessoas mais influentes no setor para descobrir o que há realmente por debaixo dos panos. Sempre houve dúvidas de corrupção e não poderiam perder a oportunidade.

Às vezes desconfiava que ele percebesse o que estava acontecendo comigo, porém ele nunca deu sinais. Não tirava o mérito dele ser um bom amigo e um dos melhores que esse instituto já teve. Não foi aleatoriamente que o meu pai considerou entregar uma medalha de honra para o seu peito e inflar um pouco mais o seu ego.

— Ainda não entendi o que o seu pai deseja, mas isso pode dar um prejuízo. E se ele não quer as suas merdas vazadas, deveria evitar que isso se torne assunto público — James começou a dizer enquanto ainda passávamos pelo campo vazio. — Vocês já tinham tido uma crise há anos.

— Há 19 anos.

Era claro que eu me lembrava.

19 anos, seis meses e três dias.

— É... Até um cachorro consegue pensar que essa não é a melhor opção — concluiu Barton.

— E dessa vez não teremos casamento arranjado para ajudar — brincou Mickey, me dando um toque.

Por fim, chegamos ao encontro marcado onde umas dezenas de cabeças adolescentes esperavam sentadas em círculos de brincadeira e conversa fiada.

Logo que um dos seus instrutores disparou um aviso de posição, todas as posturas mudaram e as filas foram formadas, os braços flexionados e a mão pregada na testa.

Por mínimos instantes, os meus músculos faciais fizeram questão de formar o que seria um possível sorriso.

Eu não tinha saudades, mas não mudaria o meu trajeto por nada desse mundo.

Era fodido pensar como, mesmo com marcas e traumas deturpando a forma como eu respirava, agia, dormia, eu ainda tinha uma empatia por

todos aqueles que formaram o que era.

Mickey e Barton eram a prova viva do que falava. Uns filhos da puta que me deram um trabalho maçante do cacete por nunca largarem o meu pé, mas, depois de anos, pisávamos no território acadêmico com nossos laços ainda intactos.

Essa merda nos moldou. Eu não era cem por cento o que Anthony queria que eu fosse porque tive experiência com situações que me fizeram desviar do caminho. Havia remotas partes de mim que eram humanas e fiéis aos meus princípios e outras que foram forjadas por Anthony e pessoas que eram tão doentes quanto ele.

Mas esse era eu. Uma formação de desordem, de um coração gelado e ainda com as suas peças colocadas depois de ser dilacerado mais do que uma vez. Ainda pregando o que sempre achou correto, mas escolhendo caminhos que corroíam o meu peito.

Eu tinha pecados. Muitos deles que não se espera um perdão. Nem mesmo vindo de mim.

Mas foram todos de minha escolha. Escolhas que eu segurava tanto peso que, em algum momento, marcariam a minha sepultura. E eu não estava arrependido.

— Para todos que estão aqui e não sabem, esses são James Barton e Andrew Denson. Vocês já devem conhecer o nosso tenente-coronel Kian Wada. — O Major-General gritava a plenos pulmões. — Eles vieram falar com vocês sobre as suas experiências e os desafios que irão encontrar agora que deixaram de ser recrutas e passarão a ser soldados.

Olhei para cada uma das caras sérias, onde o medo, a fraqueza e até o receio de não estar fazendo a escolha certa as esculpia. Mas no momento que o Major-General deu espaço para que tanto eu, Mickey e Barton tomássemos o seu lugar numa base alta, a tensão que pesava sobre as nuvens do céu sumiu.

— Podem tirar essa pose de malvadoes. Não estamos em uma guerra — Mickey disse, pegando no banquinho de madeira que disponibilizaram para cada um de nós e arrastou até o relvado, onde os recrutas estavam. — Por enquanto, claro.

Mickey tirou a sua boina, sendo o único de nós que usava o uniforme completo. Indicou para que avançássemos também. Pegamos o nosso banco

e o posicionamos no campo, de frente para o esquadrão de garotos.

— Sentem-se. Isso ainda será longo — falei, relaxando as cordas vocais no máximo que conseguia para não assustar os fedelhos.

Eles então se sentaram no chão, cruzando as pernas, esticando ou apoiando-se no chão. Gostei de como se submeteram à minha ordem tão facilmente porque, na minha vez, eu teria continuado em pé por desafio.

Nenhum dos três tinha nada definido. Deixamos Mickey falar primeiro por ser aquele que tinha muito mais para contar. Ele falou sobre os anos que tinha feito voluntariado em países em guerra e como foi um misto grande de emoções para definir o que ele estava fazendo até então.

Ele conta como nos conhecemos. Como eu e ele ficamos no mesmo beliche e competíamos entre nós quem era o mais rápido, forte ou inteligente. Oito anos depois, quando tínhamos dezesseis, Barton apareceu na nossa vida.

E foi a vez dele tomar partido da conversa.

James explicou a sua transição. Foi breve, mas o suficiente para quem estava lá saber que ele era um homem transgênero. Barton disse que foi aos dezesseis anos que começou a frequentar a residência masculina e a ser dirigido no pronome masculino. Foi nessa época que ele se enturmou comigo e Mickey. Para ele foi complicado. Não poderíamos fingir que a academia era o lugar mais saudável e aberto, mas a sua adaptação conseguiu ser muito melhor do que esperava, assim como foi em casa.

Vi os olhos alheios se desviarem, a curiosidade tomando conta daquelas pupilas interessadas. Senti orgulho dizendo que foi uma das fases mais temíveis da sua vida, mas a mais confortável e segura que ele poderia ter.

O seu depoimento expandiu para falar também sobre a nossa primeira escolta juntos. Estava detestando que eu era alvo de piadas por ser o mais rigoroso, e as caretas que Mickey fazia na minha direção a ponto de ameaçar se explicássemos o motivo do seu apelido.

Pude ver como o medo que adornava cada semblante, agora era de pura satisfação e vontade de ter as mesmas histórias.

Por mais que essa academia tivesse algum sinônimo de sangue e terror, ainda moldava corações e construía vários.

Não o meu.

Por isso, por mais que tivessem insistido, eu decidi não falar sobre mim.



Nem o vinho era agradável.

Estava no terceiro copo, perscrutando os cantos.

O teatro estava cheio. O palco era a fonte de luz necessária para que os convidados se movimentassem com destreza sem tropeçarem nos seus saltos altos, vestidos longos e ternos caros.

Um dramaturgo americano viria mostrar a sua peça que já tinha sido premiada por concursos que eu não decorei. E, para surpresa de ninguém, eu não me importei o suficiente para querer saber.

Haveria também um jantar para a montanha de pessoas e convidados encherem o busto para que tivessem forças para conversarem sobre futilidades.

Estavam presentes cirurgiões, advogados, políticos, celebridades, donos de firmas bilionárias e algumas famílias estrangeiras de categorias que não eram do meu conhecimento. A aristocracia morava ali. Era tudo aquilo que eu não gostava.

Estar em casa com Aurora e escutá-la xingar ou ouvir os seus pensamentos raivosos construindo uma sepultura imaginária seria muito mais interessante. Mas precisava estar ali para os negócios. A diversão teria que ficar para depois.

De relance, vi o meu irmão abrindo a boca para esbanjar sorrisos falsos para quem conversava com ele. Michelle estava ao seu lado bancando a figura da boa mulher. Eu sabia que por dentro ela também queria explodir o espaço, especialmente quando a boca de desconhecidos articulava “*meus pêssames*” e “*sinto muito pela sua perda.*”

Ela fingia que não, mas a morte de Donavan não era um fardo. Era um alívio para cada músculo seu que sofreu durante anos de alma corrompida. Ele teve o que merecia e, mesmo que eu não acreditasse que a morte era um castigo, para Michelle era.

Porém, a lembrança do que Austin havia me dito que Aurora tinha sido enfermeira de Donavan triturou minha mente.

Teria que pensar em uma solução, mas era difícil quando era uma soma de variantes que não estava esperando.

— Vai ficar aqui durante quanto tempo? — Barton se aproximou, com um copo na mão. — Não seria uma boa altura para saber mais sobre o que o seu pai está tramando? Ver como a imprensa está lidando com as coisas?

— Interrogatórios em festa são atos de amadores.

— Concordo.

Barton matou a sua bebida, estalando o céu da boca.

— A Willa não veio?

Ele negou.

— Você sabe como ela é. Detesta estar em lugares com muita gente.

— Por isso que eu gosto dessa garota.

— Eu também — Barton zombou.

Beberiquei do que sobrava do vinho e aspirei a garganta num arquejo suave.

— Se o Mickey estivesse aqui, talvez animasse esse funeral.

— Cara, eu não te contei, mas acho que ele está apaixonado.

Levantei as sobrancelhas em uma curiosidade tremenda. Conhecia Kian Wada desde os oito anos e a palavra apaixonado não combinava com ele.

— Que história é essa?

Antes que eu pudesse arrancar mais informações, senti um magnetismo me puxando e a minha atenção se voltou para a porta.

Unicamente para a merda da porta que parecia mais uma passagem direta para o inferno.

Como aquela mulher conseguia, eu nunca soube. Mas a porra do globo parecia clicar no travão e dar espaço a que todos os olhares centrassem somente nela. Ela herdava o que seria o meio termo entre o paraíso e o inferno, o caos e a paz. Era um abismo que, por mais escuro e

perigoso que fosse, a tentação de experimentar a queda livre era muito maior.

A sua beleza era excepcional. Era doloroso encarar Aurora e saber que não era deles, muito menos poderia ser. Todos que estavam ali pareciam ser feitos de papel e lápis barato quando ela era a obra divina que nem os deuses teriam a honra de contemplar.

Toda a merda do espaço conseguiu sentir a sua presença. Inclusive eu.

O seu vestido preto abraçava as suas curvas pelas dobras na sua cintura e a abertura deixava exposta a sua perna direita, o dragão chinês mais saliente do que nunca.

As alças, que caíam suavemente em seus ombros, deixavam em evidência a linha dos seus seios marcada pelo ciclo lunar gravado. Ela usava luvas da mesma cor e os seus sapatos prateados batiam firme e forte no piso.

Foi o alerta que precisava para voltar à realidade. Não sabia o que ela estava fazendo aqui já que não era o seu lugar, porém assim que o meu irmão passou diante dos meus olhos, lembrei do que estava rolando.

Claro que ele não seria burro de marcar território em Reese, sabendo que a maioria das pessoas ali sabiam do acordo entre os Denson e Donavan e como uma pessoa de fora não poderia interferir no casamento. Mas ninguém desconfiaria sabendo que Aurora foi a enfermeira que ficou até os últimos segundos com Donavan.

O nosso embate frontal chegou quando ela abraçou Axel que foi correndo para os seus braços e ergueu a cabeça. Vi os seus dois pontos escuros serem uma visão conturbada de intensidade, seriedade, me analisando e decodificando o que passava na minha cabeça.

E eu tremi.

Tremi o suficiente para saber que ela não seria menos do que o juízo da minha vida.

— Preciso que você faça algo para mim — falei, tomando o foco de Barton.

— Depende do que for.

Bebi o resto do vinho, fitando a mulher que ainda daria cabo do meu sono e se tornaria em um inferno ainda mais assustador do que aquele que eu já estava condenado.

Mas tinha gosto de ser perigoso e bruto.

E eu não me sentia intimidado.

Foi então que os meus olhos rastejaram pela sua coxa que não estava exposta. E eu soube. O modo como ela estava caminhando, aquela pequena dobra...

Virei-me para Barton e murmurei o que supus que nunca iria precisar fazer para conhecer alguma mulher.

— Quero que você pesquise tudo sobre a Harper. Até o mínimo detalhe.

16

“Todas as boas meninas vão para o inferno porque até a própria Deusa tem inimigos. E quando a água começar a subir e o céu estiver fora de vista, ela vai querer o diabo em sua equipe.”

All the good girls go to hell, Billie Eilish

Harper Reese

Um dos maiores ensinamentos que tive não foram os cálculos físicos para saber a rota de um cometa. Também não foi descobrir como derrubar alguém com o triplo do meu peso. Também não foi aprender a me defender somente com um garfo na mão e um elástico. Eu aprendi muita coisa, mas nada foi tão significativo quanto as lições de vida de William.

Ele me explicou como a sociedade funcionava para mim. Não para eles, não para as minhas amigas, não para os meus vizinhos. Como ela era feita de maneira a me ter como alvo. Como ela fazia de tudo para me engolir e cuspir o pior de mim.

A sociedade era assim. A porra de uma plateia esperando ver um espetáculo de terror das mais puras almas.

Foi William Donovan que me disse para eu agir primeiro. Foi ele que me disse que eu tinha que criar um roteiro mais impuro. Tinha que ser uma melhor dramaturga do que qualquer uma das pessoas que queriam traçar o meu destino.

Se eles queriam que eu provasse o seu veneno, tinha que me tornar mais fatal que ele.

E isso me moldou.

Isso fez quem eu era, esculpida e formada.

Mas eu fazia com que ninguém soubesse. Que me olhassem e não pudessem mais se desprender por me identificarem com uma única palavra: poder.

Exceto *ele*.

Andrew Denson olhava o espaço como se pretendesse queimar. Muitas vezes, a morte que ele imaginava parecia ser lenta, devoradora, capaz de fazer sangue parecer água milagrosa em suas mãos. Tinha várias facetas que eu estava conhecendo de Andrew aos poucos. Mas havia muitas delas que eu sabia que se visse sequer a ponta do iceberg que eram, talvez pudesse me arrepender.

Porque definitivamente havia algo de errado com ele.

No entanto, quando o par de orbes aterrava em meu corpo, algo mudava. O seu olhar mudava. Tornava-se sedento. Incomum. Como se eu fosse feita de veneno e cada gota valeria a pena saborear.

Mesmo que o matasse.

— Você veio! Obrigada, amiga! Obrigada.

Axel enlaçou os seus braços no meu pescoço.

Eu ainda estava focada em Denson. Pela borda do seu copo enquanto bebia, poderia codificar todas as dúvidas relativamente à minha presença ali. Queria deixar bem claro que não estava por causa dele. O seu ego seria inflado e mal caberia dentro de casa se ele fosse o motivo de alguma mudança de rotina da minha vida.

Axel obrigou-me a ir ao teatro porque não queria sentir-se sozinha sem a Noah. Eu aceitei porque era essencial para mim, por mais que o ambiente não fosse dos meus favoritos. Mas aquilo não vinha ao caso. Eu tinha uma faceta para manter.

— Se eu não viesse, com certeza você me arrastaria à força.

Axel bateu com o dedinho no meu nariz.

— Você me conhece tão bem.

Rolei os olhos, repousando novamente em Andrew que estava a metros de distância, mas encurtando através de uma análise periférica da minha pessoa. Ele não me largava. Reavaliava-me a cada minuto, a intensidade das suas íris me atracando como uma presa fácil.

As palavras dele ainda repercutiam nas zonas mais obscuras do meu cérebro.

Aquele encontro no seu quarto não me saía da cabeça. E o da sala tinha ganhado uma nova imagem. Era o seu modo de brincar comigo. Eu sabia que ele já tinha captado o meu jogo e estava tentando marcar os mesmos pontos que eu. Mas eu não deixaria.

— Harper... — Austin tomou o meu campo de visão. — O que você faz aqui?

— Eu a convidei, mano — Axel respondeu por mim.

— Por quê?

— Como assim, por quê? Ela já esteve em vários eventos com a gente.

Ergui as sobrancelhas em aprovação.

Afinal, eu e Austin nos encontramos pela primeira vez por causa de um dos eventos.

— Mas esse não é um qualquer.

Impaciente, arfei. Axel balançou a cabeça e fez um sinal para que esperássemos. Ela correu nos seus sapatos de salto alto até um grupo de pessoas.

— Você está com medo? — perguntei em um tom baixo para ele.

O seu rosto se contorceu.

— Do que eu estaria com medo?

— Se eu falar alto...

— Reese.

— Eu não quero me meter com a sua família. — A minha expressão facial era sisuda, conjugando a minha linguagem gestual séria. — Já falei para o seu irmão e vou falar para você também, o que eu faço ou deixo de fazer não é da conta de nenhum dos dois. Não quero o sobrenome de vocês

para nada. Tenho Axel na minha vida e você sabe que nunca foi por interesse.

As suas narinas inflaram e tive acesso em primeira mão da subida do sangue nas suas bochechas.

— Eu sei que não, mas...

— Mas?

Ele entranhou dois dedos no couro cabeludo, bagunçando os seus cabelos loiros.

— Você sabe que isso é complicado. O meu pai...

— Ele te mataria caso soubesse que você tem pegado outras mulheres.

— E não só. — A sua mão passou pelo rosto em um movimento veloz. — Também vai mexer com você e não quero.

Aquilo me pegou de jeito a ponto de deixar vaziar um suspiro surpreso e estalar o céu da boca.

— Não sabia que eu estava em jogo também.

— Eu te disse que a imprensa está muito em cima e tem coisas acontecendo que podem acabar por te arrastar para o meio.

Fiquei fraca, o sangue escorrendo para os meus pés para me manter fixa. No entanto, precisei continuar com a postura.

— Sou uma mulher insignificante. A única coisa que a imprensa irá descobrir é o número de vezes que eu arrotei apenas bebendo água — ironizei, sem pretensão de ser uma piada engraçada.

— Você não é insignificante, por isso que é um problema.

— Pelo amor de Deus. — Soltei uma risada sincera. — Sou apenas uma enfermeira querendo umas férias.

— Uma enfermeira que tinha contato direto com Donavan! Uma das poucas que falou com ele durante o tempo que estava desaparecido.

— Mas eu não sou uma Donavan. Nem sabia que ele estava envolvido em tanta polêmica, senão não teria aceitado — esclareci.

— Ninguém acredita, Harper. Porra. Você quis ficar de férias logo depois da morte dele, ainda veio para a cidade onde é a sede e está morando com o meu irmão. Como alguém vai acreditar?

— Você não? — perguntei, a minha voz sendo travessa e puxando por um lado mais sensível. Austin suspirou.

— Sei que você não tem nada a ver com isso. Se tivesse, acredito que estaria tomando outra postura, mas eles não são eu...

— O seu irmão sabe?

Ele estudou minhas feições antes de sacudir a cabeça.

— Não.

— Então não há com o que se preocupar.

— Claro que sim! — Soltei uma lufada de ar densa e a paciência de Austin despedaçou. — Harper, me escuta, por favor! Quantas vezes já disse que eu lutaria para te ter? Que eu faria o meu pai desistir deste acordo, nem que eu tivesse de pregar uma arma na sua cabeça para poder estar com você? Mas eu também prezo pela sua segurança, e não é frequentando o nosso espaço que você vai tê-la. As pessoas vão te colocar como alvo. Vão achar que está metida em alguma coisa e investigar a sua vida, descobrir cada detalhe dela. Aqui são lugares mais reservados.

Eu compreendi a preocupação de Austin. O espaço onde ele vivia era feito de poder e mentiras. As pessoas pisavam, devoravam, estrangulavam qualquer ameaça, por mais inofensiva que fosse.

— Eu sei cuidar de mim — pontuei. — E se a minha segurança é tão importante, não sei porque o seu irmão está acabando com ela.

— Com Andrew, é diferente. Nem eu sei de fato o que ele está fazendo em Fokley.

Deixei a conversa morrer. Poderia complementar sobre a dose de declarações que não deveriam ter saído da sua boca, mas era assunto para outro momento. Era contraditório como Austin queria estar comigo, faria de tudo se eu aceitasse para que ficássemos juntos, mas não queria que eu estivesse metida no seu mundo.

— Nos falamos depois.

Foi tudo o que eu disse antes de retornar para Axel que tinha se mudado para um outro ciclo, conversando com alguns senhores de terno branco e vermelho.

Pude ver pelas suas microexpressões que ela procurava por uma saída em fuga, e quando me viu, como se eu fosse a gota de água em um deserto

quente, ela se desculpou aos homens e veio até mim aliviada.

— Se eu te convidei, você fica comigo como uma boa convidada, está bom?

— Alguém está com a língua afiada — assobieei.

Axel atou o seu braço no meu.

— Você e o meu irmão estão chateados? Ele pareceu exausto depois de conversar com você — indagou, elevando a cabeça.

— Que nada. Ele está ótimo. Acho que devíamos nos sentar, não é?

Embora eu soubesse que Axel não comprava as minhas desculpas ou respostas breves, ela meneou a cabeça e direcionou-me para a fila de bancos vermelhos.

— Você quer ficar na frente?

— Segundo o seu irmão, o meu lugar seria fora daqui — respondi ácida, proporcionando um bom nível de humor que Axel não captou.

— Ele é um babaca. Não liga para o cabeça oca. Vamos sentar ao lado do meu outro irmão um pouquinho mais babaca.

— Não, Axel.

Paralisei, arfando em desespero. Axel tentou me puxar, mas fiz força para não mover um milímetro sequer.

— Por que não? Vocês moram juntos. Qual o mal de sentarmos com ele?

— Sentar ao lado do Andrew vai ser o pior dos castigos — suspirei.

— Mas eu nem trouxe as algemas e o cinto para nos divertirmos, Aurora. — O sopro surgiu do hálito quente que ventou na minha pele. A minha respiração pesou, e eu senti os meus pulmões coletarem toneladas de ar cimentado. — Você já deixou claro que prefere por cima, mas eu serei manso com você de lado.

Ainda com o coração em espasmos, girei o rosto, batendo de frente com a sua boca. Fiquei presa o bastante para que eu me sentisse patética e desse passos para trás em defesa.

— Não pedi pela sua piedade — respondi.

Aquela boca formou a mais faminta faceta e os seus orbes se deliciaram com os seus pensamentos.

— Eu não teria perto de você. — Um calafrio arranhou minha coluna. — Até porque você é o tipo de mulher que aguenta. Seria má educação da minha parte não ser bruto com você.

Não consegui responder pela inspiração saindo das minhas narinas, paralisando a fuga de palavras.

Ele olhou para Axel que tinha os seus olhos rolando interrogações. Beijou sua testa e desceu com as mãos nos bolsos até a terceira fila. Identifiquei Barton que acenou para mim e retribui com agrado. Eu gostava de James, mas Andrew estava longe de receber a minha simpatia.

— Amiga, o que foi isso? O que está se passando que eu não sei?

Desci uns degraus, encarando-a e tomando novamente a sua mão.

— O seu irmão é teimoso pra cacete. Os dois, na verdade.

Ela gargalhou, esquecendo mais uma vez as suas desconfianças.

Consegui convencer Axel a sentarmos na quarta fila. Fiquei no extremo para que ninguém se sentasse ao meu lado e impedisse perguntas de serem formuladas.

Por infelicidade, eu estava no campo de visão de Andrew. Era uma linha oblíqua que, com apenas uma olhada de relance, poderíamos nos encontrar. Prestei atenção na peça que era uma encenação de contos gregos trágicos.

Era uma homenagem à morte de Donavan. Ele amava a Grécia Antiga e tudo relacionado à sua misticidade. Todo mundo sabia. Várias histórias que eu guardava dele eram referentes às histórias que ele me contava quando o medicava, dava banho ou apenas ia fazer companhia.

Também compartilhei muito com ele e nos completamos assim.

Axel me entreteve, fazendo alguns comentários. Soltamos risadas e nos aninhamos no ombro uma da outra.

Mas eu o sentia.

Em vários momentos, eu sentia o olhar dele buscando pelo meu.

Tentei repelir. Tentei não me ligar ao seu magnetismo. Sentia como se tivesse numa maratona, correndo os quilômetros em sapatos de agulha.

Engoli a minha própria saliva até não sobrar nada.

De repente, já não sabia o que estava acontecendo na peça.

Era apenas eu e o abismo escuro que não queria cair.

Era apenas eu e ele.

E, como um tropeço, vacilei em seu rosto. Os seus olhos escuros dançaram sombras e convidaram-me para que fizesse o mesmo.

Quase cedi. Quase falhei. Quase amoleci o meu lado para que pudesse experimentar. Isso tudo porque notei algo que fez meu coração romper. Que mudou a rota do meu sangue, atingindo pontos altos como em um orgasmo.

O seu sorriso.

O seu *quase* sorriso tinha covinhas.

Andrew Denson tinha covinhas.

E o que poderia ser uma porta de entrada para uma justiça penosa, tornou-se uma fatia deliciosa do que poderia ser o sabor do paraíso.

Tudo por culpa de um sorrisinho infernal.

Tudo por culpa daquele sutil detalhe por baixo da sua barba que atrapalhou meu cérebro.

Eu odiei como com ele era sempre o quase e nunca acontecia. Era vergonhoso como Andrew me fazia querer a mais ínfima coisa e não me dava para proveito próprio.

Então, eu aceitei o seu jogo.

Quebrei a encarada. Endireitei os meus ombros, colocando uma perna por cima da outra no lado da brecha. Sabia que a minha perna estava exposta. E, à medida que molhava os meus lábios, deslizei o dedo pelo ombro e deixei a alça escorregar.

Não precisei conferir. Ele me analisava. Andrew não conseguia desgrudar. O meu teatrinho era mais interessante. Mais viciante. Mais hipnotizante.

E quando o espetáculo terminou e surgiu a oportunidade de passar por ele nas escadas, coloquei a minha máscara de inocente e mapeei seu semblante manipulado pela minha presença.

— Gostou do show?

Andrew me estudou de cima a baixo em um simples ato que bambeou minhas pernas.

— Você é *boa* — murmurou. O seu sotaque britânico era mais carregado quando falava baixo. — E sabe disso melhor do que ninguém. Admito que seria a minha ruína se eu não soubesse que não consegue bancar essa personagem quando estamos apenas os dois.

Encontrei intenções camufladas na sua expressão estoica.

— Achei que você não quisesse entrar nessa briga.

— Mudei de ideia. Eu vou. Estou ansioso para saber o que mais você consegue fazer, Aurora.

Estalei o céu da boca e soprei delicadamente, antes de subir as escadas.

— Então, monte o palco e pague para ver, Denson.

17

“Eu fico nervoso. Tipo, isso vale a pena? Eu sei que estou fodendo a vida dele, é de propósito. Ele não merece isso. Eu posso ver nos seus olhos, você é do tipo que deixaria as chamas tirarem sua vida?”

Lust, Chase Atlantic

Andrew Benson

Aurora não saía da minha cabeça por mais que eu quisesse.

Esforcei-me para que ela não lesse os pensamentos por trás dos meus olhos quando encurtou a distância entre nós.

Para me foder ainda mais, a sua fragrância instalou-se num dos compartimentos do meu sistema facilmente manipulado. Extremamente delicioso, mas altamente tóxico. Não queria alinhar no que eu descrevia como infantil e inútil, mas ela estava me puxando e existiam coisas que, por mais anos de treinamento que pudesse ter, você não vai estar preparado para ser racional. E com Reese eu não era coerente.

Assim que ela se afastou, notei que meu pai a analisou no seio de conversa com os seus parceiros. Retesei o meu queixo, escorregando as mãos nos bolsos, e subi as escadas.

Precisava manter Aurora longe da mira do meu pai. Estávamos entrando em batalha e qualquer um era motivo de suspeita.

Em um dos últimos degraus, a sombra de Austin se elevou na minha direção. A feição do meu semblante era transparente e dizia com clareza que não queria a conversa que ele estava disposto a trazer. O meu irmão não

soube ler, ou talvez o QI dele tivesse tido alguma queda significativa, pois ele esperou que eu terminasse de subir as escadas para me alcançar.

— Não estou fodendo Reese — cortei de imediato.

— Como eu vou saber que você não está mentindo?

— E ela está? — Fitei-o antes de descer as escadas para o exterior. — Se você não confia nela, não é assunto meu.

— Eu não confio em você. É diferente.

Ele descia as escadas na mesma velocidade que eu. Pude avistar Aurora, a sua silhueta ainda fotografada em detalhes pela luz do palco. Exatamente como uma figura mística, esculpura ao pormenor.

— Então, se atreva a tirá-la da minha casa — desafiei.

— Por que não sai você, porra? Você está vivendo com ela e sabe como isso pode dar problema para Harper.

O meu corpo inteiro não resistiu à tensão.

— Eu a protejo.

— Mas não de você mesmo.

No mesmo segundo, parei e me virei. O meu peito subiu e trinquei o rosto, frisando os lábios e congelando a minha respiração em um ato impulsivo.

— O que você está querendo insinuar?

Eu não teria aquela discussão com o meu irmão, mas não o deixaria trazer aquilo à tona por causa de ciúmes. Como eu esperava, Austin não regrediu e ergueu a cabeça.

— Exatamente o que ouviu.

— Não quero começar essa discussão com você, Austin — rosnei, evitando não sair do complexo de pacificidade que estava me mantendo.

— Está com medo? — Ele gotejou acidez. — O meu irmão mais velho está com medo de eu foder com a sua vida? Não parece que há anos você faria de tudo para acabar com a minha.

— Austin...

Ele deu um passo para trás. O meu pomo-de-adão latejou, o sabor do vinho quente borbulhou em meu estômago e escalou a minha garganta em

desespero. As pessoas passavam por nós, sorrindo e acenando sem se atentarem que não estávamos no humor para simpatia.

— Não esqueci. Não perdoei você. E se não tivesse sido a porra de um covarde e ficado fora do país durante anos, eu teria matado você. Se não fosse por Mark, eu estaria acabando com você. — Austin cuspiu cada sílaba em terror. — Você sabe que me deve isso. Me deve essa liberdade.

Michelle contou pra ele? Ela disse que não.

Demorei segundos para lembrar que ele estava falando sobre algo diferente e também não era um dos meus atos mais altruístas. Dei uma risada interior. Eu era um filho da puta bastardo. Só comprovava como ele tinha todos os motivos para me odiar. Se ele quisesse ferrar com a minha vida, não o culparia.

O que ele não entendia era a situação a qual eu também fui submetido. Como eu precisava. Fui egoísta pra cacete, mas eu não me arrependia. Mesmo que eu tenha tirado um pedaço da sua felicidade, eu o fiz para meu próprio proveito. Pela minha vingança.

E eu estava conseguindo dormir bem com tudo o que fiz até aquele momento.

— O que você quer que eu faça? — perguntei.

— Convença Harper a sair. Ou você sai.

— Não — rosnei. — Reese não sai da minha mira.

Austin ruborizou drasticamente.

— E se ela quiser?

— Ela não vai querer.

Antes que pudéssemos continuar, o tom autoritário surgiu.

— Austin, preciso falar com você. No carro. — Anthony descia os degraus com a sua bengala. O laço preto condizente com o seu smoking era uma marca sua. — Andrew, a gente se fala amanhã no meu escritório. Não falte.

Foi tudo o que ele precisou dizer para que Austin saísse da minha frente. Mesmo que inalasse todo o oxigênio, não seria o suficiente para acalmar os meus nervos. Apenas a brisa da noite, da porta grande aberta fornecendo o vislumbre obscuro da rua de *Sófocles*, incrustou nos meus ossos e amoleceu-os até que eu adquirisse forças para voltar a caminhar.

O carro de Barton ainda estava no parque de estacionamento. Atravessei a estrada e direcionei-me para o BMW escuro. Curvei a coluna, apoiando a mão no capô, e aproximei o rosto da janela. Barton estava ao lado do condutor enquanto Mickey do passageiro, mais próximo de mim. Ele abriu a janela e estreitou os olhos.

— A gente estava esperando por você. Entra — Mickey disparou.

— Você veio? — perguntei surpreso pela sua presença.

— O meu irmão me dispensou. Não sou o tipo mais agradável para jantar.

— Não vou para casa. Vou dar uma volta antes — informei.

— A pé?

— Austin me irritou. O ginásio está fechado, então não tenho muitas alternativas além de procurar uma foda rápida — expliquei, em um tom de brincadeira.

— Também queria — declarou Mickey.

— Me foder? — perguntei, recebendo uma risada sarcástica do meu amigo. — Cara, só vem. Queria companhia também para beber uns copos antes.

— É sério que vocês vão me deixar sozinho? — Barton indagou.

— Foi você que escolheu a vida de pai de família. Não tenho culpa. — Mickey deu de ombros.

— Não falta muito para serem vocês. — Barton ligou o motor e as luzes das traseiras iluminaram o asfalto. — Entra que eu dou carona.

Não protestei. Como não tinha ido de moto, aceitei e me coloquei no banco do meio.

— E Mickey, — coloquei o cinto como uma criança obediente — que história é essa que você está apaixonado?

A encarada dele em Barton foi a leitura necessária para que ele entendesse que não era para ele contar.

— Não estou apaixonado. Parece que tenho vinte anos quando falam assim. Você tem a sua diversão, não é? Eu consegui a minha.

— Quem?

Não olhei para Mickey, e sim para Barton que era mais fácil de arrancar alguma coisa.

— A amiga da Harper, Paige. Você conhece?

Fuzilei Wada que bufou por ver a minha carga negativa.

— Você está pegando a amiga da Reese?

— Não. Só estamos trocando mensagens.

— Desde quando?

Olhei para os dois em dúvida.

— Desde aquele dia que você não foi comemorar na boate — Barton explicou, atento na estrada. — Inclusive a Harper estava lá com a Axel.

— Não quero saber — disse cortante, mas o lembrete do dia que ela saiu do quarto com um desconhecido foi o suficiente para somar as equações.

— Você quer — Mickey zombou, mas eu estava com a traqueia corrosiva.

— Se você não parar, farei questão de dizer a essa tal de Paige o motivo do seu apelido — brinquei.

Barton engasgou-se ao rir pela carranca que o semblante de Wada formou. Ele odiava a origem do seu nome de estimação, principalmente por ser uma história vergonhosa. Era pedir para morrer contar pra alguém, porém era engraçado como, mesmo depois de mais de anos, ele sentia embaraço.

— Vai se ferrar — disparou bruscamente.

— Você já está se ferrando por ter um interesse na amiga do *meu problema*.

— Mas ela está valendo a pena. — Mickey virou a cabeça para trás. — Ao contrário de você, eu sou gentil com as mulheres.

Balancei a cabeça em negação.

Aurora parecia odiar gentileza, então não me importava se não fosse.



Não dormi.

Esperei que o ponteiro do relógio indicasse oito horas para me levantar da cama. Fui cauteloso para não acordar a mulher que não me lembrava do nome.

Pude externar um pouco da minha raiva na noite anterior, mas ainda tinha certas imagens alugando espaço e, como um vírus, se alastrando e fodendo cada órgão do meu corpo.

Não era só Aurora que poderia ser uma dor na minha bunda. Pensar em Donavan era frequente e eu ainda tinha a adrenalina e raiva reagindo a pleno fervor em meu sangue, mas quando se extinguisse, eu seria derrotado pelo arrependimento.

Transar me ajudava a abstrair. A academia também, sendo que dupliquei a minha frequência no local. Mas nessas últimas semanas, nada estava sendo eficaz.

Por mais que eu estivesse livre de um peso, ainda havia muito mais para eu me preocupar. O meu pai ainda existia. Eu ainda não tinha aqueles arquivos. E a qualquer momento poderiam descobrir as minhas intenções.

Eu tinha que me apressar. Precisava sair dali o mais depressa possível, mas para isso, precisava terminar o que fui fazer.

E regredir as imagens para aquela mansão, ouvindo o choro da minha mãe e os ossos do crânio estalando assim como o sangue salpicando ajudavam a que a minha sede retornasse.

Era para isso que eu vivia.

Tomei uma ducha, vesti e saí do quarto. Não desperdicei tempo deixando algum bilhete porque o aviso de nunca mais falar comigo já tinha sido dado antes de entrarmos no motel, mas deixei uma mensagem a Mickey que deveria estar em um dos quartos.

Chamei um táxi e fui direto para a empresa sede, no piso do escritório de Anthony. Foi a mesma cortesia de sempre com os funcionários até bater na sua porta e um convite para entrar foi articulado por aquela voz adulterada por anos de tabaco e gritos.

— Achei que você não viesse.

— Não tenho muita escolha, não é? — respondi amargamente, puxando a cadeira para sentar. — O que você quer?

Anthony usava uma roupa diferente do dia anterior. Era mais prático. Um pólo quente bege e via a camisa branca por baixo. O seu rosto cansado parecia ter sido esmagado, mas o modo como ele se sentava na sua poltrona favorita fazia parecer que eu precisava aumentar a minha graduação. Ele não parecia ser um homem velho, com os seus sessenta e poucos anos, por mais rugas e pele seca que tivesse.

Imaginei que Kathelyn, se ainda estivesse viva, seria mais elegante e bonita. Como ela certamente ainda roubaria a atenção de todos que tivessem visão. Ela era linda. E tive que me conter para não sacar a arma que Anthony tinha escondido em uma das suas gavetas e não alvejar o meio da sua testa só de pensar na minha mãe.

— Precisamos falar sobre algumas coisas que eu descobri nesses dias. Incluindo, o seu novo brinquedo de estimação.

Engoli em seco, ajeitando-me mais na cadeira.

— Se você fez o seu trabalho de casa, deve saber que ela tem nome.

Não fingiria que não sabia do que se tratava. Mais cedo ou mais tarde, ele descobriria e, se Austin não abrir totalmente a boca, poderia fazer com que Anthony não desse bola para Aurora. Precisava afastá-lo dela.

— Por que você está morando com uma enfermeira?

— É por um tempo.

Anthony bateu com a caneta no seu típico caderno de prata.

Uma. Duas. Três vezes. Ele estava impaciente.

— Não compro essa mentira.

— Talvez porque não seja.

De leve, os músculos laterais ao seu nariz se moveram, mas repuseram à sua posição.

— Não preciso ser eu a te dizer que você precisa ter mais cuidado. Estamos com a mídia atrelada e precisamos saber onde estão os arquivos duplicados. Não irei julgar se você estiver se divertindo, mas não o faça com as pessoas erradas porque elas pagarão pelo seu erro, e não precisamos de mais problemas. Você não precisa de mais.

O seu tom era cáustico. A gravidade parecia entupir sua garganta a cada letra proferida.

Eu odiava escutar.

— Ela *não* é um *problema* — disse, massacrando o tremor da voz. — É só uma pirralha amiga da Axel. Um meio de diversão para quando não tenho nada para fazer e só.

— Eu soube que ela trabalhou no mesmo hospital de Merley. Em que área ela trabalha?

— Ginecologia.

Foi a primeira besteira que pensei. Não fazia a mínima ideia se existia uma área hospitalar em Merley que era própria para ginecologistas e similares, mas Anthony acreditou. Ao que aparentava, ele não tinha sido informado que Aurora foi enfermeira particular de William.

— O que ela está fazendo aqui?

— Férias, como um ser humano normal. Ela é amiga da Axel da faculdade. Se fosse um perigo, teria dado sinais antes.

Ele sondou meu semblante, a caneta não parava de bater contra o caderno, azucrinando os meus tímpanos.

Constatei pela expressão que Anthony não tinha feito questão de investigar o passado de Aurora. Muito possivelmente não sabia nem o seu nome completo.

— Não sei porque está se preocupando com algo assim agora. As mulheres com quem durmo são os menores dos problemas. A boca delas só serve para uma coisa e não preciso te dizer para quê. Tem mais alguma coisa a dizer?

Repulsivo, mas teria que servir.

Anthony demorou a responder. Mais uma vez, os meus ossos e músculos petrificaram como se esperassem pelo pior. Ainda sabia quais eram os passos da coreografia antes de desejar a morte ao invés de sentir a dor. Já tinham se passado anos e, ainda assim, eu olhava como se tivesse acontecido na semana passada.

— Certo. Não estou querendo me intrometer na sua vida pessoal.

— Tem mais alguma coisa para dizer?

— Preciso que assine a papelada da exportação dos aviões. Você é o dono do projeto, além de ser o diretor. — Busquei pelos meus óculos enquanto documentos surgiam de uma pasta, já que estava sem lentes. —

Também preciso que você dê uma olhada nos valores da última venda de armas e analise quem realmente são os envolvidos. Está faltando relatórios.

— Não é a minha área.

— Mas você a conhece e sabe quando tem algo errado falhando, não é?

Analisei os números da lista que preenchia as folhas brancas. Não era uma venda legalizada. Porra. Ele estava me enfiando nessa merda? Querendo que eu colocasse o meu dedo?

Anthony levantou os braços e apoiou os cotovelos na sua mesa, enrolando as mãos.

— E você quer que eu faça o quê com isso depois?

— Apenas investigue e me dê os nomes. O resto farei depois.

Não consegui compreender porque ele estava me pedindo algo assim. Não era o meu dever. Eu não estava ligado aos negócios de armas. Ele tinha uma equipe para isso.

Respirei fundo, toneladas de ar entrando em meu organismo, e pensei na oportunidade que me dava para mexer mais uns pauzinhos que precisava.

— Mais alguma coisa?

— Não.

Levantei da cadeira, parecendo ter sido atingido em um tiroteio. Era como se as cicatrizes das minhas costas tivessem voltado a sangrar e abrir como há vinte anos.

— Espere. — Paralisei. — Como você está com a morte de Donavan?

Fechei os punhos, relutando em responder. Anthony não se importava. Se questionava sobre alguma coisa, era para proveito próprio ou era uma ameaça.

— Estou bem. Já era previsível. — Ele queria frieza, então a despejei. — E você? Foi seu colega de combate.

— Estou bem — proferiu severo. — Se souber de algo que seja importante, me diga. Eu confio em você, filho.

Filho.

Virei sem dizer nada e, assim que fechei a porta, os meus ombros relaxaram e pude expirar o ar nocivo que obstruía a minha traqueia.

E todas as imagens turvas da minha visão espancada pela dor, o sangue de Kathelyn e do seu grito desapareceram.

Eu precisava apenas de mais tempo e teria a minha paz.

18

“Todos esses beijos e abraços são uma merda.”

Toxic, Kehlani

Harper Reese

Estava calor.

O meu corpo suava, as minhas células derretiam e os meus ossos eram gosmas.

Tinha tirado algumas roupas para me ajudar, mas parecia piorar. A necessidade de enxaguar minha garganta era uma emergência. E essa era a pior parte: levantar para ir na cozinha.

Já há anos que não sentia o medo filtrar os meus pés a ponto deles implorarem para se manterem na cama. Eu tinha esquecido de abrir as persianas da janela quando cheguei em casa. Odiava que os cômodos estivessem inundados pela escuridão.

Eu estava sozinha em casa. Andrew não tinha regressado da noite anterior e provavelmente tinha dormido fora.

Apeguei-me a esse pequeno pormenor para coletar o meu celular da mesa de cabeceira e ligar a lanterna, seguindo então até a cozinha.

A casa estava terrivelmente silenciosa. De alguma maneira, relaxava meus ombros. Era um indicativo que não era a casa dos meus tios.

Por que eu estava pensando neles?

Era algo constante e já estava esgotada de tentar eliminar esse meu trajeto mental. Eu retrocedia em memórias e calhava nas mesmas de sempre.

O meu coração descompassava, os pulmões murchavam a cada inspiração e um formigamento doloroso dilacerava meu âmago.

Era sempre a mesma reação quando me lembrava daquela casa.

E aquela vez não foi diferente.

Cruzei os meus braços, inclinando o celular com intuito de ainda clarear o meu caminho.

Era ridículo como odiava andar no escuro sozinha. Como eu detestava tremer todas as vezes que precisava ir de um cômodo para outro, por mais curto que fosse o percurso. Eu ainda imaginava o que encontraria quando lá chegasse. Ainda pensava como me sentiria fria. Como o meu corpo entraria em uma hipotermia severa a fim de me desestruturar.

Foi então que escutei algo. E quando percebi que eram passos humanos, o meu primeiro impulso foi virar, calculando em que ponto estratégico estaria disponível para acertar e adormecer quem estivesse atrás de mim. Mas antes que eu fosse girar o braço, uma mão firme rondou meu pulso.

— Você tem bons reflexos.

Ele não parecia estar feliz com essa constatação.

— Obrigada — respondi seca.

Quando percebi que os segundos estavam passando e Andrew não tinha feito um movimento, tentei tirar meu braço, mas ele o prendeu.

— Por que você está respirando desse jeito?

O meu músculo cardíaco foi amassado pela minha caixa torácica. A minha consciência nublou e uma pilha de lembranças táteis encurralou-me, quase como duas paredes encurtando a distância. E elas eram pintadas por um rosto idêntico. Um rosto familiar. Um rosto que me atemorizava até o mais temível demônio.

— Você está tremendo.

O seu hálito quente bateu no meu pescoço. Como resposta, soltei meu braço, tropeçando sozinha. Não notei que havia uma cadeira atrás de

mim e cambaleei para trás, porém Andrew amparou minha queda ao enlaçar seu braço na minha cintura.

Direcionei a luz para a cara de Andrew que se tornou algo fantasmagórico. Os seus olhos estavam cerrados, as linhas delineando uma mistura caótica de pensamentos. Ele tinha uma camisa nos ombros e o tronco nu o qual não tive tempo para examinar.

Ele me soltou sem eu precisar pedir. Denson soube ler a minha linguagem gestual e como não era cômodo para mim toques inesperados. Embora não me congelasse como com outras pessoas, ainda era estranho.

Muito estranho.

— Acenda a luz... — murmurei. Andrew não discutiu e ligou o interruptor.

No mesmo instante, lembrei como tinha poucas roupas. Era apenas um top e um short curto. A sua testa encrespou, e pude imaginar como ela estaria latejando pelo esmurro de interrogações. Mas ele não se incomodou por muito tempo e agiu como se eu tivesse vestida no Polo Norte.

Engoli em seco, virando e seguindo para a janela. Queria abrir as persianas o mais rápido possível.

— Você chegou quando? — indaguei, fugindo da sua conversa e tapando a vergonha.

— Há meia hora, talvez.

Como eu não o tinha ouvido entrar, era uma pergunta sem resposta, mas mais ainda era como não o tinha escutado chegar na cozinha, logo atrás de mim.

Estava muito indefesa. Tinha agido vulneravelmente. E se fosse outra pessoa? Se fosse alguém com malícia? Se fosse *ele*?

Arranhei minha própria garganta, esfreguei o rosto na intenção de empurrar para longe qualquer indicativo de fraqueza. Eu tive uma pequena reação. Mas era fraca. Poderia ser facilmente desamparada, como Andrew o fez. Por que eu não agia melhor? Por que eu não repelia? Por que eu não sentia?

Por que eu ainda tinha a mesma sensação de que não passava da mesma criança de nove anos?

— Você vai me ignorar?

Pestanejei veemente, as pálpebras tremendo em descrença.

— Estava te perguntando se queria água gelada.

— Ah...

Andrew apoiava as mãos na porta da geladeira, a garrafa de água gelada quase se desfazendo na sua mão.

Balancei a cabeça sem exatamente entender o movimento. Abri as persianas com força, o Sol atravessando a janela como se eu tivesse despido o céu.

— Você está bem? — ele perguntou.

Ele fechou a porta da geladeira, desenrolando a tampa da garrafa e não se incomodando em beber pelo gargalo.

— Não sei porque você está agindo como se importasse — respondi, reduzindo os tremores da voz.

Andrew se virou, o seu olhar trazendo uma carga elétrica que rompeu minha espinha.

— Acho um desperdício de tempo fazer perguntas sem a intenção de saber a resposta. Então, se estou perguntando se você está bem é porque, sim, eu me importo.

Fiquei mais quente, os meus órgãos derretendo em sinal de falta de frieza da parte de Andrew, mas ainda sim o seu tom duro residia.

Não o encarei pela pouca coragem que estava no meu pacote da manhã.

— Não tente bancar o bom samaritano — adverti, mirando a torneira do lava louça. — Não caio nessa.

Andrew pressionou os dedos e o som do plástico da garrafa estalou na atmosfera. Também precisava beber, porém já havia negado em teimosia e não queria voltar atrás.

— Não estou tentando ser uma boa pessoa. Eu sei que não sou. — Ele andou na minha direção e repeti mentalmente para não desgrudar do meu foco visual. Não podia encará-lo sob hipótese alguma. — Mas não diga como se eu quisesse te ver mal.

Abri o armário, franzindo a boca e a fechando para não proferir qualquer som. Recolhi o copo e abri a torneira. Contudo, era impossível não

evitar tremelicar. Os meus ossos tinham ganhado uma bateria ilimitada, vibrando por uma onda de choque.

Já não estava escuro.

Eu não me sentia fria.

Então, qual era a porra do meu problema?

— Reese.

O meu sobrenome rasgou sua garganta, cortando minhas pernas, porém, consegui manter a pose.

Molhei meus lábios e entupi a garganta de água.

— Me deixa em paz — exigi. — Da mesma maneira que você não desperdiça com perguntas, eu não desperdiço com ordens.

Ele inalou profundamente quando bati com o copo na bancada, peguei o meu celular novamente, e me encaminhei para o quarto.

Mas antes que desse a sorte de dar o meu terceiro passo, Denson cercou meu pulso e projetou-me para si.

Por muito pouco não tive uma reação bruta. Meu cérebro se alarmou e soube contornar a situação.

— O que foi? — perguntei ácida, olhando para trás dos seus ombros. Eu pulava do quadro para a geleira, a fila de plantas e a passagem na vertente da porta principal.

— Pare de agir como uma pirralha, cacete — resmungou. Franzi o nariz, contorcendo mais o rosto. — Olhe para mim.

— Não faça disso um drama.

— Não sou eu que estou fazendo o drama. — Ele estudava meu semblante em busca de detalhes. — Você tem medo do escuro?

— Claro que não! — disse impaciente. — Não me faça perguntas sem nexos!

— Então que tipo de perguntas tenho que fazer para conseguir uma resposta?

O ar faltou.

— Nenhuma... — Pausa. — Estou bem. Já disse.

— Por que você não está olhando para mim?

— Não falo com os olhos, pelo que eu saiba.

— Mas eu gosto de vê-los quando você está falando — rumorejou, abusando da serenidade.

— Não sabia que precisava da minha atenção.

— Eu preciso.

Os seus dedos projetaram o meu rosto pelo queixo.

Fui obrigada a encará-lo. Os seus vórtices eram mesclados em tons castanhos de variedade artística. Eram lindos. Intensos. Imemoráveis. Não fui capaz de fitá-los durante muito tempo. Odiei como o meu coração galopou e espremeu sangue diretamente para as regiões mais sensíveis.

— Você está jogando sujo, Denson.

— Não, Aurora. Não estou jogando sujo. — Um sorriso predatório quis surgir, mas não veio. — Não ainda.

Ainda demorei a desfazer-me do seu olhar. Tinha raízes e caçava a minha alma como se fosse um caçador nato.

— Estou bem. Acredita em mim, por favor.

Andrew vistoriou mais fundo, quase agarrando minha alma e a olhando por dentro. Mas ele compreendeu o meu tom implorativo, portanto desfez-se do meu pulso e meneou a cabeça.

— Certo.

Havia uma nota de arrependimento que acertou em meu peito e despedaçou qualquer hipótese de agir em contraposição.

Cai fora dali, assim que o vi indo cuidar das plantas, rumando para o meu quarto.

Por mais que eu já não tivesse tremendo por fora, no interior, eu estava a ponto de destruir as mínimas sinapses.

Não era algo comum. No mínimo, não deveria ser.

Eu já não temia o que poderia surgir da escuridão. Eu já não temia como me tocavam. Quem me tocava. *Porque me tocavam.*

Aprendi a me defender. Aprendi a não mostrar medo. Já não tinha fraquezas. Eu era feita de aço. Cada fibra minha era de ferro.

Ou será que não?

Lembrei como William Donovan tinha sempre a boa disposição para falar o quanto eu era forte e poderia ser mais. Não sabia de onde ele tirava

aquelas ideias, mas, ingenuamente, animavam o meu dia.

Assustei-me com a vibração do celular na minha mão. Esfreguei o contorno dos olhos antes de repousar na tela e ver o nome Gilia em letras brancas. Inspirei três vezes antes de aceitar a chamada de vídeo e posicionar a câmera.

— Harper! Esqueceu de mim agora que está longe?

Ela me extraiu um sorriso.

— Desculpa. Estou ocupada fazendo nada e isso tira muito o meu tempo. — A gargalhada dela borbulhou no meu microfone. — E você?

— Ocupada cuidando de pacientes que você deixou. Como está sendo?

Dei de ombros.

— Legal.

— Pelo menos, você está se divertindo. Eu não paro de trabalhar.

— Pede férias à enfermeira-chefe, amiga.

— Daqui a uma semana terei as minhas. Por enquanto, preciso dar conta de tudo.

Um choro de fundo chamou a minha atenção. Gilia deu uma olhada para trás e pude vê-la se movimentar até entrar em um ambiente apaziguado.

— Uma mulher que entrou em uma parada cardíaca ontem faleceu — explicou. O meu coração apertou em uma aflição e eu deveria ter esboçado essa comoção através da costura do meu semblante, pois Gilia completou com uma porção generosa de melancolia: — Você realmente não está pronta para voltar.

— Eu sei...

— Ainda me surpreende que tenha ficado tão apegada a um dos pacientes. Você sempre foi muito neutra nas suas emoções.

Destranquei o acúmulo de ar no tórax.

— Não quero falar sobre isso.

— Eu sei que você não gosta, amiga, mas é saudável conversar. E não só sobre o senhor Donavan. É o menor dos seus problemas.

— Gilia...

— Me escuta só um pouquinho, Harper. — Suas íris escuras relaxaram em afeto. — Abrir o seu coração é a melhor coisa do mundo. Claro que não pode ser com qualquer um. Está tudo bem que não seja comigo, mas talvez com alguém que te entenda, que você se sinta à vontade.

— Se pensarmos assim, talvez uma terapeuta seja o indicado — ironizei, porém pesquei no rosto de Gilia como ela gostou da ideia. — Eu não estou falando sério...

— Queria que estivesse porque não é uma má ideia. Você sabe que todas nós deveríamos passar por uma sessão. Se não é lei, deveria.

Eu tinha que concordar. Seria hipócrita da minha parte promover a saúde e não apoiar algo básico.

— Bom, eu vou ver depois.

— Não me engana. Eu sei que você não vai. — Bufe. — Já pensou em falar com a sua irmã?

Foi um murro firme nas minhas costelas. Gilia tocava em assuntos, sem qualquer medo de me machucar. Ela não enxergava a dimensão dos meus problemas, porém o seu tato para compreendê-los era abaixo de zero.

— Claro que não!

— Por quê? Você falava tão bem dela.

— Sim, mas... — Minha boca ficou seca. — Não posso. Definitivamente não posso.

— Poxa, Harper... Tenta pensar melhor. Aproveita as férias para se divertir e colocar tudo em ordem.

— O que deu em você para querer se meter na minha vida agora?

Levantei do colchão e caminhei para fora do quarto no momento que o meu estômago alertou pelo seu espaço vazio. Averiguei que Andrew não estaria na sala nem na cozinha e, ao que tudo indicava, ele estava trancado no quarto.

Decidi fazer um sanduíche de mortadela antes de ser esmagada pela fome.

— A sua vida sempre foi a mais interessante.

— Sim, claro... Eu lembro que a Chloe tinha um caso com o médico da unidade ao lado. Como é que a minha vida era mais interessante?

— Oh, meu Deus! — Gillia guinchou e os meus ombros sobressaltaram-se. — Ainda bem que você me lembrou. Preciso te contar o que está acontecendo!

Enquanto a escutava fofocar sobre Chloe e o médico, que afinal também estava tendo um caso com outras enfermeiras, o meu cérebro parecia processar ainda mais a falta que tinha da minha família.

Maldita hora que Gilia tocou no assunto da minha irmã. Eu morria de saudades dela. Morria de saudades dos meus pais. Deus, por que eu estava tão emotiva? Já tinham se passado anos.

Eu me conformei. Claro que era normal memórias voltarem e desestabilizarem-me um pouco, mas já não era a primeira vez. A falta de ter a minha mente ligada ao trabalho dava abertura para que essa parte mais vulnerável de mim se abrisse.

Pelo menos, Donavan me escutava. Ele ouvia os meus desabafos, assim como escutava os dele. Era uma troca justa. Mas não tinha mais com quem compartilhar.

Sentei-me no banco, mastigando o meu pão com um caroço na minha garganta.

Por favor, Harper. Não hoje. Não agora. Nunca. Era o que eu pensava incessantemente. Era só uma emoção. Nostalgia. A irritação por ter que estar com alguém que me incomodava. Não muito, mas o suficiente para despir a minha armadura.

Para meu azar, esse alguém apareceu com a sua roupa formal. Ele não estava ficando muito tempo em casa nos últimos dias. Pelo que tinha escutado de Austin e visto na TV, as coisas estavam abaladas para os Denson.

Andrew reparou como meus olhos pregaram no seu perfil, onde a camisa estava desabotoada, a gravata solta em volta do pescoço e ele ajustava a calça com o cinto. Ele colocou a sua mala na cadeira da frente.

Obriguei-me a concentrar na minha deglutição, fingindo que não tinha o visto.

— Vou sair — ele disse, com um toque de suavidade entre as pausas das palavras.

— Não me importo — rebati. Ele não respondeu. — Mas você não costuma sair para reuniões no fim de semana.

— Você não tinha dito que não se importava? Se decide, Reese.

Praguejei silenciosamente. Franzi o nariz, mordiscando mais forte o meu pão.

— Eu sei exatamente o que falo. Não preciso que me relembre.

Denson não respondeu, entretendo-se a fechar sua camisa e atar a gravata. Ele caminhava lentamente, focado no que estava fazendo. Tinha um copo de *smoothie* na bancada e certamente ele tinha feito pouco tempo depois de eu ter voltado para o quarto.

— Ei, amiga, você está conversando com quem? Quem está aí?

A voz de Gilia me lembrou que precisava desligar a chamada antes dela me imersar em questões sem fim. Me despedi correndo, quase desligando na sua cara, no entanto, escrevi uma nota mental para enviar uma mensagem.

— Amiga de trabalho? — Andrew perguntou, já com o copo na mão. *A gravata estava mal atada.*

Oscilei a cabeça em afirmação. Ele se contentou com o gesto.

Levantei para lavar o meu prato e retornar para o quarto, talvez ligar o computador e ver uns vídeos aleatórios.

Mas foi automático como os meus pés levaram-me até perto de Andrew e não me contive ao puxá-lo pela gravata.

Ele assustou-se um pouco, libertando o copo da boca e me examinando com os olhos para baixo.

— Está mal feito — pronunciei, puxando novamente o tecido e atando-a com rigor. — Não é possível que você saia assim.

— Parece que você gosta de sufocar — comentou.

Ergui o queixo.

— Dependendo da vítima, sim.

A sua língua passou pelos lábios, o seu olhar se perdendo no labirinto de sentimentos que o meu rosto se tornou.

— Você está precisando de alguém que consiga foder com essa sua postura.

Foder.

Capturei o máximo de oxigênio possível antes de empalidecer e mostrar sinal de fraqueza. Não era literal, mas por momentos entrei em pânico e criei imagens que não estavam previstas.

— Tente.

Saiu como um segredo. Um pedido. Não era para ser daquele jeito, mas não tive tempo de pensar em uma resposta melhor.

Fiz um último nó na gravata com uma dose de brutalidade mais elevada, sem quebrar o contato visual. Eu não o tocava com todo o meu corpo, mas pareceu que partes de nós se encaixaram em um quebra-cabeça complexo inacabado.

— Obrigado — soprou, logo após as minhas mãos decaírem.

— Talvez fique difícil tirar o nó depois — avisei.

— Então fique acordada durante essa noite. Irei chamar você para despertar.

A sua voz sorrateira era como água para o meu lado sedento. Meu peito pesou, assim como o coração que decaiu para o meu ventre.

Andrew deslocou-se, dando uma rápida vistória antes de pegar na caneta do quadro e escrever algo.

— Caso você precise — disse, contornando a ilha e coletando a sua mala.

Apesar dos números terrivelmente mal escritos, era impossível não entender.

— Esse é o seu contato?

— Sim, Reese.

— Eu não quero.

— Por isso eu disse caso você precise. Não se você queria. — Ele iniciou o trajeto até a porta. — Não quero entrar e encontrar um corpo morto. Se você piorar, tem para quem ligar.

— Mas eu não estou doente! — exclamei, mas era tarde demais, pois a porta foi aberta e rapidamente fechada.

Bufei alto, pescando os fios do meu cabelo que se soltaram do coque.

Se eu estivesse doente, iria para o hospital. Não o telefonaria. Nem sequer fazia sentido.

Mas não era novidade que Andrew não queria saber do que era coerente, a não ser para si mesmo.

E isso me irritava.

Um pouco.

19.1

“Ele não vai te tocar como eu tocaria. Ele não vai te amar como eu amaria.”

Like I would, Zayn

Harper Reese

— Encontrei! Estava no fundo da loja, meu Deus. Tive que perguntar a um dos funcionários para me ajudar. — Paige jogou a lata no carrinho. — Ok, o que falta mais?

Dei de ombros, encarando a lista.

— Iogurtes, alguns legumes, e preciso de carnes também. Estamos com falta.

Eram dezenove horas. Tive que sair de casa e bater na porta de Paige para que ela fosse fazer compras comigo. Os armários de casa estavam vazios. Não havia leite, nem um pacote de arroz ou massa.

Fiquei irritada porque eu não comia tanto, mas Denson sim. Ele não estava em casa, portanto precisei pedir ajuda a Paige para que me ajudasse a segurar as compras já que eu não tinha força muscular o suficiente e não iria fazer caminhos de ida e volta para levar tudo até em casa.

Ela aceitou como se eu a tivesse convidado para irmos ao cinema. Estava difícil não gostar dela. Nunca tive muita facilidade em fazer amizades, mas falar com Paige Ambrose era simples.

Era bom.

Estávamos na seção do leite e derivados. Eu peguei alguns pacotes e coloquei no carrinho, riscando mais alguns itens da lista.

— Você paga por tudo isso? — Paige colocou-se na ponta dos pés para enxergar a lista nas minhas mãos.

Ela era uma dezena de centímetros mais baixa que eu. Eu era alta. Por pouquíssimo, não chegava a um metro e oitenta. Não era qualquer um que poderia equiparar-me.

— Sim, caso contrário eu vou passar fome.

— E aquele seu amigo?

— O Andrew? — Bufei. — Não. Não usa a palavra amigo para ele.

— Como queira. — Ela pousou os seus pés no chão. — Mas você paga por todas as compras sozinha? Não compartilham?

— Sim. Quer dizer, mais ou menos. — Manobrei o carrinho para que avançássemos para o corredor dos congelados. — Na verdade, ele faz a maior parte das compras. Nunca pediu para que dividíssemos o dinheiro. Acredito que também não precise. Mas nessa semana a despensa esvaziou e como ele parece estar mais ocupado e quase não fica em casa, precisei vir.

— Hum...

O rosto de Paige exibia desconfiança e, para combinação, os seus braços cruzaram contra o peito.

— Ele é desorganizado?

— Ele é organizado até demais. Chega a ser insuportável. O Andrew limpa tudo o que suja. Se ele coloca o pé na cozinha, ele é capaz de limpar o chão todo. — Ambrose gargalhou e eu levantei o dedo em repreensão. — Não ria. Se você vivesse com ele, saberia do que estou falando. Além de que, apesar de parecer que estamos sempre em briga, passamos o maior tempo sem nos falar. Cada um está no seu quarto, fazendo as suas coisas. Ninguém cozinha para o outro. Ninguém pergunta como cada um está. É como se eu vivesse com um fantasma que, de vez em quando, decide me assombrar.

Não adicionei que teve aquele dia em que Andrew deixou um prato de Carbonara para mim. Foi um momento pontual. Também não comentei sobre ele ter me dado o seu número. Nem que eu entrei no seu quarto e eu

pude ouvir um tom implorativo para que eu não fizesse de novo, caso não houvesse intenções a mais.

O meu cérebro também trouxe à tona a imagem de Andrew me ajudando a vestir o cropped.

Todavia, ainda estávamos em um ringue. Não havia controle no nosso próprio descontrole e sempre que surgia uma ocasião em que nos confrontávamos, não me segurava.

— É uma boa diversão de férias — zombou Paige.

Delineei uma careta.

— Saí de um hospital para cuidar de alguém que dá trabalho em dobro. Não existem férias melhores.

O despejo de ironia fez com que a minha amiga gargalhasse a ponto das poucas pessoas que estavam passeando também pela mercearia nos encararem. Eu não me abstive e acabei dando uma risada mais leve.

Ambrose foi até o canto dos congelados para pegar algumas carnes já cortadas. O meu celular vibrou entretanto e eu retirei da minha bolsa preta, segurada por um gancho do carrinho.

O nome na tela fez meu coração gaguejar.

Vanessa.

A minha irmã estava me ligando mais vezes. Ela nunca me mandava mensagens. Ela não era do tipo que escrevia. Apenas ligava. E nesses últimos meses estava mais incessante.

Poderia bloquear, mas não o fazia. Parecia que gostava de saber que ela ainda se importava. Que ela ainda queria saber de mim.

Mas não atendia.

Eu pedia desculpas em silêncio por não ter a coragem de o fazer há seis anos.

Não demorou muito para que os meus membros atrofiassem, me incapacitando de mover um músculo sequer. E, como sempre, eu me permiti reviver memórias que me empurravam em um filme de terror, transmitido diariamente.

Cru. Frio. *Gritante.*

O cheiro. O toque. O hálito da bebida alcoólica presente. O choro. Os gritos.

Vanessa me lembrava isso. E eu não podia.

— Estão aqui as carnes. — Paige destrancou meu cérebro com a sua voz repentina. — Você está bem?

— Apenas com uma dor de cabeça. — Guardei o celular novamente na bolsa. — O tédio mata, sabia?

Ela riu e acabou entrando para um outro rumo da conversa.

— Se você quiser, podemos comprar pipoca e ver algum filme?

Assenti. Eu precisava.

Paguei pelas compras depois de pegar os demais itens. Por pouco, não fomos pegos pelo torrencial. A chuva desembocou num rompante, quando chegamos no prédio. Assim que me aproximei da porta, retirando a chave para abrir, escutei vozes.

Eu achava que Andrew chegaria bem mais tarde. Pelo menos, foi o que ele tinha dado a entender, mas assim que adentrei, tive o panorama dele com James e Kian em cada ponta da ilha. Os três estavam com roupas comuns, com alguns papéis na mesa e pareciam ter uma conversa séria pela interpretação breve que tive de seus semblantes.

Denson era sempre sério, porém Barton e Wada estavam no mesmo clima que ele.

Ao ver Paige e eu, os dois mudaram a sua pose, principalmente Kian. Ele pareceu ficar surpreso e poderia apostar os meus rins que não era pela minha presença.

— Então, o que vocês fazem aqui? — perguntei.

— Assuntos que não são para crianças — Kian respondeu, guardando os documentos e colocando em uma pasta.

Andrew permaneceu na mesma posição, estudando meus movimentos. Ele já não estava com a camisa. Vestia uma camiseta de malha bege e as calças eram casuais também.

Fiquei desapontada por não ter desapertado a gravata.

— Você não pode nos chamar de crianças quando o seu apelido é de um desenho direcionado ao público infantil — Paige atirou, andando para a cozinha. Eu fui atrás.

Barton deu uma mínima gargalhada.

— Ela tem um ponto — ele disse.

— Tenho sempre.

A minha amiga sorriu para Kian, pousando a sacola na bancada, e ele lambeu seus lábios, examinando-a.

Certo.

Coloquei minha sacola de lado também, já retirando o que obrigatoriamente precisava entrar em uma geladeira.

— É algo secreto? — perguntei, fingindo distração.

— Se não for, será um problema — Wada respondeu divertido, mas o tom de verdade estava implícito.

Continuei tirando os alimentos, colocando a minha mente focada somente na ação.

Andrew não tinha liberado seu olhar de mim desde que eu entrei. Ainda era sobre o que aconteceu na cozinha? Não queria que ele ficasse com aquilo na memória. Tinha sido um caso pontual. Cozinhas no escuro me deixavam desconfortável, mas ele não precisava saber.

As gotas de chuva golpeavam as vidraças. As vozes de Barton, Wada e Paige eram de fundo, e o silêncio de Andrew era mais vivo. O que ele não falava, eu estava escutando.

Por quanto tempo ele ficaria estudando minhas costas, dissecando cada centímetro que minhas mãos faziam em um ciclo eterno de tirar algo da sacola e botar na superfície?

Quis me enterrar viva por essa pergunta, pois Andrew se levantou e aproximou-se.

Eu me senti tentada a fazer alguma coisa, porém fui surpreendida com o fato dele apenas pegar os pacotes de congelados na bancada e arrumá-los.

— Não precisa. Eu posso fazer sozinha — eu disse.

— Eu sei que você pode, mas não quero.

— Eu não funciono pelo que você quer ou não.

— Mas eu sim.

Não discuti mais e entrei na dinâmica de entregá-lo as coisas e indicar onde cada item deveria ficar.

— Vocês vão querer ir ao bar conosco? — James lançou a pergunta, e Andrew girou rapidamente a cabeça, fuzilando seu amigo.

— Que bar? — Paige questionou.

Ela estava debruçada na bancada, uns centímetros distante de Kian.

— É um bar militar. Na verdade, foi adotado dessa maneira por ser próximo à Academia e a galera vai lá para se divertir — Wada respondeu. — É legal. Tem alguns brinquedos para se divertir.

Arqueei a sobrancelha pela palavra usada.

— Íamos fazer uma sessão de cinema — respondi. — Inclusive, compramos pipocas.

— Não é um lugar pra você — Andrew finalmente falou ríspido, embora estivesse concentrado contando quantos leites eu tinha comprado. — Sua bunda e toda a sua implicância podem ficar aqui.

— Quê? — guinchei, o restante que estava na cozinha ficaram calados. — Oh, não. Paige, nós vamos.

Minha amiga levantou as sobrancelhas, mas não discordou.

— Reese.

Denson aterrou seus olhos em mim, como um aviso.

— Eu decido para onde eu vou. E eu quero ir, portanto, não estou nem aí para a sua opinião.

Ele diminuiu o espaço entre nós, sua mira cada vez mais certa e fulminante.

— Você quer que eu repita o aviso que te dei no meu quarto?

Tentei não desmoronar pela lembrança da sua voz quente.

— Ao contrário de você, garotão, eu não só falo, como ajo. Então, não me venha com o seu discurso fraco.

As suas narinas espumaram.

— Porra, Aurora, não me peça para agir.

O meu coração começou a bater mais rápido, mal conseguindo acompanhar a drenagem do meu sangue. Queria apertar as minhas coxas,

espremer meus olhos e talvez, na mais hipotética realidade distante daquele universo, murmurar, bem baixinho, um *sim*.

Mas Wada soube interromper no momento certo.

— Vocês discutindo e a chuva ficando mais intensa — constatou.

Aproveitei para me liberar do contato visual e respirar.

— O que tem? — Andrew perguntou enfurecido.

— Você não tem saído muito, não é? — Barton enrugou sua testa.

— Só se for do controle — brincou Wada, coletando umas gargalhadas dos amigos.

Andrew revirou os olhos.

— Melhor vocês duas se vestirem o mais rápido possível para partirmos. Nunca é bom andar nas estradas de Fokley com essa tempestade — explicou James.

— É incrível como o clima da cidade é instável — resmungou Paige.

— Certo. Vou me vestir. *Eu vou*. — Deixei claro, capturando olhar de Andrew.

Saí do perímetro de eletrodomésticos da cozinha e contornei a ilha.

— Se agasalhe bem então, porra — disparou Andrew.

— Isso é uma forma de dizer para que eu não vá nua? — exclamei furiosa. — Porque era exatamente o que eu estava pensando em fazer.

Os três estavam achando divertido, porém Andrew rolava os olhos para cima, desesperado por não ter o controle para me calar e me fazer ficar quieta.

— Não estou nem aí para o que você estava pensando em vestir. Só não quero te ver tremendo de novo porque está doente — disse cortante.

— Mas eu já disse que não estava doente!

Andrew claramente não acreditou e ignorou a minha constatação. Qual era a dele?

— Essa pasta. Ela não pode ficar.

Olhei para o que ele indicava.

Todos os olhos seguiram-no.

Kian suspirou.

— Sim. Vou levar. Nos encontramos lá.

— Vou com você — Andrew disse. — Barton, você fica encarregado de cuidar da Aurora e da Paige.

Rolei os olhos, enquanto James sorria.

— Com certeza.

Andrew pegou o seu casaco pendurado na cadeira e verificou as chaves do bolso.

— Não destrua esse apartamento — avisou.

— Eu tenho amor por essa casa. Não faria isso. Mas você destruiria até a última célula.

— As suas tentativas de me fazer ter medo de você são ridículas. Pode parar.

Franzi o nariz com uma certa raiva.

— Vocês precisam de um quarto. Isso sim — Wada gritou, quando chegou perto da porta.

— E você de calar a boca — Paige respondeu, fazendo-o sorrir apenas para ela. — Vou indo para casa trocar de roupa. Toque a campainha quando estiver pronta, amiga.

Assenti.

Os três saíram, me deixando sozinha com Barton que estava com os olhos intrigados por tudo o que tinha acontecido.

— Eu vou tomar uma ducha e...

— Você sabe que tenho uma noiva, não é?

Pestanejei.

— Não estou dando em cima de você se pensa nisso.

Ele soltou uma risada frouxa.

— Não é isso, Harper. Eu apenas sei que existem certas coisas que negamos muito e, de repente, acontecem quando menos esperamos.

— Que tipo de coisas?

— Se apaixonar por alguém — respondeu.

— Não é o meu tipo de coisa — disse, o coração perdendo uma batida.

— Talvez possa ser uma pergunta invasiva, mas você gostaria de se apaixonar algum dia? De amar?

Afundi meus dedos na palma, fechando minha mão em um punho tenso.

— Não. Eu não gostaria.

Não entendi muito bem porque ele tinha puxado aquele assunto. James meneou a cabeça, satisfeito pela resposta como se tivesse previsto o que eu ia dizer. Antes que eu argumentasse, para não parecer tão vazia, seu celular vibrou e ele retirou-o do seu bolso, os olhos azuis ganhando uma coloração tão intensa que pareceu se humanizar.

— Oi, vida. Saiu do trabalho agora?

A sua voz tenra, o olhar no alto, o sorriso estampado em seu rosto... Foi um abraço no meu peito. Um calor acolhedor que arrefeceu o meu sangue turvo. Me lembrou os meus pais. Exatamente do jeito como eles se comunicavam e sorriam, trocavam olhares com tanta paixão envolvida.

Se for por aquilo que eu estava vendo, pela delicadeza, atenção em cada sílaba articulada com sinceridade, a minha resposta seria outra. Eu gostaria de amar.

Mas eu não era os meus pais. Nem Barton. Nem a esposa dele.

Eu tinha uma garotinha acordada dentro de mim que deixava meu coração intocável.

E continuaria assim.

19.2

“A última coisa que me lembro é de nossos belos corpos se esfregando na boate, embriagados de amor.”

Drunk In Love, Beyoncé

Harper Reese

A chuva massacrava a cidade. O clima era gelado, a cada minuto parecia que um grau decaía. No entanto, eu fui ousada. Vesti um casaco preto longo de couro por cima do meu top de renda e a saia preta do mesmo conjunto. Paige estava mais agasalhada. Eu era a única pessoa que estava pouco se importando em pegar um resfriado ou não, mesmo que fosse uma profissional da saúde. Mas era uma preocupação minha e não daquele chato.

Quando estávamos rumando para o carro de James, reparei o vazio no parque do estacionamento. A moto de Andrew não estava lá.

Ele não pensava? Como poderia pilotar uma moto em plena chuva intensa?

A minha boca ficou azeda e empurrei a preocupação para longe. Era problema dele. Andrew não se preocupava comigo, então não me preocuparia com ele.

— Vocês costumam sair muito juntos? — eu perguntei, sentada no banco da frente do passageiro, enquanto Barton se centrava em assobiar e conduzir.

— Antes saíamos mais. Agora nem tanto. Cada um tem a sua vida.

— Mas vocês parecem ser muito unidos.

— E somos, mas essa união não é fortalecida com o tempo que passamos juntos.

Oscilei a cabeça.

— Honestamente, não sei como vocês três se dão bem.

Barton deu uma risada minimalista.

— Nenhum de nós sabe, mas não pensamos muito nisso.

Contentei-me com o fim do diálogo até chegarmos próximo da rua do instituto militar.

O bar ficava uns quarteirões depois. Rezei mentalmente para que Austin não estivesse ali, pois não queria ter que me explicar das negações aos seus convites para dormir com ele. Tinha algo em vários homens que sabia que um mero “*não estou afim*” não era o suficiente. Eu evitava prolongar, mas eles puxavam uma corda para que roubassem palavras, gestos e pensamentos de mim que não eram iniciais.

Era difícil eles entenderem que, se eu quisesse alguma coisa, eu chamaria primeiro. Não eles.

— Chegamos.

James foi o ímpeto necessário para que eu me desfizesse das divagações e saísse do carro. Paige e ele também me seguiram e entramos os três no bar.

Para minha surpresa, se o frio era terrível nas ruas, lá dentro o calor vinha direto do inferno.

Precisei tirar o casaco e aumentar a amplitude da minha respiração para não morrer abafada. Tinha muita gente, e supus que a maioria eram militares. Não havia somente homens, várias mulheres também se divertiam, bebiam e dançavam.

Havia diversões, como Wada tinha dito. Sondei a área e identifiquei o futebol de mesa, sinuca, arco e flecha e, para minha felicidade, tiro ao alvo.

— Coloquem os casacos aqui.

James indicou uns cabides e eu deixei ali.

Ele guiou-nos para a mesa onde Andrew e Kian já estavam. Notei que Denson tinha sido pego pela tempestade. A sua camiseta de mangas puxadas para cima recebia pingos de água do seu cabelo, e tinha as suas próprias evidências nas costas que foram chutadas pela chuva.

Não demorou para que Andrew sentisse a minha presença.

Eu o avaliei de cima a baixo.

Ele me avaliou de baixo para cima.

Com devida atenção a todos os pormenores. Jurei que aqueles segundos tinham sido eternos, até que ele pegou no copo de uísque gelado e deu um gole, ainda perseguindo meus movimentos como um predador nato.

Desviei o olhar quando me aproximei do lugar.

— Podem se sentir à vontade. — Barton disse, enquanto eu e Paige sentávamos na mesa. Era redonda, com poucos bancos em volta, portanto precisamos roubar de outros cantos. Fiquei ao lado de Barton, e ele sorriu animadamente para mim. — Sei que pode parecer intimidante, mas só tem gente legal. O que querem para beber?

— Acho que uns três shots — Paige pediu, atando os seus cabelos crespos.

Uma gargalhada grupal perto de nós chamou a nossa atenção. Ambas viramos, pendendo a cabeça para trás para observar melhor.

Analisei a fila de armas, em um suporte.

— São armas de verdade? — questionei, embora soubesse a resposta.

Senti o olhar de Andrew aterrar em mim, como seu único foco, mas foi Kian quem me respondeu.

— Claro que não. São um protótipo com quase a mesma força. As armas têm a mesma anatomia, porém não carregam uma bala.

Ergui as sobrancelhas sugestivas.

— Como em um parque de diversões?

— Não para crianças — Wada zombou. — Está mais inclinado para tiro esportivo.

— Ah, acho que já ouvi falar.

— Você pode ir se quiser.

A permissão foi o suficiente para que eu batesse palminhas contente e saísse da mesa.

As armas estavam numa base de madeira, assim como a maioria da estrutura do bar. A distância dos alvos era adequada. Fui até o canto esquerdo, muito perto da parede e longe do amontoado de pessoas que se divertiam em competir.

Peguei na arma. Era pesada. Não tanto quanto uma verdadeira, mas ainda era preciso forçar meus músculos.

O atrito poderia ser grande o bastante para me tombar, por isso pensei em atirar pela base. Fiquei me ajustando. Já há muito tempo que não pegava em uma arma, portanto endireitava os meus ombros, movia os meus pés de maneira que não pulasse do chão.

— Não é assim, Aurora. — O sopro quente da sua voz roçou no meu ouvido. — Deixa que eu te ajudo. Posso?

A delicadeza que ele teve ao perguntar antes, ajudou-me a respirar fundo, reter o máximo de ar para que os meus pés se mantivessem fixos e o meu cérebro retivesse a informação de que iria ser tocada.

Quando aquiesci, o seu peito bateu nas minhas costas. As suas mãos puxavam o meu braço carinhosamente, elevando-os e aconselhando os meus dedos a se colocarem na base da arma e no gatilho.

A sua respiração me desconcentrava. Nem sabia ao certo o que estava fazendo e somente o deixei me guiar. Foi então que me movi sem querer, os meus quadris friccionando no cóis da calça de Denson. Um arquejo sonoro saiu da sua boca. Tive de engolir um pouco de ar e precisei expirar para que não derretesse.

Não sabia ao certo o que estava acontecendo, mas não me sentia desconfortável. Eu correspondia sem hesitação.

— Se curve um pouco — rumorejou gravemente.

Eu precisava, já que a minha altura não ajudaria para acertar os alvos. Ele me empurrou de leve e veio juntamente comigo. Não era um ângulo drástico, mas deu a hipótese, e ambos arfamos mais pela fricção do tecido da sua calça na minha bunda.

— Assim? — perguntei.

A mão de Andrew subiu perto do meu pescoço e puxou de leve para que eu diminuísse a inclinação.

— Melhor.

Deus.

— Agora elevo a arma?

— Pressiona na axila. E fixa bem as pernas.

As duas mãos descansaram na minha cintura, exercendo força para que eu me prendesse ao chão. Ambos os polegares estavam firmados em um ponto estratégico, que ajudava a locomover os quadris caso eu precisasse.

— Mire no alvo e aperte o gatilho.

Andrew sentou-se em um banco da parede, que ainda tinha mais uma base e arma, e pousou o cotovelo para se apoiar.

Semicerrei o olhar. Concentrei-me, mesmo sabendo que tinha dois pares de orbes castanhos me encarando e analisando como se eu fosse a raridade em meio de objetos comuns.

Um. Dois. Três.

Três segundos e eu apertei o gatilho. Não tinha muito atrito, portanto o impulso não me assustou, mas o som do boneco caindo apertou o meu peito.

— Nada mal para uma primeira vez.

Ele olhou para o boneco que já estava retornando para a sua posição. A sua testa estava enrugada e, através do seu olhar, conseguia imaginar as engrenagens cerebrais teorizando.

Moldei um sorriso sarcástico.

— Aprendo rapidamente.

— Não é uma arma fácil — Andrew constatou. — Apesar de ser quase como tiro esportivo, elas foram feitas para militares treinarem. São das grandes.

— Talvez eu tenha uma habilidade incrível em manusear armas grandes.

Os seus lábios tomaram uma forma predadora.

— Existem maiores que essas.

— Eu sei, Denson. — A minha voz saiu suave. — Mas além de eu ter uma habilidade incrível, tenho em mente que nem todas elas foram feitas para mim.

— *Ela* foi, Aurora.

Meu ventre embrulhou-se em um nó.

Tinha certeza que o calor estava proporcionando o mesmo efeito do álcool. Os meus neurônios não criavam ligações decentes. Parecia uma bagunça, em cada parte de mim tinha autonomia própria para dizer e pensar o que quisesse.

Estalei o céu da boca.

Pousei a arma na base, os meus dedos no gatilho e a mão descansando na base. Me inclinei muito mais, empinando a bunda e mantendo os pés firmes. Andrew me dissecou. Eu *senti* a sujeira que os seus olhos lançavam, como eu estava sufocando-o sem precisar atuar.

E eu não me importei.

Mantive o nosso contato visual. Em nenhum momento, me desfiz dele. E lancei um sorriso sedento, completamente adorado pela ideia de tê-lo tão à mercê por meros segundos.

— Sim. Talvez você tenha razão.

Três disparos seguidos bombardearam o ar do bar e três bonecos caíram quase simultaneamente.

O rosto de Andrew era uma moldura humorística para os meus dias mais tristes. Aguentei para que não entrasse numa agonia eterna de risada que estapeava os meus pulmões.

Era caricato.

— Você acabou de...? — Andrew gaguejou.

Andrew Denson gaguejou.

Aquilo foi mais que um prêmio de ouro. Foi uma vitória deliciosa.

— Atirar sem ver e acertar? — Endireitei o meu tronco, ajustando as alças do meu top e esticando minha saia para que a minha coxa não ficasse exposta. — Sim.

Seus músculos estavam travados.

— Como é que agora eu não vou desconfiar que você é uma assassina contratada para me matar?

— Porque você não é tão importante, garotão. — Dei dois passos em frente, criando uma sombra no rosto de Denson. — E acredite, se eu fosse, você não estaria aqui para fazer essa pergunta.

Peguei a arma mais perto dele. Estávamos muito próximos e a sua encarada poderia ser direta para a minha bunda que estava ao seu nível. Mas Andrew continuou com a cabeça inclinada, buscando a minha atenção.

Levantei a arma, colocando-a um pouco abaixo dos ombros, rente para que não deslocasse.

— Você fingiu que não sabia atirar — denunciou.

Eu mirei mais um alvo e atirei de novo. O barulho ecoou novamente, satisfazendo os meus ouvidos por mais um certo. Não tinha sido corrompida pelos anos. Ainda era muito boa no que fazia.

— O meu pai me ensinou.

A expressão de dúvida não desapareceu de Andrew.

— Ele era policial?

— Um professor de astrofísica.

Não alonguei. Não iria contar a Andrew sobre a minha vida.

— Bastante peculiar.

— O melhor de todos.

Denson levantou-se e eu voltei a me sentir pequena. Ele era enorme, merda. E algumas roupas que ele vestia o fazia parecer ainda mais. Aquela camiseta estava ajudando. Os seus braços ficavam apertados nela e o fato de estarem puxadas, mostrava as tatuagens dos pulsos. O seu cordão brilhava em seu pescoço. Admirei durante instantes até elevar o queixo e pontear os alvos em seu rosto.

— Espero que não esteja mentindo para mim.

O clima mudou. Tive que aprumar a minha coluna, montar a minha pose e trincar o maxilar já que o seu semblante enrijeceu.

— Por que estaria mentindo para você? Até por que você pode investigar, não é? Ou você já fez?

Sua expressão se manteve estoica. Claro que eu sabia que ele queria saber quem eu era. Andrew era filho do dono de uma empresa de segurança privada e, talvez, ele pudesse tomar o lugar do pai. Saber com quem morava era o principal.

— Você luta e atira.

— Algo completamente normal.

— Não no meu mundo. Tem algo que eu precise saber?

Cerrei meu olhar.

— Não que seja da sua conta. Não se sinta ameaçado. Mesmo se eu fosse uma assassina contratada, você saberia se defender.

— Não é por mim que estou preocupado.

Arqueei a sobrancelha, as dúvidas saltando meus olhos.

— Você me acha perigosa?

— Me dá um simples motivo para não te achar, Reese.

A raiva no meu sobrenome em um ranger de dentes feroz eletrizou as minhas pernas, acertando em cheio o meu ventre. Eu estava chateada. Como poderia estar excitada também?

— Não é porque alguém sabe lutar e atirar que ela é perigosa. Você tem problemas em confiar nas pessoas?

— Tenho problemas em confiar em quem mora comigo e eu não sei quase nada sobre você.

— Não gosto de falar sobre mim.

— E eu não gosto de não saber nada sobre você.

Ele não investigou. Aquela confissão fez meus ombros aliviarem e tomarem coragem para diminuir mais o espaço entre nós, um singelo movimento ser algo mais fatal do que todas as armas falsas ali presentes.

— Não investigue.

Eu pedi. Pedi com suavidade. Pedi com dor. Pedi para que ele aceitasse.

— Está pedindo para que eu não tente descobrir sobre você?

— É a minha vida, Andrew. Não quero me sentir invadida.

Seus olhos cantarolaram dúvidas, antes da sua mão levantar para abraçar meu pescoço pela lateral. Eu deixei. Estava dando permissão a

partir do momento que reduzia os metros entre nós.

Se fosse ajudar, eu deixaria.

— Austin sabe — continuei. — Ele está comigo há um ano e sabe tudo sobre mim.

A sua expressão mantinha-se enigmática, porém havia algo frágil se quebrando nas suas íris.

— Ele pode saber, mas eu não?

— Sim.

— Por quê?

Ele perguntou com delicadeza, quase como uma brisa.

— Da mesma forma que ele me toca e você não.

Era mentira. Não sabia até que ponto eles tinham conversado, mas era mentira que Austin tinha conhecimento sobre o que eu guardava. Ele confiava em mim, principalmente por ele ter sido o único a saber que estava cuidando de Donavan. Ele não tinha motivos para me investigar e eu confiava que ele não tivesse feito isso, porque quebraria o nosso relacionamento.

— Então, isso é o suficiente?

Pestanejei confusa.

— O quê?

A sua mão se fixou mais nas costas do meu pescoço, me pressionando contra seu peito e me obrigando a ficar na ponta dos pés, proporcionando o momento em que mais próxima estive dos seus lábios.

— Se eu marcar cada célula sua como minha, fizer você sentir minha pressão pelo resto da sua vida a ponto de não conseguir respirar perto de nenhum outro homem sem pensar em mim... Se eu fizer isso agora mesmo, será o suficiente para que eu saiba tudo sobre você?

O seu tom era cortante, glacial como o frio que a chuva trazia para as ruas. E, apesar de tudo, esquentava. A sua boca era puro fogo.

Como tínhamos chegado nessa conversa? Como o calor tinha subido tão rápido?

Havia tanto para traduzir em seu rosto, mas me contentei em explorar o que mais ele poderia falar. Era luxúria. *Muita*.

Não estávamos sozinhos, mas naquele momento, éramos só eu e ele, e um par de confissões nada educadas. Eram agressivas. Selvagens.

— O quão longe você pretende ir para saber?

— Responda.

Meu coração me esmurrava. Eram batidas, rajadas furiosas que esperavam por um entorpecente. Mas Andrew era o gatilho e, se não me afastasse, seria a causa da morte do meu juízo.

— Não será — respondi. — Você teria que fazer muito mais do que isso.

Denson me soltou. Os meus pés voltaram a sentir o chão e a adrenalina que desestabilizava o curso do meu sangue desapareceu. Não era capaz de traduzir o que se passava na sua cabeça, mas seu semblante era aço. Mas não era raiva. Poderia dizer que tinha algum tipo de divertimento bailando nas suas sombras.

— E você ainda diz que não é um perigo... — ele murmurou em um tom provocador que embrulhou meu estômago. Eu estava ficando fraca demais.

— Não investigue — voltei a dizer. — É a minha vida. Gosto de ter a minha privacidade. Acredito que você também. Além de ser crime. Você não pode nem deve sair pesquisando os dados privados de um cidadão apenas porque quer.

— Você fala como se fosse falar sempre a verdade se eu te perguntar algo.

— Eu vou. Se eu simplesmente não quiser dizer, não falo.

O seu dedo descansou na borda do seu cordão. Encrespei a testa. Era uma ação inconsciente, pelo jeito que ele pareceu não notar.

— Vamos ter que aprender a confiar um no outro.

Meu peito amoleceu.

— Você promete?

— A minha palavra não é um luxo, Aurora. Ela é completamente sua.

Escutar aquilo me fez bem. Saber que ele não cavaría meu passado e não desarmaria o que eu estava tentando esquecer, era o melhor para mim. Quis agradecer, porém a minha mente gritava que era mais do que sua obrigação respeitar o meu espaço.

Ele mirou os alvos, a arma e depois voltou para mim.

— Você foi ótima. Um pouco mais de treino e talvez fique melhor do que a maioria das cabeças desse bar.

Eu quis sorrir.

— Melhor do que você também?

— Não sonhe tão alto. Você vai cair — sentenciou, esquivando e seguindo para a nossa mesa.

Ainda sentia a sua mão no meu pescoço, os meus seios contra o seu peito e os mamilos intumescidos como se desejassem que ele externasse a sua agressividade neles. Para não falar em como a minha calcinha ficou apertada e uma mera fricção poderia me levar à porra de um orgasmo.

Por Deus.

Não sabia como. Não fazia a mínima ideia como ele me deixava assim mesmo que a nossa conversa fosse mortal e séria. Era um efeito poderoso demais. E se eu não me controlasse, poderia quebrar.

20

“Eu fico imprudente, sou obsessivo. Eu sou patético e possessivo. Você é tão confiante que me deixa inseguro. Você é majestosa, hipnotizante.”

Piece of you, Shawn Mendes

Andrew Benson

Eu estava irritado.

Quando sentei na cadeira, Mickey assustou-se, me xingando por derramar sua bebida nas calças. Não me importei. Eu só pensava em uma pessoa e tentava dissipar os restos dela na minha cabeça. A minha pele ainda sentia. Os meus ouvidos ainda a escutavam. A minha visão ainda enxergava cada curva, o formato dos seus lábios, os olhos sádicos querendo brincar com o fogo quando ela era um combustível para o próprio incêndio.

Reese disse que não estava mentindo. Mas então por que não me deixaria investigar sua vida? Eu não faria isso. Ela me pediu, então não iria atrás. Mas saber que Austin tinha todo o conhecimento sobre aquela garota alimentava uma bactéria que me comia vivo.

Escutá-la falar do meu irmão com tanto fervor gerou um bombardeamento potente no torso, o meu músculo cardíaco impulsinando fortes embates.

A minha mandíbula tensionou em cólera pela recordação de que Aurora conhecia a cama do meu irmão. Não decifrei a sensação repulsiva

que surgiu em meu estômago e dopou o meu sangue. Mas não foi agradável. E eu não gostaria de voltar a sentir. Não por ela.

Inspirei o ar até que os meus pulmões doessem. Refresquei a mente, limpando a avalanche de sentimentos.

Fui até o bar e pedi por uns shots. Matei dois de uma vez até que o reconhecimento de voz flexionou meu pescoço e encontrei-me com a silhueta moldada.

Ela estava jogando sinuca com a sua amiga e mais uns caras do instituto.

Bebi mais do shot, desejando que queimasse a minha traqueia como eu sentia que estava prestes a queimar esse bar.

Como se estivéssemos ligados por um fio, Aurora reconheceu a minha respiração estoica. A sua língua serpenteou pelos lábios carnudos e ela bateu o taco no chão.

Queria desprender-me da sua imagem, porém estava preso até na sua ligeira inclinação para a mesa.

Enxerguei o que estava me questionando pela levantada do seu vestido. Não conseguia entender como mais ninguém tinha reparado o que Reese prendia por baixo das suas roupas. Eu não mencionaria. Não sabia como ela iria reagir e não queria assustá-la. Deixei para outra ocasião perguntar o motivo dela andar com aquele tipo de objeto guardado.

Ela deu um sorriso para um dos rapazes que ali estava e, como um cachorrinho com coleira e nome, o filho da mãe acanhou-se ao seu lado e a ajudou a se posicionar.

Eu sabia que ela estava me provocando, pois volta e meia as suas esferas averiguavam se eu ainda a observava.

E eu estava.

Eu examinava Aurora e a sua sensualidade em cada gesto, inspiração e olhar.

Aquela visão estava roubando o meu fôlego, substituindo-o por uma afirmação de possessão por mais que ela não fosse minha. Que eu não quisesse que fosse. Mas não era porque não gostava dela que outras pessoas tinham o direito de tocá-la. De sequer se aproximar.

Preguei-me ao mantra de que ela era a garota do meu irmão e amiga de Axel, que morava comigo e não poderia destruir mais a desarmonia que tínhamos em casa.

Não estava sentindo o que ela queria que eu sentisse. Não iria. Não era ciúmes. Não era merda nenhuma. Era apenas consequência do álcool.

Até que, por fim, para dar término ao meu debate interno, Reese desistiu da brincadeira e se despediu do desconhecido. Ela ainda plantou um beijo na bochecha e, parecendo um palerma, ele se encantou e os seus olhos quase despejaram lágrimas de purpurinas.

Os seus passos encurtaram a nossa distância e eu titubeei entre não olhar para o balanço da sua cintura e as pernas torneadas ou desmontar cruelmente o que *tinha* por debaixo daquela roupa.

— Espero que esteja ciente do nosso acordo — declarei, bebericando do álcool.

— Estou. Farei questão de transar em um motel.

Meu maxilar trincou, porém mantive a postura.

— Se divertiu?

A minha pergunta deve ter saído com um fervor indesejado, pois a sua boca abriu em um sorriso maior e o meu rosto acidificou-se ainda mais.

— Você me observou durante o tempo todo. Acredito que saiba a resposta.

Aurora chamou pelo barman, com os braços cruzados sobre a mesa e a coluna angulada.

— Se eu fosse você, diminuiria esse ego.

— Por quê? — A diversão escorria em sua língua. — Não aguenta que existam professores melhores do que você?

— Você é tão mentirosa quanto previsível.

— E você é tão babaca quanto intrometido.

— Tenho muitas qualidades, eu sei — zombei, recebendo uma revirada de olhos elegante da sua parte.

— Você é tão patético. É impossível eu me adaptar a você.

— Ainda não entrei em você para que tenha que se adaptar.

Vi a saliva deslizar por sua garganta, a sua estrutura óssea desmanchando em um suspiro frágil.

Eu me divertia com a sua língua afiada, sempre com uma resposta preparada para tudo, mas quando a desestruturava era um sabor vitorioso demais e nada proporcionava tamanha satisfação.

— Você não tem ideia do quanto me deixa enojada só em pensar em estar na mesma cama que você.

— Ninguém falou em cama, Aurora.

— Você insinuou.

— Você interpretou como queria porque acha que eu te foderia numa cama — rebati, seu olhar se perdendo em surpresa. Eu me sentia uma criança toda vez que ela exibia os seus olhos desnorteados. — Na verdade, você está pensando nisso há algum tempo, não é?

— Acredito mais na possibilidade de ser atropelada do que transar com você.

O seu tronco já estava virado para mim e precisei inclinar ligeiramente para confrontar seu rosto.

— Não brinque com isso.

— Com a morte?

— Com a possibilidade de eu foder você.

Os seus olhos achocolatados acompanharam os meus dedos deixando o copo e espalmando a superfície. Logo depois subiu para o meu braço e descansou no meu nariz. Era cômico como Reese estava se decidindo entre me encarar e se perder no nosso contato visual ou repousar em meus lábios. Ela deveria estar tomada um pouco pelo álcool porque, em uma situação sóbria, nenhum dos dois estaria pensando fora do que eram os nossos limites.

— Tenha calma, garotão. Para isso, teria de zerar o número de pessoas possíveis. E, mesmo assim, a chance seria mínima.

Sondei os detalhes expressivos e, em nenhum segundo, o arco dos seus lábios decaiu. A sua bebida surgiu em um copo colorido com um canudo branco e o agradecimento entoadado foi suave e sensual.

Claro que até o barman se encantou por ela. Se não a controlasse, teria que deixar um aviso que não poderiam tocá-la, pensar ou sequer

respirar perto dela. O seu oxigênio não era compartilhável. Não para eles.

— Se você fosse uma meta de vida, pode ter certeza que eu faria questão de reduzir o número de pessoas que poderiam te ter a ponto de eu ser o único.

Os lábios de Reese envolveram o canudo e a degustação do sabor eu senti até na porra das minhas papilas, mesmo que eu não estivesse nem perto de saborear a bebida. Novamente, escoltei o curso da sua língua pelos lábios depois de se soltar do canudo e circular os seus dedos nele, mexendo-o para que um redemoinho formasse no copo.

— Você fala do meu ego, mas o seu é ainda maior.

— Não queira saber a minha resposta para egos e tamanhos.

Mesmo que o seu tom de pele não a deixasse corar, o arquejo e a surpresa gotejada por ele satisfizeram os meus ouvidos de uma forma sobrenatural.

— Não te suporto.

— Você não suporta porque não aguenta perder. Já falei que não estou brincando quando se trata de jogar com você.

— E eu mal comecei.

Esquadrinhei a sua feição, descendo lentamente e de forma provocadora para a sua boca. Já estava insuportável. Cada divisão do meu cérebro vigiava os seus lábios e sentia a sua fragrância como se fosse um veneno doce e viciante.

— Você vai cair se não começar.

— Está com medo?

— Não. Apenas estou ansioso para te ver no chão de joelhos.

Não pude codificar e procurar por uma explicação para a merda de palavras que despejei. Reese não se sentiu incomodada. Na verdade, pareceu ser um estímulo para que ela voltasse a endireitar-se e os dedos demarcando o seu copo.

— Parece que temos fetiches parecidos.

A força que fiz nos meus músculos para não sorrir foi desumana. O poder dessa mulher era inexplicável.

— Você age como se fosse algum tipo de fatalidade humana — comentei.

Um sorriso bélico desenhou seus lábios.

— Essa é a mais fraca das definições que você pode ter sobre mim.

Ela não prolongou o diálogo, voltando para a nossa mesa, como se não tivéssemos acabado de flertar entre ofensas. Tive que me prender ao fato de que aquela mulher andava como se dançasse com o diabo à noite, e eu não tinha nada sobre ela.

Apesar de tudo, cumpriria com a minha promessa, por mais desconfiado que ficasse de algumas questões sobre ela. Arranjaria uma maneira de ter minhas respostas sem abusar de um poder.

— Mais um shot, por favor — pedi.

No mesmo minuto, o meu celular vibrou e o colhi no bolso da calça. O nome de Michelle brilhou na tela.

Nós não costumávamos falar por celular, portanto deveria ser importante o que ela queria. A mensagem só referia um simples *preciso falar com você* e conseguia ver cenários em que não era um convite para um diálogo agradável.

Para o equilíbrio da cena, o shot foi servido enquanto ainda digitava para Michelle que estaria a caminho. Logo depois, peguei a nota da carteira e pousei na superfície, batendo de frente com o rosto do barman e modificando a expressão da minha face.

— Você é muito bom fazendo bebidas, não é? — Ele aquiesceu, orgulhoso. Elevei um sorriso sinistro. — Se ainda deseja ter mãos para trabalhar, não chegue perto daquela garota. Avise a qualquer um desse bar, senão cada arma falsa será tão mortal quanto uma verdadeira. Boa noite.

Senti que ele esperou que eu desse uma gargalhada e falasse que era uma brincadeira, mas o meu tom de voz foi convicto demais para que, por fim, ele percebesse que era sério.

Voltei para a nossa mesa para pegar o meu casaco e capacete. Barton e Mickey perguntaram o motivo da minha saída e tive que dar uma rápida resposta de que falaria com eles depois. Reese estava se divertindo com mais outro grupo no pebolim.

Ainda pensei se deveria ir lá e afugentar os caras para definir o nosso placar, porém o sorriso em seu rosto foi mais gratificante do que qualquer merda que o meu estômago estivesse reagindo e embrulhando-se. Portanto, segui para fora do bar e liguei para Michelle.

— Eu não vou me encontrar com você na mansão — disse assim que ela atendeu.

— Não sou burra, Drew. Vou te mandar o endereço de onde estou.

— Por que você precisa me ver agora?

Atravessei a estrada e, em um instante, já estava perto da minha moto.

— Porque amanhã eles vão começar a investigar sobre a morte do meu tio.

O meu peito estrangulou a possibilidade de ar e descontrolando os meus batimentos cardíacos em uma agonia dolorosa. A cerne do meu cérebro era uma batalha de pensamentos e criação de hipóteses que adulteravam ainda mais o meu organismo.

— Investigar?

Engoli em seco e esperei que aquela não fosse a resposta. Mas ela veio e me derrubou.

— Porque eles acham que alguém matou Donavan, Drew.

21

“Você sabe que sou obcecado pelo seu corpo, mas é a maneira que você sorri que me atrai. É tão doce saber que você me ama, embora não precisemos dizer isso um ao outro.”

Sweet, Cigarettes After Sex

Harper Reese

Eu estava tendo um colapso com o meu cabelo. Tinha comprado três produtos novos e nenhum deles deixava o meu cabelo sedoso. Era o que dizia na embalagem: *deixa o cabelo sedoso e brilhante*. O que sentia era um péssimo cheiro de esgoto e poderia jurar que ninhos de vespas estavam sendo formados.

Eu tinha herdado o cabelo da minha mãe. Era um tipo de frisado que eu gostava muito. A minha irmã tinha herdado o cabelo crespo da nossa avó paterna. Eu via como a sua rotina era diferente da minha, mas ela tinha uma inovação melhor para quando algo desastroso acontecia com os seus penteados.

Nós não compartilhávamos dicas apenas de hidratação ou renovação capilar. Também eram de roupas, já que sempre foi algo que eu gostava mais. Também de maquiagem, que certamente a nossa mãe era muito melhor do que nós as duas. Eu amava passar horas e horas com a minha irmã. Claro que brigávamos muito. Brigávamos muito mais do que

ficávamos em paz. Mas era normal. E eu morria de saudades até desses pequenos momentos.

Andrew tinha razão. O meu ego era inflado, uma bola de ar quente que ia aumentando. Eu tinha receio em falar com ela depois que saí de casa. Tudo por causa de como eu lidava com os meus próprios problemas e eu não gostava de como ela interferia nos meus para me proteger.

Sacudi os meus cabelos, interrompendo o curso de pensamentos, e notei como as minhas pontas estavam espigadas.

Abri a gaveta e retirei a tesoura. Contudo, assim que iria começar a cortar, a luz se foi. Bufei e apertei o interruptor, mas nada aconteceu. Desanimada, fui até o banheiro para confirmar se tinha sido um apagão ou tive a sorte de ser a escolhida para a lâmpada fundir. Com apenas um clique, a segunda opção tornou-se evidente.

Sabia que Andrew tinha comprado algumas lâmpadas suplentes, mas não as encontrei ao entrar na despensa e vasculhar pelos cantos.

Bufei e resmunguei em silêncio. Não queria pedir ao meu vizinho, mas eu não tinha para onde correr se queria ter uma fonte de luz. Para piorar a situação, era domingo. Estava tudo fechado naquele horário.

Saí do quarto e, logo em frente, a porta fechada de Denson pareceu ser maior do que antes. Eu nunca tinha pedido nada para ele. Durante aquele período de convivência, mal pedíamos por alguma coisa, e quando o fazíamos era através do quadro.

Antes de bater, cerrei os olhos. Estava nervosa só para perguntar pela lâmpada. Não parecia que a última vez que estivemos juntos havia sido em um bar em que sanidade era uma palavra inexistente entre nós.

Voltei a aproximar-me da porta e no momento que iria erguer a mão para bater, o quarto foi aberto e ele surgiu.

Andrew estava sem camisa com um casaco de zíper aberto preto. Perscrutei o tronco exposto e o cordão de prata sendo a única coloração na sua pele e a bermuda de moletom cinza.

Limitei os meus cinco sentidos a serem apenas um e focarem nos seus olhos. No entanto, eu estava admirando outros cantos da sua estrutura que ainda não tive a chance de ver.

Meu estômago embrulhou quando parei mais abaixo, a mínima ideia luxuosa alinhando meus neurônios e me assustando com essa loucura

impensável.

— Você está admirando porque pretende fazer alguma coisa com *ele* ou está assustada?

Sua voz profunda e grave sacudiu minha mente.

— Vai para o inferno.

O seu sorriso lateral não passou despercebido.

— Se você veio me convidar para sair, eu iria sugerir palavras mais educadas.

— O único convite que farei a você é te ver longe de mim.

Andrew fechou o rosto e o olhar perdeu um pouco da diversão.

— Por que diabos você está aqui, Reese? Não venha me dizer que é apenas para me xingar porque em vinte e quatro horas de um dia, você arranja trinta para o fazer — rangeu.

Parecia até patético ter ido falar com ele para pedir uma mera lâmpada. Poderia ir comprar uma. Ou deixar o meu cabelo de lado e ficar com as pontas espigadas.

Mas eu já estava ali e já não bastava as figuras ridículas que eu me submetia.

— Você sabe onde estão as lâmpadas suplentes?

— Aqui comigo. — Pausa. — Você precisa?

Aquiesci.

As sobrancelhas de Denson elevaram-se e a contorção da sua boca deu-me mil e um motivos para me arrepender.

— É impressão minha ou você está envergonhada por me pedir uma lâmpada? O que tem? — Me neguei a fazer um pronunciamento. — Aurora, eu nunca irei te entender.

Ele falou como se assistisse uma série de entretenimento para pessoas sem humor.

Entrei no seu quarto, após o sinal com a cabeça.

Como na última vez, que eu não gostava muito de lembrar, permanecia arrumado. Na cama, tinha o seu laptop e mais uns cadernos. Ele deveria estar trabalhando, já que era uma das poucas coisas que eu o via fazer desde que chegou. Andrew fazia *smoothies*, ia para a academia e

passava o resto do dia no computador. Isso quando não saía e chegava altas horas da noite. Pelo menos, ele tinha mais coisas para fazer do que eu.

Denson foi até à sua cabeceira e abriu a gaveta. Em alerta, os meus olhos arregalaram e viram a tal arma ao lado de um bloco de notas, estojo e o carregador do seu celular.

Ele percebeu a mudança do meu ciclo respiratório e como os tambores do meu coração tornaram-se deliberados e furtivos. Os seus pontos castanhos fitaram os meus em um sustento visual veemente e ele voltou a olhar para a gaveta e pegou na arma.

Dei um passo para trás, dispondo o meu cérebro em mais alta concentração.

Ele não...

Em um instante, a arma saltou da sua mão na minha direção e, agilmente, peguei-a no ar. Assim que senti o seu peso, os meus ombros desaprumaram e o peito esvaziou como um balão furado.

— É falsa — constatei.

Os olhos de Andrew tinham pingos de orgulho.

— Aham. — Ele fechou a gaveta e abriu a de baixo, tirando de lá a caixa com a lâmpada. — Quando você entrou naquele dia, eu notei que você tinha mexido nela. Fiquei esperando que me confrontasse e dissesse algo, mas preferiu ficar calada. Por quê?

Dei de ombros.

— Não tenho medo.

— Você deveria — ele pareceu zombar. — Mas eu acredito que não tenha já que entrou em território militar com uma faca na coxa.

Algo dentro de mim se embrulhou. Retesei um passo, apertando os dedos contra a arma e necessitando que a terra me engolissem e eu pudesse morar nas penumbras.

— Você está me acusando em falso...

— Não minta para mim, Aurora — repreendeu. — Foram três vezes. Quando você foi na loja de muffins, no dia do teatro e no bar. Muito possivelmente você já teve mais vezes com ela. Sempre achei que fosse algo típico de filmes, então devo parabenizar o quão bem você está se dando na sua personagem.

Engoli em seco, devorando seus olhos assim como ele tentava fazer com os meus. Não estava esperando que ele notasse, no entanto deveria parar de subestimar Andrew. Ele já se mostrou um excelente observador. Eu usava a faca frequentemente. Era uma proteção.

— Não vai perguntar o por quê?

— Esperava que você me dissesse sem que eu perguntasse.

— Bom, sou uma mulher marrom. Não é o suficiente? — Ele distendeu seus lábios. — Mas e você? Se protege com uma arma falsa? Não é muito reconfortante saber que eu posso ser morta porque você não pode dar um tiro.

Denson gracejou em um suspiro morto.

— Você é mais fatal que uma arma, Reese.

Quase. Ele quase me arrancou um sorriso bobo, mas disfarcei com uma mordida de lábio.

— Além do que — Andrew continuou. Ele endireitou a coluna, encaminhando-se na minha vertente. Eu estava mais perto da porta e ele no limite da cama —, não costumo portar armas, mesmo que o meu pai seja dono de uma empresa do tipo.

— Então, é só isso que você tem a dizer para mim? — perguntei, ligeiramente nervosa.

— Confio em você para não me matar durante a noite.

— Mas confia que irei te matar durante o dia.

Ele quis gargalhar, mas sua traqueia deve ter travado.

— Essa sua boca é uma perdição. Já te disseram isso?

— Sempre me mostraram mais com atos e gemidos.

— Não o suficiente já que ela continua intacta.

Oh Deus.

A sua covinha direita apareceu e o meu eixo inclinou.

Extremamente quente.

Preferia estar no centro de um vulcão do que em um quarto com Andrew me encarando e sorrindo. Meus lábios formigaram e uma corrente elétrica percorreu por eles até eu mordê-los tendenciosamente.

A minha boca tornou-se seu foco singular. E foi preciso uma boa dose de ar para que eu permanecesse em pé.

Denson estendeu o pacote e eu abri a mão, mas antes que eu fosse capturá-lo, ele esquivou e me deixou com cara de bunda. O encarei furtivamente, já desesperada para ele parar de me provocar como se fossemos duas crianças.

— Você quer que eu diga por favor, é? Eu falo.

Ele demorou a dizer alguma coisa. Não me senti incomodada pela sua fiscalização, enxergando os meus olhos quase como se abrisse para ver o que tinha dentro. A minha alma não era transparente. Eu tinha aprendido a não ter os meus olhos como espelho da minha alma. Eles não diziam nada sobre mim. Eu treinei amargamente para que eu mesma não desse brechas do que realmente era. Então, por mais que ele fosse procurar por mim, não me encontraria a não ser que eu desse abertura.

— Não — ele disse, por fim. — Eu sei que você odeia viver comigo e se pudesse estaria me sufocando até morrer.

— Seria uma morte muito dramática. Gosto mais do silencioso e torturante — declarei e a curva da sua boca ponteou meu coração.

— Eu sei, Aurora. Eu sei. — A sua entoação macia e de baixo decibéis. A temperatura subiu em combinação com a ebulição do sangue. Havia ternura. Merda. Muita ternura em seus olhos. — Mas não é por esse seu fetiche em querer me ver tendo uma morte silenciosa e dolorosa que você possa se sentir constrangida para pedir uma lâmpada porque ficou sem luz.

Não queria acreditar que estávamos tendo aquela conversa. Ele estava me dando um tipo de sermão, conselho?

— É só uma lâmpada.

— É só uma lâmpada... — repetiu, descansando o objeto na minha mão. — Mas você pode pedir mais do que uma lâmpada se precisar. Moramos juntos. E embora os nossos diálogos terminem em xingamentos, nunca vou estar satisfeito por te ver constrangida ao meu lado. Não sou tão cruel, Aurora. Não sou cruel a ponto de negar um pedido seu. Não irei *negar você*.

Eu senti mais do que uma mera sensação ínfima em meu estômago. Eu senti um gosto fulminante e gostoso descendo da minha boca até o

centro da minha barriga. Eram como cócegas. Não que me fizessem rir, e sim arrepiar. Ter os meus ossos rangendo, os meus músculos distendendo, o meu sangue formando uma gosma nas minhas pernas e as quebrando como pauzinhos.

Meu coração estava no lugar do meu ventre, batendo forte e almejando explodir.

Balbuciei assim que apertei a caixa. Não conseguia construir uma frase decente. Nem sabia se estava realmente pensando na língua certa.

Denson ainda me encarava com carinho. Fisguei alguns fios de cabelo e os preendi na orelha. Pestanejei até eu conseguir voltar a articular sílabas.

— O... Oli... — Pausei. Precisei respirar. — *Olibada.*

O que eu disse?

— De nada.

Sem pré-aviso, as covinhas de Andrew surgiram inteiras. Os seus olhos fecharam por instantes e abriram-se ainda semicerrados.

Era, de certa forma, controverso. Como alguém como Denson conseguia sorrir de forma tão tenra? E como eu podia ficar tão fraca apenas com um gesto simples?

— Consegue mudar?

— Consigo.

Ele gesticulou com a cabeça para que eu andasse. Girei os tornozelos e me afastei dele até estar fora do quarto. Abri a porta do meu quarto, ainda recuperando do oxigênio que perdi no percurso. Não estava abalada. Seria patético. Não tinha sido preparada para experienciar um misto de sensações com Denson. Especialmente por causa de uma simples e inútil lâmpada.

— Ah, e antes que eu me esqueça, compre uma capa para a sua faca. Não é uma boa ideia tê-la perto da sua coxa. Você pode acabar se ferindo. Se pegar a veia errada, você sabe que é mortal. Às vezes é preferível ter na bolsa. Ninguém mexe na bolsa de uma mulher. Pelo menos, não deveria.

Absorvi e dissolvi o seu conselho, antes de escutar a porta do seu quarto ser fechada. E antes que eu fechasse a minha, o trinco da porta ressoou. Ele não só fechou como também trancou.

E senti como se ele estivesse me expulsando.

22

“Eu posso ser sua cura. Eu posso ser muito boa. Por favor, não entre em seus sentimentos.”

Girls Need Love, Summer Walker

Harper Reese

Eram dez da manhã quando a campainha soou.

Estava limpando os meus tênis e concentrada escutando a voz da Summer Walker em *Girls Need Love*. Esperei que Andrew saísse do quarto e fosse atender, mas depois de trinta segundos, a campainha estrondou com mais força e ainda mais demorada, adicionando mais três batidas na porta.

Deixei de lado os meus sapatos e, a passos pesados, dirigi-me até à porta. Ouvi Andrew sair do seu quarto no instante em que liberei a tranca.

— Por que demoraram tanto tempo?

Respirei fundo ao ver Axel.

— Eu estava ocupada.

Incentivei-a a entrar em casa, mas ela negou. Em uma examinação rápida, Axel oscilou sua atenção entre mim e Andrew. Em oposição ao meu rosto, ele estava no sétimo sono e deveria ter sido despertado pelo barulho da campainha.

— Peguem umas roupas e façam a mala.

Franzi a testa confusa. Andrew bocejou e diminuiu a distância da porta.

— Do que você está falando? — ele questionou, ficando ao meu lado.

— Vamos sair! Austin vai nos levar para passar o fim de semana no terreno do papai.

— Nós?! — perguntei com o tom afetado pela elevação.

— Eu, Noah, você, Andrew, Austin e Michelle. Vamos todos.

Eram dez da manhã e eu tinha a minha amiga me puxando para uma viagem que nem estava preparada.

— Vão vocês. Eu tenho o que fazer — declarou Andrew, bagunçando os seus cabelos e voltando a bocejar. — Não vou viajar, de repente, para Josephine.

— Vocês querem ir para Josephine? — perguntei.

Josephine Village era uma pequena cidade, autodenominada como uma vila, bastante turística do país. Era em um dos picos do monte e aclamada pela sua beleza natural. Nunca tinha ido para lá, mas conhecia um pouco como funcionava e o quanto as pessoas amavam a sua tranquilidade.

— A nossa família tem parceria com um hotel e temos um terreno enorme. Vai ser divertido.

Dei de ombros. As minhas férias estavam se resumindo em ficar em casa ou conversar com Paige na casa dela. Não estava fazendo muita coisa, portanto seria interessante passar um fim de semana fora.

Acontecia que eu também não estava falando muito com Austin e ficaria estranho estar no mesmo lugar que ele e a sua mulher, por mais que ela soubesse o que estava acontecendo e também fazia o mesmo que o marido. Só que não queria me envolver com ele durante esses dias. Precisava refletir um pouco sobre a nossa relação e se eu teria que dar um ponto final.

— Tudo bem. Eu vou — respondi, recebendo uma onda de aplausos por parte dela. — Preciso de tempo para arrumar a minha mala.

— Drew, você vai fi...

— Eu vou também — Andrew cortou, seu olhar descendo pelo meu rosto, porém, evitei dar abertura para um contato visual.

Babaca.

— O Austin já está vindo. Daqui a vinte minutos, chega.

Balancei a cabeça pela incredulidade com que tudo foi planejado tão em cima da hora. Mas sabia que não deveria estar tão surpresa quando Axel exibia sinais, desde que estudávamos juntas, que vivia no limite. Ela comprava passagens de avião de manhã para fazer uma viagem a outro continente de noite, ou decidia levar-me numa festa em outra cidade quando tínhamos planos para ficar apenas em casa.

Por mais que pudesse dizer que era da sua índole, tinha tudo a ver com o dinheiro e como poderia ser gasto sem planos. Austin tinha resquícios da mesma personalidade impulsiva que Axel. Já Andrew, nunca pude constatar, mas acreditava que não. Ele sempre pareceu prezar pela organização e um pequeno distúrbio, como sair da cidade em menos de vinte minutos sem um pré-aviso, não era sinônimo de uma boa rotina. No entanto, isso não dizia que ele não gastava o dinheiro de uma forma incontrolável.

— O que te fez mudar de ideia? — indaguei.

Andrew esfregou os olhos, o sono tão saliente em suas pupilas que era quase, mas apenas *quase*, fofo vê-lo tão adormecido.

— Não foi você — declarou.

— Não disse isso.

— E nem o faça.

Franzi o nariz, observando-o dar de costas e Axel aproveitar a brecha para seguir o irmão para saber porque ele não atendia as chamadas dela.

Axel já estava abrindo o armário e pegando as roupas de Denson, colocando-as na cama para serem arrumadas. Vi-a comentar sobre as suas cuecas e ele se chateava, bufando a cada segundo.

Era engraçado como os dois não eram muito parecidos fisicamente, contudo, a linguagem corporal era o reflexo um do outro.

Ri baixinho à medida que adentrei no meu quarto e peguei na minha malinha de rodas para colocar o que precisava.

Depois de meia hora em que eu andei retirando e colocando roupas da bagagem e mais meia hora para me vestir, ficamos prontos.

— O que você está levando? Pedras? — Axel indagou ao me ver com dificuldade em carregar a mala na descida das escadas.

— São os meus sapatos e casacos. Nunca sei quais levar, então coloco os que fiquei em dúvida.

— Harper e a sua fixação por sapatos e casacos.

Axel desceu as escadas rapidamente, atendendo a namorada para explicar que já estávamos a caminho.

— Quer ajuda? — A voz familiar aterrou em meu ouvido.

Andrew desceu dois degraus, encurtando a nossa distância.

— Eu consigo — disse em um timbre esganiçado.

Ainda faltava uma lapada de degraus e apenas por encarar, o suor descia em uma camada grudenta e nada agradável pela testa.

— Tem a certeza?

— Sim, tenho. — Pela sua lufada de ar, estava evidente que ele não tinha acreditado. — Você está me subestimando?

— De onde você tirou isso?

— Você é fácil de ler — desapareci, enquanto ainda me esforçava.

— Então, você é uma péssima leitora.

— Sério? — Bufei. — Vai dizer que estou mentindo?

— Eu não te subestimo, Reese. A cada dia, me surpreendo com você.
Oh.

Quase deixei a bagagem cair pela surpresa.

Escutei o suspiro de Denson ao observar-me com os músculos tensos e as mãos ardendo. Ele não disse mais nada nem insistiu pelo seu auxílio. Permaneceu atrás de mim, por mais que eu estivesse lenta descendo e me viu indo de um em um degrau cautelosamente até chegar no fim da escada e colocar as rodinhas da mala em ação.

Dois carros estavam em frente ao prédio. Um deles reconheci como a BMW vermelha de Austin e o outro era um carrinho já antigo. Noah estava encostada a ela, acenando para mim.

Entretanto, Austin saiu do seu carro e veio até mim. A sua fragrância era forte e amaciou os meus poros que poderia jurar que eles fossem sangrar. Austin tinha um fascínio absurdo por perfumes, mas ele abusava.

— Que bom que você veio — ele pronunciou baixinho, moldando um sorriso com tantas intenções que a bíblia seria considerada pequena para a lista de imagens imaginativas pairando no cérebro de Austin.

— Fui obrigada pela sua irmã — respondi, mas rapidamente o meu rosto fechou. — Eu sei que você falou para não frequentar muito os eventos sociais e...

— Deixa para lá. — Os seus dedos deslizaram pelos cabelos loiros e as suas sobrancelhas se curvaram para baixo. — Não devia sobrecarregar você com algo que nem está envolvida. Você é amiga da Axel faz anos. E minha amiga também. Ninguém precisa ditar regras sobre a amizade que eu e ela temos com você.

— Oh...

A sensatez despejada pelo discurso breve e firme de Austin surpreendeu-me. Mas a palavra amiga saindo sem hesitação ou remorsos soou como uma brisa aliviante para o peso que carregava há meses nos meus ombros. No entanto, eu não devia confiar plenamente na sua sensatez repentina. Eu era nata em jogos parecidos e as bandeiras vermelhas ainda estavam hasteadas.

— Obrigada, Austin.

Ele afagou o meu ombro, o seu sorriso meigo abraçou os seus músculos. Austin era tão lindo quanto os outros Denson. O seu rosto era adornado por um maxilar cerrado, mas não muito carregado pelas bochechas avolumadas. Os seus olhos verdes refletiam tranquilidade.

— Harper, você vai em qual carro? — Axel perguntou em uma animação notória.

Dei de ombros.

— Posso ir com vocês.

— Não quer ir comigo?

Austin pareceu ofendido pela minha opção.

— Nos falamos depois.

Não prolonguei e conduzi-me para o carro de Noah. De soslaio, pude ver Andrew e Michelle conversando perto do carro. Denson segurou o nosso contato por tempo suficiente para que Michelle sentisse o encargo de procurar por quem o estava desatentando e deparar-se comigo.

Educadamente, ela acenou e eu correspon­di por meio de um gesto de mãos tímidas. Andrew não prevaleceu naquela fitada ridícula e entrou no carro juntamente com Austin. Michelle foi a última.

— Vamos.

A voz de Noah cortou a minha análise e coloquei a minha mala no ba­gageiro e entrei.



A viagem demorou quatro horas. Noah e Axel estavam animadas contando sobre as suas rotinas e como estavam planejando o casamento. Elas deixaram claro que não seria para o momento, muito menos para o próximo ano. Queriam aproveitar os meses do noivado e do casamento para, logo a seguir, adotar uma criança. Eu deixei claro que queria ser madrinha e Axel não pode segurar a risada e me chamar de boba.

Eu estava feliz pela minha amiga. Eu tinha conhecido Noah na mesma época. Ela fazia uma matéria conosco, e foi o ponto inicial para as duas se conhecerem, ficarem amigas e, de repente, namorarem.

Era evidente, somente pela troca de olhares, como Noah e Axel se amavam. Eu me perguntava se, em algum momento, também teria com quem passar as próximas quatro horas conversando sobre um casamento futuro. Não tinha um sonho em me casar e ser mãe. Muito menos, ter alguém com quem partilhar os meus dias.

Mas seria possível, depois de alguns anos, eu querer? Se, por muito azar ou sorte, eu me apaixonasse e amasse tanto alguém a ponto de compartilhar o meu coração?

Eram questões que eu me fazia, mas preferia não encontrar a resposta. Estava bem, levando a minha vida com o coração intacto e a mente fria.

Depois de uma onda de reflexões, os meus olhos foram tomados por um campo enorme. A grama extensa esverdeada combinava com o limite azul do céu e nuvens acinzentadas. Iria chover em breve, mas os raios solares ainda estavam numa visita breve.

— É lindo, não é? — Axel disse, com a cabeça em um ângulo para conseguir me fitar. — Espera até ver o hotel e o terreno.

Em quinze minutos, estávamos saindo dos carros em frente ao hotel *Full Peace*, de letreiro dourado. O edifício não era grande. Possuía somente três andares e era formado por madeira envernizada em um castanho-escuro.

— Mal posso esperar para jogar tênis — Axel suspirou, enquanto tirava as suas malas comigo.

— Tem uma quadra de tênis aqui?

— Sim! E de golfe. Tem cavalos também!

Fiquei animada, por mais que eu não soubesse nem jogar tênis, golfe ou andar de cavalo.

Fomos recepcionadas por um funcionário. O foyer era enorme, o tapete vermelho e amarelo ocupando a maior parte do comprimento da entrada até o balcão. O teto tinha sido montado em um formato muito parecido ao das igrejas da época barroca, com uma abóbada dourada e candelabros espalhados.

Havia poltronas encarnadas no lado esquerdo, por cima de uns carpetes felpudos amarelados. No lado oposto, havia alguns carrinhos para bagagens e os elevadores com a escadaria para os pisos superiores.

Pude ver algumas pessoas, nomeadamente universitários, saindo e entrando das duas portas que deveriam dar à restauração.

Austin pediu-nos para que esperássemos enquanto ele iria falar com o proprietário do hotel, Arnald Clark.

Reconheci o nome e o rosto de longe. Ele era pai de um ex-paciente, Nate Clark. Apenas por pensar nele, o meu coração quebrava. Ele foi um garoto que tinha ficado em coma devido a um acidente terrível em Josephine. Em alguns dos meus turnos, eu tomei conta dele.

Andrew estava ocupado mexendo no seu celular com bastante atenção. Vistoriei seu semblante curiosa para saber o motivo das suas sobrancelhas crispadas. Mas não prolonguei por muito tempo, já que os sentidos de Andrew se assemelhavam a de um falcão e, em segundos, tinha as suas esferas focalizadas nas minhas.

Desviei, sem dar chance de prolongar a encarada.

Michelle caminhou e murmurou no meu ouvido.

— O Andrew é meio rabugento. Não se sinta intimidada se ele olhar dessa maneira para você.

A encarei admirada. Não me importava como Andrew me olhava porque eu não tinha medo algum. Porém eu me perguntava de vez em quando quais as razões para o meu arqui-inimigo de casa parecer chateado com o mundo.

— Eu olho de volta e pior — respondi, recebendo um sorriso travesso dela.

Michelle agitou a mão e jogou os seus cabelos pretos por trás dos ombros. Ela tinha traços idênticos a William Donavan, o meu antigo paciente. Sabia que Michelle era sobrinha dele, porém nunca tivemos uma conversa sobre ele para saber se eram ligados ou não. Afinal, ela não sabia que eu tinha sido enfermeira dele.

Os pontos acastanhados de Michelle dissecaram-me por instantes ensurdecadores. Tive de enruguar a testa para que ela falasse algo.

— Como está sendo morar com o Drew? Ele é muito exigente.

— Ele não é exigente. É chato — declarei, arrancando uma curva de lábios por parte de Michelle.

— Acho que faz parte dos Denson.

Abanei a cabeça.

— A Axel não é chata. Teimosa, mas não chata — defendi.

— Nunca tive oportunidade de ter uma conversa com ela, mesmo que a conheça desde pequena — confessou.

— Os Donavan sempre foram muito próximos à família Denson?

A mescla de sentimentos nublando os olhos de Michelle trouxeram uma pressão negativa.

— Sim. Apesar de termos a origem italiana muito presente, ambas as famílias têm uma ligação muito antiga. Se falarmos nos Denson, os Donavan estão incluídos e vice-versa. É basicamente uma dupla na indústria bélica. Como Romeu e Julieta, Batman e Joker, Bonnie e Clyde. Eles cresceram um com o outro, assim como também travaram uma rivalidade durante algum tempo, mas tudo se acalmou. — Michelle estalou

o seu dedo com um anel prateado. — É muito complexo, mas é o máximo de resumo que posso dar. Você não sabia?

— Nem por isso. — Dei de ombros. — Não sou muito ligada à burocracia da alta elite. Não pertencço a ela, portanto não me diz respeito.

Poderia soar de forma rude, porém era a verdade que amassava a minha garganta. Eu não queria saber do que acontecia por debaixo dos panos daquele lado de sobrenomes pesados do país. Cirurgiões, advogados, políticos e até mesmo atletas profissionais estavam dentro de uma bolha que eu não me importava se estourava ou não.

— Mesmo que você tenha sido muito próxima ao meu tio William?

A pressão quebrou e senti o meu coração esmorecer como se unhas compridas o furassem como uma boia na água.

— Austin te contou?

Não elevei a voz. Não fiz um escândalo. Não me atreveria mesmo que o hotel fosse um lugar seguro.

— Sou sobrinha dele. É meu direito.

— Ele nunca recebia visitas. Nunca teve a família ao seu lado durante os meses — rebati, lembrando das perguntas infinitas que fiz a ele sobre não ter ninguém que o pudesse ajudar naquela casa. O silêncio e o desvio de olhar de Michelle sem contestar os meus argumentos entregou-a. — Vocês andaram investigando sobre a minha vida?

— Não é bem assim. — Mantive os meus músculos tensos. — Nós precisamos saber quem tinha tomado conta do meu tio e...

— E?

Michelle suspirou.

— Precisamos saber mais sobre você. — Grunhi raivosa. — Seria muito fantasioso da sua parte achar que ninguém pesquisaria sobre você.

— Eu tenho boca, Michelle. Eu. Sei. Falar — pronunciei pausadamente. — Se vocês querem saber algo sobre mim, podem perguntar que eu não tenho nada a esconder.

Michelle não disse mais nada e eu afastei-me. Austin chegou entretanto com chaves na mão e suspirou, antes de prestar um tipo de depoimento como se tivesse em frente a um júri.

— Tenho aqui quatro chaves para quatro quartos. Noah e Axel em um, eu e Michelle em outro, e Andrew e Harper podem ficar com os quatros individuais. Fiz um esforço para que não tivessem que dormir juntos.

Peguei a minha mala e colhi a minha chave na mão de Austin abruptamente. Ele arregalou os olhos, abismado com a minha atitude.

— O que Michelle sabe? — perguntei baixo.

— Não muita coisa. Não se preocupe.

— Como não?

Austin não soube me responder.

Não prolonguei o contato e fui até Andrew que estava sentado ainda, fixado no seu celular. Mas ele sentiu a minha presença e ergueu o queixo, sondando-me como se eu tivesse um sinal na testa.

— Espero que você esteja cumprindo com o que prometeu, porque se eu descobrir que você invadiu a minha privacidade e a tornou pública, o seu caixão será debaixo dessas montanhas.

Ele me rastreou, procurando algum indício da minha raiva. Porém, no momento que cruzou com os de Michelle, Andrew espumou pelas narinas e articulou pausadamente, de forma que adentrasse nos meus ouvidos e não saísse.

— Eu não mentiria para você. Nunca.

Não respondi, evitando encará-lo.

Arrastei a minha mala e segui para o meu quarto.

23

“Não consigo dormir porque estou muito abalado. Tarde demais, agora você está no meu sangue. Eu não odeio o jeito que você me mantém acordado. Seu toque embaralhou minha visão.”

Off My Face, Justin Bieber

Andrew Benson

— Por que você falou com a Reese? — perguntei, suprimindo o tom grave.

— Não foi intencional. Nem sei dizer como chegamos a essa conversa, mas ela não é burra.

— Eu sei que não. Moro com ela — argumentei. — Mas quanto menos ela souber, melhor para nós.

Michelle parou de andar. Estávamos descendo o gramado em direção ao campo de tênis. O céu nublado sombreava o gramado. Estava frio pra cacete. Mesmo assim, Axel insistiu para que aproveitássemos para jogar um pouco antes que chegasse a tempestade. Tive de vestir a polo branca com a bermuda, embora Josephine Village fosse um lugar de grande incidência para chuvas.

— Melhor para você. — A expressão de Michelle tornou-se de ferro. — Você tem noção de que estamos falando do meu tio que foi morto?

— Não há certeza.

— Por favor, Drew. Até parece que não sabe como o nosso mundo é cruel e capaz de tudo.

E era.

Eu ainda tinha as imagens nublando a minha cabeça mesmo que tivesse acontecido há mais de duas décadas. Ainda era presente, por mais que estivesse me afastando. Sabia de como cada sobrenome nessa sociedade é moldada em sangue, destruição e dinheiro sujo.

— E o que a Reese tem a ver com ele? Ela não pertence aqui.

— Mas está tão envolvida quanto cada um de nós. Amiga da Axel, namorada do Austin e foi enfermeira do meu tio. Você tem noção que ele fez de tudo para que o nome dela não estivesse envolvido depois da sua morte? — Os orbes de Michelle transbordavam desconfiança e incredulidade. — Não faz qualquer sentido.

Ela tinha razão. Não fazia sentido. Eram peças que não se encaixavam na sua cabeça, mas era impossível Aurora estar envolvida com algo que desconhece.

— Não quebra a cabeça com isso agora. Não é nada que vai nos afetar por enquanto.

Michelle conseguiu entender as minhas entrelinhas e suspirou. O seu polegar esfregava incessantemente a pele do seu braço e poderia ver o rubor surgindo na região. Ela estava nervosa e a culpa arranhou o meu peito como se as mãos dos meus próprios demônios fizessem questão de me provocar a dor que eu estava causando nela.

Ao aproximarmo-nos, notei Aurora com uma roupa semelhante à de Axel. Ambas estavam de saia e um top esportivo, mas Reese usava uma saia preta e um top vermelho. O cabelo atado em um rabo de cavalo com um boné preto também.

Deus, aquela garota poderia me irritar até à morte, mas a sua beleza era na mesma proporção. A sua presença era quase como um aperto na minha alma por saber que doía encará-la e saber que tudo nela nunca me pertenceria, mesmo que eu desejasse lutar por ela. Cada curva, cada olhada, cada suspiro, nada estava na minha posse, mas sentia como se fosse o melhor dos prêmios caso fosse meu. Exclusivamente meu.

— Andrew, vem cá!

A minha irmã gritou do outro lado da quadra. A rede nos separava assim como as dezenas de metros de distância. Peguei uma das bolas da cesta e procurei por uma boa raquete.

— O que você quer?! — exclamei, agitando a raquete e experimentando se o rebote iria bem.

— Vem ensinar a Harper a jogar!

Girei a cabeça, franzindo a testa mesmo sabendo que elas não conseguiriam ver.

— Não quero! Fica na sua! — ela elevou a voz e deu uma cotovelada em Axel.

— Vou embora, Drew.

Rolei os olhos na direção de Michelle que mantinha os seus braços cruzados, apegada ao seu casaco de couro.

— Não quer jogar?

Ela abanou a cabeça.

— Vou tentar arranjar algum divertimento melhor para mim. Tchau.

Michelle abanou a mão para as garotas e seguiu para o lado oposto. Axel ainda gritava por mim e Reese tentava despistar. No momento que decidi avançar até elas, Austin chegou no carro de golf. Me senti preso à grama quando o vi se aproximar até elas e Aurora diminuiu a sua intensidade e frustração.

Ela ficou mais calma. Quase como se tivesse um peso nos seus ombros e assim que Austin cerrou a distância entre eles, a carga havia desaparecido. E agora aquele peso estava macetando o meu peito por motivos que eu desconhecia.

Esfreguei os dedos na cabeça e avancei mais perto da quadra. Austin notou a minha presença, a sua encarada de soslaio condizendo com o vento forte.

Joguei a bola para o ar e rodei a raquete.

— Reese não vai aprender a jogar com vocês ensinando. Ela tem que ver.

Austin girou nos tornozelos e bagunçou os seus cabelos loiros.

— Quer jogar? — Sua pergunta gotejava desdém e um humor ácido.
— Tem algum motivo em especial?

Austin não esperou pela resposta. Ele sabia que não iria responder, ou pelo menos tocar em algum ponto da verdade, portanto foi até o cesto do seu lado do campo pegar uma raquete.

Retardei os passos, posicionando-me na linha de serviço. Tanto Aurora e Axel juntaram-se na lateral da quadra. Pude ver pela sua feição que ela estava intrigada no que poderia ver daquela partida e isso, de certa forma, entusiasmou-me.

— Bora?! — Austin gritou, colocando-se em posição. A raquete rodava nas suas mãos e os joelhos flexionados.

Não respondi.

Fiz o serviço e apenas o embate da bola com a raquete se ouviu. Austin soube devolver sem dificuldade. Ele era bom em jogar tênis. A nossa mãe era uma atleta nata. Nunca chegou a ser profissional, mas sabia melhor do que ninguém jogar. Não foi por acaso que Anthony construiu aquele espaço. O lugar a acalmava e ele precisava dela calada e calma.

Todas as férias aproveitávamos para passar o fim de semana em Josephine e jogar tênis era um dos nossos hobbies. Axel ainda era muito nova, mas Austin tinha os seus dez anos quando já jogava e conseguia competir com Kathelyn.

— Até quando vai a partida? — perguntei, flexionando os joelhos.

Austin esfregou o pulso na testa e bateu com a bola no chão. Ele estava perdendo e duvidava que fôssemos até o final do set. Mas o meu irmão carregava o orgulho no bolso como pedras, portanto não deixaria de tentar me vencer. Pelo menos ele queria ter essa vitória.

Se fosse em outra ocasião, eu deixaria, como sempre. Não lembrava de alguma vez ter vencido Austin em algo. Ele era o meu irmão mais novo e me sentia no dever de o fazer se sentir vitorioso. Contudo, eu queria vencer dessa vez. Injeções de endorfina reagiam pelo meu corpo cada vez que rebatia a bola e sabia que não era uma partida entre mim e ele, e sim tendo mais do que uma pessoa vendo.

Olhei para o lado e Aurora estava sentada no banco de madeira, o hiperfoco na bola a cegando do que se encontrava ao seu redor. Ela

estudava os movimentos e as engrenagens do seu cérebro faziam uso das suas observações.

Reese estava pouco se fodendo se eu e Austin estávamos devolvendo e atacando o nosso ego. Ela movia a raquete silenciosamente, praticando e tentando entender como funcionava. Gostei do seu jeito analista. Ela era extremamente observadora.

E gostei mais ainda que ela se levantou e seguiu para a quadra de Austin, pedindo a bola.

— Ainda não acabei — Austin explicou ofegante, deslizando os seus dedos dormentes pelo couro cabeludo.

— E vai acabar perdendo — Reese rebateu, esticando a sua mão na espera da bola cair nelas.

Avancei na direção deles.

— Quer perder também, Aurora? — indaguei, recebendo o seu típico olhar diabólico, com toda a intenção de ser o combustível do meu corpo queimando.

Se eu tinha os demônios como inimigos, Reese com certeza era amiga deles e tomava café no meio do seu caos.

— Você é tão convencido. — Ela arrancou a bola da mão de Austin e andou em passos suaves até a rede. Escrutinei o seu corpo, fixando nas suas pernas que estavam expostas pela saia curta. Aurora tinha um short por baixo, que torneava as suas coxas e deixavam-nas mais difíceis de não serem vistas. — Eu sei que não vou ganhar, mas terei todo o prazer de meter uma bola na sua cara.

— Prazer e meter ficam bem mais atrativos quando você diz — soprei.

Reese engoliu em seco.

— Espero que continue achando atrativo quando eu acabar com você.

A gargalhada titubeou nos meus pulmões, mas não seguiu o seu trajeto para fora da boca.

— Já te disseram que você fica linda quando está com esse instinto animal ativo?

— E não será você me dizendo porque seria um flerte.

— Sim. Eu não te diria tal coisa, já que nunca flertaria com você.

O riso cínico que esvaziou os meus pulmões, antes dela entregar a bola e dar-me a oportunidade de fazer o serviço, estimulou a que ela voltasse a me encarar.

Reese minimizou o sorriso largo que iria devorar os seus lábios e balançou o corpo, girando e seguindo para a sua área.

— Não me trate como uma boneca. Não sou de porcelana! — ela gritou, flexionando as pernas e encurvando.

— Boa sorte para não se quebrar — respondi, fazendo o primeiro serviço.

Reese não recebeu, frustrando-se e batendo com o pé. Ela atirou de novo a bola, exclamando para que eu repetisse. Voltei a concretizar o serviço e Aurora falhou. Seguimos para a terceira. Quarta. Quinta. Sexta.

A minha garganta ardia de tanto que já tinha engolido secamente ao ver que estávamos perto do trigésimo serviço e ela não tinha devolvido nenhum.

— Não diminua a força! — Reese gritou. Ela já não possuía o boné e o seu rabo de cavalo desmanchava, ainda preso pela fita. — Você sabe que sou do tipo que aguenta.

Porra.

— Não quero que você agunte. Quero que rebata. — Fiz novamente o serviço e ela, mais uma vez, deixou passar. Direcionei-me para ela que grunhia raivosa pegando na bola fora da quadra. — Você consegue. Eu sei que sim.

— Não tente jogar comigo com um discurso motivacional. — As suas cordas vocais estavam enroladas pela respiração desequilibrada. — Eu tenho plena noção das minhas capacidades e sei que consigo.

— Não era você que estava animada para chutar uma bola na minha cara? Me faça ver. — O desvio do seu olhar por não sustentar o nosso contato relaxa os meus músculos. — Você precisa se deixar levar pela raquete.

— O que quer dizer com isso? — Os seus olhos decaem para a sua mão esquerda.

— Você é canhota ou tem ambiguidade com as duas mãos?

Pousei minha raquete no chão e saltei a rede. Não me importei que Austin estivesse nos analisando e provavelmente teorizando na sua cabeça coisas que não estavam acontecendo, mas o meu foco agora era Reese. Os seus orbes encarnados e a voz dita em vácuo não produziam o efeito estonteante da partida. Ela estava mal por não conseguir devolver o serviço. Eu entendia que ela era competitiva e não ganhar a deixava angustiada.

— A segunda hipótese — soprou.

— Hum.

Peguei no seu pulso, elevando-o. Os tambores dos seus pulmões ressoaram como uma sintonia malévola. O ar que ela inspirava e expirava tornou-se extremamente viciante de respirar. A sua mão gelou no momento que os meus dedos ataram o cabo da sua raquete juntamente com os seus.

— Não pegue na raquete como se quisesse dar um murro em alguém. Ela não te fez mal.

— O meu adversário sim.

— Acho que ele iria gostar de receber um murro seu se te ajudar de alguma maneira.

A sua boca curvou, a cabeça ergueu e os seus olhos castanhos suportaram os meus com a intensidade violenta que o vento trazia. Estava gelando. Eu sentia o frio enraizando na minha pele, ao mesmo tempo, que tinha o fogo de Reese me queimando. E queimar nunca pareceu uma morte tão prazerosa quanto naquele momento. Virar cinzas tinha as mesmas cores que a porta de entrada para o paraíso.

— Desesperado pelo meu toque no seu rosto?

Apertei o seu dedo, movendo-o para a posição correta na raquete.

— Te darei esse presente quando você devolver a bola.

— E eu vou acertar na sua cara. Acertar nas suas bolas também será divertido. Irei saborear com muito gosto ver o seu rosto em sofrimento.

— Segure bem a raquete para que você consiga mover — disse. — Logo depois, podemos combinar sobre o chute das minhas bolas ou o que quer que você queira fazer com o meu pau, Aurora.

Para minha surpresa, ela sorriu, porém fixou os lábios para que o arco não despontasse até às suas bochechas.

— Não se anime. Não quero fazer nada com ele. Não com o seu, pelo menos.

Um sentimento revoltante tornou a me sacudir.

— Não queira ter essa conversa comigo.

— E por que não, garotão?

— Você é um pé no saco — declarei.

— Por que eu exijo respostas?

— Porque você me perturba — soprei. — E quando você não está por perto, é pior.

Seus olhos arregalaram e sua respiração era errática e com tanto para dizer. Poderia sentir os olhos de Austin em nós. Deveríamos estar muito próximos para que nenhuma das vozes ficasse alta.

Era tudo em um baixo timbre para que ficasse entre nós.

— E não me faz bem, Reese — continuei. — Você não está me fazendo bem.

Aurora demorou a processar uma resposta, pois seu peito desinchou lentamente e as palavras vieram segundos depois de eu escutinar seus lábios entreabertos.

— Fico feliz por saber que te perturbo dessa maneira. — Ela sorriu de forma amarga. — Vamos continuar?

Aquiesci, retornando para o meu lado do campo. Esperei ela se recompor, atando os cabelos e flexionando a perna, para que eu fizesse o serviço. Reese não conseguiu. Nem na próxima. Nem na terceira. Mas na quarta, quando a força que coloquei na bola foi superior a das outras vezes, ela conseguiu rebater.

Tanto ela e eu ficamos surpresos, porém, assim que a garota retornou à sua posição para esperar pelo meu rebate, entendi que ela não queria festejos e sim continuar. Devolvi a bola e ela conseguiu rebater também. Os seus passos eram desajeitados, mas Aurora já estava pegando o jeito.

Assim como ela pediu, não limitei a força em atacar e ela foi capaz de, por mais que fosse evidente o quanto estava fazendo um esforço absurdo, ela conseguiu. Venci o ponto, mas a vitória era de Reese. Era impossível não sentir orgulho.

Não tinha noção há quanto tempo estávamos jogando, mas Axel já tinha ido embora e Austin permanecia com o maxilar cerrado em pensamentos de fáceis interpretações. Dentro de si, um conflito interno pelo que estava vendo entre mim e Aurora era o extermínio do seu equilíbrio. Mesmo que tivesse trinta e um anos, Austin ainda tinha impulsos de um adolescente.

— Vamos ficar por aqui.

Escorri os dedos pelos cabelos úmidos. Estava ofegante. Aurora me dava um trabalho danado.

— Claro que não! Você já está cansado?

— Estamos aqui há mais de duas horas.

— E? — A sua voz era cortada pelo fôlego. — Qual é, velhote? Você pode pedir a aposentadoria daqui a uma hora.

— O que você disse? — perguntei entredentes, baixando o tom de voz ao me aproximar.

O gracejo delineado no seu semblante causou uma guinada de força brutal em meu organismo. Em adição, a sua língua serpenteou em sua boca carnuda.

— Está ficando com problemas auditivos também? — falou, prendendo a risada e tive de me conter para permanecer o mais ético perto de Austin. — Tudo bem. Vou te dar um desconto.

— Você não foi tão ruim — disse e seus olhos ganharam um certo brilho.

— Bom saber que você me acha uma boa oponente — ironizou.

— Tem vezes que acho que você é boa demais para mim.

Reese abriu sua boca em surpresa, disfarçadamente.

Em ímpeto, ela mordeu o lábio inferior e senti meu sangue fluindo para outros cantos.

— Também te acho um bom adversário — respondeu.

— Melhor do que você imaginava?

— Vai precisar se esforçar um pouco mais — ela disse em um tom de brincadeira que nunca pensei escutar. — Obrigada pela partida.

— Você acabou de me agradecer?

— Não me faça repetir.

O seu tom tímido descompassou o meu músculo cardíaco. A necessidade de tocá-la se instalou e, antes que eu me martirizasse por isso, os meus dedos fisgaram os seus fios de cabelo soltos e colocaram-nos por detrás da orelha.

— Não precisa me agradecer. Você foi extraordinária, Aurora.

Suas pupilas dilataram, no entanto, não atentei o suficiente para decodificar as suas emoções. Reese esquivou o olhar e eu direcionei a minha visão para o seu ponto foco. Austin estava andando na nossa direção e me xinguei mentalmente.

— Acho que já jogaram o suficiente. Vamos, porra? — O meu irmão não reprimiu a sua voz grave e quase pedi para que ele falasse com respeito, mas Reese lançou um olhar de advertência e a sua expressão se contorceu.

— Baixe o seu tom comigo antes que a raquete vá de encontro com a sua cara.

Ela não esperou por uma reação de Austin e rumou em frente. Ele fuzilou-me, porém a minha feição contrapôs qualquer ação que ele fosse ter comigo, fazendo-o desistir.

Não havia nada para se preocupar. Eu e Reese coabitávamos, portanto era normal criarmos um tipo de ligação onde empatia e respeito fossem criados. Não era tão simples. Ainda sentia como ela queria enfiar a faca na minha garganta, mas já não via tanta verdade nesse seu ódio. No mínimo, era um rancor fraco.

Felizmente, ambos não tínhamos nada além desse entretenimento barato. Não nos envolveríamos, então não havia nada a temer.



Mesmo durante o jantar, eu e Austin não conversamos. Sentia os seus olhos fazerem uma viagem lenta, buscando brechas para conseguir ler a minha mente. Imaginava que fosse por causa de Reese. Se ele se sentia ameaçado, não poderia me culpar. Nem mesmo ela. Porém, as suas teorias já soltavam dos seus orbes à medida que os segundos passavam.

Estávamos sentados na mesa juntamente com Noah e Axel, esperando Michelle e Aurora. Tinha uma sala de jantar exclusiva para quem pagava pelo quarto presidencial, portanto, Arnald Clark decidiu oferecer durante a nossa estadia. Havia um encontro de estudantes acontecendo e o barulho deveria ser insuportável na sala de convívio e de jantar do hotel. Ele não se importava que ficássemos por aqui.

As garotas chegaram minutos depois, quando o vinho estava sendo servido e Axel reclamava que Austin estava comendo todos os pães de alho. Escutar os passos de Reese era como fixar uma canção de ninar. Viciante e facilmente reconhecível. Era poesia para os meus ouvidos.

Gostava como Reese parecia ter múltiplas versões de si sempre que vestia uma roupa diferente. Seu lado mais perigoso ficava em evidência quando vestia roupas de alta costura, *corsets* ou vestidos longos, e a sua alma rebelde era exibida por casacos longos e camisetas largas.

Naquele momento, Aurora vestia uma *t-shirt* larga e uma calça jeans clara com o seu cabelo molhado de uma fragrância marcante que levou a que qualquer olhar a percorresse.

Havia duas cadeiras disponíveis, uma ao meu lado e outra à esquerda de Austin. Foi intrigante vê-la hesitar por nanossegundos. Os nossos olhos cruzaram-se e Reese desviou como se eu tentasse desvendar por trás deles. E eu estava. Momentos certos como aqueles eram propícios para que o meu lado mais curioso quisesse entender melhor o que ocupava a sua mente.

Ela sentou-se ao lado do meu irmão. Austin não esboçou um sorriso, mas era certo que a alegria interior era grande. Os seus músculos permaneceram estáticos, intactos como se em algum momento pudessem quebrar. Ele tinha que parar de agir infantilmente. Aurora não tinha a marca dele para que ele tivesse que ter um tipo de comportamento com ela.

— Desculpem pelo atraso — Michelle disse, sentando-se ao meu lado. Ela moldou um sorriso singelo e eu devolvi. De soslaio, Reese fitava-me, mas esquivou logo no primeiro contato. — Como foi a partida de tênis?

— Eu dormi. — Noah mastigava o pão. — Mas amanhã vou jogar.

— Você só dorme, amor — zombou Axel.

— E vocês? — Michelle tirou um dos petiscos na taça. Ela encarou Austin que se protegia por detrás do seu queixo com as sobranceiras franzidas. — Quem ganhou? Deixa adivinhar! Foi você, não é?

O seu dedo indicou para o meu peito. Demorei para reagir porque a respiração densa de Austin trouxe um clima nublado para uma sala iluminada.

— Na verdade, fui eu.

Reese me fitou e eu não consegui impedir a curva dos meus lábios.

— Sério? Uau. — Michelle mastigava enquanto falava. — O que há com você, Austin? Não está falando nada.

— Não tenho nada para falar.

— Você perdeu...

Michelle queria rir, mas ela decidiu comer mais um pouco.

Fiz o mesmo, colocando a comida no prato. Reese se esticou para pegar na colher e coletar o arroz, levando com que sua perna batesse na minha. Suas íris viajaram até às minhas e um sorriso forçado instigou seus lábios a se curvarem.

— Quer alguma coisa? — ela perguntou.

— Nada que você possa me dar — respondi.

— Então, não me olhe como se estivesse pedindo.

— Pedindo pelo quê exatamente?

Seu rosto contorceu.

— Comida talvez?

Quis sorrir.

— Você está se oferecendo?

Axel me deu um tapa na nuca, enquanto Michelle e Noah deram uma gargalhada alta.

— Desde quando você se tornou um atrevido? Modos, Andrew! — Axel exclamou. — Parem de rir. Não teve graça! Amiga, desculpa.

Eu a encarei, massageando a região ferida e Aurora somente revirou os olhos, escondendo o que seria um sorriso de lado.

Austin deu uma encarada quase obscura para mim, antes de começar a conversar com Reese sobre os lugares da vila e como ele poderia levá-la para conhecer.

Meus olhos estavam ocupados em estudar o rosto de Aurora que levantava e abaixava seu olhar várias e várias vezes, embora meu irmão

estivesse criando ruídos.

Austin grudou o seu olhar no meu e a sua garganta movia-se em ondas por todas as vezes que engolia secamente.

Até que eu vi sua mão descer. Os ombros de Aurora sobressaltaram e giraram a cabeça na direção de Austin. Fechei a mão enquanto a atenção foi direcionada para a comida que chegava.

Reese não gostou nem um pouco, vi seu braço se mover e, de repente, um embate de mãos ressoou.

Os pares de olhos da mesa focalizaram nela.

Minha garganta apertou e a comida não quis descer.

Aurora tinha batido na mão de Austin sem piedade.

— Desculpa, achei que fosse uma mosca — ela declarou, limpando a boca e parecendo cruzar suas pernas.

— Fiquei com pena de todas as moscas que morreram na sua mão — brincou Noah.

Reese não comentou, o seu peito esvaziava e aumentava em segundos rápidos.

— Eu estava querendo perguntar sobre como vocês estão se organizando em casa.

Austin finalmente projetou a voz. Ele dirigiu-se para Aurora, mas a sua encarada era minha. Claramente ele estava incomodado com o que aconteceu, mas fingia que não tinha sido nada demais. Continuei comendo, ignorando a sua tentativa.

Reese encolheu os ombros.

— Temos um quadro para dividirmos as tarefas.

— Que tarefas, Aurora? — perguntei, a encarando pelo arco do copo que bebia.

A sua revirada de olhos batucou os meus pulmões em uma risada silenciosa.

— Desculpa se você é extremamente irritante e eu preciso externar todos os xingamentos do meu vocabulário.

— Eu te apoio, amiga. — Axel exclamou, exibindo a língua.

— Isso é algum contra-ataque? — perguntei, porém Aurora não me respondeu, pois a boca de Austin estava em seu ouvido sussurrando algo.

Se Axel tivesse dito alguma coisa, não me importei, porque estava mais centrado em explodir por dentro do que prestar atenção.

Assim que ele terminou o que quer que tivesse dito, seu semblante estava sem o brilho anterior.

— Está tudo bem, Harper? Você parece estar prestes a vomitar — Noah foi quem abriu a conversa. Aurora elevou seus olhos, caindo nos meus, mas rapidamente mudou.

— Fiquei sem fome. Vou embora.

Ela se levantou, empurrando a cadeira e saindo da sala. Fuzilei Austin, porém a sua expressão esboçava confusão assim como nós.

— O que aconteceu? — Axel rosnou enfurecida.

— Nada. Eu apenas comentei sobre como ela tinha se assustado quando a toquei — ele respondeu.

— Você a tocou? — Axel suspirou pesadamente, batendo com o garfo no prato. — Regra número um para conviver com a Harper, nunca toque nela sem a sua permissão. Você não a conhece, não o faça.

Austin retesou seu queixo, possivelmente engolindo as palavras de que dormia com Reese.

— Mas ela ficou chateada por isso? — Michelle perguntou, comendo mais do seu frango.

— Ela tem algum tipo de aversão com o toque, mas sério... Vocês nunca notaram?

Olhei para Austin que estava confuso. Como ele não sabia disso sendo que dormia com ela? Ele não enxergava?

— Eu... Devo ter notado algumas vezes — Austin respondeu baixinho.

— Tenha mais cuidado, mano — avisou Axel. — Não seja um idiota.

Os meus pulmões puxaram por oxigênio com mais força e o estalo dos meus dedos eram a morfina necessária para que eu não fizesse nada comprometedor.

Decidi levantar da mesa e seguir caminho à procura dela. O meu consciente insistiu que eu não pegasse o elevador ou sequer subisse a escadaria. Reese não era uma pessoa que ficava no quarto a não ser para coisas básicas. Tive a mínima esperança de que ela não tivesse subido.

O hotel não era um estabelecimento grande, porém ele tinha compartimentos de grandes dimensões para realização de eventos ou para convívios. Fiz a minha busca por eles até calhar em um que a exposição de esculturas e de quadros ocupava a maior parte do perímetro.

O espaço não estava iluminado, no entanto, a silhueta de Aurora era sombreada gloriosamente com o crepúsculo. A ideia de ligar o interruptor pareceu patética, simplesmente por apreciar como aquela visão era um vislumbre raro. As luzes dos postes também penetravam as janelas de vidro com as cortinas presas na lateral. O céu estava em tons escuros com pontos alaranjados incendiando o chão de mármore.

Não entendi muito bem o que Reese estava fazendo, porém não fiquei plantado durante muito tempo e rumei até ela. Permaneci com as mãos nos bolsos. As janelas não estavam totalmente fechadas, portanto ondas de gelo reinavam o cômodo.

— Está tocando uma das minhas músicas favoritas. — Ela começou a dizer. Dava para ouvir o que acontecia no bar como sussurros longínquos. — *Right Here* dos Chase Atlantic. É uma ótima música, mas claro, sempre melhor se eu a escutar sozinha sem ninguém me importunar.

— Pensei que você gostasse que eu te importunasse.

— Não estamos no apartamento, Andrew. Não comece. — Ela virou e parte do seu rosto era clareado pela luz do exterior. Diminuí a distância, apreciando que cada passo era um motivo para a sua respiração ficar rarefeita. — Estou com pouca vontade de ouvir as suas babaquices. Não sei porque você veio.

— Estava apenas passando por aqui — declarei, a mentira descascando a garganta. — Mas a Axel está preocupada com você.

— Ela não veio? — Seus olhos murcharam e fui puxado até ela por uma imensa preocupação de não a fazer se sentir desvalorizada. — Não quero saber também.

— Está tudo bem com você? — perguntei.

— É uma pergunta que você faz tão regularmente, porém na prática, não está nem aí.

Ela estava tremendo ainda. Queria acalmá-la. Queria tentar diminuir o seu frio, porém eu precisava dar esse distanciamento para Reese por enquanto.

Não sabia o que dizer. Não sabia como agir e não queria aumentar o gatilho dela.

Fiquei em silêncio, enquanto a música bailava entre nós e Aurora esfregava as mãos pelos seus braços, balançando ligeiramente o corpo talvez para relaxá-lo. Ela respirava densamente, mas à medida do tempo, o seu fôlego estava menos rarefeito.

Reese me dava breves olhadas como quem se perguntava o que eu ainda estava fazendo ali, mas as palavras não saíam. Eu somente encostei na parede e cruzei meus braços, esperando pacientemente que ela voltasse ao normal.

Eu a daria espaço, mas não significaria que ela tinha que ficar sozinha.

Seu silêncio era reconfortante quando era feito para me irritar, me provocar ou me ignorar. Quando ele beirava o desconforto, o receio ou qualquer outro sentimento negativo, não me fazia bem.

Principalmente os seus olhos. Detestava como eles perdiam cor e toda a carga desafiadora que sempre carregavam.

Depois de minutos que pareceram horas, Reese estava menos agitada. E eu fiquei mais tranquilo.

— Você vai ficar aqui por quanto tempo? — perguntou depois do seu corpo parecer voltar ao normal.

— Até você não precisar mais de mim.

— Eu não preciso — disse cortante. — Fiquei nervosa com algo e precisava de ar puro. Apenas isso.

Decidi fingir que não sabia de nada.

— Também preciso de um pouco de ar puro.

— Que pena. Estava esperando você morrer asfixiado — rebateu com escárnio.

Quis sorrir.

A minha boca favorita estava de volta.

— Já falei que não te darei esse prazer.

Seus olhos se estreitaram.

— Você realmente gosta de me chatear, não é?

— Fazer você me odiar é o meu passatempo favorito.

— Então, você detesta ser agradável comigo?

Não consegui definir como interpretar a sua pergunta. Era irônica ou genuína?

Tinha algo em mim que torceu ao ponderar que fosse o último acontecimento falando mais alto.

Diminuí os nossos metros de distância, reduzindo-os a centímetros.

— A minha resposta vai mudar alguma coisa entre nós?

Reese baixou a cabeça.

— Não o suficiente para eu me importar.

— Tem certeza? — As nossas vozes estavam diminuindo e a música pareceu ter ficado mais alta. — Olhe para mim e diga, Aurora. Diga que realmente não se importaria.

Ela ergueu a cabeça e eu tive vontade de tocá-la. Tirei as mãos do bolso e esperei que ela não se afastasse, não me desse sinais de rejeição. Mas ela esperou até que eu descesse até o seu pescoço.

Poderia ouvir o seu coração descompassado com a inspiração presa no percurso. Ela estava ficando quente. O calor emanava do seu corpo como uma maldita porta de entrada para o inferno.

Era delicioso de uma maneira perigosa. Indestrutível. Sedenta.

— O seu cheiro... — A voz baixa combinou com o vazio. — Você tem um cheiro bom. Mas se ficar muito tempo perto de mim, eu vou vomitar nos seus sapatos caros.

— Nunca entendo se você está tentando me elogiar ou não.

— Não estou. Da minha boca, só vão sair insultos.

— É o tipo de coisa que me deixaria excitado se não fosse você dizendo.

— É o tipo de coisa que eu diria de forma provocadora se não fosse você comigo.

Finquei mais os dedos na sua pele e ela franziu a boca, engolindo o gemido que iria sair.

— Você me provoca. Sempre. Não finja que não faz de propósito.

— Eu não finjo. Eu sei. Mas estou te provocando para te ver longe.

Inclinei a cabeça. O meu nariz tocou no seu e o seu hálito quente chocou com o meu. Apenas um desvio poderia levar a que a minha boca colidisse com a sua e tudo poderia ir em vão.

E Reese parecia ser um, naquele momento.

— Eu não estou indo para longe. Você não está conseguindo.

A sua boca conseguiu desenhar um arco perfeito.

— Mas a sua sanidade sim. Até quando vai aguentar estar perto de mim e saber que o seu jogo está perdido?

Ela parecia ter o mesmo sabor e cores que o purgatório. A sua respiração era a mesma que a camada densa do meu inferno particular. Fiquei agitado apenas pelo calor emanado.

A minha calça apertou e o sangue do meu cérebro escorregou em uma descida rápida de pressão para o meu pau. E se eu pensei que alguma vez não fosse escutar meu coração bater tão rápido, eu estava enganado. Ele foi domado por uma massa grudenta e escura, aniquilando com os compassos tranquilos que vim treinado até ali. Cada fibra, cada célula dos nossos corpos recontavam as regras para que merda nenhuma acontecesse.

O modo como eu a olhava e ela devolvia não deveria ser correto.

Ela tinha a mesma aparência, o mesmo cheiro e talvez o mesmo sabor que o perigo. Reese era errada. Perfeitamente errada.

— Eu não teria tanta certeza quando é você que perde sempre que olha para mim — provoquei, meus dedos afundando mais na sua nuca. — Você que perde sempre que não consegue mais falar e precisa agir. É aí que eu vejo que está em desvantagem e não consegue sair do seu próprio jogo, mesmo que esteja perdendo cada vez mais.

Aurora piscou e saiu das minhas mãos, no mesmo instante.

— Vai sonhando — rebateu. — Teve a sorte que eu ainda não esmurrei esse seu rosto bonito.

— Bonito, hã? — Seus olhos fizeram o que sabiam fazer melhor. — Parece que tenho uma admiradora secreta.

— Admirando a sua futura morte, com certeza — ela retrucou com desdém.

— Deve pensar muito em mim para me odiar tanto.

— Você deve me amar muito para se importar com a proporção que te odeio.

Sorri.

— Não, coração. Não me importo nem um pouco.

Ela enrijeceu e seus olhos abriram.

Seu peito estava descompassado e eu escutava no meio daquele silêncio turbulento.

E eu gostei da sua reação.

Eu me vi viciado na sua expressão e na sensação que me proporcionou.

— Apesar do seu desprezo por mim — comecei por dizer, após segundos de abalo —, eu realmente quero saber se você está melhor. Dessa vez, não se esquive. Não vou embora sem uma resposta.

— Se eu disser que sim, você não vai acreditar e vai ficar. Se eu disser que não, você vai acreditar e, adivinha, ficar. Então, qual seria a melhor resposta?

— Aquela que você é direta e me pede para ficar.

Seus olhos se esquivaram.

— Você está cada vez pior jogando. Não vou te pedir nada — respondeu ácida. — Espero que consiga dormir.

Ela avançou pelas brumas até à porta de saída. Dei espaço para que ela subisse e assim eu pudesse seguir para o meu quarto.

Antes de sair, notei que o seu casaco tinha ficado na beirada da janela. Eu peguei e levei ao meu nariz, inalando o seu cheiro fortemente.

Era doce. Puramente doce.

Fechei os olhos, me interrogando sobre o que estava fazendo. Mas era difícil chegar a uma conclusão, além de que estava ficando doente e

precisava ir a um médico. Talvez a um terapeuta. Se continuasse assim, não me impediria de ser internado.

Eu estava perdendo o controle.

Deixei o casaco no lugar onde estava, sabendo que ela voltaria para buscá-lo.

Assim que cheguei ao quarto, procurei afastar o seu aroma das minhas roupas, do meu cérebro, do meu âmago, mas permanecia entranhado como ramificações de ervas daninhas. E eu deixei. Quis adormecer sabendo que a sua presença, por mais ausente que o seu corpo estivesse naquele momento, parte dela ainda governava o meu consciente.

Mas o meu inferno começou no momento que escutei a sua porta bater. Os nossos quartos eram próximos e eu sabia que era o dela. Ouvi vozes. Reconheci a do Austin. Quase uma hora passou até que ouvi um gemido. O ranger da cama. A batida dela na parede.

Porra.

Foi então que percebi do que ela estava falando sobre conseguir dormir.

Aurora estava transando com Austin na parede ao lado e a sua presença se tornou mais infernal do que poderia imaginar até a madrugada chegar.

24

“Envie-me sua localização. Vamos montar as vibrações. Eu não preciso de mais ninguém além de você.”

Location, Khalid&LilWayne&Kehlani

Harper Reese

Coração. Coração. Coração.

Não consegui dormir.

Tive a sorte que Austin decidiu ir embora depois que transamos. Ele não falou sobre Andrew. Apenas pediu desculpas pelo que aconteceu.

Embora fosse bom, eu queria terminar com as nossas ficadas. Sabia que ele estava adquirindo muito mais do que uma simples atração por mim.

Eu gostava do sexo pelo controle que tinha em deixar evidente para mim mesma que coisas como o que aconteceu no jantar não eram habituais. O sexo entre nós era bom, assim como com qualquer outro cara que estivesse minimamente preocupado em dar prazer para ambos na cama. Mas nem sempre era satisfatório quando o parceiro puxava mais de mim do que poderia dar.

Portanto, saber que Austin tinha ciúmes de uma relação que nem existia, fazia com que as sobras de dúvidas fossem empacotadas. Eu precisava dar um término.

No entanto, mais uma vez, eu deixei que ele me tocasse para que minha mente fugisse de alguns pensamentos.

Não, coração. Não me importo nem um pouco.

Eu queria que Andrew se importasse com o quanto eu o detestava.

Eu *precisava*.

Por volta das nove da manhã, recebi uma mensagem de Axel pedindo para que tivéssemos reunidos para tomar o café da manhã. Demorei a levantar, tomar uma ducha e me vestir. Tive que abrir as janelas para o quarto arejar pelo cheiro de pós-sexo.

Depois de me arrumar, saí do quarto. Ao seguir o corredor até o elevador, fui tomada pela visão de umas costas largas revestidas por um suéter de malha azul-escura e as panturrilhas musculosas por uma calça preta.

Andrew estava esperando pelo elevador que fazia a sua contagem decrescente no visor. Como se tivesse um sexto sentido, a sua cabeça girou na minha direção.

Os seus orbes estudaram-me como se eu não estivesse vestida. Não identifiquei malícia em seu olhar. Havia pura irritação. A veia saltava do seu pescoço, o maxilar cerrado e as linhas de expressão tão evidentes no tom mais avermelhado do seu rosto.

Assim que me aproximei e fiquei de frente para a porta, ele disse:

— Não sei se deveria ficar chateado pelo meu irmão que me fez escutar você gemer a noite inteira e não tenha te bagunçado.

Em geral, teria ficado chateada com a situação e envergonhada por saber que ele, e mais outras pessoas, tinham me escutado. Mas não fiquei.

— O que você quer dizer em me bagunçar?

Seus orbes destilaram algo assustadoramente arrepiante.

— Em te fazer não olhar para outro homem como você está olhando para mim. Como se quisesse que fosse eu.

O calafrio que subiu pela minha espinha não foi bem recebido. Um por um, os meus músculos tensionaram e desejei não acompanhar o ímpeto de o encarar. Porém, eu cedi. Os meus olhos se ergueram e colidiram com os dele, desmontando o meu sistema.

Uma súpil risada sarcástica borbulhou dos meus lábios e eu ajuntei o meu top que fazia questão de tapar somente meus seios.

— Acho que a sua obsessão por mim está se tornando o que não deveria.

— E, ainda assim, você não negou.

— Não neguei por ser uma afirmação patética. E não estou aqui para discutir sobre o que eu fiz ou não durante a noite, já que não é da sua conta.

— Eu sei, Reese. Mas foi uma boa atuação.

Franzi o nariz, apertando a minha bolsa pequena preta.

— Você é tão...

— Vai dizer que estou errado?

— *Você está.* — A minha garganta quase rasgou pelo rosnado. — O seu cérebro deve ser um vácuo quântico para ter essas ideias sem fundamento.

O ar borbulhou pela sua risada nasalada.

— Para quem tem uma grande paixão por astrofísica, deveria saber que vácuo quântico é um conceito não viável com o nome.

Rolei os olhos.

— Não tinha ideia. Acabou de mudar a minha vida, Einstein.

— Gosto de bagunçar você, Aurora.

Não fui capaz de reformular uma resposta ou pensar na dele, pois o elevador anunciou a sua chegada e abriu as portas. Denson esperou que eu entrasse primeiro. Escorei-me na parede decidida a ficar longe. Andrew decidiu permanecer no meio e bloqueou a minha visão da porta.

— Antes que você fique com a ideia errada, eu não chamei o seu irmão com o propósito de te incomodar. Não achei que as paredes do hotel fossem tão finas. Não sou esse tipo de pessoa. Não jogo tão baixo.

Andrew demorou a falar alguma coisa. As suas mãos estavam escondidas nos bolsos da calça e a sua coluna direita elevando a tamanha persona prepotente que ele exercia. Denson, por vezes, parecia gerar a sua própria gravidade.

— Não se justifique.

— Por que não? Quero esclarecer sobre esse assunto antes que você tenha a impressão errada.

— Não quero a impressão certa, Reese.

Encontrei-o no espelho da lateral direita. Sustentamos o olhar por segundos instáveis e que se prolongavam em câmara lenta.

Prendi-me nas dúvidas sobre o que ele queria tentar me dizer. Sobre o que diabos os seus olhos estavam articulando.

Acabei desistindo da ideia, pois o seu reflexo possuía escrituras e uma prosa cativante de emoções fogosas. Caóticas. Disfuncionais. Era como se tivéssemos ligados por correntes e havíamos jogado as chaves para fora para nos mantermos assim.

— Não importa o que você quer. Eu vou sempre te dizer a verdade.

— Não é propriamente o que tem feito nas últimas horas.

Andrew ativou os flashes da noite passada; a pouca luz naquela pequena exposição de esculturas, *Right Here* tocando de fundo e a sua mão no meu pescoço, as nossas bocas a uma distância íntima e confidente.

— Não me tire do sério, Andrew. Não estamos no apartamento, merda.

Suas narinas expandiram, os nossos olhos ainda pregados através do espelho. Raiva estava nítida, mas Denson não disse mais nada.

O elevador anunciou a nossa chegada e o som das portas se abrindo fizeram-me desgrudar da parede.

O alvoroço do hotel estourou em meus tímpanos. Rumei juntamente com Denson para a zona de restauração. Tivemos que nos esquivar de estudantes em massa, montanhas de malas e de algumas crianças pulando e correndo como se aquele espaço fosse o maior parque de diversões.

Ao entrarmos na restauração, escrutinamos o lugar até que a mão de Noah chamou por nós. Já estavam todos na mesa e se alimentando.

— Demoraram — comentou Axel. Sentei no seu lado esquerdo, de frente a Michelle que curvou os lábios para mim.

— Demoro sempre no banho.

— A sua primeira verdade da manhã — zombou Andrew que colocou o seu traseiro na cadeira do lado esquerdo de Michelle.

Axel soprou uma risada bem-humorada.

— É. Eu sei. Morei com você durante quatro anos.

— E poderia ter morado mais. Tenho certeza que Noah não iria sentir falta.

Noah levantou os olhos que se encontravam fixos no seu prato de bacon.

— Eu iria sentir. Os roncos da Axel são difíceis de esquecer.

A minha amiga deu a língua, no momento que eu concordei e escondi um riso maroto.

— Você está melhor? — Axel perguntou no meu ouvido. — Desculpa por ontem. O meu irmão é um babaca.

— Tudo bem. Não deveria ter sido tão impulsiva.

— Não fui falar com você porque Andrew acabou saindo primeiro, e queria te ver pessoalmente.

Franzi a testa.

— Ele saiu com a intenção de me ver?

— Aham — respondeu, pegando uma fatia de pão e passando manteiga. — Vocês estão se dando melhor, não é?

Meu torso se expandiu pela inalação lenta de oxigênio.

Ele foi conferir como eu estava? Não era exatamente o que eu esperava de Andrew.

— Não fazia a mínima ideia.

Numa rotação lateral, examinei Austin que despejava o suco de laranja no copo. Ele e Andrew estavam de frente um para o outro e a atmosfera pesava toneladas. O meu colega de apartamento tinha no prato uma porção generosa de ovos e bacon, e fatias de pão incontáveis. Austin não estava muito longe da quantidade absurda. Porém ele era menos chamativo nesse quesito.

Se eu tivesse que escolher entre eles quem realmente parecia um Denson, seria Austin. Não sabia se era pelo relógio caro, as roupas que eu conseguia cheirar de longe terem sido feitas por um alfaiate e costuradas no seu tamanho ou pela maneira como gesticulava e tinha elegância ao comer. Não é que Andrew tivesse uma postura diferente, mas notava-se nos seus movimentos que ele tinha passado anos em uma academia militar. Austin não. Parecia ter sido educado para fazer parte da realeza.

Eles tinham semelhanças, mas, ao mesmo tempo, diferenças. Deveria ser por isso que não associei o fato de serem irmãos no momento em que conheci Andrew. Eles não agiam como se fossem filhos dos mesmos pais e tivessem morado juntos. Já Axel tinha um pouco dos dois, com a sua própria personalidade moldada.

— O que vão fazer hoje? — Michelle perguntou, debruçando-se na mesa após afastar o prato. — Estou pensando em ir ao Jardim Botânico.

— Quero ir! — Axel exclamou. — Vamos passar um tempo de cunhadas.

— Esse título já não me pertence. — Michelle riu e o engasgo de Austin cortou o clima.

Escondi o meu rosto por trás do guardanapo, fingindo limpar a boca. Mirei Michelle que exalava calma e demovi para Andrew que ocultava o sorriso pelo movimento de mastigação do seu maxilar.

O olhar da minha amiga era de questionamento. Axel não sabia. E eu me coçava para não contar. Porém, Austin e Michelle confiavam em mim e tinha que levar adiante. O casamento deles era muito importante e qualquer desvio, como adultério, traição de confiança, roubo de bens ou fuga, levaria a uma guerra empresarial que poderia acabar com uma construção de negócios sendo realizada há anos.

Não entendia muito bem o que levava a duas pessoas em pleno século 21 terem de se casar por negócios, mas eu respeitei. Por mais que dormir com Austin não fosse uma forma de respeito, sabia que estar com ele também era uma zona de conforto e um escape.

— Do que você está falando? — Foi Noah que perguntou.

— Nada de especial. — Michelle abanou a mão, como se chutasse para longe suas palavras. — E vocês, rapazes? O que vão fazer?

Nenhum deles respondeu. Os dois permaneceram a sua atenção no café da manhã e nem ao menos inclinaram a cabeça para a encarar.

Bufei, sem entender o que tinha os feito ficar de mau humor.

— Eu vou dar um passeio — respondi. — Não conheço muito bem Josephine, então quero aproveitar. Tem algum lugar especial para me indicar?

— Tem um museu de artes na rua *Deméter* — informou Axel, dobrando seu guardanapo. — Também tem uma vista muito bonita em um dos montes e a gastronomia daqui é fabulosa. Tem restaurantes incríveis, como o *Hale*.

— Acho que vou fazer a minha própria visita guiada.

— É possível que chova. Melhor levar um guarda-chuva — aconselhou Michelle. Noah aquiesceu em concordância.

Os rapazes continuaram calados no seu próprio sigilo. Austin já estava teclando no celular e Andrew enrolava o dedo no seu cordão no pescoço enquanto comia o pão aos pedaços.

— Tudo bem. Eu não vou demorar. Volto antes da hora do lanche. — Levantei da mesa e peguei no copo para beber o que restou da água. — Se acharem que eu morri, me liguem que eu atendo.

Michelle soltou uma risada silenciosa. Afaguei o ombro de Axel, antes de cruzar com Andrew que não pareceu ter encontrado humor no meu comentário. Não demorei muito tempo em nosso contato porque saí do lugar e rumei diretamente para onde quer que os meus pés quisessem que eu fosse.



Eu estava gelada.

O meu casaco não foi o suficiente para que eu sentisse o mínimo de calor e não tremesse. Os meus dentes rangiam e a minha boca seca tremelicava. Apesar das pedras de gelo que pareciam deslizar pelo meu corpo, continuei com o meu caminho.

Josephine era naturalmente linda. O clima nebuloso poderia não ajudar na beleza da vila, porém o cheiro de água morna, os arvoredos recentemente regados pelos pingos de chuva e a ventania fresca condiziam com a vivacidade e calma da localidade.

As casas eram vivendas pequenas, que não tinham mais do que dois pisos. As ruas íngremes e feitas de pedra cinza levavam-me a estradas

antigas e lojas de artesanato, de paredes beges e vermelhas com placas feitas por mãos hábeis de identificação de ruas e indicação de rota.

Tinha uma grande quantidade de pessoas, especialmente pessoas de mais idade, em cafés conversando e lendo jornal. Algumas pessoas cumprimentaram-me e perguntaram-me de onde eu era. Muitos deles achavam que eu era estrangeira. Estudaram-me como se eu fosse um objeto fora do lugar.

Os meus pais sempre contavam sobre histórias de discriminações veladas que ambos passaram. Por mais que tivessem um doutorado, fossem pessoas com um salário minimamente bom e ainda morassem no país há décadas, eram vistos somente pela pele — o meu pai sendo um homem negro e a minha mãe uma mulher marrom.

Eu tinha uma certa dificuldade em me identificar. Eu era uma mulher birracial, tinha a pele marrom escura mas não retinta, mas como as pessoas me viam? Igual ao meu pai ou como a minha mãe? Por mais que eu soubesse que passaria pelas mesmas situações que eles e tivesse que ter o peito forte para enfrentar, o que as pessoas me consideravam?

A verdade é que eu desisti de tentar adivinhar, já que tudo o que passei me dizia que me viam apenas como mais uma que não deveria pertencer aquele lugar. Mas eu pertencia. E fiz de tudo para mostrar que sim.

Dispensei duas horas no museu de Artes e sobre a história da vila. Caminhei pelas ruas que davam o vislumbre paisagístico que Axel falou.

Quando decidi dar uma pausa aos meus pés, comprei um donut e sentei-me em um dos bancos. Naquele momento, tive uma vontade enorme de ligar animadamente para a minha irmã, porém desisti da ideia assim que percebi que não teria como falar com ela e encará-la.

Uma sensação mortífera deteriorava meus órgãos. Corroía a minha alma por um sofrimento que eu ingeria diariamente para que não me enfraquecesse. Eu tinha mais saudades dela do que tinha dos meus pais. E todas as vezes que ela me telefonava e eu não atendia, meu peito inflava com sangue a mais do que era esperado.

E doía. *Muito*.

Mas então eu me lembrava de como eu me sentia quando tinha nove anos, como foi suportar aqueles anos *naquela casa* e sentir meu corpo gelar

constantemente sem pedir ajuda.

Ainda me assustava. E falar com a minha irmã depois da morte dos meus pais tornou-se uma lembrança viva de que ela havia conseguido dizer algo e eu não.

No momento que optei por comer o meu donut, uma gota escorregou pelo meu peito. Logo em seguida, veio mais outra. E outra. E outra.

De repente, eu estava encharcada e pesada pela chuva torrencial que caía sobre mim.

Corri até a um edifício com uma telha que cobria a cabeça de mais algumas pessoas. Por tempo indeterminado, esperei que a chuva acalmasse e me desse brecha para voltar ao hotel, porém a intensidade só aumentava.

Decidi telefonar para alguém, no entanto, dentro de várias hipóteses, por um motivo desconhecido, o meu cérebro gravou *aquele* contato. Decorei os dígitos que me levariam a ouvir *aquela* voz do outro lado da linha.

Como?

Eu não tinha anotado. Mas os números estavam impregnados na minha mente como um chamado urgente.

Recriminei-me por pensar em telefoná-lo. Eu poderia chamar por qualquer um, no entanto, foi o seu contato que digitei e esperei que atendesse.

Iria me sentir palerma se ele ignorasse ou desse um fora. Contudo, ainda tinha presente no mais fundo do meu consciente, como um oceano vasto em que a sua profundidade é desconhecida e cativante: *não irei negar você*.

E, por mais que eu não visse verdade no que ele dizia, naquela, acreditei de olhos fechados e de coração aberto.

— Me procurando, Aurora?

Demorei a reagir. Uma sombra cobriu-me dos pés à cabeça como um cobertor escuro. O meu coração gaguejou, descendo em uma montanha-russa que tinha se tornado meu sistema. Ao virar, vi Andrew com o celular na mão e a outra ocupada por um guarda-chuva.

Ele parecia ofegante. Expirando mais pela boca do que pelo seu nariz. Também estava tenuemente encharcado, e não duvidei que as costas

estivessem ensopadas.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei, apertando o meu casaco. A temperatura subiu e o calor progredia por todo o corpo com a sua presença, porém ainda estava fria.

— Com certeza, não o mesmo que você. — A sua testa vinhou. — É assim que decidiu fazer a visita? Parada olhando para as pessoas?

— Estou tentando não ficar molhada pela chuva, babaca.

Denson semicerrou o olhar, como se soletrasse palavras de deboche em silêncio.

— Parece que não deu muito certo. — Mostrei o meu melhor sorriso amarelo. — Vamos.

— Para onde?

— Vai ficar aqui durante quanto tempo? Eu te levo de volta.

— O guarda-chuva é pequeno. Não dá para duas pessoas

— Faça essa matemática depois. Vamos — disse exigente.

Repuxei a boca, porém não discuti. Andrew indicou para que eu ficasse no seu lado esquerdo e puxou-me contra ele, descansando o braço nos meus ombros.

— Você está confortável assim? — Assenti. Tinha algo comendo as sílabas e mal conseguia mexer a boca. — Está com frio?

— Estou quente — respondi com dificuldade.

Denson aquiesceu e prosseguimos. Andamos lentamente para que não fossemos levados contra o vento. O meu corpo experienciava uma comoção aterrorizante. Foi como se Andrew tivesse injetado gasolina nas minhas veias e cada fibra, cada célula, cada porção de mim estivesse dependente que ele ateasse fogo e eu explodisse.

— Também estava passeando? — indaguei.

Ele deu de ombros.

— É importante saber a resposta?

— Seria educado apenas.

De perfil, vi um sorriso crescendo.

— Não, Reese. Não estava passeando. Procurei apenas por você a cidade inteira para te socorrer da chuva.

— Sim, claro — ironizei, e ele riu fracamente. — Você não está se molhando?

— Se preocupe com você se não quiser pegar uma pneumonia. — Ele apertou-me mais contra si.

— Não se pega pneumonia com chuva. Na verdade, ela é transmitida. Pode ser por mudanças drásticas de temperatura, secreções, saliva... A doença é provocada por microrganismos e não vem da chuva. — De soslaio, ele estudou meu rosto. — Sou enfermeira. Preciso promover a educação para a saúde.

— Gosta do seu trabalho?

Atravessamos a estrada, caminhando no passeio em direção à rua estreita até o campo.

— Gosto. — Pausei. — Sendo bem sincera, eu amo Enfermagem, mas tendo a ter fases que odeio e amo o trabalho. É diferente, entende?

— Entendo. — Denson não moveu a cabeça. Manteve o perfil e olhar concentrado em frente. — Gosta muito mais que astrofísica?

A questão travou uma parte de mim. Como ele tinha notado que eu gostava da área? Eu era tão óbvia?

— Não — respondi. — Gosto por causa dos meus pais.

— Não acredito que seja apenas por isso.

— Mas é. Não é uma vontade própria. Eu não gostava tanto de física quando era mais nova, mas gostava da ideia de ter algo que pudesse me ligar aos meus pais. Eu me divirto com a astronomia, o que ela tem para oferecer para lembrar deles. Não aguentaria viver a minha vida dependente disso. Não é a minha praia, sabe? Não é uma onda pela qual eu quero surfar a vida inteira.

Mordi o lábio inferior para interromper o curso do monólogo. Gostava de falar sobre os meus pais, mas não o efeito que a morte deles teve em mim. Como se o luto fosse um terceiro membro e dominasse porções de mim que eu nunca mais poderia ter o controle.

— Por que escolheu Enfermagem?

Dei de ombros.

— Ainda estou tentando entender o motivo. Mas se eu gosto, acho que é o suficiente, não é?

— Nem sempre, Reese. Mas fico feliz por você.

A sinceridade era palpável, o que me aqueceu ainda mais interiormente. Andrew me puxou mais contra si e, por momentos, eu quis chatear-me e falar que dali a instantes estaria sendo arrastada por ele, mas não externei nenhum som sequer.

— Parou de chover. — Denson sacudiu o guarda-chuva. — Molhou?
Abanei a cabeça.

Examinei as roupas de Andrew e não deixei de verificar como o seu lado direito estava encharcado. Ele estava completamente ensopado e parecia não se importar.

Denson não me deu tempo de perguntar se tinha ficado bem porque já estava descendo o campo para um tipo de parque de estacionamento de carros de golfe. Ele trocou meia dúzia de palavras com um senhor de idade e gesticulou a mão para que eu me aproximasse.

— Vamos nisso? — interroguei, indicando para o minúsculo carro.

Andrew meneou a cabeça, sentando-se no banco direito do veículo. Havia dois lugares apenas e os dois já ocupados.

Não escondi a minha confusão. O filho da puta estreitou o olhar e deu duas palmadas na sua coxa.

— Você queria o quê?

— Talvez um Porsche, preto, bem estiloso. Só uma sugestão — brinquei.

— Senta e vamos — ordenou.

— No seu colo?

— Não finja que não queria desde que nos conhecemos.

— Você interpretou errado — resmunguei, um tanto envergonhada.

— Então finja que não é grande coisa e suba.

— Mas é grande coisa.

— Depende do que estiver falando.

A impaciência mesclou com o seu sorriso sujo ladino. Ofeguei, cumprimentando o senhor que ouviu a conversa e não esboçou interesse. Delicadamente, sentei no colo de Denson que me projetou mais contra si

com o seu braço. A sua mão firmou na minha barriga exposta e a minha pele arrepiou-se com o contato.

— Está legal para você?

A sua voz amaciou o meu sentido auditivo.

Rouca. Sedenta. Amável.

Quase me quebrou ao meio por uma pergunta.

— Uhum.

Estava passando por muitas emoções ao seu lado. Precisava chegar ao hotel e tomar um banho de água fria para arrefecer os meus ânimos.

A turbulência do carro ao passar pelo campo fazia-nos mexer e eu precisava ajustar as minhas pernas e quadris. A cada movimento, o polegar de Andrew esfregava a minha pele. Os seus outros dedos brincavam também e o seu braço agia como um cinto de segurança contra a minha barriga.

Foi então que a sua respiração adquiriu peso. Eu escutei-a desajeitada e perdendo a harmonia. E ao ajustar-me novamente no seu colo, senti algo me cutucando.

Oh, Deus.

Não bastou sentir o seu pau, como a sua cabeça pousou no meu ombro, a barba pinicando no meu ombro nu e enviando sinais satisfatórios. Estávamos muito mais perto do que alguma vez tinha imaginado. Eu sentia-o em cada região. Eu *vivia* o seu toque e a vontade de ser ainda mais tocada.

— Vocês são novos aqui?

O homem finalmente chutou o silêncio fora e deu lugar a uma conversa saudável para que eu pudesse me distrair.

— É a minha primeira vez. Para esse moleque não — falei, camuflando a perturbação das cordas vocais.

— Vinha para cá em todas as minhas férias quando era mais novo.

— Por que deixou de vir? — o senhor fez a pergunta que eu não tive coragem.

— A minha mãe era quem gostava de vir. Depois dela falecer, o meu... Anthony deixou de se importar.

Não evitei a emoção melancólica afagar o meu peito. Lembrei de Axel me contando que a mãe havia se suicidado. A sua morte tinha marcado muito a sua vida e ela não conseguia entender como uma pessoa que exalava felicidade poderia chegar naquele destino.

Depois que começou a estar próxima de pessoas diferentes, com problemas de saúde distintos e cuidados diversos, ela compreendeu. Não foi por acaso que estava querendo tirar a especialidade de Enfermagem em Saúde Mental e era devota nas causas de ajuda psicológica.

Por alguma razão, não liguei o fato de que Andrew tinha passado pelo mesmo que Axel. A dor era permanente. A dor da morte de alguém que amávamos era um parasita que ia diminuindo de tamanho ao longo dos anos, porém mantendo a sua eficácia em deixar-nos doentes. Acabados. Devastados. E notei quando a sua voz falhou.

— Kathelyn? — O senhor perguntou e, mesmo não olhando, pude imaginar a cabeça de Denson afirmando. — Ela era uma mulher cheia de energia. Todos gostavam de vê-la jogar tênis. Praticava o esporte como ninguém.

— A melhor de todas.

Sorri ao ouvi-lo usar a mesma frase que descrevi para o meu pai.

Os seus dedos mantinham contato, rastejando pela minha barriga, seguindo para a minha cintura.

Era gostoso.

— É por isso que você é bom?

As suas íris decaíram em mim, o interesse desenhando o seu rosto em uma expressão mais suave.

— Você me acha bom?

— Vai dizer que não tem ciência que é bom jogando?

— Gosto mais de quando você afirma. — Já tinha perdido as contas das reviradas de olhos que já o tinha direcionado. — Mas sim. Ela me ensinou. Kathelyn ensinou-me tanto que ficaríamos uma vida inteira para poder listar. Nem tudo eu levei pra vida e isso destruiu um pouco da minha humanidade.

O meu músculo cardíaco asfixiou-se com a sua confissão.

O que seria perder um pouco a humanidade? Eu queria perguntar, porém parte de mim não pretendia ser invasiva. Muito menos estar envolvida com quem ele era de verdade, ou escondia ser.

— Não fale assim, garoto. Vocês são jovens. Têm vinte anos?

Tanto eu como Denson expelimos uma risada curta.

— Trinta e cinco.

— Tenho vinte e quatro. — Angulei a cabeça para o admirar. — Você tem trinta e cinco com uma mentalidade de doze.

— Não sou eu que me divirto escrevendo palavrões no quadro de casa.

— Em minha defesa, você merece. Ninguém tem coragem para te falar umas boas verdades.

— E que verdades são essas, hã?

— Você não quer que eu te ofenda na frente desse pobre senhor, né? Ele não precisa saber que você é um canalha, jumento, ordinário, desprezível, um cretino prepotente que acha que a vida dos outros tem que seguir a sua própria linha de raciocínio. Você manda no livre-arbítrio das outras pessoas, pensa que é um tipo de deus, lindo, intocável e imbatível, mas não passa de um projeto falhado de Lúcifer.

— Parece que você tem muito a dizer sobre mim. Pensou em fazer poesia? Ficaria honrado e te ajudaria a externar esses sentimentos. — A risada do homem disfarçou a gargalhada que claramente estava entupindo a garganta de Andrew. — Mas caso não se lembre, Lúcifer costumava ser um anjo. Não tenho nada a perder em ser comparado com ele. Pelo menos, quando eu sei que você me acha lindo.

— Eu disse que você pensa que é, não que seja verdade — resmunguei.

O seu queixo reclinou para o meu ombro, as sinapses entre os meus neurônios eletrizando a região. A tensão estratificou-se em camadas no meu corpo. Os meus sentidos entravam em um descontrole fodido e o comando para parar repousava no toque suave de Andrew.

— Já que você está confessando tanto sobre o que acha sobre mim, eu irei te dizer um segredo, Aurora. — A sua boca viajou até à minha clavícula e fui obrigada a afundar os dentes no lábio inferior para não

externar um som vergonhoso com um desconhecido ao lado. — Você é uma delícia, especialmente quando resmunga.

O calor que inundou meu estômago conduziu a uma destruição de cada feixe nervoso. Fui invadida por uma hipersensibilidade que pontuou os meus mamilos por debaixo do meu top e contraiu o meu clitóris.

Com o balanço do carro, para não escorregar pela fraqueza das minhas pernas e a forma líquida que me transformei, vinquei as mãos nas coxas grossas. Contudo, Denson agrupou a força dos seus músculos para me segurar e me ter colada a ele.

— Seja uma boa garota e fique quieta se não pretende que eu marque essa bunda teimosa.

E eu fiquei.

Não me lembrava de ser tão submissa. De obedecer tão livremente a uma ordem. Todavia, a palma áspera na minha pele que aquecia, aquecia, aquecia.

Assim que chegamos ao hotel, saltei do carro. Agradei ao senhor e Andrew veio atrás de mim.

— Não vai me agradecer? Pensava que estávamos na fase da boa educação entre nós.

Girei os tornozelos.

— Eu te detesto.

— Nem você acredita mais nisso, Reese.

Não alonguei a conversa, exibindo o dedo do meio sem olhá-lo e rumei para o meu quarto.

25

“Você não faz ideia de que é minha obsessão? Sonhei com você quase todas as noites essa semana.”

Do I wanna Know

Harper Reese

— Ele é ou não um gostoso? — Michelle perguntou, enquanto mastigava.

Noah a encarou com as sobrancelhas franzidas.

— Mais ou menos. Acho que poderia ser um pouco menos musculoso. Músculos a mais não me cativam.

— Eu até acho bonito homens musculosos — explicou Axel, inclinando a cabeça. — Tipo, não é como se eu desse muita importância. Sou uma mulher lésbica, mas acho interessante pessoas musculosas.

— Para mim tanto faz — falou Michelle. — Mas é sério. Ele é uma delícia.

Estávamos na sala de cinema ligada ao hotel. As garotas quiseram ver o último filme que saiu de Velozes e Furiosos e, apesar de não ser o meu tipo de entretenimento, quis apreciar um pouco a companhia delas.

Axel estava completamente elétrica com os eventos e eu amava vê-la sorrir e gritar eufórica. Queria que Paige também estivesse, pois poderia

discutir com ela sobre como esses filmes não têm roteiros convincentes e contrariar Axel que os defende com sangue e alma.

Depois da sessão, que acabou por volta das onze da noite, cada uma foi para o seu quarto. Estava bocejando, quase caindo para o lado, e não percebi, chegando perto da porta, que não tinha as chaves no bolso.

Desci novamente, porém a sala já estava fechada. Perguntei a um dos funcionários onde poderia pedir por uma nova apenas por aquela noite e ele me indicou para a recepção. No entanto, não havia ninguém, além de um segurança que me disse que não poderia fazer nada por mim, e deveria esperar até um recepcionista chegar. Mas não chegou.

Achei antiprofissional não ter uma alma viva que pudesse me ajudar nessa situação. Tornei a vasculhar minhas roupas e me perguntei se teria deixado cair durante o meu percurso por Josephine.

Ou se Andrew teria ficado com elas, sem querer.

Timidamente, bati na sua porta. Ele abriu assim que sussurrei o nome dele, depois de minutos sem resposta. Pensei que ele estaria dormindo, mas ao vê-lo ainda vestido, até arrumado, fermentou questões inconvenientes.

— O que foi? — ele perguntou.

— Você ficou com as minhas chaves?

Denson estreitou os olhos.

— Eu deveria ter ficado?

Bufei.

— Acho que as deixei na sala de cinema.

— Pede para alguém abrir. Ou te dar uma suplente.

— Infelizmente, parece que o pessoal daqui não trabalha.

— É verdade. Ninguém espera que alguém perca as suas chaves.

Franzi o nariz.

— Obrigada por nada.

— Espera aí. Onde você vai dormir? — Seus orbes dissecaram meu rosto que estava espelhando dúvidas. — Acredito que incomodar a Noah e a Axel não é boa ideia, e não é de perto genial dormir no mesmo quarto que Austin com Michelle lá. Por isso, entra.

— O quê? — indaguei, as cordas vocais dando um nó.

— Entra. Eu te deixo dormir aqui.

— Onde?

— Apenas entra.

Engoli em seco e dei passos em frente no momento que ele deu espaço.

O quarto era idêntico ao meu e, pelo que parecia, quase não tinha sido usado. Estava impecável, tal e qual como se tivessem limpo minutos antes.

— Toma. — Andrew jogou algumas roupas para a cama. — Pode usar para dormir.

— Você vai sair? — perguntei, coletando-as e pressionando contra o peito.

— Não mais.

Vi-o pegar no celular e gesticulando com as sobrancelhas para o banheiro, para que eu fosse me vestir. Fui, ainda ensonada, mas consciente de que poderia me arrepender amanhã de não ter pensado em uma opção mais viável do que dormir no mesmo quarto que uma pessoa que não gostava.

Não era muito diferente, já que nós morávamos na mesma casa. Mas no mesmo quarto? Embora fosse uma situação singular, aquilo não era para acontecer.

Enquanto me vestia, escutei-o falar com alguém e cancelar algo. Assim que saí do banheiro, ele estava também com roupas confortáveis para dormir. Ele estava com os seus óculos, o que era bastante raro. Eu sabia que, na maior parte do tempo, Andrew usava lentes.

— Você vai ser um cavaleiro e dormir no chão?

A sua sobrancelha levantou.

— Eu não vou dormir no chão.

— Nem eu — repliquei. — Mas também não quero dormir na mesma cama que você.

— Nem eu gostaria, mas não há outra hipótese.

Andrew fechou o seu armário, pegando no seu par de sapatos e posicionando-o perto do guarda-roupa.

— Não sei se é boa ideia.

— Está com medo?

— Quê? Não.

Mordi meu lábio inferior, estalando os dedos um por um, ainda com as roupas pressionadas contra o ventre e perto do banheiro aquecido.

— Espero que não tenha incomodado o seu encontro — falei, incapaz de conter a minha curiosidade.

— Ia apenas transar. Nada demais.

— Oh... — soprei. — Com alguém que você conhece?

Sua sobrancelha arqueou.

— Você transa com quem não conhece?

Pisquei, percebendo como aquilo não tinha soado bem.

— Não te vi com nenhuma mulher desde que chegamos, por isso a pergunta.

— Já vim a esse lugar mais vezes.

Dobrei as minhas roupas e coloquei-as na cadeira, enquanto Andrew pegou no celular para o pôr para carregar.

— É uma ex?

As linhas do seu rosto endureceram.

— Isso te interessa?

Franzi o nariz.

— Claro que não me interessa.

— Pelas suas perguntas, você parece estar mais preocupada com a minha vida pessoal do que eu.

Apertei minhas mãos, fechando-as em punho, drenada pelo desejo de socá-lo.

— Não é você que se intromete na minha vida? Só estou devolvendo.

Automaticamente, seu rosto se avermelhou. Pestanejei sem entender o motivo daquele tom mais robusto. Andrew, mesmo que esteja furioso, não costuma ter essa mudança drástica.

— Vai dormir. Prefiro você calada.

— Você é um canalha — disparei.

— Que lado da cama você prefere? — questionou, se erguendo depois de ajeitar o celular na cabeceira e retirar seus óculos.

Franzi a testa.

— Longe da porta — respondi confusa.

— Certo. Pode ficar ali mesmo. Agora dorme.

Ele apagou a luz do candelabro, deitando-se do seu lado. Eu segui-o, embrulhando-me nos lençóis. A noite se iluminava para dentro do quarto e eu deixei que tivesse claridade no espaço, já que era a primeira vez que eu dormiria com alguém na mesma cama.

Não gostei que Andrew estivesse virado para o mesmo lado que eu, e mesmo já com os olhos fechados, o nosso contato podendo se esbarrar a qualquer instante. Ele tinha a cabeça ligeiramente inclinada para cima, os braços servindo de apoio sob o travesseiro e a respiração suave.

Meu estômago se embrulhou.

— Pode ficar relaxada, Reese. Eu não vou te tocar sem você pedir — ele soprou, me assustando pela sua voz surpresa.

Rapidamente, voltei ao meu estado normal, mas as suas palavras incrustaram em letras de tinta permanente no meu cérebro.

— E se eu pedir?

Em segundos arrastados, seus olhos se abriram, a luminosidade se guiando para aquele tom escuro que se intensificou.

— Você faz perguntas que não deveria fazer — falou ácido.

— Por que você tem medo de respondê-las?

— Porque eu sei que você tem receio de escutar.

Prendi o ar, esmagando meus próprios pulmões como punição por sentir um calafrio subindo pela minha espinha. Não deveria ficar arrepiada.

Estava na cama com ele, os dois sozinhos, como se dormíssemos juntos diariamente. Não era o momento para esfregar minhas coxas e gemer baixinho, mas eu o fiz mesmo assim e Andrew notou com suas íris tremendo.

— O que quer que você esteja sentindo, não sinta.

Cerrei os olhos.

— Você é tão mandão...

— Não tem ideia — respondeu, com um sorriso torto.

Meu coração gaguejava quando ele mostrava um lado tão mais descontraído. Era ver uma faceta de Andrew que parecia rara, como diamantes em grutas.

— Você está sem sutiã?

Demorou para que eu respondesse.

— Sim. É um problema?

A resposta chegou em um sussurro.

— É.

Franzi o nariz descontente. Andrew estava vigiando meu rosto e não esboçava qualquer sinal de ironia.

— Espero que não tenha um enfarte quando souber que estou sem calcinha também.

Sorri travessa quando ele se surpreendeu, mas rapidamente sua postura retornou.

— Se eu falar que eu sei o número de vezes que você fica sem elas em casa, quem terá um enfarte?

Soprei o ar entalado por não esperar por aquela resposta. Ele notava quando eu não usava? Andrew não disse muito mais, pois seu rosto se manteve intacto.

— Você repara muito em mim.

— É impossível não reparar.

Odiava como estávamos falando baixinho, como se pudessem nos ouvir. Mas éramos apenas nós.

Eu e Andrew em um quarto escuro em uma única cama.

— Você me enlouquece — confessou, olhando para mim duramente.

— Você também.

Andrew inspirou fundo, antes de limpar seus lábios com a língua. Ele externava uma energia capaz de me sugar e sufocar.

— E, apesar de tudo, estamos aqui.

— Gosto da tortura.

Covinhas.

Eu quase vi as covinhas no meio daquela escuridão.

— Bom saber que temos mais um fetiche em comum.

Meu estômago embrulhou-se.

Um tumulto foi iniciado em meu corpo e estava se alastrando para fora dele. Eu sabia que Andrew estava conseguindo sentir.

Isso não era bom.

— Eu vou dormir — anunciei. — Tchau.

Dei de costas, repousando meus olhos na janela. Andrew não se moveu, não disse nada, porém, eu sabia que ele encarava minhas costas e estava com o cérebro tão elétrico quanto o meu.

E depois de minutos que pareceram horas, ele se virou.

Mas eu tinha certeza de que nenhum de nós havia dormido bem naquela noite.



Andrew levantou cedo, como previsto. Escutei-o tomar uma ducha, sair do quarto, chegar suado e tornar a entrar no banheiro. Durante todo esse tempo, fingi dormir, apesar de ter madrugada.

Eu saí da cama somente quando Denson pousou as minhas chaves suplentes na cabeceira do meu lado e saiu do quarto já com a sua bagagem. Iríamos partir naquela manhã, portanto não poderia me atrasar.

Depois de me preparar, fui tomar o café da manhã com eles. Optei por entrar em um teatro de que nada havia acontecido e Andrew encenou juntamente comigo.

Ninguém questionou e nem pareceu duvidar que cada um tinha dormido no seu quarto. Após finalizarmos, preparamo-nos para voltar. Noah ainda estava no quarto, o que enervou Axel que subiu rabugenta para chamá-la.

Enquanto esperávamos pelo casal, decidi ir de encontro com Michelle que estava em um telefonema com o seu filho Mark. Notei como os seus olhos esbugalhados transbordavam afeição e tanto amor que era

difícil para o meu coração não derreter. Nunca pensei ser mãe, até porque sempre vi a minha vida apenas seguindo por mim mesma sem uma pessoa por perto com quem compartilhar, mas não me impedia de apreciar a beleza de quem queria e era.

— A mamãe já vai chegar, lindo.

Michelle acenou para o celular e observei a mãozinha de Mark abanar. Ele estava no colo de alguém e supus que fosse a babá.

— Ele é um amor — disse, assim que ela encerrou a chamada.

— Sim. Eu morro de saudades quando fico muito tempo longe. Preciso vê-lo.

— Imagino.

— Você já pensou em ter filhos?

Surpresa, pestanejei múltiplas vezes.

— Oh, não. — Sacolejei a cabeça. — Não é bem o que eu pretendo no momento.

— E no futuro?

— Não pensei nisso e nem vou, sendo sincera.

Seu olhar se demorou no meu rosto, intrigada.

— Você tem animais de estimação?

— Sem tempo para cuidar.

— Vive com os pais?

— Morreram há sete anos — respondi, recebendo um suspiro lamentoso por parte de Michelle.

— Oh, lamento. Então, vive sozinha?

— Bom, vivo com o seu cunhado.

— Não aqui. Mas na sua casa, em Merley. Você não mora com uma amiga? Familiar?

Engoli em seco, hesitando em responder.

Não era como se eu não gostasse de morar sozinha. Fazia poucos anos, mas eu amava ter a casa apenas para mim, me divertir com os meus documentários e a comida encomendada. Além de que eu passava mais tempo no hospital do que na cobertura. Era apenas um lugar para dormir, nada mais.

No entanto, apesar de ter essa ideia bem definida, aquela questão puxou algo do meu âmago que me abateu.

— Sim. Eu moro sozinha — respondi. Testemunhei as linhas expressivas de Michelle traduzirem uma sensação deprimente, e rapidamente adicionei: — Mas eu amo ter a casa para mim. Gosto de estar sozinha. É uma escolha.

— Ah, ótimo. Sempre tive a casa muito cheia, portanto não sei exatamente como é me sentir sozinha.

— É uma sensação muito boa.

— Acredito que com Andrew é uma sensação “menos boa”.

Espumei um riso pelo nariz.

— Exato.

— Vocês já estão prontas? — Austin perguntou, chegando das portas giratórias, com a sua mala.

— Falta a Noah, a Axel e o Andrew.

— Estou aqui. — A voz rouca de Denson fez cócegas em meus ouvidos, embora nem estivéssemos a um metro. Ele caminhou com a mesma mala que levava para o ginásio em um ombro e o celular na mão. — Estava em um telefonema.

Notei que o seu foco era Michelle, e mal locomovia sua visão para mim.

— Por que diabos a Axel e a Noah ainda não chegaram?

— Eu vou indo colocar as minhas coisas e já fico no carro. — Michelle suspirou e rumou para as escadas.

— Vem? — Andrew questionou, finalmente erguendo sua cabeça, seus olhos estreitos inexpressivos.

Abanei a cabeça.

— Vou esperar por elas.

Ele aquiesceu e não demorou a seguir Michelle até o carro.

Vistoriei Austin que não moveu um centímetro. *Ele iria falar.* Tive que inalar uma porção asfixiante de ar para que os meus ossos não se soltassem no meio da conversa e eu quisesse desaparecer.

— Como você está?

— Exatamente como você está me vendo — respondi, diminuindo os níveis de arrogância que pudessem surgir na minha resposta. Austin entendeu e liberou uma risada leve. — E você?

— Bem na medida do possível. — Os seus dedos trespassaram pelo couro cabeludo. Não durou muito até que o seu sorriso sumisse. — Eu sei que você tem algo entalado dentro de si desde que fui no seu quarto.

— É... Na verdade, já faz algum tempo — confessei. — Não sei se vai dar tão certo se continuarmos com isso.

— O que temos é só sexo. Ficou ruim pra você, é?

— Me diga, Austin. Realmente é só sexo pra você? Por que não sei se iria aguentar um ataque de ciúmes a cada momento que fico próxima do seu irmão.

— É diferente, Harper. — A sua mandíbula endurecida moveu-se em um milímetro. — Eu gosto de você. Muito. Cara, eu seria o homem mais feliz do mundo se deixássemos toda essa confusão de lado e ficássemos juntos. Mas eu te respeito, acima de tudo. E se não sente o mesmo por mim, eu aceito. Tenho que aceitar. Mas não sei se suporto te ver com o Andrew, caramba.

— Nós não temos nada, e nem teremos. Moramos juntos, mas somos adultos. Não uma dupla de adolescentes sem cérebro que vê o sexo como um selo de popularidade e ouro barato.

— Acredito em você.

— Então...?

Elevei as sobrancelhas, na expectativa da continuação do seu raciocínio.

— Não quero te perder pra ele novamente.

— Você nunca me perdeu pra ele se eu nunca fui sua, Austin. Sei que vocês têm esse conflito. Na verdade, você tem essa raiva de como Andrew tem certas coisas que você gostaria de ter, mas não sou um peão para esse joguinho de tabuleiro entre vocês. Não quero estar dentro dessa guerra.

Austin sacudiu a cabeça em negação.

— Ele já dormiu com Michelle.

— Quê?

Pisquei inúmeras vezes, o ponto de interrogação acima da minha cabeça deveria ser tão presente quanto pesada para a frequência cardíaca aumentar a uma velocidade anormal.

— Foi antes de entendermos que não daria certo essa tentativa de amor forçado. Ela já dormia com ele. Encontrava-se com Andrew. Todas as vezes que ele voltava, eles se viam em segredo.

Um ninho de vespas alojou-se no meu ventre. Elas portavam veneno que corroeu as minhas artérias.

— Ela te traiu? Por que você não os confrontou?

— Porque ele sempre pôde, Harper. Andrew sempre pôde fazer o que quisesse sem sofrer com as consequências de nada. Ele é o primogênito de Anthony Denson. Quem abriu as portas para essa empresa ser o que é. A porra do gênio, o melhor dos cadetes, o mais leal dos filhos... Não daria em nada. Até porque eu não me importaria se Michelle tivesse me traído com outra pessoa, se não fosse com ele.

Tinha bastante ódio chovendo em cada consoante e vogal proferida por Austin. Um acúmulo visivelmente exaustivo. Não conseguia enxergar o motivo de tamanha carga em seus ombros.

Ele poderia ter conversado com Andrew. Poderia ter ajustado as contas, mas preferiu guardar. Eu sabia que ele tinha ódio do irmão. Sempre que mencionava a sua existência, Austin criava um novo subtipo do vermelho e sangrava em gestos.

Mas, havia momentos que ele estava bem com a presença de Andrew. Que eles pareciam se dar bem.

— Eu realmente não quero fazer parte disso. — A minha mão descansou na lateral da sua face. — Eu gosto de você como amigo, então para preservar essa amizade, penso que seja melhor não fazermos mais isso. Sobre o que aconteceu, fale com ele. Na verdade, vocês precisam ter uma conversa séria.

— Nunca.

Rolei os olhos.

— Vocês são insuportáveis.

Austin sorriu de lado e entrelaçou os seus braços na minha cintura, me puxando para um abraço. Enrolei o seu pescoço e aconcheguei a minha

cabeça no seu ombro.

Todavia, os meus olhos ligaram-se a pontos distantes, mas que focavam em mim com intensidade. E ele parecia cavar dentro de mim. Encontrar algo que o fizesse machucar. Eu vi como a costura da sua face era de um sentimento perdido e contraditório.

E eu senti.

Um sentimento cru que pulsava no meu peito.

E eu tinha certeza que Andrew estava sentindo o mesmo.



Chegamos de noite em casa e a nossa rotina foi forçada a voltar ao normal.

Eu em um lado e Andrew do outro.

Porém, havia algo de diferente. Eu sentia. Não sabia dizer se era pelo fato de termos dormido na mesma cama, ou se era da minha parte devido à revelação de Austin.

Não me incomodava. Na verdade, eu estava pouco me importando com o que tinha rolado entre aqueles dois. Mas ele tinha traído seu irmão. Era desonesto. Exibia seu coração de pedra e a insensibilidade que reinava em cada célula do seu corpo.

Mas eu também não poderia estar tão afetada sobre isso.

Meu coração galopava intensamente, disputando com as minhas costelas. Poderia ser a mistura de sentimentos que tive durante o fim de semana em relação a Andrew. Como parecia que não era só repulsa que pingava do meu oxigênio quando respirava na mesma área em que ele residia.

Eu não tinha certeza. E também esperava não ter.

Já era quase meia-noite e eu ainda estava acordada. Aquela noite mal dormida tinha me feito mal. Decidi fazer um chá, porém os armários estavam vazios. Segui para a despensa, vasculhando os itens que eu precisava, mas também não encontrei. Tinha que arranjar alguma forma de adormecer.

Saí da despensa, deparando-me com uma visão luxuosa, capaz de corromper qualquer linha pura que ainda unisse as partes do meu cérebro para não derreter.

Andrew estava quase nu. *Quase*. Já o tinha visto consideravelmente exposto. Mas nunca daquela forma. Ele estava encharcado, os cabelos pingando a água quente recém-usada, o seu corpo parecendo liberar fumaça e trazendo o mesmo clima do deserto para o corredor.

Ele tinha uma toalha enrolada ao quadril, tapando o máximo que podia até os joelhos. Testemunhei seus músculos petrificarem, as veias tão suaves deslizando pela sua área braçal. O tronco ardia por gotas de água e seguia um risco até um rastro do que poderia surgir se ele tirasse a única coisa que o tapava.

Era impossível não examinar como aquele homem era. Como tudo nele parecia ter sido construído para ser um muro de gelo e austeridade.

Eu estava congelada, embora aquele lugar fosse uma concentração dos infernos de Dante.

Os seus olhos me estudaram. Eu permaneci como se desse permissão para que ele me decorasse, guardasse na sua memória e me usasse quando bem entendesse.

Andrew deu um passo, e meu estômago afundou juntamente com a fusão de calor, indignação e crueldade.

Porque, sim, aquilo era cruel.

Não por me sentir atraída por ele. Não era o problema central. O que estava acontecendo era cruel por não ser o que esperava de mim. Porque eu estava petrificada, esperando que ele desse a primeira iniciativa para pensar em como agir.

E eu não era aquela pessoa.

Eu atuava primeiro. Pensava primeiro. Eu que dava o empurrão para que as coisas acontecessem da minha maneira.

Não os outros.

Não Andrew.

— Não está tarde? Por que você está acordada? — ele finalmente perguntou, o andar lento e confiante na minha direção.

— Pergunto o mesmo.

— Estou vivendo muito tempo com o perigo — ele não hesitou em responder. — Chega a um momento que um banho é a única coisa que pode me salvar de não perder a cabeça.

Seu olhar não me largou por nenhum segundo. Tive medo que ele visse como meu pulso estava forte e o meu ventre criava sensações tão fatídicas para a minha mente fértil.

— Talvez você devesse enfrentar esse perigo ao invés de fugir para o banheiro. Você sabe... Pode acabar ferindo seu ego ao evitar demais.

Os seus lábios torceram por diversão, as pupilas dilatando em afirmação.

Andrew deu mais um passo.

— É por isso que está acordada? Esperando que eu enfrente você?

Eu precisei repetir o mantra de que era o seu maldito jogo e não a verdade.

— Tentando procurar algo que me ajude a dormir — expliquei.

A sua sobrancelha arqueou.

— Um chá?

— Sim.

— É placebo. Chás não ajudam a dormir.

O examinei com curiosidade.

— Claro que ajudam. Não são todos, mas alguns sim. Comprei os de camomila para isso. Você não é inglês? Não deveria ter isso em mente? — Andrew rolou os olhos, porém não me respondeu. — Você costuma dormir pouco, não é? Já notei pelas suas olheiras.

— Culpa.

— O quê?

— A culpa me faz não dormir.

Travei uma guerra interna para escavar mais fundo o que ele queria dizer, porém Andrew não estava abrindo as portas para tal.

— O que você faz para te ajudar a dormir?

— Academia. — A garganta fechou e um vislumbre de um sorriso esboçou sua face. — E sexo.

— Claro... — Meu tom era cínico. — Por isso que ia transar ontem?

— Sim, Aurora. Parabéns por acertar.

Ele estava sendo sarcástico, mas evitei pensar no motivo.

— Obrigada pelo elogio. — Fechei a porta da despensa. — Até porque você me deu uma ideia.

Caminhei na sua direção, umedecendo meus lábios. O tom escuro de seus olhos trouxe uma dança de sombras, sondando meu andar como se eu fosse felina e ele tivesse que me reivindicar a qualquer momento para não ser caçada antes.

— Que ideia? — perguntou em um timbre suave, como um corte de uma lâmina.

Ele esperou que eu me pusesse na sua frente, o meu coração martelando em rajadas profundas, antecipando o que poderia vir a seguir. Seu cheiro tomava minhas narinas, seus olhos eram meu suporte para não cair em uma outra intenção, porém meu corpo era seu foco singular. No seu reflexo, eu era dele.

— Sexo. Talvez seja isso que eu precise antes de dormir.

Seu olhar era um incêndio.

— Com quem? — Ele dominava um sentimento angustiante, enfeitando a voz com um tom gutural.

— Não se preocupe. — Ergui o queixo. — Você não será convidado.

A sua mão firmou meu pescoço, me puxando mais para ele. Ele demorou a me mover, como se esperasse que eu o impedisse. Mas não o fiz. Em um segundo, meus seios espalmaram em seu peito, os mamilos intumescidos roçando no tecido da minha blusa.

Seu pau estava ficando ereto, cutucando alguma região do meu corpo a qual não identificava. Eu mal conseguia raciocinar. Minha calcinha estava sendo engolida por minha boceta e eu me sentia tentada em querer montá-lo naquele corredor e torná-lo minha escapatória para dormir.

— Porra — ele murmurou, sua cabeça inclinando para enterrar em meu ombro. Ele inalou fundo, quase pedindo para se viciar no meu cheiro abafado e quente quando estava assim, faminta por algo. — Pensar em você me deixa furioso. Muito mais do que eu gostaria. Você destrói meu ego.

— Cuidado para não adoecer — respondi, com as pernas amolecendo.

— Você me deixa doente, Reese — murmurou. — Você não está apenas morando comigo. Você está morando em mim.

Não tive certeza se estava escutando direito, se era fruto da minha imaginação.

Foi baixo. Íntimo.

— Porque você não quer enfrentar — disse tremendo.

— Você quer? — Seus dedos espremeram levemente minha garganta. Os seus olhos vagaram à procura dos meus e entraram profundamente, arrancando-me inspirações descompassadas. — Apesar do seu corpo estar pedindo para que eu entre em você e nunca mais saia, te foda até que só me sinta na sua pele, faça você lamber cada gota do quanto esmagaria seus lábios, eu quero que me responda. *Você quer que eu enfrente, Reese?*

Eu não fui beijada. Fodida. Se eu pensar em como já fui tocada, as nossas peles se encostando não era nada. Mas eu me sentia mais acabada do que alguma vez já tinha sido por um homem. Quis me esfregar apenas com a reflexão de que apenas a sua toalha o tapava e eu poderia tirar minhas roupas em um instante.

Mas eu tinha algo para manter.

E era Andrew fora do meu sistema.

— Não quero, Denson.

Ele não insistiu, largando meu pescoço e minha alma, entretanto. Sua expressão ainda era enigmática, mas tinha calma bailando nela.

Andrew endireitou a toalha e eu evitei espreitar. Estava em um ponto que poderia regredir nos meus princípios.

— Boa noite.

Expirei, mas não respondi, entrando no quarto como quem dizia que estava finalizando a conversa antes.

Precisei me manter em um estado fora de órbita para não brincar com meus dedos e me foder até cansar. Não iria entregá-lo essa vantagem. Era o que Andrew queria e ele não teria isso de mim.

Deitei na cama, mexendo no celular para procurar algo entediante para me ajudar nessa queda de sono. Eu sabia que isso não me ajudaria muito, mas fechar os olhos e adormecer também estava fora de questão. Eu só pensava nele.

Até que o seu nome apareceu na minha tela com uma mensagem.

Andrew: *Você não dormiu.*

Eu: *Está me espiando?*

Andrew: *Você estava blefando.*

Ele não respondeu minha pergunta. Aquilo fez meu núcleo ferver.

Eu: *Talvez sim. Talvez não. Você nunca saberá.*

Andrew: *Não tente me enganar.*

Eu: *Para quê tanto interesse? Está desesperado para ter o seu convite?*

Esperei pela sua resposta.

Ela não veio.

Aquilo era ridículo. Escutei as luzes da cozinha serem acesas. Então, Andrew não tinha adormecido. Ele estava acordado. Iria apenas me deixar no vácuo.

Filho da puta.

Decidi ver vídeos de gatos convencida de que iria madrugar, até que o celular vibrou novamente.

Andrew: *Acordada?*

A minha paciência estava indo por um triz.

Eu: *Isso não está sendo engraçado. Se você está com tanta vontade de me ver me tocar, a porta está aberta. Pode entrar.*

Escutei algo do lado de fora do meu quarto caindo.

Encarei o celular para ver o que ele respondia. Demorou uns minutos, mas chegou.

Andrew: *Cozinha.*

Eu: *Quê?*

Andrew: *Venha para a cozinha.*

Levantei-me, caminhando a passos duros para a sala, mas assim que cheguei, me deparei com duas chávenas.

Duas chávenas de chá.

— Onde você arranjou? — perguntei.

Andrew estava sentado, já com roupas; uma t-shirt e bermuda pretas.

— Assaltei uma loja — ironizou.

Eu dei uma gargalhada sarcástica, rondando a ilha para sentar no meu lugar habitual.

— Wada vai várias vezes para o Japão e traz um monte de chá que as tias oferecem — explicou. — Ele me deu alguns quando veio aqui em casa. Estavam guardados comigo.

— Você guardou chás no quarto?

Ele deu de ombros.

— Não sabia o que fazer.

Peguei na minha caneca. Estava quente. Cheirava bem.

Como?

Aquilo era quente. Bom demais.

— Obrigada.

— Estamos evoluindo nos agradecimentos.

Revirei os olhos. Bebi um pouco e meu corpo tremeu. Andrew também tinha feito um para si. Ele estava soprando como uma criancinha, observando o fumo do copo. Ele bebeu um pouco. O rosto contorceu por estar quente. Ele tornou a soprar.

Como era possível? Estávamos há pouco tempo explodindo por uma tensão, mas agora tomávamos chá juntos.

— Eu teria assaltado — ele murmurou, tomando meus olhos.

— Você não faria isso — denunciei.

— É... Talvez fizesse pior.

Ele não me olhou quando disse aquilo.

Andrew apenas se levantou um pouco e moveu os quadris para a outra cadeira, ficando na minha frente.

Meu coração gaguejou.

Tentei controlar minha respiração.

Nenhum de nós disse mais nada.

Bebemos o chá em silêncio até terminarmos. Cada um indo para o seu quarto e ambas as portas abertas, mesmo que ninguém tivesse a coragem de fazer algo.

26

“Eu me afoguei por um minuto, mas seu corpo continuou me puxando,
garota.”

Swin, Chase Atlantic

Harper Reese

Eu dormi bem.

Não me dei conta que tinha ficado na cama até à uma da tarde. Foi apenas com a vibração do meu celular ao lado da cabeceira para que meus olhos fossem ativados e eu tornasse a voltar ao mundo real.

Com dificuldade, tateei a mesinha até ter o meu dispositivo em mãos. Paige tinha me enviado uma mensagem me convidando para fazermos compras, já que ela havia recebido o seu pagamento mensal.

Um sorriso radiante pregou meus lábios. Estava com sede de tênis, casacos e vestidos novos no guarda-roupa. Era um vício tremendamente gostoso que eu não conseguiria me livrar, a não ser que a minha conta bancária descesse para zero.

Antes de me levantar, escutei passos em casa. Andrew não tinha saído, o que me intrigou. Muito possivelmente ele havia ficado em casa pela sua longa noite de sono.

Não parei de pensar na nossa troca de mensagens do dia anterior e como ele tinha sido carinhoso por fazer chá para mim.

Peguei no meu celular e, após pensar um pouco, digitei.

Eu: *Obrigada por ontem.*

Andrew deveria estar com o celular nas mãos, pois ele foi rápido em responder.

Andrew: *Você está muito viciada nessa palavra. Já tinha me agradecido ontem.*

Rolei os olhos.

Eu: *Sempre bom dizer para que não use contra mim.*

Andrew: *Tenho coisas melhores para serem usadas.*

Pestanejei, interrogações sendo escritas na minha testa.

Eu: *Como o quê?*

Andrew: *A maneira como você estava me olhando ontem.*

Eu: *Estava te olhando de uma forma normal.*

Andrew: *Faltou o brilho de assassina.*

Eu: *Talvez a sua existência já não me incomode.*

Andrew: *Deveria. Porque se continuar me olhando assim, talvez eu te coma.*

O quê?

Meu estômago deu voltas como em um carrossel.

Não estava esperando por aquela mensagem.

Foi como se em um momento estivesse no Polo Norte e agora estivesse dentro de um vulcão. A minha sensação térmica despencava e aumentava de formas repentinas quando conversava com Andrew.

Depois de conscientizar que era o seu jogo, os meus dedos foram rápidos em digitar.

Eu: *Talvez eu queira.*

Ri comigo mesma por ter conseguido entrar na brincadeira sem entrar em colapso.

No entanto, escutei a cadeira da cozinha sendo arrastada e seus passos pesados até o meu quarto. Meu corpo paralisou, as ramificações de ervas daninhas que estavam tatuadas no meu dedo e braço esquerdo ganharam vida e amarraram meus ossos.

Eu o senti do outro lado da porta fechada e supus que ele fosse abrir.

Eu esperei ansiosa, relutante e ofegante.

Mas não aconteceu.

Andrew desistiu e escutei a sua ida até o banheiro.

E eu contei.

Contei os minutos que ele demorou lá dentro, com a porta trancada e o chuveiro ligado.

Contei e imaginei o que ele poderia estar fazendo devido a uma mensagem minha.

Contei os segundos que se repetiam dentro de mim para não sair daquele quarto para espreitar.

Uma parte de mim queria saber, embora tivesse noção da resposta. Embora visualizasse o que tinha feito Andrew se submeter.

Uma parte de mim quis saber como e porquê o fiz reagir daquela maneira, principalmente quando a sua resposta veio, dez minutos depois:

Andrew: *Você é loucura em forma humana e isso está se tornando perigoso para ambos. Tenha cuidado.*



Paige aceitou ir ao *Athena's Palace* comigo. Fokley era uma cidade em que a maioria dos shoppings eram ligados a hotéis e cassinos. Com a sua estrutura que lembrava muito a Grécia Antiga, o comércio funcionava de uma maneira brilhante e era uma faturação anual que dificilmente seria lida com tantos dígitos na conta.

As lojas eram das mais diversas. Poderiam ser tanto a *Zara* quanto o *Emporio Armani*. Eu me atrevia a andar por esses dois mundos. Adorava gastar dinheiro em vestuário, porém tinha a percepção que, apesar do meu salário incrível enquanto trabalhava para Donavan, eu não era milionária.

Contudo, extraguei dessa vez. Fiquei empolgada com Paige e acabei comprando bolsas da *Chanel*, lingerie que provavelmente iria usar

por debaixo de roupas escuras e longas, e casacos que iriam até os meus joelhos para combinar com as minhas botas, ou casacos mais curtos.

E ter Paige como companhia era incrível, pois a única pessoa que se aventurava a passar horas no shopping era Axel e ela estava trabalhando e ocupada a dar mimos à Noah.

— O que você está fazendo? — perguntei, bebendo do meu café com direito a uma cantada escrita no copo pelo atendente da Starbucks.

Ele havia pedido o meu número, porém o fuzilo do meu olhar tinha sido o suficiente para ele se afastar.

— Nada. — Paige desprendeu seus olhos da tela do celular e o guardou. Levantei a sobrancelha, dando uma abertura para que ela se autoexplicasse. — Estou falando a verdade.

— Não, você não está. — Pousei meu copo. — É o Kian?

Sua boca flexionou e demorou até que ela suspirasse.

— Sim...

— Oh, Deus. Vocês ainda estão nessa troca picante de mensagens, nudes e se...

— Para! — exclamou. — Não preciso que repita o que eu sei que estou fazendo.

Ri baixo.

— Por que vocês não combinam uma saída?

— Eu... Eu não sei. Normalmente dou a desculpa que estou trabalhando, embora eu não esteja, ou que estou tomando conta de você, embora eu também não esteja. Ele também fica me dando umas justificativas sem nexos.

— Estão com medo de se verem pessoalmente? Já tivemos juntos duas vezes.

— Sim, eu sei. Mas no dia do bar, não falamos muito. Foi apenas uma troca de olhares e farpas, nada demais. — Paige encarou seu chocolate quente. — Estou com receio.

Ela confessou baixinho, os orbes perdendo o brilho e sua mente claramente despencando em sentimentos negativos.

— Do quê?

— Que eu me canse, mais uma vez. Como sempre — confidenciou, entre lufadas de ar. — Sempre fui assim com caras. Começo me interessando, eles ganham a minha atenção, saímos, beijamos, transamos, mas depois... canso. É como se a minha paixão tivesse limites.

— Acho que somos um pouco parecidas nesse aspecto.

Ambrose balançou a cabeça.

— Você consegue estar com alguém durante bastante tempo, mesmo que seja casual. Você está com o Austin há um ano, não é? — Assenti. — Eu não conseguiria mais que duas semanas. Por isso, tenho medo de quando estiver mais vezes com ele, simplesmente perca a magia.

— Mas aí é só dizer que não está mais interessada.

— E continuar tendo flertes de duas semanas com cada pessoa no mundo? — Bufou. — Eu tentei me entender. Tentei saber qual exatamente a minha sexualidade, como eu me via como uma mulher negra na sociedade e como as pessoas me enxergavam, mas não cheguei à conclusão de eu me cansar tão facilmente em relações.

— Talvez não tenha arranjado a certa.

A sua sobrancelha levantou.

— Você acha que existe *a* relação certa?

— Bom, eu tinha um paciente que acreditava que sim — contei, degustando um pouco do gosto amargo do café. Cruzei minhas pernas e recostei no sofá laranja. — Ele tinha uma crença muito forte sobre o amor verdadeiro e primordial. Coisas assim.

— Ele era casado?

— Viúvo. A mulher tinha morrido pouco tempo depois de se casarem.

— Oh... Isso é triste.

E era.

William Donovan sempre falava muito bem da sua esposa. Ele ainda usava o anel e dizia que rezava por ela todas as noites. Quando morresse, queria ser enterrado ao seu lado, porque acreditava que os dois iriam poder dar as mãos e dormir eternamente juntos.

Gostava dessas histórias que ele me contava da sua vida. Ele parecia ser uma boa pessoa, embora sempre falasse como merecia morrer por coisas

que cometeu no passado. E eu tinha plena noção.

— A minha irmã era fanática pela astrologia, e achava que a relação certa vinha quando você namorava com o signo indicado — continuei e Paige riu. Um gosto amargo ponteou minha língua ao falar sobre Vanessa. — Então, certamente, se ela estivesse aqui, diria que está tudo dando errado com você porque não está namorando com um leonino ou o que seja.

— Acho que vou ter que ir por esses métodos — zombou.

— Ou só siga a corrente.

— É isso que você está fazendo? Seguindo a corrente?

Dei de ombros. A minha unha bateu no copo sucessivamente e o líquido no interior balançou.

— Estou mais me desviando dela.

Ambrose deu uma gargalhada alta.

— Nós compramos um bom vinho e pastéis. É melhor que qualquer corrente, o que acha?

Sorri boba para a minha amiga que levantou a sua sacola com os itens dentro.

— Vamos para casa que estou precisando de álcool.

Bati palminhas feliz, e Paige sorriu para mim como se eu fosse uma criança descobrindo um parque de diversões.



O meu celular tornou a tocar durante a minha sessão de bebida e pastéis com Paige.

Mais uma vez, eu ignorei.

Mas daquela vez foi pior.

Foi como se eu tivesse fumado chumbo e ele impregnasse em cada partícula dos meus pulmões. Porque a todo segundo, a culpa aumentava por ter saído de casa logo depois dos meus pais falecerem.

Ela não estava desistindo.

E eu não a deixava desistir.

Ao subir a escadaria do prédio, deparei-me com Barton estático diante da porta. O seu ombro enroscado na parede, os braços cruzados com uma das mãos segurando uma pasta e a cabeça tombando.

Ele estava dormindo?

— James? — Devagar, os seus olhos se abriram. Ele avistou-me e, tenuemente admirado, esfregou as pálpebras. — Você estava dormindo em pé? O que está fazendo aqui?

— Esperando pelo filho da puta do Denson. Ele disse que já estava chegando.

Abanei a cabeça incrédula pela lealdade de Barton.

— Anda, entra. — Tirei as chaves do bolso, gesticulando com o queixo para a porta. — Já estava com saudades de você.

Barton exibiu um sorriso agradável, o sono ainda desconfigurando o seu rosto.

— Não fala na frente do Andrew que ele vai ficar com ciúmes.

— De mim ou de você?

— Ambos.

Empurrei a porta e entrei.

A casa estava limpa, tudo no seu devido lugar, o chão do corredor tão brilhante quanto a luz da Lua. Eu soube que Andrew tinha feito a limpeza dos cômodos e saído de casa.

Repousei as minhas compras no sofá e dirigi-me para a cozinha.

— Quer alguma coisa para beber? — Barton negou, puxando uma cadeira da ilha. Eu tirei um copo de água para mim e matei de uma só vez. — O que você tem nessa pasta?

Meus olhos repousaram numa mala acastanhada. Não era a primeira vez que via os amigos de Andrew chegando com pastas.

— Se eu te contasse, Andrew me mataria.

Desenrosquei uma risada suave, porém o seu rosto não tinha escrito notas de comédia.

— Você não está brincando?

— Não. — James levantou as sobrancelhas com o olhar focado no lado direito. — É isso que chamam de obra-prima?

Sorri ao notar que ele indicava para o quadro com xingamentos e ordens. Era de um nível inalcançável entender o que estava escrito, já que a letra de Andrew era terrível e a minha também não se safava muito bem.

— Em minha defesa, eu só sou assim com ele.

— Que bom. Não gostaria de ter você me xingando.

— Eu gosto de você. Deveria se sentir honrado. Não é todo mundo que tem esse privilégio.

Barton levou a mão ao peito e a sua boca arqueou.

— Eu me sinto mais do que honrado.

Mande um beijo ao ar e puxei a cadeira para me sentar.

— Como você e a sua mulher estão lidando com a chegada de um novo membro?

Pude perceber que James gostou da minha escolha de diálogo.

— Não está sendo fácil. É um processo complicado e despende muito dinheiro, mas estamos lidando bem. Estamos ansiosos, mas admito que também estou com medo.

Barton disse em oitavas baixas. O seu olhar desceu o ângulo e interpretei como ele poderia estar se sentindo.

— Entendo que sim. Não é fácil trazer uma criança ao mundo.

— O mundo é lindo demais e talvez seja um dos motivos para querer ter alguém a quem eu possa ensinar o que ele tem a oferecer. O problema nunca será o mundo, e sim quem reside nele. É por isso que tenho medo. Sempre tive e não seria diferente agora.

A sua confissão foi pessoal e delicada. Os seus olhos azulados tinham um vasto oceano em que todas as ondas pareciam ter varrido diversas praias. Diversas histórias profundas e escritas com uma dose de palavras dolorosas.

— Eu nunca cheguei a perguntar isso a nenhum de vocês, mas queria muito. Vocês já viram companheiros morrerem? Em guerra?

Barton focalizou-se em mim, a costura do seu rosto sendo mais flexível que antes.

— Felizmente, não. Tivemos a sorte porque um outro grupo de soldados passou por uma das piores situações do instituto — disse. O meu

coração apertou. — Quando fizemos dezoito anos, tivemos que fazer voluntariado em alguns países. Não irei mentir para você, Harper, mas eu senti bastante medo. Estamos muito calmos aqui, no nosso conforto, mas em outros lugares é um completo inferno. Fizemos durante oito meses. Eu e Andrew voltamos, Wada foi o único que prosseguiu.

— Ele é o único de vocês que ainda está na ativa?

— Nós todos estamos. Eu trabalho no instituto como engenheiro, Mickey é tenente-coronel e o Denson em uma empresa de segurança privada, mas ainda sim, não está aposentado. Ele está de licença. Ou seja, tanto eu quanto ele podemos servir a qualquer momento.

— Ah... E você ganha bem? — perguntei e ele inclinou a cabeça relutante.

— Bastante.

— Rá! Sabia! — Bati com a mão na mesa. — Será que posso mudar de emprego e ir trabalhar como enfermeira no instituto?

As suas narinas inflaram uma risada.

— Iria amar trabalhar com você.

Caramba, ele era um príncipe?

— Não olhe assim para mim que eu me apaixono.

Ele gargalhou, o que me fez levantar a sobrancelha.

— Sei que você tem fama de pegar casados.

— Ele te contou, não é? — questionei sem graça. — Não é bem assim, mas não sei se... Oh, Deus, não ache que eu esteja tentando destruir casais.

Bati com a cabeça na bancada, suspirando forte.

— Ei, Harper. Estou brincando. Sei a história real. Não estou te julgando. — Senti a sua mão afagando a minha nuca. — Nem ele está te julgando de verdade.

— O Andrew? Não minta. Ele me odeia e eu o odeio de volta.

— Normalmente quando você odeia alguém, não mora com essa pessoa.

Estalei o céu da boca.

— Você se acha muito espertinho e filosófico, não é? — A gargalhada de Barton era tão sonora quanto o meu riso interior. — Não tinha muito por onde escapar. Gosto da casa, era o meu espaço, não queria procurar por mais uma. Andrew é a única pessoa que, se quisesse, poderia viver em outro lugar.

— Se ele quisesse — repetiu.

Franzi meus lábios, repensando no que tinha dito.

Eu estava ciente que Andrew morava comigo apenas para analisar melhor a minha relação com Austin, embora ele nunca tivesse confessado.

— Ou seja, ele não quer.

Barton sorriu, como se retivesse um segredo que se falasse, ou sequer pensasse, estragaria um trabalho de séculos em ser guardado.

No mesmo momento, Andrew adentrou em casa. O seu rosto descontraído caiu no chão e uma armadura de raiva o revestiu assim que nos viu.

Quando os nossos olhos se cruzaram o meu peito ardeu e as lembranças da manhã quebraram o clima. Batuquei na mesa e, no momento que ele veio na nossa direção, levantei a bunda da cadeira.

— Você pode ficar — Andrew bradou.

A atmosfera congelou, assim como eu, quando seus olhos aterraram em mim. Ele vistoriou meu corpo em uma corrida rápida, sem pudor.

Eu não me incomodei.

Não me constrangi, nem desejei que ele parasse de me ver.

No mais fundo do meu ser, eu queria que Andrew continuasse.

E ele continuou por segundos preguiçosos, descobrindo como a minha pele se arrepiava sem o seu toque.

— É... — Barton rompeu, desgrudando-se do banco. — Vamos indo, então. Fica bem, Harper.

Dei a volta na ilha e rumei até Barton onde repousei um beijo na sua bochecha. Meus olhos subiram, depois de me afastar de James, para Andrew.

Ele não disse nada. Mas não precisava.

Se os olhos eram espelhos da alma, para Andrew Denson era um retrato artístico. Expressivo. Silencioso. Confidencial.

— Boa noite.

O beijo tinha sido um ato de carinho. Eu e Barton éramos amigos, e ele era extremamente fiel com a sua mulher. Não havia dúvida alguma.

Mas senti as minhas costas queimarem quando andei até o sofá e peguei no controle. Senti os seus passos pesados quando ele abriu a porta de novo de casa e sussurrou algo a Barton antes de saírem.

Ainda olhei para trás para confirmar a ausência dos dois, mas o que me chamou a atenção foi uma caixa que surgiu do nada na ilha. Não estava lá antes.

Levantei os pés, pisando em nuvens. Analisei categoricamente a caixa, e meu coração derreteu, sendo substituído por algo inflável e doce.

Era uma caixa da *Sweet Muffins*.

Demorei a entender se era para mim ou não, mas o bilhete na caixa fez com que a nota do meu peito desafinasse.

Para que você tenha a certeza que, se deixar a porta aberta novamente, eu irei entrar.

Ri sozinha, enquanto abri a caixa e passei o dedo na cobertura de um dos muffins.

Era chocolate com caramelo.

Exatamente os meus preferidos.

— A letra desse canalha é uma desgraça.

27

“Você é venenosa e eu sei que isso é verdade. Todos os meus amigos acham que você é viciosa e eles dizem que você é suspeita.”

I feel like I’m drowning, Two Feet

Andrew Benson

— Não fique com ciúmes.

A voz pingando em comédia ampliou a minha raiva.

— Não estou com ciúmes, porra — vociferei.

— Com certeza, cara. Eu acredito — ironizou.

Não estava com ciúmes. Isso significaria que estava refém de um sentimento a qual eu achava que Aurora me pertencia. Mas havia algo que estava descamando a armadura de ferro onde selei a minha vontade de querer *sentir*.

Aquele momento com ela no corredor, as provocações que deslizaram de seus lábios e a troca de mensagens de manhã havia sido um choque elétrico para que meus neurônios começassem a funcionar de maneira desenfreada.

Precisei ir para a porra do banheiro senão faria algo que me arrependeria.

Foi algo momentâneo. Não aconteceria de novo. Não permitiria que ela comandasse meu corpo daquela maneira novamente.

— Precisava de Mickey para me ajudar a te convencer.

Estava de noite, a escuridão manchava a rua sem previsão de abandoná-la. A pouca iluminação pelos passeios eram como vagalumes. Havia pouca gente vagueando por ali, o que era costume de um domingo na cidade. A maioria estava em casa com famílias e amigos, ou em boates que ficavam mais no coração da metrópole.

Tombei a cabeça para as costas do banco. Estávamos dentro do seu carro, convencidos de que era o melhor lugar para conversarmos.

— Onde ele está? — interroguei pelo clique repentino que já não conversava com o meu amigo há algum tempo.

— Foi chamado pelo seu pai para a reunião semestral da academia.
— Barton suspirou. — Tenho aqui o que você me pediu.

Ele abriu a pasta e tirou dois envelopes. James entregou-me apenas um, e eu hesitei em receber.

— Você está com medo? — perguntou.

Bufei, desinflando meu peito.

— Aurora me fez prometer não pesquisar sobre o passado dela.

— Não estou te dando informações sobre o passado dela. Apenas o histórico dela como enfermeira — explicou, sacudindo o outro molho de documentos na sua mão. — Os únicos pontos relevantes que você deve saber sobre ela é que os pais morreram em um acidente de carro quando ela tinha dezessete anos. Estava acabando o ensino médio. Harper acabou saindo de casa, no mesmo ano, logo depois que terminou a escola e foi para a universidade. Ela teve períodos muito intensos, boatos e má reputação. Coisas básicas na vida de um jovem adulto, acredito. Harper acabou a faculdade com a melhor média que alguma vez teve. Por isso, ela conseguiu seu primeiro emprego. Até que Donavan apareceu e ela foi contratada por ele.

— Isso não está aqui no seu registo. Na verdade, tem muita coisa que não está. Quando ela saiu de casa, como conseguiu dinheiro para pagar os estudos e a casa?

Barton estreitou o olhar.

— Boa pergunta. Os únicos empregos registrados dela são depois da faculdade. Os pais tinham herança, mas Harper não a usou em nenhum

momento. Estão todos sob fiança da irmã.

— Aurora falou que o pai a ensinou a lutar — A minha memória se refrescou. — Ainda assim, acho estranho. Ela não andou em uma escola nem nada do tipo?

Barton balançou a cabeça.

— Cara, não tem nada disso. — Inspirei em aversão. — Você acha que tem coisa apagada?

— Não sei — disse baixo, repensando e calculando como eliminariam esse tipo de registros. Não é fácil, a não ser que a pessoa tenha contatos. Apagar histórico civil é uma das coisas mais difíceis de serem feitas, mas não impossível. — Inclusive, por que não tem aqui o contrato dela com Donovan?

— Porque foi feito de forma confidencial. Donovan fez de tudo para tirar Harper dos olhos das pessoas quando descobrissem que ele estava doente, ou mesmo falecido. — Barton ajudou-me a pegar no papel exato e a frase sublinhada chamou a minha atenção. — O rendimento dela subiu seis meses antes da morte de Donovan. Não foram transferências. Deveria ser entregue em notas, e depois de algum tempo, normalmente uma semana depois, ela depositava na conta.

— Era feito aos poucos.

— Sim. Acredito que ela tenha mais guardado em algum cofre do que no banco.

Reese agia como um corrupto, o que me fez querer rir. A garota era esperta.

— Você sabe por que ele a escolheu?

— Harper não tem qualquer ligação forte com nenhuma família aristocrática, a não ser por Axel, que foi colega de curso, e Austin por transarem. — Minha garganta aqueceu pela lembrança e meus dedos esmagaram firmes na ponta do documento. Barton notou, pois exibiu mais um sorriso presunçoso. — Mas não me parecem motivos viáveis.

— Então, qual foi o critério?

— Por ela ser bastante profissional talvez? Harper era uma pessoa solitária. Vivia sozinha, é jovem e discreta. Talvez Donovan e a sua equipe

acreditassem que se contratassem alguém que usasse redes sociais e fosse de muitas amizades, pudesse vazar a localização dele e como estava doente.

Tornei a encarar os papéis, retendo as informações que James despejava, no entanto, uma linha chamou a minha atenção.

— Processo judicial? — Franzi o cenho. — O que a Harper...?

— Essa é a parte que ela não queria que você soubesse.

Os meus pensamentos a mil piscaram por curiosidade e desejavam saber a resposta. Queria saber quem era aquela mulher. O que ela tinha que fez Donavan querê-la nos seus últimos meses de vida. O que ela tanto escondia e por que não confiava em mim para saber.

— É grave?

Esfreguei a palma na barba antes do dedo segurar o cordão. Com os movimentos lentos e pesados, amparei o cotovelo na janela.

Barton negou com a cabeça e meu coração amoleceu, aliviado por uma sensação que estava pesando na minha cabeça.

— O passado de Harper é mais um caso pessoal e íntimo dela do que uma interferência na sua vida, Denson.

— Certo.

Apoiei a cabeça nas mãos, praticando movimentos respiratórios que me ajudassem a não esvaziar por completo.

Porra.

Algo devorador retirou um peso dos meus ombros. Das minhas costas. Um peso que estava entalado no meu peito e eu não sabia.

Alívio.

Foi o que eu senti em meus ossos.

Era tão melhor saber que não estava lutando contra ela.

Que Reese não estaria em risco. Que ela não estaria envolvida se a minha vida condenasse. Eu não estaria a arrastando comigo apenas por ser a pessoa errada.

— E agora? — ele perguntou.

A apreensão ondeava os seus olhos azulados. Conhecia aquele olhar melhor do que ninguém.

Inalei profundamente, esfregando os dedos na barba e recompondo a minha postura abatida.

— Não sei. Michelle não sabe muito também. Ela está tentando verificar com a ex-equipe de William, mas não está dando muito certo.

— Vou tentar ver o que posso fazer — Barton anunciou e eu aquiesci.
— Você vai ao *Athena's Palace*?

— Sim. Talvez eu leve Reese comigo.

— Por quê? — perguntou intrigado.

— Tinha dito a Anthony que ela era uma garota com quem estava ficando. Talvez levá-la comigo vai deixar mais sério.

— Vai colocar todos os olhos nela.

O meu dedo enrolou mais na corrente de ferro e deixei que me machucasse.

— Mas ninguém irá se atrever a tirá-la de mim.

Barton iniciou um tamborilo parcialmente silencioso no volante, e eu evitei encarar o bastardo.

— Tem certeza que é para proteção ou para agir como um animal?

— Vai se ferrar — rosnei. James gargalhou alto, injetando mais confusão em meu estômago. — Eu sei o que estou fazendo.

— Poderia contar quantas vezes você me disse que sabia o que estava fazendo e eu tive que limpar a sua merda.

— Eu era um adolescente. Tinha, sei lá, dezesseis anos?

— Cara, eu também.

— Você sempre foi o mais sensato entre nós — afirmei. — Não tem nem comparação. Afinal, também nunca pedi para você fazer alguma coisa por mim. Até agora.

Barton aninhou-se mais no banco. Ele usava uma polo branca com uma calça de cetim cinza. Os seus braços expunham as tatuagens e as suas mãos adornadas por anéis chamavam a atenção como diamantes em uma gruta escura.

Não me admirava se, repentinamente, Reese caísse de amores pelo meu amigo. Mas esse pensamento não era nem um pouco saudável para mim. Me deixava puto apenas pela hipótese.

— Tudo bem. Estou confiando. Mas preste atenção, Andrew. Porque eu não saberei te ajudar se você for mais fundo nessa merda e me arrastar. Tenho uma mulher para amar e uma família para construir.

— E eu te mataria se você tentasse estragar sua vida por mim.

— Merda, isso é uma maneira de você dizer que me ama? Repete novamente para eu mandar para o Mickey.

Revirei os olhos, externando uma boa dose de ar.

— Vai se foder.

Barton gargalhou alto, digitando divertidamente no celular para mandar uma mensagem a Mickey. Balancei a cabeça por agirmos que nem três adolescentes quando estávamos juntos, mesmo que a nossa vida exigisse seriedade em tempo integral.

Mas eles me humanizavam um pouco.

Não o suficiente para eu estar livre dos meus demônios.



Entrei em casa e fui recebido com cores azuladas vindas da televisão. Reese girou a cabeça e me encarou, no entanto retornou para o seu foco principal.

Ela estava com a TV ligada, mas concentrada em umas folhas na mesa. O coque, o jeito como ela estava mordendo os lábios e digitando na calculadora...

Fofa.

Odiava que ela fosse tão adorável, mesmo sendo um problema do caralho.

Não falamos, e não me admirava que pudesse ser pelas mensagens trocadas de manhã. Eu não queria que Aurora as considerasse como uma queda por ela. Não poderíamos ter algo carnal. Nem patamares acima.

Mas não mentiria dizendo que era fácil quando essa garota balançava meu mundo e o colocava girando em volta do dela, em uma gravidade meramente científica.

Depois de tomar uma ducha rápida e trocar de roupas, segui até a cozinha. Precisava jantar já que não tinha comido o suficiente para a carga diária e, para minha infelicidade, não tinha pisado os pés na academia.

Ao entrar no cômodo, notei que a caixa de muffins havia desaparecido. Eu tinha comprado para ela, contudo não pensei que fosse aceitar sem teimar.

Fiz o jantar já que Aurora não se deu ao trabalho de fazer alguma coisa. Não podia negar que compreendia esse lado egoísta dela em cozinhar somente para si na maioria das vezes. Não era como se eu retribuísse de maneira diferente. Eu tentei, porém, apesar dela ter parecido ficar satisfeita, não amenizou a tensão dentro de casa.

Entretanto, não me impediu de despejar esparguete a mais do que era a minha porção diária. E quando terminei de fazer a carbonara, definitivamente não era apenas para mim, mas também para ela.

Enchi ambos os pratos, sabendo que Reese comia metade — ou talvez dois terços — a menos do que eu. Levei até à sala onde ela já tinha deixado os cálculos de lado e assistia a um dos seus documentários. Pelo sotaque e os intérpretes que apareciam, Aurora estava assistindo algo sobre a realeza britânica.

— Toma.

Reese elevou a cabeça, as cores bailaram em seu rosto. Ela encontrava-se em uma posição confortável, cuja perna esquerda comprimia em seu peito e a outra cruzada.

Aurora não demorou muito tempo a processar a minha mão estendida com um prato de comida e um garfo nela. Ela pegou, assentindo e rastejou a bunda para o lado esquerdo do sofá, dando brecha para que eu me sentasse ao seu lado.

Por motivos óbvios, decidi não me sentar. Grudei na poltrona da esquerda e me aconcheguei.

Assisti-a comendo, embora eu estivesse na tentativa de mirar a tela. Eu admirei como a sua concentração era tão irritante quanto ingênua. Como ela possuía tantas facetas que desvendá-las era um simples ato de se perder.

— Por que você está me olhando como se fosse me devorar?

Despertei do torpor, batendo de frente com o seu rosto agora pintado em tons vermelhos pela mudança de cenário da televisão.

— Estou com fome.

— Você tem um prato cheio de comida na sua mão.

— Ainda irei *continuar* com fome.

— Então saboreie. Coma lentamente. Faça proveito para matar a fome.

Viajei pelas suas curvas sem pudor. Não desviei da visão de cada milésimo centímetro de Aurora. Não precisei perguntar pra saber que ela estava permitindo e se arrepiando.

O olhar de Reese concentrava um caos cósmico potente demais para não ser enxergado.

Não me via tendo certas atitudes, contudo se ela me olhasse daquela maneira mais vezes, eu era capaz de arrancar o meu próprio órgão vital para colocar de bandeja.

— Eu tenho certeza que você perdeu a sanidade mental ao longo do caminho.

Alinhei a coluna nas costas da poltrona.

— Acho que já a perdi há um bom tempo.

— Boa sorte em encontrá-la, mas não será em mim — zombou, impulsionando a uma curva de lábios da minha parte.

— Você é que me faz perdê-la.

— Obrigada pelo elogio, Andrew Denson. Espero que agora você perca a vida. Estou necessitada.

Meus pulmões tamborilaram uma risada.

— Rosto angelical, uma boca assassina. Você é surreal, Aurora.

— Felizmente, não tenho elogios para você. O português está evoluindo e não regredindo — disse afiada, o sarcasmo emoldurando suas sílabas.

Eu pescava cada uma e guardava em um memorial.

— Você não tem mais ninguém para externar seu ódio?

— Não. Só quero você como alvo.

— Isso foi uma tentativa de flerte ou uma ameaça?

Ela riu.

E todos os meus demônios sentaram e escutaram a sua voz.

Escutaram aquele som.

Lindo.

Era definitivamente o som mais lindo.

Puro. Genuíno. *Meu*.

— Por que você tem essa fixação em assistir documentários? — perguntei, coçando a garganta. A falta de ar estava derrubando meus neurônios.

De soslaio, pude ver os seus ombros encolherem e a sua boca flexionar em dúvida.

— Não sei. Eu sou uma pessoa que não aprende lendo. Sou melhor quando me inserem na prática. Não tenho conhecimento de muita coisa, mas documentários me ajudam a absorver informações. Sou o tipo de pessoa visual, sabe?

Assenti.

Donavan dizia a mesma coisa sobre ensinar.

— Foi assim que você aprendeu a lutar e ativar?

— Sim. Aprendi muito rápido.

— Seu treinador era bom.

Harper examinou-me com atenção.

— Aprendi com o meu pai. Já havia dito.

Ela tinha. Mas segundo o histórico dele, era improvável ter ensinado a lutar.

— Deve ser genética — pontuei. — Os seus pais eram astrofísicos. Não é propriamente a área mais fácil.

— É verdade. Eles eram inteligentes, incríveis em todos os níveis. Nem sempre tinham muito tempo para mim e a minha irmã por causa dos estudos que eram organizados, mas eles sempre tiravam o máximo que podiam para nós.

— É o mínimo que eles deveriam fazer por vocês.

— Só depois dos meus doze anos — constatou. — Demorou, mas depois dos meus doze anos, eles aprenderam a tirar tempo para nós.

Não estendi o diálogo, dando garfadas sucessivas na comida.

O silêncio humano tornou-se mais amigável. Já não era um campo minado em que andávamos vendados, mas também não era como ter os pés nas nuvens.

— Ainda não me senti convencido com o fato de eles terem te formado quase como um soldado.

A testa de Aurora se encrespou e o desenho do seu rosto era de interrogação.

— Como um soldado? Você acha?

— Sim.

Ela deu de ombros.

— Fiz *Krav Maga*. Sabe o que é? — Meneei a cabeça. — Claro que você sabe.

— É obrigatório na formação de militares na Academia. Não é uma técnica fácil. É sério que você aprendeu apenas com vídeos?

— E com o meu pai — adicionou, enfatizando novamente.

— Quantas línguas você fala?

Não queria que parecesse um interrogatório, porém precisava aproveitar a oportunidade.

— Quatro. Falo inglês, português, espanhol e cingalês — enumerou.

— Cingalês... Foi por causa da sua mãe, não é?

Reese aquiesceu.

— Na verdade, todas as línguas. Ela era imigrante e morou em vários países até se acomodar aqui e conseguir a sua nacionalidade. Tive a sorte dela ser uma pessoa com paciência e me ensinar várias línguas. Eu sei que você também tem um repertório linguístico. Quantas você sabe?

— Sete.

Aurora esforçou-se a não respingar surpresa, porém pelo jeito como as suas pernas se moveram para que ela pudesse endireitar e escutar um pouco mais traduziu a sua incredulidade.

— Tá. Você é um rico privilegiado. Saber sete línguas deve ser o mínimo.

Controlei a risada que resvalou na minha garganta. Ela não tinha mentido. Realmente, a minha bunda branca era refinada em ouro no

momento que cheguei ao mundo.

— Normalmente, militares falam de três a quatro. Barton só fala três.

— Oh... Parece que a sua teoria de que fui educada como um soldado está certa.

A sua voz saiu estrangulada, como se apertasse a traqueia a ponto dos segredos não escaparem.

— Reese, eu acho que você não tem noção que me nocauteou no chão e consegue mirar sem ver.

— Eu tenho, garotão. Parece que alguém anda pensando muito nisso.

— Não é como se fosse fácil tirar você da cabeça.

A forma do seu sorriso ganhou uma cor diferente.

— Cuidado. Ainda é capaz de você ficar obcecado por uma mulher perigosa e tatuada.

— Sempre tive uma queda pelo perigo. E por tatuagens.

Aurora acabou rindo mais uma vez e, juro por Deus, eu queria gravar aquela risada apenas para mim. O meu nível de consciência zerou no momento em que quis guardar aquela gargalhada e fazer dela o único som que pudesse escutar pelo resto da vida.

— Isso não é um tanto egocêntrico? — perguntou, indicando para os meus braços.

— Só tenho essas tatuagens — declarei, levantando os pulsos. — E você?

— Ah, tenho várias — disse, levando mais uma garfada à boca.

— São seis. No peito, no indicador direito, no braço esquerdo, na coxa direita, nas costas e no pé.

Seus olhos se inquietaram, a admiração salientando o seu brilho.

— Bom, você parece ter prestado muita atenção.

— São lugares visíveis.

Ela engoliu o que faltava do prato e seus seios inflaram. Precisei me acomodar em seus olhos, pois o seu peito na camisola branca de mangas compridas tinha aberto os botões.

— Falta mais uma, na verdade. Mas você nunca saberá onde está a sétima.

Deixamos a conversa morrer. Reese focou no documentário e em toda a história da realeza britânica. De vez em quando, ela falava sobre um pouco do que já tinha aprendido e eu contei que já havia estado no palácio por motivos que não poderia revelar.

Eu gostava do lado de Reese que era ausente de armas e armaduras. Quando ela não se incomodava em exibir a sua verdadeira faceta de uma garota de vinte e quatro anos que tem as suas preferências televisivas, risadas inocentes e degustar de uma boa carbonara.

Passamos duas horas entretidos em assistir, embora os meus olhos traidores falhassem em examiná-la, guardá-la como uma fotografia que queria ter presente nas minhas memórias.

A última vez que decaí o meu olhar nela, Aurora estava tombando para o lado devido ao peso do sono.

Levantei com cautela para que não fizesse qualquer barulho que pudesse despertá-la e segurei-a cuidadosamente, viajando as mãos para a superioridade das suas costas e mais abaixo dos seus quadris.

Notei que as suas pálpebras tremelicavam e resmungos eram soprados quando a coloquei em meus braços. O seu corpo estava quente e a exibição dele perfeitamente no meu campo de visão ebuliu o meu sangue em uma cascata de excitação inoportuna.

— Eu posso dormir aqui — murmurou, batendo no meu peito.

— Não. Você não pode — decretei. — A sala é fria. Você vai pegar um resfriado.

— Pneumonia, resfriado... Parece que o enfermeiro da casa é você.

A sua voz embriagada de sono era cômica.

— Está com medo de que eu roube o seu trabalho?

Comecei a caminhar na direção do seu quarto.

— Eu sei que não vai porque iria reprovar no primeiro estágio.

— Qual é? Ouvi falar que é necessário apenas ter mãos grandes e paciência. Eu tenho isso.

Reese girou a sua cabeça e foi de encontro com o meu torso. Ela farejou, como um cachorrinho, e se aninhou feito um. Não tinha notado como eu estava andando lentamente para preservar o máximo de tempo que eu pudesse.

Assim que chegamos, deitei-a e puxei os lençóis para que eu pudesse cobri-la; contudo Aurora mantinha a sua teimosia mesmo que o sono devorasse os seus sentidos.

— Você não precisa.

— Não quero ter um corpo morto devido ao frio em casa. Se cubra.

— Reese balbuciou frases incoerentes, se mexendo para que eu não a cobrisse. — Aurora.

— Não estou com frio.

— Reese. Se cubra.

Ela puxou os panos por si mesma e forçou a abrir os olhos. As brechas das janelas abriam portas para que a luz da lua governasse certas áreas do quarto, nomeadamente os nossos rostos.

— Você é teimosa — disse com leveza.

— Porque você não me deixa em paz quando eu peço.

— Posso fazer muita coisa por você, Reese, mas te deixar não é uma delas.

Aurora se encolheu mais, abraçando o seu corpo por debaixo das cobertas. Eu estava agachado para me manter na sua altura para poder observá-la.

— Vou embora. — Levantei em uma espreguiçada longa, mas notei que os seus olhos estavam abertos e atentos a algo. — O que foi?

— Você realmente tem mãos grandes.

Encarei-as.

— Tem algum interesse nelas?

Vi o seu sorriso crescendo.

— Acho que perdi a sanidade mental ao vê-las.

Balancei a cabeça com a vontade de sorrir desgraçadamente por causa daquela mulher.

— Durma antes que eu te devore inteira.

— Que pesadelo.

Saí do quarto, sem notar como estava com as bochechas doloridas por sorrir. Voltei para o sofá e não me importei em terminar de ver o documentário por ela, mesmo que não fosse algo que eu gostasse.

Quando acabou, saí da sala para ir ao meu quarto. Mas fui traiçoeiro comigo mesmo e entrei novamente em seu quarto para ver como ela estava.

Aurora dormia que nem um anjo. Calma. Pacífica. Definitivamente não era a mulher que poderia me matar se as minhas defesas abajassem.

Eu segui até lá.

Puxei novamente as suas cobertas que tinham caído e não me detive.

Beijei a sua testa.

E seu corpo encolheu em uma resposta positiva.

Porra.

— Você ainda vai ser a minha destruição, Aurora — murmurei, beijando novamente a sua nuca e saindo dali.

28

“Porque eu realmente tenho sentimentos por você. Eu ajo como se estivesse pouco me fodendo, como se eles não existissem.”

Idfc, Blackbear

Harper Reese

The Hills tocava da caixa de som em estrondo na cozinha. Não conseguia dizer exatamente o motivo, mas tinha acordado bem-disposta e algo em mim me fez querer arrumar a casa enquanto dançava. E escutar The Weeknd de manhã era um tipo novo de paraíso.

Entretanto, foi apenas virar para a esquerda que vi Andrew no batente da parede da cozinha, os braços cruzados e sustentando um rosto inexpressivo.

Ele ainda estava com as roupas esportivas, contudo tinha algumas manchas de suor no seu torso e tive que reavaliar a posição do meu olhar para não escorregar até a bermuda de moletom.

Eu gostava de vê-lo após a academia. Andrew tinha um jeito despojado e o seu sorriso que nem um cafajeste enfraquecia uma parte de mim. As tatuagens em seus pulsos produziam também a mesma comoção como um jato d’água quente que reduzia a minha capacidade de esfriar a zero.

Paralisei, fuzilando-o com a mesma intensidade.

— O que foi?

— Você pode abaixar o volume? Já falamos sobre isso e eu não gosto de me repetir — disse com o seu tom grosso habitual. — Estou esperando uma chamada importante. Seria agradável que a pessoa não tivesse que ouvir uma boate do outro lado da linha.

— As pessoas não gostam de hip hop hoje em dia? R&B? — Andrew me encarou com estranheza. — Meu Deus, o mundo está perdido. Vocês escutam o quê? Ópera?

Denson balançou a cabeça, seguindo para a bancada e pressionando o dedo no botão de desligar do dispositivo.

— Vou ter que te comprar uns fones?

— Bem que estou precisando. Preciso de algo que me impeça de escutar você.

— Quer que te compre um tapa olho também? Apenas para te privar de me enxergar.

— Ver você já não é tão ruim. Me lembra que eu escolhi o irmão certo.

Andrew me encarou, oscilando entre me responder, talvez me prender contra a parede ou fazer o que ele concretiza tão bem com os olhos em me intimidar.

Mas ele escolheu ignorar.

Denson foi até a geladeira pegar a sua garrafa de água, o cheiro recém-academia mesclado com o seu perfume habitual consumiu meus músculos.

Fiquei desconfiada, mas não disse nada.

— Você acordou feliz — denunciou. — Por que estava dançando?

— Treinando para a festa que será o seu funeral.

— Se dançar assim, sou capaz de morrer de novo.

Dessa vez, eu fui impelida a rir. Tapei a boca, impedindo que vazasse alto, porém foi um ato falho. Em uma olhada periférica, Andrew sorria para mim contra o gargalo e seus dedos acariciavam a folha de uma das suas plantas.

Eu ainda não compreendia o seu fascínio por elas.

— Você tem horários específicos para regar? — questionei, e ele assentiu.

— Sim. Não é diário. As plantas do hall, por exemplo, precisam de água a cada dois dias. Por quê?

— Por nada. — Dei de ombros. — Admito que fico curiosa para saber o motivo de ter tantas plantas em casa.

— Do mesmo jeito que você tem uma coleção imensa de sapatos e eu não comento.

Enruguei a testa, mas ignorei.

— Você dá nome às plantinhas?

Andrew apontou para os dois vasos no canto da bancada da cozinha.

— Aquela é a Rey e a outra é a Leia.

Pisquei admirada.

— Você está falando sério? — perguntei, impedindo a risada.

— Sim. Tem problema?

Comecei a gargalhar, mas foi só ver a sua revirada de olhos para saber que Andrew estava brincando.

— Meu Deus. Você é cômico. Quem diria que tivesse um péssimo humor. Não tente fazer de novo. — Andrew rangeu os dentes. — Uma coisa que tenho curiosidade é sobre o regador. Por que você comprou um sabendo que poderia usar um copo, sei lá? — Ele me deu uma olhada feia. — Meu Deus, desculpa se estou te ofendendo. Nunca vi ninguém que tivesse tanto cuidado em cuidar de trocentas plantas espalhadas pela casa.

— Rotina — Andrew respondeu, com a sua entoação habitual de mal-humorado. — Gosto de tudo o que me dê rotina.

— Ah. Você é viciado em disciplina.

— Sou viciado em tudo que pede por ordem — ele disse, com os seus orbes repousados em mim com uma intensidade indestrutível.

Precisei desviar e ele aproveitou para fechar a garrafa, colocando novamente no seu lugar.

De repente, os sentimentos corrosivos voltaram para deturpar meu organismo.

— Eu vou ficar fora amanhã por causa de uma reunião importante.
— Meu cérebro teve um tique ao fazer as contas e reavaliar o calendário. —
Por que está com essa expressão? Vai ficar com saudades?

— Não. — Balancei a cabeça com uma certa dor. — É que vai ser o aniversário da morte dos meus pais.

Minha voz saiu mais fragmentada do que eu esperava e Andrew quase exibiu uma expressão triste.

— Vai ficar sozinha?

— Fico sempre. Não é algo que eu deva passar com alguém também. Não funciono assim — disse, sem exhibir o tom abatido.

— Certo. Então será bom se eu estiver fora?

Assenti.

— Com certeza.

Tranquilamente, ele seguiu para o banheiro.

Ainda estava um pouco abalada como a nossa convivência estava mudando aos poucos. Barton tinha deixado uma pulga na minha cabeça ao realçar que Andrew estava vivendo comigo porque queria, já que era óbvio que eu não queria nada de Austin nem da sua família. Embora eu fosse uma dor na sua bunda, ele se mantinha entre essas paredes e aturava todos os meus desaforos. Ainda achava estranho.

Eu ocupei-me em continuar limpando os armários, porém meu ritmo foi interrompido novamente.

— Aurora, merda — Andrew praguejou, chegando um tanto atordoado.

— O que foi dessa vez?

— Por que não há água aquecida?

Dei de ombros.

— Sei lá! Quando tomei banho tinha.

Andrew coçou a nuca e rumou até ao aquecedor elétrico. Ele examinou em diversos ângulos. Ao que pareceu, não encontrou nenhuma pista, pois seguiu até à caixa do quadro onde diversas cartas se amontoavam.

— Você pagou o gás?

Balancei a cabeça.

— Claro que não.

— Como assim claro que não? Eu tinha deixado dinheiro para que você pagasse.

A imagem de uma nota de quinhentos saiu da gaveta mental.

— Você me deu bastante dinheiro! Como eu iria imaginar que era para pagar o gás?

Andrew encarou-me como se eu tivesse recitado um poema confuso em outra língua.

— O que você fez com o dinheiro?

— Comprei comida.

O meu tom óbvio impulsionou um grunhido feroz por parte dele.

— Puta que pariu.

— Você não me disse nada — justifiquei.

Andrew tornou a dar a volta e seguiu para a despensa. Fui atrás, me sentindo burra.

— O que está procurando? — perguntei, após a maçaneta da porta ser aberta e o bafo empoeirado do lugar transtornar os meus pulmões.

— Vou ver se tem algum aparelho para nos ajudar até eu ter tempo de resolver o problema. Onde está o interruptor?

Posicionei-me na ponta dos pés, espiando por detrás do seu ombro com a garantia que viria alguma coisa. O espaço era apertado, no entanto consegui me esgueirar para que procurasse pelo interruptor.

— Acho que está atrás das prateleiras.

— Tudo bem — ele disse. — Posso usar a lanterna do celu...

Andrew foi cortado pelo baque forte da porta. Ambos giramos a cabeça afetados pelo barulho estrondoso.

Estiquei o braço e, com as pontas dos dedos, apertei a maçaneta. Enganchei e empurrei a porta para que ela abrisse, contudo fui apenas recebida pelo som da madeira rangendo.

— Andrew... Acho que você vai precisar arrebentar a porta.

— Ela não abre? — perguntou no momento que forçou a sua abertura, porém nada aconteceu. — Como é que a porta não abre?

— Não sei! Você tem força para quebrá-la. Faça.

— Claro que não, Reese! — exclamou na medida do possível para que não parecesse chateado.

— Por quê? Vamos ficar aqui trancados!

— O lugar é pequeno, porra. Se eu tentar arrebentar a porta, você vai se machucar — explicou em uma entoação compreensiva e amena.

— O que faremos então? Esperamos? Não é propriamente a melhor ideia.

A escuridão engoliu-nos e eu mal conseguia ver Andrew. Sabia que o seu corpo enorme estava contra a parede e eu, em um passo milimétrico, tombaria em seu peito.

Era possível respirar o seu ar, absorver o seu calor e mastigar suas palavras sempre que abria a boca para dizer alguma coisa.

Odiava como o destino forçava a aproximação entre nós. Esgotava drasticamente as minhas defesas contra ele. Elas tornavam-se repetitivas e sem efeito e colocavam-me na posição de uma garota à mercê de um pequeno empurrão para cair em uma tentação humana.

— Vou ligar para a Axel — anunciou Andrew. — Ela tem a chave, não é?

— Sim, mas você sabe que ela não atende rápido.

O visor do celular brilhou e deu ênfase nas linhas duras de Andrew. Pela fusão do escuro e da luz, as sombras bailavam em uma dança teatral em pés combinados à ópera em seu rosto. Admirei, aprendi e decorei as revelações expressivas que surgiam nele no tédio do tempo que não parecia passar.

Denson notou o meu hiperfoco, subindo o olhar. Não me preocupei com o que ele poderia pensar, portanto não fugi do confronto.

— Ainda vai demorar — constatou, ligando a lanterna do celular.

— Talvez ela só venha amanhã. — Forcei abrir a porta novamente, contudo imóvel e intacta ela se manteve. — Não posso ficar aqui, Andrew.

— Nem eu. Tenho algo importante para tratar, mas vamos esperar. — Com delicadeza, os seus dedos tocaram nos meus e retiraram-nos da maçaneta. — Vamos sentar.

— Como? A sua bunda deve ter o tamanho da área daqui.

— Parece que alguém anda examinando o tamanho da minha bunda.

— Até parece que você não faz isso com a minha — rebati, estalando o céu da boca.

— Sim. Com certeza. Mas são em todos os momentos que ela é boa demais para eu querer puni-la.

Mais uma vez, suas palavras fizeram meu ar ser roubado e substituído por um tipo de cimento evaporado. Não fazia a mínima ideia se existia algo do gênero, mas, naquele momento, eu acreditava em tudo o que me fizesse ficar doente para estar tão afetada.

Eu odiava sentir um tipo de tesão quando ele dizia aquilo para mim, mesmo que fosse uma brincadeira.

— Como sentamos então? — perguntei disfarçadamente.

— Vai ter que ficar no meu colo.

— De novo? — resmunguei, suspirando a vontade de desaparecer.

— De novo. — A sua mão assentou na minha cintura, os seus dedos, em um movimento lentamente mortal, comprimiram na inferioridade da minha coluna e projetaram-me contra si. — Cuidado. Segure-se em mim, Aurora.

Odiei como reagi ao seu pedido, um equilíbrio entre doçura e luxúria. Minha garganta formou uma crosta enrugada em que nenhuma letra subia nela.

À medida que Andrew foi flexionando os joelhos até grudar no chão, as minhas pernas também refletiram e foram obrigadas a separarem-se, entrelaçando a cintura de Denson.

— Não tenha medo.

— Não estou com medo.

Andrew puxou-me com cautela, a palma da sua mão fortalecendo na minha cintura, como se estivesse estudado a minha anatomia e soubesse da força que eu faria para não ser empurrada por ele.

Ele fez questão de não me colocar na sua virilha, e as suas coxas musculosas, recentemente exercitadas, serviram-me de suporte.

— Não vou te comer — zombou, o sotaque pulando as sílabas.

— Não foi o que pareceu nos últimos dias.

Estar tão perto dele estava gerando algo não muito saudável. Eu me sentia doente, prestes a vomitar pelo abalo no meu ventre.

— Tem certeza que foram apenas nos últimos dias?

Sua voz queimou meus ouvidos, uma lavagem completa em uma centrifugação dos meus miolos. Era algo estranho, mas nem tanto desconfortável ou intimidante. Era um sentimento que morava e tatuava seu nome.

As minhas emoções estavam me dando pontapés. Minha espinha arrepiou-se até os meus pelos doerem.

Não pude desviar o rosto já que a luz fragmentada do celular seguia os nossos movimentos e ele saberia do efeito que as suas palavras causaram em mim.

Tive que me manter estoica, mesmo que, por dentro, as asas de borboletas causassem ventos intermináveis.

— É essa a sua tática de jogo agora? Tentar brincar com os meus sentimentos?

— Não é o tipo de brincadeira que me diverte.

— Eu também não deixaria — disparei.

Naquele instante, meu coração era um epicentro.

— Não estou jogando.

— Então, pare de agir como se estivesse.

— Talvez eu não esteja agindo. Você que está enxergando coisas — respondeu ácido.

— Ah é? Não é assim que você flerta?

— Não com você.

Ri sarcasticamente.

— Até porque não daria certo.

O olhar de Andrew eram vulcões prestes a entrar em erupção.

— Como pode ter certeza?

Dei de ombros.

— É sério que você está perguntando isso? — Quis rir genuinamente pelo estranhamento no rosto de Denson. — Você não é o meu tipo, podemos começar por aí. E eu nem sou o seu também.

— Você afirma sem perguntar.

— “*Não transo com as amigas da minha irmã*”... Eu acho que escutei tal coisa.

A estrutura óssea do seu semblante era tão afiada quanto lâminas.

— Está interessada na minha vida sexual?

Franzi o cenho quando o sorriso cruel de Andrew renascia.

— Claro que não. Deus me livre. Até porque você não tem.

— Reese...

— Que foi, Denson? Vá lá. Eu também aprendi sobre o sexo e como afeta a vida dos meus pacientes. Podemos ter uma conversa de adultos — zombei. — Naquele dia no hotel você iria mesmo sair?

— Você está com vontade de perguntar sobre isso desde aquele dia, né?

Sua testa enrugou e pude ver a seriedade aumentando a cada segundo.

— Apenas querendo saber porque você mentiria.

— Não menti.

A sua paciência aparentava estar se esvaindo do corpo. Era algo que me deixava presa a ele, especialmente o seu olhar que ganhava uma outra forma.

— Então, decidiu desmarcar a sua foda apenas para ficar comigo?

— É crime? — indagou com a entoação ríspida.

— Se eu falar que estava prestes a mo-

— Reese, inferno — cortou amargamente. — Se você não parar de falar, eu juro que vou foder a sua boca até ela só sentir o meu gosto.

Eu me retraí.

Em um modo automático, afundei meus caninos no lábio inferior para que não suspirasse em intenções secundárias. Não tinha me preparado para receber uma avalanche de palavras sujas que atingiram o meu íntimo. O seu tom rouco e mandão ecoou em meus ossos e eles obedeceram num ápice.

Ele sabia como estava reagindo interiormente e aumentava as provocações com a ampliação do seu sorriso presunçoso.

— Quero tanto te matar nesse momento, mas irei fazê-lo quando sairmos daqui — murmurei, minando minhas emoções. — Eu irei asfixiar você sem dó.

— Acredite, Aurora, eu deixaria e pediria por mais — revelou, enviando um arrepio violento na minha coluna. — Mas precisamos nos manter vivos aqui, então pode parar com a sua imaginação assassina e de me enlouquecer com os seus diálogos sem sentido.

Para me segurar melhor e ficarmos confortáveis, Andrew viajou suas mãos até os meus quadris. Ele flexionou os joelhos novamente, já que não era possível esticar as pernas, e alavancou o sinal para que os meus dedos se fixassem em seus ombros.

Fui obrigada a friccionar nossas virilhas, o que causou um tremor pelo meu corpo inteiro.

— As minhas pernas estão doendo. Se eu ficar assim, está bom pra você? — ele perguntou suavemente. Sacudi a cabeça em afirmação. — Apesar de eu estar irritado com você, não quero que se sinta desconfortável.

Algo no meu peito desentupiu. Meus músculos afrouxaram e, consequentemente, o meu sistema diminuiu a sua mecanização. Suas palavras foram aconchegantes, não tanto quanto um travesseiro, mas fofas o bastante para me deixarem relaxada.

— Eu sei, Andrew. Não estou. Sei como é se sentir desconfortável, mas em nenhum momento você me fez ficar assim. Nem quando nos conhecemos pela primeira vez.

— Axel falou.

Minha respiração descarrilou como um trem.

— Falou o quê?

— Que você tem algum tipo de repulsa com o toque.

Inconscientemente, os meus dedos acovardaram-se na sua *t-shirt* e o tecido aconchegou-se entre nós.

— Não é bem assim, mas chega perto.

— Alguém te fez sentir desconfortável para que acontecesse?

Mesmo que eu demorasse a responder, meu coração falava por mim com toda sua eloquência quando esse assunto era tocado.

Varri para fora das minhas gavetas mentais a voz, o cheiro, o toque, a presença que me assombravam; que criavam olhos, boca, mãos e pernas para se tornar um monstro em forma humana e familiar.

E essas lembranças reagem como ácido oxidante em minha traqueia. Eu enferrujava por dentro e por fora, meu cérebro automaticamente virando refém de crueldades.

Agi sem pensar e acabei mirando o chão, fornecendo um lugar de preocupação na voz de Andrew.

— Você não pode supor que foi alguém.

— Por isso que eu estou perguntando.

Ancorei em seus olhos, digitando mentalmente xingamentos e frases de horror.

— Não é o tipo de pergunta que você deveria fazer a uma pessoa qualquer sem a conhecer.

— Você não é uma pessoa qualquer.

— Mas você não me conhece.

Denson expirou pelo nariz.

— Sei a hora que você acorda e que você dorme. Sei o que toma de café da manhã, qual o seu doce favorito, a sua cor preferida, o que ama fazer no tempo livre e como me tirar do sério é seu hobby. — Houve uma pausa. — Sei quais são as suas roupas favoritas, os documentários que você mais assistiu e os canais do Youtube que você ama assistir por gostar de gatos. Sei que você prende o seu cabelo de uma maneira estranha, que franze o nariz quando está chateada e que prefere usar a sua mão esquerda do que a direita. Não se atreva a dizer que eu não te conheço quando sei exatamente qual é a cor da calcinha que está usando nesse momento.

As borboletas do meu estômago ganharam vida, convidando abelhas e todo o tipo de insetos para uma festa.

Estava sem palavras, gaguejando sons indecifráveis e mal processando o turbilhão na minha mente.

Impiedoso.

Andrew era impiedoso. Ele não tinha misericórdia no que dizia. Ele me atingia forte e eu não era capaz de me defender.

Porque, Deus, era complicado discutir com ele quando estava no seu colo, apoiando-me nas suas coxas, a sua mão na minha bunda em que uma maldita movimentação seria o som de um estalo de um tapa. Para não bastar, era eu escorregar para que pudesse sentir novamente o seu pau sob mim. Não era o que tinha em mente para a manhã.

— É estranho.

— O quê?

— Se fosse outra pessoa me dizendo que sabia a cor da minha calcinha eu *teria* dado um soco, mas por ser você eu apenas *penso* em dar um soco.

O seu nariz espumou uma risada frouxa.

— Estamos tendo um avanço.

Engoli em seco. Deus, eu ficava envergonhada. Como era possível?

— Eu também sei muito sobre você — murmurei.

— Eu sei que sim, Aurora. E eu quero saber mais sobre a garota assassina que tenho em casa. Então, me fale. — Seus dedos criaram uma trilha gostosa pela minha coluna, antes do seu sussurro sombrio: — Quem já te deixou desconfortável e o que eu devo fazer para nunca mais acontecer?

Pelo Santo.

Eu odiava que tentassem me proteger e Andrew sempre tentava fazê-lo, porém, eu gostava de ver as suas tentativas e como ele parecia estar bem firme nelas.

— Eu aprendi a lidar... — confessei baixinho, enrolando o tecido da sua camiseta nos meus dedos e ignorando a sua última pergunta.

— Como assim aprendeu a lidar? — Não respondi e foquei na inspiração e expiração automática. O pó da despensa parecia encher baldes de água na minha caixa torácica. Pelo seu volume, era capaz de deturpar a fisionomia normal. — Que tipo de sensação desconfortável estamos falando, Reese?

Certas imagens reapareceram no escuro e o meu coração bombeou em uma força bruta e selvagem. Não me atreveria a deixar que isso tomasse conta de mim novamente. O meu âmagô gelou, criando fraturas de

crepitação e de preparo para fragmentar. Senti-me pronta para quebrar se eu desse o controle, que estava segurando há anos, para as minhas memórias.

Eu não poderia.

Tinha que deletar. Jogar pra longe.

— Nenhuma. — Recuperei a estabilidade e saboreei a firmeza que enlaçou na minha resposta. — Não sei porque começamos essa conversa. Não tenho que te dizer nada.

— Você não precisa estar na defensiva.

— Eu não estou — disparei.

— Aurora...

Andrew murmurou o apelido como se soletrasse cada palavra em um pedido.

— Eu só... — A garganta amargou, um sabor nojento aglomerou como uma bola entupindo o vazamento de qualquer som. — Não gosto de falar disso. Nem sequer pensar. Nem de... Meu Deus, eu detesto, Andrew. Não vamos falar sobre isso. Não vamos.

De repente, as paredes da despensa esmagavam o meu corpo e eu me senti pequena. Fraca. Inofensiva. Tudo aquilo que estava construindo durante anos degradando e deitando para fora anos de trabalho.

Isso fez com que o ar formasse chumbo em meu sistema, catabolizando a minha alma em um elemento sem vida.

Minha cabeça pareceu mergulhar em um redemoinho no centro do mais bravo dos oceanos, a temperatura capotando em uma proporção negativa capaz de matar qualquer ser vivo existente no meu sistema.

Meu coração pulsava em minha garganta, e eu falhava na recuperação de cada batida, cada inspiração, cada segundo para manter minha consciência.

— Ei, ei! — Andrew segurou com uma mão o meu rosto e a outra acariciando a minha nuca, prendendo o meu cabelo na orelha. Tentei inalar o máximo de ar, agregando força aos meus pulmões e o resto dos órgãos. — Não vamos falar sobre esse assunto. Está tudo bem, coração.

— Eu não sei o que fazer. Não sei como pensar sobre isso. Sempre me machuca. Sempre... — balbuciei. — Céus, Andrew, eu odeio. Odeio tanto me sentir assim.

Deus, e como eu odiava. Era um sentimento que não desejaria a ninguém, nem algo perto dele. Era macabro as marcas que eu tinha dentro de mim por uma coisa que deveria estar fora da mente humana.

— Calma, Aurora. Tudo bem. Estou aqui. — Sua voz era aveludada. — Desculpa, coração. Me perdoa.

Denson não se restringiu e beijou novamente o meu ombro, depois o meu pescoço e em seguida a minha bochecha e testa. Foram beijos seguidos que me confortaram à medida que ele ia dizendo que estava tudo bem. Que eu estava bem.

Ouvi a palavra *coração* repetitivamente. O seu significado era algo presente na minha vida profissional, mas nunca tinha achado tão belo quanto naquele momento. Como parecia ter cor, cheiro, textura.

Parecia real.

— Desculpa... Eu não...

Engasgava-me com um choro preso, sufocador, como se tivesse mãos e a liberdade de me arrancar os meus suportes.

— Não peça desculpa — ronronou, ainda descansando as palmas na lateral do meu rosto. Mais um beijo no meu ombro. — Não peça. A culpa é minha. Não devia insistir com você. Me perdoa. Não iremos falar nada que você não queira.

Costumavam demorar minutos para que eu recuperasse o meu domínio corporal e mental. A minha mente era armadilhada, portanto qualquer menção ao que eu já tinha passado, mesmo que fosse um tropeço de palavras, causava uma tempestade. E para sair dela, era um esforço mortífero.

No entanto, a possível tempestade desapareceu em instantes. Eu ainda estava relutante para voltar a abrir espaço na minha consciência, esperando tornar a tropeçar e hiperventilar novamente. Mas estava tudo calmo. Vazio. Limpo.

Eu já não tremia pela dor do toque formado pela minha mente daquilo que me machucava. Eu estava arrepiada pelo carinho que Andrew me presenteava em beijos lentos.

Ele tornou a afagar a minha nuca, empurrando os meus cabelos para longe no intuito de não deturpar a minha visão. As suas mãos eram quentes,

amaciando o meu gelo e criando uma camada calorosa pelas lacunas que a minha alma criava.

As imagens foram embora. A sensação de desconforto mental diminuiu até não a sentir mais.

— Está conseguindo respirar? — perguntou calmo.

Assenti.

Não hesitei em repousar a testa em seu peito, locomovendo os meus quadris para trás e abraçar o seu torso. A fragrância de recém-exercitado e com o perfume que ele tanto usava criou um cômodo no meu cérebro.

Era tão agradável que parecia ser fatal. Parecia que trilhava um caminho para um penhasco.

Andrew estava me dando um conforto que nunca havia sentido. Nunca sequer tinha pensado que um ser humano era capaz de me oferecer.

— Cuidado para não viciar — brincou.

A sua mão ainda acariciava o meu cabelo e corria até às minhas costas com delicadeza.

— Não se ache. Estou tendo um momento de introspecção.

A gargalhada de Andrew rebateu nas paredes. Era gostosa e amaciava meus ouvidos.

— Acho que tem algo aqui que ajude.

Levantei-me pela movimentação de Denson. Ele esticou o braço e apalpou as prateleiras da despensa. Peguei no seu celular para ajudá-lo a visualizar até que alcançou uma garrafa.

— Por que temos champagne em casa?

— Ofereceram na empresa. Não sabia o que fazer com ela.

— Você nunca sabe o que fazer com nada. É algum tipo de doença entre ricos? — O aparecimento de uma covinha alvejou meu peito. Tentei ignorar. — Meu Deus. Isso é um *Krug*? Dizem que é muito bom.

Ele notou a minha animação pela garrafa enorme que tinha nas mãos e sacudiu a cabeça como quem dissesse para eu beber sem medo.

Demoramos um tempo para abrir o *Krug*. Andrew só conseguiu com força bruta, no entanto, acabamos ligeiramente molhados.

Em um gole longo, bebi da garrafa. O sabor era tenuemente amargo, mas adocicou minha língua e enxugou a minha garganta seca.

— Como você consegue beber tanto de uma só vez?

Parei de imediato, limpando a boca com as costas da mão.

— Se me deixar, bebo tudinho e não sobra uma gota.

Consegui ler o seu desenho facial e a malícia que instalou.

— Além de ser o tipo de mulher que aguenta, também é do tipo que engole?

Oh. Deus.

Fiquei sem saber o que responder.

Sempre me sentia patética quando ele falava em duplo sentido e agia de forma que eu não soubesse se era o seu jogo. E eu não sabia que certeza gostaria de ter.

Ele não me deu brecha de contestar porque retirou a garrafa e bebeu também.

— Merda. Isso é bom.

Revezamos algumas vezes, por mais que eu tenha bebido bem mais que Andrew e ele não tenha se importado. No final, acabei ficando com o Champagne apenas para mim e Andrew ocupava-se em dedilhar pelas minhas costas e bunda.

Fingi não dar importância, apesar do meu estômago adotar cada vez mais borboletas.

E elas estavam com fome, devorando o meu juízo.

— Tenta não ficar bêbada.

— Não vou — rebati. — Mas se eu ficar? Qual o problema?

— Quero você ciente das coisas que fala e faz para saber que não estou enlouquecendo.

Dei um ligeiro murro no seu peito, evitando pensar em outras interpretações.

Andrew estava me deixando doente. Isso sim.

Depois de um tempo bebendo, pedi para colocar alguma música no seu celular e ele não se incomodou.

Denson também não transpareceu muita agonia enquanto eu cantava praticamente chorando pela voz do Chase Atlantic, por mais que ele me olhasse como se fosse fonte de loucura.

Havia se tornado extremamente aconchegante estar em seu colo. Os meus joelhos armazenavam força para não friccionar as nossas virilhas, já que tinham ficado tão próximas ao passar do tempo.

O celular vibrou quando eu comparava as mãos de Andrew com as minhas. Eu era alta e, por consequência, minhas mãos e pés eram partes que me incomodavam bastante por serem proporcionalmente grandes. Mas as de Andrew eram maiores. Afinal, o cara tinha quase dois metros — um e noventa e nove, pelo que havia dito — e me faltava dois centímetros para chegar a um metro e oitenta.

— Quem é? — ele atendeu, sem desviar os olhos de mim e da minha brincadeira com as suas mãos.

— *Como assim, quem é?!*

Levantei a cabeça pelo reconhecimento da voz.

— Axel? Que contato é esse?

— *Estou falando pelo celular da Noah. Vocês estão presos na despensa?*

— É..

— *Meu Deus. Vocês estão bem? A Harper está bem? Harper!!*

— Estou aqui, boba! — exclamei, empurrando a cabeça de Andrew para poder aproximar-me do microfone do celular.

— *Desculpa! Não tinha visto a mensagem! Estou indo agora!* — declarou angustiada.

— Não faz mal, amiga — confessei dócil, sabendo que Axel era bastante afetada por achar que não era uma boa amiga.

— *Faz sim! Você está aguentando o meu irmão há cinco horas. Nem eu consigo tanto assim! Já estou a caminho.*

Devolvi o celular, assim que Axel desligou.

— Estamos aqui há algum tempo — murmurou, ajeitando-se ao olhar para as mensagens do seu celular.

As suas pernas certamente estavam doloridas, contudo ele continuava me suportando na mesma posição.

— Você tem algo para fazer, não é?

— Aham. — Reparei na máscara de aço que retornou ao seu semblante e como a sua boca cerrou. — *Merda*.

— Que foi? — questionei preocupada pela desarmonização da sua respiração e o seu dedo apertando na corrente do seu pescoço.

— Você vai ter que ir comigo — declarou.

Crispei a testa em questionamento.

— Ir onde?

— Para o cassino do *Athena's Palace*.

— Por quê?

Andrew desgrudou do celular para me encarar.

— Eu te explico melhor depois que sairmos daqui. Mas, se prepare, porque você vai ser minha amante por uma noite, Aurora.

29

“Inspire, expire, você ignora o que esteve fazendo comigo. Brigando, você tem brigado comigo por semanas. Não saía porque eu preciso de você.”

Come Through, H.E.R.

Harper Reese

— Vocês estão aí?!

O grito de Axel adentrou pela despensa escura.

Já não estávamos com a lanterna do celular ligada para poupar a carga. O silêncio era tão humano quanto eu e Andrew. Não sei se ele adormeceu ou se eu apaguei por um tempo, contudo estávamos enlaçados respirando harmoniosamente sem discussões, sem diálogos.

— Estamos — enunciei, afastando a cara do peito de Andrew.

As suas mãos nos meus quadris deslocaram-se para espalmar no chão. Denson aprumou a coluna enquanto coçava a garganta.

— Vou tentar abrir a porta! — Era evidente o quanto Axel estava alarmada.

— Dormimos? — perguntei a Andrew que desbloqueou a tela do celular trazendo luz novamente para o lugar.

— Não durante muito tempo.

— Estava bom demais.

— Estar no meu colo? — interpelou e eu abanei a cabeça intensamente.

— Não, tolo. Dormir.

Andrew não se prolongou. Apertei as mãos no seu peito, vincando os dedos no tecido e curvei os lábios em um sorriso genuíno.

Ele não sorriu para mim, mas tornou, delicadamente, a colocar um dos meus fios de cabelo na orelha.

— Vou abrir! — A voz de Axel atravessou novamente.

Dito e feito, escutamos o estalar da tranca até que depois de dois empurrões, a porta foi aberta.

Anglei os olhos pela repentina luminosidade. Escaneei a silhueta de Axel, começando pelos seus pés até alcançar o rosto por não suportar encarar diretamente para cima. Mas assim que cheguei ao topo, o semblante da minha amiga era de terror.

— Vocês estavam transando?!

— Quê?! — eu exclamei.

Fui a primeira a sair da despensa, com uma certa dificuldade.

Os meus músculos estavam amortecidos pelo tempo passado na mesma posição. Andrew parecia também estar com complicações nas pernas, contudo ele não demonstrou o mesmo grau de dor que eu.

— Por que você estava no colo dele? — Axel examinou as minhas roupas. — Isso é porra?! Que nojo!

Olhei para a minha camisa.

— Do que você está falando, sua boba?! É champagne! — gritei impaciente. — Nós abrimos uma garrafa. Acabei me sujando.

Apesar de engolir a explicação, Axel ainda se encontrava confusa.

Andrew caminhou para a cozinha, sem argumentar, e dirigiu-se à geladeira para coletar a sua garrafa de água.

— Como vocês ficaram trancados ali? Eu não avisei que a porta da despensa não abre por dentro? Ela tem esse problema há muito tempo. Como você não sabia, Harper?

— Você nunca tinha me dito! Como eu iria saber que a porta não abre por dentro sabendo que nunca fiquei trancada lá? — Levantei os braços

como quem dissesse que era óbvio. — Mas obrigada.

— Bom, de nada. Só tenham mais cuidado. — Axel olhou para o seu relógio e arregalou o olhar. — Preciso ir. Vou ter que começar o meu turno daqui a pouco.

— Tudo bem. Vai lá!

— Estou de olho em você — avisou Axel, insinuando por gestos que fizeram Andrew sorrir, antes de dar um beijo na bochecha dele.

Axel saiu de casa apressada assim como tinha chegado.

Andrew abriu a água e em uma golada longa quase bebeu toda a garrafa de um litro. Ele certamente estava morrendo de sede e, por mais que não quisesse encarar, o volume da sua calça também demonstrava a mesma vontade de saciar por algo.

— Então, por que eu preciso ir com você? — interroguei no momento que Denson esmagou a garrafa e a jogou no nosso ecoponto.

— Os boatos sobre você e Austin começaram. Você deve saber que não é benéfico para ele. Mas principalmente pelo casamento, que é um contrato de causas e efeitos. Se esses boatos se tornarem fatos, muita coisa pode mudar, Reese — esclareceu.

— Eu e ele já tínhamos conversado sobre isso. Nós estávamos sendo cuidadosos.

— Mas não foi o suficiente.

— Por isso vou ter que fingir que estou tendo algo com você?

Ele rodeou a ilha e andou até ficar de frente para mim, reduzindo a distância a remotos centímetros.

— Sim. Só por essa noite. É para aparências. Vai diminuir bastante os rumores e tirar o casamento de Austin e Michelle do foco. — Assenti em compreensão. — Depois do que aconteceu com Donavan, as empresas estão procurando por falhas para derrubar outras. A indústria está em disputa. Qualquer movimento pode levar a desordem.

— Você acha que eu causaria tamanho problema?

A sua mandíbula flexionou como quem achou graça à minha pergunta. Os seus dedos passearam pelo meu queixo e ergueram-no.

— Você é a própria desordem, Aurora. E o motivo de vários problemas que estão surgindo na minha vida.

— Mais um objetivo sendo concretizado com sucesso — falei em tom baixo assim como ele.

Andrew soltou-me com carinho.

— Precisamos comprar um anel antes.

— Por quê? Vou ser sua *amante*, não sua noiva. — Gesticulei as aspas na palavra chave.

Denson moldou a sua boca em um sorriso ladino e cafajeste.

— Porque preciso de uma justificativa para te marcar e um motivo para matar quem se atrever a encostar um dedo em você, Reese.

Estava pronta para rebater, dar um chute nele e gritar para ele não agir de forma protetora, quando o seu celular torna a tocar e Andrew diz:

— Temos uma hora para sair de casa.

— Uma hora? — indaguei, admirada. — Mas eu não sei o que vou vestir.

Ele deu de ombros, seguindo para o seu quarto. Fui atrás.

— Vamos comprar no *Athena's*.

Denson pegou na sua toalha e seguiu rumo ao banheiro. Mas eu sabia que não daria muito certo. Ele iria demorar a tomar banho e eu ficaria sem tempo para mim.

Foi, entretanto, o que aconteceu.

Estava deitada na cama, os pés balançando e encarando o teto esperando que ele terminasse. Mas Andrew permanecia lá.

Portanto, sem pensar muito e ignorando a voz da razão, peguei a minha toalha limpa do quarto e rumei até o banheiro.

Bati três vezes à porta, mas o som da água abafou as batidas. Não medi forças em abrir e o calor emanado com as nuvens de vapor nublaram a minha visão. Ele estava tomando banho com a água escaldante e, apenas por meros segundos, a minha pele fritou e pude escutar o estalar das minhas articulações como vulcões em erupção.

Denson não notou a minha presença até então pela cortina fechada, contudo a corrente fresca que adveio da porta aberta e o som dos meus resmungos ao tirar a roupa, a cabeça dele surgiu da lacuna da cortina e os seus olhos esbugalharam.

— Que porra você está fazendo, Reese?!

— Fecha a merda dos olhos! E vira! — exclamei, entrando na banheira de olhos cerrados. Ele virou no mesmo momento e eu fiquei de costas, fitando a parede. — Nem pense em olhar!

— Por que diabos você está entrando, porra?! Você enlouqueceu?

— Você está aqui há mais de meia hora. Se é para sairmos, então você deveria terminar o seu banho rápido. — Estiquei o braço para trás, sem girar. — Me dá o chuveiro.

— Só dá para uma pessoa tomar banho, Reese — alegou com o seu timbre rústico.

— Então, vai embora! — exclamei. — Você já esteve aqui durante séculos.

— Quanto tempo passou?

— O suficiente para que entrasse.

Ouvi-o praguejar e, com alguma dificuldade, tentei pegar o chuveiro da sua mão. De costas, era complicado para que ambos fizéssemos o passe. Toquei em várias áreas do seu corpo e ele sentiu a minha pele.

— Reese... Para quem estudou anatomia, deveria saber que está muito abaixo para ser a minha mão.

Meu Deus, era a bunda dele?

— Me passa logo o chuveiro. A minha mão está no lado direito — ordenei desajeitada. — E não me olha!

— Não estou e nem pretendo.

O chuveiro caiu na minha mão e eu estiquei-o para que conseguisse me enxaguar direito.

— Você não vai sair?

— Ainda estou com sabão.

— Espera que já te dou o chuveiro de volta. Não demoro tanto quanto você. — Ele não respondeu o que me deixou ansiosa. — Você não está olhando, né?

— Por mais que tenha sido você a invadir o meu banho em um convite pronto para que eu te olhasse nua, não estou.

O seu tom era ácido e pude afirmar que ele não tinha gostado da minha falta de confiança nele. De repente, a adrenalina que tinha a posse das minhas ações diminuía instantaneamente. A mescla de excitação e tensão presenteou-me com cada mínimo músculo tenso e encolhido.

Andrew estava nu atrás de mim. E eu nua também.

O que nos separava era apenas o fato de estarmos de costas um para o outro em um lugar pequeno.

— Vai demorar muito tempo? — ele perguntou. Imaginava-o de braços cruzados e a feição forjada em impaciência.

— Toma.

Precisava da água para me acalmar. Para extinguir os meus ânimos. Contudo, indiquei para ele onde estava a minha mão e passei o chuveiro.

Esperei até que ele terminasse. Os meus sentidos tornaram-se somente um. A minha audição apurou e tudo o que eu escutava era somente a água deslizando pelo corpo de Denson e certos sons que borbulhavam da sua boca.

Eu me senti tentada.

Deus, eu queria olhar. Queria tocar. Queria poder sentir. Não pude dizer com certeza se era o calor que derretia a minha sanidade ou se era a falta de decência que estava me queimando.

O meu estômago estava numa espiral irracional e eu mal pude racionalizar e ponderar no que iria fazer.

Eu virei. E assim que o fiz, o meu ar faltou. Os meus olhos ficaram reféns, aprisionados pelos dele. Porque Denson virou no mesmo momento. Não tive nem oportunidade de examinar suas costas, pois o seu torso molhado por baixo do chuveiro era meu foco singular.

Ele tinha as suas bochechas pegando fogo e a boca entreaberta, a surpresa pairando em cada linha tensa da sua cara.

Andrew estava pegando fogo. O seu olhar inspecionou o meu corpo sem vergonha alguma. Ele mediu. Calculou. Equacionou. E pelo jeito que a sua respiração pesou, Denson imaginou que era uma alucinação. Algo que ele não deveria ver. Querer. Sentir.

Mas antes que fossemos domados pela nossa razão, Andrew empurrou-me contra a parede, a sua mão descansou na região anterior do

meu pescoço e o baque do chuveiro no chão, a água esvoaçando pelo perímetro como uma chuva torrencial.

— Existem certos limites que não podemos passar — ele rumorejou.

— Eu sei — disse com a voz estrangulada.

Não conseguia parar de pensar no fato de sentir a parede molhada e por pouco poder sentir o corpo molhado de Andrew. Estávamos bastante iminentes.

— Então, que porra você está fazendo, Aurora?

— Foi você que olhou.

— Não seja uma mentirosa. Não sou o único culpado aqui.

Seu olhar raivoso atingiu as minhas regiões mais sensíveis. Agrupei o máximo de ar e permaneci focada em seus globos.

Os dedos de Andrew se firmaram mais no meu pescoço, contudo não havia agressividade, dor, ou vontade de me asfixiar. Ele dosava a força da sua mão e eu imaginei se ele fodia assim. Se ele tocava nas garotas com quem transava daquele jeito.

E eu odiei ter esse pensamento.

— Quanto tempo falta? — ele perguntou, inclinando a cabeça e a sua boca sensibilizou o lóbulo da minha orelha.

— Eu não sei... Você não está com pressa?

Tive que engolir o gemido no momento em que eu senti algo cutucando a minha barriga.

— Eu deveria — murmurou, diminuindo o espaço entre nós.

Apreciei como as nossas células entraram em uma sintonia viciante e se alinharam na mesma nota.

— Então, por que você continua aqui?

Sua respiração acelerou.

Não foi a minha.

Tinha sido a dele.

— Deus, Aurora. Você é magnífica — começou por dizer, escaldante e tenebroso. — E agora estou enlouquecendo sabendo que já te viram assim antes de mim. Já provaram você. Já foderam você. Como eu deveria sair daqui e não querer arrancar os olhos de todo mundo que o tenha feito?

Nós éramos fogo. A água parecia ter sido evaporada e éramos a própria fumaça.

Fechei os olhos, mordi o lábio inferior e arranhei a parede. Andrew esfregou com suavidade o seu pau na minha barriga, e eu senti gotas do seu pré-goço espesso deslizarem na minha pele.

O meu clitóris inchou e os meus mamilos intumescidos pediram por um alívio. Por muito pouco, não abri a boca para pedir que ele deixasse o seu gozo escorrer pela minha boceta também. O pensamento fez minhas bochechas queimarem e meus dedos dobrarem-se mais.

— Está gostando, coração? — Sua voz me dava a mesma sensação que o quase alcance de um orgasmo. Meus ossos estavam estremeando em um epicentro prazeroso. — Porque é isso que você tem feito comigo nesses últimos dias. E, por Deus, se eu te beijar pode ter certeza que não vou arruinar apenas sua boca teimosa. Vou beijar cada canto do seu corpo. O seu pescoço. Os seus seios. A sua boceta. Vou provar o seu gosto.

A sua mão esquerda apalpou a minha cintura, os dedos compridos querendo tocar na minha bunda.

Eu estava enfraquecida. Nunca tinha sentido tamanha tensão. Tamanha luxúria. Mantive os meus olhos fechados para não o encarar porque se o fizesse, iria me arrepender.

— É errado eu dizer que desejo acabar com cada pessoa que já te beijou, ou sequer pensou em o fazer? Quero marcar seu corpo, sua mente, sua alma como minha para que mais ninguém o faça. — Ele pegou em uma das minhas mãos e colocou-as entre as minhas pernas. Eu deixei-me obedecer, completamente extasiada, e senti a minha excitação líquida pingar em cada um dos meus dedos. — Aurora, pode ter certeza que quando eu te beijar, irei arruinar você.

Não consegui resistir e gemi.

O desejo de me tocar na frente dele tornou-se devorador. Queria fazê-lo com o meu polegar friccionando o clitóris e sabendo que ele comandaria os movimentos, sendo bruto na medida certa e puxando pelo meu lado mais selvagem.

Parecia mortalmente bom. Fatalmente, tragicamente e luxuosamente devastador. Capaz de romper com o meu corpo e fazê-lo me bagunçar inteira como mais ninguém o fez.

O seu pau ainda ereto no meu estômago me deixava ansiosa para o ter dentro de mim. O meu peito tremeu pela imaginação com cor e sons que pairou na minha mente. Como teria coragem de levantar as pernas, enlaçar nos seus quadris e deixar que ele me fodesse, se alimentado de toda a minha razão.

— Andrew...

Soltar o seu nome deu a certeza de que aquilo parecia real. Podia ser ainda mais se ambos jogássemos o orgulho para longe. Contudo, ouvi os pés de Andrew batendo na água e a sensação calorosa deu espaço para uma camada gelada abraçar a minha pele.

Andrew se afastou. Os seus dedos desgrudaram da minha pele e finalmente pude abrir os meus olhos. Vistoriei o seu rosto que estava tão blindado por luxúria quanto o meu.

Mas sua voz mudou.

A sua postura, os seus olhos, até a curva dos seus lábios reduziu de ângulo.

E meu peito inchou em resposta.

— Você realmente é boa no que faz. Agora faz sentido como seduziu Austin. Seria legal usarmos essa história se nos perguntarem como eu te conheci. Pelo menos sei que o seu papel de amante é bem feito.

Ele endireitou a coluna, pregando o nosso contato visual e nunca descendo para baixo.

Era inexpressivo.

Pestanejei confusa, buscando pelo momento exato que a sua mudança aconteceu e o motivo de ter a engatilhado.

— Você está...?

— Falando sério? Sim. — Seu timbre foi ácido e eu mal identifiquei o homem que tinha beijado meu ombro quando estava prestes a ter um colapso. — Você é bem pior do que eu pensei quando se trata de jogar sujo para seu benefício.

Não gostei do seu tom de voz. Não gostei ainda mais estando nua assim como ele, em um banheiro pequeno e com os nossos olhos podendo escorregar para lugares indesejados.

O meu rosto fechou e franzi a boca, demonstrando o meu lado sério também.

— Você quer falar sobre jogar sujo? — perguntei com ironia brincando com minhas letras. — Não sei o que você está pensando. Acha que eu fiz de propósito?

Ele queria rir de deboche e eu quis bater nele por não entender o momento da sua queda.

Estava pronta para me entregar a ele, sem me importar se iria me perder no processo ou não. E eu me sentia traída por mim mesma por saber que, por segundos, eu teria gostado muito.

— E você entrou aqui sem querer? — indagou sarcástico. — Não me diga que tropeçou e, por coincidência, nua no banheiro, deixando que eu a tocasse e talvez te fodesse.

Se nossas células estavam dançando, agora giravam em torno de uma tempestade.

Eu não estava acreditando.

— Você é um babaca, Denson — disse, ameaçando gritar.

— Fala isso para o cara que não vai te fazer lidar com as consequências de brincar com o fogo como se você fosse imune.

Franzi o nariz, fechando minha mão em punhos. Por que ele estava agindo assim? Tínhamos tido algum tipo de cumplicidade na despesa.

Eu o abracei.

Eu quase o quis.

— Já disse que não preciso que você tenha piedade comigo. Se você se sente ameaçado e tentado por mim, a culpa é sua e na porra do seu cérebro que está na cabeça de baixo.

Suas narinas fumegaram, o rubor se tornando mais saliente. Eu estava pouco me fodendo. Queria que ele se afogasse naquele banheiro com o seu humor ridículo.

Peguei na minha toalha e a enrolei, saindo da ducha numa abertura e uma fechada rápida das cortinas.

Meu coração estava me estrangulando.

Eu me sentia patética como em tão pouco tempo teria me rendido para ele.

E agora eu pude lembrar que era tudo um jogo dele.

— Estou salvando sua bunda para que você não tenha que viver um pesadelo, pelas suas escolhas de entrar nessa vida. Espero que pelo menos tenha isso em mente — ele disse ainda dentro. — Estou avisando mais uma vez, você não está apta a estar nesse jogo comigo.

Precisei reter o ar para não o esganar.

— Ah, é? — exclamei, extravagando toda a irritação. — Você deveria saber que *pesadelos* também respiram, querido. E você está vivendo *com* um.

Saí daquele banheiro, com o peito entorpecido. Os meus pulmões externavam o máximo de ar para que não explodisse por dentro. Estava difícil encontrar uma harmonia entre a comoção que acontecia no meu sistema.

Não queria deixar que aquilo me afetasse, mas eu vi como eu estava me entregando demais.

Não poderia acontecer de novo. Eu não poderia ficar tão vulnerável quanto antes.

Estávamos saindo dos limites.

Se Andrew queria que voltássemos ao patamar zero, então eu deixaria.

30

“Querido, tentamos lutar contra isso. Todos nós estivemos lá alguns dias. Pensei que precisava de outra coisa e agi como se eu estivesse bem. Nós apenas tivemos que resolver isso. E, querido, eu precisava de espaço. Não há ninguém por aqui no seu nível.”

Streets, Doja Cat

Andrew Benson

Estava em frente a um dos prédios do *Athena's Palace* esperando por Reese.

O *Athena* era semelhante a muitos hotéis de Las Vegas. Foram construídos de maneira a serem uma pequena cidade. Tinha uma zona de comércio, onde lojas caríssimas, cinema e restauração se isolavam, como também tinham no outro lado um hotel com quartos requintados e serviços de cinco estrelas. No piso inferior, o cassino ocupava o espaço completo.

Ainda havia um jardim de área colossal e uma fonte onde o som da água reverberava por todos os cantos do *Athena*. Vários carros de marcas de prestígio estavam estacionados por perto.

Era impossível não enxergar luxo no espaço.

Tinha pedido para o motorista de Austin nos levar. A moto não seria confortável para Aurora já que ela estava fumegando de raiva por mim. O mínimo contato que tivéssemos iria desencadear uma colisão de mundos nela.

Eu estava abalado.

O que aconteceu no banheiro tocou uma parte minha que era para ter sido exterminada.

Eu não tinha virado porque queria vê-la, no entanto, a necessidade de evitar que ela visse as minhas costas foi maior. Foi uma mistura ácida de sentimentos que me fez agir de forma impulsiva e primata.

Cacete. Estava puto comigo mesmo por causa do meu orgulho.

Mas ainda mais puto por estar repentindo em loop como foi quase ter Reese.

E, porra, eu odiava não odiar.

No entanto, se tornou pior quando, no momento que mergulhei em seus olhos e tive a exposição pura e crua do seu corpo, eu me vi refém em como aquela mulher era magnífica.

Se ela fosse música, seria a melhor das composições tocadas por violoncelos e pianos com maestria. E eu não me importaria em tocá-la. Saborear os seus sons. Escutar até viciar na sua melodia.

Merda, o meu coração ganhou vida e a porra do meu pau também.

Não tinha dúvidas que seria dominado por ela se eu me permitisse.

E não era momento para me apegar a uma garota que me esmagava verbalmente, gostava de me torturar e tinha tantas fragilidades quanto uma força colossal.

Estava abrindo portas para uma pessoa que se ousasse entrar, faria uma moradia eterna em mim.

Esperava que não a tivesse machucado de certa forma com a minha atitude, mas nem eu entendia muito bem o que tinha acontecido. Não estava entendendo concretamente como eu me sentia possuído por emoções mortíferas quando se tratava *dela*.

E, como se o destino quisesse depositar ainda mais culpa em mim, o motivo das minhas dores de cabeça reapareceu.

Em um gesto automático, abri os botões de cima da camisa. Uma bola de ar quente perfurou a minha garganta enquanto estudei a fatalidade que aquela mulher despejava em cada passo que dava.

Aurora caminhava em passos elegantes em um vestido branco. Não tinha alças, sendo os seus seios suportados perfeitamente pelo decote. Os

adornos da parte de cima pareciam ser cosidos impecavelmente para se acentuar nela e a saia era longa e justa às suas curvas, deixando um véu aberto. Não queria imaginar como a sua bunda deveria estar perfeita nele. Como as suas curvas se tornaram uma necessidade tremenda de eu viajar por elas.

Eu a tinha visto vulnerável, por pouco, não se retirando da sua armadura. Contudo, por mais que eu quisesse descobrir o que fazia com que lágrimas formassem em seus olhos, também me deixava calmo por saber que a sua proteção sempre seria ela mesma. Já estava mais que óbvio que Reese cresceu sabendo se proteger.

Vendo-a caminhar pela milésima vez em meses carimbou esse fato.

Aurora era inacreditavelmente e gloriosamente bela sem tentar. A sua essência pegava-me desprevenido e, nesses momentos, eu deixaria que tomasse o meu coração e o usasse como bem quisesse.

— *Deus...*

— Para quem me chamava de diabólica, você está muito devoto.

Reese brincou, umedecendo os seus lábios grossos. De repente, tornou-se um ritual admirá-los.

— Ainda bem que não sou religioso.

— Mas parece estar prontinho para ficar de joelhos.

— Isso eu não nego.

De imediato, Aurora mudou de esboço, novamente surgindo os resquícios da briga que tivemos. Ela se encaminhou para a bagageira e atirou a sacola que tinha as suas roupas.

— Eu poderia ter pagado pelo vestido. Não quero que depois use contra mim.

— Mas eu queria pagar. Simples assim.

Ela revirou os olhos.

— Caso você queira me pagar algo, compre o *Athena* para mim. Eu ficaria agradecida por isso. Ou então compre o seu silêncio. Na verdade, paga uma passagem para que você vá para a puta que pariu — rebateu irritada.

— Espero que consiga agir de forma mais simpática quando estivermos lá — pontuei.

— Eu vou agir como a vadia que você quer que eu seja — disse de forma violenta. — Aquela que seduziu os dois irmãos, não é? Não se preocupe.

Eu queria a calar de maneiras que, se ela soubesse, me mataria mais vezes do que o diabo poderia.

Então, decidi retirar do bolso o que eu havia comprado no tempo de espera, me deliciando ainda com a sua raiva. Apesar de eu também estar puto comigo mesmo, não poderia ignorar que ver Reese furiosa era uma das minhas visões favoritas.

Encurtei a nossa distância e disse:

— Antes de você atear fogo no *Athena* e em mim, precisamos tratar disso.

Estendi a mão para que ela pousasse a sua e, depois de uma demora, ela o fez ressentida. Aurora viu o pequeno objeto que eu tinha, simples e brilhante, que se acentuou perfeitamente no seu dedo quando o escorreguei.

A sua respiração pesou e era como se inspirasse chumbo e fosse o combustível perfeito para que queimasse o resto do seu organismo.

— Eu não preciso ser marcada como território — rebateu. — Sei cuidar de mim.

— Eu sei que você sabe, mas é muito mais do que se proteger. — Devagar, soltei a sua mão. — Até porque se eu realmente quisesse te marcar como minha, não seria assim.

— Não comece, Andrew Denson. Não finja que hoje não aconteceu.

Queria pedir desculpas, explicar o que estava se passando na minha cabeça e como ela me afetava. Como ela causava um distúrbio em meu sistema. Mas somente assenti e me distanciei para que Reese percebesse que eu tinha entendido o seu pedido.

Ela suspirou e enganchou os fios soltos do seu cabelo atado em um coque baixo na orelha.

— O que vamos de fato ver lá dentro?

Escondi as minhas mãos nos bolsos e comecei a avançar.

— Vou te mostrar como esse mundo é corrompido.



Pela confusão nos olhos de Aurora, ela nunca esteve em um cassino. Também não era adepto de passar noitadas por ali, embora fosse bem frequente no mundo onde eu vivia. Era puro jogo e vício, entretenimento barato que não agregava nada para mim.

Entramos após a passagem habitual, porém não nos mantivemos naquele ambiente. Passamos pelas mesas em que pessoas gargalhavam, as longas filas de máquinas de jogos e o bar.

— Não é aqui? — Reese perguntou, apressando os seus passos após ter ficado para trás em observação.

Balancei a cabeça e inclinei a cabeça para ela me seguir.

Caminhamos até alcançarmos um cara de terno preto que nos interrogou. O meu nome foi o suficiente para que ele gesticulasse para que o seguissemos até uma das portas e ele abriu.

Descemos pelas escadas com um tapete aveludado e que, pela nova expressão da Reese, ela deve ter entendido que era mais caro que as roupas que estava vestindo. No entanto, o seu choque foi maior quando entendeu que não estávamos realmente dentro do cassino, e sim em um salão próprio para encontros de pessoas de poder sujo.

Aquele não era um lugar para fazer apostas, muito menos para dar risadas como acontecia no piso de cima. Era mais uma reserva de espaço para conversar sobre negócios, criar parceria ou proclamar inimigos. Eram pessoas que estavam ligadas a um submundo que se disfarçava em trabalho árduo e dinheiro genuíno.

Nada ali era sincero. Tudo o que se vestia, conversava, se tocava era fruto das mais crueldades possíveis.

E nem o meu sobrenome escapava de cada atrocidade.

— Agora você percebe que não é uma questão de apenas proteção — sussurrei, petrificando-nos em um dos últimos degraus de uma escadaria escura.

— Por que exatamente preciso vir aqui, Andrew? Você costuma vir?

— Não. Passo mais tempo aturando você do que saio de casa. — A tensão da sua boca diminuiu consideravelmente. — Só estou aqui para que você não seja mais vista como um possível problema.

— Por causa de Austin, certo? — Oscilei a cabeça em afirmação. — E vindo com você não vai ser pior?

— Não, Aurora. — Respirei fundo. — A maioria das pessoas aqui são homens e as mulheres são como acessórios. Não queria te usar assim, mas precisamos comprovar a teoria de que você é minha acompanhante e não tem ligação com o casamento de Austin.

— Você é um babaca, mas eu sei que não é um desprezível abutre. — Apesar das gramas de raiva ainda presentes, havia algum afeto em suas palavras. — Então, só precisamos nos exhibir?

— Sim. Não sei se você sabe, mas tem algumas coisas acontecendo e é importante as aparências.

— Que tipo de coisas? Por isso que o Barton e o Wada parecem carregar os seus segredos?

Pisquei.

— Você não deve saber.

— Mas eu estou envolvida, certo? Se estou aqui, por alguma razão é.

— Claro que você está envolvida. Se descobrem sobre você e Austin, serão anos perdidos. E com tudo o que está acontecendo, podem acabar te colocando como alvo.

Ela engoliu em seco e os seus olhos sondaram meu rosto. De repente, a ilustração de ódio e remoto sentimento de desconfiança gere as suas linhas faciais. Os arquejos soltados por ela são carregados de cansaço.

— Eu sei que você está mentindo para mim. Eu sei que você sabe que eu fui a enfermeira de Donavan. — Tensionei o queixo, cerrando a boca em aversão. — Não é só sobre Austin. Você está tentando me proteger por eu ter cuidado de William Donavan. Sei disso. Não minta para mim.

Aglomerei o ar para poder expirar e diminuir a tensão. Aurora estava me olhando como se eu a fizesse sentir minúscula e não pudesse confiar.

— Não sou ingênua. Muito menos burra — continuou. — Austin te contou?

Recriminei-me por ter enrolado. Não era cem por cento mentira o que eu havia dito. Tirá-la como uma possível interferência do casamento era importante, mas afastar a possibilidade de que não a conhecíamos tão bem e ela poderia ser uma possível portadora dos arquivos ou qualquer informação que tenha sobre Donavan, era ainda mais essencial.

— Sim.

— Então, agora o quê?

Suspirei.

— Anthony veio falar comigo há algum tempo perguntando quem você era. Falei que eu estava dormindo com você. Basicamente isso.

Uma pessoa subiu as escadas e precisamos interromper o diálogo, ajeitando-nos mais no limite dos degraus.

— Basicamente isso? — repetiu em notas baixas. — Ele sabe que...

— Não. Só eu, Barton, Mickey e Austin sabemos.

— E Michelle.

— É, Michelle também.

Reese roubou um pouco de ar, dilatando seu peito que subiu ligeiramente do vestido. Levantei o olhar para não ser arrastado em um precipício mental.

— Ok... Eu sei que é estranho eu ter sido enfermeira durante meses de um bilionário que estava prestes a morrer, e isso me faz um alvo, mas porra, eu não sou uma ameaça.

O desespero na sua voz demoveu a anatomia do meu coração.

— Por causa de uns arquivos.

— Que arquivos?

Olhei para cima onde o porteiro já havia desaparecido e para baixo onde uma onda de calor e de diálogos chegava. Contudo, ainda estávamos isolados.

— São arquivos que fazem metade dessas pessoas que aqui estão, incluindo o meu pai, serem presos — expliquei. — Ninguém sabe onde eles estão. Nem a família de Donavan. Portanto, qualquer pessoa que tenha uma ligação estranha com ele torna-se um potencial portador desses arquivos.

O seu peito reduziu de diâmetro.

— Mesmo uma enfermeira?

— É estranho, Reese. Você não tem qualquer ligação conosco e ele te contratou para você cuidar dele enquanto estava fora do radar. E, por alguma razão, você aceitou e não se descuidou.

Ela torceu os lábios.

— Quem diria que fazer o meu trabalho, pudesse fazer com que queiram me matar.

— Ninguém vai te matar. Não chegariam a esse nível — murmurei.
— Ninguém vai te fazer mal.

— Por que estou vindo marcada? — brincou, mas eu mantive a seriedade.

— Porque eu faço chover sangue antes de sequer respirarem perto de você.

Seus olhos me examinaram com uma certa incredulidade.

Mas se ela sentisse, ou chegasse perto do sentimento corrosivo que estava instalado em mim apenas pela hipótese de ela se machucar, Reese andaria por aí sem se importar com as consequências. Porque eu avassalaria o mundo antes de sequer alguém encostar nela.

— Não sei dizer se você é possessivo, ciumento, homicida ou convencido.

— Apenas ciente.

E quando encarei suas esferas e o sutil sorriso que cresceu em sua boca, eu viquei na própria batida do meu coração naquele momento. Se eu alguma vez desconfiei que pudesse ter um, sentia como se tivesse vários para serem o suficiente para a vivência de ver Aurora sorrir.

— Eu te detesto.

— Eu sei.

— E você não deveria estar agindo como se não tivesse me humilhado horas atrás. — Seu nariz franziu. — Você é ridículo.

— Não é hora para isso, Reese.

Ela fumegou e desceu as escadas, os saltos reverberando por cada degrau pisado. Fui atrás, após permear meus dedos na nuca.

A música de fundo embalava o ambiente quente, e de tons castanhos e amarelos. Era sincronizada com o barulho advindo do bar e conversas de mesa.

Não entendia como gostavam de estar debaixo de luzes quase apagadas e como a fonte vinha de um palco com varas. Era um lugar de strippers também.

Agora eu entendia o motivo de Austin tanto gostar de vir anos atrás.

— Aquele é o Wada?

Olhei na direção do seu foco e assenti.

— Sim. Não viria aqui sem ele.

Fitei-a enquanto passávamos entre os espaços das mesas e acenávamos com a cabeça diplomaticamente. Seus músculos amoleceram, como se a presença de Mickey fosse um antídoto.

Eu entendia. Barton e ele tinham esse poder de fazer qualquer um ao seu redor se sentir seguro.

Passamos por mais uma fila de mesas até alcançarmos a que Mickey e mais alguns ex-colegas de esquadrão estavam.

— Andrew Denson! — Um dos meus antigos colegas, Fabbri, exclamou no momento que puxei uma das cadeiras para Aurora sentar e ela me deu uma olhada fatídica. — Já não te vejo há anos. Você anda fugindo. E agora entendi o motivo.

O seu olhar decaiu em Reese e afaguei em inspirações profundas para não esmurrar o seu rosto para o outro lado. Mickey ao meu lado bateu no meu ombro, bebendo da sua cerveja.

— Quer uma? — murmurou.

Meneei a cabeça, abrindo os botões do casaco e chamei pelo barman.

— O motivo tem nome e é Harper Mahesh — declarou Aurora, esticando o braço para um aperto de mãos.

Foi estranho ouvi-la dizer Mahesh, mas me lembrei que ela não costumava usar Reese.

O filho da puta do Fabbri dissecou-a como se ela estivesse tapada por cortinas transparentes.

Queria tocá-la para deixar evidente, mas Reese não iria gostar e a última coisa que gostaria era de fazê-la se sentir desconfortável em um lugar atroz.

— O sobrenome é diferente... Os seus pais são de onde?

— A minha mãe nasceu no Sri Lanka — explicou, e eu notei como ela não falou sobre o seu pai.

Fabbri arcou os lábios em um sorriso pingando perversidade e ele notou o anel no dedo da Aurora. Foi então que ele olhou pra mim.

— *Lei è tua? Quando ti pagheri per passare una notte con lei?*

Demorei instantes para processar o que aquele canalha estava falando. Quando aconteceu o clique, a veia do meu pescoço ficou em ênfase e o meu punho não conheceu o rosto de Fabbri porque Aurora repousou a mão na minha coxa.

— *L'único prezo sarà quando ti decapiterò, figlio di puttana. Sono accompagnato.*

Ela tinha acabado de responder em italiano?

Fabbri levantou as mãos, surpreso, assim como eu e Mickey. Não fazia a mínima ideia que Reese falava italiano. Não constava no seu relatório.

— Era uma brincadeira — ele respondeu sem graça. — Parece que perderam o humor.

— Não mexa com o que não te convém — Mickey pronunciou.

— Já, já vai começar o show. Vou me divertir para o outro lado.

O cara levantou-se e seguiu para o outro lado. Olhei para Aurora que pegou na minha cerveja trazida pelo garçom e bebeu. As suas pernas estavam cruzadas, as costas enroscadas na cadeira e os olhos sobrevoando o espaço. Já havia gente observando-a e claramente identificando.

Não gostei. E precisei me controlar para não esmurrar o rosto de cada um que ousasse dar uma olhada em Reese.

— Você tinha me dito que falava apenas quatro línguas.

— Errei. — A língua serpenteou pelos seus lábios. — Afinal, são cinco.

Mickey deu uma risada mortal.

— Não liga para o Fabbri. Ele não é adepto de moralismo — explicou o meu amigo.

— Nenhum de vocês. Estou vendo gente aqui que deve ter uma ficha criminal maior do que o número de pessoas na cidade.

Aurora tinha razão, mas não entraria nesse mérito porque não a queria próxima de um submundo muito pior do que ela poderia sequer imaginar.

— Só sei que a sua presença toma bastante atenção, garota. — Mickey jogou o seu cabelo para o lado. — Você deveria mesmo trazê-la? — perguntou em decibéis abaixo.

— Sim. É a única maneira para eu ter tempo de fechar as pontas.

Mickey assentiu, dando um gole generoso da sua bebida. Um dos caras o chamou de longe e ele gesticulou o queixo em afirmação.

— Está em serviço? — questionei.

— Seu pai está desconfiando de um dos advogados de Donavan. Acha que ele poderá ter o arquivo.

— Claro que ele pensa — falei, pensando em como aquele homem poderia ser tão burro quanto esperto.

— Já volto. Não façam porra nenhuma.

Aurora acenou quando Mickey levantou e saiu. Peguei na minha cerveja e em uma golada saciei a sede severa. Não parava de rondar os lados e, tal como ele disse, os olhos não se soltavam de Reese. Ela estava bastante conhecida.

— Eles estão me olhando como se eu fosse uma presa.

— Para eles, você é inofensiva.

— E para você, eu também sou — contra-atacou de maneira cortante.

— No dia que eu te achar inofensiva, me enterra vivo.

Ela examinou-me, mas não respondeu, se entretendo em movimentar o anel do seu dedo.

Bebi mais um pouco da cerveja, dissecando o espaço. Os meus olhos repousaram em Michael Donavan, irmão de William e pai de Michelle em uma mesa servida por mulheres e mais uns homens ao seu lado.

Aí estava o motivo pela qual eu tinha ido.

Olhei para Aurora. Poderia diminuir as minhas dúvidas agora.

— Vamos mudar de mesa.

— Para qual? — ela perguntou, porém foi rápida em ver que minha mira estava no fundo. — Não vou para lá.

— Por quê?

— Porque... — Reese hesitou antes de continuar. — Meu Deus, não. Tem um bando de homens sentados em uma mesa olhando para as funcionárias como se elas fossem um pedaço de carne.

Expirei uma porção generosa de ar.

— É... Eu sei, mas eu preciso saber algumas coisas e você ao meu lado é fundamental.

— Para me apresentar como sua?

Sua boca estava armada em deboche.

— Eu não queria estar aqui com você também, mas precisamos.

— Não, não precisamos — rebateu. — Acho engraçado que você me falou que nunca, jamais, mentiria para mim, mas é o que está fazendo.

— Não estou mentindo para você.

— Podemos voltar para o que aconteceu nas escadas? — Minhas narinas inflaram. — Você quer me proteger, mas está me arrastando para a cova dos lobos.

— Não estou te colocando lá — tentei explicar. — Se você não tem o que esconder, pode muito bem agir como se fosse minha acompanhante. Eles não vão desconfiar de você. Não terão razão. É tão difícil de entender?

— Sim — ela teimou e fechei os olhos em uma escuridão automática. — Eu juro que queria te entender, porque você é difícil. Durante o dia inteiro, tivemos um bom tempo juntos e depois me humilhou nua. Agora me compra a porra de um anel e me trata como um objeto territorial.

— Não traga para essa discussão o que aconteceu — pedi. — Por que merda você está na defensiva? Estou te protegendo.

O seu tom de pele mudou drasticamente, a raiva pinicando nas suas bochechas em um vermelho-escuro, mas ainda assim visível.

— Você está se comportando como um idiota. Mas quero ver como será agora.

Trinquei a mandíbula, vendo-a sair da mesa. Levantei-me para ir atrás, porém desisti, compreendendo que seria melhor ela amenizar um pouco os seus pensamentos.

Segui para o bar, pedindo uísque para que eu pudesse engolir o turbilhão que estava se revoltando em meu estômago.

Se ela não conseguia me entender, eu muito menos.

Estava em uma fase da minha vida que já não sabia o que esperar para mim. Saberia os motivos. Eu tinha uma reserva de castigos para me acomodar na cela dos infernos do que as pessoas poderiam esperar de mim.

Se corresse mal, poderia arrastar Reese. E era a última coisa que iria fazer com ela.

Como ela tinha dito, por ser enfermeira e ter cuidado de alguém, não deveria fazer dela um alvo. E em circunstâncias normais, nunca faria. Mas o número de coisas que havia acontecido tinha feito com que fosse propício Aurora ser uma pessoa importante, embora ela não tivesse nada a ver.

E como, porra? Como eu a tiraria desse problema?

Porque, mais cedo ou mais tarde, a mídia descobriria. O meu pai e Michael Donovan também. As pessoas saberiam e iriam aterrorizá-la. E mesmo se ela soubesse se proteger, nada seria mais feroz do que lutar sozinha.

— Que cara de bunda é essa?

Kian me fez encará-lo, após uma golada forte.

— Pensando. E você já fez o que tinha que fazer?

Ele pediu também uma bebida, sustendo seus ombros na bancada de costas.

— Aham. Duvido que o advogado saiba de alguma coisa — confessou. — Barton disse que você e ele viram o histórico da Reese e ela não tinha nada a ver. Isso não te deixa feliz? — perguntou.

Dei de ombros.

— Aliviado, talvez.

— Você parece estar simpatizando bastante com ela.

Beberiquei mais um pouco.

— Não inventa.

— Simpatizar é uma má palavra. Gostar é melhor. — A minha encarada arrancou um sorriso malicioso dele. — Não me olhe assim. A ligação entre vocês é bastante perceptível.

— Só você está vendo.

— Barton comentou o mesmo.

— Só você e ele.

— Paige disse o mesmo...

Rolei os olhos.

— Tá. Já entendi. O que você quer que eu diga? Que eu gosto dela?

Mickey balançou a cabeça.

— Você não precisa.

A sua bebida foi servida e a conversa foi embora no seu primeiro gole. Não queria prosseguir. Mickey estava vendo coisas e ele era teimoso o suficiente para manter.

— Já falaram com a Michelle?

— Sobre o quê?

— Se ela não sabe de nada sobre os arquivos, ou talvez os tenha. Tem que ser alguém de dentro.

Balancei a cabeça.

— Duvido que tenha sido ela — proclamei. — Ela teria me dito.

— Ela teria te dito porque sabe que você quer os arquivos para si? — Levantei as sobrancelhas. — Eu te conheço, Denson. A sua cara de cavalo é um espelho da sua pobre alma.

— Não banque o filósofo. — Ele sorriu. — Barton também sabe, não é?

— Claro. — Mickey bebeu do gargalo da garrafa. — Mas não vamos querer interferir no que quer que esteja planejando. É a sua vida. Você tem trinta e cinco anos de batalha para não saber as consequências de uma.

Apertei mais os dedos no copo.

— Caso eu perca ou vença.

— Sim. Se eu descobrir algo, te digo primeiro.

Assenti, exterminando a última gota do copo. Pedi por mais uma dose, ainda com os pensamentos atrelados.

As luzes diminuíram de intensidade, poucos minutos depois. O palco estava abrindo e o bando estava se ajustando na beira. A música ressoou como uma brisa e notei como Mickey mudou sua expressão de interesse.

— Eles têm bom gosto... Streets da Doja Cat.

— O que é isso? Uma bebida?

Mickey me deu uma encarada decepcionada.

— Meu Deus, cara. Em que mundo você vive?

Não tive tempo de debater com ele sobre o que quer que fosse porque a figura emblemática que surge no meio daquele palco causa um terremoto nas minhas partículas.

Reese não está sozinha no palco. Tem mais três garotas todas viradas para cada extremo da plateia, mas era ela que estava chamando a atenção. Que estava grudando meus olhos e fazendo minha mente entrar em combustão.

Que porra ela estava fazendo ali?

Ao contrário das outras mulheres que estavam usando lingerie, Aurora deveria ter pedido emprestado por um roupão de cetim vermelho. E todas as suas curvas, a sua essência, a sua sensualidade estavam ali, ajustadas na sua roupa e no olhar direcionado a mim.

Reese não se mediu em se entrelaçar na barra e sensualizar-se nela. Por momentos, questionei o motivo dela estar tão confortável em fazer isso com pessoas assistindo, porém lembrei que ela não se sentia bem sendo tocada. Ser assistida era diferente.

E, inferno, pelo jeito como seus globos não me soltaram, eu sabia que era um show particular da forma mais cruel possível apenas para mim.

Minha garganta ardeu com a revirada do álcool entalado, desejando disparar contra cada crânio que estava babando por ela.

Eu raramente a via com cabelo solto e quando tinha uma oportunidade, mais pessoas também eram incluídas na chance. Era a primeira vez que eu a via dançando de uma forma tão luxuosa e eu tinha que compartilhar a experiência com mais um bando de filhos da puta.

Bati com o copo na mesa e segui para tirá-la de lá. Estava pouco me fodendo se eu deveria deixá-la naquele palco por ela ser livre. Por saber se proteger. Mas eu não abriria mão de uma das poucas visões que eu tinha dela para que mais pessoas tivessem.

Ela poderia não ser minha e eu não tinha qualquer controle sobre ela, mesmo se fosse, mas as suas pernas nuas sob a luz do palco, os peitos salientes no roupão pelo suporte gentil do sutiã e claramente a sua bunda devorando parte da calcinha castanha — porque eu sabia que ela tinha escolhido para disfarçar no vestido branco — e deixando-a mais solta para rebolar, era algo que eu queria apenas, exclusivamente para mim.

Aurora poderia fazer a porra do pole dance em casa, desde que eu fosse o único homem por perto. O único ser vivo que respirasse para isso.

— Sai daí, *Mahesh* — exclamei, quando a distância do palco era menor.

Seus pontos acastanhados brilharam com a raiva despejada dos meus lábios e ela sorriu.

— E se eu não quiser?

— Por que merda você está fazendo isso? — perguntei irritado, trincando o maxilar e impedindo que quebrasse meus próprios ossos pela pressão.

— Talvez para que eu te humilhe, assim como você fez comigo.

— Aurora, sai daí — pedi. — Você não está me humilhando.

Ela desceu, engatinhando, seu cabelo majestosamente espalhado pelo seu ombro e sua fragrância esvoaçando estimulando o meu lado dependente da sua persona.

Estávamos sendo alvo de olhares. Eu queria arrancar cada olho de quem se atrevia a olhá-la por outros ângulos. Cada sorriso, cada olhada, cada porra de ar que ela respirava, não era de ninguém e não tinha sido feito para ninguém.

Reese não estava me humilhando.

Ela sabia que estava pisando em toda a minha arrogância.

— Implora.

— Você só pode estar brincando...

Seu olhar brilhava em luxúria e eu me permiti imaginar como seria se eles tivessem revirados, enquanto estivesse arrancando sua calcinha e a penetrando com meus dedos. Como eu o faria com ódio por ela estar sendo tão teimosa.

— Não estou. Ou você implora, ou eu não saio — sussurrou.

Senti os pares de olhos em nós e no motivo pela qual a *minha acompanhante* estava em um palco para ser vista por todos.

— Reese.

— Denson.

A curva dos seus lábios novamente foi desenhada.

E antes que ela pudesse acrescentar algo, tirei-a do palco, colocando sob meu ombro e pouco me importando pelo som raivoso que rompeu sua garganta.

Harper desferiu murros nas minhas costas, mas estava mais focado em sair dali do que a força com que ela me batia.

— Andrew, o meu vestido! — ela exclamou, o que me fez rosnar e bradar para que uma das dançarinas fosse buscá-lo. Em segundos, já estava nas minhas mãos e saí dali com o peito disparado.

No entanto, a risada de Aurora tornou-se mais alta, principalmente enquanto subíamos as escadas.

— Do que você está gargalhando?

— Da sua atitude, animal — disparou. — Você deveria me agradecer por eu ter feito um serviço mais prestável do que ficar me exibindo.

— Você se exibiu na porra do palco. O que deu em você?

— Se queria que todo mundo me visse como sua amante, bom, está feito — retrucou de forma satírica. — Não precisa me agradecer.

— Não para que ficassem engolindo você com os olhos.

— *Ups*. Foi mal.

Inalei fundo, mantendo os passos.

— Você sabe que a sua bunda está muito disponível para mim, neste momento, não é?

— É uma ameaça?

— É um aviso, Aurora.

Passei pelas mesas do cassino do piso superior, os olhares de vários dos integrantes se encontrando com os nossos, mas ninguém dizia nada. Deveria ser normal carregar uma mulher pelos ombros dentro daquelas paredes.

— Você sabe que avisos não têm efeito em mim.

— Eu me lembro de você dizer que aprende melhor com a prática. Estou considerando ir por esse caminho.

Reese ficou em silêncio, o que me fez querer sorrir já que eu sabia que era uma reação normal dela quando não tem uma resposta pronta.

Mas assim que chegamos ao corredor do shopping, e eu a coloquei no chão com cautela, presenciei um sorriso sacana em seu rosto.

— Para você, isso tudo foi engraçado?

Odiava como eu perdia o meu foco quando estava com ela. Se Aurora tivesse incendiado o cassino, eu esconderia cada cadáver por ela. Reese não precisava saber, mas a minha vida começou a ter exceções por ela ser uma. E era um sentimento que dominava cada uma das minhas células e as colocava em delírio constante.

Aurora apertava um botão em mim que me fazia sentir que nada no mundo era o suficiente.

Exceto ela.

Reese parecia ser mais do que o suficiente.

— Você não achou? — ela perguntou de volta.

— Não.

— Bom, e que tal isso?

Antes que eu pudesse interrogar, ela despiu o roupão na minha frente, um ato moderado, que não era nem tão rápido para eu não enxergar seu corpo, nem tão lento para que eu o saboreasse.

Aurora desnudou-se a ponto de ficar só com a sua lingerie castanha de renda; o sutiã sem alças e firme em seus seios com a tatuagem que me enlouquecia.

Seu colar com um pingente de cobra estava bem colocado ali, no meio.

Merda.

Esfreguei o nariz, fingindo me ocupar com algo além de apenas memorizar os detalhes do que estava sendo a minha perdição.

Reese não estava incomodada com possíveis aparecimentos de pessoas naquele lado do corredor. Ou se havia câmeras gravando cada mínimo movimento.

Ela não tirou seus olhos de mim enquanto despiu e se vestiu. E eu retribuí o olhar, com todo o tipo de sentimento que eu estava vivendo.

— Fecha.

Ela pediu, vindo até mim e ficando de costas.

Depois de inspirar, puxei-a pela cintura para que ficasse mais próxima e apertei o seu vestido que possuía pequenos ganchos atrás.

Escutei-a suspirar densamente quando toquei suas costas abertas.

Eu estava puto, mas aquilo estava me deixando de pau duro.

— Você briga comigo e pede para que eu te ajude a se vestir?

— Não parece uma reclamação.

Meu polegar rastejou para a sua lombar e pressionou. Pude sentir um sorriso divertido vindo de Reese, mesmo que não conseguisse ver.

— Porque não é.

Era tentador ver o seu pescoço, suas costas, a sua bunda. Eu ainda estava enfurecido, mas não o suficiente para não me sentir tentado por ela.

— Mas você reclamaria se fosse outra pessoa, não é?

Apertei os dois últimos botões em uma ânsia de desistir e rasgar sua roupa.

— Pode ter certeza que sim.

Reese soltou o seu cabelo, que estava ligeiramente desarrumado, e entregou-me o elástico. Eu tomei, pegando no punhado do seu cabelo e o enrolando nas minhas mãos.

— Não sou propriedade privada, Andrew.

— A nossa guerra é exclusiva, mais ninguém precisa se sentir provocado por você além de mim.

Atei seu cabelo, e ela suspirou densamente. Aproveitei o controle para puxar o seu rosto, até que ela encostasse no meu peito e seus olhos estivessem nos meus.

Se ela encostasse sua bunda, conseguiria sentir o meu volume e como não estava sendo fácil fingir que nada nela me afetava.

— Não se preocupe. Eu estava apenas te provocando. Meu ódio é exclusivo pra você. Todinho seu.

Sua boca curvou quando eu a soltei e ela saiu andando para o parque do estacionamento.

Quis responder, mas deixei a minha própria loucura guardada. Estava se tornando difícil de respirar, principalmente quando na minha cabeça passava a palavra *ciúmes*.

Eu não era ciumento, mas era só ver aquela mulher sorrir que eu sentia a necessidade de comprar o planeta para que somente eu estivesse perto para enxergar.

E, após uma lufada de ar exaustiva, fui atrás dela.

31

“Por Deus, estou ficando em guarda. Preciso cuidar do meu coração.”

On Guard, Lauren Jauregui

Harper Reese

Saí do carro de supetão, seguindo até o nosso prédio. Andrew vinha atrás e estava tão mau humorado quanto eu.

Abri a porta e iniciei a subida de degraus. Não iria olhar para ele, pois eu seria capaz de cometer erros aos quais não estava planejando.

Foi imprudente o que fiz no *Athena*, mas Andrew estava me levando para um poço de loucura e eu precisava arrastá-lo junto.

Só não imaginava que fosse impulsionar mais o estranho sentimento que as moléculas do meu corpo ficavam reféns.

Foi, de uma forma esquisita, muito bom.

— Aurora.

— O que foi?

Virei-me quando alcancei o piso do nosso apartamento. Dois degraus nos separavam.

— Nós precisamos conversar.

— Nós sempre precisamos conversar, mas nunca acontece porque você está mais interessado em fazer as coisas do seu jeito.

— Não é bem assim.

Andrew subiu os dois degraus, ficando no mesmo nível que eu.

— Sim. É pior.

Tornei a andar, já que faltava menos de dois metros para entrar no apartamento. Mas assim que iria retirar as chaves da minha bolsa, Andrew as retira da minha mão.

O tilintar dos ferros combinou com o movimento ágil com que ele envolveu a minha cintura e me prendeu contra a parede.

Eu estremeci.

E fico surpresa por não tê-lo chutado.

Apesar de estar ligeiramente embriagada pelo seu toque e como estava me acostumando, as minhas fibras ainda sentiam um ligeiro arrepio. Mas rapidamente se dissipava.

— O que eu tenho que fazer para você se acalmar e termos uma conversa razoável?

— Talvez começar a ser uma pessoa minimamente mais agradável, que não fique mudando de humor.

— Não estou mudando de humor.

— De caráter? Dá no mesmo.

Seus dedos prensaram mais no meu quadril, e se não fosse pela camada do meu vestido, teria sido um epicentro para um terremoto de escala elevada.

— O que você está fazendo comigo? — ele perguntou, causando um calafrio que rompeu minha coluna. As palavras saíram com uma intensidade absurda, mas com um peso muito maior que qualquer pergunta que ele já pudesse ter feito.

Precisei recuperar a estabilidade para prosseguir.

— Se é sobre eu subir no palco, não faço mais na próxima vez.

— Você está pensando que terá uma próxima vez?

Seu rosto tinha diminuído consideravelmente de distância e toda essa coisa de estarmos presos na parede tinha virado rotina, mas não me habituava ao alojamento de tambores na minha barriga.

— Por que não? Eu amei dançar.

— Reese.

Eu analisei como a sua barba escura cobria a sua mandíbula que aumentava a fusão de frio e calor da sua mirada. O calor subia tanto quanto descia em dois polos que chutariam qualquer tese científica.

— Cuidado que é capaz de você ter uma parada cardíaca.

— Se eu tivesse um coração, certamente aconteceria.

Com a mão fechada, Denson apoiou-se na parede por cima da minha nuca.

— Você não vai me deixar ir? — perguntei, tentando compreender até onde ele nos levaria.

— Não sei...

— Você está bêbado?

Ele ficou calado. Ergui as sobrancelhas à espera de uma resposta.

— Você estava falando sério?

— Sobre o quê? — questionei confusa.

— Eu ter te humilhado.

Ele definitivamente não parecia estar com os pensamentos em ordem.

— Já passou, Andrew. Não sou de guardar rancor. Você já teve o que merecia.

— É por isso que você disse que prefere Austin? Por que ele te trata melhor?

Meu peito ampliou, as dúvidas saltando de meus olhos para os seus.

Havia uma certa vulnerabilidade na sua voz ao me perguntar algo que parecia ter gravado na sua mente nos últimos momentos.

— Eu estava brincando hoje de manhã.

— Você pareceu estar falando sério.

— Mas não estava. — Endureci meus lábios. — Se era isso que estava te incomodando, poderia ter me dito.

— Vocês ainda estão transando?

Eu esperei encontrar um sinal de inexpressividade em seu rosto, mas Andrew estava demonstrando um pouco mais de sentimentos do que eu alguma vez tinha presenciado.

— Por quê?

— Apenas me responde.

— Não vou te responder até me dizer o que está se passando com você — disse, mas nada veio além de um torturante silêncio. — Você é inacreditável. Não deveria se importar tanto com quem eu transo ou deixei de transar.

— Só me responde — repetiu.

— Não. Eu e ele não estamos mais juntos. Pode ficar relaxado que Austin já é passado. Somos apenas amigos. Para sua alegria, estou procurando um novo candidato que não tenha um irmão mais velho chato que pense que estou querendo dar o golpe, mas infelizmente, não tem ninguém que esteja me querendo e eu queira de volta.

Quando ia sair por baixo do seu braço, ele toca no meu queixo, erguendo minha cabeça. Eu admirei e fiquei fascinada com o olhar predador e como ele pareceu dar vida a várias das minhas emoções estranhas.

— Denson — proclamei ríspida.

— E se fosse eu?

— Quê?

— E se fosse eu querendo você?

Fiquei rígida, cada grama petrificada.

A minha pressão decaiu em instantes e eu me segurei mentalmente para não mostrar o quão abalada fiquei.

— Andrew.

Era tudo o que eu conseguia dizer para não exibir a fraqueza da minha garganta.

Virei o rosto, mas os seus dedos delicadamente me viraram de volta e obrigaram a manter o contato.

— Se eu disser que te quero, você vai me querer de volta?

Precisei engolir a saliva para matar a sede que surgiu. Olhar para Andrew se tornou um martírio e uma facada em meu coração. Eu estava uma bagunça de emoções, me sentindo em um ringue em que eu estava em desvantagem.

Meus mamilos estavam sensíveis, entre as minhas pernas sentia um fio de calor e minha boca estava convidativa demais.

Não soube dominar a minha respiração, o meu batimento, as sinapses brutas que aconteciam no meu cérebro em êxtase.

Mas antes que eu fosse falar, sequer reagir ao que ele havia perguntado, Andrew se afastou.

— Você tem razão. Não tenho dormido muito bem. Esquece o que eu disse.

Não soube nem o que dizer pela sua desculpa esfarrapada, mas assenti observando-o tirar as chaves do bolso.

Também queria me justificar pela falta de sono, ou até o álcool, mas tinha ingerido o suficiente para fazer apenas adormecer uma mosca.

— Você prefere que eu encomende comida ou que eu cozinhe? — ele perguntou, após empurrar a porta.

Queria dizer o quão ridículo era ele ignorar o fato de ter me feito quebrar após uma confissão tão repentina. Como ele parecia ligeiramente mais abalado por sentimentos que floresciam em nós sem termos capacidade de controlar.

Entramos, recebendo a casa escura até eu ligar o interruptor. O meu peito ainda martelava contra minhas costelas e a voz de Andrew perguntando como *se fosse ele* confundindo meus neurônios.

— Prefiro que seja você cozinhando — respondi. — Mas está tarde, então podemos comprar alguma coisa.

— Eu vou cozinhar se é o que você quer.

— Mesmo que esteja cansado?

— Não estou. Não para você.

Tive que apertar os dedos para não ter o meu coração estourando as minhas veias e fazendo o meu sangue escorrer livremente.

Era difícil controlar certas emoções ao lado de Andrew quando ele não parecia se comportar como um fodido maldito.

— Vai se trocar enquanto eu faço algo.

Eu aquiesci, rumando para o meu quarto e respirando alto, despejando as emoções pelo oxigênio engolido e não levado aos pulmões.

Estava ficando impossível.

Estava ficando impossível viver com Denson e não sentir algo a mais que somente irritação.



Não me desfiz do vestido. Tirei os sapatos e decidi deixar Denson cozinhando sozinho enquanto eu vislumbrava a noite no sótão.

Talvez eu tenha ficado uma hora estendida no chão até eu sentir o cheiro de algo saboroso.

Sentei-me e admirei Andrew de óculos chegando com dois pratos na mão, a camisa aberta e o limite da sua cueca boxer exposto.

Ainda tinha na mente todas as vezes que ele me fez crer que me queria carnalmente, mas não poderia acreditar. Era tudo parte de um jogo que ainda estávamos batalhando em campo. Mas, naquele momento, eu jurei ter visto um Deus se servindo para mim.

Ele ofereceu-me o prato de salada russa e se sentou ao meu lado, o seu perfume pairando no ar e fui forçada a não farejar. Tinha um fraco pela sua colônia e a cada dia estava mais viciada.

Estava confusa com o tornado de emoções que estava sendo aquele dia. O momento na despensa, no banheiro e depois em frente ao apartamento. Eram indícios que nós estávamos caminhando para um tipo de relação que não poderíamos ter, sob hipótese alguma.

— Você não está com frio? — interrogou atenciosamente.

Balancei a cabeça.

— Você está?

— Não. Só não pensei que queria comer aqui. Achei que iríamos ver algum documentário.

Dei a minha primeira garfada. Saboreei como a comida daquele homem era espetacular. Eu também cozinhava. Na verdade, acreditava que fosse muito melhor do que ele. Mas não seria hipócrita em não parabenizar mentalmente como Andrew tinha os seus dotes apurados.

— Preciso terminar aquele da realeza.

— Eu acabei quando você estava dormindo. — Ele também deu a sua primeira garfada. — Nada interessante.

— Como não? Eu sei que não é propriamente algo que vai ajudar no meu futuro, mas com certeza dá vida a uma alma fofoqueira. Você já assistiu The Crown?

— O que é isso?

A testa crispada rasgou uma gargalhada suave da minha garganta.

— Uma série. Você mora em uma caverna. Não é possível. — Ele rosnou pela minha escolha de palavras. — Não me diga que eu vou te obrigar a assistir?

— Não sei se vou querer.

— Vai querer sim.

Andrew me olhou e, logo depois, retornou ao seu prato.

— Você é uma dor na minha bunda.

— Em minha defesa, você é pior.

— Você deixa bastante claro.

Denson mastigou e eu estudei suas feições, até escorregar para o fio em seu pescoço.

— Esse cordão é de prata verdadeira?

Ele parou, olhando pra baixo e meneando a cabeça.

— Sim.

— Posso tocar?

Pelas linhas costuradas de seu rosto, a negação estava muito presente, porém Andrew meneou a cabeça e eu repousei o prato no chão para ter a mão livre para tocá-lo.

Denson reagiu, porém nada muito brusco.

— Sempre que você está nervoso, mexe bastante nele — mencionei.

— Não.

— Claro que sim — contrariei. — É um hábito que você tem. Todo mundo percebe, exceto você.

— Falando em hábito, por que você anda sempre com o cabelo atado?

— Costume. No hospital, temos que estar sempre com ele preso por higiene. — Voltei a tomar o meu prato para continuar a comer. — Mas você já me viu algumas vezes com o cabelo solto.

— Sim — pontuou. — No banho.

— Não só no banho. Mas tudo bem. Pensei que entramos em um acordo silencioso de que iríamos esquecer esse incidente.

— Eu não vou.

Pela verdade que carregou na sua resposta, pareceu que Andrew tivesse memorizado os detalhes.

E não tinha sido apenas o incidente do banheiro que se tornou uma memória constante e bastante viva na minha mente. Eu procurava não ceder a essas lembranças, porém elas voltavam e drenavam meu sangue.

— É...

Não costumava ficar envergonhada, mas Andrew tinha uma personalidade que me deixava ligeiramente desnorteada. Não no mau sentido. Liberava sensações um tanto viciantes e bastante potentes que não deveria ser normal.

— Eu sinto muito, Aurora.

Levantei a cabeça para o encarar.

— Do que você está pedindo desculpas?

— O banheiro.

Ah.

— Deixa para lá.

— Não posso nem dizer que machucar você é a última coisa que faria na vida. Essa hipótese não existe. Eu não estava pensando direito.

A tempestuosidade em seus olhos sugou minhas palavras. O reflexo da noite neles enquanto ele dizia algo tão simbólico para mim, roubou meu ar.

E eu preferi acreditar em silêncio.

— Coma antes que esfrie — proferiu ele.

— Sim, eu vou. — Tornei a garfar a comida. — Você é sempre tão mandão.

— Não diria isso se...

— Estivesse no exército. É. Já entendi, Denson.

— Na verdade, ia falar sobre outra situação, mas não quero te assustar.

Meu Deus.

Andrew liberou uma gargalhada grave quando percebeu a minha expressão. Ele dominou cada um dos meus sentidos, balanceando com as minhas células e dando um novo funcionamento ao meu sistema.

— Você se daria bem com a minha mãe. Assim como ela, o seu rosto reflete muito o que está pensando — declarou espontaneamente, torcendo o meu coração por surpresa.

— Oh...

Vistoriei seu rosto que não esboçava nenhuma emoção que pudesse ser negativa.

— Que cara é essa, Aurora?

— São poucas as vezes que tanto você, Axel ou Austin mencionam sobre ela.

Andrew não se surpreendeu pela minha asserção, mas visivelmente notou como houve alguma lacuna entre nós.

— O que você sabe?

— Axel apenas me contou a causa da morte dela.

Se ele tentou disfarçar a dor, falhou miseravelmente. Parecia que estava dentro de um carro e o meu pé acidentalmente pisou no acelerador e rompeu com o motor.

— Eles eram novos. Não tinham tanto apego a Kathelyn, o que foi bom. Diminuiu a dor deles.

— E a sua?

As suas esferas poetizaram melancolia e vi a noite sendo absorvida nas suas íris e devorada pela sua alma. Doeu encará-lo. Doeu ver como a dor dentro dele era humana. Obscura. Viva.

Ela tinha ossos, pele e um coração que sobrevivia em seu corpo. Vi como era amargo e destruidor algo que estava dentro dele.

— E você? Eu também não te vejo falando sobre os seus pais — mencionou suavemente.

— Não é um dos meus assuntos favoritos — confessei, estudando o céu. — Apesar de eu pensar muito neles e ter mais saudades do que poderia imaginar.

— Você tem família?

— Sim. Uma grande, por sinal. Tenho uma irmã mais velha também.

— Você...

— Não — cortei. — Não falo com eles há anos.

Poderia adicionar o fato de eu ter me afastado por egoísmo, por medo de me quebrar novamente sem os meus pais por perto.

Os meus avós, tios, primos e até mesmo a minha irmã ainda me amavam, mesmo que eu tenha sido uma filha da puta ingrata quando me quiseram abraçar para afagar a minha dor. Eu tinha vergonha de olhar para eles depois de tanto tempo, mas gostaria. Queria voltar a ser ligada a eles.

E eu sabia que a causa não era somente os meus pais. Ainda me lembrava de Cloan Reese. Daquela casa. Das mãos. Do meu choro silencioso. *Do frio.*

Não conseguia encarar os meus familiares por razões que me atormentavam.

E pensar que no dia seguinte faria oito anos da morte deles, meu coração chorava lágrimas que eu não teria coragem de deixar escorrer.

— Aurora, você está bem?

A calma apaziguou a tempestade sufocante que ia se instalando no meu sistema. Assim como o vento da noite, a voz de Denson era refrescante e um torpor.

— Estou. Às vezes, tenho más recordações. Mas nada em especial.

Andrew me estudou anatomicamente.

— Más recordações sobre a sua família?

— Não exatamente. Não é algo que você se importe, ao menos. — Um grunhido soltou da sua boca e eu franzi a testa, interrogativa. — O que foi?

— Nada. — Ele limpou o queixo com o dorso da mão. — Já terminei.

— Já? — Ao erguer novamente a cabeça, Andrew já estava se preparando para ir embora. — Você está chateado?

Ele não me respondeu, seus traços ainda enrijecidos. Queria rir alto, contudo aproveitei para voltar para dentro juntamente com ele.

— Não faça birra.

— Não estou fazendo — reclamou cortante, bagunçando os seus cabelos. — Preciso dormir. Amanhã vou sair cedo.

— Hum, é verdade. Você vai viajar... Não parecia estar preocupado em dormir há minutos — provoquei, descendo as escadas atrás dele, porém Denson mantinha a sua expressão estoica.

Portanto, dei passos largos para ficar de frente pra ele e apontei o garfo na sua direção. Um músculo sequer moveu do seu semblante.

— Se não me disser o que se passa, irei enfiar o garfo na sua garganta. — Levantei a sobrancelha, mas Andrew ainda me examinava como se eu fosse patética. Talvez eu estivesse sendo. — Não vai reagir?

— Quer que eu também enfie algo em você, Aurora? Eu me surpreendo com os seus pedidos.

— Não isso, babaca. Só não sei se disse algo errado e...

— Você não disse. Estou cansado. Apenas.

Andrew empurrou a porta de casa e esperou que eu entrasse para fechá-la. Rumamos para a cozinha onde deixamos os pratos e um bocejo foi o bastante para que eu soubesse que deveria me enfiar na cama.

Mas antes que eu pudesse seguir o meu trajeto até o quarto, ele me puxou e deslizou a sua mão na lateral do meu rosto. O meu coração foi asfixiado e torturado de uma maneira prazerosa.

— Eu me importo. Cada milímetro, suspiro, lágrima... Eu me importo com cada coisa que venha de você. Espero que durma pensando nisso.

Foram palavras murmuradas em um tom gutural que quebraram mais um pouco das minhas barreiras. Andrew estava conseguindo quebrar várias. E era terrivelmente assustador.

Completando, o beijo na testa e o farejo no meu pescoço, antes de ir para o seu quarto incutiu dopamina em alto calibre no meu sangue.

Eu dormi pensando.

Eu sonhei pensando até demais.

32

“Eu só quero ser o melhor de mim, mesmo que às vezes eu esqueça de respirar para que eu possa ser o melhor para você.”

Changes, Justin Bieber

Harper Reese

Dor.

Era o que estava se apoderando do meu peito.

Era o que estava fervendo o meu sangue, a uma temperatura desumana e o bastante para me implodir.

Se eu pensava que iria conseguir passar aquele dia sem ter a minha mente fritando, eu estava redondamente enganada.

Eu ainda sentia a dor da morte dos meus pais e sempre que chegava a data pensava nos milhares de motivos para não poder mais estudar as estrelas juntamente com eles.

Tinha dito a Denson que havia se tornado uma data comum para mim, mas foi só olhar para o visor do meu celular que a lembrança do dia acidente dos meus pais retornou.

Era uma data que eu não sabia muito bem o que fazer. Não era comum. Não era algo que eu queria ignorar, mas também não gostaria de reviver.

Queria prestigiá-los, contar quem eu me tornei e na imensidão de situações que tinha enfrentado e superado, porém desejava dormir o suficiente para que a meia noite do dia seguinte chegasse. Mas eu mal tinha conseguido dormir.

Andrew acordou cedo. Esperei que ele tomasse a ducha e saísse de casa para poder me levantar. Não sabia exatamente o que fazer, mas precisava me distrair. Não queria assistir documentários. Iria lembrar-me da minha família reunida nas sextas. Poderia ir até o cemitério, porém a probabilidade de encontrar a minha irmã ou os meus familiares não ajudava na decisão.

Eu poderia chorar. Talvez me fizesse bem. Era algo que eu raramente fazia. Nem mesmo quando soube que eles tinham falecido, eu chorei. Por mais que os meus olhos ameaçassem soltar o oceano, por mais que o meu coração estrangulasse e impulsionasse um jato de sangue capaz de alimentar cem leões, eu não derramei qualquer lágrima.

Fui até o banheiro fazer a minha higiene matinal e logo que cheguei na cozinha para comer, vi o café da manhã já preparado.

Eu comi, um tanto chorosa por ter alguém que se preocupava comigo para me deixar comida na mesa antes de viajar.

Ele era patético. Não estava agradecida.

Logo depois, sentei-me no sofá com uma calculadora, uma caneca com café e folhas.

Era o que iria manter a minha mente ocupada: resolvendo teorias que nem os gênios tinham conseguido.

Cálculos que certamente eu nunca encontraria uma resposta, porém me distraíam. Era o bastante.

Eu não tinha um amor fanático pela astrofísica, no entanto não deixava de ser algum tipo de amor pelo legado dos meus pais.

No momento que iria começar, o meu celular vibrou. Petrifiquei-me com receio que fosse Vanessa, mas era uma mensagem de Andrew.

Andrew: *Está tudo bem com você?*

Ergui a sobrancelha.

Eu: *Sim.*

Andrew: *Não precisa mentir.*

Eu: *Eu apenas respondi.*

Andrew: *Se você não tivesse respondido, eu teria acreditado que sim.*

Balancei a cabeça, apertando o meu lápis e o agitando. Denson poderia ser insuportável, embora eu gostasse da sua preocupação genuína.

Andrew: *Eu deixei pra você o café da manhã.*

Eu: *Eu vi e já falei ao vizinho do lado para que caso sinta um cheiro de cadáver, o culpado foi você.*

Andrew: *Coma.*

Revirei os olhos.

Eu: *O vizinho? Com certeza.*

Mordi o lábio inferior esperando pela sua resposta, mas foi depois de minutos que o celular tornou a vibrar e a mensagem piscou.

Andrew: *Não saia.*

Pisquei confusa, mas a minha atenção foi capturada pelo nome de Paige que surgiu no visor.

— Oi...

— Harper, é você?

— A própria.

— Por Deus, quase não te reconhecia. — Os gritos infantis abafavam a voz da minha amiga. — Desculpa. Estou levando os meus sobrinhos à escola. O meu irmão pediu.

— Tudo bem.

— Você está livre hoje? Estava pensando em sair à noite já que amanhã terei folga.

Pensei em como era uma situação tão proposital para o meu dia. Poderia aceitar e beber até cair para esquecer em como eu morria de saudades de ter os meus pais ao meu lado.

Mas balancei a cabeça antes mesmo de soltar a negação.

— Hoje não, Paige. Tenho coisas para resolver.

— Como surtar com um certo colega de casa?

Folguei uma risada.

— Poderia ser, mas não. Ele vai passar o dia fora. Estou com a casa só para mim.

De repente, a ideia de pegar alguém aleatoriamente para ter uma foda alcançou a ligação entre os meus neurônios. Usei tantas vezes o sexo como um anestésico. Não havia barreiras para não o fazer daquela vez. Já que Andrew não estaria em casa, eu não seria traiçoeira.

— Ah, então aproveita bastante. Se diverte. Arrebenta as camisinhas dele para que seja mais rápido tê-lo fora de casa.

Dei uma gargalhada genuína.

— Nunca faria isso, pelo amor de Deus.

— Ainda bem porque seria horrível. — Paige interrompeu para gritar com as crianças. — Vou chegar no trabalho cansada por causa desses fedelhos.

— É um bom exercício matinal.

— Pois é. — Pausa. — A sua voz está trêmula. Está tudo bem?

Funguei, coçando a nuca.

— Está sim.

— Hum... — Pude ouvir as engrenagens de Paige funcionarem, mas não foram colocadas em ação. — Falamos depois. Se você mudar de ideia, avisa.

— Eu aviso — concluí, antes da chamada dar por terminada.

Sondei a sala que se encontrava em um silêncio profundo e assustador. Queria colocar alguma música para animar, ou mesmo ligar a TV por mais que eu não quisesse assistir, mas havia algo dentro de mim que ainda exclamava o quanto eu estava sozinha. E como uma parte de mim necessitava dessa solidão, mas outra precisava de alguém por perto.

Depois de indecisões, decidi ir ao planetário. Era o que eu precisava. Mesmo que já conhecesse as sessões e toda a narrativa que o instrutor iria declamar, eu sentia conforto.

Dirigi-me até o quarto para me vestir. Assim que estava preparada, rumei novamente a sala para pegar o meu celular. No entanto, a tranca roubou a minha atenção e a estrutura humana que adentrou fisgou o meu fôlego.

Tive que pestanejar múltiplas vezes para que eu entendesse que Andrew estava entrando ofegante, com os olhos arregalados e emotivos.

Deveria ser digno de uma stand up a expressão de palhaça ao vê-lo fechar a porta, pousar uma sacola na bancada e seguir até mim.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei, respirando mais pela boca do que pelo nariz.

— Essa também é a minha casa — ele pronunciou com um toque de humor.

— Não é nesse sentido que estou falando. Você disse que ia passar o dia fora. Que teria uma reunião importante.

— A única coisa importante no momento é você.

Meu peito gaguejou, uma nota falhando no seu ritmo que já era descompassado.

Precisei enrolar os dedos no limite da minha blusa para sentir algo real.

— Andrew... — Ele tirou o paletó, cruzando as mangas da camisa preta enquanto ainda me analisava. — Andrew, vai embora. Você tem mais coisas com o que se preocupar. Não fica aqui.

— Não vou — articulou.

— É por causa do vizinho? Eu estava brincando.

— Agora é tarde demais.

Não soube interpretar como um tom de humor ou de verdade, mas pelo seu rosto descontraído e os seus passos leves, soube que era ironia.

— Você está obcecado por mim? Não deveria. Você me odeia — rebati com a traqueia colocando obstáculos na saída de ar.

Ele bufou.

— Se você quer que eu diga que te odeio, então sim, eu te odeio. Mas saiba que é apenas uma ideia da sua cabeça. Em nenhum momento te odiei ou algo parecido — confidenciou.

— Mas eu sim — respondi de imediato.

Andrew ignorou, raspando seus dedos pela nuca.

— O que você quer fazer? — ele questionou.

Pregueei a testa, ainda mais confusa.

— Você realmente não está brincando sobre ficar aqui?

— O que eu já falei sobre brincar com você? Não é algo que eu faça ou queira fazer.

— Então, por que você faria isso?

— Por que você acha? — perguntou de volta. Seus olhos ganharam uma expressividade que catalisou minhas células.

— Não quero ser o motivo para depois você ficar chateado por não ter seguido a sua rotina — justifiquei, evitando mostrar emoção. — Eu estou bem.

— Você é a minha rotina, Reese. Essa reunião pode esperar. Qualquer coisa que não seja *você* pode esperar. — Andrew abriu os botões da camisa como se os seus dedos traduzissem os seus sentimentos e me fitou. — Você gosta de muffins, não é? Vamos fazer. Talvez isso te anime. Vi uma receita ontem à noite. Vou só trocar de roupa antes.

Precisei segurar as lágrimas, apertando mais a mão contra a minha blusa. Inspirei o oxigênio sendo a minha fonte vital, mas não a única. Andrew, de repente, se tornou um pilar essencial para mim. Naquele segundo. Somente.

Uma receita. Ontem à noite. Rotina.

Qualquer coisa que não seja você pode esperar.

Não queria deixar de ver tudo aquilo como um jogo, mas era impossível quando ele trazia tanta certeza no que dizia.

Analisei as suas costas, os ossos se movendo à medida que ele caminhava para a cozinha depois da sua troca rápida de roupas. Denson vestia a típica *t-shirt* com a calça moletom.

Me recompus para rumar até à cozinha também. Eu estava sendo borrifada por emoções que não estavam no pacote diurno assim que acordei. Estava sentindo tudo exceto melancolia.

— Não estou triste — disse como se confirmasse as minhas dúvidas.

— Mas você não está sorrindo — constatou.

— Não tenho motivos para sorrir, Andrew. Nunca tive muitos. Não há nada que você possa fazer.

— Estou tentando — ele disse, ignorando o meu tom cortante. — Mas se precisar que eu faça algo mais, me diga.

— Se eu te pedir que mate alguém, você o faria? — brinquei, levantando as sobrancelhas em um desafio. Quis revirar os olhos, por mais que no fundo estivesse vibrando.

— Quem? — Andrew encurtou a distância. — Quem eu devo matar para colocar um sorriso em você?

Falhei na inspiração seguinte. Na batida seguinte. No segundo seguinte.

Tudo o que era para acontecer depois foi paralisado pela questão sem hesitação de Andrew.

Não poderia rir por não encontrar vestígios de comédia em seu semblante. Era pura seriedade. Até a sua forma física tornou-se algo que me fez questionar o quão crível eram as suas palavras.

— Meu Deus... — Tentei me recuperar, apoiando-me na bancada. — Você está louco. É melhor tratarmos dos muffins.

Ele riu pelo nariz levemente, seguindo para o lado contrário da cozinha. Eu estava respirando por outros lugares que não era a minha boca e nariz e, por isso, o oxigênio seguia por vias que desestabilizavam meu sistema.

— O que você comprou para fazer? — questionei, abrindo a sacola.

Ao meu lado, Andrew colocava o avental.

— Farinha de trigo, mais ovos e alguns limões. Acho que o restante temos aqui.

Dirigi-me até os armários para retirar os recheios.

— Quero colocar chocolate, mas vou juntar com isso aqui.

— Você vai colocar leite condensado?

— Uhum. Gosto bastante. — Abri a lata e mergulhei o dedo nela. Pouco me importei com a higiene reduzida da ação. — Talvez também coloque veneno, já que eu sei que você ama sentir o perigo.

Andrew torceu os lábios, encarando o leite condensado ainda em dúvida, como se lesse mentalmente a receita que deveria ter decorado na noite anterior.

Mergulhei um outro dedo na lata e apontei-a para o seu peito.

— Quer provar?

— O perigo?

Revirei os olhos.

— O leite condensado.

Ele olhou para o recipiente, contudo foi no meu dedo que a sua boca se deliciou.

Demorei a compreender o que estava acontecendo e assim que as sinapses se concretizaram, um arrepio viciante instalou-se na minha espinha e estremeceu a coluna.

— Denson... — murmurei em um pedido silencioso para que ele não parasse.

Ele lambeu mais um pouco, e o toque da sua língua pelo meu dedo fez com que o meu ventre parecesse capotar. Se era possível ou não, eu não sabia nem estava tentando saber. Era verdadeiramente íntimo e até anti-higiênico, mas nenhum de nós estava querendo parar.

Pelo menos, não eu.

— Acho que vai ficar bom nos muffins — disse, se afastando um pouco, após bagunçar minha mente.

Ele rondou o seu dedo na borda da lata que tinha um pouco do líquido escorrendo, e antes que Denson fosse tornar a lamber, eu o imitei.

A minha boca chupou seu dedo e ele demorou a reagir, entendendo o que eu estava fazendo. Subi o meu olhar para Andrew que torceu os lábios de forma sacana.

— Você já não tinha provado? — ele perguntou, com o seu timbre de humor e tantas intenções.

— Sempre bom provar pela segunda vez.

O que surgiu em seu olhar foi puro fogo. Mas, logo depois de percorrer lentamente meu rosto, seus olhos travaram por detrás dos meus ombros e ele seguiu para tirar os utensílios da cozinha.

Inalei o ar que, obviamente, possuía a relíquia aromática de Andrew. O seu cheiro apoderou-se, como sempre, em meu sistema e me vi mais uma vez viciada no que parecia ser a melhor das drogas.

Estava aprendendo o seu jogo, mas talvez isso fosse virar contra mim.

— É a primeira vez que vou fazer algum doce.

Girei os tornozelos.

— Sério? — Andrew confirmou em um menear de cabeça. — Eu cozinhava muitas vezes com a minha mãe. Mas ela preferia comer os da *Sweet Muffins*, então comprava-os quase todas as sextas quando retornava do trabalho.

A feição de Andrew trancou e pude observar a transição dos seus pensamentos. Ele colocou os utensílios na bancada e ocupou as mãos em abrir o pacote de leite e de farinha.

— É por isso que você não consegue entrar na loja?

Pestanejei em descrença.

— Não!... — disparei atordoada. — Como... De onde você tirou essa ideia?

— Porque várias vezes vi você hesitando em entrar na loja. Por isso que comecei a trazer. Deu para perceber o quanto você gosta, mas não tinha coragem para entrar.

— Não é por causa da minha mãe.

— Qual é a razão?

Balancei a cabeça, estalando os dedos e arrumando o que fazer para tratar dos muffins.

— Não tem.

— Você está franzindo o nariz, Reese.

Pisquei confusa.

— O que tem?

— Algo que você faz sempre que mente ou está irritada.

— Deve ser a segunda opção.

— Poderia ser se você estivesse olhando para mim.

O encarei, com a mente completa de imagens que eu pensei ter varrido para longe. Como explicar a Andrew algo que abriria a minha alma e o meu coração? Algo que me deixaria tão vulnerável e mostraria o contrário de quem eu me moldava para ser?

Mas eu não queria. Não por agora. Talvez nunca.

Portanto, encolhi os ombros e elevei o queixo.

— Agora eu estou.

Ele não prolongou a conversa, assentindo e raspando os dedos pelos nós do cabelo.

— Eu juro que nunca conheci uma pessoa mais teimosa que você.

— Você reclama, mas continua aqui.

Andrew elevou um sorrisinho, transparecendo as suas covinhas. Queria morder as suas bochechas.

— Você está destruindo o meu gelo, Aurora. Espero que consiga lidar com o meu coração caso ele caia nas suas mãos.

— Irei esmagá-lo.

— Pode fazer o que quiser já que ele seria todo seu. — Denson despejou a farinha no medidor tranquilamente. — Mas, por enquanto, deixe essa cara feia e vamos acabar com isso.

— Está bem.

Estava confusa devido às minhas indas e vindas ao céu pelas suas confissões.

O que ele estava fazendo comigo?

— Você estava se preparando para sair, é? — ele ignorou, mas ciente de que o meu rosto era de admiração, desconfiança e sutil conforto. Eu assenti. — Ia para onde? Posso te levar.

— Planetário.

Aproximei-me, espalmando as mãos na bancada o observando digitar a senha do celular e abrir a receita enquanto os últimos resquícios da farinha eram colocados.

— Costumava ir com os seus pais? — Voltei a oscilar a cabeça. — Nunca fui.

— É muito lindo. Ótimo para um encontro, por sinal.

— Já te levaram lá em um encontro? — perguntou dando uma breve olhada na minha feição, escuras intenções em seus olhos que me fizeram questionar em possíveis ciúmes.

— Já sim. Inclusive, transei no lugar — adicionei brincalhona.

Ele revirou os olhos, suspirando em ressonância com um: — Claro.

— É talvez o meu local preferido — continuei. — Sou apaixonada, especialmente pela sessão de auroras. Mas só vi apenas uma vez. Não costumam fazer com tanta frequência.

— Essa sua fixação por auroras é real?

Dei uma mínima risada, coletando o pacote de açúcar para o entregar. Ele estava indo muito bem na receita sem eu interferir.

— *Era* real. Inclusive, tinha uma obsessão por viajar até a Noruega só para poder ver. Mas perdi a vontade nos últimos anos.

— Hum... — Andrew reclinou-se e apoiou os cotovelos na bancada, me tornando o seu campo de visão. — Podemos ir hoje.

— Onde?

— Noruega.

— Quê? — Disparei uma risada barulhenta quando notei a sua expressão séria. — Não é na esquina. É um país. Do outro lado do mundo.

— Eu tive Geografia básica na escola.

— Nós não vamos! — exclamei e a sua testa enrugou. — Não.

— Por quê?

— Por quê? — perguntei de volta, gesticulando confusa. — Você faz isso o tempo todo? Viajar apenas porque quer? Porque não é exatamente o tipo de coisa que eu faço já que não sou rica.

— Mas eu sou, por isso que vou pagar — explicou. — Consigo duas passagens antes do almoço e...

— Não, Denson! Não! — interrompi. — Vamos ao planetário. É o suficiente. Não quero viajar com você. Deus me livre.

Denson assentiu, rindo nasalmente e se impulsionando a ficar ereto outra vez.

Não queria o machucar, ou seja lá o que poderia ter feito, mas aquilo era demais. Precisava de tempo para entender o que estava acontecendo entre nós. Viajar não estava na equação, de forma alguma.

— Vamos terminar isso e ir ao planetário — continuei exigindo, o coração batendo e chutando as minhas costelas. Optei por também colocar as mãos na massa ao invés de o encarar. — E não é um encontro!

Não consegui entender o motivo de gritar e, pela expressão de Denson, nem ele compreendeu.

— Não estou te convidando para um encontro. Não faria isso.

Curvei meus lábios.

— Ainda bem.

Ele tornou a ocupar-se com os muffins e eu o auxiliei em silêncio.



Eu amava o planetário com todas as minhas forças. Era uma casa para mim. Um lugar que eu tinha afeto e uma enorme dedicação. Ele contava as histórias das estrelas, o começo do que era visto como infinito e teorias que faziam a minha cabeça explodir.

Era impossível não ficar emocionada sempre que me sentava e encarava o teto onde magníficos desenhos interestelares eram projetados.

De soslaio, olhei para Andrew que estava ao meu lado, os braços cruzados no peito, a carrancuda presa em seu rosto e as pernas esticadas alavancando a sua pose de criatura feroz. Mas os seus orbes estavam grudados e ligeiramente arregalados pelas imagens que passavam na tela oca.

Já tinha ido ao planetário com outras pessoas, inclusive com a escola, quando era mais nova e a minha família. Contudo, era a primeira vez que eu ia com um cara que não estava tentando enfiar a mão na minha saia ou medindo os meus seios.

— O que está achando? — perguntei em um sussurro, reclinando a cabeça para o lado.

— É interessante — murmurou, focalizando-se em mim. — Não é como se fosse ser útil para alguma coisa na vida, mas dá para passar o tempo.

— Você ganha conhecimento sobre o universo. Sobre o que há além da nossa rotina, em como a nossa vida é mera insignificância aos bilhões de anos que já se passaram e ainda vão passar. É algo útil.

— Não deveria ser intimidante saber que sou insignificante e nunca sei o que poderá acontecer por viver em um *lugar* completamente desconhecido?

— Sim, mas também pode te dar ânimo a querer viver mais e conhecer algo novo para compensar os bilhões de anos que você nunca viverá.

— Não me parece dar ânimo o fato que poderei ser engolido por um buraco negro.

Dei uma risadinha fraca.

— Não aparece assim do nada, babaca. Não vai acontecer. Pode ficar relaxado.

— Eu sei disso. Sei o básico da física, mas não me relaxa.

Ele traçou um sorriso fraco que cobria a sua insegurança, e eu me recostei no seu ombro evitando gargalhar mais alto.

— É vindo aqui que noto como um infinito é algo fora da nossa concepção, como pequenas coisas que damos tanta importância não deveriam tomar tanto o nosso tempo e esforço — continuei. — Mas também vejo como tem tanta coisa bela, tão fascinante que chega a ser terrivelmente assustador se encantar ou se perder pela dimensão de desconhecimento.

Um silêncio estratificou-se entre nós e fui obrigada a pedir por uma reação de Andrew que sondava meu rosto como se eu tivesse as próprias estrelas em cada olho.

Ele não disse nada e eu não fui capaz de sustentar a encarada por mais tempo, focando na *Laniakea*, um superaglomerado de galáxias que estava sendo projetado na tela.

Ajustei-me no braço da cadeira que era dividida com o banco de Andrew. Ele ocupava a maior parte, e eu evitava encostar as nossas peles. No entanto, ele tinha um ímã que atraía cada articulação que compunha os meus ossos para si.

E eu quis procurar pela sua mão. Realmente quis, mas precisei parar para não me arrepender.

Mas acabei colocando o meu braço por cima do dele e um suspiro recheado de humor vazou dos seus lábios. Ele não tirou e foi como se

concordasse que eu pudesse tocá-lo daquela maneira.

— Você realmente não está achando entediante? — perguntei nervosa.

— Se você quiser ir embora, eu te levo. — Abanei a cabeça. — Então não fique preocupada comigo. Faremos o que você quer.

— Você nunca me diria isso se hoje não fosse o aniversário da morte dos meus pais.

— Você não me vê como uma pessoa boa, não é?

Seu timbre era como uma rocha quebrada, levada por transformações que a fizeram ficar menos concreta.

— Não é isso...

— Então, é o quê?

Fiquei relutante em responder já que não conseguia ler pela sua inexpressividade se ele estava chateado ou não.

— Não sei. Você nunca agiu assim. É só isso — disse rápido, perdendo o ar no caminho.

— Nunca agi assim com ninguém — Andrew falou. Ele estava concordando? Refutando? Fiquei sem entender. Demorou para que as suas palavras completassem e o impacto tremeu meu coração e roubou um pedacinho para si: — Nenhuma outra pessoa me faz querer ser melhor como você. E eu sei que é difícil de entender. Nem eu me entendo na maioria das vezes. Mas é bom, Reese. É bom como eu me sinto um homem diferente e tento ser uma pessoa completa para você.

Ele não esperou que eu dissesse algo.

Não esperou nenhuma reação minha. Talvez nem quisesse.

Andrew somente se virou e tornou a recostar a cabeça no banco, enxergando a tela que agora contava sobre as mais de cem milhões de estrelas que compunham a Via Láctea.

Essas cem milhões de estrelas certamente estavam dentro de mim, naquele instante.

Eu contei mais de cem milhões de estrelas que explodiram no meu estômago.

Eu contei uma galáxia imensa que substituiu meu coração cavalcando como um animal feliz. Eu estava me sentindo feliz.

Eu fiquei feliz em escutá-lo confessar algo tão sincero. Genuíno. Verdadeiro. Eu escutei a verdade na sua voz e aquilo fez com que cem milhões de estrelas não fossem nada ao que ele me proporcionou com cem palavras.

Cem palavras que eu decorei, guardei e repeti incessantemente.

Não queria sentir.

Mas eu senti. Muito.

E guardei para mim.

Fingi não me importar. No entanto, por dentro, o meu lado mais sensível pedia para que ele continuasse a ser uma pessoa completa para mim.

Apenas. Exclusivamente para mim.

Durou mais alguns minutos para que a sessão terminasse. Ao contrário de Andrew que mantinha os olhos sobre mim, eu me esquivei dos seus até sairmos do edifício.

— Para onde você quer ir agora?

Dei de ombros.

— Não sei...

— Podemos ir para casa se você quiser.

O cuidado na sua voz ainda amenizava as batidas cardíacas. Cautelosa. Macia. Amigável.

— Não quero. Ainda não.

— Posso te levar para algum lugar. — Olhei para Andrew encostando-se na moto, porém não durou muito até Andrew me analisar e encarar o seu veículo. — Ah... Tem um lugar incrível que você vai amar.

— Não estou gostando desse olhar — rebati, pegando no meu capacete e o examinando. — É como se você estivesse me convidando para morrer.

O sorriso de lado que desenhou em seu rosto arrepiou minha espinha.

— Talvez eu esteja.

33

“Em algum lugar que eu não posso escapar, eu estou fugindo de mim mesmo. Em algum lugar entre estar apaixonado e quebrado, eu estou no inferno.”

Again, Noah Cyrus & XXXtentacion

Harper Reese

Estávamos na Ponte L.

A maior e mais movimentada ponte do país que fazia ligação direta de Merley City e Fokley. O mar estava revoltado, uma enorme tempestade estava por vir e eu poderia escutar as ondas proclamando a sua chegada.

Não era capaz de ouvir os meus pensamentos pelo tráfego barulhento e o vento feroz ecoando como um lobo ferido.

— Pelo amor de Deus, Andrew, o que nós vamos fazer? — disse em exaltação para que ele pudesse me ouvir.

Nos encontrávamos no último caminho pedestre antes de dar à ponte. Tínhamos saído da moto e tirado nossos capacetes, contudo Andrew não havia dito para sairmos dali. Ele estava tramando algo.

— Já pilotou uma moto alguma vez?

— Não tenho carteira para pilotar uma — respondi como se fosse óbvio. — Não estaria me submetendo a andar com você se tivesse.

— Você poderia conduzir ilegalmente — exclamou, sorrindo como se tivesse sido bem alimentado.

Ele estava com esse sorriso no rosto desde que saímos do planetário.

Canalha.

— Sou uma boa cidadã.

— Hoje vai perder o seu título. — Denson deu duas palmadas na garupa. — Suba.

— O quê? Está louco? Na frente?

— Sim, Reese. Anda. Não vamos perder tempo.

— Mas eu não sei como funciona. Nunca conduzi uma moto.

— Eu ouvi na primeira vez — disse e o queixo indicou para o veículo. — Vem. Vou te explicar.

Respirei fundo, quase sendo tombada pelo ar que pareceu criar um redemoinho nos meus pulmões pela força bruta da quase noite.

O crepúsculo estava chegando, portanto os tons alaranjados já pincelavam pela cidade e o oceano refletia a mistura de tons prazerosa para qualquer olhar. Era uma vista de outro mundo estar na ponte com a paisagem das grandes casas e prédios empilhados.

— Suba. — Fiz o que ele disse receosa. Andrew deu pequenos passos para que pudesse ficar ao meu lado e pegou em minhas mãos. — Você não precisa saber tudo. Só o suficiente para não morrermos.

Estreitei o olhar na sua direção visualizando o divertimento bailando nas suas íris.

— Engraçadinho.

— Vou te ensinar como manusear e quais os controles básicos. Você aprende rápido, não é? — Assenti. Eu absorvia os conhecimentos como se o meu cérebro fosse uma esponja e tudo ao meu redor fosse água. Mas isso também me confundia muitas vezes. — Então, o pedal do câmbio que fica aqui vai reduzir ou aumentar a marcha sempre que você tiver a embreagem pressionada e...

Escutei com atenção tudo o que ele dizia. Denson explicou com calma e se preocupando com a minha atenção. Não conseguia entender o que ele tinha na cabeça para me deixar conduzir a sua moto, especialmente numa ponte movimentada.

— Você tem que sentir. É como se estivesse cavalgando.

— Não, não é.

Ele riu pelo nariz.

— Vamos fingir que sim — pontuou. — Você tem que sentir a vibração, o motor. A moto fala com você. Sempre. Ela vira uma parte do seu corpo. Se você vai para a direita, ela também vai. Se você vai para a esquerda, ela também vai. Se você para, ela também para. Ela enxerga e sente como se fosse o seu coração batendo e você precisa estar ciente que é você que a comanda e a leva para onde quer ir. Entendeu?

Ele falava perto de mim e, mesmo que fosse um hábito termos as nossas bocas tão próximas, naquele momento, eu apreciei um pouco mais.

— Você entendeu, Reese?

Levantei os olhos.

— Claro.

— Bom saber já que você parecia estar decorando mais a minha boca do que a minha explicação.

— Leitura labial. Aprendo fácil.

— Quê?

— Ah, você sabe. Bocas e assim. Fico mais concentrada — respondi.

Percebi, quando um lampejo de covinhas apareceu em seu rosto, o quão patética eu tinha soado.

— Tenha cuidado com as palavras que você usa, coração. Porque hoje eu quero me comportar como um bom homem.

A ameaça maliciosa saltou entre as sílabas em um timbre rouco, o que me fez arrepiar.

— Hoje? — Antes que tivesse tempo de filtrar: — E amanhã?

— O que falamos sobre perguntas que você não vai querer ouvir a resposta? Muito menos que eu coloque em prática. — Mal tive tempo de processar, pois ele enlaçou o braço na minha cintura e puxou-me para a garupa. — Desculpa te tocar sem avisar, mas você precisa subir para sairmos antes que eu realmente te coma em um espaço público.

Assenti, sem saber o que dizer. Eu estava ficando sem palavras. Sempre que ele me dizia algo assim, eu não sabia o que dizer. O que diabos

se passava comigo?

Andrew explicou um pouco mais, indicando o que tinha no lado direito e esquerdo, e o medo desapareceu quando ele disse que estava brincando e não tinha como acontecer nada porque ele estaria aqui.

Os carros na ponte deixaram de parecer tenebrosos e eram pedregulhos que seriam fáceis de esquivar. Andei durante alguns minutos na moto para me preparar e deu certo.

— Acha que está pronta? — Andrew perguntou, pegando no seu capacete, e esperou que eu colocasse o meu.

— Acho que sim. — Apertei a embreagem da moto, com o motor desligado. — Eu não teria tanta confiança em mim.

— Mas eu tenho. — Denson subiu na garupa. — Estarei aqui. Não vai haver problema.

Andrew enganchou contra os meus quadris, as pernas recostando na minha. Ele se inclinou juntamente comigo e agarrou no guidão.

— O que você está fazendo? Não vou pilotar? — questionei.

— Você vai. — Ele puxou as minhas mãos e as suas repousaram por cima das minhas. — Só vou dar uma ajudinha.

— Andrew, isso não vai correr bem...

— Eu quero te fazer sentir. Quero te dar essa experiência. Pronta? — interrogou exaltante.

Ele ligou o motor e um ruído descansou em meus tímpanos. A moto claramente não foi feita para estarmos naquela posição, mas, de alguma forma, estávamos apertados e cabíamos perfeitamente.

Meneei a cabeça, inalando o máximo de ar possível e quando me dei conta, engatei o pé no pedal. Andrew fechou as nossas mãos e deu partida.

Primeiro começamos lentamente, mas o bastante para não dar lugar a um tráfico ou buzinas indesejadas. Desviamos de alguns veículos e seguíamos em quilômetros de horas prudentes e dentro da lei.

Até que os meus músculos retesaram e o som do motor embrulhou meu ventre, fertilizando picadas pelos meus ossos.

Ele estava acelerando.

— Andrew?

— Não vai acontecer nada.

Denson não disse mais nada e o pulso do meu coração, do meu corpo aquecendo, sendo uma fonte de calor ambulante e inchando a traqueia pela saliva escassa foi o bastante para eu saber que estávamos ultrapassando os limites.

— Mantém firme. Continua com o pé no freio — pediu.

Fiz o que ele disse e permaneci, embora tremendo.

A adrenalina corroeu minhas veias. O meu estômago liquidificou-se ao manobramos os carros e inclinarmos a moto em ângulos desumanos. Os gritinhos que saíam da minha boca se fundiram com o vento, que nos acompanhava com a mesma rapidez. Tive que fechar os olhos, as lágrimas ondulando na borda.

Era perigoso.

Não tinha por onde segurar além de confiar em como Andrew estava manuseando a minha mão e o pedal firme por baixo do meu pé. Todos os meus sentidos ativaram com a dopamina cristalizando meus órgãos e pulsando o meu coração como uma orquestra.

Era intenso.

O meu fôlego inchava meus músculos e repelia a tranquilidade. Era pior do que estar em uma montanha-russa e a queda parecia ser o nosso fim. Mas era excitante, me deixando viciada nos momentos de desviar dos carros, escutar as revoltas por parte dos condutores e as ondas furiosas do mar.

Eu nunca tinha sentido algo tão vivo. Nunca tinha vivenciado o perigo de uma forma tão pura. Até a ponta dos dedos dos meus pés estava sentindo.

Era laranja.

O Sol descendo por detrás dos prédios, os rastros laranjas, a tela acromática dos mais variados tipos da cor. Foi como cheirar, beijar, falar com o céu.

A velocidade diminuiu assim que o final da ponte ficou à deriva e iríamos passar pelo pedágio. Era impossível dar um nome para a desordem que era os meus batimentos cardíacos. Eu já não tinha um coração. Tinha uma bomba no seu limite ou um buraco engolindo meus órgãos. O alívio

comandou meus músculos que distenderam juntamente com os tendões e soltaram suspiros.

— Isso foi uma loucura! — exclamei. Estava em completo êxtase. Se me pedissem para descrever um orgasmo, eu certamente diria que era a mesma coisa de estar sendo pilotada pelo Andrew na frente de uma moto. — Você é louco!

Não conseguia vê-lo, mas sabia que os seus lábios pontearam um sorriso.

Seguimos pela via e abrandamos um pouco pelo impedimento do semáforo. Com a adrenalina gradualmente diminuindo, pude respirar e olhar em volta com mais cuidado.

Admirei Merley e como tinha saudades da calamidade que a cidade era. Eu trabalhava na cidade há dois anos, porém podia contar nos dedos quantas vezes tinha desbravado as ruas.

O hospital não era muito longe e ponderei pedir a Andrew para aproveitarmos e irmos até lá e visitar as minhas amigas. Contudo, elas iriam fazer muitas questões em relação à presença de Denson e se descobrissem quem ele era, seria um tiroteio de pedidos de histórias que nunca aconteceram. Elas amavam criar romances nas suas cabeças e viviam a sua imaginação como um filme.

— Do que você está rindo? — Andrew questionou, a voz batendo de frente com o seu capacete e saindo abafada até mim.

— Ainda estou bastante eufórica com o que aconteceu. Nunca tinha sentido nada assim.

— Isso ainda não foi nada. Eu quero te fazer sentir mais — confessou, criando um caminho turbulento para o meu músculo cardíaco. — Mas não aqui. Precisamos parar em algum lugar.

Arrancamos no instante em que a luz verde piscou e rumamos pela estrada. Andrew quis aumentar mais a velocidade, porém assim que pressionamos a embreagem, tivemos que parar pela repentina aparição de uma garota.

Por uma questão de sorte, conseguimos travar a moto, mas a garota caiu de bunda na estrada pelo susto.

Instintivamente, saí da moto, retirando o capacete e corri para ajudar.

— Meu Deus, você está bem? — indaguei, agachando ao seu lado para analisá-la.

A garota de cabelos castanhos e olhos esverdeados tinha o rosto contorcido e gemia de dor, mas disfarçou com um sorriso claramente digno de um Oscar e oscilou a cabeça.

— Estou bem. Não se preocupe — articulou.

— Lauren!

Um grito grave coagiu-me a girar a cabeça procurando pelo interlocutor. Um cara alto e loiro correu na nossa direção. Por ímpeto, levantei-me e dei lugar a ele para que ajudasse Lauren.

— Ela está bem? — Andrew interpelou ao aproximar-se de nós três.

Os carros contornavam a via para que não houvesse um congestionamento.

— Que porra aconteceu aqui?! — O garoto colocou-se de pé novamente e confrontou Denson. — Você a atropelou?

— Ela estava atravessando no momento que íamos passar — Andrew explicou com calma, ao passo que o cara rosnava em fúria, ajudando a garota a se levantar.

— Devia ter mais atenção, merda! — vociferou.

— Calma, Jason! Pelo amor de Deus, eu não morri — Lauren proferiu, pondo-se direita e sacudindo as suas calças dos resquícios do chão.

— Mas podia! — Ele fechou os punhos e rumou na direção de Andrew com o sangue fervilhando em seu rosto. — Se tivesse acontecido algo com ela, eu juro que...

— Você jura o quê, fedelho? — Andrew rebateu com a mesma dose de raiva, a sua paciência esvaziando em um ápice.

— Carl Jason Smith! Pare com isso!

Lauren bateu no seu ombro e o afastou de Andrew. Eu me coloquei de frente e esperei que os orbes furiosos do dito Jason pousassem em mim.

Merda.

Os seus olhos eram lindos. A cor âmbar já era algo raro de se ver no meu dia-a-dia, mas, no seu caso, pareciam ter sido delicadamente

pincelados para transmitirem um mar de sentimentos e te transbordar fundo nele.

Eram tão transparentes que eu poderia ver o meu reflexo melhor do que qualquer espelho. Ao mesmo tempo que pareciam raivosos, também aparentavam ser frágeis como vidro.

— Era eu que estava conduzindo. — Pude perceber os ombros de Jason desaparecendo e a sua mão abriu. — Peço desculpas, Lauren.

— Tudo bem. Eu cáí pelo susto. — Ela deu uma breve olhada em Jason que ainda tinha o seu rosto trancado e o queixo retesado. — Eu que deveria pedir desculpas pelo incômodo.

— Não foi incômodo nenhum — Andrew acrescentou fuzilando Jason que soltou um grunhido repleto de cólera e bagunçou os seus cabelos.

— Vamos, linda.

Jason começou a andar e Lauren acenou para nós antes de ir embora. Notei como ele beijou o seu nariz e ela pareceu surpresa com a ação.

Fofos. Pareciam ser um casal feliz.

— Aquele fedelho ia comprar briga comigo?

Dei uma risada, virando para Andrew que também os observava, mas o seu foco se locomoveu e desceu até o meu encontro. O seu semblante sisudo caiu em fragmentos no chão e deu lugar a um sorriso singelo.

— Parece que ia.

— Filho do puta. — Ele me admirou por mais um pouco. — Vamos? Quero te levar pra comer alguma coisa. Acredito que esteja com fome.

Andrew inclinou a cabeça indicando a moto e eu meneei a minha.

— Sim. Vou querer algo.



Já estava de noite.

O vento arrefeceu e a temperatura eram lascas de gelo penetrando na minha pele. Sentia que ia chover. Eu e Andrew estávamos na grama

encarando o céu como se não tivéssemos que voltar para casa antes que a tempestade chegasse.

Tinha acabado de comer as minhas batatas e o meu hambúrguer. Denson tinha comprado somente uma salada para si. Quase ri da sua cara pelo fato de ele entrar numa loja de fast food para comer *salada*.

As minhas mãos estavam ocupadas em esfregar a sua nuca suavemente, o fazendo gemer algumas vezes por satisfação. Notei como Andrew gostava de cafuné, portanto ele ocupou o meu colo com a sua cabeça para que eu pudesse trabalhar nela.

Nos encontrávamos naquela posição havia alguns minutos, contudo, eu poderia me manter ali pela eternidade.

— Espera, o seu sonho era ser sócia da *Sweet Muffins*?

— Sim. — Ele riu. — É sério. Eu achava que, quando era mais nova, se eu fosse sócia teria direito a comer qualquer coisa deles sem precisar pagar.

— E você pode?

— Não sei. Só sendo sócia para saber.

— Quando eu era mais novo, queria ser fotógrafo — declarou. — Ou jogador de tênis.

— Um Andrew tenista, hein?

Escorreguei mais fundo os dedos entre os seus nós capilares e ele murmurou: — *Porra, Harper. Suas mãos... Que delícia.*

Tive que me conter para não comprimir as pernas.

— Quem diria, não é? — continuou. — A minha mãe quase convenceu Anthony para que eu tivesse treinos, mas ela não conseguiu.

Precisei me esforçar para lembrar que Anthony era seu pai.

— Então, você só desistiu?

— Não tinha muito o que fazer... Mas, inclusive — Andrew levantou-se e pegou na sua pequena mochila. Ele retirou a câmera preta —, eu trouxe comigo. A minha mãe me ofereceu quando fiz os meus quinze anos.

— Ela é meio velha. Dá para ver.

O sorriso travesso de Andrew embrulhou o meu coração como um saco de box sendo terrivelmente espancado.

— Você gosta muito de me insultar, não é?

— Só disse que a câmera é velha, mas se você se sente ofendido, não tenho culpa. — Ele focou a câmera e disparou me fazendo piscar os olhos.

— Você acabou de tirar uma foto minha?

— Parece que sim. — Ele olhou para o objeto. — Ela ainda funciona, mas certamente não é o mesmo que antes.

— Talvez você precise comprar uma nova.

— Eu poderia, mas estou satisfeito com essa. — Os seus olhos estavam perdidos no objeto, mas desprenderam-se para me olhar. — Posso?

Ele indicou novamente para o meu colo e eu assenti, colocando-me novamente na posição. Andrew deitou-se na posição dorsal e a cabeça plantou no limite das minhas coxas suavemente. A câmera foi colocada de lado.

— Onde estávamos?

— Você dizendo que queria ser tenista.

— Bom, mas o foco não sou eu, e sim você.

— Nem tudo é sobre mim.

— Estaria sendo um tédio se tudo não fosse sobre você — ele proferiu, tornando a usar suas palavras como armas. — Era sobre ser sócia do *Sweet Muffins*. O que te fez desistir do sonho?

— Por ser impossível talvez?

— Nada é.

— Você fala isso por ser rico e ter todos os privilégios existentes nesse mundo. Mas não é assim para todos, principalmente para mim. — Suspirei. — Mas você também tem um ponto se pensarmos em outra perspectiva. Eu achava que nunca seria capaz de terminar a faculdade, mas consegui e ainda como melhor aluna. Fui logo contratada, fiz vários estágios e tenho uma vida estável por isso. Então, concordo com você em certas partes.

— Essa é a minha garota — Andrew pronunciou com os olhos fechados e a boca curvada me fazendo sorrir minuciosamente.

Ele tinha usado *minha*. Ele pronunciou como se eu realmente fosse dele. Como se eu sempre tivesse sido dele. E foi estranho como aceitei sem rebater. Se tivesse sido outra pessoa, eu teria ralhado. Teria saído dali sem pensar. Mas eu achei reconfortante ouvir *minha garota*.

Não parecia que no dia seguinte iríamos voltar a entrar na zona vermelha e discutir sem fim. Aquilo não estava sendo bom, apesar de eu estar me sentindo nas nuvens. Eu iria me arrepender, embora eu ainda ousasse em ter um pouco mais daqueles minutos.

Ainda quis perguntar se ele não gostaria de voltar atrás pelo que disse, mas Denson parecia estar em um outro mundo enquanto acariciava a sua nuca.

— Você chegou a fazer faculdade? — perguntei, amenizando o vulcão dentro de mim.

— Sim. Na verdade, sou doutor.

Abri a boca em surpresa.

— Sério?

— Você achou o quê? Faço parte do departamento de tecnologia. Preciso ter formação.

— Formou na Academia?

Ele balançou a cabeça.

— Fiz na faculdade de Fokley e depois o mestrado e doutorado na Alemanha, onde fiquei por um tempo. Sendo bem sincero, poderia ter ficado sem fazer. Mas eu quis, já que não sabia durante quanto tempo trabalharia para Anthony.

— Pelo que eu sei das notícias, parte da empresa é sua também. Você praticamente expandiu a *Denson Empire*.

— Você pede para que eu não investigue sobre você, mas pesquisa sobre mim?

— Você é uma pessoa pública. O seu patrimônio deve estar na internet se eu for mais a fundo. Eu sou uma desconhecida. É completamente diferente.

Ele levantou as sobrancelhas.

— Você tem um ponto.

Andrew cerrou a boca, a mandíbula acidificando-se como se fosse esculpida no mais forte dos metais. A noite personificou-se em seus traços, parecendo uma corrida de estrelas nas linhas de expressão endurecidas.

— As coisas com o meu *pai* e tudo relacionado a ele são complicadas. Quando tentava me afastar, só me puxava mais. Não gosto de fazer parte disso. E se eu pudesse, teria me afastado, mas tenho objetivos e não penso em desistir deles.

Vi como o clima havia pesado na nuvem invisível de Andrew. Decidi mudar de assunto.

— Teve a sua fase rebelde também?

Os seus ombros deixaram de estar pesados como pedra.

— Você teve?

Levantei a sobrancelha. Ele realmente não sabia nada sobre mim? Aquilo me confortou. Andrew tinha me respeitado.

Verguei um sorriso.

— Não é algo que eu me orgulhe, mas tive os meus dias maus.

— Por causa da morte dos seus pais?

Oscilei a cabeça, embora soubesse que Andrew não estava me vendo, mas ele pareceu sentir.

— Eu saí de casa assim que fiz dezoito anos. — Denson abriu um dos olhos, a sua atenção direcionada somente a mim. — Foi muito repentino para mim, aos dezessete, ficar órfã. Eu amava os meus pais, mas, acima de tudo, eu tinha uma confiança muito grande neles. Eu me sentia protegida com eles ao meu lado. Quando soube do acidente, eu me vi perdida. Muita coisa que eu tinha guardado para mim voltou. E voltou de uma maneira que me assustou e me fez me tornar uma outra pessoa diferente em um instante. Criei minhas próprias defesas, o meu jeito de agir para que eu não ficasse tão desprotegida quanto era sem os meus pais.

— Imagino que tenha sido uma fase complicada.

— Ainda é. — Eu falava enquanto continuava a massagear a nuca de Andrew. — A minha irmã me telefona todas as semanas e eu nunca atendo. Não consigo.

— Por medo?

— Por saber que irei me desarmar quando a ver novamente — expliquei. — Eu tenho saudades. Muitas. Eu seria muito feliz em voltar a falar com ela, mas... Não sei. Não sei mesmo.

Desabafar sobre isso com Andrew trouxe uma porção aliviante de sentimentos. Apesar de eu não querer admitir, eu tinha tantas saudades dela que se transformava em agulhas no meu estômago qualquer lembrança que eu possuía de nós duas.

— Ela deve estar orgulhosa de você.

— Sim... Eu espero que sim.

— As tatuagens que você tem foram feitas nessa época?

As minhas pupilas dilataram assim que escutei a palavra *tatuagens*.

— Sim! — disse empolgada. — Fiz algumas com dezesseis anos, mas a que eu tenho nas costas e a da minha perna foram feitas depois que eu terminei a faculdade.

— A do peito tem algum significado especial? — indagou curioso.

— Tem... A minha mãe costumava me dizer que eu era feita de fases e todas elas me levavam a um único objetivo: ser inteira e iluminada. Foi uma metáfora muito estranha para mim já que a Lua, aos nossos olhos, é um ciclo eterno. Mas eu entendi que muitas vezes você decai, ou perde o seu brilho, mas eventualmente voltará. Você voltará a ser inteiro. — Relaxei os meus ombros e liberei a adesão de memórias antigas da minha mãe. — Todas as minhas tatuagens têm um significado.

— Eu gosto mais dela do que das outras — Andrew respondeu.

— Pelo desenho ou por estar localizada entre os meus seios?

— Eu aprecio arte, Aurora. Então, com certeza os seus seios.

Gargalhei alto. Não me senti incomodada, muito menos constrangida por saber que ele tinha olhado ou gostava de olhar. Até porque seria hipócrita da minha parte dizer que nunca tinha admirado o seu corpo, especialmente no incidente do banheiro.

— Você é ridículo.

Raspei os dedos pela sua nuca de modo que ele mordesse os seus lábios e soltasse um gemido frouxo.

— Nunca amei tanto uma mão na minha cabeça — rumorejou.

— Que bom que é a cabeça de cima porque a debaixo certamente esmagaria sem dó.

— Eu iria amar da mesma forma.

Revirei os olhos evitando sorrir desgraçadamente pela sua piada de mau gosto.

— E as suas tatuagens? Por que nos pulsos?

— Fiz em ato de rebeldia também. O meu pai não é o maior fã de tatuagens, então decidi fazê-lo para contradizer. Na maioria das vezes, ando com os pulsos descobertos, por isso era o local ideal para que ele visse.

A sua confissão foi dita com uma porção de raiva resguardada. Parecia que, a qualquer momento, ele iria chorar de sangue ou gritar de dor. Os seus punhos fecharam e a sua boca retesou possivelmente pelo combate com os seus pensamentos.

— O que ele fez, Andrew? Por que você tem tanto ódio dele? — Denson encarou-me durante longos segundos como se pedisse para que eu não fosse por esse caminho. Para que eu não o lembrasse. — Desculpa. Você não precisa me contar. Eu respeito.

Ele respirou fundo, o seu silêncio me trazendo uma sensação estranha.

— Vem cá — ele pediu quase em silêncio.

Ainda deitado, ele levantou o braço e a sua mão descansou na lateral do meu rosto, me puxando com delicadeza ao encontro dele.

Letargicamente, abaixei a cabeça, comprometendo-me a segurar o olhar até os nossos rostos estarem a milímetros de distância

E, de repente, a sua mão subiu para a minha nuca e desmanchou o meu cabelo amarrado. Como cortinas, ele caiu pelos lados e colocou-nos em um casulo.

Escutei as suas batidas. A sua respiração. Os seus pensamentos.

Foi impossível não desejar entrar na sua alma e decorá-la para me lembrar em todos os momentos que ele não tivesse comigo.

E Andrew me olhava como se eu fosse a razão pela qual as estrelas se mantinham no céu.

Então, ele beijou a minha testa. Fechei os olhos aproveitando o momento, memorizando-o em todas as fotografias mentais possíveis.

Emoldurei-as, coloquei-as em um lugar que a minha mente pudesse sempre buscar.

Aquele toque.

Aquele maldito toque criou um universo em meu peito.

Infinito. Belo. E terrivelmente assustador.

— Andrew... — murmurei. — Precisamos ir.

De imediato, levantei a cabeça. Capturei ar para não morrer sufocada pelo desnorreamento do meu cérebro.

— Está tudo bem?

— Sim. Vai chover daqui a pouco. Temos que ir.

Fechei a minha jaqueta, já que tinha somente uma blusa branca de alças por baixo. A calça cinza que eu vestia tinha um rasgo estratégico nos joelhos, por isso, o frio contatava a minha pele e gelava-a.

Ele não insistiu. A primeira pergunta pareceu ser apenas por educação, pois ele se levantou e vestiu o seu moletom.

Ainda não tinha avaliado como Andrew de roupas casuais era absurdamente lindo. As mãos nos bolsos, a calça de moletom preta combinando com o suéter cinza.

— Quer pilotar?

Abanei a cabeça, mirando a moto de cores pretas e vermelhas.

— Posso ir atrás.

Eu e ele montamos depois de colocarmos o capacete. Entrelacei os braços na sua cintura com receio, estudando as costas largas de Andrew.

— Reese, se segure em mim.

— Não vou cair.

— Eu sei que não, mas te quero colada a mim.

Quis rebater, mas assim que ele deu partida, senti a necessidade de apertar mais os meus dedos no tecido do seu moletom e inalar ainda mais o seu cheiro.

Estava ficando viciada.

Novamente, a cidade tornou-se um borrão de luzes amareladas e colorações azuladas.

— Merda, vai começar a chover.

A frase saiu capotando pelo ar, mas consegui pegá-la.

— Não acelera — pedi.

— Preciso, se você quer chegar em casa.

— Ainda podemos ter um acidente! Andrew!

A chuva foi ficando mais forte e já estávamos no meio da ponte. Não podíamos simplesmente voltar atrás, já que eu tinha uma casa em Merley e poderíamos ficar lá durante um tempo.

Ainda faríamos quilômetros até chegar ao apartamento. Felizmente, conseguimos dropar o trânsito que havia se instalado pela chuva repentina.

— Provavelmente não vamos chegar em casa — relembrei.

Não sabia se ele conseguia me escutar, mas fazia o esforço de falar. Andrew não respondeu, por ora. Mas a sua cabeça assentiu como se dissesse que sabia o que fazer.

Notei que, ao sairmos da ponte, Andrew não tomou a via que levava até em casa.

— Onde estamos indo?

— Você vai ver.

Ele diminuiu a velocidade, porém a pressa ainda tremia em seus ossos porque a tempestade só tendia a piorar. Estava com frio e assustada, por isso, esmaguei ainda mais os meus braços ao seu redor. Tive receio que o machucasse, mas Andrew não reclamou e seguiu.

Em poucos minutos, estávamos de frente a prédios mais baixos comparativamente aos do centro da cidade. Andrew levou a moto até perto da garagem e desligou quase ao mesmo tempo.

— Vamos ficar aqui — ele disse em uma interpretação de ordem. Não poderia contestar já que seria suicídio andar de moto pelas estradas fatais de Fokley em um torrencial.

— É a casa de quem?

— Do Mickey.

Andrew deu uma corridinha até o prédio e eu fui junto. Ele tocou a campainha que apenas pela menção do “sou eu” a porta foi aberta. Subimos dois pisos até à porta já aberta.

— Cara, entra. Não sabia que você vinha.

Wada admirou-se ao mover os olhos de Andrew para mim. Com alguma dificuldade, levantei a mão tremelizando pelo frio intenso entranhado em cada poro do meu ser.

— Oi, Harper.

— Oi — disse timidamente.

Não era uma atitude comum da minha parte chegar na casa de alguém para passar a noite. Eu evitava, já que tinha más recordações, cruas e vividas, de momentos anteriores.

— Podemos dormir aqui? — Denson perguntou.

— Claro, parceiro.

Mickey deu brecha para que entrássemos. Inclinei a cabeça como um agradecimento e tracei o mesmo trajeto que Andrew até a sala. A porta foi fechada e o trinco retumbou pela casa.

— Você trouxe a moto? Posso andar?

A olhada fria de Andrew fez estremecer a casa.

— Não.

Mickey sorriu.

— Porra. Achei que era dessa vez. — Sua olhada caiu em mim. — Como você está?

— Bem — respondi.

— E Paige?

Ah, claro.

— Chama ela pra sair e ela te diz.

Wada não gostou da minha resposta, pois o seu rosto ficou corado.

— Eu vou continuar a dormir. Amanhã tenho que estar às seis no Instituto. Se precisarem de algo, não me acordem. — Espumei uma risadinha e Andrew balançou a cabeça pelo atrevimento de Kian. — E não transem na sala. Têm a cozinha e o banheiro para o fazer.

— Vai se foder — Andrew rosnou e eu desviei o foco deles para o chão.

— Vai você — disse brincalhão. — As mantas estão na sala dos armários. Podem ir buscar.

Ele indicou antes de sair da porta de divisória da sala e do corredor.

— Paige e Mickey têm algo, não é?

— Mais ou menos. Os dois conversam apenas por mensagens. Nada sério. Eles estão com medo.

— Hum — Andrew murmurou pensativo, mas sua expressão logo mudou. — Tira as roupas. Preciso colocar para secar. Você está molhada. Vou buscar umas mantas. Já volto.

Assenti, o vendo partir.

Escaneei os arredores ainda com a mente em desordem. Uma TV de plasma de grandes polegadas, uma vista incrível para a cidade em janelas retangulares de grande dimensão, uma mesa de centro a centímetros de distância de um sofá bege de diâmetros favoráveis para poder dormir confortável.

Só pela sala poderia constatar que Mickey vivia sozinho. E certamente há bastante tempo. Pude constatar pelo molho de revistas na mesinha que eram da época da minha adolescência.

Tirei as calças e a jaqueta, ficando apenas de calcinha, uma blusa e com meias. Soltei o cabelo que tinha algumas pontas úmidas e outras não.

Ainda tinha o meu coração acelerado como se o motor da moto tivesse sido cirurgicamente implantado no meu peito. As emoções aumentavam pelos incontáveis momentos que tive durante os últimos dias com Andrew.

Estava me sentindo bem. Confiante. Confortável.

Era algo que ninguém me transmitia de forma tão tenra, suave e com a proporção certa de afeto.

Aquele sentimento, para mim, era irreal. O significado dele era muito distante para eu querer correr atrás ou esperar que viesse até mim.

Mas eu estava sentindo fagulhas dele. Pequenas migalhas que me deixavam mais ansiosa para ter um pouco mais.

— Você quer alguma coisa?

Saí do torpor, rodando a cabeça para o ver jogar a manta no sofá e dando uma estudada rápida pela minha silhueta. Ele não demorou, no entanto deixou rastros da sua presença por cada célula minha.

Seus olhos tinham um tipo de fome contida. Mas ele estava disfarçando, em uma atuação amadora devido ao número de vezes que engolia em seco e esperava que eu não notasse o seu desequilíbrio interior.

Eu não gostava de dormir na casa de outras pessoas. E eu odiava estar semi-nua. Pela junção de duas coisas que detestava, eu deveria ter outro tipo de reação. Mas não aconteceu.

Não sabia dizer se era porque eu já tinha ficado nua para Andrew. Talvez por ele já ter me visto apenas de lingerie e eu ter permitido. Não sabia dizer se era porque estávamos em uma maré calma de sentimentos que me traziam algo bom.

Não sabia dizer a mim mesma o motivo para que eu, já há um bom tempo, me sentia extremamente confortável ao seu lado.

Eu estava bem. Eu ficava bem com Andrew.

E eu não tinha uma explicação. Ou, pelo menos, não queria saber qual era.

— Austin também te ligou?

Pisquei.

— Não que eu tenha visto. Eu não olhei muito para o celular. Por quê?

— Estou com trocentas chamadas perdidas dele.

— Deve ser importante.

— Ou o que aconteceu no cassino chegou até ele.

— Ah.

Fazia sentido.

— O que você vai dizer?

— A verdade.

— Que verdade? — perguntei, na expectativa que ele me respondesse, mas o seu silêncio foi eterno.

Andrew começou a tirar o suéter e as calças. E quando eu achei que ele fosse ficar com a t-shirt, ele também a tirou. Abri a boca por incredulidade, mas não pelo fato de ele estar quase nu para mim, e sim pelas cicatrizes nas suas costas.

Não eram quaisquer umas. Identifiquei-as como cicatrizes profundas, que facilmente teriam compenetrado a pele e atingido alguns ossos, porém haviam sido tratadas de forma natural ou com algumas pomadas, possivelmente não receitadas pela demora em curar.

Perguntei-me como não tinha visto em nenhum momento em casa, mas lembrei como Andrew nunca andou de costas abertas. Ou evitava virar-se de costas para mim. Tive apenas uma oportunidade e foi no momento do banho, mas não houve tempo para analisar a sua coluna porque ele havia virado em um segundo.

— Você não precisa ficar surpresa quando já viu pior no hospital — argumentou, buscando o meu olhar injetado por preocupação e uma curiosidade aguda.

— Mas nenhuma das pessoas era você — disse, sem ser capaz de filtrar o meu rápido pensamento.

A sua musculação facial passou por um tipo de descongelamento.

— Você está preocupada, Reese?

Eu iria balançar a cabeça em negação se a pergunta fosse feita dias atrás, mas eu não soube ignorar as minhas vozes interiores e caminhei até ele, deixando meus dedos trilharem pela sua coluna, logo depois dele virar.

Andrew cerrou os olhos, degustando do meu toque como se fosse um pedaço de nuvens.

— Deve ter machucado muito... E são antigas. O seu corpo não estava formado quando aconteceu — mencionei, continuando a dedilhar. Denson não falava nada. — Foi cruel. O que fizeram com você... Lamento muito.

O som do relâmpago estrondou entre nós, e eu jurei que tinha atingido ambos os nossos corações.

Libertei-me da sua pele e ele tornou a abrir as pálpebras. Seu olhar parecia desejar mostrar mais do que ele tinha dentro de si, mas a película permanecia para ocultar.

— Você não vai perguntar o motivo? — indagou em oitavas baixas. — Se perguntar, eu respondo. Partilho sobre essa parte de mim com você.

Eu sabia que sim. Sabia que Andrew me diria o que tinha acontecido, porém eu acreditava que era consequência do momento. Estávamos

manipulados por emoções acrescidas desde de manhã. Passamos muito tempo juntos e deu a ilusão de uma maior profundidade entre nós.

Eu me arrependeria amanhã.

Aquilo parecia ser íntimo demais para ser compartilhado comigo. Eu não era a indicada.

Portanto, abanei a cabeça.

— Não. Fica para depois. — Eu não estava com medo. Queria acreditar que não. Embrulhei-me na manta. — Eu posso dormir no chão.

— Está brincando? Aurora, você está morrendo de frio. Vem cá.

Ele esticou a outra manta no sofá e dobrou-a de modo que desse permissão para que eu entrasse.

— Vamos dormir juntos? Está fora de questão. Não é a cama grande do hotel. É um sofá.

— Está dentro da questão. Nós não temos como nos aquecer.

— Posso me aquecer sozinha. — Andrew estreitou o olhar. — Não nesse sentido, seu canalha.

— Anda, vem. É só essa noite. Amanhã você estará livre de mim.

Respirei fundo e entrei na manta juntamente com a que eu já tinha em mãos.

Denson desligou o interruptor, e a luz da cidade era a nossa única fonte de iluminação. O som da trovoada repescava os meus medos pelo modo como o céu externava a sua raiva e queria derrubar o mundo.

Andrew deitou-se ao meu lado com um braço esticado ao alto e o outro me puxando pela cintura para ficar mais próximo. Um pequeno gemido abafado vazou das nossas bocas ao ter os nossos corpos encostados, as pélvis se roçando em uma fricção suave.

— Assim está ótimo — rumorejou.

Abri a manta que eu tinha embrulhado em meu corpo e estiquei-a para que cobrisse o seu corpo também.

Andrew agradeceu em uma dedilhada suave na lombar. Ele girava os dedos em círculos ou movimentava-os como se tocasse piano.

Como se eu fosse um instrumento favorito que ele gostava de cuidar.

E, Deus, eu desejava ser tocada mais vezes por ele. Meus pulmões se enchiam dessa vontade cada vez maior.

E eu cedi.

Não lutei contra o instinto de me aninhar em seu peito e pedir para adormecer com o seu calor. Andrew moveu a sua mão até os meus quadris que continuava desenhando carícias maldosamente gostosas.

Eu desci minha mão para as suas costas, sentindo a pele deformada das linhas das suas feridas e acariciei-as.

Durante minutos, eu e ele aproveitamos o corpo um do outro para nos aquecermos.

Mesmo que nenhum de nós ousasse confessar, nós sabíamos.

Nós sentíamos.

Nós vivíamos.

— Você ainda tem.

— O quê?

— O anel.

Tinha?

Ele pegou na minha mão livre e puxou o meu dedo ocupado pelo anel.

Não tinha notado como não o havia tirado, nem quando tomei banho.

— Eu gostei dele.

— Posso te comprar outro.

Permaneci com o olhar no seu peito, embora não fosse o melhor lugar.

— Para que eu continue sendo sua?

— Você não vai querer ouvir a minha resposta.

Eu queria, mas, ao mesmo tempo, tinha receio. Por isso deixei a conversa morrer, embora ele continuasse movimentando o meu dedo e tocando no anel com carinho. Até que parou e permaneceu somente brincando com os meus quadris.

— Gosto do seu cheiro — disparei.

As narinas de Andrew dilataram em uma risada nasalada.

— É do gel de banho — murmurou na sua entoação grave. Estava perto demais. O seu hálito quente atravessava a minha nuca e um calafrio crepitava minha espinha.

Eu praticamente podia mastigar a sua voz. E estranhamente parecia ser delicioso.

— O frasco transparente?

— Esse mesmo.

— Posso usar quando chegarmos?

— Pode.

— Sério?

Levantei um pouco a cabeça.

— Se quiser usar...

— Você me deixaria usar algo que é seu? Uau.

— Eu sempre te deixo usar.

— Na verdade, não. Você dizia que eu não podia tocar nas suas coisas.

— Isso foi quando você invadiu o meu quarto.

— Teve aquela vez que você não me deixou tocar na câmera que estava na bancada.

Notei como a sua feição mudou e ele ficou pensativo.

— É...

— A-há! Você é uma pessoa inflexível e fria. Isso é um traço de caráter muito memorável seu.

O seu rosto sucumbiu e as pálpebras pesaram, trazendo uma taciturnidade nas linhas de expressão.

— Você me acha frio?

A pergunta poderia ser facilmente respondida se não fosse pela preocupação evidente em querer saber a resposta.

— Você se importa com o que eu acho?

— Sim.

Ele não hesitou, o que me fez ponderar antes de continuar.

— Não te acho frio — eu disse. — É só o seu jeitinho, mas eu... Eu me dou bem.

— Não te incomoda?

— Não mais.

Vi os seus olhos brilharem como se a galáxia tivesse crescido neles. Ele reclinou-se para que os nossos rostos pudessem estar simetricamente na mesma altura e eu receei o seu movimento seguinte.

Ele iria me beijar?

A voltagem do meu coração era um tremendo crime.

— Você precisa parar de fingir que vai me beijar — confessei, estrangulada pela força bruta do meu músculo cardíaco.

Ele riu nasalmente.

Riu.

— Vou parar de fingir.

Não soube como interpretar o que ele queria me dizer com aquilo, mesmo que parecesse óbvio.

Tive que afastar o rosto e girar para amparar a testa no topo do seu peito. Escutei o seu coração tão barulhento quanto o meu. Todo o sangue acumulado no peito como uma máquina a vapor.

Eu queria morar ali.

Construir toda a minha vida naquele sofá, enrolada naqueles braços.

Era idiota, eu sabia. Não podia. Não era suposto. Mas um pedacinho daquele dia ficaria eternizado em toda a minha pele pelo resto da vida.

— Você está quente?

Meneei a cabeça.

— Suas mãos são calorosas. Você é quente. É bom.

— Ainda bem, coração.

E ele beijou a minha nuca.

— Obrigada por hoje.

— De nada.

Fechei os olhos e rezei baixinho para que o sono chegasse.

— Boa noite, Denson.

— Boa noite, Reese.

34

“Então estou armando minhas defesas porque eu não quero me apaixonar.
Se alguma vez fizesse isso, acho que teria um ataque cardíaco.”

Heart Attack, Demi Lovato

Harper Reese

Espremi os olhos ao acordar, a luz incandescente do Sol atravessava as janelas.

Não parecia que no dia anterior havia chovido forte, e eu dormia em um sofá com mantas que não eram minhas.

Estiquei a perna por ter o espaço livre. Andrew tinha saído do sofá, não fazia poucas horas. Acordei com a sua mão afastando-se da minha pele e, por pouco, não implorei para que ele continuasse deitado ao meu lado.

O seu corpo ergueu como se fosse uma estátua gloriosa. Cada detalhe foi uma armadilha para os meus olhos ainda meio adormecidos. Eu bebi a visão endeusada dele no nascer do Sol.

Ao contrário de mim, ele era madrugador. Eu não conseguia levantar-me da cama sem ser, no mínimo, meio-dia. Portanto, dormi mais um pouco até as vozes graves familiares interromperem o meu sono profundo.

Levantei-me em um bocejo colossal e uma esticada de braços preguiçosa. Vasculhei os arredores à procura da fonte de som e dei de cara

com o trio sentado ao redor da mesa de jantar que ficava a metros de distância do lado contrário do sofá.

Desbravei o perfil de Andrew, já que não tinha o panorama completo do seu rosto. O maxilar endurecido pelas palavras duras que proferia a Mickey e Barton obrigaram-me a comprimir as coxas. Ele já estava vestido, mas confortável como se tivesse de pijama em casa.

A primeira pessoa que notou a minha presença foi James. Eu gostava como os seus olhos gelados piscavam e imediatamente desciam para me fisgar.

Os outros dois colocaram a conversa de lado para girar a cabeça e verificar o que o amigo focalizava.

O peito de Denson desinchou e as pupilas dilataram por uma injeção de dopamina. A sua boca também prometeu um sorriso. Era sutil, delicado e convidativo.

— Bom dia — Mickey articulou. — Você pode fazer o seu café da manhã.

— Você não ia sair? — perguntei em um estreitamento rápido de olhos.

— Já saí e voltei. Não era nada demorado.

— E o que você faz aqui? — projetei a voz para Barton.

— Vim te ver.

— Não diga algo assim que eu me apaixono — respondi com a mesma dose de ironia e divertimento que Barton.

Logo em seguida, deposei a minha atenção em Andrew que mantinha os olhos cravados em mim. Ele não tinha gostado nem um pouco. Suas narinas inflaram e eu jurei que ele fosse dar um soco em Barton.

— Vocês podem sair?

Wada enrugou a testa.

— Você está me expulsando da minha casa?

— Só da sala. Preciso me vestir. Estou semi-nua e quero espaço.

— Gata, nós não vamos te co...

— Vamos sair, porra. — Andrew desgrudou o traseiro da cadeira e deu partida para que os seus amigos também fizessem o mesmo.

Mandão.

Denson fechou a porta da sala e eu saí do sofá me colocando de pé.

Tirei as minhas roupas de uma cadeira onde estavam estendidas. Vesti-as, ainda meio úmidas, mas confortáveis para que eu pudesse andar. Aproveitei o reflexo da TV para verificar o meu estado.

Assim que me arrumei, saí da sala chamando pelos meninos que, ao que parecia, estavam em uma outra sala. A casa de Wada era grande, muito maior que aquela em que eu estava vivendo temporariamente.

Contudo, não me perdi para chegar à cozinha já que a porta estava aberta e o cheiro de ovos acabados de serem feitos bailava pela atmosfera do corredor.

Entrei, colocando em prática os meus dotes culinários para confeccionar uma refeição rápida e nada era melhor do que pão com leite.

Não iria usar a cozinha de outra pessoa como bem entendesse. Tinha receio em quebrar algo, incendiar o fogão ou estourar a eletricidade.

Varri a geladeira à procura de leite e os armários em busca do chocolate em pó. Felizmente, Wada era um amante de tudo o que eu gostava também, então não tive dificuldade em fazer o meu café da manhã.

Inclinei para alcançar a manteiga no fundo da geladeira, apoiando-me na porta para não reclinar demais.

— É uma tortura te ver assim.

O calor ascendeu como um vulcão prestes a entrar em erupção. Quase tombei ao escutar a sua voz rouca tomando lugar na cozinha.

Fuzilei-o em prol de esconder o estado caótico do meu corpo. Eu estava reagindo facilmente à sua presença e não era correto.

— Assim como? — perguntei.

Andrew suspirou.

— Despenteada, com a cara de quem não dormiu bem e, certamente, de quem não escovou os dentes.

Revirei os olhos que poderiam ter pulado de órbita.

— Babaca.

— Talvez eu seja.

O silêncio eternizou entre nós como uma forma humana bastante presente. Eu queria fazer o meu café da manhã em paz e não o queria me observando, mas também não o queria fora dali.

— Você dormiu bem? — Andrew interrogou dando a crer que ele estava pensando nisso já há algum tempo.

— Dormi.

A imagem de nós agarrados semi-nus em um sofá alheio bombardeou a minha costela que mal aguentava ficar ereta.

Eu estava aterrorizada. Não por causa de Andrew. Ele não tinha culpa. Mas era com a rebelião de emoções que eu sentia, que embrulhavam meu estômago e degeneravam os restantes órgãos agindo como veneno. Era nocivo para o meu coração. Não era algo que eu deveria sentir ou quisesse.

— Har...

Há uma ligeira pausa entre nós. Um segundo em que tudo se desfaz como flocos de neve.

Ele ia me chamar de Harper?

A ficha de Denson caiu. Ele percebeu o que estava acontecendo. Como aquilo poderia ir para um caminho que ambos não queríamos. Como estávamos abrindo portas e alugando um espaço nos momentos um do outro, não deveríamos.

Não deveria ser.

O seu semblante vestiu uma máscara de aço e os ombros endireitaram-se, o peito dilatando e toda a sua aura cruel retornou como se não tivesse ficado semanas longe.

Aquele era o Andrew que eu tinha conhecido.

Era o Andrew que eu nunca entregaria meu coração. Preferia perdê-lo na guerra, esmagá-lo em um ato suicida do que oferecer às mãos do mesmo homem que parecia não ter um.

— Reese — pronunciou cortante. — Não sei ao certo o que se passa com você, mas não se preocupe. Nada foi romântico.

Pestanejei múltiplas vezes.

— Ahm?

— Eu te devia isso. — Houve uma pequena pausa com tanto para ser dito e escutado, assim como o medo de como poderia nos afetar. — Você sempre esteve ao lado da Axel e do Austin, por mais que não seja algo que me agrade. Eu me preocupo com as pessoas que gostam de quem é importante para mim.

— E eu não era importante para você?

Andrew parece receber um balde de água fria porque seus olhos ganharam uma coloração gélida, mesmo que mantivessem o castanho selvagem e sombrio.

— Não vamos por esse caminho.

Eu queria estar feliz com a sua resposta. Queria aplaudir, ter os meus ombros aliviados e respirar livremente, no entanto, um caroço nasceu na minha garganta e impediu o fluxo de ar desejável para me manter viva.

Os meus pulmões esfriaram. Os meus dedos. A minha mente. Toda a minha anatomia transformou-se em um iceberg que quebraria qualquer objeto, ou pessoa, que por ali cruzasse.

O seu tom.

A sua postura.

A sua expressão.

Tudo era um perfeito combo para ser a destruição ambulante que se propunha.

— Então, era como se você estivesse me pagando uma dívida?

Andrew assentiu e a dor serpenteou em meus ossos com toda a toxicidade que o seu veneno teria.

Perscrutei os arredores como se me promettesse abrir um portal para que eu fugisse dali.

Certo.

— Eu não estava entendendo. Estava me perguntando o que tinha acontecido. Passou o dia inteiro fingindo que tinha interesse em mim. Sendo bem sincera, nos últimos dias, você tem agido de maneira estranha comigo. Você está agindo como se... — Cerrei meus lábios antes de falar a palavra. — Isso também faz parte de uma dívida?

— Você levou a sério.

Torci o rosto.

— Eu levei a sério?

Seus dedos seguiram para o cordão.

Idiota. Idiota. Idiota.

— Só estava tentando ter uma melhor convivência em casa.

— Me levando para sair? Me oferecendo um anel? Dizendo que quer ser uma pessoa completa para mim? — perguntei, trazendo à tona tantas lembranças que eu estava me afogando.

Andrew manteve-se imóvel, suas emoções tapadas pelo seu rosto inexpressivo. Mas eu estava agitada por dentro e por fora. Os meus pulmões faziam movimentos dolorosos no meu interior. Respirar estava se tornando mais impossível do que encará-lo e esperar por algo que pudesse amenizar a situação.

— Você não vai dizer nada?

Vi seu tronco expandir e desinflar em um instante. Seus olhos quebraram o nosso contato e seu dedo quis, de alguma maneira inconsciente, arrancar o cordão.

Eu me senti impotente. Senti-me refém de uma resposta que nunca veio. Eu estava confusa. Era aterrador como eu não conseguia controlar o que se passava na mente de Andrew e compreender o que ele queria de mim.

Mas também me aliviava porque eu sabia que eram bandeiras vermelhas indicando para que eu não me atrevesse a dar a Denson o que eu nunca quis dar a ninguém.

O meu coração.

Portanto, eu apenas suspirei, antes de falar:

— Vou embora.

A angústia tomou cada partícula minha. Como o vírus que fugia do antídoto, o regozijo que se alastrava e esperava hospedar durante mais tempo em meu sistema fugiu, dando apenas lugar a uma montanha de insatisfação crua e sufocante.

Andrew não foi atrás. Eu peguei a minha jaqueta e confirmando algumas moedas e o meu passe no bolso, e dei o fora dali. Eu até poderia agradecer ao Wada pela hospedagem, mas faria com a cabeça mais fria.

Não gostei como ele ergueu os muros novamente, por mais que eu estivesse desejando. Por mais que me assustasse quem eu me tornava, com toda a fraqueza exposta para ele. Mas não queria que ele nos colocasse novamente na estaca zero.

Não queria ter que fingir que eu não conhecia o quão bom Andrew poderia ser para uma pequena parte da minha alma.

Por isso que eu não me abria. Por isso que eu não deixava nada me afetar. Porque eu seria quebrada. Seria facilmente dilacerada e cada parte do meu corpo fora do meu controle.

E eu não gostava desse poder que Andrew estava tendo.

Precisava do controle das minhas emoções. Precisava ter o domínio na exposição das minhas fraquezas. Deixar Andrew ver estava longe da realidade.

Desci as escadas com passos de raiva, e abri a porta do prédio como se fosse feita de papel. Em contraste ao interior, o vento quase me fez voar pelo embate repentino. Tive que endurecer os pés à grama e cerrar os olhos para me proteger do que o vento transportava e ainda visionar os arredores.

— Harper!

Busquei pelo grito que vinha da direção do prédio.

Barton escadeou os degraus e correu até mim. Ele tentou vestir o casaco enquanto cruzava a grama.

— Ei... — pronunciei.

— Eu posso te levar para casa. Estou indo para o centro também.

Meneei a cabeça sem pensar uma segunda vez. Com a cabeça, gesticulou para a direita onde a fila de carros estacionados era a paisagem primordial.

Seguimos até o carro branco e adentramos em simultâneo logo após ele pressionar o botão das chaves. A acústica do veículo era extraordinária, pois deixou de se ouvir o vento confrontando o que quer que estivesse na sua frente.

— Podemos fazer uma passagem primeiro no shopping? Talvez eu precise da sua ajuda para comprar algo para a minha noiva.

— Pode ser — Ele ligou o motor e fez a manobra para fora do estacionamento. — Como ela está?

— Está ótima.

— A gravidez está indo bem, então?

Barton sorriu de leve.

— Sim. Depois de tanto adiarmos a marcação, finalmente deu tudo certo e está indo bem.

Enruguei a testa.

— Adiaram a marcação? Tipo, o sexo?

Barton examinou-me por segundos limitados e liberou uma gargalhada sonora que retumbou as portas do carro.

Era bom que ele não estava me perguntando o que tinha acontecido. James tinha essa sensibilidade incrível em desviar dos assuntos.

— Você está perguntando seriamente?

— Sim. Quer dizer, não sou muito fã de me intrometer na vida sexual das pessoas, mas somos ambos adultos, então não há motivo para vergonha.

O seu sorriso não desvaneceu, apesar dele não me olhar diretamente e estar concentrado na estrada.

— Eu achei que o Denson tivesse te contado, mas deveria saber que ele me respeita, acima de tudo. — Pisquei confusa até que Barton continuou. — A marcação é sobre a inseminação artificial.

— Ah! — exclamei, a luz acendendo no meu cérebro ainda que demorado. — Faz sentido. Meu Deus, sou tão burra.

— Claro que não, princesa.

Ao que pareceu, Barton deu espaço para que eu fizesse mais alguma questão relativamente a isso. Talvez perguntar sobre como foi o procedimento até o motivo pelo qual optaram. Qualquer coisa que fosse, sabia que era algo do casal e não meu.

Portanto, se a minha curiosidade estava aguçada, ela perdeu o bico e diminuiu drasticamente.

— Ele não te pediu para você me dar carona?

Barton negou.

— Vocês discutiram?

— Discutir é uma palavra forte. O que aconteceu ontem não era para ter acontecido, então estamos voltando ao normal.

— Assim como o que aconteceu no *Athena*?

A minha traqueia virou uma corda que deu um nó em si mesma.

— Sabia que, eventualmente, ia se espalhar, mas não achei que fosse ser tão rápido.

— Na verdade, chama-se boca do Mickey. Não há maior fofoqueiro que o Wada.

— Ele tem cara disso. Ele fica sempre fofocando com a Paige.

Barton espumou uma risada ao mesmo tempo que rodava o volante para contornar a rotunda.

— Eles estão próximos, mas por alguma razão, não querem se encontrar. Estão com medo.

— Sim! — exclamei. — Foi o que eu disse àquela cabeça oca. Ela está com medo.

— Precisamos fazer com que eles se encontrem.

Tapei a boca em uma risada miudinha.

— Uma operação cupido, é? Não tenho muita sorte em criar casais. Todos os amigos que juntei deram errado.

— Talvez porque você tenha tido sorte. É meio que o jogo reverso.

Não foi difícil ler a negação na minha testa e Barton vincar as sobrancelhas.

— Sou a mais azarada no que se trata do amor. Na verdade, nunca procurei por nada romântico. Não gosto desse tipo de compromisso.

As suas bochechas engordaram pela elevação da boca.

— Hum... Isso me lembrou alguém.

— Não fale no Andrew.

Mais uma risada foi liberada por ele.

— Ia falar de mim, mas tudo bem. Podemos falar nele se você tanto insiste — falou divertido. Revirei os olhos, soltando uma lufada de ar. — Eu também tinha muito esse pensamento. Com certeza por motivos diferentes do seu, mas deve trazer a mesma sensação. Durante muito tempo, mesmo que eu tivesse com quem sair, limitava-me a ficar sozinho. Tudo por culpa das minhas inseguranças. Não me sentia capaz de estar com alguém, mas não podia negar algo que é natural. Eu acabei me apaixonando e tive

que aceitar mostrar quem eu era a outra pessoa. E ela me aceitou e eu me vi capaz de nos aceitar também.

A emoção que transbordou em cada sílaba era cantarolada como uma canção romântica pelos ares. Barton tinha algo que eu amava que era a sinceridade espontânea e a incrível habilidade de saber agir e falar em qualquer ocasião.

— Eu fico feliz porque você é uma boa pessoa.

— Está insinuando que você não é?

— Eu sou, mas talvez para os outros não seja. Não sei...

Barton aproveitou a parada do semáforo para ajeitar o seu cabelo e retomar a conversa.

— Não precisa. A verdade é que, se ninguém quer te ver do jeito que você se vê, taca o foda-se. Não precisa ter piedade. Queime o que tiver na sua frente se eles não forem capazes de te ver da melhor maneira. Talvez assim abram os olhos.

Eram palavras em um tom de brincadeira, mas tinham uma verdade crua que colhi para gravar na memória.

— Mais do que eu já queimei?

— Mais ainda.

Sorri para ele, elaborando um rebate, mas me sentindo completa pelo par de palavras trocadas.

— Mas se você ainda quiser falar sobre o Andrew...

— Não — cortei rapidamente, os seus lábios nivelando em um sorriso maldoso.

— Gosto de você, garota.

Não consegui esconder um sorrisinho.

— Também gosto de você, garoto.

Em menos de meia hora, estávamos no shopping. Barton queria comprar algo, porém ele não tinha nada em mente e acabamos por dar voltas e voltas sem chegar a um consenso do quê. No final, ele acabou por comprar um buquê de flores. Isso depois de termos perdido quatro horas em um passeio cíclico pelo shopping e duas horas comendo numa pizzaria.

Perguntei-lhe porque queria comprar algo para a sua noiva, se era alguma ocasião especial, mas ele apenas sorriu e disse que não era, sem elaborar muito mais.

Quando já era tarde, o ponteiro do relógio enorme na parede alta do corredor do shopping inclinado para tocar às oito, voltamos à estrada e ele levou-me para casa. Verifiquei o celular, mas não havia uma chamada perdida de Andrew nem uma mensagem perguntando por mim.

Aquilo não me afetou. Não deveria.

Despedi-me de Barton assim que chegamos e, cansada, subi as escadas do prédio até em casa. Ainda sinalizei na entrada um carro diferente. Parecia ser um Porsche e era da cor preta. Bastante lindo por sinal.

As luzes estavam apagadas e pelo cheiro abafado, as janelas nem tinham sido abertas. Desconfiei então que Andrew não tivesse chegado, mas assim que acendi as luzes e vi algo desconhecido na bancada da cozinha, o meu cenho franziu em incerteza.

Caminhei até à ilha e analisei as três caixas enormes que lá estavam. Todas elas eram da *Sweet Muffins*.

Revirei os olhos por supor que ele queria me comprar com mais doces, mas a qualquer momento eu enjoaria.

Abri a primeira caixa.

O meu coração capotou.

Não eram muffins.

Era uma chave.

A chave da porra de um carro. Um carro Porsche.

Abri a seguinte caixa, em choque, os dedos tremendo como se a eletricidade de toda a cidade corresse pelas minhas veias.

Era um tipo de cartão dourado. Um cartão que me dava acesso à compra de qualquer coisa no *Athena's Palace*. Um dos shoppings mais caros do mundo e agora eu tinha passe livre para ter o que quisesse dele.

Isso era sequer possível? Não iria contra algum princípio?

Mas eu tinha que me lembrar que estávamos falando de Andrew Denson. Eu poderia me esquecer, mas ele tinha mais dinheiro do que eu

alguma vez poderia imaginar e influência para ter o que quer que fosse. Não havia limites para ele, pelo menos, não os mesmos que eu.

Quis rir muito alto, porque não queria ser comprada por algo tão fácil, mas era impossível não ficar eufórica sabendo que poderia ir ao *Athena* e comprar mais uns pares de tênis favoritos.

Decidi abrir a última caixa e dessa vez eram muffins, mas no lado esquerdo tinha um envelope. Peguei em um dos doces e morde-o enquanto com a outra mão abria o papel.

Ao ler o que estava escrito, o chão desapareceu e jurei que fosse cair.

Era um monte de papéis. Contratos. Pediam pela minha assinatura para que eu fosse a mais nova sócia do *Sweet Muffins*.

A minha loja preferida.

O meu sonho de consumo.

E, por pouco, não chorei pensando em como Andrew poderia ter se lembrado de cada coisa que eu havia dito ao longo daquelas semanas e feito concretizar.

35

“Eu nunca tive tanto medo antes. Sentimentos que não posso ignorar. Não sei se devo lutar ou fugir, mas eu não me importo.”

Safety Net, Ariana Grande & Ty Dolla Sign

Harper Reese

Durante horas, fiquei sentada na cozinha encarando as caixas abertas. Eu via o meu coração em cada uma delas, batendo ferozmente.

Eu estava eufórica. Já havia recebido presentes, claro. Os meus pais e a minha irmã davam-me sempre algo no Natal e no meu aniversário. E, durante os meus quatro anos de amizade com Axel na universidade, ela também me presenteou com coisas incríveis.

No entanto, esses presentes não eram vindos de alguém que eu deveria odiar ou, pelo menos, não me importar. Não eram vindos de um homem que eu poderia chutar as suas bolas e cortar os dedos com enorme prazer.

Isso fez com que cada caixa tivesse uma grande importância. Por mais que eu não tivesse coragem de aceitar, não iria conseguir esquecer como Denson decorou cada pequena inutilidade que eu havia dito e concretizou.

Olhei para o visor apagado do celular e liguei para verificar as horas. Já eram quase dezenove horas.

Notei como não tinha nenhuma chamada perdida da minha irmã. Ela tinha desistido.

E eu não sabia o que pensar sobre isso.

A chave encaixada na fechadura puxou-me de volta à realidade. Espremi os dedos no limite da mesa, sacudindo a cabeça indecisa em como se movimentar. Em um solavanco, levantei e me recostei na geladeira, ingênua, como se pudesse me esconder.

Não havia motivo algum para que eu agisse feito um ladrão amador, mas eu sentia como se Andrew estivesse querendo assaltar o meu coração e ele era o meu bem mais precioso.

— Aurora, você está aí?

Ele fechou a porta, a voz arrastando juntamente com o rangido da madeira. Escutei o choque do seu tênis no piso e me recriminei por conhecer tão bem como ele andava, os segundos de intervalo a cada passo e o que eles refletiam em relação aos seus sentimentos.

Eles eram pausados. Minuciosos. Envergonhados.

E quando o seu rosto apareceu na cozinha, o tronco amplo, os ombros pesados e a vulnerabilidade como sua sombra, tive a certeza de que o meu fim estava próximo.

Os seus olhos caíram na mesa, a análise rápida nas caixas abertas e, em seguida, jornadeando até o meu rosto e o sondando à procura de um horizonte.

— Você não gostou?

A pergunta saiu lamentada, como se sentisse uma dor que não era suportável.

— Não sei porque pensou que eu iria gostar.

— É a primeira vez que estou tentando agradar uma mulher. — Uma risada espumou de seu nariz. — E eu sei como você é difícil.

— Por que você está tentando me agradar? — perguntei em um tom de rebate.

Desgrudei da geladeira e caminhei com o queixo erguido. Embora eu estivesse derretendo, por dentro, não poderia refletir as minhas emoções.

— Você saiu chateada.

— Eu apenas saí — expliquei. — Eu concordo com você. Embora tenha sido um bom tempo, não era para ser romântico. Não tem nada de romântico entre nós dois.

— E você vai me evitar agora?

Encolhi os meus lábios e sacudi a cabeça.

— Não.

— Então, olha para mim.

— Não.

O silêncio na cozinha foi o bastante para que eu pudesse escutar o meu sangue circulando ardentemente. Cada bombeada do meu coração era aterradora.

Aquilo era aterrador.

— Eu pensei em te afastar. Assim como no momento do banheiro, eu quis realmente te afastar — confessou, rompendo o silêncio. — Mas não consigo.

Levantei a cabeça.

Os dedos dos meus pés enrolaram-se por um calafrio na espinha, enviando sinais elétricos por todo o meu corpo em resposta.

— Você se arrependeu? Porque estou muito bem com o que aconteceu.

O seu dedo rastejou para o cordão, mas assim que notou o ato, ele o retirou.

Antes de falar, Andrew deu passos lentos e fechou os olhos.

— Existe algo. Você sabe. Eu sei — disse em um tom baixo. — Estou cansado de ignorar, e você também. Não nega. Não para mim.

Fechei minha mão e afundei minhas unhas na palma.

— Espero que esteja se referindo a respeito porque é a única coisa que sinto por você.

Engoli em seco no instante em que Andrew decidiu andar na minha direção, mas eu fui mais rápida em me esquivar para o lado oposto. Contornei a mesa e rumei para a sala, sem controlar os meus pés.

— Aurora...

— Não quero nada das caixas — ordenei. — Não sei porque você se deu ao trabalho de fazer Barton ganhar tempo para tentar me comprar com um carro, compras e uma loja de muffins?

— Eu só...

— Agradeço por confirmar que você pode ter tudo. Não tinha perguntado, mas agora não preciso também.

— Como eu posso ter tudo, se não estou conseguindo você?

Eu tinha emoções inexplicáveis dançando em minhas veias. Cada frase de Andrew era música e eu estava presa na sua melodia.

— Você está complicando — disse em um tom implorativo. — Nós tivemos um bom dia ontem, mas como você falou, era apenas para me distrair. Não se sinta culpado por algo que eu também enxergo. Podemos voltar à nossa vida normal em que eu não te suporto e quero te chutar daqui, e você para me irritar, mantém o seu traseiro em casa.

Denson fulminou-me a metros de distância; ele no início da sala e eu perto da TV, a dois passos de derrubá-la com as costas. Por prolongados segundos, examinei as engrenagens funcionando a um frenesi autêntico para conseguir dizer as próximas palavras:

— Ok.

Presei as unhas na carne do meu pulso, impactada com a frieza deslizante na monossílabo.

— Ok?

Andrew mudou o peso de um pé para o outro, as mãos enfiadas nos bolsos condizendo com o rosto sisudo.

— Reese, eu prefiro mil vezes escutar você ralhando comigo, me chamando de babaca, cretino, a merda que seja do que te ver assim, constrangida, encarando-me como se eu fosse um maldito estranho. E eu juro que a última coisa que eu quero é ter você distante.

A dor que enraizou por todo o meu corpo não foi agonizante. Era uma dor pura. Uma dor prazerosa. Uma dor que dava uma maior razão às batidas descontroladas e furiosas do meu peito.

Encarar Andrew tornou-se o mesmo que ver a minha pintura favorita e descobrir novos significados nela.

Tornou-se viver múltiplas vidas, mas o coração permanece o mesmo.

Tornou-se algo enigmático, deslumbrante e aterrador.

Um universo.

Andrew movimentou-se, como um felino, com o objetivo de me encurralar claro em seus olhos. Os meus pulmões obstruídos puxavam por uma inalação maior; contudo, o meu peito não era capaz de encher com o oxigênio necessário.

Eu estava tonta. Iria cair se mexesse uma articulação sequer.

— Você não sabe do que está falando. — A boca em uma linha de impiedade bambeou minhas pernas. Os seus passos cessaram quando os metros fracionaram a centímetros e precisei levantar o olhar e inclinar o pescoço para ter a visão do seu rosto em melhor grau. — É melhor deixarmos essa conversa de lado. Nenhum de nós está raciocinando. Deve ser carência, o ar dessa casa deve estar envenenado. Esqueça ou ignore o que quer que esteja sentido.

O seu tronco expandiu e as narinas inflaram, alimentando-se da minha respiração rarefeita e escassa.

— Não me peça para esquecer.

— Não estou pedindo. *Estou implorando.* — Minha voz quebrou na última nota. — É muito confuso para mim. É assustador *pra cacete*.

Sentimentos como aqueles me deixavam confusa, incapaz de raciocinar e construir saídas para que eu não me despedace. Mas era impossível quando Andrew bloqueava todas as portas.

— E você acha que para mim também não é? É insuportável, Reese. — Ele hesitou continuar, mas, como se fosse um segredo, ele segredou: — O que estou sentindo é incomodativo demais para que eu ignore. Porque, ao seu lado, o inferno se torna um bom lugar para viver. A porra do meu coração se tornou refém de cada batida do seu.

O inferno se torna um bom lugar para viver.

Ouvir tais palavras acionaram algo em mim.

Não pensei.

Eu já não estava pensando.

Se o seu coração estava refém de cada batida do meu, então eu estava viciada em cada suspiro seu.

No primeiro pensamento, empurrei-o com a mão trêmula. Ele encarou-me incrédulo, a boca entreabrindo em dúvidas silenciosas.

Espalmei as garras novamente em seu peito para o afastar, mas dessa vez não libertei e mantive o toque firme no torso. Caminhei com ele até Denson não ter para onde ir e limitar-se a se jogar no sofá.

As suas pernas afastadas, as costas raladas no sofá, a cabeça em um ângulo oblíquo para poder me ver com clareza.

— Não diga isso quando falou que todos os momentos que pareceu estar interessado em mim tinham sido uma brincadeira.

— Eu nunca disse. Você presumiu.

— Você não negou.

— Por que será, Aurora?

Resvalei os dedos no seu queixo e empinei-o um pouco mais, a barba pinicando a minha pele.

— Eu não gosto que brinquem comigo.

A sua língua passeou pelos lábios finos, uma região que já não me quebrava, e sim derretia-me.

— Você passou as últimas semanas brincando comigo.

— Eu passei as últimas semanas tentando ser mais simpática com você.

As suas sobrancelhas arquearam, a curiosidade adotando forma.

— Tem mesmo certeza? Eu poderia enumerar o número de coisas que você disse e fez que estavam longe de simpatia. A não ser que você fique molhada para mim por bondade.

Tranquei o rosto, apertando mais o queixo e afundando o joelho direito no sofá.

— Você está tirando conclusões sem fundamento.

— Tem certeza?

Franzi o nariz.

— Você que começa sempre com as provocações.

— E você poderia ter dado um término, não é? Mas quis continuar.

— Não. Eu quis te fazer sofrer.

— E eu estou. Parabéns. Seu objetivo foi concretizado com sucesso.

— Você não está sofrendo. Só tem alma de mau perdedor.

— É isso que você acha? — interrogou com acidez. — Que estamos ainda jogando por um placar?

— Não é um placar quando eu estou em vantagem.

Seus globos ativaram um sentimento faminto que devorou minha sanidade em instantes.

— Você tem sempre resposta para tudo, hã? Então me responda por que diabos não paro de pensar em você? Por que eu sinto que quero respirar você a cada maldito segundo? Por que toda vez que estou sozinho no quarto, eu espero por algum milagre que você venha ficar comigo? Por que, Aurora?

A minha respiração pesou e eu me vi numa cadeia em que as grades possuíam escrituras de cada letra destrutível articulada por Andrew.

E eu me deixei ficar, como se tivessem substituído meus ossos por cimento, reduzindo minha mobilidade a zero e ficar dependente de uma força gravitacional maior.

Uma dose cavalgar do seu cheiro aumentava mais a minha dependência pela sua voz, pela sua boca, pelo seu cheiro, por ele.

Eu o queria tanto que doía. Que se tornava tão forte quanto a morte puxando para ela.

— Não é real...

— Para mim ou para você? — questionou atônito. — Porque, se eu colocar meus dedos entre as suas pernas, eu sei que sua boceta vai estar pulsando de tão real que isso é. E eu sei que o seu coração está batendo por mim também.

Havia tanto para ser refutado.

Não era real. Eu tinha certeza.

Tínhamos acumulado semanas juntos na mesma casa. Algo deve ter sido acionado. Carência, desespero, saudades... Não era amor e nem chegava a estar perto disso.

Mas eu estava tremendo. Eu estava deteriorando por dentro, sendo destruída por colisões de cometas. E cada parte de Andrew que

correspondia às minhas, eram todos os astros que colidiam com o meu planeta.

E, mesmo tendo consciência de tudo isso, eu estava cedendo.

Andrew manipulou uma expressão de surpresa pela minha ação involuntária em ter colocado os dois joelhos na lateral das suas pernas e ter a bunda empinada, o peito em inércia com o seu.

— Não suporto você... — murmurei.

Denson colou suas mãos na minha cintura e projetou-me contra si. Cedi facilmente, sentando no seu colo.

— Eu sei.

Demorei para processar que seu rosto se enterrou no meu pescoço, o ar da sua boca liberando um formigamento na área. O nariz farejava o meu perfume.

O pau pesou na sua calça e fez a minha boceta contrair, o ventre se revirar em uma vontade indomável.

Engoli em seco, a saliva escorregando na traqueia em preguiça e medo de que será tarde demais para interromper o que virá a seguir. O meu corpo tremeu violentamente pela passagem bruta das mãos grandes de Andrew na minha bunda.

Controlei-me para não me esfregar em sua coxa e implorar por um toque a mais.

— O que você está fazendo... — comecei por dizer, após uma longa pausa. — Deus, é muito injusto.

Ele criou uma trilha de beijos do pescoço até a lateral do meu rosto, encostando a boca no meu ouvido logo após uma mordida sagaz no lóbulo. O meu peito expandiu, o coração martelando forte e feio nas costelas e as entranhas desfazendo-se em pó.

A minha calcinha já estava encharcada com tudo que estava sendo dito e sentido, e Andrew percebeu, o seu pau endurecendo e ficando mais firme em resposta.

Ele voltou à posição inicial, os olhos encontrando-se com os meus, e o seu lado mais obscuro visitando a sua faceta. Eu não era uma pessoa submissa. Deus, odiava ser. Mas, naquele instante, fiquei imóvel e gostei de sentir que ele poderia se apoderar de mim.

Não me importaria que ele rasgasse minhas roupas, me colocasse naquele sofá, de quatro, estalando tapas agressivos e enrolando os meus cabelos em seu punho enquanto metia fundo, deixando minha boceta dormente e inchada pelo gozo.

A imaginação fluindo na minha mente não deixou de lado os meus mamilos intumescidos, roçando no sutiã e pedindo por uma leve lambida, uma massagem da sua parte entre meus seios.

Como se lesse os meus pensamentos, o seu olhar decaiu para o meu peito e analisou a subida e descida feroz da minha parte. Ele ofegou, as engrenagens mentais cada vez mais turbulentas como um trem saindo dos trilhos.

Não conseguia pensar. Não podia ao menos suportar a ideia de não fazer alguma coisa a respeito do meu ponto excitado e necessitando rebolar em seu rosto, o fazendo sugar cada gota do meu orgasmo.

Mas parte de mim também não queria ser tão entregue.

Não acreditava no que iria fazer.

— Você faz o meu coração bater da pior maneira.

— É o melhor elogio que eu poderia receber de você — soprou, as mãos em ansiedade para atacar meu corpo e marcá-lo de forma selvagem.

No entanto, para sua infelicidade, rondei o seu pulso com uma dose de força para que ele não ousasse me tocar.

— Eu não te desejo. Não sei de onde você tirou essa ideia ridícula, mas eu nunca te quis — falei, escondendo as minhas verdadeiras intenções, mas ele não se abalou. Na verdade, impulsionou mais o seu lado esfomeado.

— Mentir enquanto está molhada pra mim deveria ser pecado.

— Pecado é você acreditar numa mentira.

O tesão em seus olhos, que incendiava suas artérias em veemência, aparentou gostar do meu rebate.

Andrew tirou a *t-shirt* e não me detive em apreciar o seu corpo. Queria tocá-lo, explorar e conhecer os lugares mais sensíveis naquilo que parecia ser uma muralha. Apreciei as suas íris acastanhadas transcreverem o quão forte o seu coração batia assim como o latejo em seu pau.

Isso me fazia sentir poderosa. Não era um acontecimento raro na minha vida. Já tinha feito o mesmo com muito mais homens, mas entrar na mesma linha visual que Denson e constatar que era o seu único reflexo, florescia em mim uma sensação de potência.

Levantei uma sobrancelha no momento que o seu polegar parou na área lateral esquerda da coxa, desejando diminuir mais um pouco a distância da minha virilha e o dedo.

— Vai me dizer que não está pingando de desejo por mim? — soprou o ar quente afagando as sílabas ditas.

— Raiva, Andrew. É raiva — sussurrei. — Deixa que eu te mostro.

Peguei nas suas duas mãos e movi-as, como uma marionete, com intenção de levantarem o meu vestido, deixando a minha calcinha exposta. Andrew ofegou pela presença de um tecido branco e de renda, tão fino e singelo que o corte da virilha e a excitação molhada já eram evidentes.

Não poupei esforço em me equilibrar e roçar na sua perna. O som do grunhido da sua parte com adição de um xingamento foi música para os meus ouvidos.

— Você é a tortura em pessoa, coração — disse, me acompanhando na sua perna, os meus quadris seguindo um movimento contínuo de idas e voltas.

Levei minhas mãos para os meus peitos, massageando-os sem expor de forma que ele soubesse que estavam firmes e avolumados por culpa dele. Por culpa do que fazíamos.

Choraminguei pelo atrito que não era vantajoso para mim. Eu também estava me torturando. Precisava dele massageando meu clitóris enquanto enterrava seu pau e fazia meu corpo alucinar. Mas a visão de estar rebolando na sua coxa musculosa, agitando minha bunda empinada para ajudar na velocidade enquanto via seus olhos se tornarem cada vez mais escuros era tão maravilhoso quanto.

O meu tecido era devorado pela minha boceta. Ele estava tão encharcado que não duvidava da possibilidade de formar uma poça em sua perna. Eu iria enlouquecer, desejando tudo e mais alguma coisa naquele momento sem querer saber das consequências.

Recuperei suas mãos novamente e guiei-as para despirem o único tecido que me impedia de desnudar meu íntimo. Andrew soltou um gemido

baixo, desfrutando do último obstáculo sendo desfeito pelos seus próprios dedos.

— Eu falei que te acho uma delícia quando está chateada, mas quando você está excitada é a coisa mais gostosa que eu já vi — disse fraco.

A pressa queria tirar vantagem do meu momento, mas eu apertei sua mão e lambi meus lábios.

— E você vai continuar só vendo — ordenei. — Nada de me tocar além do limite.

Andrew detestou que eu prolongasse a tortura, portanto, assim que a calcinha estava abaixo dos joelhos, a sua mão rondou as costas do meu pescoço e trouxe-me até centímetros perto de seu rosto.

— Você está com medo que a sua boceta se vicie no meu pau? — perguntou, o seu polegar pressionando em uma região dolorosamente prazerosa na minha garganta. — Está com medo que nada nela se encaixe melhor do que eu?

— Não estou — respondi em um murmúrio. — Você não seria o primeiro.

— Mas seria o último. Eu vou arruinar cada transa para você no dia que eu te tiver inteira, Reese — segredou. — Cada centímetro seu, cada porra da sua célula vai dominada por mim e será apenas minha. Sua boceta será exclusivamente minha, entendeu? Ninguém poderá tê-la além de mim. E isso não é uma escolha.

Minha garganta formou fumaça. Eu soltei um gemido vergonhoso, que o fez dilatar um sorriso cativo.

Minha boceta gotejou, sensível e dolorida, por sofrer pela minha imaginação. Eram imagens cruéis e com cores das formas mais pecaminosas que gostaria que ele me fodesse.

Mas eu precisava me manter.

— Até porque eu não vou escolher você para uma segunda vez. Aproveite a única oportunidade que poderá me ter.

Encostei os meus lábios aos dele e arrastei vagarosamente, saboreando o que não iria dominar por um tempo. Era sem toque. Sem beijos. Sem penetração.

A melhor das torturas para duas almas que amavam se castigar.

— Você acha que pode me afastar.

— Não acho. Eu vou. E se você sequer pensar nisso novamente, eu te mato, Andrew. Eu juro que faço a sua cova.

O meu dedo escorregou na pele do seu torso até alcançar os botões da calça. Me ocupei em deslizar o zíper, a proeminência cada vez mais destacada.

— Você sabe que vai acontecer pela segunda, terceira, quarta vez até nada além de mim te satisfazer — condenou, puxando a calça assim que a abri, juntamente com a cueca e o seu membro saltou, aumentando a tensão entre nós. — E o meu pau está ansioso para poder fazer você engolir cada mentira e sentir a verdade de maneira bruta.

A respiração era a única coisa que falava por mim. Se comecei, eu tinha que terminar.

A luxúria que moldou seus lábios curvados foi mais um incentivo para o meu útero contorcer. Principalmente pelas covinhas que reapareciam mais e mais vezes.

Tornei a encarar a ereção. Era grosso, perfeitamente cabível dentro de mim, e o tamanho ideal para que pudesse me atingir fundo. Agressivo. Atroz. Era o que eu precisava. Era o que eu gostava e Andrew era mais do que capaz de me fazer revirar os olhos.

— O que foi, Reese? Quer tocar? Eu deixo. Não sou tão maldoso quanto você me faz parecer.

Andrew não desfez o sorriso e levou a mão direita para o seu pênis. Observei o braço mobilizar, o som da deslocação do punho dilacerando o ar, até que repousei o olhar no seu pau e engoli em seco.

Fiquei sedenta. Deus, queria mais do que poderia aguentar. O polegar massageando a cabeça, os outros dedos indo em um vaivém desritmado, as veias evidentes e pulsando pela carência em gozar o mais rápido possível, mas também de prolongar.

Eu quis enfiar na minha boca e ser eu mesma fazendo o serviço de tê-lo se contorcendo, vacilando e gemendo meu nome para que o prédio escutasse. Queria amassar suas bolas e sincronizar o movimento com a minha língua sugando sua extensão.

— Vai ficar encarando ou quer que eu faça por você?

A arrogância no seu tom impulsionou os meus dedos a sufocá-lo, mas agrupei a raiva para enfiar três dedos em minha boceta sem piedade. Não poupei o ritmo, deliciando-me com a minha masturbação enquanto fixava os olhos em Andrew.

Explorei o interior, o polegar friccionando na área letargicamente, abrindo espaço para que Denson admirasse. Ele estava hipnotizado. Totalmente incapaz de desviar o olhar.

Eu não poderia ignorar que admirava a brutalidade com que o seu pau ereto era tocado, o som da pele e dos suspiros densos rasgados pela sua garganta era uma satisfação para os meus ouvidos. O seu punho fechado ao redor do membro escorregava para cima e para baixo, a cabeça chamando pelo encaixe da minha virilha e socar fundo em espasmos ferozes. Mas não aconteceria. Porém, era impossível não degustar da tensão em seus ombros, viva no quão ereto estava o seu pau em busca de alívio, mas não querendo terminar até me ver acabada no limite.

Eu o estava desejando de tantas maneiras. Imaginando cenários em minha mente com pormenores, cores e presença como nunca.

Quis espremer minhas coxas para me auxiliar com a entrada dos dedos e a chegada do ápice. Mas Andrew deu um tapa leve nela, a sua mão rapidamente se encaixando entre elas e aumentando a distância.

Fiz força para manter os meus músculos imóveis, contudo, recebi seus olhos nublados de excitação.

— Não feche as pernas, Reese. Se você fechar, eu vou abrir você com o meu pau.

Odiava como ele tinha um poder soberano em mim. E eu odiava como eu gostava.

Ampliei a distância das minhas pernas, dobrando as minhas costas. Os dedos de Andrew fincaram mais na minha coluna, mas rapidamente deslocaram para a minha bunda e o que poderia ser um belisco, tornou-se um aperto que deixaria marcas.

— Não paro de imaginar essa boceta engolindo o meu pau, inferno — rosou, e não precisei verificar para ter certeza dos seus olhos em chamas. — Como ela foi feita para ser fodida por mim.

Choraminguei, intensificando os movimentos circulares no clitóris, acariciando-o devagar. O meu sangue escorria como lava, fervendo e

queimando os ossos. Os meus músculos internos estavam tensos, pesados como se tivessem quilos, implorando pela saída rápida.

A camada de suor grudava os fios na testa, porém não era a única. Andrew estava transpirando, as gotas deslizando no seu peitoral. Não era por causa das investidas cada vez mais abruptas em seu pau, as coxas musculosas tremendo porque o seu saco inchado iria explodir a qualquer momento. Era por me ver tão pronta, tão entregue e não poder saborear. Por ver o meu íntimo pulsante devorando meus dedos melados pelo pré-goço.

Os meus quadris se movimentavam, o meu ventre ondulava em conjunto, e os meus seios saltavam suportados pelo sutiã. A sua mão queria disparar tapas, mas ele sabia que se o fizesse, eu o deixaria na mão e acabaria longe dele. Portanto, contentava-se a afundar suas unhas na minha carne me ajudando com a agressividade.

Doeria caso eu não estivesse tão inundada pelo prazer, fragmentado por dentro, pela luxúria viva.

Os tendões das minhas pernas começaram a pedir socorro e fui obrigada a tombar a cabeça, encontrando a minha testa com a de Andrew.

Isso fez com que toda a merda ficasse quente. Nós hiperventilávamos, a expiração cada segundo mais audível, como um balão precisando urgentemente de hélio.

Pousei a minha mão em seu ombro e me segurei nele, para balançar a bunda, rebolando na sua perna em círculos. Eram vaivéns conjuntos, as nádegas sacudindo na mão de Andrew que abriu para a cobrir e senti-la na sua pele. Mordi os lábios e cerrei as pálpebras quando ele passeou a palma pela bunda, os dedos tremendo para não caírem e acertarem no meu ponto excitado.

A curva dos lábios de Denson transcreveu malícia.

— Você ama provocar, mas não sei se terá tanta lábia quando eu estiver enterrado em você — provocou.

Não deixei de sorrir e rocei a minha mão no seu membro, um rangido doloroso rasgou sua garganta. Ele estava terrivelmente inchado, porém esperava para que eu chegasse primeiro. Não lhe daria esse prazer.

— Não é me provocando com essa meia dúzia de palavras que eu vou ceder.

Toquei os nossos narizes e inalei fundo. Porém, no momento que enfraqueci, Andrew agarrou meus cabelos com a mão livre e afundou minha cabeça para que o meu olhar enxergasse o seu colo.

— Então, sinta que estou te fodendo.

Os meus olhos lacrimejaram, vislumbrando o seu pênis latejando e contraindo-se nos dedos grandes e agressivos dele. Era tudo o que eu via. As veias pulsando, a pele sendo descamada em cada estocada com o punho, o cheiro abafado do sexo animalesco, por mais que fosse apenas uma masturbação intensa.

Pelo santo. Eu me vi sendo a pior das pecadoras rezando para que o seu gozo chegasse o mais rápido possível. Se a porra jorrasse no meu estômago, coxa, seios, ou até na cara, não me importaria. Eu queria. Eu só queria assistir.

— Você parou de se tocar. Está gostando do que vê? — Andrew bravejou.

Não consegui dizer nada, ainda fixada em seu pau, até que ele enfiou ainda mais os dedos na minha nuca e puxou a cabeça para trás.

— Responda.

Gutural. Devastador. O seu timbre era um purgatório.

— Sim — pronunciei em meio a arquejos arrastados. — Merda, sim.

As covinhas fizeram uma visita rápida e não me pareceram fofas no momento. Eram malignas.

— Veja como eu só preciso de você.

Ele tornou a projetar o meu rosto pra baixo, o limite chegando gradativamente, cada punhada mais intensa, combinando aos roucos gemidos de Andrew. Eram selvagens, necessitados e completamente devoradores. Eu ia chegando ao ápice apenas por aquele som.

Subi o meu olhar para ver seu rosto e foi ali que ele se desmoronou, com as minhas íris pregadas nas suas.

— Aurora, porra!

O seu gozo brotou, respingando pela minha coxa e o meu estômago. As suas pernas tremeram, os músculos contraindo e as artérias transparentes na sua pele branca.

Não sabia como seguir em frente depois do que foi aquela cena. Contudo, não tive tempo para processar. Seu braço esquerdo moldou a minha coluna e a curvou.

— Não vou sair daqui sem te ver gozar. Quero que molhe sua mão e me faça ver como seu corpo pede por mim.

O meu cérebro estava lento para fazer um rebate contra a sua ordem. Portanto, deixei que Andrew guiasse os meus dedos de volta à minha boceta e cedi ao seu auxílio em esmagar as minhas paredes internas, afundando minha mão em espasmos selvagens dentro.

Quase vi a sala de cabeça pra baixo pelo ângulo. A minha mão trabalhava em uma intensidade absurda, capaz de romper meus ossos. Andrew impulsionava, até que a sua mão me libertou quando o ritmo estava ágil, incapaz de ser parado, e passeou a palma por entre as minhas coxas.

Ele beijou a minha clavícula, deslizou a língua pelo meu pescoço, deixando chupões perigosos e de lugar estratégico. Denson ronronava em meu ouvido possessivamente, me deixando mais elétrica a terminar de circular meu clitóris e desfazer da sua excitação.

— Como você é minha... Só minha — rumorejou. — Goza pra mim, gostosa.

A minha carne estava sendo dilacerada por um incêndio voraz. Eu me sentia pesada, mas essa carga foi-se quando precisei abrir a boca para soltar um gemido alto. Foi furioso como cheguei ao meu limite, o ventre se embrulhando e o meu sangue congelando. Vi o paraíso se erguendo na escuridão dos meus olhos fechados e eu facilmente cairia se não fosse pelo suporte de Andrew.

Xinguei alto, todo o tipo de palavrões que surgiu no momento, perplexa pelo gozo furioso.

Comecei por tremer da ponta dos dedos, chegando nas minhas pernas em sinapses brutas, e a boceta apertou, pedindo urgentemente para que as minhas coxas grudassem.

No entanto, Andrew não deixou. Ele manteve minhas pernas abertas e admirou que o meu orgasmo fluísse e escorresse.

A minha caixa torácica estava em uma expansão permanente, o oxigênio chegou a lugares inimagináveis e nada era capaz de abrandar o meu fôlego.

Demorei a abrir totalmente os olhos, o meu cérebro ligando-se à tomada para reativar os sentidos perdidos.

Assim que avalei Denson e a sua essência diabólica ainda marcante no seu rosto, perdi o curso de palavras. Ele também pareceu cair na realidade, o vocabulário reduzindo a meras arfagens.

O meu vestido torto, a calcinha na ponta dos pés e a parte inferior exposta, para não falar do estado de Andrew... Nós estávamos sujos. O que tínhamos feito havia quebrado os nossos limites. A linha tênue que formamos nos primeiros dias foi desfiada.

E como se tivesse recebido uma pancada na nuca, levantei em um solavanco. A minha mente soletrava a palavra não em agonia.

O meu corpo pareceu voltar a ser meu, e não inteiramente do meu coração e da irracionalidade.

O que eu tinha feito?

O que eu tinha acabado de fazer... Não tinha sido apenas sexo. Eu não tinha sentido como se fosse apenas algo comum. Foi muito mais. Algo muito mais caótico e emocional do que já tinha sentido com outros caras.

Não podia crer.

Meu Deus.

Não deveria ter esse tipo de sentimento por ninguém.

Especialmente com Andrew.

Puxei a calcinha de volta ao seu lugar e endireitei o meu vestido, suspirando fundo e balançando a cabeça.

— Reese... O que foi? — ele perguntou, colocando-se de pé também e concertando as calças. — Reese, vamos conversar.

— Não! — exclamei, erguendo o meu dedo indicador. Andrew deu um passo em falso, a incredulidade tomando conta dos músculos faciais. — Não vamos conversar. Você já teve o que queria.

— O quê? Por...

Ele foi cortado pelo som estridente da campainha. Não processei o suficiente e aproveitei a oportunidade para me esquivar da montanha de ossos e músculos. Ouvi um xingamento da sua parte, antes de eu soltar um *já vai* e seguir para uma lavagem rápida das mãos e da minha coxa na cozinha. Não estava pensando sobre o quão anti-higiênico era, mas eu mal

sabia o meu nome no momento pela raiva acumulada em minhas veias cerebrais.

— Estou indo! — soltei novamente, após uma nova chamada.

De soslaio, vi Andrew pegando a camiseta e vestindo, rumando também para a porta.

No momento que abri, os meus membros caíram um por um até sobrar a gosma cardíaca sem vida que eu chamava de coração.

Não conseguia pensar. Era uma onda nebulosa que enviava sinais elétricos por todo o meu organismo.

A minha traqueia apertou até o ar não poder passar.

E eu vi a minha vida passar em flashes e memórias dolorosas e quebrarem a minha última muralha.

— Oi, Harper.

Foi a primeira coisa que a minha irmã Vanessa disse antes de me abraçar.

36.1

“Mas eu sei quando correr, correr, correr.”

Blue, Madison Beer

Harper Reese

Gatilho: Abuso infantil

Tinha sido em uma noite de calor. Era verão. 40 graus. Eu mal suportava a minha pele.

A minha irmã já estava dormindo. Como uma garota irrequieta de nove anos, eu me mexia na cama como um peixe fora d' água. Pelo menos, era assim que me sentia.

Encarei o teto com a expectativa de que chovesse. Não me importaria se o quarto fosse inundado. Ou se a minha irmã ficasse irritada por ter o seu pijama favorito encharcado. Eu necessitava de algo refrescante. Algo que me libertasse do que parecia o inferno.

Era bastante tarde quando decidi me levantar da cama e atravessar o quarto até à porta. Empurrei-a com delicadeza para não acordar a Vanessa. Desci as escadas em passos desconfortáveis e na tentativa de não causar muito barulho.

Iria somente pra cozinha, abrir a torneira e enfiar a minha cabeça por baixo. Talvez passar água na axila e na virilha que era onde eu queimava. Poderia ter feito no banheiro? Sim. Mas eu acreditava veemente nas

histórias da loira que aparecia quando ficávamos durante cinco segundos na madrugada perto de um espelho do banheiro. Não era o momento para verificar se era verdade ou não.

Quando o número de degraus para atingir o piso inferior diminuiu consideravelmente, escutei vozes familiares.

Era o meu tio Cloan e a minha tia Summer.

Os dois discutiam diariamente. O único momento de paz era quando Summer estava trabalhando. O tio Cloan ficava em casa o dia inteiro. Pelo que eu ouvi a mamãe dizendo era devido ao desemprego e como ele tinha sido demitido após a empresa ter sido comprada.

Também ficaria irritada se a escola me expulsasse e eu não tivesse onde estudar, mas não discutiria com a Vanessa nem com os meus pais por esse motivo. Eles não mereciam.

Corri da ponta da escadaria para a cozinha de maneira que eles não me vissem. As luzes estavam apagadas em toda a casa, e a TV conjuntamente com as janelas em que a luz da Lua cheia refletida nas vidraças eram os únicos rastros de iluminação que me guiavam até o cômodo.

Abri a porta da cozinha e fui diretamente para o lava-louça, feliz por poder refrescar um pouco. Liguei a torneira e o curso de água ejetado foi como escutar uma fonte milagrosa. Peguei em um copo e bebi o máximo que a minha garganta aguentou. O meu estômago estufou como se tivesse devorado um peru de Natal em menos de dois minutos. Logo depois, lavei o rosto e suspirei alegre.

Estava tão animada em passar água pelas regiões quentes que não notei o fim da discussão dos meus tios e que cada um havia ido para um canto.

Tia Summer escolheu ir para o quarto.

Tio Cloan escolheu ir à cozinha.

Ao longo da minha vida, várias vezes me perguntei por que ele não acendeu a luz ao entrar. Por que ele sussurrou ao falar comigo. Por que ele me perguntou o que eu estava fazendo e se ofereceu para me ajudar. Por que os seus dedos quiseram tocar e acariciar o meu corpo.

A cozinha era grande, porém, naquele dia, ela tornou-se um espaço minúsculo em que a cada nanossegundo, as paredes moviam-se com

intenção de me esmagar. Assim como o tio Cloan o fazia ao escorregar a sua mão em lugares que eu nem sequer conhecia tão bem.

O seu cheiro estava cada vez mais presente. A receita suja do suor e os biscoitos feitos pela tia Summer misturados com as cinco garrafas de cervejas frescas tomavam minhas narinas.

Eu quis chorar. Os meus pulmões obstruídos, adulterados pelo ar nocivo que a presença daquele homem causava, rebatiam pela libertação de um choro intenso.

Mas não chorei.

Eu apenas esfriei.

Não precisei mais da água. Ela se tornou inútil. Se tornou veneno.

E o frio se tornou meu inimigo.

O meu corpo estava congelado. Cada célula havia paralisado e, consequentemente, pregado meus pés ao chão.

Ele não precisou me esfaquear para abrir uma cicatriz em meu peito. Ele não precisou pegar meu coração para saber que ele sangrava por sua culpa. Ele não precisou me enxergar na luz para saber que tinha tirado todo o meu brilho.

Os meus pais diziam que todos nós éramos feitos de poeira cósmica. Naquele momento, eu tinha certeza que era feita de pó imaculado. Cinza. Podre.

Ou talvez feita de nada.

Eu era o próprio vácuo.

Naquele momento, não entendi o motivo da aspereza da sua pele contra a minha. Não entendi porque ele decidiu ir até ali para tocar em algo que não o pertencia. Que não era dele. Era apenas meu. Unicamente, exclusivamente meu.

Não entendi o silêncio eterno a qual me aprisionei durante meses.

Não havia sido apenas uma vez.

Nem sempre foi na cozinha. Eu tinha deixado de ir para lá.

Também foi na sala enquanto eu assistia os meus desenhos animados favoritos.

Também foi no banheiro quando eu pretendia escovar os dentes e ele aparecia, dizendo que iria me ensinar a fazê-lo. Mas eu tinha nove anos. Eu já sabia.

Também foi antes de dormir. Ele entrava no quarto alegando que contaria uma história. Nunca prestava atenção no livro. Se me perguntassem do que se tratava, não saberia responder. Mas se me perguntassem cada palavra que foi proferida em cada massagem indesejada que ele fez na minha perna, peito e virilha, eu saberia dizer.

Chegou a um momento que eu não sabia mais onde me esconder. Portanto, eu não fugi mais.

Deixei de fugir.

Deixei de me importar.

Nunca era mais do que uma carícia. Um simples passar de mãos. Um olhar assustador que fazia qualquer loira do banheiro parecer um anjo.

Todos os fins de semana que eu e minha irmã precisávamos ficar na casa dos meus tios, eu sabia o que aconteceria comigo. Sabia que o beijo de despedida dos meus pais era um olá da boca daquele homem.

Aquela casa já não era um segundo lar. Era o primeiro portal para ser alimentada por monstros.

E, por acaso, esse monstro tinha olhos, braços e pernas assim como eu. Mas não um coração. Isso ele não tinha.

Eu não soube dizer que não. Pedir socorro.

Mas a minha irmã sim.

Ela soube ser o que eu não havia conseguido.

E essa verdade enraizou meu cérebro devido ao reconhecimento do seu cheiro, do seu toque, da sua voz ao tê-la nos meus braços.

Mesmo quando ela se afastou e me colocou no seu campo de visão, os olhos cintilando nostalgia e saudades sufocadas, tive que me manter firme em meus suportes mentais para não desabar. Faltava tão pouco. Um movimento em falso, eu cairia.

Mas não jogaria o meu trabalho de anos em vão.

— O que você está fazendo aqui? — questionei, não me importando com o fato de parecer chateada.

Eu estava. E muito.

— Vim ver como você estava — Vanessa respondeu, a alegria rompendo em farrapos e abrindo as cortinas para a decepção.

— Eu estou bem. Se eu estivesse mal, te diria. — Inspirei fundo uma quantidade generosa de ar. Não sabia ao certo como agir. — Como você descobriu onde eu morava?

Ela não respondeu de imediato, porém a olhada para trás dos meus ombros foi o gatilho para que eu virasse a cabeça e encarasse Andrew ali parado.

— Auro...

— Você a chamou? — perguntei, a indignação arranhando minha garganta como um fósforo na caixa para dar origem a um incêndio. — Puta que pariu, Andrew!

Afastei-me da porta, soltando lufadas de ar pesadas para desanuviar o meu peito. Mas não conseguia. Estava tudo rubro dentro de mim, desmoronando como uma torre inacabada.

— Ele não me chamou — Vanessa disse. — É que...

— Não precisa mentir. Eu chamei — ele afirmou e eu o respondi com uma encarada mortífera. — Só queria ajudar.

— Para me ajudar? Não, você fez isso pelo seu maldito ego — disparei.

— Você tinha ido embora, então pensei que...

— Que eu fosse te desculpar se trouxesse a minha irmã? — Quis gritar, meu peito dilatando por cada sílaba. — Você é surreal! Não é assim que as coisas funcionam. Eu já te disse para não se meter na minha vida. Ela é minha. Eu tomo conta! Você não tenta resolver os meus problemas para seu benefício!

O que tinha dado nele? Ele não pensava. Não era possível.

Andrew não sabia de nada. Não fazia a mínima ideia de como trabalhei durante anos para não falhar emocionalmente. Para não me mostrar enfraquecida. Fácil de ser derrotada. Se eu não estivesse tão abalada com tudo o que estava acontecendo entre nós, nem o deixaria me tocar para não ter a minha força destruída.

E agora ele me colocava exposta sem que eu esperasse?

O meu coração sempre bombeou sangue, mas, naquele instante, ele estava sangrando algum tipo de veneno.

— Harper... Fala comigo. — A voz de Vanessa rompeu entre nós. — Por que você está me evitando? O que eu fiz a você?

Vanessa entrou em casa, a mão no peito e o semblante transtornado cutucou a minha alma.

— Nada — respondi, as minhas cordas vocais em nós.

— Então, por que você me deixou quando os nossos pais morreram?

O meu órgão cardíaco estrangulou. Ele pareceu ter caído em alguma região do meu corpo onde não pudesse bater pela minha existência.

— Eu não... — gaguejei, algo destrutivo invadindo meus tecidos e construindo sua morada. — Por favor. Não hoje. Não agora. Eu precisava de mais tempo.

— Mais tempo do quê, Harper? Preciso que você fale comigo para que eu te entenda.

Ela deu mais alguns passos, cautelosa para não acionar o gatilho e me fazer explodir. A minha mente estava sendo burrificada e somente escutava a minha própria respiração turbulenta e fraca.

Andrew ia se encostar em mim, mas esquivei antes de ser eletrocutada pela sua mão.

Já bastava.

Eu tinha um redemoinho no cerne da minha nuca e não estava conseguindo domá-lo.

— Eu...

Espremi os olhos, a cabeça latejando por dor. Meus pensamentos estavam preenchendo o ar. Apertando. Quebrando. Sangrando. Eu cheirava o meu sangue na atmosfera.

— Você me odeia? — Vanessa indagou com delicadeza.

— Deus, não. Não, não. Eu não te odeio — respondi assustada pela sua questão. — Você não foi a culpada.

Os seus orbes castanhos desanimaram, o sentimento de angústia e percepção inundaram seu rosto. Ela suspirou, retirando a bolsa do ombro e caminhando para pousar na cadeira da ilha.

— O que você está fazendo? — perguntei, seguindo os seus movimentos.

— Não vou sair daqui até nos falarmos. — Ela girou a cabeça e quase em um murmúrio indagou a Andrew: — Você poderia nos deixar a sós?

Ele assentiu, o olhar movendo-se pra mim, mas quebrei no mesmo instante. Estava enfurecida pela facada nas costas. Não queria saber se ele tinha feito para me ajudar. Não poderia ter tomado aquela decisão sem me contatar.

Escutei a porta ser fechada e, como se o ar perdesse gramas, senti a presença de Andrew esvanecer. Portanto, ergui novamente a minha cabeça e vi minha irmã se aproximando.

— Por que você aceitou vir sabendo que eu negava suas chamadas? — perguntei imediatamente.

— Estou procurando você há anos, Harper — confessou. — Sinto tantas saudades suas. Você é a única família que sobrou para mim. Claro que viria.

Meu coração martelava alto, apunhalando fundo no meu estômago como um alvo. A presença da minha irmã carregava a atmosfera. Era uma força de gravidade que sugava a minha estabilidade.

Aquilo seria difícil, mas eu já não tinha para onde fugir.

— É melhor nos sentarmos.

Ela sorriu pra mim, interpretando como um convite e dirigimo-nos para o sofá. Vanessa escaneou os cantos da sala, aquele olhar avaliador dela que estava tão habituada descamou as paredes, móveis, até aterrar em mim.

— Você alugou o quarto?

— Não. Bom, mais ou menos. — Apertei meus dedos, os nervos coagulando o sangue das minhas mãos. — Eu morei aqui durante a faculdade. Agora voltei para tirar umas férias.

— Eu pesquisei e vi que você se formou em Enfermagem — confessou. — Fico feliz por você, mana.

Dei um meio sorriso.

— E como está sendo no consultório?

— Eu fui despedida. — Abri a boca, em surpresa. — Não fique assim. Foi importante para eu descobrir que psicologia não era para mim. Agora estou me formando novamente. — Pausou. — Em Astronomia.

Naquele momento, quis enxergar minha alma e ver como ela se arrepiou de um jeito insuportável. Os meus pelos se empertigaram e machucaram minha pele.

— Sêrio? — As sílabas saíram esganadas.

— Aham — falou, com uma animação contida. — Sei que estou velha. Daqui a pouco faço trinta, mas eu queria começar do zero. Mesmo que possa parecer estranho querer seguir os passos dos pais, eu ainda sinto que deveria. É algo que nos deixaram e eu pretendo fazer algo a respeito disso.

Pisquei para evitar o curso de lágrimas. Suspirei, sacudindo os meus cabelos ainda amassados pelo que aconteceu entre mim e Andrew no sofá.

— Espero que consiga.

O silêncio manifestou-se logo a seguir, carregando um desconforto que instigou mais os meus nervos. Não sabia como agir, o que falar, como encará-la sem fingir que não tinha algo que me afetasse muito.

— Eu queria entender, Harper — ela começou a dizer, a voz tão mais fraca que a minha. — Por que você foi embora? Por que não atendeu as minhas chamadas?

— Não consigo te responder — confessei sincera.

— Não consegue ou não quer? — Os seus olhos castanhos-amarelados dissertavam dor e era impossível não compartilhar do mesmo. — Eu fiquei preocupada.

— Eu sei...

— Tive medo que tivesse te acontecido algo e eu não pudesse ajudar — continuou, cada desabafo esganiçando sua voz.

— Você não precisa se preocupar comigo. Eu sei tomar conta de mim.

Vanessa soprou uma risada, recebendo uma careta da minha parte.

— Incrível como se passaram tantos anos e você continua a mesma criança teimosa. — Fechei a cara, a gargalhada dela irrompendo ainda mais. — Por Deus, Harper!

— Não sei qual é a graça — rebati. — Eu realmente estou falando sério. Sei que você é a irmã mais velha e tem esse instinto de me proteger, mas eu sei cuidar de mim.

Os nervos estavam falando mais alto. Eu parecia uma criança birrenta, mas eu me sentia afetada apenas pela sua persona. As memórias impregnavam minha mente e eu mal me reconhecia.

— Em nenhum momento duvidei das suas capacidades.

— Mas parece que sim.

Em um impulso, levantei-me e esfreguei meu rosto. Não estava conseguindo escutar as minhas próprias vozes. Eram sussurros de imagens antigas, situações que eu queria ignorar e fingir que não existiam durante anos. Mas agora me golpeavam mentalmente.

— Harper, por favor. — Ela também se colocou de pé. — Eu te quero ao meu lado. Quero você comigo. Eu tenho saudades. Muitas. Você não tem?

Os seus olhos estavam marejando água. A qualquer momento, as lágrimas escorregariam como cascatas em seu rosto.

Gesticulei, tentando expressar o que sentia. Eu morria de saudades também. Eu tinha saudades de tanta coisa da minha infância, em ter os meus pais comigo e a minha irmã ao meu lado. Mas, acima de tudo, via-me como uma pessoa inofensiva. Uma criança quebrada que tentaram consertar. O projeto falho de uma mulher extraordinária.

Eu me protegia porque me forcei a acreditar que sim. Mas a verdade era que eu mal conseguia afastar o que me fazia mal. Não conseguia dizer que não ao que paralisava e congelava o meu corpo. A tudo o que me deixava fria.

— Tenho, mas...

— Mas o quê?

Petrifiquei, inspirando avidamente. O ar parecia ter unhas e arranhava os meus pulmões na esperança de o sangrar. A minha visão estava turva, os meus ouvidos não escutavam nada além dos meus batimentos cardíacos disparados, espancando a minha coluna em um surto nada saudável.

— Harper, o que houve? Fala comigo.

Ela cautelou seus passos antes de se aproximar novamente. Um calor familiar confortou-me. A fragrância de Vanessa puxou por lembranças mais quentinhas. Lembranças que já não estavam mais corrompidas.

— Eu tenho saudades — murmurei, a traqueia entupida por uma onda de choro silenciosa.

— Eu sei...

— Mas eu tenho medo.

Senti um aperto no coração ao dizer tais palavras.

Medo. Medo. Medo.

— Harper...

— Eu tenho medo, Vanessa. É isso. — Levantei a cabeça. — Tenho medo da minha vulnerabilidade. Medo de não conseguir me proteger. Eu morro de medo de não ser capaz de ter a minha própria armadura e batalhar contra os meus receios sozinha. E quando nossos pais morreram, eu senti isso em uma dimensão que eu não aguentei.

— Por que você não falou comigo antes? Eu teria te ajudado de todas as maneiras que poderia. Nossos pais morreram, mas eu estava aqui para você. Ainda estou.

— Você sempre pode me proteger. *Se proteger*. Mas e eu?

O meu indicador pressionou contra o peito.

— Nós todos somos vulneráveis — ela pronunciava sílabas imersas em lágrimas. — Eu sou. O seu colega de casa. O vizinho do lado. Os pais também eram. E você também. Mas não precisa ter medo.

— Como não? — Sacudi as mãos para evitar os tremores que perfuravam minha pele. Eu ia desabar. Eu estava desabando. — Como não posso ter medo quando eu não gritei por ajuda? Quando deixei que ele me tocasse? Quando eu não disse nada? Quando eu não fui corajosa o bastante para me escutar, para perceber que algo estava errado comigo e eu deveria fazer algo?

Eu mal conseguia processar o que eu dizia. As lembranças vivas caminhavam lentamente pela minha mente, deixando fragmentos das noites que eu sabia, com toda a certeza do mundo, que se tornariam frias porque mãos ásperas tocariam em mim.

Como eu tinha sido capaz de me manter calada, sem pronunciar algo, e me submeter a algo que não me fazia bem?

— Harper, você está falando sobre o que aconteceu com o tio Cloan?

A minha visão estava nublada, porém conseguia ver os seus olhos arregalados e a confusão moldando seu semblante.

Eu estava sempre pensando nele, indiretamente ou não.

Meu corpo reagia sempre pensando nele, quer eu quisesse quer não.

Eu tinha limites. Eu tinha reações. Eu tinha muralhas por causa dele, mesmo que o filho da mãe já não estivesse presente na minha vida.

— Estou falando sobre o que me transformei depois do que aconteceu — continuei. — Como eu me tornei uma pessoa fácil de fraquejar. Como eu sinto frio. A todo o momento.

Não sabia se ela conseguia me compreender. Era tanta coisa na minha cabeça, um furacão de pensamentos que batalhavam em sangue e tormentas para gerarem alguma coesão.

Eu era um emaranhado de fraquezas. E eu odiava sentir que tinha me vestido para ser alguém fatal, e acabei matando a minha parte mais forte.

Escutei os passos de Vanessa cada vez mais próximos.

Eu me encolhi, pouco me importando se acabaria jogada no chão. Me coloquei de cócoras, a cabeça escondendo em um casulo com pernas e braços.

— Os pais me ensinaram a lutar. Me ensinaram a reconhecer predadores. Me ensinaram a ser prudente, pensar antes de agir. Me ensinaram a usar uma faca. Me ensinaram a usar armas. Me ensinaram a ser o que as pessoas temeriam caso se aproximassem de mim. E eu sei. Eu sei lutar, sei esfaquear, atirar, até esquartejar se estiver no auge da minha sanidade. Mas eu paraliso. Eu simplesmente não consigo... Quando eles morreram, lembrei disso. Lembrei que eles tinham ido embora e eu não saberia me proteger sozinha.

Eu não iria chorar.

Eu não poderia chorar.

Embora eu estivesse cheirando, tocando, visualizando as cenas mais cruéis que tiveram na minha mente de nove anos, eu continha a carga de choro que escurecia meus globos.

Aquela não era eu.

Fui forte. Saí de casa para ser forte. Afastei-me dos meus maiores sinais de fraqueza para me tornar uma montanha que não desabava por qualquer terremoto.

Mas lá estava eu decaindo somente pela presença de uma pessoa que me conhecia tão afundo, via as minhas falhas e poderia sentir com seus dedos as feridas da alma.

A mão da minha irmã afagava o meu ombro e coluna, e o ar quente dela aquecia o resto do meu corpo turbulento.

— Lembro que sempre que perguntava por que você também não aprendia, eles diziam que você não precisava — continuei. — E eu entendi mais tarde por quê. Entendi que você sempre soube se proteger. Que você não era fraca.

— Você era nova — justificou.

Balancei a cabeça.

Era uma desculpa sem nexos.

— Eu era fraca — disse, a garganta deixando meros sons vazarem. — Os pais sempre diziam que ele tinha sido preso porque bateu na mulher. Eles falavam que não iria mais para casa de Cloan porque ele era um marido abusivo, mas eu me lembrava dos detalhes. Por mais que fingisse que não, eu tinha decorado o seu toque e como eu não fui capaz de pedir socorro. E eles sabiam que eu não conseguiria lidar da melhor maneira, então mentiram para mim e eu quis acreditar nessa história.

— Eles estavam errados. O que eles fizeram não foi o certo. Eles também estavam assustados. Também não sabiam o que fazer... — ela balbuciou no meio do discurso, retendo uma dose de mágoa.

— A culpa não é deles. Não coloca a culpa no pai e na mãe por uma situação que eles nunca poderiam prever. Não é justo.

Vanessa não disse nada por um tempo. Poderia ver por detrás das suas íris as engrenagens funcionando e pensando com cautela no que dizer.

— É melhor deixarmos...

— A culpa não é sua, Harper — ela proferiu. — Nunca foi e nunca vai ser.

Ela poderia dizer inúmeras vezes. Ainda assim, eu desconfiaria. Ela se protegeu, eu não. Eu me submeti a ser tocada. Me submeti a sentir em cada passagem inconveniente o que eu *não* queria.

Eu não teria culpa?

Ergui a cabeça e a sondagem em meu rosto foi o suficiente para Vanessa entender o que eu estava pensando.

— Deus, você sempre viveu com tudo isso aí dentro sem dizer nada, Harper? — Seus olhos estavam imersos em lágrimas que não caíam, avermelhados pelas veias que quase explodiam. — Oh, amor. Meu Deus. Meu Deus.

Ela repetiu, abraçando-me contra ela. A dor do meu peito ganhou um motivo para inflar ainda mais e escorri litros de lágrimas que estavam acumuladas no fundo da minha garganta.

— Desculpa...

— Nem pense em me pedir desculpas. Não. Definitivamente não. — Os seus lábios beijaram a minha nuca. — Não deveria ter deixado você ir.

— Você não me deixou. Eu fui.

Ela deu uma risada quebrada.

— Nem pense em me deixar de novo.

Eu apertei-me mais contra o seu peito, na expectativa que afagasse o que doía. Mas aumentava mais. E mais. E mais.

E mesmo assim eu me contive.

Eu não chorei.

Mesmo que o meu coração estivesse despejado em lágrimas e inundando meu corpo em um maremoto raivoso.

36.2

“Você nunca deveria me deixar ir. Eu sei que estou bagunçando sua mente. O diabo te pegou bem dessa vez. E eu espero que doa como o inferno.”

Hurts Like Hell, Madison Beer

Harper Reese

— Toma.

Vanessa estendeu um copo de água para mim e eu peguei. Bebi em um só gole, encostando as costas mais contra a parede.

Estávamos sentadas no chão do corredor. Eu não tinha coragem de me levantar. Talvez as emoções tivessem tomado meus ossos, destruindo as minhas articulações. O controle para que eu não desatasse a chorar era tão grande que desequilibrava o restante do meu funcionamento.

— Obrigada.

Ela se sentou, cruzando as pernas.

— Você não vai dar uma de psicóloga para cima de mim, né?

Ela riu, mas não consegui rir de volta.

— Não. Apesar de eu ter as minhas análises e...

— Por favor. Não comigo.

— Não vou — ela disse tranquila. — Irei estar aqui como sua irmã e vou querer te ouvir tal e qual uma.

— Mas eu não sei se quero conversar.

Balancei o copo, me focando nele.

— Existem outras maneiras de compartilhar o que você está sentindo.

— Lá está você usando a sua psicologia comigo.

Revirei os olhos.

— Não, sua boba! Podemos jogar.

Levantei a sobrancelha, tentando entender como uma mulher de quase trinta anos sugeria tal coisa.

— Jogar?

— Sim. Me dê esse copo. — Ela tomou sem que eu abrisse totalmente os dedos para o entregar. — Se a parte aberta cair em uma de nós, temos que dizer algo que esteja nos atormentando no momento. Pode ser uma pergunta, uma confissão... Não precisamos ir tão fundo, mas temos que colocar as nossas verdades à tona.

— Como eu posso ter certeza de que você não fez algo assim com um dos seus pacientes?

— As minhas consultas são privadas, portanto nunca terá certeza.

Ela sorriu mais um pouco e, dessa vez, tive que sorrir também. Me empolguei ligeiramente, pois eu amava um desafio por mais mínimo que fosse.

Aprumei meus ombros e preguei meus dedos inteirinhos contra o meu ventre. Vanessa fez a primeira rodada, girando o copo e, por pura sorte, caiu em mim.

— O universo me odeia...

— Se ele te odiasse, já teria te eliminado.

Aquilo fez o meu coração regozijar. Era algo que a nossa mãe frequentemente dizia. Era certo se o universo nos odiasse, teria feito algo em relação a isso e apagado a nossa existência. Claro que era uma metáfora reclamar com o que não tem sentimentos, mas a minha mãe respondia à altura.

Fiquei relaxada. Eu estava com alguém que me conhecia e me amava.

Estava com alguém que eu não precisava ter vergonha.

Eu correspondi ao sentimento de abertura e comecei a falar.

— Quando saí de casa, me senti péssima. Senti como se eu estivesse me abandonando. Mas era algo que eu precisava, sabe? Depois de acabar o ensino médio, eu percebi que estava fazendo muita coisa de maneira errada. Eu vi como vocês estavam decepcionados.

— Claro que não, Harper.

Bati no copo levemente.

— Eu não queria me comportar como uma garota mimada. Queria aprender a ter a minha própria força. Ser a minha potência. Acabei vestindo uma fachada que agora não consigo me desfazer.

— Você sempre foi assim.

Arqueei as sobrancelhas.

— Não tanto.

— Você que não notava — argumentou. — Os pais sempre falavam como você daria trabalho quando se tornasse mais adulta, e eles não mentiram. Mas, infelizmente, o que aconteceu deve ter acionado algo maior em você.

Assenti, massageando meus dedos e apertando no tecido da roupa.

— Eu...

— Você não atendia as minhas chamadas porque achava que eu estava decepcionada? — ela perguntou, me interrompendo.

Demorei a responder.

— Eu não te atendia porque sentia que iria voltar a sentir o impacto do que é não conseguir fazer algo por mim. Não sei. Na minha mente, tudo estava fazendo sentido.

— E...

— Não. Próxima virada — mandei, cortando-a. Ela me encarou durante um tempo, porém cedeu e concretizou o giro. Para minha sorte, acertou nela.

Vanessa demorou para processar um par de palavras antes de começar.

— Eu só disse aos nossos pais quando vi que estava acontecendo com você.

Enruguei o nariz.

— O quê?

— Eu só contei aos nossos pais que o Cloan abusava da gente quando vi que tinha acontecido com você também. Ele tinha sim tocado em mim, mas já fazia muito tempo. Achei que tinha sido paranoia da minha cabeça, até que eu vi quando aconteceu com você. Então, eu tive que falar. — Apertei meus lábios o bastante para sentir o gosto de ferro quente. — Eu me perguntei também porque você não tinha dito nada. Como você não tinha ganhado a coragem para dizer que algo estava errado, mas então me lembrei que eu mesma não tinha dito. Fingi que estava tudo bem. Que tinha sido algo normal. Então, como eu te julgaria?

Precisei esconder-me por detrás dos meus braços novamente. Eu iria perder gramas de tanto chorar. Era impensável como ter a minha irmã ao meu lado apertava o botão das lágrimas impulsivas que massacravam meus orbes.

— Mas não é assim que funciona. É um pensamento de colocar a culpa na vítima quando ela não o tem. Éramos muito novas. Esse peso não deveria estar em ninguém, mas em uma criança? É cruel. Muito cruel. Os pais não souberam reagir. Não souberam te dizer o que tinha acontecido de verdade porque acharam que iriam te poupar. E eles estavam errados sobre isso. Mesmo que a parte boa fique entre nós, existem momentos que os nossos pais erraram e não temos que negar. — Vanessa deu uma pausa, como se desse espaço para que eu interiorizasse o que ela havia dito. — Mas eles criaram a mulher mais incrível do mundo inteiro. Criaram alguém forte o suficiente para superar qualquer coisa.

Ela esticou novamente os seus braços para me encolher contra o seu tórax. Deus, era bom demais ter um cheiro familiar no meu cérebro. Ter alguém com quem compartilhei memórias.

Mas não significava que eu estaria pronta para enfrentar. Que eu estaria pronta para enxergar tudo dessa maneira. Ainda era doloroso. Ainda não sabia o que fazer com essa pequena abertura que fui obrigada a ter tão nova. Uma abertura que não fechou e se alastrou mais.

— Talvez possa parecer estranho, mas... O que aconteceu te privou de mais coisas? — Vanessa questionou com tolerância em suas palavras.

— Eu... Eu não sei — gaguejei.

Ela estudou meu semblante em um cálculo veloz, antes de dizer:

— Você está conseguindo morar com alguém em casa, principalmente um desconhecido. Isso é bom.

Esmaguei meus dedos.

— Andrew não gosta de mim, e nem eu dele.

Seu semblante exibiu confusão.

— Por isso, você se sente mais à vontade com ele?

Agora era eu que estava confusa.

Eu me sentia mais confortável ao lado de Andrew porque ele, sem esforço, me deixava bem.

Eu sempre o provocava primeiro. Alguma parte de mim gostava da tensão entre nós e se viciava nela. Embora muita coisa nele não era suportável, eu comecei a ver como algo que me alegrava.

Andrew nunca tinha dito que não gostava de mim. Ele sempre agiu como se eu fosse a única pessoa em uma guerra. E, mesmo assim, eu perdi.

Apesar de eu estar lutando sozinha, perdi para mim mesma.

Respirei fundo antes de responder.

— É complicado, mas ele não me faz mal.

— Entendo... Você já pensou em fazer terapia? — Balancei a cabeça.

— Você nunca sentiu que precisasse?

— Eu deveria? Não é como se eu estivesse doente.

— E você não está — disse com calma. — Mas é sempre muito bom conversar com alguém que vai te ajudar a lutar contra os seus traumas sem parecer uma luta eterna. Vai ser mais fácil. Você vai se conhecer melhor. Pense nisso, amor.

Suspirei. Eu sabia como a terapia era fundamental, mas eu necessariamente precisava disso?

— Eu estou me consertando sozinha.

— Não fale como se estivesse quebrada.

— Eu estou — disse baixinho. — Eu sinto em quase todos os toques que estou. É tão difícil, às vezes. Tem momentos que me pergunto como eu consigo dormir com alguém, como eu consigo conviver com as pessoas sabendo que tem algo em mim que não funciona corretamente. O meu corpo reage a qualquer sinal de perigo, mesmo que não seja. E eu estou em

constante medo de ser tocada sem que eu espere, por mais que eu aja como se estivesse tudo bem e eu não me importasse.

— É normal que você tenha esse tipo de reação. Foi muito complicado para mim também. Eu dormia e sentia aquela mão formigando, mesmo que nada estivesse me tocando. Pode parecer tão simples, mas assédio deixa marcas, Harper. Nem todos os abusos parecem reais, mas são pessoas. E infelizmente, caminham entre nós.

Funguei, entupindo o caminho das minhas lágrimas.

Assédio. Tinha nome. Tinha significado. Mas quem diria que tinha também uma bagagem de traumas?

Três anos que me arrancaram cada pedacinho de mim e sujaram-no com lembranças cruéis.

Eu não odiava a mulher que eu era. Só não queria que eu tivesse me tornado assim por situações que me atormentavam.

— Eu nunca cheguei a te perguntar, mas como você... Como foi pra você? — questionei cautelosamente.

— Não foi fácil. Às vezes me causa náuseas lembrar — confidenciou, seu rosto contorcendo. — Vergonha. Muita, muita vergonha, mas é como se eu tivesse aprendido que deveria viver com ela, apesar de tudo.

Meu peito inflou.

— Lamento tanto...

— Lamento muito por nós.

Os seus dedos rastejaram pelos meus cabelos, a sutileza do gesto amaciando o meu peito com toda a ternura. Eu a amava.

— Você vai ficar aqui até quando?

— Infelizmente, terei que voltar logo pela manhã.

— É muito pouco tempo.

— Eu sei... Mas preciso tomar conta da minha filhinha, então...

O meu peito parou de bater e desenrolei-me bruscamente do seu abraço.

— Filha? Espera, você é mãe?

Ela pestanejou e delineou um sorriso autêntico. Mal consegui processar o que estava pensando.

— Sim. Ela se chama Star, tem cinco anos e...

— Oh, meu Deus. Eu sou tia? — Vanessa meneou a cabeça, quando pressionei fortemente o dedo contra o peito. — Por que eu não sabia?! Meu Deus!

Ela gargalhou muito alto pelo meu ânimo. Estava exaltada por não imaginar que havia um membro novo na família, principalmente vindo da minha irmã.

— Você quer ver fotos dela?

Assenti animada.

Vanessa pegou no seu celular e vasculhou pela galeria. A minha irmã também se empolgava em mostrar tudo. Era inacreditável os anos que tinha perdido. Como ela agora era casada, tinha uma casa linda e vivia perto dos avós.

Eu queria muito pertencer àquele mundo novamente. Queria estar de volta à minha família. Tudo pareceu ficar cinza, vendo que estava perdendo um mundo de cores que deixei para trás.

— Você pode vir comigo. Passar as férias conosco.

Vanessa leu minha mente. Era tentador. Eu continuava com receio. Como chegaria na minha família e diria que desapareci durante anos porque estava com vergonha? Por que eu queria ficar longe do meu lado mais fraco para ser sempre forte?

Balancei a cabeça.

— Infelizmente, não posso agora.

Vanessa mostrou um sorriso triste.

— É por culpa daquele cara? Andrew, não é?

O meu rosto se contorceu. Ainda tinha o seu cheiro impregnado na minha roupa e era tudo menos limpo. Tinha feito algo que estava me arrependendo amargamente, especialmente por saber que ele tinha invadido a minha privacidade daquele jeito.

— Ele não deveria ter te chamado.

— Ele fez porque estava preocupado com você.

— Ele fez porque eu estava chateada com ele e queria se desculpar — resmunguei. — O que Andrew fez não foi certo e estou tão furiosa. Ele se comportou com indiferença ontem quando contei sobre você e foram apenas três segundos longe para que ele te desse o meu endereço para fazer um pedido de desculpas sem graça.

Inspirei profundamente. Não era necessário ele fazer tudo aquilo. Claro que Andrew me machucou dizendo que tinha passado o dia comigo por pena, porém me comprar um Porsche, o cartão da *Athena*, me dar um acordo para ser sócia da *Sweet Muffins* e chamar a minha irmã? Quem fazia isso para se desculpar?

— Ele não sabia. Dá um desconto.

— Andrew sabe o quanto odeio que interfiram na minha vida.

— O problema é que ele quer fazer parte da sua vida.

— Mas eu não. Daqui a pouco, vou embora e ele nunca mais me verá. Eu não amo. Não me apaixono. Eu não namoro. Tem certas coisas que não me submeto, e o amor é uma delas.

Vanessa não disse mais nada, além de um carinho no ombro, antes de levantar.

— Bom, então, que tal antes de eu ir embora, vermos um documentário?

Me senti mimada pela sua sugestão. Como eu tinha ficado tanto tempo afastada dela?

— Você promete voltar? — indaguei, evitando minha voz sentida.

— Amor, claro que sim. Sempre. Volto sempre para você.

Levantei-me, esfregando os punhos nos olhos. Desentupi a garganta engolindo a saliva e procurando o que falar.

— Você quer ver que documentário?

— Por favor, nada que tenha *serial killers*.

Sorri.

— Ah, eu esqueci de te perguntar, mas como você conseguiu pagar as propinas da faculdade sem usar o dinheiro dos nossos pais? — Paralisei.

— Você trabalhou?

Aquiesci.

— Em uma loja.

— Ah... Deve ter sido tão difícil.

Espremi meus dedos que ficaram frios.

Odiava mentir, mas eu precisava para me proteger.

— Vamos ver um documentário de *serial killers* — declarei e a minha irmã suspirou. — Eu realmente estou precisando.

— Está bem, mas se eu tiver pesadelos à noite, a culpa é sua.

Gargalhei baixinho.



Nunca tinha me sentido tão mimada quanto naquele dia. Ou um alívio tão extasiante. Ainda estava me recuperando do choque. De um dia para o outro, muita coisa mudou.

Eu não via o rosto da minha irmã havia anos, porém agora eu queria ver mais vezes.

Decidi levantar cedo para fazer algo especial para Vanessa antes de ela ir embora. Não tive muita escolha, além de dar um pulo na rua para comprar o que precisava.

Agasalhei-me melhor. Estava com um casaco longo preto e umas botas altas da mesma cor que dava a sensação que só vestia aquilo. A camisa de gola alta cinza e as calças pretas me aqueciam.

Não sabia ao certo o que eu poderia comprar já que era domingo e provavelmente a maioria das lojas estavam fechadas. O meu olfato apurou quando um cheiro quente se manifestou em toda atmosfera gelada.

Muffins.

O meu organismo automaticamente correspondeu em fome, porém a minha mente repelia. Eu poderia fazer muffins para a minha irmã. Ela amava tanto quanto eu, já que era algo que comíamos juntas com a nossa mãe. Mas os da Sweet eram especiais. Eles tinham algo a mais.

Porém, a coragem de colocar os pés lá era nula. Já tinha tentado tantas vezes, mas me lembrava de algo que tinha me congelado. Como eu

me senti desconfortável, fria e nojenta. Eu não me entendia. Pelo menos, fingia que não.

Talvez eu devesse tentar.

Talvez eu precisasse dizer a mim mesma que estava tudo bem. Que eu conseguia.

Poderia ser só a minha entrada para uma loja de muffins. Qualquer um era capaz. Mas para mim seria uma vitória. Algo que me diria: *você está indo bem*.

Respirei fundo, a poucos metros de distância da vitrine. Entraria, pagaria pelos meus muffins e depois daria o fora.

Se o cara estivesse lá, poderia praticar os meus anos de artes marciais. Eu sabia golpes. Eu poderia matar. Não haveria motivo para ter medo.

Ou, então, poderia dizer que não. Não queria que ele me tocasse. Falasse comigo. Poderia dizer em claro e bom som que eu não tolerava que invadissem o meu espaço quando não queria.

Seria fácil. Era só eu entrar e fazer acontecer.

— Posso esperar por você.

O meu coração galopou antes de eu girar e ver a razão de tanta coisa desorganizada na minha vida.

Andrew estava com roupas diferentes das que saiu. O seu cabelo estava encharcado e um novo perfume mesclava com o seu cheiro já habitual. Me perguntei onde ele tinha ido. Com quem ele tinha passado a noite. Odiava ter aqueles pensamentos, mas o meu estômago revirou com a possibilidade dele ter me tocado e ter feito o mesmo com outra pessoa.

— Não preciso que me espere — decretei. — Não tem qualquer sentido.

— Eu sei que não, mas eu fico aqui. Assim vamos para casa juntos.

Mais um acerto de leve no meu peito. Ele articulava casa como se fosse nossa. Como se compartilhássemos com corpo e alma um apartamento juntos. Como se eu não tivesse passado os meses desejando que ele saísse.

— Não quero ir para casa com você.

— Mas eu quero.

Queria falar muita coisa para ele, mas aquele momento não era o ideal. Estava mais centrada em colocar os pés numa loja.

— Não sei se vou entrar — confessei com relutância.

— Você não precisa ter pressa. Se não quiser entrar, vamos embora.

— Mas eu quero entrar.

Engoli em seco, me sentindo patética por despejar algo que Andrew não estava encontrando nexo. Eu esperava que a minha irmã não o tivesse contado nada, ou que ele não fingisse que não sabia sobre o meu passado.

— Estarei aqui se você precisar de algo.

A sua voz era tão macia, calculando perfeitamente o que dizer. Aquilo doía. Deus, como doía encará-lo e ver o que baixava a tempestade da minha alma. O que curava um pouco da minha ferida.

— Não vou precisar. Sei tomar conta de mim.

O canto do seu lábio subiu como o de uma criança. O frio ficava tão bem nele como se Andrew fosse feito de neve. Fofo. Muito, muito fofo.

— Eu sei.

Inspirei e ganhei coragem, dando de costas para ele e entrando.

Algo tão fácil de se fazer tornou-se terrivelmente difícil.

O frio estava me congelando no chão.

A potência dos meus pulmões era colossal, os meus brônquios mal filtravam a passagem de ar e se entupiam de pó.

Mas eu tinha que tentar. Se não conseguiria agora, eu não conseguiria depois.

Falar com a minha irmã tinha me ajudado um pouco, e se não aproveitasse a oportunidade, continuaria limitada por causa *dele*.

Vasculhei o espaço, à procura de algum sinal de perigo. Havia pouca gente e nenhuma das pessoas era o atendente. Meus ombros desencolheram e eu dirigi-me ao balcão para escolher os muffins.

Eu olhava para os lados, para cima e até para baixo, repensando e calculando em que momento tiraria a minha faca. E sempre que meus olhos caíam na janela, eu via Andrew do lado de fora quase adormecendo contra a parede.

Aquilo doía.

E era de uma forma tão prazerosa que me impulsionava mais a continuar a tentar o meu melhor.

Consegui decidir qual dos muffins levar, falei com um dos atendentes e, para minha felicidade, consegui um desconto por ter sido a minha segunda vez.

Quando saí da loja, eu quis chorar.

Quis rir e chorar.

Era algo tão pequeno. Uma coisa tão minúscula, mas me deu um sabor de vitória que nenhum muffin me daria.

O meu corpo estava em regozijo. Tinha superado uma pequena coisa e foi bom. Me deu confiança para continuar superando cada vez mais.

Caminhei até Andrew que ainda estava adormecido. Eu poderia deixá-lo lá, mas foi só dar dois passos para encurtar a distância que ele abriu os olhos, se recompondo.

— Você está brilhando, Reese — ele disse, elevando um dos cantos da sua boca.

Eu queria contar para ele. Eu queria explicar o motivo de estar sorrindo feito uma boba.

— Os muffins estão cheirando bem — declarei. — Fico assim quando estou ansiosa pra comer.

Ainda estava chateada com ele. Ainda iria dar um esporro e talvez gritar a sete ventos o que já repetia desde que tínhamos nos conhecido, mas naquele momento, eu varri pra longe e fiquei satisfeita em tê-lo ali, beijando a minha nuca e sussurrando no meu ouvido:

— Você é perfeita. O mundo é seu. Não falta muito para que todos saibam.



— Quando você vai me largar, Harper?

Os músculos dos meus braços fortaleceram e esmaguei a coluna da minha irmã. Já não me importava se iria triturar seus ossos. Só queria tê-la

contra mim para toda a eternidade.

— Não vou...

— Para quem me ignorava, você está muito...

Larguei de imediato, cortando a sua linha de raciocínio.

— Podemos fingir que nunca aconteceu.

Moldei um sorriso e ela puxou minhas bochechas como se eu fosse uma criança.

Péssimo.

Eu teria a golpeado se não fosse minha irmã.

— Você pode vir comigo — ela disse, e elevou a cabeça para Andrew. — Não tem problema, né?

— Tem — ele respondeu, seco e direto, o que me fez aprumar os ombros.

— Bem, *eu* não vou porque *eu* decidi — expliquei, elevando o tom no pronome. Andrew me deu uma olhada de soslaio, a expressão indecifrável como sempre. — Não posso ir por enquanto. Mas vou quando eu estiver livre.

O seu olhar exibia a sua confusão mental.

— Mas você não está de férias? Está ocupada com alguma coisa?

Ela subiu novamente a mira para Andrew, esperando que ele desse algum sinal de conhecimento. Mas, para seu azar, ele também exibiu a mesma careta e os dois me encararam.

— Tenho algumas coisas pendentes. Só isso. — Peguei nas mãos da Vanessa, massageando com os polegares. — Mas prometo que vou, em breve. Preciso visitar a minha sobrinha.

A minha irmã abraçou a lateral do meu rosto e acariciou-o. Puxou-me novamente para um abraço e murmurou o quanto morria de saudades minhas e como ela estava precisando daquilo. De nós juntas de novo.

Evitei chorar. Andrew estava perto. Mas o meu coração lacrimejava com toda a emoção transbordando.

— Os avós também querem te ver. Eles voltaram para África do Sul, mas sempre dizem que querem nos visitar.

Nós apenas tínhamos os nossos avós paternos vivos. Éramos muito próximas deles, embora fossem poucas as vezes que estivemos juntos. Eles sempre iam e voltavam da sua terra natal.

— Não sei se...

— Eles sentem saudades suas, Harper. Todos nós sentimos.

Apertei suas mãos.

— Eu também.

— Vou esperar por você, mas vou continuar a te chatear. E espero que da próxima vez que eu venha não interrompa nada.

Arqueei as sobrancelhas.

— Você não interrompeu nada.

Os seus lábios formaram um arco.

— Por favor, mana. Até parece... Tenho uma filha. Sei exatamente como se procria.

Andrew coçou a garganta e eu tornei a revirar os olhos, afastando a vergonha.

— Não fala *procria*.

Ela riu alto e afagou meu cabelo. Foi um ato com tanto carinho que fechei os olhos e apreciei os poucos segundos.

Quando ela me soltou, a sua visão direcionou-se para Denson.

— Obrigada por me chamar.

Andrew pareceu ficar constrangido. Talvez por ainda ter na consciência que eu não tinha gostado da sua atitude. Ou por estar falando com a minha irmã que, certamente, exibia uma aura muito mais soberana que eu.

— De nada — murmurou.

Vanessa me deu um beijo na bochecha e me abraçou pela última vez. Não dissemos mais nada. Eu abri a porta para ela, abanei a mão e a vi descer as escadas para longe.

Queria muito chorar. Queria despejar o que acumulei durante tanto tempo.

Minhas lágrimas se acumularam no peito e era delas que as minhas veias se alimentavam.

Fechei a porta, fungando e limpando meu rosto, mas rapidamente endireitei a coluna, lembrando que não estava sozinha.

— Você quer falar?

A voz de Andrew me deu o impulso para girar os tornozelos e caminhar pelo corredor.

Atei os meus cabelos em um coque rápido e ajustei as alças da minha blusa.

— Sim, eu quero — disse — Não sei no que você estava pensando, mas o que aconteceu ontem não pode se repetir.

O seu semblante não esboçou surpresa, como eu esperava. Andrew parecia já prever o que iria falar e até como atacar.

— Não pode ou você não quer? — perguntou, implorando uma resposta.

Arquejei.

Não poderíamos voltar para a mesma conversa.

— Os meus sentimentos não são importantes — argumentei.

— Se os seus sentimentos não são importantes, de quem será?

— Ninguém. — Eu estava agitada, pegando na manta e arrumando os utensílios do café da manhã deixados no sofá. — Não houve sentimentos envolvidos. Foi algo do momento. Você é gostoso. Eu sou gostosa. Por que não? Mas foi um acaso. Não devemos repetir.

Rumei para a cozinha em passos rápidos. Andrew foi atrás, os seus rastros de raiva enrijecendo os seus músculos.

Gostava de vê-lo nervoso, porque sabia que ele não faria nada além de xingar para si mesmo. Ele dominava muito bem a sua cólera, o que era algo que certamente eu tinha muito a treinar.

— Não venha com essas frases clichês. Conheço esse jogo muito bem. É só uma maneira de você me afastar, mas não vai acontecer.

Dobrei a manta que eu ainda tinha e coloquei-a no meu ombro. Comecei a lavar a louça, abrindo a torneira no máximo para atrapalhar o nosso diálogo.

— Não é uma maneira de nos afastar. Somos adultos. Não é a primeira vez que você tem um momento com uma mulher e nunca mais

pretende repetir, não é?

— Não. — O seu timbre era frio. — É a primeira vez que tenho um momento com uma mulher que pretendo repetir cada maldito segundo.

Não o encarei por saber que não teria muita força para combater com os meus pequenos demônios que queriam escutá-lo. Eu não podia. Simplesmente não podia entrar nesse paraíso malditamente quente que Andrew reinava.

Foquei-me em lavar a louça, quase quebrando os pratos e copos pelas emoções descontroladas. Não queria colocar os meus sentidos para funcionar porque se acontecesse, iria sentir o que não deveria.

— Reese...

— O que foi?

— Para quieta.

Eu balancei a cabeça, esfregando cada vez mais. Estava com os dedos tremendo, a cada momento mais avermelhados.

Os movimentos foram interrompidos pela mão esquerda de Andrew que rondou meus pulsos. Franzi o nariz, cedendo e acertando em seus orbes acastanhados banhados em um incêndio flamejante.

— Você alguma vez já foi amarrada?

— Não...?

— Ótimo, porque teremos uma primeira vez se você não parar com isso.

Obediente, paralisei os meus membros.

Andrew se contentou, por mais que eu ainda estivesse na defensiva. Havia muita coisa em jogo, inclusive meu coração. Se eu desse demais, ele me deixaria com pouco.

A sua fome por mim era tão evidente que parecia humana.

— Da última vez que você quis falar, fizemos tudo menos conversar — denunciei.

— Eu deixei claro o que eu sinto.

— E eu deixei claro o que não sinto. — Ele trincou a mandíbula. — Você é o tipo de pessoa que não quero na minha vida e eu duvido que tenha sido feita para a sua.

— Não estou te pedindo em casamento, Reese — declarou implorativo.

— Mas você está pedindo que eu fique com você, certo?

Ele inalou o ar, esfregando a mão no queixo e certamente esperando que a mão fosse cortada pela barba

— Você realmente me odeia? — questionou entre falhas das suas cordas vocais.

— Eu só... Eu odeio a possibilidade de haver um nós.

Fui obrigada a esquivar o olhar por não suportar ver como os seus olhos tornaram-se globos cinzas.

— Por medo?

Não soube se balancei a cabeça em afirmação ou negação.

— Não posso me machucar, Andrew. Não posso, sob hipótese alguma, me abrir para alguém.

— Eu machuco você?

Havia relutância na sua voz.

— Não — confessei atordoada. — Não. Você não me machuca, mas... — Ele se aproximou ligeiramente, a pressão aumentando no meu peito. — Eu posso me machucar se me envolver demais. E tem certas coisas sobre mim que ainda preciso trabalhar e não sei se estou pronta.

Andrew pareceu compreender, embora sua olhada estivesse longe, havia preocupação explorando minhas linhas faciais.

— Certo.

Seu timbre gutural em uma dissílabo retumbou meu coração.

Por que eu pedia por algo e não aceitava quando ele concordava?

— E, por favor, não faça o que você fez novamente — continuei, embora estivesse doendo por dentro. — Você não sabe o que aconteceu na minha vida para assumir que pode procurar qualquer pessoa que seja da minha família para falar comigo.

— Eu sei que não, mas eu fiz questão de ter certeza — ele pronunciou.

— Como? — perguntei. Os músculos da sua face retesaram e eu tornei a repetir: — Como, Andrew?

Ele eternizou o silêncio e eu queria esmagá-lo. Certamente se meus olhos fossem mãos, ele teria sido sufocado até a morte e após também.

As engrenagens cerebrais começaram a funcionar, os cálculos batendo certo, mas esperando uma certeza no resultado. Como ele teria chamado a minha irmã? Como ele teria tido a certeza que era uma boa ideia? Como?

— Você mentiu — constatei.

— Reese...

Não precisei escutar.

O meu coração bateu fortemente nas minhas costelas, declarando que iria explodir e me matar juntamente caso eu não respirasse profundamente.

Girei o meu corpo, apertando o dorso da mão contra a boca, inalando ar o suficiente para que eu ainda consiga ser racional, porém o ódio estava subindo em uma escala estratosférica. Eu mal conseguia enxergar a minha própria consciência.

— Você prometeu que não o faria — murmurei.

— Eu precisava, mas...

— Precisava do quê, hã? — O meu timbre aumentou. — Deus, qual é a sua, Andrew? Porra! É a minha vida! Eu não sou uma suspeita de nada. Não sou a porra de uma criminosa. Caralho. Por quê? É a minha privacidade? A porra da minha vida!

Saí da cozinha furiosa, o peito irrompendo em um colapso. Não estava acreditando. Sentia que tinham arrancando a minha cabeça, exposto o meu cérebro e todos os pequenos demônios e anjos que tinham nele.

— Aurora, me escuta.

— Merda, não. Não, não.

Eu tinha pedido para ele. Eu não queria que ele soubesse o que aconteceu comigo. Não queria que ele me visse como um pedaço de vidro. Algo fragmentado. Não queria que ele enxergasse esse meu lado frágil.

— Eu não pedi pelo seu passado — explicou abalado.

Ele pegou no meu pulso, mas a única coisa que consegui pensar foi em tentar derrubá-lo por ódio. No entanto, Andrew foi mais rápido e quando dei por mim, ele ficou em vantagem no chão.

— Você não consegue me respeitar? Foi só isso que eu pedi para você! — exclamei, engolindo toda a raiva que queria se derramar pelos meus olhos avermelhados.

— Se você se acalmar e me escutar.

— Não vou! Você mente para mim, me diz coisas absurdas para que eu acredite que você não iria cavar a minha vida. Parabéns. Eu não tenho nada a esconder. Sempre te disse. Nunca tive. Só não quero me expor. Não gosto de me expor.

As palavras saíam com sabor a sal. Era estranho estar prestes a chorar em frente a alguém. Estava muito emotiva. Muito transtornada. Mas chorar? Não. Eu não poderia me submeter a isso.

Não em frente a ele. Não para Andrew.

Eu não chorei naquela casa. Não chorei quando os meus pais morreram. Não chorei quando achei que não seria ninguém.

Chorar por causa do Andrew? Deveria ser a última coisa que eu faria. Mas, mesmo assim, meus olhos ardiam e eu estava lacrimejando.

Eu. Estava. Lacrimejando.

— Eu sei, merda. Eu sei... — ele murmurou desorientado. — Mas eu não sabia o que fazer para te tirar como suspeita. Precisava ter algo para me apegar. Tem tanta coisa acontecendo comigo que te ter fora da minha merda era a única salvação.

— E estou fora. Como eu também desejaria poder estar fora da sua vida.

Os seus olhos entristeceram, uma nuvem cinza engoliu a cor castanha das íris. A pequena força que ele depositava no meu pulso diminuiu ainda mais, sentindo só o contato da pele dos seus dedos contra a minha.

— Você está falando sério?

— Você acha que não? Você disse que não mentiria para mim, que me respeitaria, mas não está acontecendo — murmurei, embrulhando minha voz em um caroço na minha garganta. — Se afasta de mim. Finge que eu não existo.

— Como, Reese? Como?

Abanei a cabeça, controlando as lágrimas.

Não iria chorar. Não podia. Não queria.

— Faça acontecer, Andrew. É só isso que eu te peço. Isso não me vai fazer bem. *Você* não vai me fazer bem.

Andrew explorou meus olhos antes de se levantar. O meu peito ardia em uma dor que arranhava, massacrava, golpeava a única parte de mim que ainda seria sincera.

Eu não sabia como muita coisa de mim tinha a sua marca, portanto foi como ter minha alma saindo do meu corpo e fugindo com ele.

Sentei-me, esfregando meu rosto.

Eu não iria chorar. Não podia.

Mas assim que o vi pegar no capacete e bater a porta com força, não pude mais conter as lágrimas.

Se eu pensei que protegia o meu coração, estava enganada.

Andrew o tinha roubado sem que eu tivesse percebido.

Era dele. Totalmente, inevitavelmente dele.

Cada batida, cada suspiro, cada lágrima... Ele tinha roubado tudo e me deixado sem nada.

Aquilo doeu.

E eu chorei.

Chorei todos os anos em que pensei que nunca me entregaria a alguém.

Porque eu tinha me tornado de Andrew.

37

“Eu terminei com você. E, baby, eu prometo, eu serei o que você queria. Mas agora e aqui, o coração levou algo importante. Gostaria de poder terminar.”

Want u around, Ruel&Omar Apollo

Harper Reese

Não era uma pessoa que se arrependia.

Normalmente, as decisões que tomava eram conscientes e determinadas. Mas nesse dia foi diferente.

Eu me arrependi de tê-lo deixado ir.

Me perguntava se eram consequências do choro. Ele fazia você se arrepender? Se sentir mal? Sempre me falaram que chorar é um alívio. Para mim, foi um bloco de cimento nas costas.

Deus, aquilo doía.

Como eu poderia estar machucada por algo que não tinha me tocado ainda? Por algo que não tinha me reivindicado?

E eu não podia pedir para que ele devolvesse o meu coração porque sabia que viria com o seu nome.

— Você não quer mesmo que eu vá te ver?

Esfreguei o pulso no meu nariz já inflamado. Eu tinha chorado e ficado doente. Tinha anoitecido e o frio tinha piorado. Era péssimo como

estávamos entrando na Primavera, mas parecia que acabávamos de sair dos feriados natalinos.

Estava enrolada na manta na sala, encarando o céu que rompia com trovões e um torrencial autêntico. Fazia pouco mais de dez horas desde que Andrew saiu. Ele iria dormir fora? De novo?

Eu me sentia traída. Muito traída. Mas a casa também era dele. Eu o queria ali também. Queria sentir a sua presença, mesmo que ficasse trancado no quarto. Eu não me importaria, desde que soubesse que a poucos metros, ele estava próximo de mim como esteve durante todas aquelas semanas.

— Harper...

A voz de Paige despertou meu transe.

— Desculpa. Me distraí. — Suspirei. — Fica com os seus irmãos. Eles precisam mais de você.

— Nada disso. Eles estão apenas sendo chatos. Odeio jantares em família — ela resmungou em uma lufada grossa de ar e eu ri.

— Queria estar com a minha família também.

Eu era tão ridícula. Passei anos ignorando e agora eu queria visitá-los? Mas eu precisava daquilo. Tinha sido inevitável.

— A visita da sua irmã te fez humana, é?

Se Paige estivesse na minha frente, eu teria atirado o travesseiro contra seu rosto.

Eu contei pra ela o que aconteceu. Era fácil falar com Ambrose. Esperava que quando eu fosse embora, pudesse continuar tendo ela ao meu lado. James também. Eram duas pessoas que eu poderia confiar de olhos fechados, mesmo que houvesse pequenos detalhes que poderíamos não saber um do outro.

— Me deixa em paz.

— Foi você que ligou, sua vaca.

Gargalhei, voltando a fungar e encarar a janela. A chuva tinha se intensificado, uma tempestade rompia o céu escuro. Estava pior que no dia anterior.

Onde Andrew estaria? Será que ele estava andando de moto? A probabilidade dele se acidentar era grande. Eu tinha lhe avisado. O número

de pessoas nas urgências que se acidentavam por causa das estradas molhadas era enorme e ele poderia ser um desses.

Talvez eu estivesse me preocupando demais? Sim. Poderia estar sendo hipócrita? Com certeza.

Mas ele tinha que voltar.

Eu precisava dele comigo.

— Está tudo bem mesmo, amiga?

Assenti.

— Sim — respondi, sentindo o sabor da mentira.

— Bom, vou indo. Qualquer coisinha, me manda mensagem, está bem?

Eu aquiesci, mesmo que ela não fosse ver. Desliguei a chamada, vasculhando a lista de contatos e não me incomodando em ligar para outra pessoa.

Barton foi rápido em atender.

— O que foi, Harper? Está tudo bem?

— Eu... — Engasguei-me com a minha própria saliva, sem saber ao certo o que dizer. — Andrew está com você?

— Não. Nem com o Kian já que ele viajou hoje de manhã. — Esperei que ele falasse mais alguma coisa. — Aconteceu algo que eu deva saber?

Balancei a cabeça, como se falasse para mim que não tinha acontecido nada.

— Nada. Ele saiu. Apenas. E... Estou arrependida de o ter deixado sair.

Tive a certeza que James sorriu.

— Ele vai voltar, Harper. Vai dormir. Amanhã ele estará de volta.

Sim. Ele voltaria. E se não voltasse, eu não me preocuparia.

Mas no dia seguinte Andrew estaria em casa.

A casa era dele também.

— Ok... Desculpa te incomodar.

— Você não incomoda, Harper.

— Incomoda sim! Você interrompeu o nosso momento! — Escutei Willa gritando em um tom de brincadeira e eu gargalhei ainda chorosa.

— Não liga para ela — Barton disse. — Vai dormir.

— Certo...

Novamente, fiquei sozinha na chamada. Encarei as horas e era quase meia noite. Os postes de luz do exterior não funcionavam corretamente, portanto piscavam quase em uma dança rítmica com a rebelião da chuva.

Estava confusa. Completamente desnorteada no que se referia ao que eu queria. Se eu visse Andrew, teria gritado com ele. Teria revirado aquele golpe e o colocado para sofrer. Mas ele não estava ali, e a angústia aumentava.

Eu queria estar chateada com ele perto de mim. Não longe.

Isso sequer fazia sentido?

Poderia ligar para ele. Perguntar onde estava. Poderia gritar com ele e dizer que quebraria o seu quarto se não chegasse daqui a um minuto para me ouvir. Mas eu não era assim. Eu não me arrependia. Não era ciumenta. Muito menos possessiva.

De que adiantaria se o clima continuasse pesado? Se eu continuasse achando repulsivo o que ele tinha feito?

Sacolejei a cabeça, procurando pelo que poderia me entreter. Arrumei a cozinha, fiz alguns doces mesmo que estivesse prestes a colapsar de sono. Às duas da manhã, não aguentei. Precisei dormir.

Era a segunda noite que ele passava fora.

E a segunda noite que eu me quebrava mais um pouco.

Assim que enfiei meus pés nos lençóis, a porta foi aberta. O meu coração parou e dei espaço a uma respiração rarefeita.

Escutei passos lentos, quase como se arrastassem um saco de batatas no tornozelo.

Não me movi, quase implorando para que o meu corpo não desse sinal de que estava acordado. Porém eu notei algo diferente. Notei como não havia a confiança no modo como ele caminhava. Alguns grunhidos raivosos eram liberados como se ele se xingasse mentalmente a cada segundo.

Escutei a sua porta do quarto abrir e a luz acender.

Não me detive em ir inspecionar, ainda embrulhada na minha manta. Caminhei silenciosamente os poucos metros que nos separavam e espreitei pelo feixe da sua porta.

E eu o vi.

Andrew estava ferido. A sua roupa suja e claramente o seu corpo doía.

A estrutura anatômica dos meus pulmões se deslocou pela surpresa. E quando ele se preparava para tirar a sua camiseta, abri a porta.

— O que você está fazendo acordada? — interrogou em um timbre abismado, cerrando o olhar.

— O que aconteceu?

Encurtei a distância, o analisando melhor.

— Está tudo bem. Cai da moto. Acontece.

Ele tirou a camiseta, o seu corpo suando e com feridas laceradas no braço e em frente ao peito.

— Eu tenho uma caixa de primeiros socorros aqui. Vou buscar.

— Não precisa — repeliu. — Vai dormir. Vou tomar um banho e isso passa.

Mas eu não queria saber. Fui até o meu quarto e peguei na minha bolsa, rumando apressadamente de volta até ele. Andrew suspirou e balançou a cabeça.

— Reese, foi apenas uma queda. Nada demais. A chuva estava forte e...

— Eu sei que a porra da chuva estava forte. Eu te avisei. Você é teimoso. Eu disse que são muitas pessoas que se acidentam em tempestades.

Eu mal conseguia encará-lo. O empurrei de leve para que ele se sentasse na ponta da cama.

O seu olhar cavava o mais fundo do meu ser. Enquanto eu abria a bolsinha, os seus orbes sondavam meu corpo, minha alma, meu coração.

Havia tanto para dizer, tanto para sentir, que era impossível ter a certeza que iria sair inteira dali.

— Eu não me acidentei.

— Mas poderia.

— Sou de ferro.

Tirei uma compressa e coloquei álcool, limpando a ferida. Ele tremeu, gemendo levemente e eu sorri.

— O que você estava dizendo sobre ser de ferro? — O seu sorriso era torto e com dor. — Já tratei de pessoas como você.

— Pessoas que você expulsa da sua vida?

Levantei o olhar e pressionei a compressa alcoolizada contra a sua ferida, Andrew reagiu com um gemido de ódio e dor.

Involuntariamente, ri pela sua expressão.

— Você está se divertindo, é? Porque eu não.

Eu não disse nada.

Tirei a manta pelo calor que subiu e a minha blusa ficando apenas com um top e as calças.

Andrew não olhou. Ele estava mais preocupado em analisar os objetos da minha bolsa e entendendo a sua função do que me ver.

Era tão estranho. Tão estranho termos discutido e agora querer que ele ficasse.

Mas eu não sabia dizer. Eu não era capaz.

— Onde você foi? — perguntei, soltando o cabelo e pegando no rolo dos adesivos.

Andrew subiu a cabeça, investigando meu rosto antes de pronunciar.

— Academia.

— Ah... — Estiquei o rolo branco e medi a ferida. — Até às duas da manhã? Ontem também?

— Você sentiu minha falta? — ele indagou, me encarando com veemência, um pouco de esperança saltando em seus olhos.

Meus dedos congelaram. Como eu poderia ser tão patética?

— Pega a tesoura e corta para mim, por favor — indiquei e ele fez. Andrew ainda ansiava pela minha resposta, mas eu não sabia o que dizer. — Estava preocupada.

— Por que você evita?

— Evito o quê?

— O que estamos sentindo.

Coletei um band-aid da bolsa tremelicando, mas me mantive estável para que ele não visse as rachaduras que já tinham sido criadas quando ele saiu.

— Pressiona a compressa na ferida — pedi, e ele fez.

Abri o band-aid e delicadamente pressionei para que pudesse tapar a carne exposta e a área lesada.

— Está doendo? — perguntei, massageando para que as pontas não se soltassem.

— Depende de que parte de mim está se referindo. E não é um band-aid que vai curar.

Não fui capaz de o encarar, por mais que o meu corpo implorasse para ceder e deixar que ele me domasse inteira.

Eu o queria perto. Queria sentir o seu calor. Sentir a sua respiração. Escutar seu coração. Mas não conversar sobre nós. Aquilo acabaria comigo. Aquilo abriria uma ferida em mim e não haveria band-aid para tapá-la.

— Nunca pensei que fosse ficar mal por te ver ir embora. Só se passaram horas, mas eu senti um vazio muito grande, Andrew. Era como se o meu coração tivesse quebrado, você roubasse cada pedacinho e não quisesse me devolver — disse, a corrida violenta em minhas artérias dilatavam meus batimentos. — E isso é assustador pra caralho. Eu me sinto impotente.

— Você não é.

— Me diz por que merda eu chorei por você? Por que eu estou tão... — balbuciei, mal contendo a outra dose de lágrimas.

Estava aguentando com o máximo que podia, mas era incontrollável.

Eu estava uma bagunça, totalmente abalada por um enxame de emoções. Nunca tinha sentido nada tão poderoso, que parecia coroar meu coração e fazer doer cada inalação de ar.

— Eu entendo você, coração — explicou, o tom tenro e quente. — Não estou falando que é amor. Não estou dizendo que é para sempre. Não estou te pedindo para me amar de volta se eu quiser te amar. Não vou prender você a mim, mesmo que, nesse momento, eu possa derrubar

qualquer um que tentasse te tirar do meu lado. Mas, porra, como é possível ignorar?

Espremi os olhos, os meus ossos tremendo e o furacão no meu estômago sugando todos os órgãos ao redor.

— Acho que estamos confundindo tudo.

— Como você pode ter certeza se nem me encarar você é capaz? — questionou delicadamente. — Já te disse que gosto que você olhe pra mim enquanto fala. Quero ver todo o seu corpo conversando comigo. Quero ler todos os seus sinais para ter certeza que são os mesmos que os meus.

Subi a mira, aterrando em seus orbes marejados em uma doce camada de afeto.

— Falar não é o suficiente?

Ele torceu sua boca, pegando em alguns fios que atrapalhavam os traços do meu rosto e colocando-os por detrás da orelha.

— Uma frase sua, Reese... Só uma frase sua e eu ficarei de joelhos pra você. Mas encarar você também é uma maneira de eu ter certeza que é real. Que você me enxerga da mesma maneira que te enxergo.

Pressionei os dedos contra os seus ombros, me sentindo péssima em não poder finalizar os seus ferimentos. Tinha que tratá-los, mas estava em uma comoção de emoções que prejudicavam a minha sanidade.

— Se alguma vez te odiei a ponto de te querer longe, agora eu odeio por te querer tão perto. — confessei, rindo comigo mesma por uma fachada tão ridícula.

Estava difícil me manter em pé. Estava difícil fingir que não estávamos na mesma sintonia. Eu o queria. Deus, como eu o queria. Não sabia se seria capaz de controlar mais as minhas emoções.

— Eu deveria te odiar por me dar um coração. — Andrew pegou na minha mão e levou contra o seu peito. — Eu nunca pedi por um, mas agora sinto como se tivesse dois.

Eu inclinei-me, tocando nossas testas. Os seus dedos cavaram a minha nuca e o seu fôlego tornou-se o meu oxigênio. Um beijo e tudo isso acabaria. Eu iria ser dele. Completamente. Sem retorno. Provavelmente, Andrew faria o que tinha me prometido. Iria arruinar-me para qualquer homem. Em todas as vidas que eu estivesse condenada.

Era a primeira vez que o meu peito batia tão avassaladoramente. O quanto ele estava desejando encontrar outro coração também. Já tinha perdido tantas primeiras vezes. Já tinha encontrado todas. Mas aquilo... O que eu estava sentindo. O começo de algo.

Era novo. Único. Esplêndido.

A sua mão livre vagueou pela minha coluna até acampar no meu quadril. Ele dedilhou na minha nádega, a vontade de a apalpar, arranhá-la e estalar era forte. Eu conseguia sentir. Em contraste, os seus lábios faziam um percurso leve pela lateral do meu rosto, encontrando o meu pescoço e beijando os meus ombros.

Eu estava aproveitando a sensação de ter tudo em mim dominado por uma única pessoa. Aproveitei, pela primeira vez, o que era baixar as armas e vulnerabilizar o meu lado.

— Obrigada por me esperar na loja. Foi importante — confidencieei, os olhos cerrados e sorvendo sua respiração. — Eu... Tem algo sobre mim que... Estou machucada interiormente, eu acho.

— Quem te machucou? — ele perguntou com tamanha delicadeza, mas senti a raiva pulsando, a corrida violenta em suas artérias era barulhenta.

— Não interessa e eu não quero que você faça alguma coisa em relação a isso.

— Está pedindo o impossível.

— Ele morreu — falei e a mão de Andrew deixou de vagar nas minhas costas. — Foi pouco tempo depois dos meus pais terem falecido. Eu procurei por ele para tentar entender, mas soube que tinha morrido por uma overdose de álcool. — Levantei a cabeça e os seus olhos voltaram a se encontrar com os meus. — Você realmente não sabe de nada?

— Eu te falei que não pesquisei sobre o seu passado. Vou deixar que você me conte e está tudo bem se eu morrer sem saber. Você escolhe.

Aquiesci levemente.

Poderia não ser grande coisa para quem visse de fora, mas para mim era uma confissão muito valiosa. Mexia tanto comigo.

Provavelmente, eu nunca o contaria.

E era bom saber que ainda assim estaria bem.

Andrew se levantou, os pés atando melhor na cintura para que eu não caísse. Não me desprendi dele enquanto ele fechava as janelas, arrumava a bolsa de primeiros socorros, trancava a porta e apagava a luz.

Logo em seguida, puxou os seus lençóis e indicou para que eu deitasse.

Rastejei para a ponta da cama, e ele projetou-me contra si assim que se deitou também.

— Você é *tão* minha — murmurou, o braço envolvendo a minha cintura.

O mundo estava acabando do lado de fora. A chuva estava destruindo as ruas e nenhum de nós se importava.

O nosso mundo era aquele.

Andrew era o suficiente para mim naquele momento.



Eu não estava no meu quarto.

Não estava embrulhada em lençóis.

Estava me aquecendo, com o corpo de Andrew abraçando o meu e o seu ronronar leve batendo em minha nuca.

O meu coração martelou forte e feio quando subi o olhar e deparei-me com o seu rosto descontraído, as feições distensas e a tranquilidade domando seus músculos faciais. Rastejei minha mão para a lateral da sua face e acariciei, sentindo a barba pinicando minha pele. Era bom.

Andrew grunhiu, apertando mais seu braço contra os meus quadris. Já tinha dormido com alguns caras, mas sempre depois do sexo. Sempre afastada. Nunca tão próxima, tão desprotegida, sem ao menos ter beijado.

Beijo.

Encarei os lábios de Denson relaxados. Estávamos com receio de beijar. Dois adultos. *Porra*. Era engraçado.

Éramos dois adultos com medo de tomar os lábios um do outro por sabermos que nunca mais nos largaríamos. Por termos a completa noção de

que seria o nosso fim.

— Se continuar me olhando assim, não vou só comer você. Pode ter certeza que irei fazer você me sentir em todos os buracos.

Assustei-me com a sua voz repentina, embebida em sono. Esfreguei minhas coxas minuciosamente, pelo jeito sujo com que ele falava.

— Talvez eu queira.

Andrew torceu seus lábios.

— Você precisa andar, Reese. Não queira ficar sem sentir suas pernas.

Ele deve ter notado a minha surpresa, pois as suas covinhas fizeram uma visita rápida.

— Babaca. — Bati de leve no seu peito. — Você rouba os lençóis — pontuei.

— Hum... Você dormiu bem, ao menos? — Assenti. Ele sorriu novamente. Em nenhum momento, Andrew abriu os olhos. Ele apenas sabia que eu estava concordando. — Que bom.

— Nós precisamos conversar. E muito — comecei por dizer.

Denson puxou-me mais contra si, o meu peito resvalando no seu, o seu cheiro fundindo com o meu. Minha coxa estava por cima da dele e o seu volume acariciava meu estômago.

Duro.

Jesus. Ele tinha acordado duro, mas estava fingindo que não.

— Mas antes, eu quero saber como foi a conversa com a irmã.

Os seus olhos abriram aos poucos, acostumando-se com a luz repentina do sol que adentrava pelas janelas. Era hipnotizante ver esses pequenos gestos.

— Foi bem. Apesar de não pretender que fosse assim, eu... Foi bom. Eu precisava. — A sua mão fazia pequenos círculos na minha coluna e os dedos trilhavam pela minha nádega. — Eu sou tia.

A curva dos seus lábios subiu e as pupilas expandiram.

— Você já ganhou o título de melhor tia do mundo.

Deus. Eu sentia tudo das pontas à cabeça.

Pressionei minhas mãos no seu peitoral, por mais que eu estivesse espremida contra si.

— Infelizmente, não poderei vê-la agora. Mas assim que eu for embora, irei conhecê-la.

Ele não gostou de eu ter dito a palavra *embora*. A preocupação cintilou seu olhar e a sua mão agora estava acariciando minha nuca, explorando meus fios.

Os meus olhos desceram para o seu pescoço e eu vi o cordão que ele nunca se soltava. Levantei minha mão para tocá-lo, mas Andrew paralisou, quase como um pedido para que eu me afastasse.

Regredi na minha ação.

Ficou um silêncio gritante, os segredos tapados e ferozes falando por nós. Mas eu tomei a iniciativa. Não poderia recuar.

— Eu esqueci de te perguntar, mas ofereceram a você? — Ele aquiesceu levemente. — Uma mulher?

Andrew me estudou, a respiração pausada e quase nula preenchendo meu vazio. Logo em seguida, ele se moveu, a mão enrolando na minha e puxando para que os meus dedos atingissem seu cordão.

Ele me deixou tocar, sentir a frieza e a simplicidade na textura.

Andrew fechou os olhos, quase como se fosse doloroso eu fazer tal coisa, porém apreciou essa dor de maneira calma.

— Foi a minha mãe que me deu — disse. — É o que me lembra de não perder a cabeça. O que mantém meu foco.

Aquilo parecia profundo, por isso não continuei. Apenas assenti, inclinei minha cabeça e beijei seu pescoço, sem largar o cordão. Ele gemeu baixinho, apertando meus cabelos.

Era uma fatia do paraíso. Portas abertas para a paz.

— Vou fazer o café da manhã — ele murmurou, depois de eu o soltar. — Quando estiver pronto, eu te chamo.

— Eu vou com você. Quero te ajudar.

— Não gosto que cozinhem comigo — declarou.

— Você também não gosta que invadam seu espaço, e olha o que eu estou fazendo.

Ele sorriu.

— Garota esperta.

Andrew estapeou minha bunda e eu senti o sangue enervar meu rosto.

Ele saiu da cama, como se o acidente não tivesse acontecido e tivesse sido curado durante a noite. Denson levantou-se com graciosidade, todos os seus músculos agindo a seu favor.

— Você tem razão. Eu roubo os lençóis.

Ri quando ele notou as mantas apenas em seu lado, coçando a nuca. Andrew seguiu para fora do quarto e, com algum esforço, eu me levantei para ir atrás dele.

Andrew pegou no seu regador e colocou água, seguindo para o canto que as suas plantas estavam.

Ele tinha comprado mais algumas e umas estavam perto da janela, outras em um canto do corredor e também próximo à porta de casa.

— Então, você realmente vai embora.

Denson começou por dizer, dando indícios que estava pensando no que eu tinha dito.

Ele me queria ali? Eu não abdicaria da minha vida pelos outros. O meu trabalho, minha casa, a minha vida não era em Fokley, por mais que amasse a cidade.

— Vou.

— Quando?

— Não sei. Ainda pensando.

Andrew aquiesceu, cavando um pouco a terra do vaso com uma pá pequena com delicadeza.

— Por que você escolheu Fokley pra descansar? — ele perguntou, depois de finalizar e lavar suas mãos.

Dei de ombros.

— Gosto da cidade.

— Argumente melhor.

— Não tem mais o que dizer. Eu gosto da cidade, das pessoas. Tinha aqui Axel e Austin. Poderia me divertir com outras pessoas — declarei.

Ele rosnou furioso, abrindo o armário e tirando os itens para fazer o café da manhã. Notei como seu rosto contorceu.

— Espera, você está chateado? Não é novidade pra você que eu dormia com ele.

— Já não é Austin, e sim o fato de você ter falado *outras pessoas*.

Sua voz saiu estrangulada e quase me fez rir. Eu abri a geladeira para retirar o que faltava.

— Isso te incomoda? — perguntei. — Deus, Andrew, não sou uma santa. Você sabe disso.

Recebi um olhar letal da sua parte, o que fervilhou meu estômago.

— Sei até demais, Harper.

Já estava ficando viciada no meu nome sendo articulado pela sua boca, o sotaque britânico sutilmente alterando a pronúncia.

— Você também dorme com outras mulheres.

— Dormia — enfatizou.

— Hum... A garota do hotel não iria acontecer?

— Você quer falar sobre isso?

Ergui minhas sobrancelhas, caminhando para o lado oposto, indo verificar o fogão.

— Teve aquela do guichê também.

Andrew franziu a testa.

— Quem?

— A loira do balcão da rodoviária. Você quis pagá-la para manter a boca fechada, lembra?

Denson estalou a língua.

— Por que você se lembra disso?

— Talvez por não ter sido muito educado da sua parte agir daquela maneira?

— Esqueça esse dia — disse secamente.

— Por quê? — Ele não disse nada, continuando a quebrar os ovos. — Não tinha sido um bom boquete?

Os olhos de Andrew se incendiaram.

— Sim, Aurora, eu dormi com várias. É isso que quer ouvir?

— Inclusive Michelle.

Um silêncio fantasmagórico envenenou o clima. Pude ouvir a traqueia de Andrew fechar, a hesitação em seus gestos.

Eu azedei.

O arrependimento logo amargou na minha boca.

— Austin te disse? — perguntou.

— Sim.

— E você acreditou?

— Estou acreditando mais agora que você não está negando.

— Isso te incomoda? Porque também me incomoda que tenha dormido com meu irmão.

Girei os tornozelos, esticando meu pescoço para captar a visão do homem de tronco nu, bermuda e as mãos espalmadas na bancada.

— É sério que vamos sempre voltar a esse assunto? Vai sempre bater na mesma tecla? — Vi sua boca abrir, uma produção sonora quase eterna querendo vazar, porém não veio acima. — Você realmente me quer?

A minha questão saiu esganiçada, mais cheia de sentimentos do que eu pensava. E se eu fosse um jogo? Se ele apenas me quisesse para jogar com Austin? Algo como *consigo pegar as mulheres com quem você está*.

Droga. Meu peito foi esmagado por uma dor estridente, esculpida por som e imagens. Se o meu coração caísse no chão, não seria muito diferente do que uma bomba arrasando uma cidade.

Suas pupilas dilataram, algo nos músculos da sua face trouxeram um tom cinza.

— É sério que você está duvidando? — Ele falhou na voz. Pude ouvir cada letra se quebrando. — Caralho, Reese. Depois de tudo? Você está em dúvida de se eu te quero? — Andrew já não estava próximo à bancada. — Nada disso está sendo o suficiente?

— Eu... Eu não sei. Você é difícil de ler — balbuciei.

— Você não acredita em mim?

— Eu acredito, mas é complicado. Já te disse. As coisas não são fáceis para mim — declarei, apertando mais o meu punho.

— Ah, então, é mais fácil acreditar que dormi com a esposa do meu irmão? Porque é mais prático para você me afastar.

Tornei a abrir os olhos, crispando a testa em interrogações.

— Não... Eu não — gaguejei, pestanejando múltiplas vezes. — Na verdade, esquece. Você é insuportável. Porra, era tão mais fácil odiar você.

Escutei um riso frouxo, com doses de sarcasmo da sua parte.

— Mas você não me odeia, não é? — A voz quente vulcanizou o clima. — Na verdade, nunca me odiou. Era só uma defensiva sua de não me querer.

— É mentira.

Sua boca despontou em diversão.

— Mentira? Você me deseja. *Pra caralho*. — Praguejei em silêncio, enquanto ele dava passos curtos na minha direção. — Fala para mim, Aurora. Você me quer. E muito. A ponto de não pensar em mais nada além de mim.

A energia que ele emanava, trazia jeitos de fechar minha boca e abrir minhas pernas de maneira submissa. O som da sua voz crepitava tensão e ardor, seus olhos escurecendo à medida que eu entendia melhor suas palavras.

Era o que eu odiava. Como nós passávamos de uma discussão fatídica para um momento lascivo, ou ao contrário. Nunca mantínhamos a mesma linha. Éramos uma onda de emoções, e apenas nós tínhamos a proteção necessária para não despencar no processo.

Não cedi.

— Você pensa apenas em mim? — indaguei.

— Eu vivo você — respondeu cortante, como se estivesse chateado consigo mesmo por admitir tal coisa.

— Não parece verdade.

— O que você quer mais de mim? — perguntou indignado. — A minha alma? Eu te dou. A porra dos meus sonhos? Também são seus. Você quer que eu te dê o mundo? Eu compro para você, Harper. Só não duvida do que eu sinto. — Ele amenizou a voz, algo novo surgindo. — O quanto eu quero você... Porra, Reese. Você não tem ideia.

Pelo seu tom, Andrew estava esgotado. Eu também estava. Também estava ficando cansada em imitar um pêndulo indo de um ponto para o outro, sem compreender o nosso ponto de partida e de chegada.

— Eu... — hesitei. — Eu não sei...

— Você fala que eu não sou fácil de compreender, mas você é muito mais — declarou em um suspiro de ódio.

Andrew estava bastante irritado.

— Eu que sou a errada?

— A partir do momento que me expulsa da sua vida, depois vem cuidar de mim, pede para dormir na minha cama e vem pedir satisfações sobre quem transei ou não... — Seu sorriso foi de deboche. — Eu definitivamente não sou o errado.

Franzi o nariz, o ódio subindo em escalada.

— Isso está me deixando confusa. Completamente fora do controle. Mas não quer dizer que eu vá me entregar para você inteira. Que eu não me proteja. Por isso, desculpa se estou fazendo tudo errado.

— Porra, cansei — praguejou, caminhando de volta para o lado do fogão.

— Está vendo? Você está desistindo! — bradei.

— Eu estou desistindo?

Seu rosto estava ruborizado. Nunca o tinha visto daquela maneira. Não era raiva. Eram camadas de uma acumulação imensa de muitas outras coisas. A exaustão de um trabalho que parecia ter durado séculos e não chegava a lugar nenhum.

— Sim — respondi, esfregando minhas mãos na face. — Você não tenta me entender e simplesmente deita tudo pra fora como se...

Minha boca foi tomada e mal pude continuar o meu monólogo. Fui devorada de tal maneira que qualquer pensamento mínimo foi apagado da existência.

Andrew agarrou meu pescoço, amortecendo-me contra seu corpo grande e ciente dos músculos petrificados pelo impulso dado. Seus lábios eram brutos e sua mão, ao apagar na minha bunda, quase cavaram um buraco nela.

Era possessivo, descontrolado, plenamente consciente de que estava me dominando.

As sensações fulminaram meu corpo, agrupando-se em meu ventre e formando um incêndio devastador, que derreteu qualquer órgão vivo dentro de mim, inclusive minha mente.

O meu coração bombeou, substituindo minhas pernas moles.

E eu deixei. Deixei que ele fizesse o que tinha que fazer.

Fechei os olhos com força, os dedos entrando no seu couro cabeludo, suando pela temperatura suportavelmente alta. Separei mais os lábios, deixando que ele provasse como eu o queria de forma tão assustadora que parecia irreal.

Senti sua barba formigar nos lugares exatos do meu rosto, e eu imaginei como seria sentir entre minhas pernas.

Nós nos beijamos de uma forma violenta, mas instintivamente delicada, suave e com promessas de inícios que nunca teriam fim.

Sua boca era feroz, esfomeada e perigosa para o meu corpo inteiro que estava decaindo pela vibração.

Andrew me beijava como se o fato de não fazer, fosse morrer.

Eu o beijei como se, caso terminasse, não saberia viver nunca mais.

Suspirei entre o beijo, instigando a que ele chupasse minha língua, pedindo permissão para ir mais fundo. Mordi seu lábio inferior, deixando rastros da minha passagem para que ele se lembrasse de mim.

Meu corpo pressionado no dele era um convite para sentir seu pau cutucando minha entrada. Algo parecido à sensação do orgasmo bateu por detrás dos meus olhos, fazendo-os rolar, quando ele me segurou firme na cintura. Os meus mamilos estavam implorando por alívio, a minha boceta queria roçar na sua protuberância.

Tanto eu e Andrew gememos baixo pela primeira roçada, e sua boca me quis mais ainda, seus dedos apertando mais ao redor da minha garganta e com firmeza para não me deixar ir.

Minhas pernas enlaçaram seus quadris e fui projetada para a parede. Andrew tirou nossos lábios, recebendo um protesto da minha parte. Ele sorriu, rastejando sua língua pelo meu pescoço, chupando com ganância e deixando marcas.

Andrew queria deixar *sua* marca.

Ele estava me beijando, tocando, possuindo cada uma das minhas partes.

Os dedos dos meus pés enrolaram pela fricção repentina da sua ereção contra meu ponto inchado. Gemi baixo, recebendo um olhar fogo da sua parte.

Seus lábios macios, quase veludo em um sabor viciante, roçaram nos meus. Eu quis puxar novamente com meus dentes, mas ele se esquivou, beijando a ponta deles.

— Você já confia em mim que eu te quero mais do que ninguém? — soprou, sua voz rouca atingindo em cheio no lugar mais vulnerável naquele momento.

— Você acha que com um beijo irá me convencer? — Denson ofegou. — Eu também beijo quem odeio e não é sinal de desejar uma pessoa.

Ele tornou a pegar no meu pescoço, dessa vez a área da frente, e lambeu minha boca com delicadeza até sussurrar o que parecia ser veneno e um convite diabólico para uma entrada no inferno em via expressa:

— Vou te mostrar como se odeia alguém, Harper Reese.

38

“Já brigamos o bastante, agora vamos parar com isso. Está escrito na parede, escrito em nossos rostos. Não tenha medo, venha aqui. Não precisa ouvir permissão.”

Lights Out, Ndby

Andrew Benson

Beijar Harper era o que eu precisava para saber que sempre estive respirando o ar errado.

Ela me deixava perigoso. Ela arrancava minha alma e deixava vestígios de um homem que quebraria o mundo para continuar tendo um pouco mais dos seus lábios. De um homem que estava encontrando vida em seu corpo. De um homem que estava se tornando incapaz de pensar em nada além dela.

E eu estava pouco me fodendo para o resto.

Naquele momento, a existência de Harper era a única coisa pela qual eu sangraria.

Minha mão ainda prendia sua garganta, a sua pélvis roçando na minha ereção e esperando que eu desfizesse as nossas roupas e a fodesse. A sua língua era violenta contra a minha, e jurei que, por segundos, ela realmente estava me mostrando como queria me odiar.

Eu moveria o céu e a terra para que continuasse chupando seu lábio inferior, escutando gemidos delicados vazando de sua boca pela colisão com a minha.

Uma urgência insana corria em ambos os corpos. Tanto nos nossos passos procurando pelo caminho até o quarto, de suas mãos tocando na minha pele ou na criação de atrito para sentir a pressão.

Empurrei a porta com brusquidão. Harper deu um gritinho quando eu trilhei seu rosto, alcançando seu pescoço e o chupando. Seus seios criavam uma pressão gostosa no meu peito, aumentando a ferocidade contra a sua pele.

— Andrew... — ela gemeu contra o meu ouvido, enviando ainda mais sangue para o meu pau.

— Dessa vez, eu vou tocar em você — murmurei, beijando seu ombro. — E nada vai me impedir.

— Mesmo que eu diga que não? — ela perguntou, o que me fez levantar a cabeça e encarar seus olhos. Havia desafio neles, convites em que as portas de entrada seriam para uma loucura sem fim.

— Você não quer? — interoguei de volta.

Harper afastou-se, os pés retardando em um ritmo lento.

— O que você tem de diferente dos caras com quem já fodi para te aceitar?

— Não vamos por esse caminho — avisei.

Reese sorriu, puxando uma alça da sua blusa de cada vez para baixo. Seus olhos não se esquivaram e eu fui obrigado a vê-la tirar a peça que tapava seus seios.

Harper estava sem sutiã, o que me deixou quente. Meu sangue pulsou no meu pau e eu quis enterrá-lo no meio do seu peito até atingir sua boca.

— Oh, claro que não. Não estou provocando. Apenas fazendo uma pergunta simples.

Ela tirou a blusa, ficando apenas com a calça. Seu cabelo estava solto e caía bem em seus seios. Os raios diurnos de sol bailavam pela sua pele desnuda, deixando-a gloriosa como a porra de uma deusa.

— Uma pergunta que você não vai querer a resposta, Reese — ameacei, pouco me importando como não era o meu estilo entrar em um tipo de jogo com uma mulher antes de dormir com ela.

Era rápido. Prático. Mas eu deveria saber que Reese era o motivo das minhas mais diversas loucuras.

— Eu quero. Por isso que estou perguntando. — Suas sobrancelhas arquearam e fui até abaixo, observando seus dedos prendendo no tecido da sua calça. — E não me chame de Reese. Quero meu nome saindo da sua boca.

— Quando deixar de ser uma dor na bunda, talvez eu diga.

— Então, talvez eu tenha que procurar quem possa fazer seu trabalho.

Não fui discreto em mostrar que me incomodou, pegando nela pelo pescoço e tornando a beijá-la. Apertei sua bunda, rasgando sua calça. Era leve. Talvez de algum tipo de seda, sendo que não percebi a força até escutar o barulho.

Ela protestou contra minha boca, enlaçando seus braços no meu ombro e aprofundando o beijo.

— Você está querendo jogar comigo na minha cama? — ronronei, estapeando sua bunda.

Reese gemeu e sorriu deliciosamente para mim, sua língua lambendo o limite da minha boca.

— É isso que te torna diferente, Andrew. Você é um bom jogador.

Sua mão escorregou para o cóis da minha calça, apertando meu pênis que latejou. Eu iria gozar só com aquele toque, porra.

Segui seus dedos, e vi-a desenlaçar o fio, afrouxando a calça e arrastando-a para os meus tornozelos.

Reese massageou minhas bolas, fazendo-me ranger. Eu estava sem cueca. Raramente dormia com uma, e suas íris estavam brilhando por essa confirmação.

Empurrei-a para a minha cama. Moldei meus dedos entre suas pernas, e ela soltou um suspiro frágil, quase como se fosse quebrar.

Não fui capaz de controlar e arranquei sua calcinha, admirando novamente sua entrada. Tinha pensado muito nela depois do que aconteceu. Tinha pensado muito em como ela ficava inchada, gotejando por causa de mim.

Quando ia beijar entre suas pernas e lambe sua boceta, a garota me escapou. Não tive um bom reflexo para pegar seus tornozelos e colocá-la deitada.

A curva de seus lábios pelo desafio foi o turbo que eu necessitava.

Afundi os joelhos na cama assim como ela.

— Venha para cá.

Obediente, engatinhou da cama até mim. Seus joelhos, à medida que caminhavam, bagunçavam a cama arrumada.

— Não vai querer que eu engula você? — ela provocou.

Seus olhos tinham o inferno neles e poderiam queimar o quarto, que eu me manteria intacto no meio do fogo para vê-la nua, implorando para me ter em sua boca.

Assim que Harper chegou até mim, seu olhar não desprendia do meu e eu via a sua ingenuidade falsa que instigava um ritmo furioso do meu peito.

Deliciosa. Quente. Perigosa.

Aqueles adjetivos estavam na mesma linha do dicionário que Harper Reese.

A minha parte favorita do dia. A minha rotina. O único pedaço restante da minha sanidade. A minha mulher. A única pela qual eu faria tanto.

— Vai ficar calado me olhando, é? — A sua sobrancelha arqueou em provocação.

A minha mão esfregou na lateral do seu rosto, o meu polegar passeou pelos seus lábios. Ela abriu a boca e chupou-o delicadamente, a língua enrolando na ponta e a sucção sendo feita com precisão.

Ela não quebrou o nosso contato.

Aquilo me deixou louco. O meu dedo sentia a pressão de sua boca e eu não parava de imaginar como seria dentro dela. Eu latejava e, por pouco, não estava gozando apenas por aquela visão.

Observei como ela continuou trabalhando meu polegar, mas afundou uma das suas mãos na cama, e empinou seu traseiro. A outra mão livre dedilhou minha perna até chegar na base do meu pênis. Minhas bolas arderam, pesando cada vez mais.

— Cada centímetro seu é meu também — ela murmurou firme, suas unhas flexionando na minha pele. Soltei uma lufada, um alerta para ela ter cuidado com o que iria fazer comigo. Mas eu deveria saber que Aurora

queria foder com a minha razão. — Me faça querer odiar isso, Andrew. Eu te desafio.

A sua palavra era lei.

Se era o que ela queria, eu a daria.

Cada grama. Cada gota. Cada porra do meu corpo seria seu se era um pedido.

— Me avise se eu for demais.

Ela aquiesceu, mas um sorriso continuava brilhando no seu rosto. Peguei um punhado do seu cabelo suado, assim que sua boca abriu e engoliu meu pau.

Arquejei, fechando os olhos por milésimos segundos.

Quando sua língua decidiu percorrer o comprimento, precisei respirar fundo, imersando mais meus dedos na sua nuca.

Suas mãos foram até à base e acariciaram com delicadeza. Reese chupou a cabeça com lentidão, aproveitando cada mínimo milímetro e me dando uma sensação poderosa.

Tentei manter meu domínio. Ainda não a queria controlar. Não foderia sua boca até ver onde ela iria.

Moldando a sensualidade, o veneno desfazendo daqueles lábios carnudos, Reese devorou-me de forma enlouquecedora.

— Puta que pariu, Harper.

Ela gostou que eu tivesse dito seu nome.

Aurora enrolou sua mão direita pelo meu pênis, fazendo movimentos escorregadios. Ela lambeu a base, ciclicamente. Seus dentes roçavam a pele, me desequilibrando.

Eu me controlava para não fazer nada brusco. Cada fibra do meu ser estava sendo jogada na merda e o meu consciente era um vazio.

Meus quadris começaram a acompanhá-la enquanto a sua língua rastejava e saboreava o que era dela. Porque, sim, eu era completamente dela.

Harper empinou mais a bunda, ciente de que eu poderia ver como ela agitava seus quadris como uma cadela feliz. E isso me fez rolar os olhos pra cima, bagunçando mais seus cabelos.

— Você é a pior das mulheres — murmurei, querendo que ela tomasse cada milímetro. — Você vai acabar comigo.

Ela sorriu.

E as suas pernas se abriram mais, para que pudesse curvar melhor.

— Eu quero — disse ao dar uma respirada.

As veias saltavam em meu pênis. Estavam bombeando sangue, assim como ela investia. Mas não seria o suficiente. E Harper já estava sedenta.

Ela trabalhava os movimentos no meu pau com uma pequena fração de brutalidade. Mas aquela boca... Merda. Aquela boca era o meu cúmulo.

Quando Harper separou os lábios mais um pouco, procurando ter todo o meu pênis na sua boca, eu levei a minha outra mão para o seu pescoço e a obriguei a ficar ereta.

— Coração, se eu começar...

Eu estava alertando. Aquilo estava domando meu juízo e precisava ter certeza que ela estava dentro disso comigo.

Mas assim como eu poderia esperar, Reese não disse nada. Não se afastou. Não moveu nenhum centímetro.

Sua boca inflou e me deu permissão para me deslocar.

Então, eu fiz.

Movi meu quadril, o meu pau entrando firme e batendo na sua garganta. Fiquei imaginando como seria sua boceta, se era tão boa quanto encher seus lábios. Era gostoso. Quente. Tudo nela era o mais temido dos infernos.

Harper não era fraca. Ela manteve seu olhar aberto e focado em mim com pequenos demônios bailando em suas íris perfeitas.

— Vou foder você, e não será bonito — avisei, deslocando mais um pouco para que todo o meu tamanho estivesse nela.

Vinquei mais os dedos em seu pescoço e na nuca. E, ao invés dela recuar, Reese levou suas mãos para os meus quadris.

Foi o gatilho para que eu comesse a foder sua garganta. Não foram vaivéns delicados. Foram brutos, levando profundamente todo meu descontrole por aquela boca.

Bombeei, as bochechas inflando e o controle da respiração me dando sinais para que eu continuasse. Me deixou furioso saber que ela já tinha feito com outros. Instigava mais querer que ela apenas me sentisse.

Seus lábios estavam mais apertados, os sons que reproduzíamos pela colisão eram puro erotismo. Harper não temeu. Suas unhas arranharam minhas nádegas e estimulavam a minha ida e vinda selvagem.

Apertei mais as costas do seu pescoço, puxando o seu cabelo na minha mão e soquei até ver seus olhos rolarem.

Eu ia cada vez mais duro. Mais fundo. E mais forte.

Aquela boca era treinada. E era impossível não reparar como seu corpo estava arrepiado, seus quadris movendo discretamente porque Reese me imaginava fazendo o mesmo dentro dela.

Ela estava gostando. E provavelmente queria mais.

Os seus olhos começaram a lacrimejar. No entanto, Harper continuava se segurando. Ela mantinha essa merda funcionando e me fazia perder a consciência que estava cheia dela. Só existia Reese na minha mente.

Tombei a cabeça para trás, prosseguindo com as bombeadas.

— Se não tirar, irei encher você.

Quase parei quando sua mão desprendeu minha pele, mas quando baixei para verificar, notei que estava indo na direção de seu clitóris.

Lambi meus lábios, observando brincar consigo enquanto eu inchava sua boca. Vi como os seus dedos aumentaram de ritmo e foi a confirmação que precisava.

Em rápidas e fortes investidas, faço os últimos segundos antes de explodir serem selvagens e o suficiente para a boca de Harper não ser capaz de nunca mais fechar. O orgasmo bateu em minhas costelas, a dor gostosa amolecendo meu corpo. Gozei com tanta violência, que por pouco não cai de costas no colchão. Ainda socando sua garganta, ela engoliu cada maldita gota.

A minha visão nublou e meus músculos distenderam. Harper aproveitou que parte do meu tamanho já não estava em seus lábios e ela levou as mãos para esfregar a base do meu pênis, deixando que gotas grossas do gozo escorregassem para o meio dos seus seios.

Vi saindo um pouco da sua boca, seus olhos pregados em mim e ardendo em desejo.

Fiquei entorpecido. Inebriado demais para querer voltar atrás.

Eu tinha uma deusa na minha cama.

E eu iria servi-la como ela merecia.

— Deite-se. Quero encher minha boca de você.

Antes de colocá-la na posição que eu queria, levei meus lábios até ela para prová-la. Beije como se fosse acabar amanhã, mesmo sabendo que faria de tudo para que eu pudesse tê-la todos os dias.

Estapeei sua bunda, imaginando como eu a deixaria vermelha antes de terminarmos. Minha mão formigava e eu acariciei sua nádega, levando os dedos entre elas sem entrar.

Seu corpo arrepiou, tremendo, os dentes mordiscando seu lábio.

— Isso é por todo o trabalho que você me dá — ronronei.

— Fiz muito mais do que isso para receber palmadas leves — murmurou, pedindo por mais uns tapas fortes que a fizeram gemer alto.

— Porra, sim, você fez.

Deitei-a na cama, admirando como ela estava uma bagunça e mal tínhamos começado. O peito dela tremia, e os seios estavam prontos para serem devorados.

Eu coloquei-me por cima, afundando meu rosto em seu pescoço e farejando sua fragrância e como era um vício ambulante. Beije a região, lambendo para não deixar nenhum centímetro de sua pele de fora.

De maneira violenta, seu corpo por baixo de mim ondulava. Os arrepios dominavam seus músculos e eles tensionavam em tremores. Suas coxas estavam esfregando uma na outra, a vontade de gozar era palpável naquele quarto.

— Calma — falei, enquanto trilhava beijos em uma descida para os seus mamilos. — Preciso destruir você como está fazendo comigo.

Mordi de leve o bico do seu seio e Reese engoliu um gemido.

— Você disse que me queria. Não estou te vendo provar isso. Eu vou fazer esse trabalho sozinha se você não começar — provocou, sua voz saindo arrastada e quase inacabada.

Encarei-a, decifrando até que ponto ela estava mentindo.

— Você quer que te puna mais? — perguntei, levando dois dos meus dedos para o seu seio direito. O outro foi domado pela minha língua, circulando pelo seu bico duro. Ela estava suando muito, os hormônios tão em êxtase quanto nós dois.

— Quero que você faça algo — exigiu.

Ela espaçou mais as pernas e, de soslaio, seus dedos viajaram de encontro para a sua entrada. Eu travei, pegando no seu pulso e o colocando pra cima.

— Harper — assobieei. No entanto, eu entendi parte do seu jogo e me vi divertido em ter um desafio tão quente quanto ela. — Talvez você realmente precise ser atada.

Um sorriso maldoso vergou em seus lábios. Eu estava pronto para tratar sobre aquilo depois.

Apertei seu mamilo, abocanhando seu peito e lambendo a área sensibilizada. Harper travou um gemido, enrolando os lençóis.

Ela arqueou as costas, perdendo a fala pela sensação fulminante que inundava e quebrava seus ossos. Eu pensava em como um toque em seus seios a deixava daquela maneira, então a minha boca devorando sua boceta, seria um coro. Era uma pena que não teria nada de religioso.

Ainda tinha na memória como, na sala, seus dedos souberam afundar na entrada e os estrangulavam durante a penetração. Eu queria aquilo, mas com a minha boca, meus dedos e meu pau.

Eu a faria minha de todas as maneiras possíveis.

Explorei seu peito, até que uma das minhas mãos fez o caminho desejado e alcançou sua fenda. Gemi levemente com a boca no seu bico. Elevei meu olhar para Harper que tinha seus olhos pregados em mim.

Seus quadris balançavam, suas pernas agitadas querendo esmagar minha mão. Pelas suas escleróticas avermelhadas, ela parecia estar prestes a me matar. Mas certamente o faria quando estivesse com minha língua dentro de si.

Aquilo seria divertido. E meu pau começou a dar sinais de vida, novamente, só por aquele pensamento.

— Você está tão molhada pra cacete — denunciei. Sem quebrar o contato visual, levei minha língua pela sua barriga, dando beijos e mordidas pela área. Harper esticou seus braços para que as mãos acompanhassem meus ombros. Ela queria me empurrar diretamente para entre as suas pernas, mas não tinha forças. — Você costuma ficar molhada pensando em mim, coração?

Reese prendeu seus lábios com os caninos, incrustando seus dedos de unhas afiadas na minha nuca.

Eu beijei suas coxas, minha língua passeando preguiçosamente, pegando gotas da sua umidade.

— Quero que você me dê uma resposta — ordenei, brincando com o meu dedo mindinho na beira da sua boceta. Harper estremeceu violentamente, os espasmos quentes eram um gatilho para que ela choramigasse. — Se quiser que eu foda você, vai ter que me responder.

Vi seus olhos ardendo de raiva e a agressividade de suas unhas em meu cabelo também era uma confirmação. Ela não iria dizer. Harper tinha feito algum tipo de voto de silêncio e não me daria o que eu precisava.

Mas eu não desistia.

Ela poderia ser teimosa, mas eu estava nessa carreira há muito mais tempo que ela.

— Não vai, hã?

Reese me estudou com desconfiança, mas assim que levantei um pouco dos seus quadris, prendendo suas pernas ao redor dos meus, e me colocando sentado sob as minhas pernas, ela conseguiu captar minhas intenções.

— Você fica molhada pensando em mim? — repeti, e dando um tapa em sua boceta. Ela estava hipersensível, o que a fez guinchar, apertando mais os panos. — Pensando em como eu posso foder você? Como meu pau treme para enterrar dentro de você? — Dei mais outro tapa. — Responde.

— Não vou te dar essa satisfação — exclamou, rangendo os dentes.

— Ah é?

Espalmei mais uma vez a minha mão no seu íntimo, dessa vez enterrando em um movimento brutal e intenso meus dedos, mas tirando-o

no mesmo instante. Seu peito desnivelou, o semblante retorcendo de prazer e fúria.

Uma obra de arte.

A beleza do mundo encontrava-se estendida na minha cama, com as pernas bambeando por precisarem ser fodidas.

Eu me senti a porra de um animal, um lado meu mais selvagem, procurando por algo que o fosse saciar.

Seu corpo. Sua mente. Sua alma. Tudo isso seria devorado por mim, mesmo que eu soubesse que era destrutivo. Puro veneno que me faria nunca mais querer ninguém além dela.

— Ainda vai manter o voto de silêncio? — perguntei rosnando, me preparando para mais uma dedilhada bruta, até que ela suspirou, querendo fechar as pernas.

Mas era impossível pela sua posição.

E quando ia estapear mais uma vez, sua boca abriu.

— Sim, sim! — exclamou apressada, quase engasgando pelas duas sílabas vazadas.

— Quero ouvir você dizer com todas as malditas letras, Harper.

Apertei sua coxa, deslizando meu polegar pelo clitóris. Foi um envio elétrico para que seu organismo tremesse como uma onda de maremoto que estivesse prestes a chegar.

— Eu costumo ficar molhada pensando em você.

Merda. Aquilo fez meu pau inchar mais, doer pra cacete por uma frase que me dava uma coroa.

— E no que você pensa? — perguntei, introduzindo mais dois dedos em um movimento rápido, seu caos consumiu o quarto e a voz vazou em agudo.

— Você quer que eu aumente seu ego, é? — ela questionou, me dando aqueles olhos castanhos selvagens.

Linda. Gostosa. Minha.

Dei um tapa firme no seu ponto sensível e ela tornou a prender os lençóis.

— Quero que você me diga.

— Se eu falar, você acaba com isso?

— Eu vou prolongar se continuar esquivando — teimei, estrangulando os meus dedos em suas paredes úmidas, despejando gotas grossas.

— Eu penso em como você me fode — admitiu, um som baixo, mas que bombardeou as paredes do quarto. — Penso em como vou montar você, em como seu pau vai ficar tão bem dentro de mim. Penso em como você me castiga, me coloca submissa e...

Ela parou, dando um nó no meu cérebro. Precisei tornar a deslocar meus dedos e amortecer suas paredes para que Reese acabasse o que ia dizer.

— Fale — ordenei, dessa vez, colocando mais um dedo o que a fez derreter. Sua mão já estava viajando para seu seio, completamente vulnerável a cada deslocação de mim dentro dela.

— Eu penso também em como você se toca pensando em mim.

O brilho em suas íris e a mordida de lábio clicou no botão necessário.

Quem era aquela mulher? E como não a tive antes? Não poderia imaginar nada mais perfeito do que a sua essência na sua vida. Depois disso, nada seria o mesmo. Eu teria meu corpo inteiro pedindo por ela.

Coloquei suas pernas nos meus ombros, inclinando-me contra o colchão e enfiei minha cabeça entre elas, me embriagando com aquele cheiro divino.

Testei uma primeira lambida, passeando pela sua entrada, e Harper não mediu forças em apertar seus membros inferiores contra minha nuca.

Percorri em demora, provando um pouco do líquido já presente em sua boceta.

Enfiei meus dedos por completo dentro dela, e penetrei com força, sentindo-a contrair e me apertando. Dentro dela era quente. Minha mão estava queimando, sua boceta latejava em ardor.

Com a minha outra mão livre, usei o polegar para estimular seu clitóris. Estava inchado, assim como talvez qualquer região pronta para ser usada por mim. Seus quadris dançavam, quase escapando de mim.

— Andrew, porra! — soprou, os olhos fechados, as sensações subindo, e esmagando seu corpo.

— O que você quer que eu faça?

Queria ouvi-la pedir. Queria que ela me dissesse exatamente o que estava ansioso para fazer. E, para minha felicidade, a minha garota pronunciou:

— Quero sua boca em mim.

— Tudo o que você pedir, eu te dou, coração.

Completamente viciado, caí de boca em sua boceta, e provei, rolando minha língua por toda a extensão. Meus dedos trabalharam conjuntamente, estimulando seu ponto excitado.

Harper se mobilizava, guiando-me para onde ela queria ser chupada. Eu suguei-a como se ela sempre tivesse sido minha. Suguei-a como se eu fosse morrer caso não a desse isso. Ela parecia que ia se quebrar, com toda a intensidade fulminante.

Suas pernas estavam esmagando meu pescoço, as unhas arranhando a carne da minha nuca. Ela iria arrancar meu cérebro se continuasse assim.

Seus gritos preenchiam o ar, e eu sabia que a vizinhança estava escutando meu nome como nunca.

— De quem você é? — perguntei, murmurando pela pressão de sua boceta enquanto aumentava o ritmo dos dedos.

Ela aguentava a merda toda. Harper estava mais que preparada para tudo o que fosse fazer com ela.

— Sua... — soprou, gemendo em seguida.

Ela estava tão submissa. Tão dependente de mim.

Meu pau tinha voltado a ficar ereto, afundando no colchão, quase como se a fodesse. Nunca tinha sido tão imprudente. Nunca uma mulher tinha me feito ficar tão descontrolado. *Mas porra*. Eu precisava estar dentro dela o mais rápido possível, se não iria furar aquela cama com o tanto que movia meu pênis nele.

— Repita — ordenei, levando meu polegar, para o centro de sua bunda.

Ela gritou meu nome, como se estivéssemos em uma luta sangrenta. Notei que Reese nunca tinha sido tocada ali, então não seria o momento indicado. Porém, não pareceu ser um desânimo para si, já que seus quadris adotaram uma velocidade mais feroz.

— Sou sua, Andrew Denson.

Aquilo me fez feliz. Encheu meu peito em fogos de artifício.

Investi minha língua mais fundo e foi o suficiente para suas coxas estremecerem, seu grito estourar e o gozo encher minha boca.

— Boa garota. — Mordi a pele da sua perna. — Tão boa...

Levantei-me, posicionando-me de joelhos e decifrando sua linguagem corporal.

O jeito como o corpo dela falava com o meu era uma droga. Era a minha língua favorita e a única que eu queria aprender e memorizar. A única que eu queria ser exclusivo.

— Me foda, Andrew — ela pediu. — Preciso de você *aqui*.

Sua mão apontou para o lugar que eu dominava.

Torci os lábios.

Harper tinha dito que era o tipo de mulher que aguentava e estava me provando isso.

Em um movimento rápido, estiquei meu braço para abrir a gaveta debaixo da cabeceira e retirar um tanto de preservativos que fosse necessário.

Harper pediu pelo pacote e eu ofereci. Ela abriu com cuidado, a delicadeza dominando suas mãos quando desenrolou para vestir meu pau. Ainda deixou uns beijos pelo redor, até estar tapado e pronto para preenchê-la.

— Por trás — rosnei, dando um beijo rápido em seus lábios inchados e pondo-a de volta na cama.

Com as mãos bem assentes na sua cintura, virei-a e ergui até que estivesse na mira exata do meu pau. Meus olhos desceram para admirá-la e se debateram com algo inesperado.

Arregalei os olhos, movimentando meu polegar pela região. Harper notou a minha paralisação e sorriu como a porra da safada que era.

— Eu te disse que tenho sete tatuagens e não seis — murmurou com doses de luxúria, o sorriso pregando seus lábios inchados.

Voltei a olhar para a sua nádega direita.

Tinha um pequeno coração. No centro.

Latejei, as veias do meu pênis se salientando por um maior endurecimento. Aquilo me deixou louco.

Como eu não tinha notado que Reese tinha a porra de uma tatuagem na bunda? Inclinei, deslocando meus joelhos e plantei um beijo simples naquele lugar.

— Espero que saiba que, a partir de hoje, só eu verei — ordenei rouco.

— O meu coração é todo seu, Andrew.

Sorri desajeitado por identificar o duplo sentido naquela frase.

Meu peito drenou mais sangue, fluindo por cada fibra do meu ser. Era a sensação de se sentir completo.

Mas não seria naquele momento que eu seria romântico com ela, e pelos olhos iluminados de Aurora, seus dentes perfurando o lábio inferior, o cabelo desgrenhado e a respiração errática, eu sabia que nem ela estava esperando por isso.

Portanto, peguei o lençol da ponta e rasguei-o, o som do desfió explodindo no quarto abafado.

— O que você está fazendo? — ela perguntou, a voz estrangulada. Talvez afetada pelo tanto que já gemeu ou que eu já a fodi com a boca.

— Não só seu coração é meu, Harper. Você por inteira é minha. Quero tudo que seja seu apenas meu. Eu sou egoísta quando se trata de você e como eu preciso de você de maneiras que te assustariam. Então, espero que saiba que não vai a lugar nenhum agora que está presa a mim.

Eu achei que fosse assustá-la, mas a sua boca manteve-se curvada e o brilho aumentou de suas pupilas. Seu olhar que estava na minha direção despencou e girou para a parede.

Ela abriu ligeiramente as pernas, sua bunda esfregando na minha coxa e conseqüentemente na minha ereção.

— Digo o mesmo para você.

Suas palavras flutuaram no ambiente e foi o estímulo para que eu pegasse seus braços e usasse o farpo do lençol para atá-los. Reese gemeu levemente, arqueando as costas.

Logo após que a minha mão trabalhou seus pulsos, lancei para o seu pescoço e puxei-a até mim.

Apertei meus dedos na sua garganta, a enforcando. Reese não contrariou minha ação, então eu continuei.

Suas costas bateram no meu peito e eu pude ver pelo seu ombro, os seios empinados com os mamilos duros. O polegar da minha mão livre esfregou na região sensível, fazendo Reese ranger os dentes.

— Posso não ter as outras primeiras vezes, mas essa é minha.

Ela remexeu novamente seus quadris, atijando meu pau. Queria manter meu autocontrole, mas estava louco para foder sua boceta molhada.

Seu corpo amoleceu e tornou a encontrar-se com o colchão. Voltando à posição, agarrei meu pau para ajeitar na sua entrada. Suspirei, obrigando meu consciente a não se estimular pelos sons das suas paredes apertando meu comprimento. Sua boceta iria me esmagar, tão molhada e pronta para ser fodida que era uma tentação não a levar junto ao inferno.

Fui devagar, saboreando os gemidos leves borbulhando de seus lábios e como seu corpo tremeu, o estalar de ossos e rasgos dos músculos a tornando tão frágil.

Ela estava se acomodando ao meu tamanho. Meus dedos e boca não eram nada comparados ao que faria agora.

Eu a quebraria. Ela estava pedindo e eu a daria isso.

— Andrew... Me fode.

Seu pedido me fez querer xingar.

Eu fui mais fundo, colocando todo o meu comprimento em sua boceta. O atrito era propício para que eu desse um tapa em sua bunda e começasse a movimentar.

Escorreguei minha mão pelas suas costas. Puxei seu cabelo suavemente, deixando-a ainda com a cabeça na posição onde estava.

Deslizei para fora de novo, para que Harper pudesse se acostumar com meu tamanho. Eu saí e voltei a entrar de novo. De novo. De novo.

Queria pegar um ritmo torturante e rápido para viciar sua boceta e fazê-la estremecer.

— Não — ela soprou. Arqueei a sobrancelha, apertando seus dois pulsos e, desta vez, obrigando-a a curvar. — Se você manter esse ritmo, sou capaz de adormecer no meio.

Mas que porra?

Aquilo impulsionou uma raiva em mim, um desafio urgente de bombear dentro dela, a fazendo contorcer e gemer, empurrando. Meus dedos penetraram na sua boceta, enchendo-a e esmagando juntamente com meu pau e foi o suficiente para que ela silenciasse.

Desferi um tapa alto, tanto que minha mão e a pele da sua nádega latejaram quentes. Meus dedos fincaram mais contra as costas do seu pescoço e vi Harper afundando seus dentes no lábio.

— Repita — comandeí, em um tom baixo, mas ainda assim, austero.

— Sou uma mulher que aguenta, Andrew. Faça a espera ter valido a pena.

Agarrei seus quadris, batendo fundo e forte dentro da sua boceta. Reese gemeu alto, o meu nome e mais alguns deuses saindo de sua garganta.

Bombeei brutalmente, sua bunda batendo nas minhas coxas e trazendo um som gostoso para que eu fechasse os olhos e escutasse com prazer. Aquilo era o paraíso.

— Você não vai sentir mais nada além do meu pau dentro de você — segredei, deixando seu pescoço e enrolando seu cabelo em meus dedos.

Eu fodia seu íntimo escorregadio, transbordando toda a excitação acumulada por meses.

Não estava pensando. Era como se um instinto primitivo domasse minhas células. Sempre tive o controle no que fazia. No que executava. Mas ter Harper Reese na minha vida liberava o maior dos meus tormentos e eu estava descontando na cama. Com uma mulher que pedia plenamente para que eu o fizesse. E ela gostava.

Estava obcecado com o seu sabor, os sons que ela fazia, o jeito como ela se movia com vontade de ser levada por toda a minha loucura.

Seu corpo projetava-se e balançava seus quadris para que meu pau soubesse a velocidade com que deveria ir. Apreciei sua coluna lisa, a tatuagem perto das costas do seu pescoço me lembrando que ela era uma rebelde tanto fora e dentro das paredes.

Esfreguei minha mão na sua pele, indo rapidamente para dentro e fora, enquanto minhas investidas não deixavam sua boceta descansar.

Em um ritmo descompassado, as nossas respirações estavam mais altas que os nossos pensamentos. Seus ossos tremiam e sentia-os em êxtase assim como eu. Meus músculos estavam entorpecidos, como se tivessem sido injetados por uma substância adrenérgica. Mas eu sabia que era o cheiro dela. O som dela. A presença dela. Reese, por inteira, era o que me deixava fora de mim. E era bom, porra. Não havia nada mais delicioso que esmagar sua entrada e tê-la pedindo por mais.

— Você é tão gostosa. E eu vou te foder mais ainda, porra. Quero provar cada centímetro seu. Você quer?

Ela não respondeu, ainda bagunçada pela força que estava exercendo no seu íntimo. Deus, estava amando vê-la submissa, as pernas tão abertas para que eu pudesse enterrar mais fundo e marcar sua boceta.

— Harper.

Estapeei sua bunda. Amava escutar o som do encontro da minha palma com a minha parte favorita dela. Ela gemia e estimulava que eu prosseguisse com a velocidade feroz.

— Quero — ela disse, afundando seu rosto no travesseiro e rebolando sua bunda.

Foi um vaivém delicioso, observando como ela tinha força nas pernas para projetar balanço em volta do meu pau. Sua entrada macia sorvendo todo o meu comprimento, cada vez mais capaz de ter o meu saco batendo freneticamente, era a minha perdição.

— Tente gemer baixo ou o prédio inteiro vai saber que eu ganhei essa guerra — rumorejei.

Fui audacioso e levantei uma das suas pernas. Reese inclinou-se, seus pulsos ainda firmes no nó, porém seus dedos afundaram na sua palma. Naquela posição, tive mais espaço para a foder, indo sem medo para dentro em um vaivém descontrolado.

Eu segurava sua coxa no alto, vendo-a balançar juntamente com o resto do seu corpo.

Espacei mais as minhas pernas, saindo e entrando de forma veloz, admirando como parecia que sua bunda, já marcada, engolia meu pau.

O suor vestia sua pele, assim como a minha testa e cabelos estavam molhados. Era um calor luxuoso, entranhado em nossas veias, porém não era insuportável.

Vi seus peitos balançando, enquanto a penetrava com força, esmagando sua boceta que não deixava de desejar meu pau dentro dela.

— Você quer gozar assim? — perguntei, sabendo que estava beirando o limite.

Harper balançou a cabeça.

— Quero montar você.

Engoli em seco, diminuindo as deslocções pela sua confissão, e ela aproveitou para sair das minhas garras e eu me sentei.

— Não costumo deixar nenhuma mulher me guiar — declarei, afastando os fios grudentos de Harper de seu rosto.

Ela era tão linda. Tão perfeita pra mim. Doía encará-la e notar como os seus detalhes eram reais. Como tudo nela era vivo.

— Você nunca foi montado por nenhuma mulher? — perguntou.

Projetei-a contra mim com os seus pulsos ainda atados, portanto precisava fazer o trabalho braçal dela. Suas pernas afastaram-se, os joelhos afundando na lateral das minhas coxas. Apertei meus dedos em sua cintura e tombei a cabeça no seu ombro, plantando um beijo doce neles.

— Você será a primeira.

Um gemido de satisfação saiu dela. Ergui o olhar, a ponta dos meus dedos rastejou pelo seu queixo. Grudei nossas testas e vislumbrei o fundo dos seus olhos, o reflexo do meu rosto frenético transparecendo neles.

— Você gosta de se sentir a primeira — constatei, e um sorriso perspicaz abriu seu semblante.

Ela agitou a bunda, quando esmaguei o polegar em seu quadril para guiá-la.

— Você não é a única pessoa aqui que gosta das suas posses.

Sua língua limpou seus lábios como uma serpente venenosa. Eu já estava louco demais, plenamente bêbado por tudo que ela tinha me dado até então, a puxei mais perto, marcando sua nádega com a minha mão pesada.

Harper ajeitou seu corpo, espaçando suas coxas para que o meu pau entrasse nela. Uma pressão extasiante me fez suspirar, e observei a sua mirada em foco singular em mim, descendo lentamente até eu estar enterrado fundo nela.

A luxúria cristalizava seus orbes, enquanto a mim nublá-va-os e me deixava tão dependente das sombras e o inferno que, por pouco, não estava fazendo um pacto com o diabo para continuar tendo isso para o resto da vida.

— A minha mão no seu pescoço é um acessório que gosto muito de ver em você.

Subi para o redor da sua garganta novamente, enquanto a minha mão livre se alinhou à sua cintura. Reese fechou os olhos.

— Talvez eu deva usar mais vezes.

E ela usaria.

— Faça meu pau ter apenas o seu cheiro, Harper. Me foda como uma boa garota — exigi, e os seus peitos balançaram mediante a subida e descida dos seus quadris.

Porra. Ela era boa demais. A sua boceta já tinha se acomodado com o meu tamanho e isso facilitava tanto que ela remexesse sua bunda, o seu interior esmagando minha cabeça a cada vez que ele voltava a socar dentro.

— Você é tão bom, Andrew — ela soprou, fazendo movimentos circulares.

Ela tinha um ótimo controle porque, mesmo com os pulsos atados presos às costas, seus membros inferiores sabiam como trabalhar.

Desloquei os dedos da sua cintura e percorri o caminho para seu clitóris, sem tirar a outra mão do seu pescoço.

Harper guinchou, espremendo sua língua para que não soltasse um som mais alto. Eu a queria ouvir gritar como quando eu estava metendo por trás. No entanto, não sabia com que intensidade a foderia no meu colo.

Estimulei seu ponto inchado, sem desviar o olhar da minha única visão favorita. Reese acelerou, a sua cavalgada mais forte, apertando cada vez mais o meu pau de maneira gostosa. Cravei dolorosamente na sua boceta, enfiando os dedos para vê-la esmorecer.

— Vai se conter, é? — ela perguntou, seus cabelos já estavam tocando no colchão, sua barriga ondulando enquanto se deslocava. A velocidade se ampliava, mas ainda não era saciável para os dois.

— Me peça que deixo de me conter — ronronei, dobrando meus joelhos.

O corpo de Reese foi obrigado a deslocar-se para a frente. Sua testa então tombou na minha. Eu respirei seu ar. Respirei seu cheiro. Respirei a sua persona.

Apreciei o som do meu pau sendo engolido, de como eu a enchia.

— Faça comigo o que eu sempre quis fazer com você — pediu, em um sussurro, fechando os olhos na expectativa desse momento vir. — Me. Destrua.

Então, preguei meus dedos em sua bunda, espacei meus joelhos e aprofundei mais. Sua entrada abraçou todo o meu comprimento e a penetração desritmada, intensa e forte.

Serpentei meus braços pela sua coluna, e a esmaguei contra mim, empurrando duramente, movendo meus quadris quase sem sentir mais o colchão por baixo deles.

Ela praguejava, os seus pedidos por mais, juntamente com o meu nome desfazendo de sua boca era a oitava maravilha do mundo. Era sagrado. E nada mais do que satisfatório saber que era eu trazendo isso.

— Toda vez que você estiver perto de outro homem, espero que se lembre de como eu te faço minha por baixo — disse, em seu ouvido.

Sua bunda e minhas coxas traziam uma colisão prudente, ainda mais audível do que a posição que estávamos anteriormente. Eu estava ficando cheio. Minhas veias explodindo, prontas para despejar todo o líquido que pesava em minhas bolas.

Arranquei o nó de seus pulsos, e ela feliz, pousou sua mão em meu ombro e a outra puxou meu cabelo.

Harper moveu-se comigo, apertando seu traseiro e batendo cada vez mais dentro. Espalmei minha mão na sua nádega tantas vezes que minha mão já estava vermelha.

Estava atingindo um ponto nela que a fazia gritar. Eu não deixava de encará-la. Seus peitos saltando, esmagando o meu, esfregando com seus mamilos também pingando.

Mordi seu ombro, beijando seu pescoço, estremecendo o lóbulo do seu ouvido quando respirava e gemia baixinho para que só ela escutasse. Harper era dona de tudo que era meu, porra. Eu pertencia a ela por inteiro.

E não precisava dizer para que Reese soubesse.

Cada investida queimava nossa pele. Suas pernas estrangulavam as minhas, declarando que estava chegando lá.

Havia algo sobre o nosso sexo que o tornava exatamente *nosso*. Era um ódio acumulado de que poderíamos ter evitado isso se tivéssemos realmente nos odiado. Mas não aconteceu e não era para acontecer. Porque, mesmo que eu não acreditasse nessa porra, estando a cada impulso mais quente e duro dentro dessa boceta me fazia crer que, sim, era para a merda dos nossos caminhos se encontrarem e se entrelaçarem desse jeito.

— Deus — ela soltou —, vou gozar.

Meu coração se perdeu na batida e fechei os olhos, juntando-me a ela e ao nível de sensação quente que iria nos inundar. Suas mãos moeram meu rosto, enquanto ela rebojava.

Bombeei mais forte, sufocando cada vez mais o seu íntimo até que ela atingiu, estremecendo por cima de mim. Ela arranhou meu pescoço, gritando meu nome de tal maneira que o mundo inteiro iria colapsar.

Não parei. Continuei impulsionando, movendo-me no seu interior, esmagando sua coluna e apertando seu cabelo. Sua bunda deveria estar ardendo de tanto que ela foi usada sem sequer tê-la fodida no seu centro.

E ela gozou mais uma vez, derretendo-se em meus braços.

Naquele momento, Harper não tinha nada de angelical. Nada de divino. Ela era a minha queda. A única forma humana pela qual iria cair sem me importar com as consequências.

Quando deu mais um último grito, eu fui junto. O orgasmo me atingindo com força, bloqueando meu ar. Meus pulmões espremeram e eu vi o paraíso em carne e osso, de forma humana, arrancando cada grama da minha consciência que já não tivesse ido embora.

Enchi o preservativo com meu gozo, desejando que tivesse sido dentro dela. Mas por enquanto, isso me bastaria. Era o suficiente para nós.

Retirei meu pau, logo expulso por sua boceta já cansada. Ela foi devidamente fodida e eu duvidava que ela tivesse tido um prazer tão grande quanto hoje.

Reese olhou para mim, o ar faltando, buscando pelo que pudesse encher seu peito e dar gás ao seu sangue.

Ela estava um completo desastre. Mas era meu.

Era a porra do *meu* desastre.

— Você está bem? — questionei, tombando para trás, afundando no colchão.

Ofeguei, limpando a testa com o dorso da mão. Precisava me levantar, tirar a porra da camisinha e colocar esses lençóis para lavar, mas nenhum dos meus músculos estava pronto para voltar à realidade.

Harper veio junto, deitando no meu peito frenético. Alinhei seu cabelo por detrás da orelha, memorizando o seu rosto. Ela estava satisfeita. Muito.

— Estou ótima — respirou, beijando a parte inferior do meu pescoço. — Mas talvez fique sem andar por algum tempo.

Soltei uma risada nasalada, enrolando meu braço na sua cintura e colocando-a mais perto de mim. A sua pele marrom estava sutilmente avermelhada. Talvez fosse difícil para outras pessoas notarem, já que o seu tom era escuro, mas eu a conhecia. E nunca a tinha visto tão ruborizada.

— Isso vai fazer com que você fique presa a mim nos próximos dias — constatei, acariciando sua nuca.

Ela sorriu levemente, dando um beijo na minha barba.

— Então, transe comigo mais vezes para que eu fique presa a você pra sempre.

Pela primeira vez, senti meu coração viver.

E eu decidi que era disso que queria respirar pelo resto da minha vida.

39

“Essa é uma coisa que eu geralmente eu não faço. Mas, para você, eu meio que quero. Sim, estou lá também, mudando as posições para você.”

Positions, Ariana Grande

Harper Reese

Estava nua ao lado de alguém.

Esperei que a sensação de desconforto chegasse.

Mas não veio.

Ter Andrew acariciando minhas costas com os seus dedos, o seu fôlego já amenizado sendo a trilha sonora do quarto e as nossas pernas encaixadas era uma versão real do paraíso.

Não sabia há quanto tempo estávamos assim, mas era um completo silêncio que falava mais do que se abríssemos a boca.

Eu rebobinava o que tinha acontecido desde o momento que ele me beijou até estarmos ali, deitados nus. Se me dissessem que eu iria transar com Andrew, diria que era mais provável ser atingida por um raio. Mas a balança pesou e a probabilidade foi mais certa em ter minhas pernas doendo pelo tanto que as movimentei em cima dele.

Um celular vibrou e Andrew movimentou seu braço para pegar na cabeceira do meu lado. Ele deu uma olhada rápida e tornou a pousar no

lugar. Um resmungo suave saiu de seus lábios e eu percebi que ele teria que se levantar.

— Que horas são? — perguntei.

— Dezesseis.

Soltei uma lufada de ar densa.

— Meu Deus. Nem comemos.

— Eu comi. Estou muito bem alimentado.

Minha garganta não travou a risada. Desgrudei minha cabeça do seu braço que servia de apoio e desvendi sua face.

— Não cheguei a perguntar, mas você realmente não gostou dos presentes ou estava apenas chateada? — Andrew questionou.

Havia uma relutância em seu timbre e repensei antes de falar.

— Eu gostei, de verdade. Mas não é exatamente o tipo de presente que eu gostaria.

Sua atenção era como de um aluno aprendendo uma matéria complicada pela primeira vez.

— Do que você gosta?

— Bom, neste momento não tem nada que eu gostaria que já não tivesse. Mas estou com vontade de voltar a treinar.

— Krav Maga?

Dei de ombros.

— Não necessariamente. Qualquer coisa que me desse a chance de bater em alguém.

Andrew riu animado, mesmo que a minha piada fosse de humor de baixo nível. O seu celular tornou a vibrar e ele suspirou pesadamente.

— Você deveria comer algo antes de sair — eu disse.

A sua mão escalou para os fios do meu cabelo.

— Eu vou tentar voltar cedo.

Curvei meus lábios.

— Por minha causa?

— Sempre foi por sua causa.

Testemunhei cada batida forte do meu coração, pulsando em meus ouvidos como um tambor novo. Meu estômago encolheu e os dedos dos meus pés enrolaram.

— Tenho saudades de quando queria te enforcar.

— Você ainda pode.

Arqueei a sobrancelha.

— Matar você?

— Não diria matar, mas depois do que fizemos hoje, acho que está próximo — ele brincou, arrancando uma risada genuína da minha parte.

Andrew sorriu minimamente, mas suas pupilas diziam mais da alegria que seu coração estava se dependendo. Gostei de o ver menos tenso, o seu corpo parecendo estar mais solto e apto a ser abraçado, tocado, apreciado. Nenhum de nós estava com receio; ele por mostrar suas cicatrizes nas costas e eu para ser tocada sem sentir um frio doloroso.

Era um lugar seguro.

Era casa.

Repousei minha mão no meu peito e contei as batidas. Estavam fora do comum. Parecia que a qualquer instante teria uma parada cardíaca. Que iria desfalecer. Meu sangue estava drenando todo o meu organismo, inundando meu cérebro em uma imensidão vermelha.

Aquilo era normal?

— Coração, está tudo bem?

Pestanejei, girando a cabeça capturando Andrew abrindo o seu guarda-roupa e tirando uma camisa social e calças.

— Sim. Está. Estou apenas com falta de açúcar no sangue.

Joguei-me no colchão de novo, analisando o homem que estava me proporcionando emoções muito estranhas. Emoções confusas. Emoções que eu achava que eram apenas fruto de um conto de fadas.

Aquilo não me mataria? Sentir isso não me levaria à decadência?

— Vem — Denson indicou.

— Para onde?

— Quero tomar banho com você.

Andrew puxou minha cintura, colocando-me de volta para o seu colo. Atei meus pés nos seus quadris, enlaçando meu braço por volta do seu pescoço.

— Não posso.

As suas sobrancelhas subiram.

— Por quê?

— Porque eu te atrasaria e você odeia atrasos, lembra?

— Foda-se, Harper. Só quero olhar para sua bunda antes de ir. Não é pedir muito.

Roei meus lábios nos dele, enquanto ele andava em direção ao banheiro.

— Não demora — rumorejei, um pedido tão íntimo que quis me atirar da ponte logo depois de dizer.

Sua boca arcou, as covinhas por debaixo da barba dando sinal de felicidade no seu rosto normalmente sério.

Não havia nada que me deixasse mais alegre do que ver que esse sorriso era meu. O modo como ele me olhava, tocava, como ele falava comigo e abria seu coração... Tudo era meu.

— Não vou. — Ele enganchou sua mão na lateral do meu rosto e pronunciou baixinho: — Posso?

Pisquei.

— Você me beijou durante horas. Não só os meus lábios, por sinal. Você roubou a minha sanidade durante o sexo e agora está pedindo para me beijar?

Covinhas.

— Sim, Harper. Eu estou.

Eu ri baixinho e assenti.

Era impossível não me viciar nele.

Andrew me beijou com calma e o que faltava para completar o nosso dia.



Andrew saiu e eu me vesti para sair de casa também.

Ponderei se usaria o Porsche, mas apesar de ter carteira de motorista, não me lembrava de como conduzir. Portanto, para evitar acidentes, decidi pegar um ônibus até Merley.

O meu coração batia com tanta força. Eu apertei a mala e ajustei-a ao meu peito como se fosse curar o que estava ferindo minha alma.

Eu não queria enganar Andrew. Estava apenas cumprindo uma promessa a qual fui submetida, porém comecei a perceber o quanto estaria em jogo.

Estava considerando tanta coisa por algo que poderia ser completamente insignificante, e eu não estava gostando.

Quando decidi tirar férias para ficar em Fokley não foi para me apegar a alguém. Não tinha sido para ter algo que me prendia na cidade. Mas as coisas não estavam funcionando assim e poderia atrapalhar o que eu estava deixando morrer.

Meu celular vibrou na calça e retirei-o, surpresa pelo nome que apareceu na minha tela.

— Austin?

— O que aconteceu? — ele perguntou, rangendo seus dentes.

— Muita coisa. Agora se vou te contar, é outra história — respondi seca, revirando os olhos pelo tom passivo-agressivo.

— Harper, pare com isso. Acabei de saber que o meu irmão ameaçou um dos sócios de uma empresa de venda de muffins para você fazer parte.

Ah, isso.

— Bom, melhor falar com o seu irmão do que comigo — sugeri impaciente. — Qual é a de vocês que não conseguem conversar e eu preciso ser a intermediária?

Escutei um suspiro ventoso e denso do outro lado da linha.

Vislumbrei os respingos de chuva caindo na janela do ônibus, a paisagem cinza nada condizente com o meu sorrisinho feliz.

— Está acontecendo algo entre vocês? — Austin interrogou em um tom baixo, disparando certeira­mente nas regiões do meu cérebro que também semeavam essas perguntas.

Claro que estava acontecendo algo. Mas o quê? O que seria esse *algo* e por que me preocupava do mesmo jeito que me confortava?

— Do que você está desconfiado? — rebati, em uma tentativa velha, mas ainda eficaz, de desviar da sua pergunta.

— Você ainda me pergunta isso?

Bufei, tombando minha cabeça para trás.

— Não é amor — soprei. — Nós não estamos apaixonados, nem nada do tipo. Pode ficar despreocupado.

— Então, vocês estão ficando — O esganiçar da sua voz retumbou em meus tímpanos.

— Talvez...

Ele inspirou.

— Nós vamos ter que falar sobre isso.

— Austin...

— Não, Harper — articulou. — Eu não estou chateado com você. Estou puto com ele, merda. E não vou deixar que ele te machuque apenas para me afetar.

Franzi o nariz, a ideia de ser um joguinho voltou a capote, mas não deixaria me dominar.

— Ele não está me usando para te machucar.

— Estou ligando para ele desde que eu soube o que aconteceu no cassino e ele não me diz nada.

Suspirei.

— Austin...

— Podemos combinar para conversar? Nós realmente precisamos e não é apenas sobre Andrew. Você sabe que Donovan ainda está em jogo.

Meu peito inflamou. Falar sobre Donovan naquele instante aumentou as gramas do que poderiam ser as consequências do que eu estava fazendo.

Austin sabia muito pouco, mas ainda era o suficiente para saber que a morte de William ainda me afetava só por estar em Fokley e não ter voltado para Merley. E agora que estava um tanto envolvida, poderia ser pior.

— Não quero, por agora.

— Harper.

— Falamos depois. Fica bem.

Ele chamou por mim, porém pressionei o botão de desligar antes que ele prolongasse o diálogo.

Eu não estava preocupada com a morte de Donavan semanas atrás. Então por que agora estava me aterrorizando?

Pensar na possibilidade de Andrew saber implantou uma escala de medo em minha mente. Eu estava confortável em ficar em Fokley, atenta ao que poderia acontecer. Mas agora? Foi só beijar um cara para eu estar pegando um ônibus rápido em direção a um banco.

Inspirei fundo.

Eu e Andrew estávamos ficando? Parecia banal demais. Fácil demais. Porém não conseguia encontrar uma outra palavra para definir.

Era inevitável que haveria um fim. Eu voltaria para a minha vida e Andrew possivelmente viajaria de novo para onde estava.

Nós éramos algo. No entanto, se eu pensasse demais, iria me assustar. Eu iria recuar. Iria perder o que estava sendo bom para mim, no momento.

Então, desci do ônibus e fiz o que tinha que fazer antes de retornar para casa.



Donavan tinha um hábito em falar demais e não agir. Ele sempre dizia que chamaria por mim caso precisasse de alguma coisa, porém poderiam passar horas que ele fingiria que não estava sangrando, com dificuldades para respirar ou até o coração abrandando a cada segundo.

Ele tinha uma campainha perto da sua mesa de cabeceira. Ele também tinha uma equipe que rondava a casa e assegurava que nada nem

ninguém invadissem a casa. E, apesar de tudo, Donavan não chamou.

Tinha sido desse modo que ele morreu.

Não era algo excepcional. Já tinha tomado conta de pacientes que eram orgulhosos e fariam de tudo para manter sua independência, embora o seu organismo pedisse por um auxílio externo.

Eu também era orgulhosa. Talvez em um nível mais extremo. Não era por acaso que preferi ficar afastada da minha irmã e família do que abrir meu peito e deixá-los ver como o meu coração batia por muito pouco.

Porém, era isso que me agradava em Andrew. Ele era o oposto. Agia muito e dizia pouco. Apesar de negar que faria algo por mim durante tanto tempo, o fato de sempre estar me mostrando o contrário era louvável. Ele não prometia o que não poderia cumprir.

Sua promessa certamente era mais do que um luxo. Era sagrada. E ele fazia valer a pena esperar pela sua ação porque chegaria eventualmente.

Ele sempre chegava para mim.

E quando a porta do meu quarto abriu, os meus olhos pregados na tela do celular, subindo para a montanha humana vestida com uma camisa preta aberta andava em passos duros, eu entendi um pouco mais do que estava me questionando.

— É quase meia noite. Achei que você não fosse demorar — provoquei, desligando meu celular.

A luz da Lua refletiu dentro do quarto, respingando em seu rosto esculpido em um toque de frieza e ternura. A dualidade da sua faceta causava um turbilhão na minha barriga.

— O que você está fazendo aqui?

— Esperando por você — disse óbvia.

Andrew estalou a boca, puxando meu corpo e me colocando no seu ombro como um saco de batatas. Empunhei socos nas suas costas enquanto ele rumava para o outro lado do corredor.

— Você só pode estar brincando comigo — grunhiu, amassando a mão na minha bunda. — Passei a tarde pensando em você. Quase ponderei usar pela primeira vez uma arma na cabeça de cada otário que estava me fazendo perder tempo e você está no quarto ao lado?

Ele se afundou na cama comigo, tirando sua camisa e eu o ajudei com os botões.

— Quem diria que além de enfermeira, sou uma parasita de mentes — brinquei, beijando seu queixo.

— Você fica aqui agora.

— Onde exatamente?

— Nesse quarto — ele murmurou, mordendo o lóbulo da minha orelha e enviando sinais para o meu núcleo.

— Espera, você está dizendo que o seu quarto é meu agora? — perguntei.

— O que você quiser é seu.

Martelos. Era exatamente isso que estava no lugar do meu coração já derretido.

Andrew trilhou beijos quentes pelo meu pescoço, a sua mão descansando em meus seios.

— Bom saber que você não é egoísta.

— Exceto quando se trata de você.

Sua sentença fez-me cruzar as pernas ao redor do seu corpo e impulsionar a que ele ficasse sentado. Andrew praguejou, porém aproveitou para tirar minha blusa de dormir.

— Você está me pedindo por exclusividade, Denson? Porque eu sou bastante nômade, e canso facilmente.

Suas íris cristalizaram um fervor que me fez querer ajoelhar e chupar seu pau.

— Você está implorando para que eu foda sua boca de novo? É uma técnica perigosa, mas dá resultado.

— Talvez?

Gargalhei quando ele levou sua boca ao meu mamilo, agitando-o e me deixando tão molhada, que era insuportável a ideia de não o foder novamente.

— Jesus, Denson — murmurei, enrolando meus dedos em sua nuca.

— Estou falando sério, Harper — reforçou. — Não te quero com mais ninguém. Sou o único homem que tem você. O único homem que toca

em você. O único que pode beijar você.

Ele me olhava com intensidade, e um sorriso se dilatou em meus lábios.

— Eu já te disse. Também gosto das minhas posses.

E o jeito como ele sorriu, desfez meu coração.

O filho da mãe estava orgulhoso pelo meu egoísmo.

— Você pode mover suas coisas para cá.

Ele tornou a deitar-me, averiguando com os seus dois dedos como estava o estado da minha calcinha. Satisfeito com o que descobriu, sorriu e massageou de maneira lenta e deliciosa meus peitos.

Agarrei os lençóis, fechando os olhos e permitindo a chegada de mais sensações como aquela.

— Posso trazer a minha coleção de sapatos?

— Pode.

— São muitos!

— Tudo bem.

Pressionei os lábios.

— Eu vou usar as suas camisetas.

— Ok.

— Vou pular em você durante a noite.

— Me parece excitante.

— Vou desarrumar o seu quarto.

— Eu arrumo — respondeu.

Andrew foi trilhando beijos pela minha pele e eu ofegava intensamente

— Posso pintar as paredes com estrelas?

Ele parou de se mover, e a resposta demorou para chegar.

— Pode.

Eu sorri feito louca, principalmente quando me dei conta que já estava sem roupa.

40

“Onde quer que eu vá, você me leva para casa. Doce criatura, doce criatura.
Quando eu me perco, você me leva para casa.”

Sweet Creature, Harry Styles

Harper Reese

Por que eu preciso ir? — perguntei, agitando o leite com a colher.
Esfreguei minha bunda na cadeira, para me ajustar melhor ao banco.
— Você não quer?

A sua sobrancelha levantou. O homem com calças de moletom pretas, tronco nu e roupão aberto até os joelhos tomou minha atenção.

— Quero, mas não entendi o motivo.

— Precisa de motivo?

— Para de me responder com perguntas — avisei, levantando a colher na sua direção recebendo uma gargalhada arrastada.

Eu ainda não estava acostumada com o fato de que Andrew Denson ria tanto para mim. E por minha causa.

— Eu estou levando você ao instituto porque quero te mostrar o lugar onde estudei. — Meu coração amoleceu. — Mickey também vai estar com os cadetes e preciso o ver cometendo algum erro para ter o que ofender durante o mês.

Dei uma risada.

— O seu jeito de mostrar amor é tão estranho — provoqueei. — Tudo bem. Eu posso ir.

— Você achou que eu estava te dando escolha? — brincou.

— Não comece, Andrew. Ou eu adianto o seu plano de usar uma dentadura.

— Não pense que as suas ameaças me deixam com medo. Sempre fiquei mais excitado que puto — declarou.

— Vai se arrepender dessas palavras quando o pagamento do médico chegar.

Ele deu um mínimo sorriso, mas tão amistoso. Andrew estava fazendo as panquecas que não teve oportunidade de fazer nos dias anteriores já que estivemos ocupados com outros tipos de comida. Gostava de vê-lo cozinhar, principalmente para me alimentar.

Gostava desse jeito menos exuberante com que Andrew me mimava.

— Da próxima vez, eu quero cozinhar para você — falei, bebericando do meu leite já arrefecido.

— Isso é algum tipo de sentença de morte?

— Ha-Ha-Ha! Que engraçado — ironizei. — Dizem que cozinhar para o outro é uma forma de mostrar afeto. E eu quero tentar outras maneiras além de ter você me comendo por trás.

Os seus olhos brilharam.

— Você não estava reclamando ontem. Na verdade, pediu por mais.

— E continuarei não reclamando, por sinal — disse, e Andrew gargalhou alto. Eu não estava me acostumando com a sua risada. — Mas voltando ao assunto, eu quero cozinhar algumas receitas da minha mãe para que você possa provar. Tenho certeza que vai gostar.

Andrew manteve o seu ritmo em misturar os ingredientes para fazer a massa, porém seu tronco virou para mim e o interesse apareceu em suas íris.

— Quais são as receitas?

— Bom, há panquecas originais do Sri Lanka. São de coco doce. Meu Deus, uma delícia. Tem também um caril. É muito, muito bom. Não sei descrever. Na verdade, acho que consigo tentar. O que você mais ama fazer?

— Foder você — respondeu instantaneamente.

— Algo que não seja tão carnal.

— Beijar você.

Revirei os olhos.

— Que não me envolva.

— Fotografar.

Pisquei, pela sinceridade espontânea que vazou de sua boca. Quis perguntar um pouco mais sobre essa paixão, mas deixei de lado.

— Então, basicamente o caril tem o mesmo sabor que você fotografar.

Seus olhos semicerraram.

— Uma comparação estranha, mas consigo imaginar. — Ele ficou em silêncio durante um tempo até que o seu corpo tornou a virar na minha direção. — Pode cozinhar. Quero provar.

— Sério?

— Se te faz feliz...

Levantei alegre, correndo para ele e abraçando seu corpo.

Ele era quente. Extremamente quente.

Andrew suspirou e beijou minha nuca.

— Minha mãe também cozinhou muito para mim — murmurou, obrigando-me a desgrudar minha cabeça dos seus ombros e o encarar. Ele prosseguiu: — Não era nada tradicional, mas ainda assim tinha o mesmo sabor de quando eu fotografava.

Denson riu nasalmente, dilacerando meu peito com uma lâmina afiada. Ele falava muito pouco da sua mãe para mim, mas quando o fazia, havia saudades em seus olhos. Havia ingenuidade, um menino perdido que estava se reencontrando.

— Ela também fazia panquecas — confessou. — E bebia muito chá.

Pisquei, a informação me levando a uma conclusão perceptível.

— Eu reparei que você tem sotaque britânico, mas Axel e Austin não. Sua mãe era inglesa, não era? Você adotou o sotaque por causa...

— Dela? — cortou. — Sim. Achava engraçado e de tanto repetir não consegui largar. Meus irmãos não tiveram muito tempo com ela, então não

tiveram essa virtude.

Ele falou em um tom de brincadeira, porém não consegui deixar o assunto morrer.

— Muita coisa sobre você envolve sua mãe.

— Como se eu fosse um obcecado.

Balancei a cabeça.

— Como se você soubesse amar.

As pupilas dilataram e ele seguiu meus movimentos até desprender dos seus ossos e deixá-lo relaxar.

— Você achava que eu não sabia?

Fechei minha mão, me sentindo ridícula ao compreender o que havia dito.

— Desculpa. Às vezes esqueço que nem todo mundo é como eu.

Passei as mãos pelo meu cabelo solto. Deixei de atá-lo quando percebi que Andrew gostava de me ver assim. E era mais fácil para quando ele queria enrolar no seu punho

— Você acha que não ama?

— No mínimo, não me esforço para acontecer.

— Ninguém se esforça para amar.

— Não? — respondi brincalhona, embora seu olhar estivesse longe da diversão. — Bom saber que estou no caminho certo, ao menos.

Andrew estudou minhas facetas, procurando por uma lacuna para poder enxergar-me melhor. Não soube exatamente se ele descobriu ou não, mas ele virou depois de alguns segundos e aquiesceu.

— Certo.

Andrew não disse mais nada sobre o assunto, deixando o clima morrer.

Eu acreditava que amar era um sentimento muito, muito distante do que poderíamos estar sentindo ou gostaríamos de sentir. Amar levava a que os nossos destinos interferissem e desenhassem uma linha única, porém não era um plano. Pelo menos, não para mim.

Estava confortável com o sexo, os flertes e as panquecas. Estava bem e satisfeita que seria passageiro, mas valeria a pena cada segundo.

No entanto, por que eu sentia que teria meu coração destruído se Andrew ousasse ir embora da minha vida? Se ele se atrevesse a sair daquela porta novamente? Se ele me dissesse que o que estava acontecendo entre nós também não era nada demais?

— Você me amaria?

A pergunta escapou mais rápido do que pude engolir. Andrew, que já estava preparando a frigideira, lançou-me uma mirada quente.

Perdi a batida. Perdi a respiração. Perdi o tempo.

E eu não gostava de me perder.

— Esquece. É uma pergunta patética. — Sacudi a cabeça. — Você precisa de ajuda?

Denson coçou seu queixo antes de assentir.

— Sim. Pode me ajudar com o tamanho das panquecas. Sempre erro.

— Não tem muita ciência — proferi, coletando a taça e uma colher para ajudar.

Eu me aproximei, estando sob a mira de Andrew.

Seus orbes exalavam intensidade e pude escutar sua respiração ampliando e absorvendo minha alma, mesmo que não estivesse exposta.

Mas assim que a nossa distância encurtou, sua voz zumbiu em meu ouvido.

— Eu não amaria você. — Meus olhos arderam em fraqueza e mal pude processar a dor de sentir os estilhaços do meu coração cortando meus pés, até que ele continuou: — Eu te daria cada pedaço do meu ser para que você vivesse. Eu aceitaria o pior dos castigos para que você não sofresse. Eu queimaria no inferno para garantir seu lugar no paraíso. Amar você seria pouco, Harper.

Eu quis encontrar resquícios de brincadeira, mentira, a vontade insaciável de me ver chocada, porém eu descobri no horizonte de seus olhos que ele não estava brincando, nem mentindo, nem trazendo à tona um fetiche sombrio.

E eu não tive escolha, dessa vez.

Sua mão rastejou no meu pescoço e seus lábios tocaram nos meus com a intensidade com que meu coração bombardeava.

Ele beijava minhas cicatrizes interiores com a sua boca. Fazia da minha escuridão ser o eclipse mais lindo já visto. Fazia meus demônios transformarem-se em anjos e cantarolarem louvores.

Foi então que aconteceu.

A minha primeira perdição.

E se continuasse assim, eu me perderia mais vezes até não conseguir me encontrar mais sem os seus beijos.



Eu ainda tinha os meus lábios dormentes de tanto beijarmos. O único descanso foi quando comi as panquecas meio queimadas e fiz a minha higiene oral. Todo o resto, até mesmo para vestir, eu e Andrew tomávamos a boca um do outro.

Beijá-lo era uma maneira fértil de deixar crescer borboletas no meu estômago. O bater das suas asas enviava um tipo de eletricidade gostosa que não cansava de sentir. Era muito bom. Uma das sensações mais maravilhosas que o meu organismo já havia experienciado.

— Você vai esmagar meus ossos, Reese.

Apertei mais um pouco, aconchegando em sua coluna, apesar do capacete ser uma barreira incomodativa.

A moto ia a uma velocidade razoável, talvez por eu ter dito a ele que me sentia um pouco indisposta com o tanto de panquecas que comi.

— Eu vou consertá-los. Sou enfermeira.

A velocidade diminuiu e vistoriei as ruas averiguando que já estávamos no local. Tirei o capacete, sacudindo meus cabelos. Andrew também tirou o seu, saindo da garupa.

— Acho que você está confundido a sua profissão com a de um pedreiro — brincou, porém o meu tênis acertou na sua coxa. Ele pegou no meu tornozelo, enquanto seu rosto contorcia de ligeira dor. — Você não salva vidas?

— Não a sua — respondi com um sorriso falso, e ele riu nasalmente.

Seus olhos trajaram o caminho desde o meu peito até onde a sua mão me agarrava. Andrew tinha dito que iríamos trocar de roupa, portanto vesti as minhas calças de treino e uma camiseta grande de mangas curtas. No entanto, a maneira como ele me olhava, parecia que eu estava revestida em diamante.

— Precisamos ir.

Inclinei a cabeça, tirando-o do torpor. Andrew assentiu, curvando seus lábios e pegando na sua mala típica de academia.

Ele guiou-me para fora do parque de estacionamento até chegarmos ao portão principal. Escrutinei o perímetro enorme. O pátio era de chão de pedra e havia campos verdes em várias áreas do lugar. Era difícil contabilizar o número de estabelecimentos, todos eles da cor branca e vermelha, um pouco desgastada.

Era muito grande, quase como uma minicidade. As árvores, as pessoas uniformizadas andando de um lado para o outro, o som das botas batendo no chão e o aroma fresco do dia ensolarado deixava tudo aquilo mais fascinante.

— Vem por aqui.

Andrew gesticulou para um dos prédios mais baixos. Eu rumei juntamente com ele, até entrarmos em uma área mais fria. Algumas mulheres estavam saindo de uma sala. Todas elas me encarando com alguma desconfiança, outras acenando para mim e eu devolvendo com um sorriso amarelo.

— Por que tem tantas mulheres e por que você está entrando com tanta facilidade?

— Porque estou te levando à cabine para trocar de roupa.

— Vou vestir um uniforme? — Ele aquiesceu. — Você não vai?

Andrew bateu na sua sacola e foi o suficiente para eu saber que iria também.

Dito e feito, chegamos em uma pequena sala com algumas roupas. Não era muito grande. Tinha algumas prateleiras com cada secção devidamente arrumada.

Ele pediu para que eu escolhesse uma roupa do meu tamanho. Coloquei uma camiseta preta de manga curta, calças camufladas e botas. Ainda peguei a boina por querer algo que combinasse com a camuflagem.

Andrew vestiu o mesmo que eu e precisei engolir um amontoado de saliva para não mostrar o quão deliciada estava.

Nunca o tinha visto uniformizado e eu gostaria de ter essa visão mais vezes. Ele não tinha uma t-shirt, e sim uma camiseta de manga comprida também preta que abraçava seus músculos. As calças deixavam-no ainda mais charmoso.

— Não me olhe assim porque não quero foder você aqui.

— Seria antiético, não é?

Seus olhos exalavam luxúria.

— Estar com você não é uma forma muito boa de me manter ético, mas sim.

Ele apertou as suas calças, endireitando-as depois de calçar suas botas. Levantei as sobrancelhas em um tom provocativo e enfiei as minhas roupas na mesma mala que ele. Quando abri a porta, um tapa na minha bunda ressoou.

Andrew mordeu minha orelha e apertou mais fundo seus dedos na minha nádega, me fazendo gemer baixinho.

Antes que ele pudesse fazer alguma coisa, a voz de Kian chegou até nós.

— Cara, estava procurando por vocês. Venham, porra.

Andrew praguejou baixinho e eu espumei uma risada nasal. Corri atrás de Wada, que me encarou com os seus olhos angulados em uma certa curiosidade.

— Então, o que vamos fazer? — indaguei para ele.

— Lutar.

A minha testa preagueou o bastante para que os meus olhos cerrassem.

— Lutar?

— Sim, lutar. O seu namorado disse que você é boa dando uma coça e os meus cadetes estão precisando.

Não consegui negar o uso da palavra namorado, pois estava mais ocupada com o regozijo que extravagou minhas veias.

Ele tinha levado em consideração o que eu tinha dito.

Virei-me para Andrew que estava a poucos metros atrás de nós que deu de ombros, como se não tivesse feito nada de especial.

Mas eu fiquei puramente feliz, dando pulinhos e batendo palmas.

— O quão longe posso ir com os seus cadetes?

— Desde que eles se mantenham vivos, está ótimo para mim.

Sorri fascinada.

Não haveria melhor presente do que aquele.



— O Kian falou como se eles fossem fracos. Eles não eram! — exclamei, deitando-me no tatame.

Meu corpo estava dolorido, os ossos espremidos em líquido viscoso que se juntava ao meu sangue.

O ar entrava em círculos para dentro dos pulmões, o que atrasava a minha respiração. Abri os olhos quando senti a presença de Andrew. Ele agachou-se ao meu lado, oferecendo-me uma garrafa de água.

— Você foi bem.

— Não tanto quanto gostaria de ser — respondi, recebendo a garrafa depois dele desenroscá-la.

— Dois deles foram para a enfermaria, Harper.

— Os outros sete me derrubaram várias vezes.

— E eles perderam mesmo assim. — Bebi a água com uma certa violência, mirando Andrew e toda a sua insistência em tentar me colocar para cima. — Você apenas precisa aprender a manter sua confiança. Não é porque sente que está perdendo que deve desanimar. O seu oponente percebe. Os cadetes conseguiram ver.

Respirei fundo.

— Confiança é a base de tudo — pontuei em reflexão.

— Exato. Você precisa também confiar nos seus instintos, é algo mais mental do que físico. Deve confiar na sua mente quando ela diz para seguir um certo caminho. Ela é a nossa única aliada.

— A última coisa que estou fazendo quando luto é pensar.

— Você pensa. — Andrew pegou na garrafa e bebericou um pouco também. Ainda se mantendo na posição de cócoras, continuou: — Os seus reflexos são ótimos. A sua habilidade de lutar é excepcional. Sua coordenação motora foi muito bem treinada, mas a sua psique está em falta. Você pensa muito racionalmente antes de agir, o que acaba atrapalhando. Você se ouve mais do que deveria. Consequentemente, sua confiança falha, o seu corpo entende que está com medo e fica paralisado para te proteger, o que é exatamente o contrário do que deveria acontecer.

Eu o escutei com atenção. Andrew falava de maneira tão precisa que eu jurei que ele sabia sobre mim mais do que deveria. Ele explicou que não tinha lido nada sobre o meu passado, porém o receio bateu forte ao perceber que ele me entendia. Ele sabia o que se passava comigo sem ao menos termos uma conversa franca sobre o assunto.

Seus olhos eram compreensivos e cada fala dele um ataque certo em meu peito.

— Eu estou tentando.

Ele levantou-se, com o dorso da mão ocupada pela garrafa esfregando o queixo e estendendo a outra para me ajudar a desgrudar a bunda do colchão.

— Anda. Vou te ajudar.

Ele pousou a garrafa no chão, arregaçou as mangas e se afastou.

— Você quer que lutemos?

— Está com medo de perder?

— Na verdade, estou com medo de matar o meu entretenimento noturno — brinquei. — Mas agora que me lembrei, posso muito bem sobreviver com o meu vibrador.

— Você está pedindo por uns tapas na bunda, Harper.

— Talvez eu esteja? Vamos ver — zombei, me posicionando na mesma vertente que ele.

Andrew sorriu levemente, umedecendo seus lábios para começar a falar.

— Pode começar.

— Sem mais nem menos? — perguntei confusa.

— Pensa que eu sou a pior pessoa que você conhece — proferiu. — Alguém que você odeia que tiraria toda a sua humanidade.

— Isso é pessoal? — perguntei.

— Não é sobre mim. É sobre você — ditou. — Se quer treinar sua mente, precisa estar predisposta a...

Andrew não teve tempo para terminar o seu discurso porque o meu pé estava voando para a sua cabeça. Ele soube se defender, colocando o braço, porém foi obrigado a recuar.

— Você estava falando sério sobre me matar? — A diversão ponteeava a pergunta.

— Eu estava falando sério sobre estar com saudades do meu vibrador.

Denson pegou no meu pé sem dar tempo que eu o tirasse e, com a mão no meu rosto, derrubou-me no tatame. A sua outra mão enganchou meu braço por baixo da sua axila e o joelho, em questão de segundos, estava em cima do meu antebraço esquerdo.

Não machucava. Andrew estava agindo com cuidado, embora eu não fosse capaz de escapar do seu bloqueio. Tentei golpeá-lo com as minhas pernas, mas parte do meu corpo estava preso ao fato de estar no chão.

— Você precisa se defender mais do que atacar — explicou, depois de soltar minha face e prender a mão no queixo.

— O ataque é um tipo de defesa — contrariei.

— Não — pronunciou acidamente. — Defesa é muito mais do que algo físico. É sobre você fugir. É sobre minimizar seus danos. É sobre você pedir ajuda. Quando você se defende, precisa ter noção do que está à sua volta. Você deve me dificultar de agir. Se você ataca, potencializa a ação do agressor e só piora para você.

Franzi o nariz em fúria.

— Você pediu para que eu...

— Começasse — completou. — Não te disse para me atacar. Além do que demora muito a golpear o seu oponente pela cabeça. É fantasioso. Se eu fosse algum agressor, teria nocauteado você de maneira pior.

— Você pediu para que eu imaginasse quem tiraria a minha humanidade. Bom, eu lamento muito por não ter matado o meu tio antes dele morrer — rosnei.

Seus olhos me analisaram profundamente, a força que sobrepunha meus ossos esvaneceu e eram como travesseiros.

Aproveitei a oportunidade para o virar, os meus pés cruzando e locomovendo-o para baixo de mim. Minha mão centrou-se por baixo do seu queixo, elevando a mandíbula. Centrei suas pernas no meio dos meus joelhos por cada lado de maneira que ele não copiasse meus movimentos anteriores.

Mas Andrew não pareceu estar feliz.

Seu rosto estava revestido de aço.

— Foi melhor — respondeu, mal conseguindo processar as palavras.

De alguma maneira, Andrew conseguiu colocar-se a favor. Mas ele já não parecia estar levando a sério. As suas linhas faciais eram de aço e sua boca franzida tremia.

— Está tudo bem?

Denson ofegou, antes de responder.

— Você tem um bloqueio devido ao seu tio — afirmou, com clareza e certeza, o que impulsionou um ritmo depravado do meu músculo cardíaco.

Eu tinha deixado escapar sem querer. Deus, eu quis me afogar naquele momento. Não era suposto ele saber. Não queria que ele soubesse, por enquanto.

Precisei quebrar o nosso contato visual, principalmente por ver os olhos de Denson escurecidos, a fúria galopando seu peito como um cavalo em batalha.

— Você foi abusada por ele?

Um silêncio absurdo se alongou entre nós.

Ele esperou pela minha resposta.

— Ele me tocava. Muitas vezes. De maneira invasiva.

Dizer tal coisa em voz alta para Andrew originou um enxame no meu ventre. Eu estava me abrindo para ele. Mostrando um lado meu que guardava a sete chaves. Ele já tinha me visto chorar, mas aquilo era diferente. Era um choro interior.

Mas quando notei o rosto de Andrew, meu peito sucumbiu. Ele parecia que ia devorar o mundo. Destruir. Massacrar qualquer pessoa que estivesse na sua frente.

— Seus pais souberam?

Sua voz saiu arrastada.

— Sim.

— Ele tinha sido preso?

— Sim.

Inalei fundo ao escutar meu corpo entrar em um tipo de vulcanismo.

— É por isso que você treinou?

Encarei-o novamente. Eu poderia aproveitar para contar um pouco mais, mas não escapou. Já estava dizendo muita coisa. Eu já estava sentindo demais.

— Sim — respondi somente.

— Não era assim que deveria ter sido — falou dosando sua cólera.

— Minha irmã disse o mesmo, mas não há muito que possa ser feito.

Reviver aquela conversa era ressuscitar uma alma penada e fazê-la passar pela mesma vida sofrida. Era um ciclo sem fim.

Ele tinha sido preso? Sim. Mas por já ter histórico de ser uma pessoa extremamente abusiva e pelos meus pais terem conhecido alguém com influência que nos pudesse ajudar.

E era mais fácil pensar que a justiça tinha sido feita do que ter sido sorte.

A mão de Andrew escorregou pela lateral do meu rosto.

Ele acariciou e, antes que eu pudesse contestar, o seu polegar limpou uma lágrima minha.

Não fui capaz de ficar chateada comigo mesma. Eu tinha entrado em uma área que o choro era minha única escapatória. Mas, pelo menos, era na

frente de Andrew.

— Queria matar o filho da puta, mas ele já está morto, porra — articulou furioso.

Seu polegar continuava aparando minhas lágrimas. Andrew continuava limpando uma por uma, com delicadeza.

— Você não teria chance porque eu mataria primeiro, acredite.

— E eu esconderia o corpo por você.

— Você não faria isso.

— Me dê uma lista das pessoas que já te machucaram e veja o que acontece.

Queria acreditar que Andrew estava falando da boca para fora em um momento de raiva. Mas no momento que ele beijou minha clavícula e, em seguida, a testa, eu decidi acreditar.

Até que ponto ele iria querer me proteger? E até que ponto eu deveria deixar?

Pensar nisso me fez entrar em pânico. Denson imaginava que poderia me proteger, mas, a verdade é que se soubesse o que eu estava guardando, me deixaria. E essa mera hipótese me derrubava.

Estava prestes a fragmentar, quando a porta da sala foi aberta e a cabeça de Kian espreitou.

Andrew olhou para o lado e se levantou, estendendo o braço na minha direção.

— Vocês vão ficar? — Kian perguntou, entrando após estarmos em pé.

Limpei meu rosto apressadamente, mas Denson se colocou na minha frente. Fiquei admirada com a sua atitude.

Deus, ele estava evitando que Wada visse as minhas lágrimas por saber que eu odiava mostrar esse meu lado.

— Não — declarou Andrew. — Vamos sair.

— Certo. Aqui as chaves para vocês trancarem. — Ele deixou em cima de uma mesa ao lado. — E, Harper, você sabe da Paige?

Dei uma espreitadela por detrás de Andrew, sorrindo de lado. Era sempre a mesma coisa.

— Vocês já não estão conversando?

Wada deu de ombros.

— Estamos, mas queria saber de você.

— Que tal convidá-la para sair e perguntar diretamente?

Denson saiu da minha frente e eu pude ver Kian coçar a nuca de maneira nervosa.

— Você vai sempre me dizer isso?

— Sim — respondi alegre, com as sobrancelhas erguidas.

Kian suspirou, acenando para mim em despedida. Girei o meu corpo, procurando por Andrew, mas antes de olhar para o lado oposto, uma sombra surgiu.

Não tive tempo para processar exatamente quem era, portanto, a minha mão estapeou seu rosto. Foi tão ridículo quanto assustador assim que compreendi o que tinha feito.

— Estamos melhorando — ele disse com um tom mais zombador, mas eu queria chorar mais do que já tinha feito.

Se abrissem meu corpo naquele momento, viriam como a sua anatomia estava desorganizada. Nada se encaixava.

Eu era patética. Deveria reconhecê-lo. Deveria não ficar assustada com Andrew, mesmo que ele tivesse aparecido de repente. Era a pessoa com quem dormia, estava tendo exclusividade. Não era um qualquer.

— Eu não devia ter te batido — lamentei, esfregando minha palma na lateral da sua face.

— E eu não devia ter me aproximado de você silenciosamente sabendo que você agiria assim.

— Mas era você. Meu corpo deveria te reconhecer, então...

Minhas lágrimas entupiram minha garganta.

Estava tremendo, mas não pelo susto, e sim como eu havia me surpreendido com os meus próprios reflexos.

— Ei, está tudo bem, Harper. — Andrew pegou minha mão e beijou-a, os olhos fechando e o toque com tanto afeto quanto dor. — Não me importo de sair machucado se você sair ilesa. Vou te ajudar até onde eu puder e até onde você quiser.

Meu coração afundou, substituído por uma harmonia.

Estava tudo bem.

Eu estava segura.

Andrew cheirava a segurança.

Mesmo que ele não sentisse um por cento do que eu sentia, Denson estendia as mãos para que eu desse todo o meu peso para segurar por mim. Ele segurava nas costas as minhas próprias dores. Era bom dividir. Era bom não poder falar, mas ser compreendida da mesma forma.

— Certo — respondi.

Andrew soltou minha mão com cuidado e assentiu.

— Vamos. Tem um último lugar que quero te mostrar.



Entramos dentro de um edifício vazio de chão cinza e as paredes da mesma cor, e acústica potente.

Segui Andrew, perscrutando em curiosidade. Observei suas costas, como as escápulas se movimentavam de acordo com seus pés. Eu confessava baixinho como eu me sentia em relação a ele. Era estranho. Muito estranho como meu corpo se arrepiava apenas por olhá-lo.

Não sabia se estava em um estado paranoico ou se precisava dormir.

Estreitei os olhos quando notei o que parecia ser um parque de estacionamento.

— São tanques? — perguntei.

Andrew assentiu e a minha boca tomou uma forma oval.

— São tanques que nunca foram usados e como são antigos demais, ficaram aqui. Eram para ser vendidos ao museu, mas são imensos, então estão aqui guardados.

Andei depressa para ver alguns dos veículos.

Não eram tão grandes quanto eu imaginava, porém causou um calafrio na espinha imaginar que existem outros muito maiores e usados em

situações de extrema fatalidade.

Engoli secamente.

— Não quero que você veja essa parte, Harper. Não quero te assustar.

— Não é como se a culpa fosse sua.

Ele riu nasalmente.

— Meu sobrenome diz o contrário.

— Sobrenome é compartilhável, não uma definição — expliquei, juntando-me ao seu lado.

Andrew não disse mais nada e gesticulou para continuarmos. Chegamos a um veículo de guerra acinzentado. Ele ajudou-me a entrar já que era um carro alto.

O espaço era quente, espaçoso, porém estava cheio com objetos que roubaram meu foco.

— São rolos de fotografia? — perguntei, sentando-me.

Notei que tinham mantas, algumas latas já secas e vazias, alguns livros para estudo fotográfico, xadrez e um videogame portátil.

— Você ficava aqui? — Encarei-o que se sentou ao meu lado nos últimos lugares do veículo.

Pedindo por uma permissão silenciosa, Andrew pegou o rolo que eu tinha nas mãos e verificou.

— Sim. Costumava vir aqui para fugir.

— Como autodefesa?

Seu sorriso triste afirmou.

— Ninguém vinha para cá por ser uma área fechada e por não ser propriamente um lugar de diversão. Decidi fazer desse carro a minha cabana.

Andrew não falou com pena de si mesmo. Na verdade, disse com um tom vingativo, quase como se houvesse camadas e mais camadas para tapar algo extremamente sangrento dentro de si. Como se uma ferida não estivesse bem fechada.

— O que acontecia com você em casa...

— Não é algo que eu goste de lembrar — atalhou. — Mas também não é algo que eu pense muito. Sim, impactou a minha vida. Me tornou

quem eu sou. Mas os meus objetivos não são moldados por causa do meu eu criança.

— São moldados pelo quê?

Pausa.

— A morte da minha mãe.

Minha estrutura óssea petrificou pela raiva triturada em cada letra que ele disse.

Escutei passos de botas pesadas no outro lado. Tinha um esquadrão se encaminhando.

— Eu lamento muito por você tê-la perdido.

— Eu também lamento. — Andrew inspirou. — Depois da minha mãe falecer, passei mais tempo aqui do que em casa, para me ajudar a escutar a minha própria voz. — Ele coletou o videogame, vistoriando o espaço como se a dor dominasse seus membros. — Comprei um apartamento quando me tornei adulto, mas durou apenas uns anos já que tive que viajar. Por mais estranho que pareça, acho que isso aqui foi a minha definição mais próxima de lar.

Queria conversar com ele sobre o relacionamento que ele tinha com os seus pais no geral, como ele se sentia na mansão, como ele tinha lidado com a morte da sua mãe e como foi todo o seu crescimento até ser quem era. Quis perguntar sobre as cicatrizes que tinha nas costas, mais sobre a sua paixão por fotografias e como foi carregar tudo aquilo desde novo.

Havia tanto dele que era fechado, com fechaduras quase impossíveis de serem abertas, no entanto, ele estava abrindo-as para mim. *Por mim.*

— Agora você tem um lar — disse, pouco me importando como iria soar.

Seu olhar captou o meu e eu pressionei minhas mãos no seu rosto, beijando-o.

Andrew não demorou para corresponder. Sua língua atravessou a minha, quando suas mãos pressionaram minha cintura e auxiliaram-me a ficar em seu colo. Havia urgência no jeito com que ele me pegava e explorava meu corpo. E eu estava sentindo o mesmo tipo de fogo que ele.

Ele já estava duro e eu não poderia negar que minha boceta estava pedindo. Andrew não demorou muito em despir minha t-shirt e eu fiz o

mesmo.

Suas mãos tiraram meu top e aproveitaram para explorar meus seios, lambendo meu mamilo e esfregando o que não havia sido abocanhado.

Eu me roçava na sua protuberância, levando a mão para lá e acariciando de modo que ele suspirasse contra minha pele. Seus lábios, de vez em quando, voltavam para os meus, como uma lembrança rápida de que era ele quem me tocava e mais ninguém.

Assim que peguei uma brecha, abri sua calça, os meus dedos trabalhando em masturbá-lo. O meu polegar friccionou na cabeça do seu pau, o pré-goço já molhando e me deixando mais saciada em continuar.

Andrew suspirava no meu pescoço, enquanto plantava beijos molhados nele.

Sua mão também esgueirou para minha calcinha, os dedos delicadamente se movendo.

— Tão molhada... Tão pronta para mim — rumorejou. — Você quer ser fodida aqui, coração? Quer que eu faça você gozar e gritar meu nome enquanto outros estão perto?

Eu fiquei excitada apenas com essa possibilidade. Por Deus, eu não fazia esse tipo de coisa.

— Quero.

— Linda garota — disse, abrindo a minha boceta e deslocando seu dedo do meio para dentro.

Fui incentivada a continuar acariciando sua ereção, levando em conta a base e como aumentava a sua excitação e vontade de gozar se minha mão mantivesse o ritmo veloz dos vaivéns.

Comecei a bombear mais forte, quando o seu polegar foi introduzido no meu ponto inchado, minhas paredes recebendo de uma maneira gostosa e desejando que fosse mais.

Estávamos os dois perdidos na consciência, sem nos incomodarmos como nos movíamos e quem nos escutava. As vozes de gargantas grossas recheavam o ambiente, conversando sobre um possível exame que seria feito e eles estavam nervosos, e nós ríamos por continuarmos com aquela loucura escutando conversas triviais.

Eu estava agitada, subindo e descendo em seus dedos como se montasse na sua ereção. A brutalidade com que ele pedia para que fizesse em seu pau eu entregava, envolvendo sua grossura cada vez mais, bombeando com anseio de arrancar seus gemidos.

— Eu trouxe — sussurrei. — No meu bolso, tenho uma camisinha.

— Porra, Harper.

Andrew puxou minha calça para baixo, com alguma dificuldade. Retirou o pacote e rasgou com os dedos, vestindo seu pênis.

— Vira — ordenou, me dando um último beijo antes de eu ficar de costas para ele.

Sem muita demora, ele puxou meus quadris para mais próximo de sua virilha. Eu abri minhas pernas, encaixando seus pênis dentro. A cabeça começou a entrar, fazendo um calor subir por minha coluna, e todo o comprimento foi se ajustando até me sentir cheia.

— Para quem nunca tinha sido montado, você até que gosta.

Ele liberou meu cabelo do amarro e enrolou-o em seus dedos, passando suas mãos pelas minhas costas e rondando minha tatuagem.

— Só se for você. — Ele deu um tapa forte em minha nádega. Era impossível não terem escutado. *Jesus*. — Agora monte gostoso em mim, coração.

Empinei minha bunda, agarrando nas barras de ferro e comecei a mover meus quadris.

Andrew deixou-me no comando, minha boceta engolindo cada vez mais seu pau enquanto rebojava nele, tentando senti-lo por inteiro.

Era quente e duro. Um misto de sensações que me fazia querer ir mais rápido, apesar de aproveitar com um ritmo moderado, como eu o fazia entrar e sair. Cada vez que seu pau me atingia, um gemido saía.

Sua mão, entretanto, foi para a minha boca e a tapou. Foi então que as vozes ficaram mais compreensíveis e a proximidade aumentou.

— Você vai ter que fazer menos barulho agora, mas vou continuar alimentando sua boceta — ronronou em meu ouvido e eu aquiesci.

Andrew não se deteve.

Ele continuou me estocando e me ajudou a seguir seu ritmo. Era uma sensação tão errada, perigosa e viciante. Eu estava sendo fodida às

escondidas com um grupo de pessoas desconhecidas por perto. E Denson não se importava com o fato de estar me causando espasmos e fervendo meu sangue.

Sua mão livre vagando por minhas costas era um estímulo para que meu corpo se balançasse, deixando-o invadir cada vez mais.

Subi minha perna, colocando-a no banco. Andrew me auxiliou, colocando a mão por baixo e se movimentando junto comigo. O som começou a retumbar por entre as paredes do carro.

Estava com medo que chamasse a atenção, mas também estava entorpecida por esse prazer. Pela adrenalina. Pelo limite.

Meus seios balançavam, os mamilos cada vez mais duros e talvez pingando. Fechei os olhos, experienciando ter meu ventre ardendo por uma eletricidade gostosa. Mordi a sua palma, sentindo um gosto metálico nos meus lábios. Minha boca estava cada vez mais molhada, pela necessidade de ter mais.

— Você gosta de ser fodida sabendo que eles podem te ouvir? Que podem te ver? — sussurrou, incentivando mais estocadas que faziam meu ventre borbulhar.

A camada de suor fazia as partes descobertas dos nossos corpos brilharem e o cheiro enchia a área. Ele estava se tornando mais áspero e veloz a cada palavra, gemido contido e beijo na minha pele.

Estava me deixando louca.

Mas assim que notamos que o silêncio chegou, o espaço estava vazio, Denson mordeu o lóbulo da minha orelha e me puxou para mais perto.

Ele abriu um pouco mais minhas pernas e as suas para que, então, me imobilizasse e me fodesse com movimentos abruptos.

Não fui capaz de fechar a boca, embora tenha tentado morder meu lábio inferior e arriscando minha língua também. Suas investidas eram profundas, atingindo meu ponto mais excitado, suas coxas martelando as minhas e o som das nossas peles fervendo em meus tímpanos.

Era selvagem. Ardente. Luxuoso.

Cada vez mais, Andrew parecia ter mais desejo e seu pau conseguia me dar mais. A pressão era maior, minhas paredes abraçando o que ele me entregava.

— Você me enlouquece. E quero dar toda a minha loucura a você —
soltou com dificuldade, acelerando o ritmo.

As suas mãos soltaram minhas pernas quando ele percebeu que já estava bem naquela posição. Uma delas fez o caminho até minha boceta, o que aumentou meu prazer, desfazendo mais o meu controle.

— Andrew... — sussurrei desarmada, quando ele levou sua mão para o meu mamilo.

Deus, aquilo era loucura.

Era alucinante o que eu sentia. Era música escutar o som do nosso sexo, com nossos gemidos, cada vez mais encharcada e suada, tanto por fora e por dentro, enquanto o ouvia dizer tanta coisa suja.

Estava em um ponto que gritava, na esperança que não estivesse ninguém por perto para nos escutar.

O veículo de guerra balançava conosco. Os seus dedos trabalhavam junto de seu pau, multiplicando o número de incêndios em meu ventre.

— Olhe pra baixo, Harper. Veja como estou te fodendo. — Sua voz era luxuosa, um comando que me fez baixar meu olhar e observar.

Vi como ele me penetrava. Como minha entrada apertava sua extensão, mas recebia cada impulso potente. Meus peitos saltando, meu corpo indo junto, as coxas sendo sacudidas também pelo ritmo animalesco.

Eu amava o nosso sexo. Amava como não tínhamos medo de nos perder, por mais resistência que houvesse. Era como se eu estivesse solta no espaço, sabendo que estaria longe de casa, mas ainda assim me manteria perto e em algum ponto do tempo eterno poderia retornar.

Toda a sensação, tão lasciva quanto calorosa, era colocada nessa forma sexual. Seu polegar dedilhando meu clitóris, meu íntimo mais apertado na espera de ele vir junto comigo.

— Você cheira a casa, Harper. Você cheira a *minha* casa — sussurrou, mordendo o lóbulo da minha orelha.

Com mais três rápidas investidas, o gozo veio a galope, triturando meus órgãos internos que liquidificaram.

Fiquei tonta, fechando os olhos e vendo uma imensidão de estrelas. Era uma explosão derrubando meus ossos como um castelo de areia.

Andrew ainda se moveu mais algumas vezes e não pude evitar quase esmagar seu pau que foi expulso assim que ele também gemeu perto do meu ouvido, me dando mais um orgasmo singelo, mas ainda assim me fazendo arranhar sua pele.

Dolorida. Eu estava dolorida demais para poder andar, porém a satisfação era completa.

Meu corpo era pedra e o de Andrew um sofá. Ambos respirávamos fundo, recuperando o ar que roubamos um do outro durante aqueles minutos. Estava transpirando, uma total poça de água, e com certeza desarrumada por ter as calças abaixo dos joelhos juntamente com a calcinha e as botas quase saindo dos pés.

— Andrew, me ajude — murmurei, tombando minha cabeça e girando na direção dele.

Denson estava transpirando também, sua língua serpenteando pelos lábios e seu peito subindo e descendo com força.

Ele plantou um beijo na minha testa antes de me auxiliar. Colocou-me ao seu lado no banco e inclinou-se para me ajudar com as botas.

— Você vai me vestir, é? — perguntei, analisando como ele se encaixou no espaço do carro para puxar minhas calças.

— Já que fiz um estrago em você, preciso ajudar. — Quis chutar meu pé em seu peito, porém ele voltou a bloquear. — O que falamos sobre atacar?

— O que você acabou de fazer comigo foi um ataque para o meu sistema reprodutor. Por favor...

Ele gargalhou alto, a felicidade inundando o ambiente.

Já tinha escutado sua gargalhada várias vezes, mas naquela vez foi diferente. Naquela vez eu senti algo completamente diferente.

E, cada vez mais, eu tinha a certeza que não queria deixar de sentir.

41

“Porque ela tem uma má reputação, mas eu sei que o que eles não sabem. E eu não me importo com o que dizem sobre você, amor. Eles não sabem o que você passou.”

Bad Reputation, Shawn Mendes

A handwritten signature in black ink that reads "Andrew Benson". The script is fluid and cursive, with the first letter of each word being capitalized and larger than the others.

Os olhos de Austin do outro lado da mesa estavam colados a mim. Minha atenção era direcionada ao que os engravatados falavam na sala de reuniões, porém meus sentidos tendiam a contrariar meu cérebro e vasculhar no rosto sério do meu irmão o que ele estava pensando.

Tinha as minhas suspeitas, no entanto, eu não podia deixá-las evidentes quando eu e Harper tínhamos muito a discutir. Não tinha roteirizado minha vida para acabar gostando da mesma mulher que Austin estava querendo. Eu possuía uma lista enorme de coisas que não poderia fazer e uma delas era me apegar a alguém.

Mas Harper era a porra de um polo que puxou pelo meu. Cada partícula minha foi moldada pelo seu magnetismo.

Eu estava ficando doente de Harper Reese e não pretendia encontrar cura.

Vistoriei a mesa, aterrando em Anthony que estava a duas cadeiras longe de mim. Ele observava um dos homens que apresentavam propostas

sobre como seria a divisória da firma se a investigação de Donovan levasse a resultados que seria homicídio.

Conseguia ver seu olhar tremelicar, a respiração falhando porque a mídia e a polícia iriam aprofundar na constituição monetária e hierárquica da *Denson Empire*. Anthony sabia que estava fodido pelo seu mercado ilegal.

Além de mim, talvez Austin e um ou dois caras presentes, mais ninguém aqui sabia.

Agora tudo aquilo poderia ser perdido. Tudo por causa de uma morte inesperada.

A pergunta centrava-se em quem? Quem teria feito tal coisa para um homem bondoso?

O meu celular vibrou na perna, repentinamente. Descruzei meus braços, pegando em uma caneta e martelando discretamente no caderno enquanto minha outra mão rastejou para o bolso.

Ao visualizar *Aurora* na tela, a tensão em meu organismo virou uma maresia salgada.

Desbloqueei o dispositivo e dei de cara com várias imagens.

Era Harper tirando uma foto no espelho com uma lingerie com umas meias de renda. A primeira era branca e conseguia destacar os seus seios bem assentes no sutiã, as suas coxas torneadas justas às meias. Na segunda, era ela mostrando a bunda com uma calcinha vermelha. *Porra*. A sua bunda engolia parte da roupa e era tentador demais ampliar a imagem para ver como aquela tatuagem entregava charme.

A terceira era dela com uma lingerie preta, acreditava que um body, com várias alças e um conjunto pelas suas coxas.

Meu pau acolheu todo o sangue das veias. Ela estava mais do que gostosa, especialmente com todas as suas tatuagens em evidência.

Aurora: *Qual dessas você mais gostou?*

Espreitei para os cantos antes do meu polegar deslizar pelo teclado.

Eu: *De todas.*

Aurora: *Sério?*

Eu: *Sim. Gostei o suficiente para querer rasgar.*

Aurora: *Otário.*

Eu: *Qualquer roupa que comprar terá esse destino. Aconselho andar nua em prol do não desperdício. O planeta ficará agradecido.*

Demorou para que ela respondesse, porém a sua mensagem veio com uma nova foto no espelho, mas dessa vez um dedo do meio à vista. Precisei reter minha garganta para que não risse.

Senti os olhos de Austin pousarem em mim, mas eu estava mais entretido em conversar com Harper.

Aurora: *Usei o cartão da Athena. Comprar não é a palavra certa.*

Aurora: *Você ainda vai demorar?*

Suspirei. A reunião tinha tendência a alongar até à noite.

Eu: *Não sei, coração.*

Aurora: *Bom, então vou me aventurar.*

Pregueei a testa.

Eu: ???

Tive que erguer o olhar novamente para dar um pouco de atenção ao que diabos eles falavam. Alguns documentos estavam sendo passados pela mesa longa e possivelmente eram relatórios de exportação e como ficaria o balanço contabilístico, após a empresa precisar ser parada para que varressem os quatro cantos dela por causa da morte de William Donovan.

Eu esperava que comessem daqui a, pelo menos, duas semanas. Era impossível não confirmarem que Donovan tinha sido morto, mas até lá necessitava dos arquivos em mãos para derrubar o reinado de Anthony. Depois disso, o destino faria o que pretendesse. Eu aceitaria.

A tela acendeu.

Aurora: *Um club está precisando de strippers. Fui extraordinária naquela noite, lembra?*

Ah, claro que você lembra. Talvez eu vá rebolar e mostrar minha nova roupinha a outras pessoas.

Eu: *O inferno que você vai.*

Os documentos chegaram até mim e a resposta da Harper não veio. Eu espumava pelas narinas, olhando para os números que estavam perdidos

na minha concentração porque estava mais preocupado em saber se ela estava blefando ou falando sério.

Minutos se passaram e assim que entreguei o relatório ao meu colega do lado, tornei a pegar no celular.

Nada dela.

Eu: *Reese.*

Ela não respondeu e eu jurei que arrebentaria o prédio para que aquela maldita conversa diplomática terminasse para pegar minha garota onde quer que ela tivesse ido.

Eu: *Se não me responder, você não terá apenas uma tatuagem nesse traseiro.*

Sua resposta veio quase de imediato.

Aurora: *HAHAHAHAHAH Meu Deus, como eu amo o seu desespero. Pode ficar relaxado com os seus negócios. Não irei exibir minhas novas roupas, mas estou esperando pelas novas tatuagens.*

Abanei a cabeça. Só ela para me enlouquecer daquele jeito.

Eu: *Vamos ver se continua tão engraçadinha quando eu estiver dentro de você.*

Aurora: *Você sabe que gosto de um desafio.*

Eu: *Esse você não experimentou.*

Aurora: *Qual seria?*

Eu: *Sua bunda.*

Os segundos voaram e ela não respondeu. Se não fosse pelo lugar onde estava, teria gargalhado alto. Porra. Ela provavelmente não estava esperando pela minha resposta.

Aurora: *Vem rápido.*

Foi tudo o que ela disse e aquilo fez meu estômago desdobrar. Ela queria...?

De repente, os meus objetivos eram segundo plano apenas porque queria aquela mulher comigo.



— Andrew, quero falar com você.

A voz do meu irmão chegou até mim antes mesmo de eu sair do prédio. Virei, enfiando uma mão no bolso e a outra segurando a pasta.

— Se for sobre a Harper, não me chateie com isso — respondi seco, deslocando-me pela área pedestre. Austin veio atrás.

— Claro que é sobre ela. Não sei que merda você tem que sempre precisa ter o que é meu.

Parei na calçada e me virei.

— Ela nunca foi sua, porra — vociferei. — E você sabe muito bem disso. Não precisamos ter essa conversa.

— É o que você sempre faz. Fugir. Você sempre foge de qualquer assunto desse tipo. Foi o mesmo com Michelle e agora com a Harper.

Não iria corrigir Austin. Ele que desse asas à sua imaginação para criar o que quer que fosse que eu tivesse tido com Michelle.

Eu o devia muito. Tinha usado muito dele para atingir minhas metas que faltavam tão pouco. Não iria deixar tudo a perder por causa disso.

— Você consegue resolver isso sozinho — sentenciei. — Não é uma preocupação que devemos ter agora. Essa merda toda pode ir por água abaixo se indicarem que houve um homicídio. O pai é um traficante. Vão descobrir mais cedo ou mais tarde e o sobrenome Denson será uma piada. Quem eu fodi ou não é o menor dos problemas.

Austin gargalhou cinicamente, sacolejando a cabeça antes de dizer:

— Harper é a porra de um problema.

— Se for por ser enfermeira do velho...

— O pai de Harper e Donavan se conheceram em um evento para um novo tipo de veículo espacial há mais de trinta anos. — Meu peito parou, a brisa adentrou minhas narinas sem que eu permitisse. Austin retirou documentos da sua pasta. — Eles ficaram muito próximos e começaram a trocar favores. Foi o pai dela que começou a fazer uns trabalhos para ele no

âmbito da aeroespacial e William que ajudou a mãe da Harper a ter sua nacionalidade aqui, por exemplo.

Vinquei os dedos nos papéis que tinha nas mãos.

— Como você soube? Barton não viu nada disso.

— Claro que não porque Harper não costuma usar o seu sobrenome Reese, e sim Mahesh. Esquiva muitas das informações que vêm do seu lado paterno. — Meu cérebro piscou. — Rastreei o celular dela há alguns dias e vi que estava em Merley. Foi ao banco. Possivelmente tirar uma quantidade de dinheiro para fugir. Harper é o maior dos nossos problemas e muito possivelmente a causa deles.

— Por que merda você estava rastreando ela? — questionei entredentes.

— Porque você está mais encantado no que ela fala pra você do que ela é.

— Você não tinha investigado sobre ela antes?

— Não — ele disse e eu franzi o cenho. — Ela pediu e eu claro que não o fiz. Queria ganhar a confiança dela. Mas agora fui a fundo e sei que a merda do seu histórico não teria muita coisa porque ela já tinha me dito que a equipe de Donovan despistou certas informações sobre si para que não estivessem procurando por ela.

— Ela tinha me dito que você tinha...

— Ela mentiu e você acreditou como um palerma. Você é um dos principais candidatos para ser dono de uma empresa de segurança. Grande coisa, irmão.

Ele não estava muito errado, mas eu tinha pedido a Barton para fazer uma pesquisa sobre Harper, exceto sobre o seu passado. Mas apagar registros? Ela conseguiria fazê-lo sozinha? Barton era a melhor pessoa que eu conhecia para conseguir coletar informações sobre um morto do século passado. Como algo sobre ela poderia ser apagado?

— Eu tinha me voluntariado para ajudá-la — ele continuou. — Harper não me escondeu que tinha trabalhado para William quando ele morreu e eu a ajudei. Eu me sinto idiota, se quer saber.

Balancei a cabeça e devolvi os papéis.

— Ela não está envolvida da forma como você pensa.

Austin riu.

— Claro que você supõe agora que ela não esteja. Você já pensou porque de todas as cidades do país, ela viria ficar aqui logo depois que Donavan morreu? Não deveria ser o último? — indagou, fermentando o crescimento de dúvidas. — Como é que alguém não sente o perigo de poder ser ameaçada? De se enturmar entre nós com tanta facilidade?

— Você a deixava.

— Não. Harper sempre teve passe livre para os eventos referentes a Donavan — argumentou. — Por incrível que pareça, o nome dela está em todas as listas de pessoas que podem estar nos nossos espaços.

Sacolejei a cabeça.

— Você está sendo paranoico.

— Você está atirando seu plano de anos para arruinar o nosso pai para o lixo. — Eu analisei seu rosto com uma certa surpresa. Austin esboçou uma expressão de desânimo. — Você acha mesmo que eu não sabia? Que se submeteu a trabalhar fora para conseguir os segredos de Donavan já que não conseguiria do nosso pai?

Torci os lábios, meus ombros relaxando e as mãos se esconderam nos bolsos.

— Então, você acha que sabe da história toda?

— É o que eu andei fazendo, já que fiquei entediado de ser o ninguém — zombou.

— Você não foi o ninguém. Eu usei você.

Seus olhos estreitaram, as interrogações agora o pertenciam. Eu continuei:

— Seu casamento com a Michelle foi por minha conta. Eu nomeei um documento forte que ligasse os Donavan e me desse oportunidade para chegar mais perto da firma, sendo alguém fora da família. Michelle topou quando contei. Ela sabia como era importante para mim. Por isso, os encontros secretos todos os anos. Ela me informava de algumas questões que eu pedia e não deveriam ser ditas à distância. — Seu semblante estoico me deu mais alavanco para prosseguir. — Eu não quero nada, Austin. Você pode ficar com tudo isso depois. Eu só estou fazendo algo que me agarrei

há anos. Colocando um fim assim como fizeram com Kathelyn. Desde os meus dezesseis anos, estou vivendo por isso.

Austin estava em choque, embora se esforçasse para que não houvesse manifestação da sua surpresa. E era porque percebeu que a minha vida inteira tinha sido em prol de um objetivo. Apenas. Não foi por dinheiro. Não foi pela empresa. Não foi nem por mim. Foi pela nossa mãe.

— Sempre te achei um filho da puta, mas não um burro que está vivendo sua vida com base no passado — explicou, as falhas da sua voz tão evidentes quanto a forma como o seu punho fechou e o rubor expandiu no seu rosto.

— Tenho plena noção. É um assunto meu.

— Um assunto que me envolve também, seu merda — disparou, dando passos pesados. — No que você está pensando? Na verdade, pra que ir tão longe por isso? Você sabe que não vai arruinar apenas o nosso pai. A nós também. O que vai trazer de bom para você?

Sua questão era genuína. Uma questão tão similar à que eu fazia diariamente para mim mesmo. E eu não tinha uma resposta concreta. A cada dia, se eu procurava por um significado, o perdia cada vez mais.

Não há uma vitória além de ter o sabor de ver Anthony perdendo tudo, porém a minha dor não vai desaparecer. Kathelyn não vai voltar. E, por causa do destino, Harper seria amarrada a toda essa bagunça.

Concluindo, não teria nada de bom. Era tudo um prazer mental e satisfação que duraria horas, mas quis me submeter há anos.

— O pior é saber que Michelle concordou — rosnou Austin, esfregando seus olhos pensativo, batendo o pé impensante.

— Ela fez porque eu quis.

— Não estou puto com ela. Estou puto comigo mesmo por não estar espancando seu rosto nesse momento. Porra, Andrew. Porra. — O seu timbre saiu carregado de raiva. — E a Harper? Você vai colocar tudo de lado caso descubra que ela está mais envolvida do que você pensa? Que isso pode machucá-la?

Não iria. Era impossível.

Eu deveria ter previsto certas situações, mas agora era tarde demais.

— Eu tratarei disso depois.

— Ela vai apunhalar você pelas costas.

Poderia dizer que ele estava falando aquilo por ódio, mas Austin acreditava que sim.

— Ela não vai.

Dei as costas para ele, sabendo que o deixava confuso, rumando para o Porsche que eu decidi usar durante o tempo chuvoso.

Minha cabeça latejava. O pai de Harper conhecia Donavan há anos. Reese sempre tinha usado o seu sobrenome paterno comigo, então por que nos seus documentos prevalecia o Mahesh? Para se afastar? Para não estar na mira de pessoas como o meu pai?

A não ser que ela soubesse que ele tinha sido morto. E essa possibilidade revirou meu estômago, a vontade de vomitar vindo à tona.

Quando cheguei em casa, ainda com a minha mente divagando, escutando vozes de que não estava caminhando pelo lado certo e isso me levaria ao caos, fui recebido com Harper com uma fantasia preta e um avental vermelho.

O seu cabelo atado no alto, a colher de aço na mão e a felicidade estampada em seu rosto mergulhou-me em um oceano de calma. E eu inalei com desejo.

— Você chegou — ela exclamou contente.

Pousei a pasta na bancada, abri os restantes dos botões da camisa devido ao calor infernal na cozinha. Mas o cheiro era gostoso também.

— O que você está fazendo?

— Caril.

— Não íamos fazer juntos?

— Íamos, mas eu estava sem nada para fazer, então decidi cozinhar. Você quer provar um pouco?

Harper estendeu a colher grande e eu fui, permitindo que ela fizesse o percurso até a minha boca.

— Porra, é bom.

— A minha mãe fazia melhor, mas também consegui fazer bem.

Reese disse com orgulho de si mesma, me dando um beijo na bochecha antes de seguir novamente para mexer a panela.

Um derrame de honestidade ferveu meus ossos. Eu queria contar para ela o que estava acontecendo, como as coisas poderiam piorar e se ela permanecesse ao meu lado, talvez pudesse machucá-la muito.

Poderia confrontá-la, mas preferi ficar em silêncio.

Não iria arruinar a nossa paz naquele dia.

— Está tudo bem?

Sentei-me perto dela, tendo a visão da sua bunda. Dei um pequeno tapa e ela sorriu solenemente.

— Está sim. Apenas cansado.

Harper fez beicinho e montou no meu colo.

Eu a tomei, ajudando-a a se encaixar. Seus braços enrolaram no meu pescoço e fechou os olhos, grudando nossas testas.

Inalei seu cheiro cítrico como se dependesse para viver.

— Você está gostosa com essa lingerie, mas da próxima vez tenta não me causar um ataque cardíaco.

— Não irei, velhote. Vou preservar sua saúde. — Seu nariz roçou no meu. — O caril vai te ajudar. Você vai ficar como novo.

— Espero que não tenha veneno.

— Ah, eu deixei para a sobremesa.

Não fui capaz de entalar a risada. Deus, ela me fazia bem.

Apertei-a mais contra mim e Harper deitou a cabeça no meu ombro. Beijeí sua nuca antes, depositando um beijo na sua clavícula.

Ela se aninhou e eu a aconcheguei melhor no meu colo.

Meu corpo reconhecia o seu tão bem. Era um tipo de vício que valeria a pena manter para o resto da vida.

Eu não a deixaria ir quando ela estava me dando paz no meio da tempestade. Ela era o meu porto seguro. A minha zona de conforto. O meu lugar para ficar.

— Isso é bom — ela murmurou, sua voz deturpando meu cérebro.

Beijeí de novo sua pele, sentindo-a aquecer e arrepiar.

Nenhum homem seria tão feliz quanto eu por fazer aquela mulher se arrepiar daquele jeito apenas com um beijo.

O meu celular tocou. Harper quis se levantar, mas eu a prendi. Deixei que o celular desligasse sozinho, enquanto resvalava meus lábios pela pele da única pessoa que estava sendo meu porto seguro, porém a vibração continuava.

— Você deveria atender.

— Não agora.

— Bom, mas eu tenho que desligar o fogão antes que a comida queime.

Não a impedi de desgrudar e plantar um beijo em meus lábios. Ela saiu do meu colo, indo verificar a comida e empratá-la. Ambos fomos para a sala.

Harper disse que era o momento ideal para me fazer assistir *The Crown* e eu aceitei sabendo que era uma guerra perdida.

Eu teria ido dormir, porém fiquei contagiado simplesmente porque ela estava feliz.

Tinha caril e Harper de lingerie. Não havia nada mais satisfatório.

Mas assim que meu celular tornou a vibrar e incomodou Reese, recostada no meu ombro enquanto comia, decidi desligar o som.

Porém as mensagens vieram mais depressa na tela e não tive tempo para eliminá-las antes que lesse.

Michelle: *Drew, por favor, atende.*

Michelle: *Eles descobriram.*

Michelle: *O meu tio foi morto. Mataram.*

Engoli em seco, pressionando o botão de encerrar.

— Se eu te pedir para me comprar um planetário, você compra? — ela perguntou aleatoriamente, inclinando a sua cabeça e exibindo seus olhos alegres.

— Você quer um?

— Talvez.

— Vou ver o que eu posso fazer.

Beijei Harper e, depois de um tempo, adormeci ao seu lado.

42

“O que você não entende é que eu pegaria uma granada por você. Cortaria minha mão fora por você. Eu pularia na frente de um trem por você. Você sabe que eu faria qualquer coisa.”

Grenade, Bruno Mars

Harper Reese

— Meu Deus. Está realmente uma delícia.

— Sim! — disse animada. — Talvez eu devesse reconsiderar seguir a culinária.

— Não vamos por aí.

Revirei os olhos para Paige que entregou um sorriso convencido.

— Bom, então sua irmã apareceu e foi embora, é isso?

Aquiesci a cabeça.

Fui para casa de Paige para passar a tarde comigo depois de termos ido correr juntas. Axel não pode, pois voltou aos seus turnos de oito horas e ela necessitava de todo o tipo de bateria que o sono pudesse providenciar. Estava com saudades dela, porém haveria algumas barreiras entre nós, agora que os meus segredos estavam maiores.

— Quase isso, mas no geral, sim.

— E você e o Andrew ficaram?

— No geral, sim.

— O que é o não geral? Porque isso é confuso demais para mim.

— Não é tanto assim — resmunguei, pegando em um garfo e espetando na carne do prato de Ambrose.

— Oh, é sim. E a Axel sabe?

Paige tocou no ponto exato para me fazer baixar a cabeça e suspirar fundo.

— Não...

— Então, você fodeu os dois irmãos dela e não disse nada até agora?

— Você falando dessa forma até parece que eu fiz algo sujo.

Levantei a cabeça pela demora da sua resposta e a sua encarada me fez gemer.

— Oh, meu Deus, Paige!

— Você esperava o quê? — ela exclamou, erguendo seu garfo no alto.

— Ela vai me odiar, não é? Você me odiaria?

— É impossível te odiar — falou com suavidade que, por pouco, não considere falsa. — Talvez seja por isso que o cara que queria você fora da vida dele, agora compartilhe a mesma cama com você.

— Não sei se é bom ou mau.

— Você não ser detestável?

— Que estou ficando com o cara que me queria fora da sua vida — recapitulei mentalmente como era uma prioridade para ele que eu estivesse afastada do casamento de Austin e Michelle, porém, no momento, estávamos mais firmes que os dois.

— Ficar é eufemismo — declarou Paige. — Vocês moram na mesma casa, dormem no mesmo quarto, fodem e decidiram que vão ser exclusivos, ele te compra presentes, te leva para a academia militar porque você disse que queria bater em alguém, e você fala em ficar?... Meu Deus! Eu acho que ele está namorando sozinho.

— Paige! Não há namoro.

— Sim, você tem razão. É um casamento.

Ela gargalhou quando tombei a cabeça contra a sua mesa de mármore.

Se me contassem, eu também diria que éramos duas pessoas que namoravam. Mas eu não entrava em relacionamentos, e Andrew também parecia estar longe de querer um. Aproveitávamos a companhia um do outro. Somente.

— Você está falando sério sobre ele namorar sozinho? — perguntei em decibéis baixos.

— Estava brincando. Mas que ele gosta de você, não há como negar.

— Também gosto dele.

— Do tipo amor?

Dei de ombros.

— Do tipo gostar. — Ela estreitou os olhos. — Como eu gosto de você.

A risada de Paige me fez arquear as sobrancelhas.

— Parece que estou de volta ao ensino médio.

— Ah, para! — exclamei, empurrando-a pelo ombro o que aumentou a potência da sua gargalhada. — Você não estaria rindo tanto se fosse sobre o Kian.

Paige calou-se de repente.

— Você não se atreveria.

— Eu me atreveria — provoquei. — Quando vocês dois irão finalmente se ver juntos, terem um encontro normalmente?

Ela bufou.

— Não sei, amiga. Cada dia com mais medo... E ele é um tenente-coronel. Isso não deveria me intimidar?

— Do que você está falando? Você é gostosa, inteligente, enigmática, divertida, uma ótima amiga, deve fazer uns ótimos boquetes...

Paige devolveu-me o empurrão.

— Eu quero tentar.

— Tenta.

— Será que ele quer também?

— Pelo amor de Deus, amiga. Ele acorda às sete da manhã e te dá Bom Dia. Nem Andrew que mora comigo faz isso.

Ambrose gargalhou.

— Mas e quando nos virmos...

— Bom, vocês já tiveram juntos umas vezes.

— Em grupo — complementou.

— Sim, em grupo. Mas agora é a vez de vocês estarem individualmente e finalmente serem dois adultos que conseguem ter um encontro.

Ela suspirou.

— Vou tentar. Ele me disse que estaria indisponível esses dias por causa do trabalho, mas tentaria me mandar mensagens durante a noite e...

— Não creio!

— O que foi? — perguntou exaurida.

— Ele gosta de você *pra* cacete. Vocês precisam adiantar isso.

Paige abafou o rosto contra as mãos e, em seguida, sorriu.

— É... Acho que sim.

Estalei um beijo na sua têmpora e meus olhos voaram até o relógio da parede.

— Vou voltar pra casa — indiquei.

— Mas já?

— Fiquei o dia inteiro aqui só para te trazer o meu caril — pontuei.

— Argh. Vai lá.

— Não fica com ciúmes. Você ainda é a minha pessoa favorita.

— Não era a Axel?

— *Shhh*. Não conta para ela.

Ambas rimos e depois de eu amenizar os danos que deixei na sua casa, segui para a minha.

Notei que a moto de Andrew estava no parque, portanto ele já havia chegado. Sem me dar conta, meus músculos faciais doíam de tanto sorrir. Na noite passada, ele estava ligeiramente tenso. Quase não conversamos verbalmente, porém seu olhar nunca saía de mim.

Ele preferiu que ficássemos em silêncio, que eu contasse pra ele como tinha sido meus dias no hospital e com Donavan. Foi bom. Era bom

estar com alguém que tinha interesse nas minhas coisas.

Tirei o chaveiro, enganchando a chave correta na fechadura. Assim que abri a porta, a silhueta de Barton no corredor dilatou minhas pupilas. Andei alegremente até ele que estava distraído no celular, porém ao notar minha presença também lançou um sorriso genuíno.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei, sacudindo minhas chaves.

— Esperando o cabeça dura de Andrew.

— Onde ele está? — indaguei, rondando o perímetro e dando de cara com uma mulher baixa, de olhos angulosos, a pele branca como a neve e os cabelos escuros atados em um rabo de cavalo. — Ah, oi.

Ela espumou uma risada nasalmente, repousando o copo de vidro na bancada. A mulher estava vestindo o uniforme policial, a arma na cintura e a postura condizente aos seus ombros largos, o que me fez engolir em seco.

— Você é a Harper, certo? Sou a Willa Liu.

As minhas engrenagens tomaram uma velocidade via vapor. Não demorei para juntar os pedaços de diálogos anteriores e perceber que ela era a noiva de Barton.

— Prazer, prazer — disse nervosa.

Willa ergueu a mão para um aperto rápido. Ela era extremamente bonita. Era impossível não dizer que Willa e Barton eram um casal bonito.

Antes que um diálogo fosse desenvolvido, Andrew saiu do seu quarto com a sua típica mala. Desfiz-me do aperto e dei alguns passos no intuito de aumentar a aproximação entre nós.

As linhas de seu rosto estavam mais tensas que antes, o que causou um sentimento negativo no meu sistema. Semicerrei os olhos quando Denson, ainda carinhoso, beijou minha testa e murmurou:

— Você está bem?

Assenti.

— Sim. E você?

Ele já não me respondeu.

— Tem algo para fazer? Quero passar uma noite fora com você.

Seu olhar estava difícil de ler. Tentei buscar pelas suas escrituras, porém era capaz de dizer que tudo em si estava escuro demais para que pudesse encontrar luz.

Olhei para o lado e vi Willa nos observando.

O que estava acontecendo?

— Onde vamos?

— Um hotel fora da cidade. Vai haver uma conferência importante na sede dos Donavan daqui a dois dias. Quero aproveitar e passar o fim de semana com você.

Havia algo mais no seu tom, mas eu não identifiquei.

Meneei a cabeça.

— Tudo bem. Vou pegar umas roupas.

Denson destravou o ar preso nele e beijou meus lábios em um selinho rápido. Segui para o meu quarto com os pés pesados. Peguei algumas coisas básicas e coletei meu celular do bolso pra digitar uma mensagem.

Eu: *Amiga, está se passando algo que eu deva saber?*

Axel não demorou a responder, o que me fez querer ir até a casa dela e estampar um beijo.

Axel: *Parece que Donavan foi morto. A notícia vai ser divulgada em breve. Vai ser um caos.*

Meu coração parou, e precisei me apoiar na parede para não cair. Os meus pulmões contrariaram a gravidade e espremeram entre si, diminuindo a quantidade de ar que poderia inalar. Fui cingida a hiperventilar, aumentando a pressão das minhas costas contra a parede.

William Donavan foi morto.

Eles tinham essa certeza? Iriam fazer uma investigação com essa sentença?

Esfreguei minhas palmas no rosto e respirei fundo. Eu não deveria ter ido ao banco. Muito menos me mantido perto dos Denson. Essa bomba iria chegar até mim e eu não poderia me colocar nessa situação. No entanto, eu precisava pensar racionalmente e entrar em pânico não resolveria.

Tornei a inspirar, praticando movimentos respiratórios que reduzissem a intensidade do meu sangue e saí do quarto com a mala.

Andrew, Willa e Barton pareciam estar imersos em uma conversa séria, mas o meu surgimento interrompeu-os.

— Vamos? — Denson interrogou.

— Sim, mas preciso encher a minha garrafa de água.

Direcionei-me à cozinha, tirando da minha mala a garrafa vazia e colocando na vertente da torneira. Girei a cabeça pressentindo a presença de Willa. Ela mostrou um sorriso cheio de dentes, como um decreto de que ela era amiga.

— Você é mais bonita do que eu imaginava.

Elogios vindos de mulheres bonitas me deixavam desconfortável, e esse foi o caso.

— Obrigada...

— Barton me contou sobre a confusão que foi você morar com o Drew, mas parece que vocês estão se dando bem.

— É...

— Isso é bom. Vai ajudar vocês bastante se tiverem um ao outro.

Aquilo me intrigou.

— Ajudar no quê?

Seus lábios franziram.

— Você sabe como a morte repentina de Donavan foi um abalo depois do seu desaparecimento. E as consequências poderão ser grandes, principalmente se descobrirem a verdadeira causa.

Examinei e dissolvi suas palavras.

— Têm ideia de quem seja?

Ela balançou a cabeça.

— Por enquanto, não.

— Estão conversando sobre o quê? — Barton adentrou, e eu notei que a garrafa já tinha enchido e poderia retirá-la.

— Nada, amor. Para de ser intrometido — Willa respondeu, massageando meu ombro antes de sair.

Eu fechei a garrafa, enfiando-a na mala e rumando atrás dele. Andrew quis dizer algo assim que passei na sua frente, porém eu não dei brecha para tal.

Axel tinha razão. Aquilo se tornaria o caos.



O lobby do hotel estava silencioso. Era um edifício não muito chamativo fora do centro da cidade, porém as pessoas eram simpáticas e conseguiram dialogar calmamente comigo mesmo que eu estivesse à beira de mandar todo mundo se foder.

Andrew não falou comigo durante o caminho. Ele mal olhou para mim, mas a sua mão manteve-se intacta na minha, a acariciando. Embora não falasse, mostrava que estava presente.

Willa e Barton nos levaram até o hotel e, entretanto, ficaram no foyer conversando com Denson, enquanto eu subia diretamente para o meu quarto.

Tomei uma ducha para acalmar meus ânimos, mas a água trazia uma carga maior.

Assim que saí do banho, dei de cara com Andrew já sem camisa, com uma garrafa de água na mão enquanto olhava para TV do quarto. Ele me deu uma olhada rápida, escrutinando o meu corpo, porém voltando à tela.

Caminhei para o guarda-roupa, vestindo roupas mais confortáveis. O quarto era enorme. Uma suíte presidencial, com certeza. E era nesses momentos que eu percebia que estava morando com alguém tão rico que poderia comprar a minha própria alma.

Na TV, passava uma reportagem sobre a *Denson Empire*. Era tanta especulação sobre a morte de Donavan, uma imensidão de dúvidas que Andrew foi obrigado a desligar.

— Por que Donavan apagou os seus registros de entrada no hospital nos seus últimos três dias? — ele interrogou repentinamente, os seus olhos evitando me escutar como se o fizesse, haveria muito a ser dito.

— Havia registros meus?

— A equipe dele controlava você, por precaução. E nesses dias, eles fizeram questão do seu nome não estar no relatório. Você não estava de férias. Só começou dois dias depois da sua morte. Por quê?

Dei de ombros.

— Como eu vou saber?

Franzi o nariz, subindo os meus shorts. Andrew balançou a sua garrafa descontraído.

— Por que você veio para Fokley?

— O que você está fazendo, Andrew? Um interrogatório? — debochei, atando a fita da roupa. — Porque eu não estou entendendo.

— Eu que estou tentando entender. Não é uma brincadeira.

— Eu sei. — Minhas narinas inflaram. — Apesar de você ter me arrastado para cá como se eu fosse uma criminoso e precisasse estar escondida, eu sei que não é uma brincadeira.

O maxilar endureceu e os olhos pegaram fogo.

— Em nenhum momento eu falei isso.

Ele levantou-se. A garrafa foi pousada na mesa ao lado da tela.

— Você não precisa falar, Andrew. Não é só por palavras que se comunica.

Eu rondei seu corpo, rumando para o outro lado do quarto. Andrew veio atrás.

— Harper, espera ...

— Você suspeita de mim? — perguntei.

— Eu deveria?

— Desconfiou facilmente de mim quando disse para não investigar sobre o meu passado.

— Sim, e eu descobri que você não está envolvida — disse, cortante.

— Então, para quê tudo isso?

— Porque apesar de sabermos que você não o matou, as pessoas pensam que talvez você tenha os arquivos.

Pisquei, a garganta ardendo.

— Por quê?

— Se alguém de dentro tivesse os arquivos, já teria ameaçado ou vendido. É algo valioso. Muito maior que as duas empresas juntas.

— Talvez a pessoa esteja esperando fazer alguma coisa triunfal.

— Ou esteja guardando para colocar Anthony sob alerta durante o resto dos anos. É uma forma de dizer que se ele fizer algo fora da curva do que estava nos acordos, os arquivos ficarão disponíveis e ele perde tudo — complementou. — Eles foram duplicados depois da morte de Donavan. Não antes.

— E eu deveria saber?

— Você veio logo depois de Donavan ter falecido. Para uma cidade que deveria ser a última.

Inalei fundo.

— Então, está dizendo que eu gosto de brincar com o fogo?

— Eles podem dizer que você quer assistir o fogo — contra-argumentou. — Você veio aqui porque sabia que teria proteção caso alguma coisa acontecesse. Tinha Austin, tinha os Donavan que descobririam que você tem os arquivos. Eles te protegeriam.

— Eu poderia ter mudado de país.

— Mas aí as suspeitas seriam grandes.

Semicerrei os olhos e inclinei a cabeça.

— A sua teoria é que eu planejei tudo desde o princípio para proteger alguém que eu cuidei apenas por seis meses? — debochei, a pergunta saindo em uma dose tóxica.

Lentamente, Andrew ofegou. A sua última olhada me enviou uma combustão e meus pelos encolheram. Houve um silêncio ansioso, paciente para saber o que vinha a seguir.

Eu estava ansiosa.

O que Andrew diria? O que ele estava querendo dizer?

Em um espaço de segundos, séculos foram prolongados.

Até que Denson acariciou o queixo e suas engrenagens enfureceram, e pareceu que encontrou uma maneira de deixar extravasar o que já acumulava.

— Estou falando que você planejou tudo desde o princípio para proteger alguém que te ensinou a se defender. Lutar, manejar facas, atirar... Donavan te formou como um soldado. Você planejou tudo isso por alguém que te abrigou quando você saiu de casa. Deu pra você um lar, pagou seus

estudos. Você está fazendo por alguém que matou seu tio. — Meu coração deixou de bater. — Tente mentir dessa vez para mim, Reese. Tente.

Seu timbre saiu com extrema profundidade.

Minha respiração ganhou toneladas. Se eu inspirasse, acumularia toxicidade em meus pulmões. Se eu expirasse, tiraria mais do que deveria.

Não conseguia me mover. Denson me encarava com seu rosto costurado em uma fúria velada, tanto para dizer e sentir que eu estava me perdendo na sua leitura.

Precisei manter a calma, embora meu coração já tivesse caído no chão.

— Não faz sentido o que você está dizendo — proclamei.

Denson entendeu que eu não daria de bandeja as respostas que ele ainda precisava. Havia furos, portanto existia incertezas.

Em nenhum momento, senti medo. Apesar de saber que o interior de Andrew estava sendo limpo em lava, ele mantinha uma tranquilidade assustadora, e eu procurei fazer o mesmo.

— Também achava que não — ele murmurou, seus olhos me dilacerando. — Eu sabia que tinha algo errado com você, mas Barton me confirmou que não teria nada a ver com a morte de Donavan. Até Austin falar comigo e eu precisar fazer a pesquisa sozinho.

— Você está falando tudo isso com base em uma suposição — argumentei.

— E você não negou — rebateu. — Os seus treinos não estavam registrados por terem sido feitos por alguns militares contratados de Donavan. O seu tio foi preso por alguns anos porque Donavan ajudou seus pais. E ele foi morto logo após seus pais falecerem por uma raiva sua. Você simplesmente não foi capaz de acreditar que seus pais tinham morrido e o seu tio estava vivo.

Torci os lábios para disfarçar um rebuliço do meu organismo.

Eu esperava que um jato de vômito saísse pela minha garganta, levando todas as minhas tripas, mas meu estômago exercia uma força colossal para manter tudo aquilo que já tinha alimentado dentro.

Eu me senti ser exposta e nada dessa sensação me agradava.

— Está dizendo que Donavan matou alguém por mim? — Falhei na primeira nota. — Andrew, por favor...

— Negue, Reese. Se é tão fora do comum, se eu estou criando histórias nem um pouco reais, negue.

Não disse nada.

Não fui capaz de dizer.

E, se ele estava guardando sua raiva, deveria ser aplaudido pelo talento nato.

— Por quanto tempo você ia guardar isso de mim? — questionou com um tom indiferente.

Eu estava fumegando, tendo meu coração batendo as costelas e implorando por uma saída rápida, Andrew me escrutinava com seus orbes em um conjunto de emoções desconhecidas.

— Você nunca iria saber.

Andrew fungou.

Ele tinha a sua resposta.

Eu tinha falado a verdade.

— Quando você iria embora?

— Quando tudo amenizasse — respondi.

Andrew estava confuso. Pude ver como seu rosto torcia à medida que usava os segundos para pensar.

Ele deveria ter muitas questões. Muitas interrogações que precisavam ser substituídas por um ponto final.

— Você nunca agiu como se a morte de Donavan tivesse te abalado.

— Eu não chorei pela morte dos meus pais. Não choraria por ele, embora eu tivesse muito afeto — respondi ainda tremendo. — De certa maneira, eu fico angustiada. Foi um choque para mim. Não éramos muito próximos, mas ainda foi alguém que me ajudou. Só que eu tinha que seguir a minha vida.

Denson oscilou a cabeça em leves movimentos e dissecou meu semblante.

— Não era para ter sido assim... — continuei. — Conteí a Austin apenas o fato de ter cuidado dele e ele me ajudou quando falei que iria para

Fokley. Acho que ele viu também como um bom motivo para me ter próximo, então não questionou muito. Ficaria aqui até tudo se acalmar, tentando entender o que estava acontecendo e se atrevessem a mudar os acordos...

— Você revelaria os arquivos.

— Sim.

O silêncio humanizou-se entre nós. Denson estava dentro de uma bola que iria estourar. Ele estava atormentado, nitidamente desnorteado. Não duvidaria que ele tivesse uma pequena esperança que eu não tinha nada a ver.

— Foi tudo um pedido dele?

— Sim.

— E você apenas aceitou, sabendo que as coisas poderiam dar muito errado?

Engoli a saliva amontoadada.

— Eu sei me proteger. Ele me pediu um favor antes de morrer e não tinha motivo para negar. Eu acabaria tirando essas férias de alguma maneira.

Andrew se sentou na beirada da cama. Ele repousou a testa nas mãos fechadas, os cotovelos se apoiando na perna.

Ele não disse nada. Esperei por algo, porém Denson se manteve na posição, o seu fôlego um pouco turbulento e o rosto escondido.

— O que você vai fazer? — ousei perguntar.

Seu olhar pairou sob o meu, tanto para ser dito, mas ele estava se contendo. Seus sentimentos estavam sendo guardados em um baú velho, empoeirado, que provavelmente ele nem se lembrava que existia em alguma parte da sua mente.

— Nada contra você.

Pestanejei rápido, sem perceber o motivo.

Tentei buscar por um jogo psicológico que ele estivesse acatando, mas Andrew esbanjava sinceridade. Ele estava tenso, os músculos contorcidos e as veias expandidas, porém não era nada que parecia ser direcionado a mim.

— Por quê?

— Por que eu iria? — perguntou de volta, como se fosse óbvio.

— Eu menti para você.

— Sempre soube que você era uma bela mentirosa.

— E eu posso continuar te enganando. Posso muito bem ter matado Donavan e você não sabe as razões — acrescentei. — Você...

— Harper, eu não vou estar contra você — repetiu, levantando-se em um suspiro longo. — Eu não sou seu oponente.

— Eu sei que não, mas a Denson...

— Vou estar protegendo você — cortou, em um timbre que era hesitante, mas, em simultâneo, tão convicto.

Meu coração bombardeou, embora a metade de mim quis rir com aquela confissão.

— Não quero proteção — exigi. — Eu irei fazer as coisas do meu jeito e não pretendo que interfira.

— É aí que você se engana. O que quer que você esteja planejando, será comigo também. Os meus pensamentos serão os seus e vice-versa. Tem muita coisa envolvida que não vou deixar você passar sozinha.

— Andrew...

Denson expandiu suas narinas e seu rosto ganhou mais cor vermelha.

Não estava sentindo medo porque Andrew não exalava nada que me levasse por aquele caminho, mas sentia medo por si mesmo. Porque eu sabia que ele estava indo contra o que acreditava.

— Você não vai me afastar, Harper — decretou, diminuindo consideravelmente mais a nossa distância. Eu seria esmagada pelo seu corpo. — Estou preso a você de tal forma que mesmo se eu quisesse te deixar ir, não conseguiria. Eu te conheço. Passei esses poucos meses te conhecendo e eu sei que você é incrível, uma das pessoas mais fortes e inacreditáveis que alguma vez pude ter o prazer de conhecer. Mas agora estou cuidando disso por você. Estou te protegendo. E qualquer que seja sua luta, nesse momento, é minha também.

— Você não deveria ter esse tipo de reação.

Estava tão abalada que as palavras saíam trituradas.

— O que queria que eu fizesse?

— *Não sei?* — Me senti patética. — Mas eu...

— Harper, eu entendo o seu lado. Claro que estou puto, mas comigo. Não com você. Tem muita coisa que eu preciso fazer agora que tenho a certeza que o filho da puta te colocou nisso. E se você não confia em mim para que eu te ajude, então vou lutar pela sua confiança. Não há nada mais a ser dito.

— Não é assim que funciona, Andrew. E não quero que funcione assim.

— Mas vai — disse prepotente.

— Você é insano — disparei atônita. — Mas a sua insanidade não é bem-vinda para mim, nesse momento. Não sei porque você me arrastou pra esse hotel. Vou embora.

Seus olhos foram turbinados por uma dose de cólera.

— Estou esperando ver você tentar.

— Assiste, Denson.

— Eu vou atrás de você — bradou, dando um último passo que fez minha coluna bater contra o vidro.

Se ele não iria me fazer queimar, eu me queimaria sozinha apenas por aquele calor infernal.

— Não vou deixar.

— Você não me impede.

— Deveria saber que eu sou muito boa em te surpreender.

— Então, fuja, Harper, e veja o que acontece.

Não consegui reagir, pois a sua mão entranhou na minha nuca e sua boca engoliu a minha.

Algum tipo de fusão nos uniu, fazendo com que cada partícula minha se alinhasse à sua; o meu fogo reconhecesse o seu; a minha alma dançasse com a sua ou os desastres que me pertenciam causavam um colapso interno nele.

Mas aquele beijo levou parte de mim, principalmente pelos resquícios de fúria e silenciamento estarem ali impregnados. Andrew não se

conteve em chupar minha língua, explorando cada canto e reivindicando minha boca como sua.

Eu emití um gemido que o fez pulsar, sua ereção batendo no meu estômago e dando sinais de que se aprofundaria no ato. Os meus seios pesaram, os mamilos doíam prazerosamente, roçando em seu peito que pulsava rápido. Aquele beijo parecia conter ambos os corações que se encontravam em cada batimento.

— Eu vou embora e vou tratar das coisas à minha maneira — teimei, na primeira pausa entre o beijo.

— E eu vou te impedir.

Sua voz saiu áspera e profunda, mordendo meu lábio inferior e grunhindo tão perto da minha boca a ponto de me fazer derreter em seus lábios. Seus dedos entremeados na minha nuca cavaram, me fazendo chegar a si.

— Você não vai.

Ele arrancou o meu short com urgência. Minha calcinha foi juntamente, e minhas mãos esmagavam na janela. Não sabia exatamente se podiam nos ver do lado de fora, apesar de estarmos em um andar muito alto.

Quando a sua mão comprimiu meu pescoço, meus olhos sendo devolvidos para a sua atenção, meu coração quebrou.

— Você mentiu pra mim, esconde a porra de um segredo que poderia dar muito errado, e espera que eu te deixe ir? — Seu tom cortante enviou sinais elétricos para meu ventre. — Você está duvidando das minhas capacidades de te atar na cama.

Seu beijo tornou-se mais intenso. Até que ele me virou, meu corpo grudando-se na janela e enxergando a cidade em um prédio de tantos andares. Novamente, espalmei minhas mãos no vidro e Andrew me esticou para que minha bunda empinasse na sua direção.

Os seus dedos deslizaram para a minha entrada, minhas pernas perderam a firmeza e fui obrigada a me encurvar mais para me sustentar. Ele não introduziu a mão, o que me provocou um caos interior.

— E sabe o pior? Estou surpreso por ter sido enganado durante meses. Por você ter me convencido de tanto, mesmo quando o meu instinto dizia que algo estava errado — murmurou, o polegar esfregando meu

clitóris. As minhas unhas arranharam a vidraça, meus peitos exercendo uma pressão na janela. Ele rondeou o ponto inchado, me dando rápidos momentos de prazer e longos segundos de tortura. — E não sei se devo ficar chateado ou excitado com a sua inteligência. Você sempre falou que eu jogava sujo, mas você foi muito pior.

— E mesmo assim está se mantendo ao meu lado — eu disse, rangendo os dentes.

Sua boca aproximou-se da minha para que eu sentisse o quanto seus lábios eram macios e doces.

— Porque estou viciado em você, porra. E eu não quero te ver em problemas. Porque eu juro, não irei me perdoar se você sair prejudicada nessa bagunça. — Um dos seus dedos entrou na minha boceta, vaivéns lentos consoantes a sua respiração me arrancando gemidos baixos. — Eu já não sei como é viver sem você e não pretendo imaginar como é.

Mais um dedo foi introduzido.

Mais outro.

Os movimentos circulares conjuntos com a saída e entrada da sua mão causava um distúrbio em meu ventre. Era o abismo. Uma forma pura de eu cair e nunca chegar ao chão.

— Você me deu mais um propósito para viver. Antes eu achava que o meu coração batia apenas para me torturar e me obrigar a viver, agora eu sei que ele bate para que eu possa continuar a te ver, sentir, beijar....

Andrew me fodia com seus dedos, cada vez mais intensamente, roubando o meu ar, minha alma, meu coração. A cada instante que ele mergulhava seus dedos para dentro e fora de mim, ficava mais rápido, me levando às estrelas. Eu contorcía, minha boca amortecendo na forma oval e deixando escapar ruídos indecifráveis.

— Então, eu irei atrás. Nem que demore uma vida. Vou estar lutando por você.

Havia tamanha sinceridade nas suas palavras que lágrimas pontearam meus orbes.

— Você é o pior de todos — murmurei, espremendo meus olhos ao ter meu orgasmo vindo em passos lentos, mas me sugando. A penetração diminuiu, o que deu espaço para que ele circulasse em meu clitóris. — De todos os caras com quem eu já dormi, você é o pior.

— É um prazer ser o seu número um.

Andrew sorriu, retirando seus dedos. Eu me virei, puxando suas calças e beijei seu pescoço.

— Eu só queria te tirar do meu corpo. Não sentir mais o seu cheiro. Mas eu sempre quero mais. — Acariciei seu pau ainda tapado pela cueca. — E mais. E mais. Deus, como eu te odeio.

— Eu estou muito longe de te odiar, mas cada sentimento seu já é uma vitória para mim.

Tirei sua cueca e, de alguma forma, ele tirou a camisinha do bolso da sua calça.

Seus dedos pressionaram na minha garganta e, com a outra mão, ele levantou a minha perna e guiou seu pau para a minha entrada.

Minhas costas grudaram no vidro e eu senti a fragilidade. Fechei os olhos, apreciando seu pênis me preenchendo e se endurecendo dentro de mim.

— Só irei fazer você gozar, se pedir.

Andrew gemeu em meu ouvido, seu comprimento entrando e saindo em uma intensidade moderada, contendo o meu orgasmo.

— Se você está tentando me manter aqui, não é assim que vai conseguir — confessei, tombando a cabeça e mordendo meu lábio para ofuscar a vontade de gemer alto. Já deveria ter me habituado em como era gostoso ser fodida por ele, mas tendia sempre a ser uma sensação nova.

Vi seus olhos brilhando e os seus dedos apertaram mais a minha traqueia.

— Vamos ver.

Então, Andrew acelerou o ritmo. Estocadas fortes vieram, empurrando minha bunda que batia contra a janela. Seu vaivém era duro, minha entrada escorregadia ajudando-o a ir fundo. O movimento dos seus quadris era de forma cadente, aumentando a minha vontade de tê-lo rápido.

Mas Denson estava me torturando, um pedido silencioso para me deixar ficar. Para que eu pedisse para que ele me fizesse gozar. Porém eu me continha, segurando-me nele e apreciando a adrenalina deturpando meu sistema.

— Implore, Harper — ele murmurou e eu balancei a cabeça, mordiscando meu lábio inferior. — Eu tirarei essas palavras de você de qualquer maneira.

Sua mão enrolou mais no meu pescoço e fez o ar faltar. E, porra, era bom. Os meus olhos apertaram e as estrelas nasciam por detrás das pálpebras a cada investida furiosa.

O seu pau esganando minha boceta e o oxigênio reduzido era uma sensação alucinante. Nunca tinha sentido algo tão drástico que pudesse ser tão bom.

Ele estava me tirando gemidos finos, as minhas unhas se arrastavam pela janela, quase se quebrando no processo.

E a cada metida, a cada pedido para que eu ordenasse que ele me fizesse gozar, Andrew me torturava ainda mais, a lentidão e rapidez mesclando em uma pressão que fazia meus ossos tremerem.

— Vai continuar sendo teimosa? — murmurou. — Porque a sua boceta está implorando para mim. Ficando cada vez mais apertada, cada vez mais ansiosa para gozar.

Meus pulmões estavam pedindo por um tipo de ajuda, mas meu coração pulsava para que ele continuasse. Eu estava prestes a lacrimejar, meu ventre sentindo um orgasmo chegando em galopadas violentas.

Denson sentia esses momentos que eu iria quebrar, pois diminuía o ritmo, mesmo que seu pau estivesse latejando cada vez mais, principalmente por me ver bagunçada e completamente à mercê dele.

Eu enrolei as mãos em seus ombros e nuca, e deixei que seu pau deslizesse um pouco mais. E foi só o seu polegar ficar em um ponto estratégico da minha traqueia, para que eu abrisse os olhos e visse as chamas em suas íris.

Deus. Jesus. Santos.

— Eu quero forte, Andrew. Mais forte.

Ele sorriu, largando meu pescoço e a pressão que estava sentindo na região.

Sua mão aterrou na minha perna no chão e a levantou, aumentando a distância entre elas e seu pau saiu e entrou dentro com dureza e intervalos curtos. A minha racionalidade estava indo embora com a penetração rápida.

— Você age como se tivesse o controle, mas na minha cama você é minha puta particular — disse, estalando tapas na minha bunda.

Cada impulso fervia meu sangue, trazendo uma onda de calor que ardia meu âmago. Sua testa grudada à minha, nossos lábios roçando, as minhas pernas enrolando e batendo nos seus quadris enquanto ele mantinha suas mãos afundando na minha bunda a ponto de suas bolas ressoarem pelo embate contra minha pele... Eu mal conseguia me concentrar.

Pouco me importava se tinha gente de fora vendo, estava mais distraída em receber aquele seu lado selvagem, de sentir seu membro em um constante delírio do meu íntimo.

Eu percebi que, de todas as outras fodas, aquilo não era de longe algo romântico. Era um modo animalesco apenas nosso de dizer que nos queríamos a ponto das nossas almas não conseguirem viver sem uma a outra. E eu deixei. Pouco me importei com as consequências que poderiam vir.

— E agora você me quer fora? — ele perguntou e eu tive vontade de tirar aquele sorriso presunçoso.

— Vai se foder.

— Porra, como eu estou.

Andrew me beijou, tornando-me a amarrar em seu colo e eu me sustentei nos seus ombros. Os meus gemidos eram audíveis no piso inteiro, embora os dele eram somente no meu ouvido. Aquilo era bom. Principalmente por tentar acompanhá-lo com movimentos sutis dos meus quadris e recebendo mais ondas eletromagnéticas que repeliam meus músculos.

O som do sexo estava explodindo no ar. Me condicionava a ir mais, e mais, e mais.

— Andrew... — eu gemi, amparando a cabeça perto da curva do seu pescoço, enquanto ele metia em mim sem parar, seus dedos me tentando a contrair minha bunda por se instalarem no meio dela. — Me faça gozar. Agora.

Andrew tirou-nos da janela e colocou-me na beira da cama, distanciando minhas pernas e se deitando sobre mim.

Ele parecia me cortar ao meio, penetrando intensamente criando caminho para o calor subir e embrulhar na minha barriga. Ele o fazia

agilmente, com a pressão exata para me levar até o topo e me empurrar para o chão.

Seu polegar friccionou contra meu clitóris e um dos seus dedos ajudou-o em um ritmo mais lento também na minha entrada.

A quantidade de palavrões que expeli tinha um peso muito maior que a atmosfera densa daquele quarto.

— Você é uma delícia — ele murmurou. — E quero sentir sua boceta gostosa me provando isso. Então, goze — ordenou, com sua voz quente.

Logo de imediato, minhas paredes ficaram mais apertadas e mais dois impulsos dentro de mim foram o bastante.

Fechei os olhos, afundei no colchão e deixei que as estrelas explodissem atrás das pálpebras, meu corpo abalando, obrigando minha mão formar um punho, os dedos dos meus pés mal suportando a eletricidade e se encolhendo.

Andrew não parou, levando tudo e mais alguma coisa consigo. Eu gozei forte, um orgasmo colossal liquidificando meu sistema e Denson retinha tudo de mim.

Meu gemido foi alto com seu nome, provavelmente deslocando paredes e fazendo o piso inteiro acordar. O meu íntimo ficou sensível, inchado e quase dolorido.

O sorriso satisfeito de Denson ao me ver me deu novas borboletas no estômago.

— Meu Deus! — exclamei. — Puta que pariu.

— Ainda não acabei, Harper. Lembra quando eu falei que a sua boca iria se arrepender de ser tão atrevida? — O seu tom profundo e devastador rompeu meu ventre. — Hoje é o dia.

Andrew se retirou e me moveu para o centro da cama. E assim que ele desnudou seu membro do preservativo, declarando que não tinha gozado, eu soube o que ele ia fazer.

E, Deus, não me opus em nenhum segundo.

Seu pau enfiou entre os meus seios e ele empurrou como se fosse a minha boceta. Usei minhas mãos para massagear a cabeça, lambendo quando ele ia mais lentamente. Mas quando ele pegou na minha nuca, meu

pescoço flexionando para que a minha boca conseguisse tomar parte do seu pau, seu ritmo acelerou.

Eu espalmei as mãos nos meus seios, envolvendo parte do seu comprimento que também estocou meus peitos com ferocidade.

Minhas bochechas esvaziaram, colocando a pressão necessária para que eu pudesse aguentar. Andrew ficou mais animado, afundando seus dedos na minha nuca, rastejando seus joelhos no colchão para que tivesse em uma distância favorável para mim.

— Harper, cacete...

Ele gemia intensamente, flexionando seus quadris, embaçado pela visão de me ter fodendo minha boca daquele jeito. Meus lábios o envolviam e saboreavam, meus seios esmagando e causando uma fricção deliciosa.

Eu apertei minhas coxas, completamente convicta de que poderia gozar novamente só com os grunhidos de Andrew e o som do meu corpo inteiro o masturbando.

— Você é perfeita, porra — ele gemeu, empunhando mais o meu cabelo.

Larguei meus seios para explorar mais um pouco sua base com os dedos. Mas os meus lacrimejos surgiam na borda dos meus olhos e o ar secava.

Andrew percebeu, tirando e se tocando com rapidez. Hipnotizada como todas as vezes, eu visualizei seus dedos no seu pau e, com rapidez, dando impulso para que o orgasmo chegasse.

E foi com um gemido baixo, os olhos revirando e a cabeça inclinando-se para trás que o gozo respingou em meus seios. Senti o líquido viscoso na minha pele e a sensação de me sentir tão potente. Seus olhos fechados, o cabelo bagunçado e a respiração ofegante me deram uma satisfação completa.

— Isso foi intenso. Eles vão nos expulsar do hotel.

Andrew nem conseguiu falar, o que me fez rir. Ele apenas assentiu, se esticando com dificuldade para pegar uns lenços na cabeceira e me limpando.

— Pode ficar relaxada. — Ele beijou minha testa. — Comprei o piso inteiro para que eu pudesse te foder sem ninguém para nos atrapalhar.

Ele continuou me limpando até não haver resquícios da sua presença no meu peito.

Andrew deitou-se ao meu lado, raspando os dedos pelo cabelo. Eu o encarei, ainda instável com o que tinha acontecido.

— Se você realmente fosse embora, eu quebraria a cidade inteira para te trazer de volta.

— Você sabe que não pode fazer isso.

— Porra, eu sei, mas eu tentaria até sangrar para ter mais segundos com você.

Se eu estava dolorida, então meu coração era a personificação da dor. A sua confissão enviou arrepios frios pela minha coluna.

— Nós temos que falar... — eu disse.

— Sim — ele respondeu, repousando sua mão na minha cintura e ambos viramos, ficando de frente um para o outro. — Temos muito o que falar. Eu tenho muito o que te contar.

— Você acha que realmente pode acontecer algo comigo?

O transtorno no seu semblante fez minha barriga dobrar. Seus olhos ficaram sombrios, a escuridão os puxando e eu mal conseguia enxergar a coloração habitual.

— Não. Não vai. Não com você.

— E com você? — perguntei e tive um vislumbre como a curva dos seus lábios poetizou uma melancolia feroz.

Andrew me puxou para si, mas a sua resposta nunca veio.

43

“Ela só traz problemas. Fria quando a toco, mas é quente como o Diabo. Eu a dei meu coração, mas ela queria a minha alma. Ela resolveu parar e eu não consigo mais nada.”

Chains, Nick Jonas

Harper Reese

A minha mente estava uma bagunça. Os meus pensamentos costumavam ficar engavetados, separados dos mais problemáticos aos mais suaves. Contudo, naquele momento, estavam espalhados no chão, alguns até com folhas rasgadas e as letras desgastadas. Eu não estava conseguindo colocar nada em ordem.

Muita coisa estava acontecendo ao mesmo tempo. As batidas do meu coração não me acompanhavam e eu estava perdendo mais ar do que retinha.

Eu era uma enfermeira, e sabia como me acalmar e manter minha mente estável. Eu ensinava os outros a se cuidar, mas não sabia como me curar. Eu tratava dos outros, mas o meu coração era deixado para o fim da lista.

Lembrei que Donavan explicava que eu deveria manter minha cabeça sã para amenizar a dor dos meus pacientes. Também foi ele que, quando me ensinou a lutar, declarava que a mente deveria estar vazia, pois uma batalha a encheria de lembranças negativas.

Ele era um bom homem. Sempre me entregando mensagens boas.

A ideia de ele ter sido morto sob meus cuidados era absurda. Eu queria rir pela possibilidade de tal ter acontecido, mas o meu coração apertava por supor que poderia ser verdade.

Embora eu soubesse que era impossível, ainda ficava com receio.

William Donovan estava atrapalhado nos seus últimos momentos de vida. Ele deveria saber que estava prestes a morrer e tratos atrás de heranças foi o que ele mais se ocupou em fazer.

Eu o acompanhei. Eu estive ao seu lado. Eu sabia no que estava me ligando.

E eu tinha me submetido a isso, então iria até o fim.

Andrew saiu do quarto para comprar umas novas garrafas de água no piso inferior do hotel, e foi o pontapé para que eu pegasse as minhas coisas e saísse.

Fiz questão de encontrar uma rota que me levasse para longe da porta principal e consegui sair pela dos fundos. O hotel era enorme, o carpete requintado, as paredes quase pintadas a ouro e o cheiro de comida francesa estava me enojando com tanta riqueza monstruosa.

Peguei um uber e pedi para que me levasse até o condomínio de Axel. Ela era a única pessoa que confiava no momento.

Enquanto todos os meus órgãos estavam entrando em erupção, se autodestruindo por uma injeção de adrenalina causada em sentimentos negativos, meu cérebro trabalhava para encontrar a melhor das opções.

Aquilo era péssimo.

Muito, muito péssimo.

Não fui ensinada a sair de situações como aquelas. De saber exatamente o que fazer quando estou escalada para ser personagem de um assassinato. Principalmente o papel de uma possível suspeita.

Entrei no condomínio onde residia a cobertura da Axel.

Segui rente ao seu prédio, pedindo ao porteiro para ligar para a minha amiga. Depois das suas ordens, subi e ao ver que ela já estava na porta, o rosto preocupado, parte de mim colapsou.

Não sabia ao certo o que estava sentindo, mas era um misto de emoções que chutavam e dolorosamente roubavam meu ar.

Axel chegou até mim e me abraçou, me dando um beijo na têmpora antes de me direcionar para dentro.

— Desculpa vir aqui sem te avisar...

— Tudo bem, Harper. Estou aqui para tudo, lembra? — Ela afagou meus cabelos e me deu um beijo novamente na bochecha. — Anda, vem.

Ela pegou na minha mão e me levou até o seu quarto. Era fácil perceber que era uma colisão de duas personalidades em apenas um espaço. Noah era uma garota mais sossegada, com amor por tons mais avermelhados, enquanto Axel adorava o azul e tinha toda a essência da extroversão emanando dela.

Eu sentei-me na sua cama, esfregando meu rosto e respirando fundo. Ela esperou atenciosamente, dando-me o tempo necessário para conseguir articular.

— Antes de tudo, eu queria pedir desculpas.

— Pelo quê? — interrogou Axel, sentando-se ao meu lado. O colchão guinchou um pouco.

— Eu dormi com o Austin.

Axel pestanejou, franzindo a boca por segundos que se arrastaram em horas intermináveis. Logo depois, ela suspirou, o tronco esvaziando.

— Não acredito que vou perder dinheiro.

— Ahm?

— Noah apostou comigo que você e o Austin estavam se pegando.

— O quê? Por quê? — exclamei, a voz ainda tendo dificuldades em sair da garganta, porém a emoção a empurrava.

— Desde o dia que fomos ao hotel... Vocês estavam estranhos. Todos vocês. Nós percebemos que tinha algo de errado, mas eu não estava acreditando que você não tinha me contado.

Pisquei atordoada.

— Não está chateada?

— Se fosse há anos, ficaria — respondeu. — Mas somos todos adultos. Sabia que Michelle e o meu irmão já não estavam em um relacionamento. Era óbvio como a linguagem gestual dos dois mudava quando não estavam juntos.

Despreendi o ar e dei uma risadinha nervosa.

— E se eu falar que estou pegando o Andrew?

— Oh... — A sua reação mudou drasticamente. Seus olhos esbugalharam, a boca ficando em forma oval e o ar sugado. — Eu deveria estar esperando por essa, mas imaginei que nenhum dos dois quisesse uma relação. Vocês gostam um do outro?

— Eu realmente não sei... Mas mesmo se gostássemos um do outro, acho improvável algo acontecer.

Axel afagou meu ombro, respirando conjuntamente comigo.

— Você está aqui por causa dele? Ele fez alguma coisa?

Balancei a cabeça.

— Eu preciso ficar aqui durante um tempo por causa de todo esse caos. Eu não sei exatamente como vai ser nos próximos dias. Não sei o que fazer, mas preciso pensar, preciso repor as ideias e conseguir entender em que posição estou — pronunciei. — Talvez eu tenha cometido um erro muito grande e eu não sei como posso pagar a dívida. Como vou manter a minha vida depois de tudo. O meu lado forte está totalmente enfraquecido e eu não posso, sob hipótese alguma, estar perto de pessoas que poderão me vencer. Andrew é uma delas.

Os olhos esverdeados de Axel deslizaram pelo meu semblante, capturando e meneando a cabeça por cada sílaba que eu articulasse.

— Você está precisando respirar, amiga.

Esfreguei a mão no rosto, procurando por um compasso de respiração que me desse alívio aos pulmões.

— Estou um pouco chocada.

— Eu entendo... Mas você precisa se acalmar para tentar pensar.

Concordei com ela, refrescando meu cérebro com cada vez mais oxigênio inspirado.

— Você pode ficar aqui. Tenho um quarto de hóspedes vazio. O porteiro pode te dar uma chave e, pode ficar descansada, ninguém aqui entra sem passar por supervisão.

Meneei a cabeça.

— Eu preciso apenas ir buscar o restante das minhas coisas.

— Vou te emprestar o carro. — Axel levantou-se, abrindo a caixinha perto da sua cabeceira. — É o jipe branco da Noah. Acredito que ela não vai se incomodar.

— Ela vai — pronunciei.

Minha amiga riu.

— Sim, ela vai, mas só se souber.

— Obrigada, Axel.

Eu a abracei, pegando-a desprevenida. Ela me recebeu, apertando-me mais contra si e aconchegando.

Não demorou muito para que eu saísse e fosse diretamente para casa. Rondeei o espaço, procurando por algum sinal de Andrew e como nem a moto, nem o nosso Porsche estava por ali, decidi então entrar.

Retirei a bateria do meu celular, pegando em um novo que eu tinha guardado para casos extremos. Peguei as minhas roupas e dobrei-as para encaixar em uma mala maior. Eram coisas que eu poderia facilmente sobreviver sem, mas deixá-las em casa com Andrew poderia ser sinal de que voltaria. E eu poderia ter essa justificativa para voltar.

No meio da arrumação, a tranca retumbou. Eu quis xingar alto por reconhecer os passos apressados que o trouxeram logo para a minha porta.

— Aqui está você — Andrew disse, ofegante e suado por todos os cantos e claramente desiludido.

Seu coração deveria ser uma bomba-relógio do meu peito oscilando para chegar na hora que iria arrebentar. A costura do seu rosto desfiando em cólera e os olhos buscando pelos meus.

Estaríamos cometendo um erro se continuássemos ao lado um do outro. Aquele não era o momento indicado. Andrew não conseguia entender e eu não era capaz de explicar melhor que já o tinha feito que era uma dívida minha para com Donavan por tudo que ele me ajudou, e estava mais que preparada para lidar sozinha.

— Me deixe ir — proclamei, me colocando de frente a ele e evitando contato visual.

— Não vou. Não hoje. Não agora — rebateu, suas veias ficando proeminentes nas regiões expostas do braço. — Vem comigo.

Ele fraquejava nas palavras, na respiração, na emoção. Era trágico e abatido, mas não poderia me apegar à sua desilusão naquele instante.

— Não! — exclamei.

— Venha comigo — ele tornou a repetir, me barrando antes de eu sair do quarto. — Não é o momento para você ser teimosa. *Por favor.*

Meus pensamentos estavam conflituosos, em uma revanche na minha mente.

Por momentos, eu quis ficar. Eu quis ceder. Eu quis dizer *sim, Andrew, eu vou com você. Vai dar tudo certo.* Mas eu não conseguia imaginar em que situação eu diria tal coisa.

A minha vida poderia ser arruinada por uma simples ação que eu tive com alguém que eu tinha cuidado e ele cuidou de mim por tempos também. E isso não encaixava em nenhum dos caminhos que tracei antes de decidir ir para Fokley.

— Você que está sendo teimoso — falei exausta. — Eu já falei que vou resolver as coisas da minha maneira. Se quer me proteger, faça se afastado de mim. Não preciso da sua ajuda para nada.

Eu ainda tentei passar por ele, mas Denson não se moveu. Seus orbes mantiveram fixados em mim e a dilatação das suas pupilas dizia muito mais do que eu queria.

— Andrew...

— Você é tudo o que eu tenho medo de perder.

O seu suspiro aterrou forte e em cheio no meu peito. Inflei a caixa torácica, os olhos marejando em uma onda de lágrimas a qual fui forçada a barrar.

O que ele estava dizendo?

E por que ele estava tremendo enquanto o dizia?

— Você sabe que se eu... Meu Deus — gaguejei, mal conseguindo pronunciar as palavras. — Isso está tão confuso para mim. Eu não sei o que fazer. Não estou preparada para isso.

Admitir tal coisa expôs fragmentos de mim. Tentei controlar os nervos do meu corpo, mas era impossível quando cada parte de mim tinha adquirido vida própria. Exceto o meu cérebro que se mantinha prisioneiro de uma Harper irracional.

— Eu sei, coração... — ele disse. Com cuidado, suas mãos tocaram meu rosto e abrandaram uma porção da montanha-russa que o meu sangue experienciava. — E eu vou resolver tudo isso. Você vai ficar bem.

— Não sou inocente — soprei, tremendo por cada suspiro entre sílabas. Eu conseguia mastigar meu próprio medo.

— Ninguém é inocente. Mas eu sei que, nesse caso, você é.

— Como pode ter certeza?

Ele não respondeu diretamente. Sua expressão decaída foi o bastante para eu saber que ele tinha certeza, mas não me diria como.

— Só venha comigo.

— Não me olhe assim, Andrew. Estou ficando com medo — declarei, apertando meu braço. — Você está escondendo algo?

Demorou para que a sua resposta chegasse.

— Nada que vá te prejudicar — sentenciou, arrastando seus dedos pelo meu cabelo.

Ele não respirava. Andrew se mantinha em pé por um outro tipo de oxigênio.

No entanto, eu precisava centrar em mim.

— Não fale como se você fosse o meu herói.

O canto dos seus lábios subiu tristemente.

— Você é o meu significado de amor, Harper. E eu não quero perder. Não estou tentando ser o seu herói. Apenas a pessoa melhor para você — despejou cruelmente, com uma dose cavalgar de cansaço e falta de domínio por si mesmo. — Estarei te protegendo e isso você não vai me proibir de fazer.

O meu peito martelava com uma força inexplicável, de números e quântica absurdas para serem explicadas. Florescia algo dentro de mim que não tinha nome, não tinha espaço no dicionário, mas existia. Existia exatamente onde eu estava sendo tocada. No meu coração.

Seus olhos eram sinceros. A sua linguagem gestual traduzia o que ele falava e me dava a conhecer. Aquilo afundava meu sistema, era o vapor necessário para que o meu sangue formasse uma crosta em meus pés e me paralisasse.

Eu estava me desfazendo. Era um fio desenrolando-se e escrevendo em folhas brancas que pensei que nunca iria usar. Se a minha cabeça estava uma bagunça, agora ela estava vazia, dando toda a sua área para que Andrew se instalasse nela e morasse em meu corpo para sempre.

— Andrew... — Suas pupilas dilataram, as pálpebras dos seus olhos ajudando a murchar. — Você não deveria estar dizendo isso para mim...

— Eu sei que não. E talvez uma parte de mim não gostaria de estar tão enfraquecido por uma garota. Mas não posso voltar atrás.

Respirei fundo, porém dei um passo atrás que o fez abrir seus orbes.

— Eu não tenho um significado de amor, Andrew. E se tivesse, não seria você.

A desilusão espelhou seu rosto e poderia escutar os estilhaços de algo nele caindo em nossos pés. Minha alma estava sangrando, mas eu não poderia fazer nada além disso para conseguir desatrelar e pensar no que fazer.

— Harper, espera.

Eu saí do quarto, com a intenção de não voltar. Andrew seguia atrás de mim e foi a sua mão pegando no meu pulso que me fez virar.

— Me deixa em paz.

— Você está pedindo o impossível. — A sua voz esganiçada tirava qualquer parte de mim que ainda achava invencível. Estava doendo. Muito. — Eu falei que vou atrás de você.

— Você não está sendo racional — murmurei, esquivando dos seus olhos. Não podia vê-los.

— Eu não estou sendo racional? — questionou atordoado. — É você que está fugindo por algo que não quer enfrentar.

— Não coloque os nossos assuntos em uma fuga que é exatamente para me proteger da porra de um homicídio em que eu sou suspeita! — exclamei.

— Você não está se protegendo, porra!

— Isso porque você é o único que pode me proteger, não é? — disse com esgar, quase rindo em sarcasmo. — Não banque o herói, esse personagem não foi feito para você nem para entrar na minha história.

Talvez nós tenhamos que acontecer. Eu não fui feita para isso. Você não foi feito também. Eu não quero te machucar. Nunca quis.

— Então, por que porra você está arrancando a minha alma?

Era impossível não dizer que Andrew estava machucado. Mas ele tinha um jeito diferente de mostrar essa dor. Porque ele sempre ficava chateado consigo mesmo pela raiva que tinha por estar frágil. E eu o entendia.

Não havia melhor pessoa para o compreender do que eu.

Sua pergunta quebrou algo em mim que fez meu estômago desdobrar, suas entranhas tornarem-se um ninho de vespas que picou meu ventre. Era veneno. Uma substância tóxica permeando na minha pele.

Eu teria minha alma arrancada juntamente se me mantivesse ali.

— Lamento.

Foi tudo o que eu consegui dizer, desprendendo do seu toque e seguindo pelo hall.

No entanto, fui parada quando a campainha ressoou, batidas fortes bombardearam a porta e uma voz grossa proferiu:

— Harper Mahesh Reese, você está aí?

Escutei Andrew xingar e minha cabeça estalou por não estar entendendo.

Não sabia o que fazer, e nem como sair. Segui em frente mesmo assim, com Andrew dizendo que eu deveria ficar para trás.

E assim que abri a porta e vi dois policiais na minha frente, o eixo do meu mundo inclinou em um ângulo de cento e oitenta graus.

— Harper Mahesh Reese, a senhora está presa pelo homicídio de William Donavan.

Dei um passo em falso, quando as algemas surgiram das mãos de um deles. Meu fôlego estava se perdendo e eu tinha a certeza que a minha pressão não estava aguentando a gravidade insuportável que se impôs no meu ponto.

Não poderia crer. Não agora. Não comigo.

De todas as coisas que me prometeram, seria isso.

Donavan fez questão de deixar evidente que eu não seria arrastada para um lugar que não me pertencia e a cela era uma delas.

Os meus dedos enrolaram por terror e eu praguejei em tantas línguas diferentes que, talvez algumas, eu tivesse acabado de inventar.

— Tire as mãos dela. Ela não vai com vocês — Andrew vociferou.

— Com licença, senhor Denson. Ela terá que vir conosco — um dos policiais disse, pegando em meus pulsos e me prendendo.

Andrew empurrou-o, a sua raiva tão transparente quanto o meu colapso.

— Eu mandei vocês tirarem a porra da mão dela — rosnou. — Vocês estão pegando a pessoa errada.

Abanei a cabeça, não querendo escutá-lo. Estava me sentindo como se as paredes triturassem meus ossos e amolecessem meus músculos como carne podre. Eu desisti de pensar. Iria para a frente, com as consequências que viessem. Eu me meti porque quis e sofreria o que tivesse de vir.

— Senhor Denson, por favor, deixe-nos tratar disso.

— Vocês estão pegando a pessoa errada! — bradou, retirando meus pulsos da mão do policial. — Não toquem nela se não querem que eu meta uma bala em cada um.

Sua raiva externava em gotas ferozes da sua garganta. Eu levantei o olhar na sua direção.

— Deixa para lá — anunciei. — Eles não podem fazer nada contra mim.

Seus olhos atrelaram-se aos meus, fixando uma dor que permanecia há meses. Sua mão atreveu-se em ser gentil, no meio daquele caos, e descansou na lateral.

— Fui eu — seu timbre vibrou. — Fui eu que o matei.

44

“Você odeia me querer, odeio quando você chora. Você está com medo de ficar sozinha, especialmente durante a noite. Estou com medo de sentir a sua falta, acontece toda vez. Eu não quero esse sentimento, eu não consigo lidar com o amor.”

Die For You, The Weeknd

Harper Reese

Andrew estava diante de mim sem dizer nada.

Estávamos ambos sentados em uma sala que me lembrava das escolas do ensino médio. Esperava mais de um lugar de interrogatório, especialmente de uma cidade tão evoluída quanto Fokley, mas era básico, o que fez o meu medo escadear para baixo.

Os olhos de Denson estavam em mim. Mas cada mensagem era dita em silêncio e eu negava tentar interpretar por não conseguir entender exatamente o que estava acontecendo.

O meu peito espirrava fogo. Consumia-me, abrasava meus ossos e deixava em cinzas cada fagulha de mim que estava intacta. Dilacerar a cor dos seus olhos era espelhar uma imensidão de caos que não tinha visto no universo brilhante que fui conhecendo aos poucos.

Eu precisava respirar. Precisava estar no meu mundo, na minha calma, no meu refúgio. Mas quando pensava em um lugar seguro, os braços de Andrew ocupavam minha mente. Era ali que residia o meu território. O meu mundo.

E esse mundo estava em uma órbita que não compreendia seus cálculos. E se eu tentasse, saberia que era em frente à destruição.

— Você realmente matou Donavan? — perguntei, a voz apertada e saindo como lava.

O maxilar de Andrew trincou em um tique raivoso. Seus olhos se mantiveram grudados nos meus e a desilusão patenteou seu corpo.

— Sim.

Eu quis perguntar por quê.

Eu quis entender.

Mas ele não estava me dando espaço para conversar.

A sua aura estava sombria. O seu semblante era pedra, uma rocha que se tocasse, me cortaria. As mangas da sua camisa estavam dobradas e as veias tão expostas que eu juraria que fossem arrebentar.

Naqueles segundos, eu acreditei que ele seria capaz de matar alguém. Acreditei como a sua crueldade poderia crescer tanto quanto a sua bondade.

Eu acreditei plenamente que monstros não só nasciam, como também eram forjados.

E queria entender como tinham moldado Andrew para se tornar o que estava na minha frente.

— Você se arrepende? — indaguei.

A sua postura mudou, os ombros desaprumando e o que era aço se transformou em algodão.

— Você me olharia diferente dependendo da resposta?

Vulnerabilidade.

Foi o que identifiquei pelo seu tom agudo, as notas se perdendo em cada sílaba.

Andrew pareceu, naquele momento, ser capaz de desapegar do seu coração para que não pudesse viver e escutar a minha resposta.

A sua confiança, austeridade, potência. Tudo isso estava fora do seu corpo. Tinha desaparecido. Nada sobrou.

Os seus olhos eram de um castanho intenso, mas sua alma tinha tantas cores quanto o vácuo.

Zero.

— É que...

— Eu me arrependeria por você — respondeu, apertando seus dedos antes de quebrar nosso contato visual.

Uma dor quase física estrangulou meus ossos. Aquilo me atingiu de tal maneira que eu poderia acreditar que o sangue fluindo pelas minhas veias eram de algo que se quebrou no meu interior.

A porta foi aberta no mesmo instante e Willa apareceu.

Levantei-me da mesa, endireitando minha coluna e dando uma vistória rápida nela antes de dizer:

— O que você está fazendo aqui?

— Tirando vocês daqui — proferiu em um tom severo. — Eles não têm provas contra você e eu falei que Andrew estava apenas morrendo de amores.

Andrew levantou-se, esfregando seu queixo e esperando, da sua forma mais discreta possível, por mim. Vi seu olhar fuzilar alguns policiais por perto, o punho fechado, caminhando atrás de mim como um escudo humano.

— Vão para casa e não saiam de lá até a ordem contrária — Willa explicou, pegando em uma caixa e entregando os nossos pertences. — E, Andrew, não sei se serei capaz de te ajudar.

O seu tom preocupado e um suspiro de decepção atingiu tanto a mim quanto a ele. O meu ventre dava cambalhotas, uma névoa pesada pontapeava meus órgãos sempre que se lembrava da sua confissão.

Fui eu.

Ele não estava tentando me proteger. Ele estava admitindo um crime. Um assassinato. E eu não conseguia entender onde poderia encaixar essa atitude dele.

Andrew assentiu, pegando no seu celular e carteira, seguindo para fora. Eu fui atrás, encolhida e pensativa, tracejando percursos mentais para definir uma solução.

Queria entender o que William Donavan gostaria que eu fizesse nessa situação. Como iria agir. Quem iria proteger. Se valeria a pena ir contra o que ele me dissera e ajudar outras pessoas.

Era um dilema com infinitas respostas a qual teria que analisar uma por uma.

Fizemos o percurso a pé. Acreditei que fosse mais do que um quilômetro. Nenhum de nós falava. Mal nos encarávamos.

Foi um silêncio extremamente gritante.

Cada inspiração, batida, passo, eram bombas explodindo. Os segundos tornavam-se minutos e esses minutos eram acrescentados para horas. Era um espaço delicado e demorado.

Chegamos em casa com todas as questões ainda para serem respondidas. Com os estilhaços dos nossos corações ainda no chão, ensanguentados e violentados depois de ter quebrado a única peça viva do seu corpo.

Eu segui para a cozinha, desejando um copo de água que me recuperasse do embate. Ponderei, ponderei e ponderei. Foram uma imensidão de pensamentos para chegar a uma conclusão.

Nada vinha.

Mas eu decidi seguir até o quarto de Andrew e conversar com ele. Entender a sua verdade e explicar a minha. Estava com receio. Muito mais medo do que quando tinha as algemas no pulso. E talvez por saber que teria algo a perder.

Que poderia perder alguém.

Alguém que tinha se tornado especial para mim assim como tinha me tornado dele.

E quando rumei para o seu quarto, parte de mim se desmontou.

Eu o vi.

Quebrado. Sem vida. Completamente perdido.

Eu vi o *meu* homem se tornar um menino *despedaçado*.

E eu me vi despedaçando com ele.

Andrew sentado na ponta do colchão, as mãos em seu rosto e o desespero silencioso que o encharcava.

Fui até ele, abraçando-o e o colocando contra o meu peito.

Andrew estava tremendo. Ele era uma pessoa tão forte, mas, naquele momento, estava fragilizado. Nunca pensei que eu alguma vez pudesse

sentir um tremor tão vivo. Alguém como ele pudesse estremecer de dor, medo, angústia.

Nunca tinha pensado que alguém como ele pudesse ser tão *vulnerável*.

Eu deixei que ele tirasse a sua raiva interior. Deixei que ele desfizesse da sua armadura e mostrasse como a sua fragilidade era humana. Como ele tinha tanto dentro de si em uma explosão quente.

Aquilo doeu.

Doeu ver que Andrew tinha sido consumido por uma destruição.

E eu quis compartilhar dessa dor com ele. Quis que, assim como ele pretendia me proteger todas as vezes que as minhas lágrimas viravam contra mim, iria limpar as suas e contemplar o reflexo delas.

— Harper...

Ele murmurou, a vibração tremendo contra o meu peito em tambores.

— Anda, vamos tomar um banho — proferi calma, levantando seu rosto e dançando meu polegar pelos seus olhos inchados. — Vai ficar tudo bem.

Peguei na sua mão e o arrastei para o banheiro. Andrew veio silencioso sem contestar. Ajudei-o a tirar as roupas e eu desfiz das minhas. Liguei o registo de água quente e orientei-o a ficar por baixo do chuveiro juntamente comigo.

O som da água batendo contra o chão, nossos corpos e almas era o nosso jeito de falar por baixo de tantos destroços.

Andrew mal me encarava, mas eu o procurava mesmo assim. Eu erguia seu rosto e esperava que seus olhos se fundissem com os meus. Eventualmente, ele faria, mas naquele momento precisava apenas vê-lo.

Que ele me visse e soubesse que estava ao seu lado, por mais errado e conturbado que poderia ser.

Por mais traidora que pudesse me sentir em relação a Donavan.

Eu relaxei seus músculos, passando o gel pelo seu corpo, beijando seu corpo e o alimentando com a fusão de sentimentos que eu tinha em relação a ele.

E ele estava relaxando nos meus braços.

Ele estava deixando que eu o visse do seu jeito mais sombrio e maculado.

Fechei o chuveiro quando terminamos. O vapor da água quente ainda instalado e nublando nossa visão, porém eu repousei minhas mãos na sua face e deixei que as palavras viessem.

— O meu pai é um abusador. Eu e a minha mãe sofremos por cada palavra, decisão e surra vinda dele. Nenhum de nós tinha como se defender. Era um ciclo que deveríamos estar nele e viver a todo o momento, até que um dia, Kathelyn descobriu algo que pudesse derrotá-lo.

Inalei fundo, ainda absorvendo que ele tinha começado a falar. Era um timbre rouco, com tantas falhas.

— Os arquivos — proferi, recebendo uma curva triste dos lábios de Andrew, o que retirou mais um pouco do meu coração.

— Os arquivos... — repetiu. — Foi por acaso, quando Kathelyn estava tentando entender quem seria a próxima mulher do seu quarto, ela descobriu uma pasta aberta, coincidentemente por descuido por parte de Anthony, com as informações necessárias para estragar com todo o seu reinado. — O silêncio veio em passos lentos. — Mas ela o confrontou. Ela foi impulsiva e quis entregar a sua própria chave de ouro.

— E ele a matou?

Meu peito queimou, aterrorizada como alguém faria tal coisa apenas para se proteger.

Mas Denson balançou sua cabeça.

— Não ele. Foi Donavan.

Um quebra-cabeça se montou na minha mente e meu peito se descompassou, quase saltando da minha boca.

— Vo...

— Eu vi, Harper. Eles deram-na uma arma. Ela teria que se matar. — O estrondo do meu coração foi a única resposta que Andrew recebeu. — Colocaram-na em um cenário que o suicídio parecia ser a sua única opção, mas ela não faria isso por mim, nem por Austin, nem por Axel. Mesmo que sofresse até morrer, ela se segurava por nós. — Os seus pontos aterraram nos meus e um maremoto se manifestou. — Eu me pergunto por quê? O que tinha nesses arquivos que a única opção seria matá-la? Como eles

tinham a certeza que ela não tinha entregado a mais pessoas? Por que aquele era o único jeito de silenciá-la? E eu fui atrás. Fiz de tudo ao meu alcance para descobrir o motivo.

— Você...

— Eu nunca quis fazer parte disso. Eu tinha em mente que aos dezoito anos, continuaria com a minha vida longe do meu pai. Mas acabei me agarrando a uma vingança — continuou, as palavras sendo cortadas pela respiração rarefeita. — Michelle me ajudou. Durante bastante tempo ela tentou me ajudar. Ela também sofreu por causa de William e queria vê-lo arruinar. Quando ela soube que poderia haver uma aproximação das famílias caso houvesse um casamento, ela aceitou. Por mim. Isso deu espaço para que pudesse me aproximar e conseguisse descobrir se esses arquivos realmente eram reais. O que tinham. E quando William desapareceu, eu decidi ir mais afundo.

— E você o encontrou.

— Eu o encontrei e ele estava morrendo. *Por doença* — disse com esgar na última sílaba. — Sem consequências. Sem deixar nada além de uma morte e um negócio inacabado. Eu perguntei para ele. Eu quis saber a razão de ele ter matado a única mulher que me protegia nesse mundo. Eu não iria matá-lo. Não era o meu objetivo. Mas ver que tinha sido uma razão burra, a sangue frio, elevou a porra do meu ódio. E eu alterei as doses de concentração do seu oxigênio. Simplesmente fiz a primeira coisa que me veio à mente. E eu assisti. Assisti, sentado, observando-o perder a consciência. Perder o ar. Perder a vida. Eu fiz isso tendo a consciência de que estava cometendo um crime, mas nada foi mais satisfatório do que saber que estava fazendo por vingança.

Anos.

Ele tinha se dedicado por anos.

Esfreguei a sua face, a barba pinicando na minha palma. Eu mal conseguia o ver pela dose de lágrimas em meus olhos. Era doloroso. Me matava interiormente.

Vê-lo sofrer era a pior das torturas. Queria o proteger de tudo. Queria, por alguma sorte do universo, voltar no tempo e protegê-lo de tudo.

O pensamento poderia me assustar se fosse em outra ocasião, em outro momento, mas já estava óbvio para mim. Andrew era tão importante a

ponto de eu negar a razão das coisas.

Ele queimaria o mundo por mim, devastaria a galáxia apenas para me proteger. E eu o protegeria de todas as consequências que viessem por isso. Assim como o protegeria agora por algo que eu sabia que ele não merecia sofrer.

— Eu não queria te arrastar para isso — continuou. — E eu me arrependo por você. Não pensei que você estivesse tão envolvida nisso. Não sabia que você tinha trabalhado para ele quando o fiz. Não sabia que você tinha os arquivos. Não esperava que tivesse alguém na equação que eventualmente seria importante para mim e eu não quisesses machucar. Mas se eu faria de novo e viveria com esse arrependimento? Sim, porra. Mesmo que isso me fizesse igual a ele. Mesmo que me fizesse pior que o meu pai. Eu faria de novo, e assistiria de novo, e sairia dali com a vontade de destruir Anthony. — O meu horizonte tornou-se o dele por meros segundos. — E eu agora quero mais. Estou na mira e sei que, mais cedo ou mais tarde, poderei estar entre celas. Mas eu preciso fazer isso. E você estar comigo pode acabar te arrastando para uma luta que não é sua.

Ele saiu, pegando na toalha, a enrolando e rumando para o seu quarto.

Eu tinha tanto para falar. Tanto para deixar evidente. Contar. Explicar. Queria tomar a sua dor e cuidá-la.

Estava em pânico, o meu fôlego se perdendo a cada segundo. Náuseas, mágoa, terror. Eu estava sentindo tudo em pontapés na minha barriga. Meus músculos mal se esticavam e doíam a cada vez que eu tentava.

Tudo aquilo estava me comendo por dentro. Mas se eu não estivesse bem, Andrew não ficaria também. Ele precisava de mim, assim como eu precisei dele em vários momentos e ele esteve ao meu lado.

Segui para o meu quarto, abrindo a mala e tirando a peça que faltava.

Quando entrei no seu cômodo e o vi vestir o suéter, seus olhos dispararam para mim e houve algo nele que estrondou meus tímpanos. A confusão, a piada, o sarcasmo embaralhou-se como cartas em seu rosto.

Eu suspirei, aproximando-me mais e depositando o disco à sua frente. Ele esperou pacientemente que dissesse algo, o maxilar trincado e toda a sua postura formada em pedra.

— Você não o matou. Quer dizer, sim. Você foi um impulso para que acontecesse mais rápido, mas você não foi o pontapé inicial. Donavan queria morrer. Ele quis que eu o matasse. — Seu rosto contorceu e sua boca manteve-se inflexível. — Eu não o fiz por não ter coragem. Então, ele mesmo tratou disso. Donavan tinha uma DPOC e era asmático. Eventualmente, ele se aproveitou do fato de eu sempre medicá-lo com corticoides para substituir por rofecoxib. É um medicamento que já está fora do mercado e causa problemas cardiorrespiratórios.

— Isso não retira o fato de que eu o matei — disparou, me fuzilando com veemência.

— E ele estava querendo que acontecesse — rebati, procurando manter a voz. — Os seguranças estavam em casa. Ele poderia ter clicado no botão perto da cama que qualquer pessoa o ajudaria. Donavan quis.

O seu suspiro foi pesado.

— Não arranje justificativas. Não se meta.

— Eu vou — declarei como se batesse o pé. — Infelizmente, estou atrelada a isso também.

— Você sabe por que aconteceu aquilo com a garota no guichê? Para caso quisessem me interrogar, eu tivesse um álibi. Sabe por que Austin me odeia além da conta? Porque ele pensava que eu fodia Michelle em todos os anos que vinha quando, na verdade, ela só estava me ajudando. E sabe por que eu não queria ficar com você? Porque eu sabia que estaria me apegando a uma pessoa e nunca foi o meu objetivo me apegar a nada até terminar com tudo isso — despejou de forma que eu pudesse ouvir seus pulmões fugindo da anatomia habitual. — Mesmo que eu nunca quisesse que tivesse acontecido desse jeito, eu agi para que não me prejudicasse. Estava fugindo de qualquer consequência. E não senti remorso, Harper. Eu não sinto nenhum maldito remorso.

E era nítido.

Estava muito nítido como Andrew realmente não se arrependia por completo.

No entanto, eu conseguia sentir parte do que ele estava sentindo. Eu teria feito o mesmo com a pessoa que mais me destruiu. Eu teria matado Cloan sem pensar.

Era errado? Sim, era. Mas não seria eu que julgaria. Eu o compreendia.

Eu estava o vendo exposto para mim e não o negaria. Ele estava precisando de mim, e eu não iria embora. Mesmo que eu precisasse mentir. Mesmo que ele precisasse ouvir o que quer que fosse para se sentir melhor.

— Não vou me afastar.

— Harper...

— Você me queria presa, então eu estarei.

— Eu poderia ter te afetado — Denson continuou dizendo, suas palavras abaladas por cada pronúncia. — Poderia ter destruído a sua carreira, o seu futuro. E ele confiava em você.

— Ele confiava. Por isso sabia perfeitamente que nem sempre iria seguir os seus planos.

Andrew demoveu seus olhos para baixo.

— Isso não deveria estar com você.

— Mas estão. Eu tenho os arquivos e se você os quer, eu estarei ao seu lado nisso. — Ele esfregou o rosto, oscilando entre me encarar e admirar o disco. Andrew iria colapsar a qualquer instante, mas estava se segurando. — Você já esteve sozinho durante muito tempo. Compartilhe isso comigo. Deixa que as suas dores sejam minhas também.

Andrew me olhou com intensidade, os seus globos acastanhados recriando uma cor translúcida e avassaladora.

Havia tanto a ser dito. Tanto a ser sentido. Tanto a ser vivido. Andrew me encarou como se tivesse percepção de um imenso número de coisas que ainda estava para vir no seu futuro e todas elas residissem em mim.

— Já falei o quanto você é linda? — sussurrou, repentinamente.

Meus olhos brilharam em admiração. Ele andou um pouco até mim e se encurvou, até a testa amparar no meu ombro. Eu enlacei meus braços pelas suas costas.

Andrew ainda estava tremendo.

Ele ainda estava desabando.

Mas estava cedendo para mim.

Por mim.

— Andrew...

— Já falei o quanto admiro você? — continuou. — O quanto eu te acho fascinante? O quanto amo a sua força e tudo o que você emana? — O tom baixo, sutil e fraco movia as peças do meu coração. Ele não estava filtrando nada, como se precisasse falar tudo aquilo para continuar a respirar. — Já falei o quanto sou apaixonado por você?

Meu coração falhou e eu quis transbordar lágrimas pelo seu tom potente.

Apaixonado.

Andrew estava fazendo uma declaração para mim, tendo sua pele arrepiada de tantos tremores e a minha ficando molhada por lágrimas grossas que deveriam estar vazando dele.

Eu poderia ter respondido. Poderia ter dito o tanto que estava sentindo em dimensões colossais, mas preferi deixar para depois. Um outro depois em que ele não estivesse tão quebrado.

Sabia que Andrew não estava racionalizando. Eram os seus sentimentos caóticos falando mais alto.

Levantei a sua cabeça com delicadeza. Suas pálpebras fechadas tapavam suas íris nubladas. Eu me coloquei na ponta do pé e beijei ambos os cantos dos olhos.

As minhas mãos acariciavam seu rosto com delicadeza. Com toda a ternura que poderia mostrar.

— Vamos dormir — disse e ele assentiu.

Eu o puxei, levando-o até à cama.

Tirei a toalha, sem me importar com o fato de ficar nua.

Andrew enlaçou seu braço pela minha cintura e me projetou contra si.

Eu me aconcheguei nele, sentindo todo o seu calor me cobrindo. A sua mão entranhava na minha nuca e fazia trajetos que me enviavam calafrios.

— Quando acordar, você vai estar aqui? — perguntei.

Andrew fechou novamente os olhos.

— Só se você estiver.

Beijei seus lábios sem dizer nada.

E ele não precisou que eu respondesse, apertando seu braço contra o meu corpo, deixando que a sua linguagem gestual fosse o necessário para ambos.

45

“Por favor, me perdoa, eu sei que sou egoísta. Porque amor, eu mataria por você. Não estou brincando. Irei pro inferno ou pra cadeia por você.”

I'll kill you, Summer Walker & Jhené Aiko

Harper Reese

Eu acordei com os olhos inchados. Era de manhã e os raios solares disparavam contra mim.

Bati com a mão na cabeceira e peguei em um dos relógios analógicos de Andrew.

Eram quase onze.

Apalpei o lado oposto da cama e estava vazia. Suspirei, me vendo sendo obrigada a levantar. Mas quando meus olhos, depois de esfregados, fizeram uma vistória rápida pelo quarto, algo em mim se fragmentou.

Estava vazio.

Muitas das coisas dele não estavam no quarto. A maioria das coisas essenciais já não existiam naquelas paredes. Pisquei abalada.

Mas que merda?!

O meu coração deixou de bombear sangue e havia uma pedra nascendo em seu lugar.

Ele teria feito isso comigo?

Eu tinha ficado, então por que diabos ele iria embora? Sem se despedir? Aproveitando o fato de que eu estava dormindo?

O filho da puta tinha ido embora?!

Levantei-me apressada, evitando controlar a onda de lágrimas que estava desentupindo meus olhos. Ele estava me machucando. O que ele tinha feito era cruel. Que porra?!

Andrew tinha deixado bem evidente que não me deixaria ir embora tão facilmente, e ele tinha ido sem eu ao menos tentar mantê-lo aqui? Mais uma vez ele estava jogando sujo. Me fazendo ficar em desvantagem.

Algo em mim incendiou e eu poderia esmagar o mundo sem me importar com as consequências. Eu considerava traição. Era a porra de uma facada nas costas. E se eu o visse, iria esfaqueá-lo de verdade.

Mas assim que saí do quarto, escutei a voz familiar. Andei até à separação da sala e da cozinha, me deparando com uma mala grande perto da porta de entrada e Andrew de óculos enroscado na bancada com o celular no ouvido.

E eu não impedi o choro. Não impedi a colisão de emoções que o meu sistema se submeteu.

Andrew me encarou com uma certa curiosidade. Não me importei que ele estivesse ocupado, apenas segui até ele e o beijei com euforia em minhas veias.

Ele se surpreendeu, pois não se moveu durante alguns segundos. Mas logo depois que eu me separei, Denson falou com revolta.

— Continue falando, Michael. Estou escutando.

Andrew pousou o celular em alta voz na bancada, tirando seus óculos, antes de me pegar pela cintura e grudar minha bunda na superfície, devorando minha boca.

Sua mão adornou as costas do meu pescoço e a outra se posicionou em meus quadris. Meu corpo não era pequeno, mas contra ele, era tão fraco.

Eu estava escutando os seus leves gemidos entre o beijo, assim como a voz de Michael Donovan completamente furioso falando sobre o pai de Andrew. Eram palavras que entravam e saíam no mesmo instante, pois eu estava apenas sendo domada por Denson.

Suas mãos avançavam pelos meus seios e eu gemia, contorcendo meus dedos em sua nuca.

— Achei que você tivesse ido embora — disse baixinho, quando a sua boca viajou para a curva do meu pescoço. — E acredita que eu teria te matado se você tivesse feito algo assim.

— Se alguma vez duvidei que você não me queria por perto, não me lembro — respondeu, sorrindo desgraçadamente, o que me fez buscar por seus lábios de novo, após ele responder a Michael algo que deixei passar.

A sua boca me dava um conforto autêntico. O seu corpo era uma casa para mim. Se eu não estava apaixonada ainda, eu definitivamente me apaixonaria se continuássemos nos beijando daquela maneira. Se ele continuasse tomando cada pedacinho de mim a cada beijo.

Andrew estava duro, seu volume cutucando minha entrada que estava exposta por não ter vestido a calcinha, e sim a sua t-shirt. Eu esfreguei-me nele suavemente, sem me incomodar com o fato de estar pingando, completamente lubrificada para que ele me preenchesse.

— Deus... *Gostosa pra caralho* — ele murmurou, mordendo meu lábio inferior. Tremi desde a cabeça até os pés. — Mas vamos precisar parar.

Eu o examinei, me dando um último beijo e pegando no seu celular de novo.

— Certo — Andrew disse para o outro lado da linha. Eu ia me levantar da bancada fria, mas Denson atou seu braço na minha cintura, erguendo a sobrancelha. — Eu vou para lá mais tarde.

Mais tarde ...

Lembrei da mala na porta de entrada e como as suas coisas não estavam mais no quarto.

Andrew iria embora, de qualquer maneira.

Fiquei nervosa.

Ele notou, e mesmo estando ocupado respondendo Michael, seu polegar traçou minha boca e puxou-me para o seu peito em um abraço quente.

— Uhum — continuou. — Preciso falar com ele antes e depois vou pegar o avião.

Andrew vai.

Queria dizer a mim mesma que, pelo menos, ele não foi embora sem se despedir de mim. Que, ao menos, ele tinha ficado até eu poder dizer adeus. Mas ainda doía. Não iria deixar de doer.

Por que ele teria que ir?

Assim que a sua chamada terminou, eu não tinha coragem para abrir os olhos.

Iríamos ficar separados.

Ele estaria em um lado e eu em outro.

Eu deveria ser capaz de aguentar, mas não conseguia imaginar como seria não ter mais Andrew na minha rotina.

— Sobre ontem...

— Não conto a ninguém que te vi chorar — respondi brincando, apertando mais os dedos na sua camiseta. Ele acariciou minha coluna.

— É sempre bom saber que vou manter a minha reputação — zombou. — Eu não sei se...

— Eu decido — o cortei, mais uma vez. — Eu decido, Andrew. Eu não quero saber se você acha que o matou ou não.

— Não é o que eu acho, Reese. É sobre o que aconteceu e como você não deveria querer me proteger. Não vai conseguir.

Levantei a cabeça com certa raiva.

— Se fosse eu, você me protegeria, certo?

Sua boca franziu e foi óbvio como a resposta era afirmativa.

— Mas não é você — ele rebateu. — Caralho, Harper! Me diga o que você vai poder fazer? Mesmo que, por algum acaso do destino, eu me safe, ainda serei julgado quando os arquivos forem expostos.

— Mas você não teve nada a ver com o negócio de armas — disse chorosa.

— Infelizmente, não é assim que as coisas funcionam — respondeu um tanto mais calmo, ao ver que as minhas lágrimas saíam incontrolláveis. O seu polegar foi limpando cada uma enquanto ainda dizia: — Por isso que precisa estar longe de mim. Não queria arruinar a sua vida por mim. Eu faria qualquer coisa por você. Muito mais do que você é capaz de imaginar. Mas não faça isso por mim.

Era injusto pra cacete. Eu queria fazer tudo por ele. Queria ajudá-lo. Queria estar com ele.

Tornei a tombar a cabeça contra o seu peito, implorando para que as minhas narinas não esquecessem do seu cheiro.

— Você volta quando? — perguntei, apertando mais meus braços contra as suas costas.

— Daqui a alguns dias, mas não volto para casa.

Seus dedos aterraram no meu queixo e elevaram-me. Eu amava como os nossos olhares se encontravam e se deixavam prender.

Era uma das minhas visões favoritas.

— Lamento muito, coração.

Balancei a cabeça.

— Só se protege. É apenas o que eu te peço. Acredita em mim quando te digo que Donavan morreria de qualquer maneira.

— A justiça não funciona assim — ele proferiu em um timbre triste.

— Ninguém precisa saber. Eu te ajudo. Escrevo um relatório em relação a isso. — Andrew franziu o nariz. — Por favor.

Eu não queria saber o que era certo ou errado. Queria saber apenas dele e da sua segurança. Estava sendo egoísta, até cúmplice de algo. Mas era por Andrew.

Se ele faria chover por mim, eu faria a terra desabar por ele.

— Está bem — ele disse, fazendo meus ombros pesarem menos. — Eu vou deixar que você faça isso, mas depois, precisa ficar afastada de mim. Willa e Barton vão te ajudar. Eu não sei até quando vai durar, mas farei de tudo para que não te prejudique e que possamos viver com calma.

Ele prendeu alguns fios do meu cabelo, seus dedos tremendo.

— Eu não quero te perder.

— E você não vai — articulou tenro. — O que eu falei ontem foi real, Harper. Você faz valer a pena respirar.

Era assustador como Andrew tinha o poder de me acalmar.

E possamos viver com calma.

Nós. Plural. Eu e ele.

O meu coração recuperou todos os seus batimentos.

Queria responder e dizer que sentia o mesmo. Que estar com ele fazia valer a pena viver tempestades porque, no final do dia, sabia que o teria para me proteger dos trovões.

Denson pegou na minha mão e beijou-a com delicadeza. Se eu estava me segurando, as lágrimas vazaram em um rio.

— Andrew, eu...

— Tudo bem — atalhou. — Se você não souber o que está sentindo, eu espero. Quando toda essa bagunça terminar, nós conversamos e irei te fazer se apaixonar por mim de tal maneira que o seu coração só irá bater quando eu estiver ao seu lado.

Ri baixinho, sentindo o sabor salino na minha boca.

— Eu desafio você.

— Desafio aceite, porra.

Andrew se inclinou e levou suas mãos para o pescoço. Ele retirou seu cordão e, em um movimento delicado, colocou-o na minha garganta. Senti o metal tocar na minha pele e o amor que transbordava dele.

— Jogando sujo novamente — declarei.

— Sempre — respondeu, as suas palmas calorosas em cada lateral do meu rosto. — Sou seu, Harper. E quando eu tiver você, pode ter a certeza que nunca mais te deixo.

Meu peito se enchia cada vez mais dele. Embora pudesse ver no panorama a sua bagagem, lembrando que seu quarto estava vazio e continuaria por muito tempo. Como o meu mundo deixaria de receber a colisão de cometas que só Andrew era capaz de fazer surgir. Como meu peito perderia uma batida feita exclusivamente apenas para ele.

Mas eu ficaria bem. Eu sabia que o universo faria com que ele voltasse.

46

“Não consigo dormir porque estou muito abalado. Tarde demais, agora você está no meu sangue. Eu não odeio o jeito que você me mantém acordado.

Seu toque embaralhou minha visão.”

Off My Face, Justin Bieber

Andrew Denson

Eu não tinha planejado um espetáculo. Não tinha pensado em como aconteceria. Não tinha sequer pensado em como realmente me vingaria.

Só sabia que era o que eu queria.

Durante quase vinte anos, foi o meu objetivo. Eu arruinaria Anthony Denson e faria com que a sua morte fosse tortuosa por detrás das grades, se ele não se baleasse primeiro. Eu não me importaria. Só queria que o seu bem mais querido desmoronasse diante dos seus olhos, assim como eu vi minha mãe morrer diante dos meus.

Donavan pagou. Ele assistiu. Ele quis. Ele também se protegeu matando Kathelyn.

Ele mereceu.

Mas matá-lo não me fazia o mesmo que ele? Assistir a sua morte sem arrependimentos não me deixava parecido com o meu pai?

Eram perguntas que martelavam na minha cabeça. Elas estavam lá como fantasmas e me assombravam dia após dia. E eu estava preparado para sofrer as consequências.

Até Harper Mahesh Reese entrar no meu mundo. Entrar e apreciar todo o meu caos.

Eu não desejava que Aurora estivesse ligada a consequências do que eu tinha feito. Mas infelizmente a sorte não estava comigo.

No entanto, ela me quis.

Ela me escutou. Ela me entendeu. Ela me viu.

Mesmo sabendo que eu tinha sangue nas mãos. Mesmo sabendo que eu assisti minha mãe morrer e não fiz nada. Mesmo sabendo que fiz isso com o seu paciente e poderia ter arruinado a sua vida.

Harper estava comigo, apesar de tudo.

Eu não sabia se devia afastá-la. Se devia fazer com que ela se assustasse e desejasse nunca mais me ver.

Mas eu era egoísta.

Deus, eu era egoísta com ela. Apenas e somente com ela.

Ela era a mulher que clareava a minha escuridão. Era a porra do sol que eu orbitava. E queria ser queimado por ela. Queria tê-la cada vez mais perto até nada poder separá-la de mim.

Ela poderia não estar apaixonada por mim. Poderia não sentir a intensidade dos sentimentos que tinha por ela. Mas eu me sustentaria com cada sorriso seu, cada provocação, cada lágrima, cada foda, cada olhada que ela me desse que fazia com que eu me sentisse o homem mais sortudo do mundo. Eu aceitaria qualquer grama de Harper porque tudo nela me fazia feliz.

Mas antes teria que limpar a minha bagunça.

Teria que a deixar de fora por um tempo para que a mídia não a usasse. Tentaria fazer com que ela fosse esquecida.

Até que eu pudesse estar com ela, sem problemas.

Estava há cinco dias sem falar com Reese, mas já sentia saudades. Porra. Aquela mulher tinha me feito um viciado em sua essência.

Cocei a nuca quando a mulher da cafetaria serviu meu café. Não era muito fã de beber, mas estava precisando pelas noites mal dormidas. A viagem já tinha acontecido e Michael Donovan iria atrás do domínio da *Denson Empire* assim que Anthony for julgado publicamente.

Dei um primeiro gole e, logo depois, a cabeça de Michelle surgiu.

Empertiguei a coluna, assistindo ela caminhando até à mesa. Um breve sorriso surgiu, antes de ela endireitar seus cachos e se sentar.

— Oi. Você parece estar bem.

Levantei as sobrancelhas.

— Bem?

— Leve, sabendo que sua namorada foi acusada de matar meu tio.

Franzi meus lábios.

— Quem te contou?

— Meu ex-namorado é policial.

— Ah, claro.

Seus olhos escoltaram meu rosto, uma lufada de ar fresco desvencilhou de sua garganta. Eu sentia a sua prudência, antes de perguntar:

— É verdade?

— Não.

Michelle suspirou, o seu peito inchando e desinchando em um ato rápido.

Nesse momento, eu já não tinha certeza de nada. Harper tinha me dito que não. Eu tinha sido colocado naquela situação por acaso e não fui eu que o matei. Mas eu lembro de ter mudado as concentrações. Eu lembro da raiva que senti ao fazê-la e como contei seus últimos minutos de vida.

Não sabia o que ela acharia. Não sabia o que ela teria em mente. Estávamos no mesmo barco, mas seguimos caminhos separados quando ela não quis arrastar a sua vingança e eu me deixei ir pela minha.

Mas não contaria. Preferia que ela não soubesse.

— Ela será retirada do caso.

— Como?

— Eu irei arruinar qualquer um que quiser manter essas acusações falsas.

— Não é assim que funciona, Andrew.

— Vou fazer funcionar — sentenciei. — Quem se atrever a arrastar Harper para esse problema, eu irei arrastar até o cemitério de volta.

Os olhos de Michelle arregalaram.

— Você realmente gosta dela.

Quis rir.

Gostar era uma palavra muito fraca para os sentimentos que tinha por Aurora. Mas não era sobre isso que tinha vindo falar.

— Eu te chamei para outra coisa. — Seu olhar estava concentrado.
— Na verdade, para te mostrar algo.

Abri a minha mochila e tirei de lá o disco. Michelle esboçou uma expressão de incredulidade, o seu rosto se desconfigurando em descrença.

— Você... Como? Quem te deu os arquivos?

— É uma história complicada, mas não é algo que você deva saber.

— Como não?

Dobrei os braços sobre a mesa.

— Porque já não quero que você dependa disso. Por isso também vim te pedir desculpas. Parte da sua vida foi colocada de lado por minha culpa.

Michelle balanceou o olhar entre mim, o disco e a janela.

— Eu nunca gostei de você. Nunca foi amor — começou por dizer em um tom de introspecção. — Sempre te admirei por conseguir fazer o que eu nunca iria. Eu te idolatrava.

— Admiração por quem viu sua mãe morrer e não fez nada... Escolha melhor os seus ídolos, Michelle.

Ela não achou piada, pois seu semblante ficou mais sério.

— Você tinha dezesseis anos.

— Eu tinha um cérebro. Acredito que era mais do que o suficiente.

— Não, Drew — bradou. — Não é assim que funciona. O que você faria? Também teria o mesmo destino que a sua mãe? — Meu olho esquerdo pulsou. — Eu... Eu te admiro por isso. Por ter sido cauteloso. Por ter guardado uma raiva que poderia te matar.

Fiquei pensativo com o que ela disse. Porque poderia ter me matado. Não na maneira como ela pensa, mas consumir mais do que eu já consumia daquela raiva poderia ter me colocado em caminhos suicidas.

— Você também guardou muita coisa. Você passou pelo mesmo que eu.

— E eu nunca disse nada. Não senti raiva, nem ódio. Apenas aceitei.

— Você sente — disse cauteloso. — Você nunca teria aceitado o meu acordo em casar-se com Austin apenas para os meus interesses. Você sempre sentiu. Não precisa expressar a todo o momento. Somos adultos. Nem sempre expressamos o que temos por acharmos que nos enfraquece. Mas vivemos, Mich. Sempre vivemos e sentimos.

Seus olhos se avermelharam e foi preciso uma passagem rápida dos dedos para que ela não começasse a chorar. Michelle era sensível. Talvez a pessoa mais sensível que eu conhecesse. Por isso que era uma boa pessoa. Compreensiva, atenciosa e amiga.

Ela foi a primeira pessoa que tive coragem de falar o que tinha acontecido e que pude compartilhar a frustração. Estávamos os dois no mesmo barco. Tínhamos as mesmas marcas.

Cicatrizes se completam. Eu e Michelle éramos a prova disso.

Mas nenhuma ferida se mantém visível. E as nossas tiveram a mesma origem, mas desapareceram de jeitos diferentes.

— Eu... Deus, é muito complicado. Às vezes, não sei. Pode ser algo tão bobo, mas nunca sei como devo reagir. Eu sinto medo por Mark, Andrew. Eu tenho medo de como irei me comportar com o meu filho. Quando ele faz algo errado, tenho medo de não o educar da melhor maneira. Na minha cabeça, eu penso que nunca faria o mesmo que o meu tio. Mas tantas vezes eu penso também se o irei espancar? Fazer com que se sinta inferior e menos capaz? Se vou torturá-lo? É tão difícil.

Nunca pensei em ter filhos. E quando eu os quisesse ter com Harper, certamente seria um medo meu também. Viver em meios abusivos é um fertilizante para gerar pessoas abusivas. É um ciclo. Mas até onde para? Até onde se entende que há um problema?

Talvez essa raiva interior que eu tanto guardava era ligada também à raiva que tinha do meu pai por ter me feito suscetível a ser como ele ou muito pior. Não ser o pai que algum dia os meus filhos precisariam. Não ser o parceiro que a minha mulher teria que ter. Eu tinha trinta e cinco anos e o pensamento em ter uma família era distante. E eu não poderia evitar dizer que a resposta estava relacionada à minha infância.

— Você é uma ótima mãe — declarei.

— Sou uma mãe com medo.

— E isso te faz uma mãe perfeita.

Seus olhos murcharam em afeto.

Gostava de Mich. Era uma amiga de infância, uma pessoa que sabia que conhecia parte das minhas dores. Ela foi forte. Ela era muito mais forte que eu e eu também a admirava por isso. Muito mais do que ela poderia pensar.

— Austin me disse o mesmo. — Meu maxilar endureceu. — Não fique irritado, meu Deus.

— Não é o melhor elogio, mas aceito.

Ela riu baixinho.

— Você falou com ele?

— Não irei, por agora.

— Mas você deveria.

— É...

Tamborilei os dedos na mesa.

— O que você vai fazer agora?

— O que eu prometi fazer há anos.



Entrar dentro do seu escritório e sentir o cheiro do seu trono se desfazendo foi bom.

Não pedi para entrar, nem sequer tive a decência de ser educado quando por dentro eu sempre estive explodindo.

Anthony ergueu seus olhos quando estava pronto para tragar o seu cigarro. O filho da puta era viciado em nicotina mais do que foi viciado em foder com a minha mente e de Kathelyn. Donavan tinha o mesmo hábito, e não foi por acaso que morreu pela intoxicação dos seus pulmões.

Eles se matavam e, apesar de saber que ele estava beirando a morte, eu o queria matar antes de ir para o caixão. Mas dessa vez não daria o impulso. Só faria com que o impulso fosse ele mesmo.

— Vou ter uma reunião com os meus advogados daqui a pouco. É melhor você ser rápido.

— *Por quê?*

Eu sentia como se tivesse um posto de gasolina no meu peito. Como se uma faísca iria arrebentar os depósitos que estavam dentro de mim e fazer incendiar todo aquele espaço.

A testa de Anthony enrugou ao notar que a minha pergunta não era referente ao seu aviso.

Eu tornei a repetir, mas dessa vez minha raiva despejou em sílabas.

— Por que razão você achava que eu e Kathelyn merecíamos passar por aquele tormento?

Seus olhos refletiram o fato de ter percebido do que eu estava falando. Ele desfez o cigarro no cinzeiro, sabendo que não o usaria mais e com a porra da sua aura soberana, virou-se para mim, antes de sentar.

— A sua mãe era uma mulher frustrada com a vida. Ela não tinha consciência de como a realidade era — respondeu ridiculamente calmo. — Ela vivia em um conto de fadas e supunha que as coisas aconteceriam do jeito que ela imaginava.

— E bater nela era a realidade? Matar a mãe dos seus filhos era a merda da sua realidade?

Havia muito desprezo, ódio e crueldade em cada palavra dita. Minha mandíbula travada, lábios espremidos que facilmente escorreriam sangue se mantivessem aquela pressão, era reflexo de anos em que deixei acumular toda aquela raiva.

Agora tiraria de mim.

— Por que você...

— Eu faço a porra das perguntas aqui — vociferei, a minha caixa torácica expandindo com brusquidão. — Você nunca levantou um dedo em mim, mas pedia que o fizessem por você. Já a minha mãe sempre foi machucada das piores formas. Ela morreu sendo assistida por você e William. Por uma merda que nem fazia ideia.

Seu rosto torceu. As rugas ficaram mais em evidência e as pálpebras ofuscando seus globos.

— Foi você que o matou...

Uma luz piscou no cérebro do filho da puta. Ele poderia saber e eu queria que ele soubesse que eu seria capaz de fazer com ele também. O medo era uma obra de arte em sua face que tentava ler minha mente, mas estava blindado demais para dar a sua resposta.

— E você será o próximo se não se calar — rangi os dentes, esgotado por anos. Por décadas.

— Você é quem é graças a mim.

Suas palavras saíam mastigadas pelos nervos, horror e arrependimento.

Mas era tarde demais.

— Sim, eu sou — respondi. — Você foi meu pai. Mesmo destruindo a minha infância, ainda continuou sendo meu pai. E eu sou quem sou por sua culpa. Mas a única coisa que agora você tem é um filho que te odeia e quer te arruinar. Não compensou, Anthony. E você vai se arrepender de não ter feito esse cálculo antes.

De certa maneira, era difícil dizer em voz alta e ter a consciência que a minha educação me definiu. Não queria dizer que eu tinha pego toda a parte negativa. Eu tive Kathelyn na minha vida. Tive Mickey e, anos depois, Barton. Os meus irmãos e Michelle me deram um equilíbrio também. E o meu coração agora estava nas mãos da pessoa que eu mais confiava no mundo.

Eles erravam também, mas também me ensinaram a acertar e aliviou um peso que me foi colocado em cicatrizes por anos de abuso.

Eu tinha que ter essa consciência antes de avançar na vida.

— O que aconteceu com sua mãe não estava nos planos. Nunca esteve — ele falou relutante.

— Estaria, de alguma forma. Ela já estava morrendo pelas suas mãos. O que aconteceu só confirmou sua sentença de morte.

— Vai me matar agora?

Quis rir.

Deus, eu realmente quis.

Mas, eu não me sujaria pelo seu sangue. Não era um cheiro que queria que permanecesse na minha vida.

— Você irá, eventualmente — rebati. — Pode adiantar uma nova reunião com os advogados para quando os arquivos estiverem nas mãos do público.

A confusão em seu olhar se desvaneceu quando a certeza de que eu tinha o seu bem mais precioso em mãos surgiu.

Conseguia ver o seu cérebro funcionando, imaginando as mais diversas hipóteses para sair daquele desastre. Mas era impossível.

Tudo seria destruído.

— Você sofrerá com as consequências também — ele decretou, o rubor prevalecendo na sua pele branca-pálida. — Os seus irmãos e todos que estão ligados à empresa também cairão.

Eu sabia. Seria uma aniquilação completa do nosso sobrenome e como seria terrível. Mas ainda assim eu faria isso. Os meus irmãos saberiam se reerguer. E eu teria a consciência limpa para que a minha garota pudesse compartilhar Denson comigo.

Saber que ela me queria, que iria longe por mim, foi o bastante para que eu quisesse lutar.

Escutei meu coração bater forte. Eu nunca pensei que meu peito pudesse ter uma sintonia tão falha por causa de uma mulher, mas eu estremecia por saber que não estava sozinho nessa.

Eu podia não a merecer, mas eu estaria disposto a ser digno pra ela. Mesmo com a carga pessoal que estaria levando pra sua vida, eu faria com que o universo fosse pequeno para a dimensão de coisas que eu lhe daria.

Ela tinha um terrível controle na minha vida, mas era um comando que eu deixaria nas suas mãos por eu saber que era confiável. Não sei em que momento joguei na loteria, mas tinha ganhado muito mais do que estava esperando. Ganhei uma vida que cuidaria com sangue e alma.

— Que venha. Estou pronto. Dessa vez, serei eu assistindo sua morte de forma lenta, pai.

Não dei tempo de ver seu rosto e saí da sala com a mesma força bruta com que entrei.

Tinha feito o que eu precisava.

Não sabia quanto tempo iria durar, mas, eventualmente, acabaria.
E eu voltaria para ela.

47

“Sem você, eu não consigo dormir. Porque o meu coração pertence a você.
Vou arriscar tudo por você. Eu quero você comigo.”

After Hours, The Weeknd

Harper Reese

— Venham comer! — Axel gritou, tirando o meu foco do celular.

— Já vou!

Noah estava sentada ao meu lado, vendo TV. Ela demorou a responder à sua namorada.

— Já estamos indo.

Eu estava ficando na casa da Axel durante o tempo que as coisas iriam perdurar. Quando contei a Andrew, ele concordou que seria uma boa ideia e ele ficava mais tranquilo do que me ver sozinha em casa.

Já fazia duas semanas desde que eu tinha falado com ele. Eu sabia que estava tudo bem, dentro dos possíveis. Na televisão, não transmitiam nada além do caos que estava sendo entre as empresas de segurança nacional. Uma lista diversa de pessoas que estavam envolvidas em uma corrupção e um tráfico enraizado. Nem eu sabia a dimensão de problemas que se situavam nas empresas.

Estava com receio por Andrew. E, Deus, eu poderia ir ao inferno por continuar ao seu lado, mas eu não conseguia me separar. Ele me protegeria. Eu o protegeria também. Era simples.

Naquele dia teria a tal conferência importante. Tinham adiado depois que os arquivos foram colocados na internet. Andrew não demorou. Ele queria que as coisas acontecessem o mais rápido possível.

Eu achava melhor ele pensar com cuidado, porém, era um esquema que ele tinha em mente havia anos, portanto confiaria nele.

— Harper, não vale a pena você estar esperando por uma chamada dele — declarou Noah me fazendo sentir nua.

— Só queria que ao menos ele me dissesse como estava.

— Ele está bem. Não está morto, é o que importa.

— Você é ridícula, amor — praguejou Axel, caminhando na nossa direção com a colher na mão.

— Mas é um ponto positivo — teimou Noah.

Eu ri.

— Sim, é. Mas ainda assim precisaria dele me dizendo que estava vivo. Não somente passando pela TV.

Axel bufou.

— Eu te entendo, amiga, mas eles são assim. Nem Austin me respondeu às mensagens. Deve estar sendo complicado demais pra eles.

Aquiesci.

Eu entendia que era toda uma legislação da empresa sendo desmascarada e eles precisavam atuar contra o pai e a família Donavan. Haveria o lado jurídico e como uma empresa de tamanho porte seria afetada.

Não poderiam ter distrações.

Não por agora.

No momento que iria me levantar, o meu celular vibrou. Vi o nome de Michelle brilhar na tela e o meu coração deu um pulo. Atendi imediatamente.

— Oi, Mich.

— Ei — ela falou de um jeito abafado. — Eu estou te ligando para saber como você está.

Meus ombros recuaram.

— Estou bem, na medida do possível. Estou na casa da Axel.

— Ah, isso é ótimo.

Houve um silêncio demorado, obscuro até, que me fez indagar o motivo dela ter me ligado.

— O que se passa, Mich?

Ela soprou.

— Como foram os últimos meses da vida de William?

Minha cabeça latejou para buscar as memórias.

— Calmos, eu diria. Ele não sofreu tanto. Os seus dias estavam contados e ele morreria a qualquer momento. Não seria tão breve. Achei que fosse durar um pouco mais do que um ano, mas ele parecia estar bem se falecesse no dia seguinte. — Embora Michelle não tivesse dito nada, ela estava interiorizando o que eu falava. — Se você está me perguntando se ele estava arrependido do que fez? Não consigo te dar uma resposta. Donavan sempre me disse que não era boa pessoa, mas nunca pensei que ele já tivesse matado pessoas. Nunca pensei que essa parte do mundo pudesse ser tão cruel.

Eu estava omitindo sobre o fato de eu saber do que ele era capaz. Por eu já o conhecer há anos, muito antes de ter sido enfermeira dele. E, mesmo que já tivéssemos em um momento que eu poderia ser sincera, preferi não ser.

— Não sei se o Drew te contou, mas eu nunca me dei bem com o meu tio — começou por dizer, a voz abatida. — Na verdade, eu tenho um ódio profundo por ele. Tão mais que Andrew. As coisas que ele fez não foram corretas. Ele nunca tinha sido um homem bom. E ajudar Andrew foi uma prioridade para mim para que eu tivesse a vingança que precisava. Mesmo que pudesse ter a minha vida presa, eu sabia que seria em prol de algo. Não consigo entender o motivo pelo qual ele te entregou o arquivo. Na verdade, ainda tento entender o que ele viu em você para te proteger a todo o custo. Mas eu já deixei de pensar sobre esse assunto. E estou bem que finalmente vai tudo terminar. Mesmo que ele não receba a sua punição, ao menos sei que Andrew terá o que queria.

Era um tom cheio de dor e com falhas.

— Não vai acontecer nada com ele, né?

— Não vai, Harper — Michelle declarou. — Ele teve sorte e ele sabe disso. Nós sabemos disso. Não sei como será no futuro, mas por enquanto,

ele está fora da lista e possivelmente vão encerrar o caso como suicídio. O relatório que você entregou bate certo com a autópsia. Não há o que temer.

Meu peito sentia uma onda de alívio.

Donavan tinha sido esperto. Os medicamentos, toda essa merda... Tinha sido um alibi para mim caso as coisas dessem errado, e conseguiram proteger Andrew, mesmo que nunca tenha sido seu objetivo.

E eu estava feliz pra caralho.

Só não sabia como eu tinha sido também excluída da lista. Todas as pistas indicariam para mim, no entanto, eu estava fora de questão. E não me questionaria sobre o motivo. Sabia que tinha dedo de Andrew e Austin.

— Como você vai ficar? — perguntei.

— Não sei. Quero passar umas férias com o Mark. Ele é a única pessoa, por enquanto, que quero ter ao meu lado. — Michelle notou como eu estava exausta. — Não vai ser fácil para Andrew, mas acredito que ele conseguirá se safar. Tente descansar, Harper.

Suspirei.

— Tentando.

— Ele vai te encontrar.

— Eu sei — soprei. — Eu tenho que ir. Preciso jantar.

— Claro, claro. Qualquer coisa, me liga. Estou sempre à disposição.

— Obrigada, Mich.



Por alguma razão que eu desconhecia, a vontade de trabalhar voltou. Perguntei a Barton se seria uma boa ideia e ele disse o mesmo que Michelle. Eu já não estava na equação e eu poderia seguir com a minha vida sem ter pessoas me achando suspeita de algo.

Perguntei se eu realmente não precisava depor nem algo do tipo, mas James falou que, naquelas ocasiões, aceitar era o melhor.

Eu aceitei.

Falei com as minhas colegas sobre como estava o caos naquele hospital e assim que mencionei sobre pensar em voltar, elas ficaram tão felizes que foi impossível não ficar animada.

Eu tinha saudades de cuidar das pessoas. E certamente me distrairia de tudo o que estava acontecendo.

Também pretendia ver a minha família. Conhecer a minha sobrinha e poder pedir desculpas aos meus familiares pelo desaparecimento. Eu não precisava estar preocupada por mim, porém eu estava preocupada por Andrew porque ainda não tinha notícias dele.

E, no dia que estava fazendo as malas para voltar para Merley, um corpo conhecido aparecendo na porta do quarto me trouxe respostas.

— Austin! — exclamei, enfiando o meu secador na bagagem e contornando a cama para o alcançar.

Ele deu um mínimo sorriso.

— Vim te ver. Soube que você está voltando.

Suspirei.

— Sim. Acho que estou preparada para mais uns plantões. Meu corpo está cansado de descansar. — Ele aquiesceu, recebendo a minha tranquilidade quando estávamos ambos nervosos. — Você não quer sentar? Não quer um copo de água?

O balanço da sua cabeça foi o suficiente.

— Eu tenho que voltar. Temos uma reunião importante daqui a pouco e vou precisar dormir para amanhã.

Meus olhos murcharam.

— Eu queria te pedir desculpas.

— Por ter se apaixonado por Andrew? — Austin bufou. — Claro que estou puto, mas isso passa. Você nunca foi minha. Eu já tinha consciência disso.

Meneei a cabeça, interiorizando suas palavras.

— Você merece muita coisa boa, Austin.

— Merecer é fácil. Ter é outro nível — declarou. — Mas estou trabalhando para essa empresa ser minha agora.

Meus olhos devem ter piscado sinais de surpresa.

— Sério?

— Eu falei pra você que trabalhei duro para algum dia ela ser minha. Não vou desistir agora, apesar da condenação do meu pai. Não vai ser fácil, mas é um objetivo.

— Eu fico feliz por você.

Seus lábios pontearam um sorriso.

— Você poderia ter confiado em mim — começou por dizer em um tom baixo. — Poderia ter me dito o que tinha acontecido com você, como Donavan tinha sido alguém próximo para a sua família e...

— Eu sei que você teria feito muita coisa por mim, Austin — cortei, suavizando minha voz. — Não vim aqui para Fokley apenas por causa dos arquivos, e sim para aliviar toda a tensão que acumulei durante anos. Portanto não queria fazer um escândalo maior do que poderia ser e eu sempre dei muito valor à minha vida particular, como só ela me pertence e a mais ninguém.

Ele assentiu, um tanto tímido. Era estranho vê-lo daquela maneira, mas eu entendia os motivos.

— Donavan foi uma boa pessoa para você?

Meneei a cabeça.

— Foi. Mas não é por essa razão que devo fingir que ele não foi bom para outras pessoas.

Suas narinas expandiram.

— Você e Andrew foram realmente feitos um para o outro.

Meu coração apertou.

— Como ele está?

— Bem, eu acredito. Não estamos conversando muito. Mas ele não está falando com você? — Balancei a cabeça. — Eventualmente vai. Está apenas se testando.

Ri em falhas.

— Não estou sentindo tanto a falta dele. Estou apenas preocupada.

— Com certeza. Eu acredito. — Olhei para o lado para que eu não fosse lida. Claro que morria de saudades. E isso me deixava puta. — Eu vou indo, mas saiba que se precisar de algo, ainda sou seu amigo.

Sorri.

— E eu sua amiga também.

Austin me abraçou e eu retribuí. Não me lembrava exatamente quando nós tínhamos nos abraçado, mas aquilo foi bom. Era bom saber que não havia ressentimentos. Teríamos que seguir em frente.

Quando Austin foi embora, arrumei as minhas últimas coisas. Barton iria me levar, então estava ocupada em tentar levar o máximo de objetos de casa.

Eu iria levar as plantas de Andrew. Ele as tinha deixado e sabia como eram importantes para si. Teria que aprender jardinagem se queria mantê-las vivas até ele chegar e certamente iria viciar em assistir documentários sobre como plantas são importantes.

Era quase como um jeito de dizer a mim mesma que manteria o que era dele vivo para que ele pudesse buscar e ter de volta.

E, enquanto não acontecesse, estaria regando e cuidando do que ele tinha deixado para trás.

48

“Eu estive te esperando pela droga da minha vida toda.”

Love Lies, Khalid&Normani

Harper Reese

QUATRO MESES

Estava cansada.

Tinha feito apenas o turno da tarde e eu sentia meus músculos exaustos. Já não estava pegando tantos turnos como antes. Tinha aprendido a ter um controle comigo mesma. E eu me perguntava como teria conseguido durante todos aqueles anos manter-me em um estado de pura movimentação quando eu nem aguentava oito horas.

Apesar de tudo, eu amava. Estava a três meses e semanas trabalhando novamente e eu me sentia completa como nunca. Eu tinha voltado a me acostumar a morar sozinha, embora eu frequentasse a casa dos meus avós e da minha irmã. Todos os domingos, ia jantar e passar a noite com eles, além de que levava a minha sobrinha a passear e conhecer os planetários do país.

Sempre que podia, falava com Axel e nós passávamos mais tempo juntas, embora estivéssemos em cidades diferentes. Ela sempre me dava informações de como estavam indo as coisas, porque eu evitava ver

Andrew nas notícias e ter alguma informação que a mídia exagerasse sobre o caso.

Felizmente, Michelle tinha razão. Iriam ver o caso da morte de Donavan como suicídio. Poderia ser muito errado guardar esse segredo, mas no fundo, eu sabia que era o melhor.

Andrew merecia se libertar de tudo aquilo.

Meus dedos apertaram o cordão e o brilho do anel no meu dedo ofuscou meus olhos.

Ainda tinha os seus pertences comigo. Era um pedacinho de si que estava comigo.

— Amiga, você quer ir conosco jantar?

Gilia chegou já com as suas roupas normais. Tínhamos passado o turno para as enfermeiras da noite. Era sexta. Teria folga no fim de semana e segunda, portanto queria aproveitar. Mas não indo jantar. Tinha compromissos com os novos documentários lançados.

— Eu até iria, mas não pode ficar para outro dia? Fui na semana passada.

— E podemos ir de novo. É sushi. Você ama sushi.

O meu estômago roncou. Eu realmente amava sushi.

— Fica para a próxima semana. A minha carteira precisa de descanso.

Na verdade, não precisava. Eu tinha uma quantia considerável no banco pelo meu serviço para com Donavan, e estava no momento de aceitar.

— Tudo bem. Mas eu vou cobrar.

— Cobra!

Ela saiu da sala e, depois de alguns minutos, decidi me trocar e seguir para casa.

Recebi uma mensagem da minha terapeuta avisando que poderíamos nos encontrar amanhã. Eu estava tendo sessões para aliviar minha mente de tanta coisa que enterrei. Percebi os meus traumas como nunca havia visto. Era assustador. Fiquei dias achando que eu era completamente errada e algo de muito grave estava acontecendo comigo. Mas depois que aguentei esses dias e voltei, entendi que não.

A minha irmã não parava de dizer que estava orgulhosa de mim. Eu compreendia o seu lado agora. Passei a minha vida preocupada com o meu lado físico, mas sempre tive o meu lado psicológico mais afetado. Era nele que precisava centrar.

Saí do hospital e a noite já engolia a cidade. Coloquei o meu capuz e ajustei as alças da minha mochila nas costas, caminhando até casa.

Eu ainda tinha o Porsche que acabei criando uma ligação afetiva muito grande, porém não o usava com medo que pudesse estragar. Portanto, fazia o meu percurso a pé e apenas quando ia para a Fokley que conduzia.

Também estava seriamente em pensar em aprender a pilotar uma moto. Andrew me fez ficar viciada. Estava ansiosa para ter uma e poder sentir a adrenalina novamente.

Depois de uma caminhada longa, comecei a sentir uma presença a mais.

Meu coração disparou, mas em nenhum momento olhei para trás. Foquei somente no percurso que tinha ainda por percorrer, com os meus sentidos alertas do que poderia surgir.

Eu estava com a minha faca no bolso, com uma capa que comprei exclusivamente para ela. Não tinha parado de usar uma, principalmente depois de todo o caos que foi a queda da empresa *Denson Empire*.

Respirei fundo, virando para o lado esquerdo. Era uma rua maior, mais iluminada e se acontecesse alguma coisa, certamente teria gente nos prédios para me escutar.

Era sobre minimizar os meus danos e pedir ajuda.

Assim que tirei a faca do casaco, uma mão enlaçou meu pulso. No entanto, no momento que senti o toque e reconheci o cheiro, nada em mim tentou minimizar. Eu deposei toda a minha força nos braços para nocauteá-lo e colocá-lo contra a parede, sem defesas. A minha faca pressionou seu peito e pouco me importei se iria fazê-lo sangrar.

Estava nem aí se ele tinha quase dois metros.

Se eu já tinha dormido com ele.

Se eu o conhecia tão bem a ponto de saber que estava me testando.

— Cada dia tenho mais orgulho de você — rumorejou, com aquela tranquilidade que eu odiava e amava como se eu não pudesse quebrar seu

pescoço em um instante.

— Me perseguindo?

— Quase isso — respondeu.

— Deveria ter mais cuidado porque eu não te pouparia — rebati, apertando-o mais contra a parede, a lâmina agora subindo um pouco mais.

— Eu sei que não, coração.

Escutá-lo ouvir a palavra amorteceu meus ossos.

Eu morria de saudades.

Como era bom escutar aquela voz, o timbre e saber que ainda tinha o mesmo sentimento que meses atrás.

Como era bom saber que ele era ainda exclusivamente meu.

Andrew aproveitou para me virar, pressionando minhas costas contra o muro.

— Não baixe a guarda — ele decretou.

— Eu ainda continuo em vantagem. — Subi um pouco mais a faca para o seu pescoço. — Velhos tempos, hã?

— Está com saudades?

Seu sorriso com covinhas retornou e fez meu eixo inclinar.

— Como você está? — perguntei, com a voz transbordando, mas eu não choraria.

— Melhor agora.

Torci meus lábios.

— Você está me paquerando?

— Será que sim? Acho que estou.

Andrew estava com um casaco moletom e um capuz também. Era estranho como tínhamos pego manias um do outro sem nos apercebermos.

— Infelizmente, estou comprometida.

— Hum. Felizmente, estou nem aí — ele mencionou, os dedos adornando no meu pescoço.

Denson esfregou o polegar no cordão, puxando-o levemente. Não retirei os olhos dele. Estava me fixando em todas as arestas do seu rosto, relembrando como eu era ridiculamente cativada por elas.

— Você não me disse nada durante quatro meses, Andrew...

Ele demoveu seu olhar para meu rosto.

— Sentiu saudades?

Deus, eu queria bater nele. Queria chutar suas bolas. Queria arrancar seus olhos.

Mas pressionei mais a faca contra o seu pescoço e soprei.

— Sim.

Queria dizer muito mais. Queria dizer que sentia muito mais do que saudades, mas ele conseguiu ler através do meu rosto a dimensão de sentimentos que eu estava abafando.

— Bom saber que não sou o único. — Ele inclinou a cabeça contra o meu pescoço. Puxou o capuz e beijou a curva dos meus ombros com delicadeza. — Eu só pensava em você.

— Por que você não me disse nada?

— Queria me testar. E a você também.

Mas é claro.

Por um pouco, não rolei os olhos.

— Você sempre vê as coisas como um jogo?

Ele levantou a cabeça, o sorriso estampado como uma criança.

— Quando eu tenho a melhor jogadora sim.

— E vamos continuar jogando?

Seus olhos brilharam com intensidade.

— Mesmo sabendo que me apaixonarei por você sempre no fim de cada partida? — Sua voz ronronou em meu ouvido como uma calamidade.

— Seu *modus operandi* é bastante previsível, isso é fato.

— Você fala do meu quando passou meses supondo que me odiava, para no fim, se apaixonar por mim? — ele brincou, rindo consigo mesmo e meu coração trovejando.

— Não estou apaixonada por você.

— Claro que não. — Seus lábios rastejaram nos meus, o seu sabor que tanto sentia saudades trouxe calor para o meu ventre. — Você apenas me ama, Harper *Denson*.

Minha boca abriu em surpresa, sondando toda a felicidade estampada naquele rosto. Andrew estava feliz demais. Parecia uma verdadeira criança. Tinha quase a mesma energia que Star, e não saberia dizer se era bom ou mau.

— Você acabou de...?

— De te chamar pelo meu sobrenome. Você gostou? Acho que fica lindo.

— Não, não fica. — A faca rastejou até uma das minhas veias favoritas do pescoço. — Não irei casar com você.

Ele beijou meus lábios rapidamente, sem se importar com a minha indignação fingida.

— Você apenas será minha esposa, mãe dos meus filhos, a porra do meu mundo inteiro. É muito mais que um casamento. — Ele apertou o cordão levemente para me lembrar que ainda tinha a mão nele. — E eu continuarei sendo seu desde o momento que você quis sentar em mim para ter o lugar no ônibus.

Eu estava chorando.

Não sabia exatamente em que momento, mas as lágrimas estavam derramando sem intenção de parar.

Estava em uma rua que algumas pessoas passavam, outras olhavam pela janela, tendo meu coração tomado novamente por um homem que eu sentia o universo inteiro dentro de mim.

— Você está me condenando para o inferno — brinquei, rindo entre choro.

Andrew tornou a selar nossas bocas em um beijo rápido.

— Já falei que o inferno ao seu lado é melhor que qualquer paraíso. — A sua perna encaixou entre as minhas, uma vibração crescendo dentro de mim com excitação. — Tinha saudades de saber como seu coração batia rápido por minha causa. Sente o meu. Veja como ele é seu também.

Andrew puxou minha mão para espalmar em seu peito e pude facilmente escutar, sentir, quase tocar como ele sonorizava música para mim.

Eu estava feliz.

Estava genuinamente feliz.

Ele estava comigo de novo.

Andrew tinha voltado para mim.

— Eu ainda tenho.

Ele piscou.

— O quê?

— O anel. Você me fez querer ser sua. Você conseguiu. Seu jogo foi perfeito, Andrew.

Estava tão emotiva que mal conseguia falar. O seu cheiro, o seu calor, a sua presença... Era patético como sempre me afetava. Sempre me trazia algo novo.

Só ele conseguia.

Só Andrew Denson me destruía.

— Você sempre foi a perdedora.

Rolei os olhos.

— Ah, você me ama mesmo assim.

O brilho nos olhos de Andrew era uma acumulação de constelações.

Sim, ele me amava.

E não precisava dizer. Eu sabia. Eu sentia. Eu vivia.

Era o suficiente.

— Ainda não terminou. Pode acontecer muito mais. É um processo longo derrubar com uma empresa. Mas o pior já passou — murmurou. — E eu não aguento mais não saber que você não está no quarto ao lado, que você não está no mesmo ambiente que eu. Volta para casa, Harper. Volta para o meu coração. Ele precisa de você sempre.

Eu peguei seu rosto e o beijei intensamente.

Todo o meu universo estava lá.

Andrew era a minha gravidade, a minha luz, a minha estrela, o meu lugar para morar.

E eu já estava condenada a querer passar toda a eternidade com ele.

EPÍLOGO

“Você foi a primeira que eu digo que me fez sentir amor verdadeiro.”

Admissions, Ndby

DOIS ANOS DEPOIS

— Meu Deus, ele está tão grande! — Harper exclamou, pegando no bebê que estava adormecido. — Não acredito que já tem um ano.

— Pois é — Willa respondeu, acariciando as bochechas do seu filho. — Quer segurar, Drew?

Encarei Harper antes de olhar para a esposa do meu amigo. Ela sorriu para mim, levantando o bebê e eu agarrei, sem qualquer constatação. Ele se mexeu, como se quisesse acordar, e meus braços petrificaram, o enxergando mover como se fosse uma minhoca.

Reese, por alguma razão, gargalhou baixo e Willa estava sorrindo animada.

— Do que você está rindo? — indaguei, revezando entre a criança pesada em meus braços e Harper.

— Ele não morde — ela disse. — Pode ficar relaxado.

Revirei os olhos.

A gravidez de Willa tinha corrido muito bem e Barton era um pai babão há um ano e alguns meses. Já tínhamos visitado a criança algumas vezes, mas a cada visita, ele parecia maior. Nem sequer me lembrava o seu nome, mas tenho quase certeza que Mickey conseguiu convencê-los a colocar alguma referência sobre si. O seu orgulho deveria estar no topo.

— Eu sei que não. Já segurei vários bebês.

Ela tornou a rir e eu o devolvi a Willa.

Aproveitei a oportunidade que ela se virou de costas para deitar o seu filho no berço, e apertar a bunda de Reese. Seus olhos castanhos me encararam com veemência e eu podia ver meu reflexo neles.

— Sou assim tão engraçado?

— Está com o ego ferido? — proferiu debochando. — Só acho engraçado que você se treme inteirinho apenas por segurar um bebê.

— E você treme a cada momento que tento fazer um bebê com você, mas não fico rindo.

Mordi a sua orelha e Harper riu prazerosamente em meu ouvido, me causando arrepios.

— Que mentiroso — soprou. — Nós não estamos tentando fazer bebês. Já temos três — revelou, batendo no meu peito.

Eu sorri, beijando a ponta dos seus lábios.

— Venham que as bebidas já estão frescas! — exclamou Paige que apareceu no quarto. Willa assentiu, assim como eu e Harper que saímos do cômodo.

Estávamos na casa de Barton para ver uma das partidas do campeonato de rugby. Na sala, estava ele e Mickey com algumas garrafas de cerveja na mesinha. Eu peguei uma e ofereci a Harper que negou. Ambrose tomou a da minha mão e se sentou no colo do seu namorado que ficou assustado com a ousadia.

Para felicidade de Reese, eles finalmente tinham admitido que se gostavam e começaram a sair. Ainda era recente porque os dois enrolaram durante meses e estavam no início, mas era impossível não sentir a química de ambos.

— O jogo ainda não começou, porra — reclamei, sentando-me no sofá grande e puxando a minha garota para se sentar ao meu lado. Ela pousou sua perna na minha coxa e descansei minha mão entre elas.

— Já deveria ter começado — Mickey disse, dando uma golada rápida.

— Gênio, nem tinha notado — Harper ironizou e Paige irrompeu em uma risada. Pela cara de Wada, ele se sentiu traído.

— Você sabe como os jogos nunca começam na hora certa, Mickey — explicou Barton, abrindo a sua cerveja. — Não sei qual é a surpresa.

— Já há anos que quero fazer essa pergunta, mas por que te chamam de Mickey? — Reese questionou o que fez Barton encolher os lábios para não rir e Wada enrugar o rosto.

— Ele não vai te dizer, coração — disse a Harper que não se sentiu saciada com a resposta.

— Não vai mesmo — reforçou Barton.

— Mas acho estranho que ele tenha um apelido e vocês não.

— É que na academia de Fokley, apelidos normalmente são para pessoas que se tem intimidade ou têm uma extrema relevância na história do instituto — explicou Willa.

— Muito mais que chamar pelo nome? — Paige entrou na conversa, após receber uns resmungos de Wada.

— Sim, claro.

Harper estremeceu nos meus braços e eu apertei os dedos na sua coxa.

Ela angulou para dar uma vistória no meu rosto. Os seus olhos brilhavam, a intensidade deles era o meu combustível diário.

— Aurora, hã? — Harper murmurou e eu somente sorri.

Não precisava dizer nada.

— Por que a Axel não veio? — perguntou Willa, deixando morrer a conversa.

— Ainda está em lua de mel. — Reese suspirou. — Morro de inveja. Também queria estar viajando por aí.

Escutá-la fez meu peito apertar.

Eu estava tendo problemas para sair do país por causa da justiça. O processo contra a empresa não tinha terminado e as investigações continuavam. Mesmo que o meu pai já tenha sido julgado e pago uma indenização atroz, além de ter sido condenado à prisão por cinco anos, por ter meu nome em muita coisa que acontecia na *Denson Empire* e nunca ter levado a público, tinha que ser julgado também. Portanto, estava proibido de sair do país até então.

Reese poderia viajar se quisesse, mas ela queria se manter ao meu lado. Eu me sentia como se estivesse a encurralando, porém Harper me fazia crer que não era uma necessidade sua.

— Infelizmente, também não posso porque tenho que estar trabalhando a todo o momento. E esse cara aqui também — Paige reclamou, indicando para Mickey que balançou a cabeça em concordância.

— É a vida adulta — soprou.

Beijei o topo da sua cabeça, como se pedisse desculpas, mais uma vez, em silêncio. Reese tornou a erguer o queixo para me encarar.

— Você parece estar cansado — disse baixinho, enquanto os outros estão conversando sobre como precisam de férias e o que fariam.

— Estou um pouco sim.

A sua mão subiu para a lateral do meu rosto, acariciando tenuemente.

— Se você quiser ir embora, não faz mal.

— Você já não os vê há muito tempo — articulei. — Achei que quisesse ficar aqui.

Ela deu de ombros.

— Agora que me lembrei de como se conduz, posso vir mais vezes aqui — argumentou sorridente. — Para alguma coisa as suas aulas serviram.

— Bom saber que dessa vez você estava mais atenta.

— Estou sempre atenta a você.

Não costumava beijar Reese em público. Nem eu nem ela éramos muito adeptos da ideia, porém, naquele instante, desejei tomá-la. Ainda era um tanto aterrorizante como Harper me mudava e me deixava mais disponível a querer, tentar e melhorar.

A vibração do celular rompeu o nosso momento e eu tirei do bolso. A mensagem que apareceu me fez suspirar.

— Amor, está tudo bem? — ela perguntou suavemente e eu assenti. — Talvez realmente devêssemos ir para casa. Sei que você está cansado porque te arrastei por causa do almoço na casa dos meus avós.

A lembrança do dia veio como uma assombração. Tínhamos passado o dia fora porque sugeri a Reese a passarmos a manhã na casa dos seus avós. Não era a primeira vez que ia, mas sempre me deixava nervoso. Eu era um homem adulto, porra, e eu tinha receio do que poderia dizer e fazer na frente da família da minha garota.

Eu estava estampado nas notícias, era filho de um criminoso e era onze anos mais velho que Harper. Não me admirava que os seus avós me olhassem com desconfiança. Até eu me olharia.

— Estou bem, coração.

Mas, pelo seu rosto, ela não acreditou.

— Preciso fazer um turno amanhã cedo. Provavelmente não seja boa ideia ficarmos.

Harper ainda trabalhava no hospital de Merley. Ela poderia passar o dia inteiro com a bunda em casa. Apesar de todo o processo judicial, eu tinha dinheiro para duas gerações futuras. Não tinha empobrecido e não estava nem perto de acontecer. O que eu ajudei a expandir a *Denson Empire* fez o meu patrimônio ser o suficiente para aguentar qualquer merda que viesse à minha frente. E Reese sabia disso, mas ela preferia continuar com a sua rotina.

— Ei, já vai começar. Podem parar de namorar — Wada bradou, levantando a sua garrafa.

— Nós vamos embora — Harper decidiu, se levantando. — Estamos cansados. Foi um dia movimentado.

Barton olhou para mim e eu dei de ombros.

Era melhor para mim se ela queria ir embora. Me deixava animado para mostrar o motivo de eu ter recebido a mensagem.

— Certo. Falamos depois. — Paige deu um beijo na bochecha de Reese quando ela se inclinou para também plantar seus lábios na testa da amiga. — Vão com cuidado.

— Sempre.

Sáímos do prédio, depois de pegar os nossos capacetes e vestir os casacos.

— Sinto que vai chover — declarou Reese olhando para o céu escuro.

— Então, vamos logo. Ainda temos que atravessar a ponte.

Ela foi até à moto e sorriu para mim.

— Uma corrida?

Torci os lábios.

— Não é uma corrida se sou o único bom piloto.

— Estou há anos falando para você diminuir essa sua confiança — provocou. — Porque um dia você vai ter que engolir que sou melhor nesse jogo.

Ela montou a sua moto e eu a minha, colocando o meu capacete. Antes de arrancar, Harper já tinha partido.

Ri incrédulo como aquela garota era trapaceira.

Subi na garupa e dei a partida. Ela estava longe, mas minutos depois, já tinha encurtado as centenas de metros. Reese tinha se tornado muito boa em pilotar, depois de várias noites em que, religiosamente, eu a levava para alguma estrada abandonada da cidade e a ensinava.

No entanto, ela não estava no meu nível. E quando chegamos na ponte, ao se esquivar dos carros, consegui a ultrapassar e deixá-la para trás. Treze minutos depois, estava em frente à nossa casa e Harper não tinha chegado. Após cinco minutos, o som do motor da sua moto estrondou a rua.

— Como é sempre perder? — perguntei, assim que ela entrou na garagem, desligando o veículo e tirando seu capacete.

— Vai para a puta que pariu — praguejou ofegante, sacudindo seus cabelos. — Tinha vários caminhões pelo caminho.

— Eu consegui me esquivar.

Seu rosto contorceu.

— Que bom. Quer um prêmio?

Gargalhei alto pela sua ironia exposta, reduzindo a distância.

— Da próxima vez, você tenta ganhar, coração.

Aproximei-me dela e beijei-a com carinho.

Porra, era mais do que bom. Eu ainda me mantinha completamente viciado no seu sabor, no gemido baixo quando eu explorava sua boca e em como ela parecia derreter nos meus braços quando a minha mão, estrategicamente, apertava seu pescoço e a outra vagava pela sua bunda.

— Você está me beijando enquanto estou puta por ter perdido? — ela indagou, rastejando seus dedos pela minha nuca, após nos separarmos.

— Estou pegando meu prêmio.

Ela sorriu satisfeita, me dando um selinho suave. Dei leves tapas na sua bunda antes dela se desenlaçar do meu pescoço e pegar na minha mão para entrarmos em casa.

Morávamos em uma vivenda em Merley. Era o lugar mais restrito da cidade. Harper disse que estava cansada de apartamentos, portanto queria uma *casinha*. Aconteceu que no dia do seu aniversário de vinte e cinco anos, pouco tempo depois de estarmos juntos, ofereci uma vivenda de luxo.

Reese falou que eu tinha exagerado e era uma casa muito grande para duas pessoas, porém eu sabia que ela tinha ficado mais do que satisfeita, principalmente por saber que teria um closet somente para as suas roupas.

— Será que os nossos filhinhos sentiram saudades? Porque eu sim — ela disse, empurrando a porta.

Logo de imediato, uma criatura chegou timidamente. Harper agachou, sorrindo feliz e pegou Lua com carinho.

Ela afagou o pelo preto da nossa gata que me olhava com os seus olhos assustadores. Gostava de Lua, mas ela era sombria, principalmente quando estava de noite.

— Oi, minha vida. O papai e a mamãe chegaram. Onde estão os seus irmãos?

Se fosse qualquer outra pessoa falando daquele jeito para uma gata, eu teria olhado torto, mas era Harper. Porra, ela era a exceção da minha vida. Amava tudo que ela fazia, falava ou sequer pensava.

E havia momentos que eu jurava que a gata falava com Reese, pois pareciam se comunicar de uma maneira estranha e que eu não queria participar.

— Amor, não temos nada importante para fazer amanhã depois do meu turno, né? — ela perguntou, andando calmamente com Lua no colo, enquanto a acariciava.

Atravessamos o corredor enorme com plantas compridas em vaso por toda a sua extensão. Compramos alguns quadros também que, por pura coincidência, eram do mesmo cara que queria brigar comigo. Mas Harper quis tanto que eu fui quase obrigado a comprar a loja inteira daquele fedelho.

Seguimos para a cozinha onde o nosso quadro estava pregado na parede com as tarefas diárias e a nossa organização.

— Bom, você tem aquela aula de artes marciais, lembra?

— Ah, eu não vou — declarou, se sentando na ilha.

Era muito maior que a do apartamento que morávamos juntos, mas tinha uma estética parecida por ter contratado quem pintasse.

— Por quê? — perguntei, pegando no regador, após verificar o horário e ver que deveria ter regado as plantas da cozinha há duas horas.

— Não estou com muita vontade — declarou.

— Hum... E a sessão de terapia?

— Marquei para daqui a dois dias.

— O que você vai fazer amanhã depois do trabalho?

Queria arrancar a verdade dela, mas um estrondo fez a nossa conversa cortar.

Lua se assustou e pulou do colo de Reese, enquanto ela olhou para cima.

— O que foi isso? Veio do sótão?

Pousei o regador, lavando as mãos rapidamente.

Já tinha me esquecido do motivo pelo qual eu insisti para irmos pra casa dos seus avós almoçar e passar a noite na casa de Barton.

— Sim — respondi.

— Será que foi a Andrômeda? Ela costuma quebrar as coisas — articulou.

— Deve ter sido. — Contornei a mesa e peguei na sua mão. — Espero que ela não tenha arruinado a minha surpresa.

A sua testa enrugou.

— Surpresa? Que surpresa?

Não respondi, levando-a comigo para subirmos as escadas. A sua relutância era clara e a curiosidade falava mais alto.

— Não vai ser um pedido de casamento, vai? — perguntou de imediato.

— Não, coração. Sem casamentos até tudo estar resolvido, lembra? Aí você terá o meu sobrenome limpo.

— Sim, eu sei. Mas você poderia ter mudado de ideia.

Parei no meio da escadaria, me virando para Reese para observar sua expressão.

— Você quer?

Suas pupilas dilataram e vi um sentimento bailando nelas, mas não soube identificar.

— Eu poderia querer, mas não. Estou extremamente satisfeita como a nossa relação está.

Semicerrei o olhar na sua direção um tanto desconfiado. Nós não tínhamos falado muito sobre isso.

— Sério? É que... — Hesitei. — Você já vai fazer vinte e sete e eu trinta e oito, então...

— Amor — ela interrompeu, subindo as escadas —, você fez a porra de uma tatuagem na sua mão com a constelação do dia do meu nascimento. Você acha mesmo que um casamento vai me dizer o que eu já não sei?

Ela sorriu para mim radiante. Nem parecia a pessoa que quase me matou depois de eu chegar em casa e dizer que fiz uma tatuagem na mão de como o céu estava em Fokley quando ela nasceu. Mas Harper provavelmente não tinha dimensão de que tatuaria muito mais para provar o quanto eu era um filho da puta obcecado por ela.

Eu estava vivendo com ela e para ela. Apenas por isso. Poderia ser doentio, problemático, bastante emocionado, mas era o que eu sentia por essa mulher. E era algo que não iria morrer, mesmo quando eu estivesse enterrado debaixo da terra.

O barulho do sótão tirou-nos do transe.

— Eu acho que a Andrômeda está arruinando a sua surpresa.

Inspirei fundo.

— Anda, vamos.

Tornei a pegar na sua mão e subimos os últimos degraus.

— Se eu falar que estou um pouco nervosa?

Semicerrei os olhos.

— Por quê?

— Você sabe como eu sou com surpresas.

— Mas essa você vai gostar — declarei, chegando no piso e me colocando por trás dela para tapar a sua visão. — Se não estiver do seu agrado, eu mato os funcionários que contratei e fodo você para compensar. Pode ser?

Ela riu baixinho, afirmando com a cabeça.

Porra. Agora eu queria que estivesse um caos.

Empurrei a porta e guiei-a para dentro. Dei uma verificada rápida para ter certeza que estava tudo bem e, ao que parecia, não teria problemas. A gata estava somente chutando uns pequenos aparelhos que foram deixados de lado.

— Pronta? — perguntei.

— Me deixa olhar logo.

Tirei as mãos e saí detrás dela para poder ver o seu rosto.

Harper demorou a reagir e, em câmera lenta, vi seus olhos arregalarem em surpresa a cada segundo que passava e ela interiorizava o que estava diante de si. As luzes azuladas do espaço bailavam pela sua face e deixavam-na mais emocionada.

Reese esfregou o rosto delicadamente, tapando a boca com a mão ainda em completo estado de choque.

— Meu Deus, Andrew... Como é que...?

— Eu tentei saber se era possível comprar um planetário, mas, ao que parece, dá um trabalho do cacete e eu não estou no melhor momento para negociar um patrimônio público. Portanto, falei com a Vanessa e ela disse que conhecia algumas pessoas que poderiam me ajudar — comecei por dizer, indicando para ela me seguir para o lado esquerdo do espaço. Tinha os comandos necessários para fazer tudo funcionar. — Tive algumas reuniões e explicaram-me o que poderiam fazer em um dia. O sótão não tem um teto côncavo, mas eles disseram que se ligarmos um certo botão aqui, o projetor ilumina somente a parte necessária.

Reese não estava falando muito. Apenas me observava mexer no computador e seguir as instruções que tinham deixado em um livro.

— Você pode também ver o céu de vários países em tempo real, inclusive na Noruega — continuei. — Exatamente como está agora.

Fiz o que estava nas folhas e o projetor começou a funcionar, expandindo o seu reflexo para os lugares exatos. De repente, o espaço era um céu coberto por auroras boreais. Parecia que até o chão era uma ponta do céu e nós estávamos flutuando. Porra, aquela merda era boa. Tinha feito valer a pena o meu dinheiro.

E quando tornei a encarar Reese, ela estava chorando.

Seus soluços eram audíveis e poderia ver os seus olhos avermelhados, completamente encharcados por lágrimas.

— Por quê? — ela perguntou quase inaudível. Aproximei-me, tirando as suas mãos do rosto e limpando cada lágrima com o polegar.

— Porque gosto de te fazer feliz.

E o curso das suas lágrimas aumentaram, molhando os meus dedos com a sua felicidade.

Ela chorava bastante.

Chorou quando ofereci a casa.

Chorou quando ofereci Lua para ela.

Chorou quando adotamos os outros dois gatos.

Chorou quando eu mostrei a tatuagem.

E estava chorando por causa do planetário.

Ela tinha se tornado vulnerável para mim por confiar que eu a protegeria. Que eu cuidaria dela. Que eu enxugaria as suas lágrimas sempre que precisasse.

E, Deus, Harper poderia me dar a sua vida que eu morreria para que ela ficasse bem.

Porque sempre tinha sido ela. E eu não acreditava em nada além de que Harper Mahesh Reese tinha sido feita para mim.

— Você me faz muito feliz. Você me faz sentir amada — declarou, repousando a sua mão por cima da minha que estava na lateral do seu rosto. — Você é o meu significado de amor, Andrew. Você sempre foi.

Se eu alguma vez soube o que era felicidade, estava completamente errado.

Felicidade residia no que Reese tinha acabado de dizer. E, porra, eu nunca tinha me sentido tão bem e tão duro.

Com urgência, puxei-a contra mim e beijei como se eu dissesse as mesmas palavras. Mas eu sentia muito mais. Talvez coisas que ela nunca fosse sentir por mim. Coisas que seriam impossíveis de atribuir um significado. Muitas vezes foi assustador por não me reconhecer, mas era o que, a cada dia, me dava vida.

Afundi meus dedos na sua nuca e me inclinei para que ela não precisasse ficar tanto na ponta dos pés. Seus lábios eram doces e brutos, chocando contra os meus com o mesmo desejo insaciável.

Não me cansava de beijá-la. Não me cansava dos seus gemidos, do seu sabor, dos seus olhos revirando quando estava prestes a gozar no meu rosto ou no meu pau.

O pensamento me fez ficar com mais fome e a fricção do seu estômago contra o meu volume foi crucial para separar as nossas bocas e eu falar:

— Acho que você reparou na cama que eu pedi para colocarem aqui — rumorejei. — Você sabe o quanto eu queria te foder em solo norueguês.

Reese deu um beijo leve com uma curva linda em seus lábios.

— O que está esperando para me levar até lá?

Sorri que nem um filho da mãe que teria a sua primeira vez e coloquei-a no meu colo, caminhando até à cama alta e grande que exige que colocassem em um dos melhores lugares do espaço.

Seu corpo afundou assim que se encontrou com o colchão e me puxou para mais um beijo violento. Suas pernas enlaçaram nos meus quadris e eu me encontrei com a sua entrada ainda tapada pela calça.

Eu chupava sua língua, mordendo seus lábios e saboreando a boca mais safada enquanto levava alguns dedos para a diversão que seria o trajeto molhado da sua calcinha. Reese estremecia debaixo de mim como se eu já a estivesse fodendo, mas ela mal sabia que eu ainda estava começando.

— Vamos conversar, coração — pronunciei no momento que arranquei suas calças juntamente com a calcinha, deixando-a exposta e deliciosa para mim. — Como você quer que eu trate hoje essa sua boceta gostosa? — Levei o polegar até o seu clitóris, esfregando levemente. Harper soltou um gemido alto, desejando fechar as pernas, mas eu impedia pela posição dos meus joelhos. — Quer que eu a faça gozar com os meus dedos?

— Mais um dedo entrou na brincadeira e senti as suas paredes engolirem-no. — Quer que eu a faça gozar na minha cara? — Reese choramingou quando minha mão começou a trabalhar em vaivéns violentos, mas, ainda assim, preguiçosos e torturantes. — Ou quer que eu meta nela até seu gozo molhar meu pau?

Ela não conseguia falar, levando suas mãos para os seus seios e acariciando-os com veemência mesmo que estivessem tapados por um dos seus tops de renda. Seu corpo queria ir e vir com os meus dedos, a sua umidade já encharcando minha mão.

Eu estava querendo estrangular sua boceta com o meu pau e fazer nós dois delirarmos, mas a pressa era inimiga da perfeição e precisava inaugurar o local com o melhor.

— Você já foi mais rápida nas respostas. — Enfiei um terceiro dedo que saiu em uma velocidade razoável para fazê-la arquear as costas, puxar os lençóis e abrir a boca em uma forma oval perfeita. — Temos que voltar aos métodos antigos?

Um sorriso sacana cobriu seus lábios e, em um sussurro, Harper articulou:

— Tente, Denson.

Senti minhas bolas apertarem e uma ardência manifestou pela minha espinha, capotando em regiões do meu corpo. O efeito de Reese em mim era cada vez mais potente, e eu não cansava.

Ela era gostosa pra caralho. A visão mais perfeita e deliciosa, porra.

— Não sei se você vai continuar sorrindo quando eu estiver fazendo você gritar — provoquei, inclinando para pegar a caixa do chão.

Harper me encarou com desconfiança, mas assim que tirei os três objetos, ela ofegou.

— Não me lembro de nenhuma vez que tenhamos usado isso tudo? — ela perguntou, enquanto eu tirava as minhas roupas.

Reese se apoiou pelos cotovelos, examinando-me com uma certa ganância em cada uma das suas íris, os pulmões absorvendo cada vez mais ar.

— Quero roubar mais primeiras de vezes.

Tirei o seu top assim que fiquei nu e Harper tornou a deitar. Gostava como ela ficava nua e no seu pescoço reluzia o cordão. Gostava como as tatuagens estavam todas em evidência e como ela tinha adicionado mais algumas em lugares que apenas eu poderia ver.

Beijei a curva do seu pescoço, me viciando, mais uma vez, em seu cheiro e nos sutis gemidos que vazavam da sua boca. A minha mão trilhou para o seu seio esquerdo e massageou-o, sentindo-o excitado. Ela estava hipersensível e poderia notar a cada atrito entre as nossas virilhas, Reese chamava por Deus. Principalmente quando tornou a atar suas pernas na minha cintura e fez com que eu friccionasse meu pau na sua entrada.

Um calafrio arranhou minha espinha e eu não me dei conta quando estava de volta para a sua boca, arrastando meu membro pelas suas paredes apertadas. Minha respiração se quebrou e parecia engolir o ar de Harper. Suas unhas estavam cravando minhas costas e, eu já não imaginava, quantas feridas tinha feito por causa da sua força. Mas, porra, eu amava. Gostava de saber que eu lhe dava prazer e ela enlouquecia por minha causa.

Quando decidi me afastar para começar a tratar dela, Reese protestou.

— Coloque os punhos na cabeceira da cama.

Harper não demorou. Ela já sabia a dinâmica e era uma boa garota obediente. Ninguém poderia imaginar como a minha garota conseguia ser uma cadela submissa e como ela gostava pra cacete de se sentir dominada.

Peguei na corrente e fiz funcionar nos seus punhos, prendendo-os de forma que não se soltassem nem que a machucassem.

— Vou ser bem leve com você agora, mas irei ser mais intenso a cada gemido com meu nome — decretei, pegando no vibrador e a vendo reclinar a cabeça para trás em um suspiro pesado. — Estamos entendidos?

— E o lubrificante fica para quando?

Sua pergunta me fez sorrir.

— Você vai saber.

Liguei o aparelho e pousei no seu clitóris, já ligado.

Harper choramingou, suas costas se curvando e as pernas balançando com os tremores. Penetrei o meu dedo do meio em sua entrada e mais um gemido foi arrancado da sua boca carnuda.

— Deus, Andrew.

Uma vez.

Instantaneamente o ar aqueceu e eu me vi refém do seu calor.

Mantive os movimentos circulares do dedo no seu íntimo, enquanto ela projetava seus quadris e, com o vibrador ainda trabalhando em seu ponto inchado, levei mais dois dedos para o ritmo descompassado adotado.

— Porra! — Reese gritou, contorcendo.

Ela estava tão molhada e me instigou continuando indo para dentro e para fora, ainda em um ritmo preguiçoso para que a pudesse torturar. Conseguia escutar como seu corpo estava reagindo, como o som da sua boceta engolia minha mão e do aparelho conjugando com os seus gemidos.

— Me fale como você está se sentindo — exigi, aplicando movimentos um tanto mais agressivos nas suas paredes, recebendo mais umidade e balanços imprudentes dos seus quadris. — Quero saber o que estou fazendo com você.

Harper abriu os olhos para me encarar, dando uma conferida antes no meu pau. Ele estava mais duro, desejando entrar dentro dela e ir com brutalidade. Não estava deitado, portanto não podia me masturbar na porra do colchão. Precisava ser paciente e, pelo seu olhar, Reese percebeu a minha angústia.

— Você está me quebrando. Me fodendo com a sua mão e me deixando molhada apenas para você — disse em um choro silencioso.

Continuei penetrando-a com meus dedos grossos, mas dessa vez aumentei a velocidade, bebendo do som que era cada centímetro da sua bagunça se perdendo em prazer para mim.

— E você gosta? — perguntei, observando o seu fôlego desajeitado e as mordidas de lábio.

Seus mamilos estavam muito excitados, os seios sacudindo pela força do seu corpo contra a cama, e eu teria os abocanhado se não fosse pela posição exigida.

— Gostaria mais se você me desse seu pau. — Levei um quarto dedo e ela guinchou, dizendo um palavrão agressivo. Aumentei um pouco a vibração e vi sua consciência se perder quando ela grita: — Por favor, Andrew! Me fode.

Ri silenciosamente, tirando os dedos.

Duas vezes.

— Você sabe que há um bom tempo que estou fazendo amor com você.

Ela abriu os olhos com intensidade e me deu gás para meter nela com força logo na primeira estocada.

As investidas foram velozes, acompanhando ainda o vibrador em seu clitóris e como Harper estava gritando enquanto eu a levava comigo. Não parei de sair e entrar, suas paredes cada vez mais apertadas e abraçando meu pau como se quisesse-o tomar inteiro.

Minhas bolas batiam na sua bunda, estocando fundo, enviando sinais elétricos pela minha coluna. O seu cheiro e o meu abafavam a atmosfera, levando a que o suor cobrisse nossos corpos, especialmente na testa.

Eu poderia facilmente gozar somente com as bombadas rápidas, mas ainda queria experimentar com ela o que tinha planejado, portanto aumentei um pouco mais a configuração do vibrador e recebo um rosnado por parte da minha garota.

— Puta que pariu! — ela praguejou, fazendo meu membro tremer dentro da sua entrada. — Você quer que eu diga o seu nome?

— Você sabe que sim — grunhi, movendo mais rápido depois de arranjar uma melhor posição para levar todo meu pau nela. — Quero que grite meu nome para que todos saibam que você é só minha. Sempre foi e sempre será. — Seus olhos estavam revirando, o som da corrente batendo na cabeceira e do colchão gemendo conosco era puro paraíso. — Me deixe encher você, linda. Quero tomar cada centímetro do seu corpo e marcar você.

— Me faça sua, Andrew.

Terceira vez.

— Boa garota — rumorejei, dando um tapa bruto na sua boceta excitada antes de pegar o lubrificante.

Apliquei no meio da sua bunda. Não queria ser violento quando sabia que poderia machucá-la, portanto fui com os dedos, experimentando como ela reagia.

— Você pode enfiar seu pau, porra — exigiu, abrindo mais as pernas. Seus olhos expeliam fogo e eu me vi queimando neles. — Se doer, eu falo.

— Você já queria fazer isso comigo, não é? — perguntei, sorrindo divertido. Aproveitei a conversa para guiar meu pau para a sua bunda. — Eu te conheço, Harper. Sei o quanto você consegue ser adorável, teimosa, mas, principalmente — bombeeí apenas com a cabeça, mas recebi um choramingo gostoso. Gemi junto, por não esperar que fosse tão apertado. Era delicioso —, uma safada do caralho.

Voltei a colocar alguns dedos na sua boceta e deixei o vibrador na potência baixa para não causar danos. Precisava manejar a minha coordenação, embora, em certos momentos, me perdesse e já não soubesse exatamente o que estava fazendo.

Ela pulsou, balançando e gritando. Reese estava aguentando, apesar de ser evidente que o corpo reagia para me expulsar. Mas eu continuei indo e vindo com delicadeza, recebendo olhares lacrimejados.

Chegou a um momento que precisei fechar as pálpebras, tombando a cabeça e movendo o quadril, reduzindo os intervalos das estocadas e pesando mais na velocidade.

— Caralho! — Pude ouvir Reese xingar. — Não para!

E não parei.

Queria que ela me sentisse para sempre. Queria que qualquer um que a olhasse, soubesse que ela já tinha alguém que a fazia alucinar. E a cada momento que os meus dedos praticavam os vaivéns na sua entrada, enquanto ainda ocupava minha mão com o outro aparelho e eu pegava na sua perna para me ajudar na entrada e saída em sua bunda, eu sabia que era mais que óbvio que *Aurora* sempre tinha sido minha.

— Me sinto cheia de você, amor — ela murmurou.

Fui mais rápido, duro e forte quando alguns minutos passaram e seus pedidos aumentaram. Ela xingava e choramingava. Em certos momentos, precisei abrir os olhos para enxergar como Harper era uma deusa na minha cama e como sua consciência estava longe, sendo devorada pela minha penetração intensa.

Larguei o vibrador e enlacei minha mão no seu pescoço, indo com maior velocidade, mas o suficiente para manter a nossa dinâmica como a melhor das químicas.

— Quero que peça para gozar — exige.

Estava me tentando para ainda não ter gozado porque eu me sentia devidamente cheio e pronto para derramar na sua bunda. Estava em algum tipo de céu que só Harper existia para me governar.

Seus sons preenchiam meus ouvidos e a respiração acelerada era combustível para os meus batimentos cardíacos.

— Me faça gozar, Andrew.

Quarta vez.

E não me contive em aumentar a velocidade segundos o suficiente para que seu corpo estremecesse.

Reese gozou para mim, seu líquido molhando meus dedos que ainda se mantiveram no seu interior. Eu fui com tudo em sua bunda e, quando uma onda de calor rompeu minhas veias, eu gozei forte dentro dela. Harper gemeu comigo, pingando mais para a minha mão úmida.

Deixei até a última gota nas suas paredes, enchendo-a como já fazia há um ano e meio. Assim que abri os olhos, vi seu corpo transpirado, uma poça nas mantas e a porra dos seus orbes ardendo com um sorriso satisfeito em seu rosto.

— Parece que alguém gostou — falei ainda afetado, tirando meu pau de dentro dela.

— Odiei — ela brincou, quando me inclinei para tirar as correntes do seu pulso.

Antes que pudesse me afastar, Reese me puxou para me beijar. Não tinha notado como fiquei afastado da sua boca durante toda a foda.

Seu sabor, seu aroma, sua presença. Eu era completamente dependente de tudo.

Beijamo-nos mesmo que estivéssemos sujos pra cacete, enrolados no corpo um do outro, aproveitando como éramos felizes pra caralho.

Como nós nos amávamos pra cacete.

— Vou te sentir durante a semana inteira — ela rumorejou entre meus lábios.

— Era para eu ficar preocupado? Porque ouvir isso de você é o melhor elogio.

Harper riu e mordeu meu lábio inferior.

Um miar fez com que tivéssemos que separar nossas bocas.

— Meu Deus, Andrômeda! Não toque no vibrador! — Reese exclamou, tirando a gata e colocando-a no seu colo. — Não é para brincar com isso.

A gata miou em resposta, o que me fazia pensar que os animais daquela casa conseguiam entender o que Harper falava. Era algo que não conseguia entender.

— Nunca vou entender em que momento da minha vida eu comecei a conviver com três gatos — mencionei, acariciando o pelo de Andrômeda que ficou quieta e miava em satisfação. — E como vou dar conta de um quarto filho.

Levantei o olhar para Reese que tinha seus olhos abertos em admiração. Demorou para que ela conseguisse formular algo e falasse:

— Como...?

Sorri de lado, virando meu peito para a sua direção e agora acariciando a sua nuca.

— Eu te conheço, Harper. Já tinha notado na semana passada. Pensei que você fosse me dizer algo...

— Eu iria — ela falou entre gaguejos. — Estava esperando o seu aniversário chegar...

Reese começou a chorar e eu beijei seus lábios com delicadeza. Andrômeda apenas nos observava calma, um tanto apreensiva por ver os seus donos trocando carícias genuínas.

— Você será a melhor mãe do mundo — sussurrei. — E eu serei o pai mais feliz do universo.

Embora pudesse não transparecer, eu estava tremendo das pontas dos pés até o cerne da nuca. Ser pai nunca foi um objetivo. Nunca pensei que, algum dia, eu fosse construir uma família. Mas eu queria todas essas coisas com Reese. Eu me sentia confiante para ser um bom pai e o parceiro que ela queria que eu fosse.

Sua mão vagou pela minha face, recebendo cócegas da minha barba. E eu vi seus lábios se moverem e proferirem silenciosamente: — *Eu. Te. Amo.*

Não precisei responder de volta para ela saber que eu sentia muito mais que amor por ela. Era tão infinito, quanto assustador, quanto imenso.

E eu beijei-a mais um pouco para que Harper soubesse que eu estava grato demais por saber que eu nunca estive sozinho nessa ganância por nós dois.

Mais uma vez, um estrondo fez com que olhássemos à nossa volta e víssemos dois gatos brincando com os objetos na cama.

— Sol, Lua! — Reese se sentou para pegar os dois animais. — Vocês têm os seus próprios brinquedos!

Ela pousou Sol no meu peito e eu suspirei.

Me dava muito melhor com esse gato por ser o mais sossegado. Ficava sempre no seu canto, sem incomodar. O seu pelo era branco e era rechonchudo. Odiava o quanto o achava fofo.

— Posso chamar a Vanessa e a Star para o nosso planetário? — ela perguntou, enquanto ria para Lua que estava tentando pegar seu dedo. — Ah, e também a Paige e a Axel?

— É tudo seu. Convide quem quiser desde que não durma nessa cama.

Ela beijou minha bochecha em um estalo de lábios.

Ver seu sorriso era mais do que o suficiente para saber que estava dando tudo certo. E daria até eu morrer.

Harper Reese era o meu universo.

Era com base nisso que eu viveria. E seria com ela que eu morreria.

AGRADECIMENTOS

Se me perguntarem se entre Loved e M.O qual foi o livro mais difícil de escrever, não vou conseguir manter a mesma resposta. Apesar de ter sido um livro menos pesado, eu me desafiei a escrever em menos de um ano. Mais precisamente 6 meses. Parece muito, mas para mim foi tão pouco a ponto de eu ter crises de ansiedade, chorar porque estava achando tudo péssimo. Mas terminei e estou mais que satisfeita com o resultado.

Eu devo agradecer, acima de tudo, às minhas leitoras. Não sou capaz de dizer todos os nomes porque vai ficar muito grande, mas me lembro de cada uma. Cada pessoa que fala comigo no Instagram, cada uma que surta comigo, todas as meninas da Central, a ADM da Loved Quotes, as pessoinhas extraordinárias, maravilhosas, as maiores do mundo da Máfia Lason (NDLS) e do grupo do WhatsApp, eu amo muito muito vocês. Obrigada por TUDO. Vocês são muito importantes para mim. Nunca pensei que pudesse encontrar uma família em pessoas tão diferentes. Mais uma vez, obrigada por tudo! Amo vocês também!

Obviamente que precisava de um parágrafo especial para as minhas queridas betas. Yasmin, Alice, Isa e Bea, muito, muito obrigada por vocês me terem acompanhado até ao fim. Vocês fizeram essa experiência ser incrível. Andrew e Harper agradecem demais por terem melhorado a história deles. Devo muito a vocês. Não conseguiria escrever esse livro, principalmente em tão pouco tempo, sem vocês. Obrigada por ouvirem os meus desabaços sobre o livro, sobre os meus pais, sobre os meus desânimos acerca dos livros que eu estava a ler. Vocês apoiaram-me muito e eu amo muito vocês por isso. Sou mais do que grata. Espero que eu vos tenha por muito mais tempo. Merecem tudo de bom no mundo. Luiza e Emily, também agradeço demais pelo suporte.

Agradeço também à Bruna Eloísa. Amiga, te amo DEMAIS! A melhor contabilista, financeira, minha secretária de milhões. Obrigada por me ajudar a pagar as minhas contas, por me dar tanto apoio durante esses últimos meses. Já éramos amigas há um ano, mas esses meses foram

fundamentais para construir algo maior. Sou muito grata pela tua amizade e por acompanhar uma escritora incrível com tanto talento.

Às Fifis também vai um grande agradecimento por sempre alegrarem meus dias. Merecem todo o sucesso do mundo. Luciana, a escritora maravilhosa que esteve ao meu lado. Gosto muito de ti, amiga!

Queria agradecer às pessoas que estiveram por trás da construção de vários personagens, como a Ana Ferreira, Ariel, Nana e a Gabs. Muio obrigada Evy também pelos dias caóticos para revisar o livro. Você é demais! Também agradeço à Laís, Nico, Mikele, Talia, Carly, Anna, Tai, Bruna, Julia Abreu e Luiza que me deram muito apoio no lançamento de Loved que me incentivou demais a continuar a escrever!

Para finalizar, deixando um espaço especial, obviamente, para as minhas amigas Vanessa, Vanessa Q., Angela, Catarina, Francisca e Diana por me constrangerem por eu escrever putaria e, mesmo assim, serem amigas que me arrancam risadas e me dão vida.

Obrigada a ti também que leu até aqui. Vemo-nos em Loved 2.